NORA SAKAVIC

Galera



O CORVO DOURADO

TUDO PELO JOGO

VOL. 5

NORA SAKAVIC

O CORVO DOURADO

TUDO PELO JOGO

VOL. 5

Tradução
Carolina Cândido

1ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO

2026

PREPARAÇÃO
Leandro Tavares

REVISÃO
Anna Beatriz Seilhe
Rodrigo Dutra

CAPA
Juliana Misumi

TÍTULO ORIGINAL
The Golden Raven

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S152c

Sakavic, Nora
O corvo dourado [recurso eletrônico] / Nora Sakavic; tradução Carolina Cândido. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2026.
recurso digital (Tudo pelo jogo; 5)

Tradução de: The golden raven
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-800-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Cândido, Carolina. II. Título. III. Série.

26-106673.0

CDU: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves – Bibliotecária – CRB-7/4782

Copyright © The Sunshine Court, by Nora Sakavic, 2025
A publicação deste livro foi feita mediante negociação com a MEOW LITERARY AGENCY.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921–380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-800-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

A toca das raposas

O rei corvo

Os homens do rei

A quadra Raio de Sol

O corvo dourado



SUMÁRIO

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Agradecimentos



CAPÍTULO UM

Jean

O treino da manhã de sexta começou com uma breve reunião de equipe. Conforme cada Troiano chegava, um dos treinadores já estava à espera para encaminhá-los às salas de reunião. “Qualquer uma que ainda tenha lugar” fora a única instrução que passaram, mas, por força do hábito, os jogadores acabaram se separando entre ataque e defesa.

Não foi surpresa alguma que a atacante Ananya Deshmukh ignorasse o status quo para se sentar com Cody Winter e o noivo, Patrick Toppings, que jogavam na defesa. Um movimento na porta a fez erguer o olhar para ver quem chegava, e ela ficou boquiaberta quando se deparou com o rosto destruído de Jean Moreau.

— Meu Deus do céu — disse ela, a voz alta demais, e todos os olhares se voltaram a ele.

Catalina Alvarez encostou de leve o ombro no braço dele, mas Jean não se importou de ser observado. Ele passara a maior parte da carreira nos Corvos cheio de hematomas e ensanguentado. Os ex-companheiros eram ligeiros para caçoar dele e mais ainda para se aproveitar de seu estado debilitado em quadra, mas sabiam que era melhor não fazer perguntas. A maioria presumia que os ferimentos eram oriundos do desagrado do mestre, sobretudo porque a seleção dos sonhos era chamada todos os dias para sessões particulares. Se eles de fato acreditavam naquilo ou só se recusavam a analisar criticamente o tão amado capitão, Jean jamais saberia.

— A gente te deixou sozinho por doze horas — comentou Pat. — Você foi atropelado por um carro, ou o quê?

Perguntas babacas mereciam respostas babacas, então Jean falou:

— Fui.

— A gente vai conversar sobre isso, com certeza — disse Jeremy Knox. Ele tinha entrado na sala antes de Jean, mas virou metade do corpo para trás, estudando a expressão distante de Jean. Não disse mais nada, porém Jean viu a pergunta estampada naquele olhar atento.

Jean não perdeu tempo respondendo; apenas deu um passo até ele e lançou um último olhar pela sala. Lucas Johnson e os amigos ainda não tinham aparecido, mas, pelo que Jean conseguia ver, o restante da linha defensiva já estava ali.

A sala estava organizada em cinco fileiras de cinco cadeiras cada, com uma mesa na frente para o treinador Jimenez usar quando precisasse. William Foster e Jesus Rivera, alunos do segundo ano, ocupavam a primeira fila junto dos calouros empolgados demais, todos virados para encarar Jean sem o menor pudor. O grupo de Cody tinha tomado a segunda fila, e Shawn Anderson, o veterano do quinto ano, estava na quarta com Shane Reed. Nenhum dos dois tinha dito nada até então, mas os olhares eram firmes e intensos. Os ferimentos de Jean só beneficiavam um deles, o sujeito de quem ele pretendia roubar a vaga no time, então Jean não perdeu tempo retribuindo aqueles olhares avaliadores.

Jeremy conduziu Jean e Cat pela terceira fileira até se sentar atrás de Ananya. Cat fez um cafuné rápido na cabeça raspada de Cody quando se sentou atrás delu, mas Cody estava concentrade demais em Jean para cumprimentá-la. Os três tinham acabado de se acomodar quando Laila Dermott entrou na sala. Ela tinha ido até os armários sozinha para guardar o almoço e, ao se aproximar, se sentou na cadeira ao lado de Cat, avisando:

— O Lucas tá aqui.

Uma fração de segundo depois, Lucas entrou pela porta, e o clima na sala inteira mudou.

Shane se levantou na hora, exclamando alarmado:

— Meu Deus, Lucas!

As horas desde a visita de Grayson também não tinham sido gentis com nenhum dos dois: a pele avermelhada e as sombras discretas tinham se transformado em hematomas multicoloridos que cobriam boa parte do rosto deles. Os olhos de Lucas estavam roxos, cortesia do nariz quebrado, e Jean tinha arranhões longos descendo pela face, marcas de unhas cruéis. Lucas não se dera ao trabalho de esconder nada, e Jean só tinha trocado a gaze por cima das marcas de dente no pescoço e no pulso naquela manhã.

— Isso precisa parar — disse Shane conforme olhava de um para o outro. — Vocês são companheiros de equipe, pelo amor de Deus.

— Shane... — começou Jeremy, mas Lucas foi mais rápido:

— Não fomos nós — retrucou Lucas e guiou Travis Jordan e Haoyu Liu até a quarta fileira. Como Shane e Shawn tinham chegado primeiro, sobrou para Lucas o lugar vazio atrás de Jean, que não estava com disposição para se virar e encará-lo, então cruzou os braços e fixou o olhar na frente da sala. Lucas parou atrás dele, mas só se sentou depois de se corrigir, num tom mais baixo: — Não foi ele. Fui eu.

— E o que isso quer dizer? — exigiu Shane. — Jeremy? Jean?

Jeremy ainda estava virado o bastante para ver a porta, então só avisou:

— Treinador.

Eduardo Jimenez entrou na sala com Jackie Lisinski em seu encalço. Como nem James Rhemann nem Michael White deram as caras, Jean deduziu que os dois estavam cuidando da outra sala. O rosto de Lisinski estava tomado pela raiva, mas a expressão de Jimenez era mais difícil de ler. O treinador da linha defensiva fez uma contagem rápida de cabeças antes de bater uma pasta na palma da mão.

— Bom dia — saudou ele. — Alguns avisos rápidos, e depois libero vocês para o treino. Primeiro de tudo, Lucas e Jean vão usar coletes de "contato proibido" até segunda ordem e não vão participar do treino coletivo de hoje.

A mão de Cat no joelho de Jean deveria ser reconfortante, mas ele só sentiu o aviso no gesto. Teve meio segundo para torcer que os treinadores não notassem sua reação à notícia, mas era óbvio que tinham percebido. Jimenez encontrou o olhar defensivo de Jean e apenas disse:

— Vamos avaliar o progresso de vocês diariamente e avisar quando for seguro para treinarem. Isso não está aberto para debates.

Jean não tinha como argumentar, então mordeu a bochecha por dentro até sentir o gosto de sangue e pensou: *não*. Passara a semana inteira com aquele colete como uma forca inconveniente em volta do pescoço. Aquele dia deveria ser o último em que Jean passaria sofrendo com as restrições. Em vez disso, fora forçado a recuar três passos e sair de vez da quadra.

— Se vocês ainda não salvaram este número no celular, adicionem agora — disse Lisinski e se virou para escrever no quadro branco. Ela sublinhou o número duas vezes, tampou a caneta e bateu as unhas no quadro enquanto examinava a sala. — É o número da segurança do campus. Vamos ter escolta enquanto estivermos em Lyon, e vocês vão notar a presença reforçada dela pela área quando forem liberados para o almoço.

Jimenez enfim abriu a pasta e puxou uma fotografia impressa em folha inteira, colorida, do rosto de Grayson Johnson. A foto de frente, com fundo escuro, fez Jean pensar que tinham tirado do site dos Corvos. Mesmo em foto, Grayson irradiava maldade, e Jean desviou o rosto daqueles olhos penetrantes.

— Se virem este homem em qualquer lugar do campus, primeiro falem com a equipe de segurança e depois procurem qualquer um de nós — anunciou Jimenez. — Não interessa se ele só estiver pedindo informação nem que o vejam apenas amarrando o cadarço numa esquina. Se acharem que é ele, liguem. Entendido?

— Espere — interrompeu Ananya conforme se inclinava para a frente para encarar a foto com atenção. A incerteza a fez hesitar, mas Jean podia ouvir as peças se encaixarem enquanto ela remexia as próprias lembranças. — Eu conheço esse rosto. Ele é um Corvo. Ele é… ah — disse ela e se virou para encarar Lucas. Os irmãos tinham alguns anos de diferença, e Grayson era mais pesado e carregava mais ira do que Lucas jamais seria capaz de conter, mas as semelhanças ainda assim eram gritantes demais para serem ignoradas. — Ele é seu irmão, não é? Gray?

— Grayson — confirmou Lucas com um tom derrotado. — Ele veio até Los Angeles ontem atrás do Jean. Disse que só queria conversar, mas… — Ele engoliu em seco com tanta força que Jean foi capaz de ouvir. De algum jeito, Lucas teve o bom senso de reduzir a violência de Grayson à versão mais diluída da verdade: — Ele tentou matar o Jean.

— Tentou matar vocês dois, pelo visto — comentou Shawn.

— Ele não estava nem aí pra mim. Só ficou irritado porque atrapalhei, mas eu não tinha como impedir. Se a treinadora L não tivesse aparecido, ele… — Lucas deixou a frase no ar.

Jean não estava nem um pouco interessado em revisitar aquela conversa tão cedo, mas o horror contido na voz de Lucas o fez começar a cutucar as próprias bandagens.

— É óbvio que você não tinha como enfrentá-lo — disse Jean, com irritação suficiente para garantir um olhar magoado de Jeremy. — A única pessoa que conseguia encarar o Grayson numa briga era o…

A resposta emperrou na garganta dele sem aviso, afiada, tornando-se algo irreconhecível depois do ataque do dia anterior. Se ele tentasse forçar, iria estraçalhar a própria língua, mas o nome ecoava nos ouvidos dele, mais alto do que o próprio coração. *Zane*.

Zane Reacher, que prometera protegê-lo da violência de Grayson e lutara com unhas e dentes por anos para garantir que Jean fosse sempre melhor quando mais importava. Zane, que queria tanto ser da seleção dos sonhos que Jean não conseguira evitar confiar nele; que poderia ter colocado Grayson para fora do quarto a qualquer momento depois de perceber que Jean já tinha entendido o recado, mas que só se virara na cama e mandara os dois fazerem menos barulho.

Por um instante, Jean estava há meses de distância dali, de joelhos numa súplica desesperada. Ouvia a própria voz falhar enquanto implorava para que Riko enfim numerasse Zane; sentia os dedos ensanguentados escorregando pelo pulso de Moriyama. Mais do que tudo, lembrava-se do olhar de Riko: o divertimento gelado diante da humilhação gratuita de Jean transformando-se em crueldade letal no instante em que percebera que ele tinha mais medo daquela aliança repentina do que da possível retaliação dele. Deveria ter espancado Jean por esquecer quem era seu Rei. Em vez disso, o fizera assistir enquanto colocava Zane e Grayson um contra o outro.

O estômago de Jean se revirou; a boca queimava conforme engolia de volta a bile. Ele cravou as unhas no próprio antebraço para conseguir se firmar. Jeremy segurou o pulso dele para impedi-lo, e Jean forçou o olhar até a parede do fundo. A tinta clara, com desenhos coloridos, era um contraste ofuscante em relação ao Ninho e um forte lembrete de que ele estava o mais longe possível de West Virginia. Riko estava morto, Zane tinha se formado e Grayson teria que deixar a Califórnia no dia seguinte para os treinos de verão dos Corvos.

O silêncio que pairava no vestiário era desconfortável, mas Jimenez enfim falou:

— Se algum de vocês virem esse homem, não se aproximem dele em hipótese alguma. Entendido? Alguma pergunta? Certo. Obrigado, vou passar a palavra para a Lisinski. Treinadora?

— Vamos andando — disse Lisinski, batendo as mãos. — Quero todo mundo vestido e pronto para correr em cinco minutos.

A outra reunião tinha acabado antes da deles, já que não tinha sido interrompida por conversas paralelas. Olhares curiosos acompanharam Lucas e Jean enquanto os defensores seguiam para os armários. A algazarra matinal que ecoara por aquelas paredes a semana inteira encontrava-se ausente naquele dia; em vez disso, um silêncio carregado e sombrio repousava sobre os ossos de Jean como um peso familiar demais.

A volta de aquecimento pelo campus foi estranhamente silenciosa, e, quando chegaram a Lyon, Lisinski os dividiu nos grupos de sempre. Ela iria rodar entre eles conforme necessário, checando o progresso aqui, apertando o ritmo ali, e Jean não ficou nem um pouco surpreso quando ela começou pelo grupinho de Xavier. Dizer que estava checando os calouros primeiro era uma desculpa para lá de óbvia. Não levou muito para ela chegar até ele.

Lisinski observava com atenção conforme Jean fazia o desenvolvimento de ombro, avaliando a fluidez do movimento. Jean sentiu o repuxão no pulso quase de imediato, mas já conhecia bem demais a dor para saber que aquele desconforto era apenas superficial. Manteve a expressão calma e o olhar longe da treinadora, e, em algum momento, ela seguiu em frente. Jean esperou até que ela atravessasse a sala em direção aos veteranos para enfiar o polegar no calor latejante do pulso.

Foi apenas um instante de fraqueza, só que mais que suficiente para Xavier aparecer ao lado dele.

— Aqui.

Jean pegou o frasco estendido, mas bastou um olhar para o rótulo para ficar tenso.

— Quem deixou você ficar com isso?

Xavier não respondeu de imediato nem fez menção de pegar o frasco de volta quando Jean o empurrou contra o peito dele. Lisinski estava praticamente de costas para eles, mas, caso se virasse só um pouco, teria uma linha de visão perfeita dos dois. Se percebesse que Xavier estava com um remédio, a confusão estava garantida, e Jean não tinha a menor intenção de apanhar por algo que não era problema dele. Como Xavier se recusava a pegar o frasco de volta, ele se

inclinou e o deixou fora de vista, atrás do aparelho de musculação. Jean voltou à série, mas Xavier não saiu dali.

— Amigo — disse Xavier, por fim —, é só ibuprofeno.

— Eu sei ler — respondeu Jean.

Xavier não se abalou com a irritação dele.

— E você sabe o que é? — Ele ergueu as duas mãos em resposta ao olhar fulminante que Jean lhe lançou. Não era nem de longe o gesto apaziguador que Xavier devia ter intenção de transmitir, talvez porque ele parecesse prestes a cair na gargalhada. — Nunca vi ninguém reagir assim. Isso é substância controlada lá em West Virginia ou coisa do tipo?

Ele falou num tom leve, mas Jean pensou no quadro de avisos pendurado na porta da sala de Josiah Smalls em Evermore. Qualquer um que quisesse remédios fora do atendimento imediato de uma lesão tinha que fazer um pedido por escrito, e Josiah aprovaria se estivesse se sentindo generoso. Ibuprofeno era sempre a primeira opção dele, por mais inútil que fosse na prática. Jean sabia que ele tinha comprimidos mais fortes em estoque, mas na maioria das vezes esses eram reservados para Riko. Não valia a pena mimar o restante do time, imaginava Jean, já que os Corvos viviam machucados. Decerto não valia desperdiçar remédio com Jean.

Sem querer, pensou nos comprimidos que Abby Winfield dera a ele na Carolina do Sul. O nome era longo e complicado demais para guardar, mas Jean se lembrava da facilidade com que aquilo adentrara seu sistema até apagá-lo por completo. Preferia não pensar no fato de Abby ter administrado a droga sem nem pensar duas vezes para alguém que tecnicamente nem era responsabilidade dela e que nunca agradecera pelo trabalho.

Ele sentiu um aperto no peito, alertando-o para não seguir por aquele caminho mental de volta aos Corvos. *Por quê* era uma pergunta perigosa demais, especialmente quando se tratava da Edgar Allan.

— Eu estava brincando — disse Xavier quando o silêncio se prolongou demais. Ele já não sorria, e Jean sabia que era melhor não encarar o olhar atento do outro. Depois de um instante, Xavier guardou o frasco, fez sinal para ele e se virou. — Olha só. Emma, Mads — chamou, e na mesma hora as calouras interromperam a conversa e olharam para ele. — Vocês estão com ibuprofeno aí?

— Deixei no armário, foi mal — disse Emma Swift, mas Madeline Hill já estava fuçando na bolsinha de moedas que trouxera do estádio. O frasco que tirou era mais estreito que o de Xavier, mas, mesmo com três aparelhos entre

eles, Jean reconheceu a combinação de cores. Ela jogou o remédio para ele, e Xavier fez questão de dar uma olhada rápida no rótulo.

— Valeu — respondeu e jogou o frasco para ela de volta. — Não lembrava se era de quatro em quatro ou de seis em seis horas.

— Ah, tranquilo — respondeu Mads e guardou o frasco de novo.

Xavier ergueu a sobrancelha para Jean, um silencioso e inconfundível *Viu só?* que de nada serviu para acalmar o nó no estômago do garoto. Xavier apontou para ele com o queixo.

— Vamos dar uma volta — pediu, e Jean não tinha o direito de recusar.

Eles atraíram alguns olhares curiosos enquanto cruzavam a sala, mas chegaram ao bebedouro do outro lado sem serem interrompidos. Xavier tomou um gole rápido de água antes de estender o remédio de novo.

— Aqui — ofereceu. — Fique com este. Eu compro outro hoje à noite.

Jean não conseguiu se segurar, o tom cortante de sua voz nítido até para ele:

— Simples assim. — Era tarde demais para voltar atrás, e o olhar atento que Xavier lançou deixou expresso que ele não iria deixar passar. — Você vai lá e compra outro como se não fosse nada.

— Porque *é* nada. É remédio sem receita. Comprei no mercado por alguns dólares. Por que alguém estranharia em me ver com isso? — Uma pergunta retórica, pelo jeito, porque Xavier não esperou antes de continuar: — Pra falar a verdade, ver você tão alterado por causa disso me deixa meio desconfortável. O que é que te deram quando você estirou o ligamento?

Jean começou a cutucar os curativos. O olhar foi, de modo involuntário, aos antebraços nus, mas os hematomas e as manchas que denunciavam amarras improvisadas já tinham sumido. Só restavam as linhas vermelhas que ele mesmo fizera naquela manhã. Se fosse qualquer outro companheiro de time, Jean simplesmente ignoraria a pergunta até ser deixado em paz, mas Xavier era o vice-capitão. Ele considerou mentir, mas a única resposta que lhe surgiu à cabeça foi justamente o remédio que Xavier tratava com tanto desdém. A verdade era horrível demais para ser dita, mas talvez um pouco de feiura enfim fizesse Xavier sair do pé dele.

— Nada — respondeu por fim.

O rosto de Xavier ficou perigosamente neutro.

— Como é que é?

— Não era problema deles — disse Jean.

Num piscar de olhos, ele estava de volta ao quarto escuro de Riko, com tanto sangue na garganta que mal conseguia respirar. A mão foi, sem que ele

percebesse, até a cabeça, à procura dos pontos onde o cabelo ainda estava irregular. Mesmo ali, a maior parte daquela noite era uma névoa horrível na qual ele se recusava a pensar. Não se lembrava de Riko parando; não se lembrava de Riko saindo dali furioso e deixando Jean para trás, um trapo amassado no rastro dele. Talvez Riko tivesse percebido que acabaria matando Jean se não recuasse, ou talvez só tivesse visto a hora e percebido que precisava ir para a quadra treinar. Não importava qual das duas coisas. Não importava. Não podia importar.

A vontade de derrubar o remédio da mão de Xavier foi súbita e violenta, e Jean cravou as unhas no antebraço arranhado para se conter. Então se arrancou das lembranças sombrias e disse:

— Eu me recuperei na Carolina do Sul. O tratamento ficou por conta das Raposas. Se você quer tanto saber, teria que perguntar à enfermeira deles o que ela receitou.

— Eu não estou nem aí pras Raposas. Você se machucou em West Virginia. Não pode me dizer que foi da Edgar Allan até Palmetto State sem nenhum tratamento. *Jean* — insistiu Xavier, um traço de desespero escapando na voz quando Jean passou a encarar a parede do fundo. — Me diga que entendi errado.

— Ainda tenho séries pra fazer — devolveu Jean. — Terminamos?

— Não, não terminamos — disse Xavier, incrédulo. — Cadê a sua raiva?

Ele tinha perguntado aquilo na segunda-feira, chegando a dizer que Jean estava mansinho demais. Jean torceu o lábio, irritado.

— Que motivo eu tenho para ter raiva? Eu sou Jean Moreau, eu sou da seleção dos sonhos. Corvos entendem o preço de sermos os melhores, e não temos medo de pagá-lo.

— *Nós* — cortou Xavier, gesticulando irritado entre os dois — somos Troianos. Nunca mais use "nós" para se referir aos Corvos, entendeu? Eles não te merecem.

— Nem um time que não consegue ficar em primeiro lugar.

O maxilar de Xavier travou com tudo o que ele queria dizer e não disse.

— Escute — começou, tentando encerrar o assunto. Jean se virou para ele, porém Xavier ainda levou um instante a mais para falar. — Você não quer que eu me meta na sua vida, eu entendo, mas tente me entender: se você está sofrendo, nós também estamos. Se não vai deixar a gente te ajudar, precisamos saber que você está se cuidando. Beleza?

Não eram as palavras certas, mas era perto o bastante de *seu fracasso é o nosso fracasso* para que Jean hesitasse.

— Tá.

— Se você não vai aceitar isso de mim, pelo menos pegue algo na enfermaria quando a gente voltar ao estádio. — Xavier deu a ele uma última chance de pegar o frasco antes de enfiá-lo de vez no bolso. — Estamos perto demais de ter você em quadra com força total. Não deixe uma imprudenciazinha te jogar de volta à reserva.

— Eu não sou imprudente — retrucou Jean.

— Vou confiar em você. Não faça com que eu me arrependa.

Xavier o deixou sozinho pelo resto do treino, mas Jean não pôde deixar de notar como o sorriso dele parecia forçado enquanto conversava com os calouros entusiasmados dos Troianos. Contanto que Xavier ficasse fora do caminho, Jean estava disposto a fazer o mesmo, mas tirar da cabeça a conversa e as lembranças deploráveis que evocara era impossível.

Misturando-se ao aflito *"Cadê a sua raiva?"* de Xavier estava o "*Você não sente raiva do que de fato importa"* mais contido de Jeremy, em maio. Como era fácil para eles falar de indignação, aquele time que se recusava a lutar. Quanta hipocrisia. Tão cansativo. O que aquelas crianças, tão de boa com a vida, sabiam de raiva?

Igualmente irritante era a dificuldade em se concentrar naquela manhã. Ele passara anos enterrando o pior que Evermore tinha jogado em cima dele, acorrentando tudo o que conseguia e se forçando a seguir em frente com o que não dava. Tinha sido companheiro de time de Grayson por anos demais para ainda estar tão abalado um dia depois. Entretanto, mesmo oscilando entre voltar e escapar de lembranças sangrentas, Jean sabia que não havia um atalho fácil para atravessar aquilo. Se parasse de pensar em Grayson, teria que pensar nos outros visitantes do dia anterior, e aquele era um caminho que se recusava a seguir. Era peso demais; o luto e o horror decerto o partiriam ao meio.

Por fim, terminaram os exercícios da manhã. Os Troianos deram uma corrida de volta ao estádio para um banho rápido antes de Lisinski liberá-los para o almoço. Como sempre, Jean foi o primeiro a terminar e esperou no banco perto do armário de Jeremy. Aquilo acabou se revelando um erro, já que a maior parte da linha de ataque tinha estado com os meias em outra sala de reunião naquela manhã. Só os mais novos tinham visto Jean na academia. Os cinco restantes estavam tendo uma visão em close dele pela primeira vez naquele dia.

Derek Thompson, que tinha se apresentado de um jeito ridículo para os calouros na segunda-feira como "Big D", foi o primeiro a chegar. Ele passava uma escova pelo cabelo crespo enquanto observava Jean e, por fim, comentou:

— Você não tá com uma cara muito boa, hein? — Derrick Allen se juntou a eles logo em seguida. Derek cutucou o parceiro para chamar a atenção, mas dirigiu as palavras a Jean: — É verdade que você tá fora dos coletivos hoje à tarde?

— Sim — respondeu Jean.

— Boa notícia pra você, Derek, já que ainda não descobriu como lidar com ele — comentou Derrick com um entusiasmo cara de pau. — Semana que vem ele vai acabar com você. Pode apostar.

Jean esperava que o outro retrucasse, mas Derek só disse:

— É bem capaz. Seria melhor se fosse hoje. — Derrick pareceu igualmente surpreso com a sinceridade, mas Derek apontou a escova para Jean antes de guardá-la no armário. — Olha pra ele. Tá tão tenso que me deixa nervoso por osmose.

— Aprendeu essa palavra para passar no vestibular? — comentou Ashton Cox conforme passava por eles a caminho de se vestir.

— Ficando inteligente demais pra essa galera, né? — Derek deu uma batidinha com o dedo na própria têmpora. — Só tô dizendo que jogar alguém contra a parede da quadra provavelmente resolveria. E ainda seria um bom treino pra White Ridge.

— Você só quer brigar com alguém do seu tamanho — respondeu Derrick, como se ele mesmo não tivesse quase um metro e oitenta. — Se você convencer a treinadora L a liberar, eu entro na fila.

— E eu — falou Nabil Mahmoud assim que chegou e já emendou na pergunta: — Entrar na fila pra quê?

— Derek quer que o Jean se descontrole — explicou Derrick.

Jeremy chegou a tempo de ouvir aquele comentário, que bastou para fazê-lo parar no fim da fileira.

— Eu preferiria não seguir por esse caminho — disse conforme olhava de um companheiro de time ao outro. — Jean concordou em jogar do nosso jeito nesta temporada. Pedir pra ele trazer a violência dos Corvos aos treinos de verão quando ele vai ser cobrado em outro padrão em agosto é injusto.

— Não tô querendo atrasar o lado dele, capitão — respondeu Derek —, mas ele tá com a mesma cara que meu irmão faz antes de fazer alguma besteira.

— Eu não sou besta — protestou Jean.

— Não, eu não quis… — Derek se interrompeu e perguntou a Jeremy: — O inglês dele é bom até que ponto mesmo?

— Melhor que seu francês — retrucou Jean, com veneno suficiente para Derek erguer as mãos em sinal de paz. — Bom o bastante pra dizer que seus fracassos em nossos treinos coletivos essa semana são por causa das suas fraquezas, e não das minhas qualidades. Você passou tanto tempo cedendo terreno como Troiano que não lembra como é segurar posição. Não deveria ser surpresa que os adversários atropelem você que nem um cachorro de rua.

— Ei, ei. Por que que a gente tá chutando cachorro morto agora? — perguntou Timothy Eitzen, aparecendo ao lado de Jeremy, e Jean julgou a linha de ataque inteira como uma causa perdida.

Ele passou por todos eles de novo, a caminho da fileira dos defensores, mas a visão de tantos companheiros reunidos ali o cansou. Era ridículo que um vestiário tão grande e tão claro conseguisse parecer mais sufocante do que o Ninho, mas Jean se virou e continuou. Ele percorreu, em ritmo predatório, uma sala de reunião atrás da outra, enquanto evitava o corredor dos treinadores, e acabou perto das salas da enfermaria. Apertou o polegar contra o pulso, à procura de uma dor que já tinha sumido antes mesmo de eles voltarem de Lyon.

Durante o verão, as três enfermeiras dos Troianos se revezavam no plantão: uma ficava no estádio, enquanto as outras duas cumpriam turnos no posto de saúde do campus. Naquele dia, era Ashley Young quem estava no local. Jean não tinha se dado conta de que havia um rádio na sala, mas Young marcava o ritmo com o garfo enquanto folheava prontuários usando apenas uma das mãos. Ao perceber que estava interrompendo o almoço dela, Jean deu um passo para trás, saindo de vista, mas ela deve ter notado o movimento pelo canto do olho.

— Pode entrar — convidou ela, e Jean voltou à soleira da porta.

Ela terminou de passar os olhos pela folha antes de erguer a cabeça e ficou imóvel por um instante ao vê-lo.

— Ah — disse, empurrando o almoço para o lado e desligando o rádio. — Jean, ainda bem que você passou aqui. Venha comigo na sala ao lado.

Eles seguiram para o mesmo cômodo em que Rhemann tinha colocado Jean no dia anterior, e Young fez uma avaliação rápida do rosto manchado e da mandíbula dele. Ela tinha autoridade para simplesmente arrancar as ataduras, mas apenas encostou a ponta dos dedos com cuidado na fita e perguntou:

— Posso?

— Você é minha enfermeira — disse Jean.

Ela puxou a fita num único movimento firme e jogou a gaze no lixo ao lado. Observou-o sem pressa, enquanto Jean encarava a mesma fotografia que examinara no dia anterior. Naquele dia, o antisséptico não ardia tanto quanto

antes, e Young esperou até cobrir os ferimentos dele de novo antes de tentar captar seu olhar. Ele fingiu não notar, mas aquilo não a impediu de perguntar:

— Você quer conversar sobre isso?

— Não tenho nada a dizer.

— Não? — Young desceu os dedos, certeiros, até as marcas de arranhões violentos no braço dele. — Isso não é solução, Jean. Não quero ver isso em você de novo.

Ela deu um momento para que ele se defendesse antes de começar a trabalhar no pulso dele. Jean deixou que ela testasse a amplitude de movimento enquanto torcia em silêncio para que o voto dela a seu favor se sobrepusesse à decisão dos treinadores de afastá-lo, mas a dor lancinante da rotina de pesos daquela manhã não demorou a aparecer. A expressão de Young ficou sombria conforme ela seguia a linha de feridas em cicatrização. Grayson o tinha mordido com toda a intenção de quebrar ossos e chegara perigosamente perto das veias delicadas no pulso de Jean.

— Você teve muita sorte — comentou Young, como se tivesse lido os pensamentos dele. Ela enfaixou o pulso com uma eficiência tranquila e tirou uma órtese do armário ao lado. Jean recuou ao ver aquilo, mas ela deslizou a peça pela mão dele e a encaixou no lugar, mesmo enquanto ele tentava puxar o braço. Apertou as tiras de velcro e disse: — Teste. — E fez alguns ajustes rápidos enquanto ele flexionava e cerrava os dedos devagar. — Ótimo. Você tem algo pra inflamação?

— O Xavier mandou pedir a você.

Ela assentiu e começou a revirar uma gaveta.

— Vamos começar com isso — disse conforme apertava na palma dele um envelope com dois comprimidos. — Passe aqui de novo antes de ir embora hoje. Se isso não estiver adiantando, te mando pra casa com algo mais forte pra tomar no fim de semana. Tem algo mais que a gente precise examinar? — Ela o esperou negar com a cabeça antes de dar um passo para o lado e liberar o caminho dele. — Vá comer, então. Te vejo à tarde.

Não tinham passado nem dez minutos, mas o vestiário já havia esvaziado para o almoço enquanto ele estava fora. Apenas seus amigos e Xavier ficaram, à espera na fileira dos atacantes, a lancheira parada ao lado dos pés de Cat. Era possível perceber o tom agitado de Xavier mesmo sem entender o que ele dizia e, quando ele acompanhou o olhar de Jeremy até Jean, ficou quieto na mesma hora.

Assim que Jean chegou perto deles, Xavier soltou um educado:

— Bom trabalho hoje de manhã. — E seguiu para a porta.

Jean o esperou sair.

— Ele está bravo comigo.

— Não — respondeu Jeremy e, quando Jean não pareceu muito convencido, reforçou: — Não, juro que não. Ele só está preocupado. Você contou a ele que a Edgar Allan não tratava seu ligamento?

— Ele perguntou — explicou Jean.

— Ah, ele tá *tão* puto com eles — disse Cat. Ela pegou a lancheira e se levantou. — Vamos! O dia está lindo demais pra comer lá dentro. Vamos fazer um piquenique.

Subindo a rua, em frente ao estádio de futebol, havia um museu com um gramado na frente. Um grupo de crianças tinha tomado quase todo o espaço disponível e corria solto, enquanto os pais observavam. Mochilas e garrafinhas estavam espalhadas pelo meio-fio, onde meia dúzia de adolescentes andava de skate no meio da rua. Apesar do caos, tinha espaço de sobra para os quatro, e Cat distribuiu as marmitas depois que se acomodaram.

Eles tinham dado só algumas mordidas quando o celular de Jeremy fez um som que Jean ainda não conhecia. Cat deu um gritinho e se encostou no ombro de Jeremy.

— Bishop? — perguntou ela.

A correção de Jeremy saiu distraída conforme ele lia as mensagens:

— Sheldon.

Laila estava esparramada na grama do outro lado de Cat, de pernas e braços abertos, mas empurrou os óculos de sol para o alto da testa para poder semicerrar os olhos para Jeremy numa desaprovação bem óbvia.

— Até onde sei, ele mandou você apagar o número dele. Por que não fez isso? — O sorriso de Jeremy foi tão lento e satisfeito que Jean teve que desviar o olhar. Laila bufou e empurrou os óculos de volta ao lugar. — Deixa pra lá, na real eu nem quero saber a resposta.

— Ah! — Cat bateu o punho na palma da mão. — É esse que é bem pauz…

Laila deu um tapa nela.

— *Cat.*

Cat revirou os olhos, mas obedeceu e trocou de assunto.

— Melhor a gente sair vazado?

— Sair vazado — repetiu Jean.

Cat se virou para ele, os olhos brilhando com a risadinha.

— Ah, por favor, repete.

Jean fechou a cara, e Laila teve pena dele.

— Ir embora.

— Dar no pé — sugeriu Cat, o que ajudou bem menos. Ela se afastou um pouco do espaço de Jeremy e espantou um mosquito curioso do almoço comido pela metade. — Você nunca nos contou qual é sua segunda língua. Alemão? Espanhol? Hããã. Italiano? — Ela franziu o rosto, pensando, mas desistiu poucos segundos depois. — Me dê uma dica, não sei nada sobre o sistema educacional europeu.

— Irrelevante. Eu estudei em casa.

— Isso explica sua trágica falta de habilidades sociais — disse Cat.

— Eu jogava Exy juvenil — respondeu ele, o que era e não era verdade.

A quadra de Exy em Campagne Pastré ficava a uns dez minutos de casa, em Sainte-Anne, um trajeto fácil para a mãe dele fazer depois que investigava a família das outras crianças do time. Ele tinha sido proibido de conviver com os colegas fora de treinos e jogos, e sabia que não devia falar com eles sobre nada além de Exy. A mãe fizera questão de deixar isso bem claro desde cedo, mandando matar a primeira capitã dele e a família inteira dela. Um acidente de barco, ele achava — a lembrança era vaga, mas a lição tinha ficado.

O único outro contato dele com o mundo exterior fora a professora particular de japonês que a mãe contratara no seu oitavo aniversário. Ela aparecia em casa todas as noites para dar aula, e, embora ele soubesse que havia um segundo motivo por trás daquilo, não conseguira desassociar o idioma do esporte que adorava jogar. Ele já tinha treze anos quando ela enfim tivera permissão para começar a ensinar inglês. Jean odiara aquelas aulas extras até ser vendido ao Ninho um ano depois. Conversar com Kevin e com os novos mestres tinha sido fácil; aprender inglês pelas mãos dos Corvos tinha sido um pesadelo e tanto.

— Fugindo da pergunta — disse Cat. — De novo.

— A primeira nunca foi respondida. — Jean olhou para Jeremy.

— Hã? Ah, não. Ele só chega na cidade no domingo. — Jeremy já estava enfiando o celular no bolso quando o aparelho começou a tocar. Ele lançou um olhar rápido para o identificador antes de atender com animação: — Oi, treinador. Sim, o Jean tá comigo. A gente tá aqui per… — Jeremy ficou tão quieto e imóvel que até Laila se endireitou para encarar, mas ele parecia nem perceber. Ouviu por um minuto, então fez um sinal desesperado para os amigos juntarem tudo. — É, sim, a gente tá voltando agora. Você sabe se… beleza. Beleza.

Laila começou a olhar para os lados, à procura da lancheira que eles tinham deixado ali, e travou no lugar.

— Puta merda — disse ela alto demais. — Jeremy, temos um problema.

Jean virou metade do corpo para acompanhar o olhar dela, mas a única novidade ali eram duas viaturas de polícia com as luzes ligadas. As crianças que estavam brincando na rua recuaram para o gramado quando viram os carros se aproximarem, berrando uns com os outros para andarem logo e se agarrando aos skates. Em vez de seguir adiante, as viaturas encostaram na calçada. Quatro policiais desceram alguns segundos depois, mas nem perderam tempo olhando para os adolescentes tensos enquanto seguiam direto até os Troianos.

— Jean — chamou Jeremy com uma urgência inesperada. Jean obedeceu e se virou de volta para ele, que estava olhando para os policiais. A expressão fechada no rosto de Jeremy o deixava irreconhecível, mas ele continuou, já se levantando e batendo a poeira do short: — É o Grayson.

Jean respirou fundo.

— Ele tá aqui?

— Não — respondeu Jeremy. — Ele morreu.



CAPÍTULO DOIS

Jeremy

Havia um limite para o número de respostas diferentes que Jeremy podia dar às mesmas poucas perguntas.

Sim, ele já tinha ouvido falar de Grayson Johnson. Sabia que existia animosidade entre Grayson e Jean, mas ninguém no departamento de polícia de Los Angeles acompanhava o Exy da NCAA? Os Corvos de Edgar Allan estavam em guerra com Jean desde que ele saíra da escalação deles no meio dos campeonatos na primavera passada. Não, Jeremy não sabia que Grayson tinha estado na cidade no dia anterior, e, não, nem sequer o tinha visto quando Grayson aparecera na Quadra Dourada. Jeremy tinha perdido tanto a briga quanto a fuga de Grayson e só vira o horror que ficara depois. Sim, ele tinha ficado em casa a noite toda com Cat e Laila.

— Mas o Moreau saiu — disse o policial, pela quarta ou quinta vez.

— Ele voltou por volta da meia-noite — repetiu Jeremy mais uma vez.

O celular dele emitiu um toque estridente. Era a sexta mensagem de casa nos últimos quinze minutos, e Jeremy não tinha mais pressa de responder àquela do que tivera com a primeira. O olhar de Laila era um peso denso e perceptível na nuca dele, mas Jeremy se recusou a retribuir. Manteve os olhos na porta, como se olhar fosse tornar mais fácil ouvir o que diziam no corredor. De vez em quando, o grave conhecido da voz de Rhemann o alcançava quando o treinador entrava na conversa, mas não era a voz dele que Jeremy estava desesperado para ouvir.

O policial bateu a caneta no caderno e perguntou:

— Eu estou te entediando, *Knox*?

Jeremy se livrou de ter que responder quando o celular tocou de novo, daquela vez com uma ligação de verdade. O toque esquisito, quase um lamento, era reservado para a família. Ele hesitou, pesou as consequências de deixar cair na caixa postal e pegou o aparelho. O WILSHIRE em letras garrafais e negrito piscando na tela não ajudou em nada a melhorar o humor dele, mas Jeremy virou o celular para o policial ver, que bufou, mas recolheu o caderno e, enfim, saiu da sala. Jeremy esperou até o homem sumir pelo batente para atender no viva-voz.

— Oi, estou dirigindo — mentiu. O policial o tinha mandado puxar uma cadeira para a mesa do White, na frente da sala, mas Jeremy virou o corpo para que enfim pudesse ver Cat e Laila. Elas tinham ocupado lugares na primeira fileira e o observavam com atenção total. — Dá pra ser rápido?

— Sua mãe está tentando falar com você — disse o padrasto, num tom do qual Jeremy já havia se cansado havia anos. Do outro lado, Laila encarava o celular como se pudesse derreter os fios. — Pare de fugir dela. Você a está deixando preocupada.

E quem foi que disse a ela que havia motivo para se preocupar?, Jeremy quis perguntar, mas sabia como aquela discussão terminaria. Warren Wilshire tinha dois irmãos no departamento de polícia de Los Angeles, um detetive e um subdelegado, e um pai acamado no Congresso. Jeremy nunca seria um Wilshire — recusara o sobrenome toda vez que a mãe sugerira que ele o adotasse —, mas as pessoas sabiam para quem ligar se o nome de Jeremy aparecesse em qualquer lugar. Ele pôs aquilo à prova no segundo ano do ensino médio, acumulando multas por excesso de velocidade só para ver Warren fazê-las desaparecer em silêncio e acabou se arrependendo amargamente daquela pequena rebeldia.

Ele se perguntou, como quem não quer nada, quem a polícia tinha chamado primeiro quando o sistema acusara uma possível ligação entre Grayson e os Troianos da USC: Warren ou o treinador Rhemann.

— As coisas estão um pouco agitadas por aqui, como tenho certeza de que Milton já contou — disse Jeremy. Ele só tinha visto o tio postiço de relance quando voltaram ao estádio, já que Milton fazia parte do grupo que, naquele exato momento, estava pressionando Jean na outra sala de reunião. — Assim que der eu ligo pra ela.

— Já não há mais tempo para isso — retrucou Warren. — Você vai vir jantar em casa, para podermos discutir o que aconteceu.

Jeremy sorriu para manter o tom leve quando respondeu:

— Não consigo prometer isso. A polícia pode ter mais perguntas para nós, e, como capitão do time, preciso estar onde meus colegas de equipe consigam me encontrar. Sair do campus seria um erro.

— Capitão — repetiu Warren. Ele tinha se esquecido; Jeremy conseguia perceber pela voz dele.

Aquilo fora a gota d'água para Cat. Ela cobriu a boca com a mão e falou:

— Bem-vindo ao Jackie's, está pronto pra fazer seu pedido?

— Quem disse isso? — exigiu Warren.

— Só um segundinho, por favor! — disse Jeremy, fingindo entusiasmo na voz ao se afastar do bocal antes de aproximar o celular do rosto. — Eu avisei que estava dirigindo. Eu e a Laila viemos buscar o almoço pra levar para o pessoal no estádio. Preciso desligar, beleza? Ligo pra minha mãe assim que tiver um tempinho. — Warren começou a discutir na mesma hora, mas Jeremy disse: — Oi, sim, a gente vai querer… — E desligou.

Ele colocou o celular sobre a mesa com mais força do que pretendia e voltou a olhar para a porta. Queria a polícia fora do estádio. Queria Jean longe daquelas perguntas mordazes, cheias de veneno. O que mais eles ainda podiam querer saber? Quão cruéis ainda poderiam ser, depois de tudo o que Jean havia sofrido no dia anterior?

Na noite passada, Grayson tinha pressionado Jean contra as paredes implacáveis da Quadra Dourada e mordido a garganta dele até sangrar. Menos de vinte e quatro horas depois, estava morto. A polícia tinha revelado pouquíssimos detalhes, inclusive onde ele fora encontrado e a causa da morte. Tudo o que Jeremy conseguia tirar daquelas perguntas repetidas e hostis era que ele tinha morrido durante a madrugada. Só podia torcer para que tivessem sido mais civilizados com Lucas, que fora levado à delegacia com o treinador Jimenez, mas Jeremy tinha pouca fé na humanidade deles.

Pensar em Lucas fez o peito de Jeremy doer.

— Eu preciso falar com o Lucas.

— Você não vai fazer isso de jeito nenhum — advertiu Laila. — Deixa isso com Cody ou Xavier.

— Eles não… — começou Jeremy, mas uma confusão repentina no corredor o distraiu.

Ele se levantou tão depressa que a cadeira tombou para trás. Da porta, viu Rhemann escoltar os policiais pelo corredor até a saída. Jean não estava com eles, embora ainda houvesse a possibilidade de estar mais à frente do grupo.

Jeremy correu até a sala de reunião ao lado, Cat e Laila logo atrás dele. O aperto em torno do coração afrouxou um pouco quando ele avistou Jean sentado sozinho na primeira fileira, e então foi se sentar ao lado dele. Cat tomou a cadeira do outro lado, deixando Laila de pé na frente dele.

— Oi — disse Jeremy baixinho. — Como você está?

Jean não respondeu. Apenas mexia nos curativos da garganta. Jeremy se perguntou, ao ver as bordas já desfiadas, quanto tempo havia que ele estava fazendo aquilo. Talvez a polícia tivesse exigido que ele mostrasse os ferimentos para confirmar a história. Jeremy se lembrava bem de como estavam quando frescos, com saliva e sangue brilhando na pele rasgada. Pensou em Jean, totalmente vestido, debaixo do chuveiro do vestiário no dia anterior; no olhar assombrado que ele tinha na noite passada, quando Neil Josten enfim o deixara ali de novo; e no baixo e contido *"Se eu pedisse para você me matar, você o faria?"*, que deixara Jeremy acordado boa parte da noite.

Rhemann apareceu à porta e passou os olhos de um Troiano para outro.

— Vamos. Vou levar vocês pra casa.

Jean ficou tenso, mas Jeremy se recusou a acreditar que aquilo o tivesse pegado de surpresa. Bastava que ele tivesse se levantado sem discutir, e os quatro seguiram Rhemann para fora do estádio. Jeremy esperou até estarem na estrada antes de perguntar:

— Quer que eu ligue para alguém?

— Já está tudo resolvido — garantiu Rhemann.

O restante do curto trajeto até a casa de Laila foi feito em silêncio. Rhemann estacionou atrás do carro de Jeremy e ligou o pisca-alerta. Depois, se virou no banco para olhar os três espremidos no banco de trás.

— Apoie-se neles o quanto precisar hoje — disse ele a Jean. — Apoie-se em mim também, se estiver disposto a isso. Se qualquer um de vocês precisar de algo neste fim de semana, procure qualquer um de nós, a qualquer hora do dia. Entendido? — Ele esperou até Jean assentir, ainda tenso, antes de lançar um olhar para Jeremy. — Preciso trocar uma palavrinha com você.

Cat e Laila abriram as portas traseiras, e Cat segurou a dela para Jean sair logo depois. Jeremy acompanhou pela janela do passageiro enquanto eles subiam a escada até a porta da frente. Pensou em Jean puxando a corrente na noite anterior, abalado, esgotado. Naquele dia, ele não precisaria trancar a porta. Era horrível que Jeremy se sentisse aliviado com aquela constatação.

Ele esperou até que todos entrassem antes de perguntar a Rhemann:

— Jean é suspeito?

— Talvez o mais óbvio deles, se não fosse o álibi irrefutável. Você sabe onde ele estava ontem à noite?

Jeremy deu de ombros, impotente.

— Neil Josten apareceu à nossa porta e o levou a algum lugar.

Depois do caos do ano anterior, Jeremy não precisou explicar quem era Neil. Duvidava que existisse uma única pessoa no Exy da NCAA que não reconhecesse o nome. Aparentemente, o vice-capitão das Raposas tinha nascido Nathaniel Wesninski e tinha ligações confirmadas com duas famílias criminosas diferentes. A investigação sobre o falecido Nathan Wesninski ainda era um fiasco em andamento, nove décimos composta apenas de rumores, mas tinha tudo para virar um escândalo monumental quando enfim começasse de verdade.

— Ah, então um alvo por associação — refletiu Rhemann. Jeremy franziu a testa, sem entender, mas Rhemann ficou um momento em silêncio, pensativo. Por fim, o treinador principal da USC suspirou. — Escute, se ele tocar nesse assunto com você, me avise. Não os detalhes — acrescentou e ergueu a mão como se pudesse impedir Jeremy de falar. — Isso não é da minha conta, e não quero saber. Tudo o que preciso é a garantia de que não estamos navegando direto para uma tempestade. Entendido?

— Não — admitiu Jeremy. — O que está acontecendo, treinador?

— Se eu soubesse, você saberia — disse Rhemann.

Era evidente que ele sabia mais do que estava disposto a admitir, mas Jeremy não insistiu. Já estava com a mão na maçaneta quando o celular começou a tocar, daquela vez com um toque que ele quase nunca ouvia. Jeremy bateu os nós dos dedos na porta ao tentar tirar o celular do bolso às pressas. Seria falta de educação atender com Rhemann ali, então ele silenciou o toque e se desculpou de forma distraída. Quando voltou a erguer o olhar, o de Rhemann era compreensivo. Ele era treinador de Jeremy havia tempo suficiente para conhecer todos os toques barulhentos do celular dele de cor.

— Vou deixar você atender — disse Rhemann, o liberando com um gesto. — Depois que eu falar com o Lucas e com o conselho da universidade, passo para

ver como vocês estão.

— Obrigado, treinador. — Jeremy saiu do carro o mais rápido que pôde. Já estava com o celular no ouvido antes mesmo de fechar a porta, sem saber quantos toques tinha perdido. — Sim, estou aqui. Alô.

Por meio segundo ele achou que tinha atendido tarde demais. Então ouviu o grave familiar da voz do pai.

— Jeremy, ouvi dizer que você se meteu em confusão de novo.

— Sim, senhor. — Jeremy se sentou nos degraus da frente e acenou enquanto Rhemann se afastava com o carro. — Imagino que minha mãe tenha ligado pra você.

Mesmo com quase dez mil quilômetros entre eles, Jeremy ouviu o resmungo característico do pai.

— Umas seis vezes, mais ou menos. Mathilda nunca foi muito de respeitar fusos horários. Você sabe que horas são aqui?

Sempre que o pai se mudava, Jeremy aprendia a calcular a diferença entre os dois. Então respondeu:

— Sim, senhor, sei.

Ele tapou o ouvido livre com a mão e se esforçou para escutar, não a voz do pai, e sim qualquer pista de onde ele estava. Parecia ouvir vozes e música, mas, considerando que era madrugada, devia ser algum comercial de TV ou rádio. Jeremy sentiu uma vontade quase dolorosa de perguntar: *onde você está, com quem você está, você está feliz?* Contudo, sabia, por experiência, quais eram as chances de receber uma resposta direta.

O momento passou assim que Trent Knox disse:

— Então, quer me explicar por que ela está me ligando sem parar?

Jeremy percebeu uma linha solta na barra do short e começou a puxá-la.

— Um dos nossos rivais apareceu no estádio ontem procurando briga e logo depois foi encontrado morto. A polícia precisa fazer o teatro de sempre para garantir que nenhum de nós teve algo a ver com isso.

— E você teve?

Aquilo doeu o bastante para arrancar dele um baixo:

— Isso é injusto.

No entanto, Trent não perdeu tempo pedindo desculpas. O silêncio que se seguiu fez Jeremy perceber que ele ainda esperava uma resposta de verdade. Jeremy queria se recusar a responder, mas, sem uma voz ocupando o espaço no ouvido, só restavam os próprios pensamentos.

— Não, senhor. Estávamos todos em casa ou com um álibi confirmado. Minha mãe só está tentando controlar cada detalhe do que aconteceu depois. Sabe como ela é.

A culpa era mais de Warren do que da mãe, mas mencionar o padrasto parecia um golpe baixo. Mathilda sempre soubera que as missões faziam parte da carreira de Trent na Força Aérea, assim como Trent sabia que ela jamais abriria mão da própria carreira ou da casa da família para segui-lo pelo mundo. Talvez os dois sempre tivessem cientes de que aquilo terminaria em sofrimento, ela criando os filhos dele com outro homem, ele perdendo todas as cinco — quatro — formaturas do ensino médio. Jeremy nunca perguntara. Algumas brigas simplesmente não valiam a pena.

— Esse é o dever dela como sua mãe — disse Trent. — Vire homem e pare de evitá-la. Não preciso que ela fique me ligando.

— Sim, senhor — respondeu Jeremy. — Vou ligar para ela assim que a polícia terminar por aqui.

— Trate de fazer isso — retrucou Trent.

Não houve despedida. Quase nunca havia. O pai tinha dito o que queria dizer, e a conversa estava encerrada. Jeremy baixou o celular e encarou os números que piscavam na tela em um registro do tempo de duração da chamada. Não era a ligação mais curta que já tinham tido ao longo dos anos, mas também não era a mais longa.

No ensino médio, Jeremy mantinha um caderno no qual anotava cada ligação: o dia em que o pai ligava, o que o motivou a tentar se reaproximar e quanto tempo conversavam antes de o pai decidir que já era o suficiente. Em quatro anos, Jeremy só tinha preenchido algumas poucas linhas. Eles eram desconhecidos um para o outro. Sempre seriam. O único fio que ainda os mantinha ligados era o sobrenome que Jeremy continuava a carregar.

Ele passou o celular de uma mão para a outra algumas vezes, depois se levantou e seguiu para o carro. Ouviu a porta da frente se abrir atrás de si, mas não se deu ao trabalho de olhar. Sabia que era Laila, assim como sabia que ela o impediria assim que percebesse o que ele estava fazendo. Mesmo assim, entrou pelo lado do passageiro e abriu o porta-luvas. Pontual como sempre, Laila enfiou a mão ali dentro e o fechou.

— Não — disse ela. — Você não vai empestear a minha casa.

— Jean? — perguntou ele.

— Cat está de olho nele.

Jeremy percorreu a lista de contatos no celular até encontrar o número da mãe. Apesar de Warren e Trent insistirem que ela estava tentando falar com ele, a ligação caiu direto na caixa postal.

Não seria a primeira vez que ela rejeitava as ligações dele por puro despeito. Jeremy suspirou e decidiu enviar uma mensagem ao mordomo da família:

"Mamãe está em casa?"

William Hunter levou menos de um minuto para checar a agenda dela e responder:

"Ela tem uma cirurgia marcada para esta tarde. Separei uma roupa adequada para esta noite no seu quarto."

Foi por pouco que não falara com ela então.

"Obrigado."

Laila esperou até que ele colocasse o celular sobre a coxa antes de apertar a mão dele de leve. Jeremy teve medo de retribuir e acabar esmagando os dedos dela, então se contentou em dar um beijo rápido nos nós de sua mão. Ela sorriu, e, embora o sorriso não chegasse aos olhos, aquilo já foi o bastante para confortá-lo.

— Vamos — disse ela. — Jean precisa mais de você do que eles.

Jeremy deixou que ela o tirasse do carro e parou apenas para trancá-lo antes de entrar. A sala estava vazia quando os dois passaram pela porta, mas Jeremy seguiu o aroma encorpado de café fresco até a cozinha.

Havia apenas três banquetas junto à ilha, e, embora parte dele esperasse encontrar Jean espremido entre Cat e Laila, elas tinham deixado a ponta para ele. Laila retomou seu lugar, enquanto Jeremy se servia de uma caneca de café. Depois, se encostou no lado menor da ilha, o mais perto de Jean, e estudou o rosto dele.

Não sabia ao certo o que procurava. Luto? Resquícios do trauma? Triunfo? Jean só parecia exausto. As feridas em cicatrização que desciam por seu rosto ficavam ainda mais marcadas sob a luz de cima, e Jeremy voltou a demorar o olhar na ferida que ia até o canto do olho. Ele pensou em dizer algo. O caminho mais óbvio seria oferecer condolências por mais uma tragédia devastando a formação dos Corvos, ainda mais depois das últimas, que tinham abalado muito Jean, mas não conseguiu formar as palavras.

— Nós deveríamos estar no treino — disse Jean, bem na deixa.

— Não, não deveríamos — respondeu Jeremy. — Seria de muito mau gosto, não acha? O Lucas vai estar de volta a San Diego antes da hora do jantar, e você precisa de tempo para processar o que aconteceu. Ninguém vai conseguir se

concentrar depois que souber da notícia, então é melhor cancelar tudo e voltar renovado na semana que vem.

Jean franziu a testa em desaprovação, mas Laila entrou na conversa:

— Onde você está com a cabeça, Jean? Mais um Corvo morreu.

Cat abriu a boca, nitidamente pronta para retrucar com veemência, mas Laila apertou o braço dela em aviso. As duas se encararam por alguns segundos tensos, a indignação revoltada de Cat contra a calma inabalável de Laila. Laila venceu, como quase sempre acontecia, e Cat fez cara feia, mas se calou. Ao lado de Jeremy, Jean parecia alheio à discussão silenciosa. Encarou o nada enquanto pensava nas palavras de Laila.

— Ele se foi mesmo, não foi? — perguntou Jean, tão baixo que Jeremy quase achou ter imaginado.

Jeremy observou as sombras sob os olhos dele e a tensão no canto da boca. Jean apoiava a mão na própria garganta e tamborilava no curativo num ritmo inquieto. Por um instante, pareceu perdido; por um instante, pareceu jovem demais para tudo aquilo. Ver Jean daquele jeito fez Jeremy sentir um aperto no peito, mas, aos poucos, a tensão começou a se dissipar. O canto da boca voltou a se mexer, mas Jean cravou as unhas no lábio inferior para impedir que o sorriso surgisse.

Uma pena Jean ter reprimido a si mesmo naquela hora, mas então ele disse:

— Puf. Esses monstros morrem com tanta facilidade.

A naturalidade com que chamou Grayson de monstro fez uma sementinha de esperança nascer no peito de Jeremy. A relação de Jean com os Corvos era um emaranhado complicado de amor e ódio, rasgado por sua recusa em encarar o horror de tudo o que tinham feito com ele na Edgar Allan. Nas poucas vezes em que deixara escapar algo — *Não do Grayson, por favor; eu não pedi* —, ele recuara o mais rápido que pôde, escondendo-se de novo atrás de respostas evasivas e do descaso. Ver que Jean já se sentia seguro o bastante para demonstrar aquele alívio sem o menor constrangimento bastou para aquecer Jeremy por inteiro.

Cat se animou com a reação dele e disse:

— Já foi tarde.

— Sim — concordou Jean.

Laila deixou que os dois saboreassem aquele momento de triunfo, mas tinha montado o quebra-cabeça com a mesma rapidez que Jeremy.

— Se o Warren já está se adiantando para fazer o controle de danos, é porque a polícia suspeita que tenha sido um crime. A gente sabe que você não seria capaz

de uma coisa dessas, mas os Corvos fizeram um estrago considerável em sua reputação esse verão. A opinião pública é que você é um monstro impiedoso quando pega embalo. Precisamos de um plano pra tirarem você da mira.

Jeremy olhou de Laila para Jean.

— O treinador disse que o Jean tem um bom álibi.

— Eles já confirmaram — disse Jean. — Não podem usar isso contra mim.

— Você estava com o Neil. — Jeremy esperou que Jean completasse as lacunas por conta própria, mas ele apenas tomou um gole do café. — Você disse que ele não teria vindo se pudesse evitar. O que ele estava fazendo aqui, afinal?

Cat não tinha a menor paciência para rodeios:

— O que foi que ele fez com você? — Quando Jean apenas franziu a testa para ela, Cat afastou o cabelo do rosto dele e disse: — Você estava em péssimo estado quando Neil te trouxe pra casa, e ele tem certa reputação. Não pode nos culpar por estarmos preocupados com você nem por não confiarmos nele.

— Vocês não precisam confiar nele — retrucou Jean. — Eu confio.

Não era a resposta que Jeremy esperava. Talvez Jean também não estivesse esperando, a julgar pelo leve franzir de testa ao voltar a atenção ao café. Jeremy afastou suas reservas e dúvidas e disse:

— Depois de tudo o que ele falou sobre os Corvos no ano passado, eu não imaginava que vocês dois fossem amigos. Se ele ainda está na cidade, você deveria convidá-lo para jantar.

Jean nem hesitou.

— Aquele moleque mal-educado não é meu amigo.

— Espero que um dia as coisas que você fala comecem a fazer sentido — comentou Laila. O celular de Jeremy soltou um toque horroroso antes que Jean pudesse responder, e Laila lançou a ele um olhar irritado. — Ele não tem nada melhor para fazer hoje? Por que não está no trabalho?

— Esta é a semana dele… — Jeremy esqueceu o que estava dizendo quando viu o nome ligado à mensagem mais recente. O pavor que se instalou nele era pesado o bastante para parecer uma segunda pele. — É o Joshua.

— Não — advertiu Laila. — Jeremy, *não.*

Joshua passara os últimos quatro anos fingindo que Jeremy não existia, ignorando-o deliberadamente em todo feriado e em cada evento familiar obrigatório. O fato de ter procurado Jeremy bem naquele dia não era coincidência.

— Querido, eu estou te implorando… — Laila se inclinou por cima da ilha, mas Jeremy tirou a mão do caminho antes que ela pudesse arrancar o telefone

dele.

Jeremy abriu a mensagem curta, leu em silêncio e, um segundo depois, deixou o celular cair dentro da caneca de café. O banco de Cat tombou com um estrondo quando ela saiu correndo para pegar o arroz, e Laila quase arrancou os dedos de Jeremy ao puxar a caneca de sua mão. Ele tinha uma vaga consciência do olhar pesado e inabalável de Jean, mas observou enquanto Laila pescava o celular do café e o desmontava depressa. Cat voltou em instantes e despejou arroz num pote quadrado tão depressa que espalhou grãos por todo lado.

— Aqui, aqui — disse ela, e Laila enfiou as peças do celular de Jeremy o mais fundo que pôde. Cat despejou o restante do pacote por cima, só para garantir, e deu uns tapinhas para nivelar o monte. Ia colocá-lo sobre a ilha, mas lançou um olhar para Jeremy e mudou de ideia. Ele a observou levar o recipiente ao balcão, porque era mais fácil do que encarar Laila enquanto ela se aproximava. Ela deu um beijo demorado na têmpora de Jeremy, e ele enrolou os longos cachos castanhos dela nos dedos em resposta.

— Acha que vai funcionar? — perguntou Jeremy.

— Espero que não.

Jeremy suspirou ao soltá-la.

— Eu precisava saber.

Ela não disse nada, e o silêncio que se instalou na cozinha estava carregado de tensão. Cat só conseguiu aguentar aquilo por algum tempo antes de começar a tamborilar as unhas no balcão num ritmo agitado.

— Não consegui terminar o almoço, e estou morrendo de fome. Vou preparar algo pra gente comer.

Jeremy não estava com um pingo de fome, mas respondeu:

— É uma boa.

Jean estendeu a mão para Cat em uma exigência silenciosa. Ela parecia prestes a recusar, mas acabou entregando a ele alguns pimentões para cortar enquanto começava a picar uma cebola. Quando ela saiu para pegar uma frigideira no armário, Laila se endireitou e deu um empurrão no ombro de Jeremy. Ele entendeu o recado e ocupou a banqueta do meio que Cat tinha deixado livre, enquanto Laila se acomodava ao seu lado. Jeremy entrelaçou as mãos sobre a bancada da ilha e tentou acalmar o coração, que ainda batia rápido demais. Por alguns minutos ninguém falou nada, e a cozinha foi se enchendo aos poucos do cheiro de pimentão e gordura.

— Desculpe — disse ele. — Alguém pode mandar uma mensagem pro treinador avisando que vou ficar sem celular por um tempo?

— E a William e às periguetes também — acrescentou Laila e puxou o celular dela. Ela digitou algumas mensagens rápidas e depois se inclinou para olhar Jean por cima do ombro de Jeremy. — Posso colocar você no grupo ou ainda não está pronto para tanta socialização?

— Eu também destruiria meu celular se ele tocasse tanto quanto os de vocês — disse Jean.

Laila revirou os olhos e voltou a digitar.

— Às vezes um simples "não" já resolve.

— Uma palavra só quase nunca é rude o bastante para deixar o recado entendido.

— Vou passar seu número para Cody — decidiu Laila.

Jean não respondeu. Jeremy se pegou pensando se ele tinha percebido que era uma discussão perdida ou se de fato não via motivo para protestar. Os dois tinham passado boa parte do jantar conversando no fim de semana anterior, e Cody andava arranjando desculpas para falar com Jean nos treinos sempre que podia, sem invadir o espaço de Xavier. A lembrança aqueceu de leve o peito de Jeremy, que enfim conseguiu respirar sem a sensação de que os pulmões estavam prestes a partir ao meio.

Ele se virou para Jean.

— Você quer falar sobre o Neil?

Jean torceu o lábio.

— Você quer falar sobre o Joshua?

— Francês, então — respondeu Jeremy. Jean franziu a testa, nitidamente perdido com a mudança brusca de assunto. Jeremy sorriu, como se a provocação do amigo não tivesse acertado em cheio seu ponto fraco. — Quando nos encontramos pela primeira vez, você me bateu quando perguntei se me ensinaria. Mas ontem à noite você não pareceu se importar com o fato de o Neil falar francês.

— Eu não tinha permissão para falar francês no Ninho — respondeu Jean, num tom que deixava nítido que Jeremy estava sendo obtuso de propósito. — Quando descobriram que eu estava ensinando Kevin mesmo assim, ficaram… furiosos. — Pela maneira como Jean desviou o olhar, Jeremy percebeu que aquilo era um eufemismo enorme. Também era interessante saber que Kevin falava francês, mas ele guardou aquela informação para depois, porque Jean continuou: — Eles se aproveitaram disso mais tarde, quando convinha, mas nunca me perdoaram por aquela desobediência.

Jeremy revisou as opções que tinha e as possíveis reações de Jean antes de perguntar:

— Então não é saber, é ensinar. Quer dizer que posso aprender em outro lugar e tudo bem, certo? Acho que não consigo encaixar mais uma matéria na minha grade esse semestre sem ter que cortar outra, mas aposto que consigo encontrar algum curso em CD ou algo assim. Neste outono, vou dirigir bastante, indo e voltando do campus para casa.

— Dirigir demais — murmurou Laila, quase para si, mas Jeremy fingiu não ouvir.

Jean tamborilou as unhas na lateral da caneca.

— Não tem por que aprender. Meu inglês é aceitável.

— Seu inglês é fantástico — respondeu Jeremy. — Não é por isso. É sua língua materna, e nenhum de nós aqui pode falar com você nessa língua. Isso já é motivo suficiente pra eu querer aprender. — Jeremy esperou alguns instantes para que ele ponderasse antes de continuar: — Se você não quiser que eu estude, eu não estudo. Só me diga agora se isso te incomodaria.

Jean o observou, talvez à espera de um motivo melhor ou avaliando a sinceridade de Jeremy, e por fim disse:

— Faça como quiser.

Jeremy sorriu, vitorioso, mas o sorriso logo desapareceu.

— Falando no Kevin, acho que alguém deveria contar a ele o que está acontecendo. Não sei se seria bom ele descobrir pelas notícias que um dos ex-companheiros de equipe morreu em Los Angeles.

— Ele não vai se importar — respondeu Jean. Quando Jeremy franziu a testa para ele, Jean fez um gesto displicente com a faca e empurrou os pedaços de pimentão espalhados para formar um monte na tábua. — Os Corvos eram um meio para um fim, e ele sempre foi inegavelmente superior ao restante. Ele não vai perder tempo fingindo luto por um peso morto; vai ficar tão calado sobre este quanto ficou sobre os outros.

À primeira vista, parecia uma avaliação cruel do caráter de Kevin, mas Jeremy já tinha ouvido opiniões demais sobre o rapaz ao longo dos anos para descartar aquilo de imediato. Se a recusa de Kevin em falar com a imprensa sobre os Corvos naquele verão se devia à indiferença ou ao luto, era uma questão para outro dia; quando ele fosse à cidade para a entrevista conjunta em agosto, Jeremy poderia perguntar diretamente e obter uma resposta cara a cara.

— Não é só por causa do Grayson — respondeu Jeremy, tentando, sem sucesso, cruzar o olhar com o de Jean. — Você se machucou ontem. Kevin vai

querer saber.

— Ele não vai se importar — repetiu Jean.

Jeremy ficou pasmo.

— Ele é seu amigo.

— Não é, não.

A recusa foi tão incisiva que Jeremy perdeu o fio da meada. Lançou um olhar aflito para Laila, que apenas estudava Moreau com uma intensidade cortante. Jeremy voltou a encarar Jean e tentou de novo:

— Foi ele quem recomendou você pra gente. Fez o que pôde esse verão para tornar a transição mais fácil pra todos nós. E você acha mesmo que ele não iria querer saber que você está bem? Você está pensando pouco dele.

— E você está pensando demais dele. Não sabe nada a nosso respeito.

— Vocês dois sofreram abusos no Ninho — retrucou Laila, e Jean ficou imóvel. — Você sabe quem quebrou a mão dele, e ele sabe quem quebrou as suas costelas. Mas nenhum dos dois vai confrontar Edgar Allan e colocar a culpa em quem ela pertence de verdade. Ele poderia ter dito algo na primavera, quando estavam espalhando rumores horríveis a seu respeito. Por que não disse?

— Não sei o que é mais ofensivo, você achar que ele poderia ter mudado algo ou achar que algum de nós queria que ele mudasse. — Jean bateu a faca na tábua quando Laila estava prestes a protestar. — Os Corvos teriam destruído Kevin se ele ousasse se voltar contra eles, e eu teria ajudado. Um Corvo não se volta contra o Ninho.

— Você diz isso, mas está com raiva porque ele não conseguiu proteger você.

— Ele não era meu parceiro. Não era obrigação dele me proteger, e eu não queria que me protegesse. Só queria que ele morresse.

Jeremy ficou momentaneamente sem reação.

— Você não está falando sério.

Jean cravou os dedos com crueldade nas próprias ataduras.

— Fiquei feliz quando Kevin machucou a mão. O Exy é tudo o que ele tem e tudo o que ama; eu sabia que perder isso ia destruí-lo. Um mês no Ninho sem jogar, talvez dois, e ele não teria outra saída senão se matar. Eu só continuava vivo porque prometi a ele que ia sobreviver. Se ele morresse, quem poderia me cobrar essa promessa? Eu teria furado os pneus do carro de Kevin antes de permitir que ele fugisse, e ele sabe disso.

O silêncio que se seguiu àquela confissão perturbadora era fundo o bastante para se perder nele, e então Cat empurrou a frigideira para uma boca fria do fogão para poder se juntar a eles na ilha. Ela estendeu a mão vazia, a palma para

cima, e não disse nada. Jean olhou do rosto dela para a mão enquanto tentava entender e então fez menção de passar a faca. Cat envolveu o pulso dele com os dedos e esperou que ele tornasse a erguer os olhos antes de falar.

— Fico feliz que você esteja vivo — disse ela. — Estou muito feliz que esteja aqui com a gente, e espero que você também esteja. Espero que nos diga quando não estiver, para que a gente possa ajudar. Você é nosso amigo, e nós amamos você.

Jean se encolheu por inteiro.

— Não diga isso.

Cat ergueu o queixo, em desafio.

— Por que eu não diria? É a verdade.

— Não pode ser. Eu sou só…

O que quer que Jean fosse dizer morreu em sua garganta, e Jeremy viu a luz se apagar dentro dele. Era a mesma expressão com que ele voltara para casa na noite anterior: o olhar vazio de um homem que estava ficando sem nada em que se agarrar. Jean se desvencilhou da mão de Cat com tanta força que quase a puxou para cima da ilha. A faca caiu no chão no meio do caminho até a porta quando ele saiu tempestade afora, e Jeremy já tinha se levantado do banco antes mesmo de Laila chamar seu nome.

Ele alcançou Jean no quarto dos dois. Jean estava sentado no meio da cama, de pernas cruzadas, com uma das mãos cerrada em torno do tornozelo e a outra agarrada à camisa sobre o coração. Não ergueu os olhos quando Jeremy entrou. Jeremy subiu na cama com todo o cuidado que conseguiu, à espera de uma rejeição que não aconteceu, e se acomodou de costas para ele. Jean estava tenso como uma tábua, mas não se afastou.

— Posso ficar aqui? — perguntou Jeremy. — Não digo mais nada, se você não quiser.

A voz de Jean estava áspera como cascalho.

— Você é meu parceiro. Não vou mandar você sair.

Jeremy se perguntou como Jean ainda conseguia depositar fé num sistema que o havia traído de modo tão horrível, mas mencionar Riko naquele momento seria cruel, e Jeremy já o tinha visto contornar o nome de Zane vezes suficientes para saber que o homem era um assunto igualmente delicado. Talvez um dia perguntasse. Naquele momento, havia problemas maiores, nenhum deles fácil de solucionar. A saída a que Jeremy recorreu não era a que pretendia usar num primeiro momento, mas, com a mensagem de Joshua corroendo seus pensamentos, foi o que acabou escapando.

— Eu também não gostei da primeira vez que ela me disse isso — admitiu. Jean não respondeu, mas Jeremy sentiu que ele virava a cabeça e soube que estava ouvindo. — Parecia que eu tinha esperado uma eternidade, então não foi nada justo ouvir isso dela primeiro. Não é ridículo?

— A maioria das coisas em você é — observou Jean.

Jeremy riu.

— É, acho que você tem razão. Mas, Jean? Eu também fico feliz que você esteja aqui. Nossa vida é melhor com você nela.

— A minha seria melhor se você parasse de falar.

O tom soou cansado, mas não irritado, então Jeremy escolheu não levar para o lado pessoal. Fechou os olhos e se permitiu relaxar, testando a facilidade com que Jean acolhia o peso dele sem protestar. Não sabia que horas eram nem quanto tempo ainda tinha antes de precisar pegar o caminho de casa, mas Jeremy não estava com pressa nenhuma de descobrir. Aquilo bastava, por enquanto: o calor das costas de Jean contra as suas e o silêncio que envolvia os dois, enquanto Jean se ocupava com seus pensamentos indecifráveis.



CAPÍTULO TRÊS

Jeremy

Por um instante de puro delírio, Jeremy achou que conseguiria ser o primeiro a sair dali. Era sempre uma disputa imprevisível, já que a velha disposição dos assentos à mesa colocava os filhos Wilshire-Knox por idade. A cadeira de Joshua era praticamente decorativa, então Annalise era o único verdadeiro obstáculo. Na maior parte do tempo, ela tinha pressa de se afastar de Jeremy e do drama que sua presença invariavelmente provocava, mas, naquele dia, estava distraída respondendo a algumas mensagens. Ele conseguiu se levantar antes dela e chegou até a porta da sala de jantar antes que a mãe o detivesse com um tom seco.

— Jeremy.

A voz dela o paralisou como uma âncora, fazendo-o parar a dois passos da liberdade.

Jeremy se virou para encará-la, mas Mathilda já estava ocupada ajudando Warren com as abotoaduras. Warren iria sair para beber com alguns amigos

naquela noite. Jeremy preferiria que os dois tivessem saído para jantar; assim, ele teria sido poupado de pelo menos parte do estresse daquela noite. No entanto, sua sorte andava curta nos últimos tempos.

Annalise se aproximou e fez um gesto impaciente para que Jeremy saísse da frente. Warren foi logo atrás, sem dar sinal algum de ter notado o enteado parado ao lado. Bryson continuou sentado à mesa. Enquanto os outros saíam, Mathilda o encarou com um olhar glacial.

— Precisa de algo mais?

— Estou terminando o chá — respondeu Bryson, sem fazer menção de beber.

Ele tinha ficado ali só para bisbilhotar, e os dois sabiam muito bem, mas Jeremy não podia apontar o óbvio, e Mathilda não perderia tempo fazendo aquilo por ele. Ela aceitou a mentira de Bryson em silêncio e lançou um olhar sagaz para Jeremy.

— Suas apostilas do teste de admissão de Direito ainda estão no plástico — comentou ela.

Estavam, sim, lacradas e enfiadas no fundo da gaveta da escrivaninha. Saber que ela tinha mexido no quarto dele não era tão surpreendente quanto Jeremy gostaria. Todos aqueles anos tentando reconquistar a confiança da mãe não tinham servido de nada; bastava uma ligação da polícia para que ela sempre recomeçasse a presumir o pior dele.

Ele demorou demais para responder, e o tom de Mathilda ficou mais firme ao dizer:

— Explique-se.

— Ainda é cedo para se preocupar — respondeu Jeremy em uma tentativa de tranquilizá-la. — Eu ainda tenho tempo.

— Quanto antes você se candidatar, melhores serão suas chances — retrucou Mathilda. — Você devia ter feito a prova na primavera. No mínimo, devia ter se inscrito para uma data no verão. Em breve começam as aprovações, e você nem perto de estar pronto. Não é o tipo de prova que você simplesmente levanta da cama e vai fazer sem preparação. Você entende isso, né?

Bryson ergueu a xícara para Jeremy.

— Eu falei, não falei? Ele está planejando reprovar pra envergonhar a gente de novo.

Mathilda comprimiu os lábios em desaprovação.

— Jeremy.

— Não estou — rebateu Jeremy. — E não vou. O verão passou voando porque eu estava ajudando o Jean a se adaptar a Los Angeles. — Levou tempo demais para que ela entendesse de quem ele estava falando, ainda que a agressão sofrida por Jean tivesse sido justamente o que forçara aquela conversa. Jeremy não conseguiu esconder a impaciência quando falou: — Jean Moreau, o aluno transferido que foi atacado no campus ontem.

— O mais novo viadinho dos Troianos — zombou Bryson. — Você já trepou com esse também?

Jeremy se virou para ele na mesma hora.

— Por quê? Warren está atrás de outra BMW?

A voz de Mathilda estalou como um chicote:

— Jeremy Alan.

Jeremy precisou de todas as forças para desviar o olhar do sorriso frio de Bryson.

— Ele passou dos limites.

— Bryson, pare de provocar seu irmão — reclamou Mathilda. — Vá dar uma volta.

Bryson terminou o chá, empurrou o copo vazio para o lado para que outra pessoa se encarregasse daquilo e saiu da sala, lançando a Jeremy um último sorriso malicioso. Jeremy desejou que a sala de jantar tivesse uma porta que ele pudesse bater com força assim que Bryson saísse. Teve que se contentar em cruzar os braços com tanta força que as costelas doeram. Quando voltou a encarar a mãe, não havia compaixão nem afeto em seus olhos, apenas decepção. Um dia ele deixaria de esperar qualquer coisa além daquilo.

Ela ficou alguns segundos em silêncio antes de perguntar, a contragosto:

— Isso é um sim ou não?

— Não. — Quando percebeu que ela não parecia convencida, ele repetiu: — *Não*. Ele nem faz meu tipo.

Era uma mentira descarada, mas a verdade era complicada demais para a mãe suportar. A simples lembrança de que Jeremy tinha um tipo a deixou tão desconfortável que ela nem insistiu. Jeremy desviou o olhar enquanto Mathilda tentava encontrar algum ponto de equilíbrio emocional entre o arrependimento e a repulsa.

— Eu queria que você se entendesse com aquela garota. A mestiça que você vive visitando, seja lá qual for o nome dela. A filha de um diplomata seria um bom partido pra você.

— Isso nunca vai acontecer.

— Seria assim tão terrível tentar? Ela até que é bonita, considerando tudo.

Jeremy sabia exatamente o que ela queria dizer com *considerando tudo*, e aquilo bastou para embrulhar seu estômago.

— Nossa, mãe. Será que a gente pode não fazer isso hoje?

Mathilda não cedeu.

— A guerra está afetando a opinião pública. Precisamos dar uma resposta efetiva: não temos desavença nenhuma com nossos vizinhos muçulmanos aqui, só com os terroristas que ameaçam nossa segurança e nossa soberania lá fora.

— Ela nem é praticante — disse Jeremy.

— Melhor ainda.

O alívio no sorriso dela o irritou tanto que ele disparou:

— Nabil é muçulmano. E quanto a ele?

Jeremy se arrependeu da insolência no mesmo instante; o olhar revoltado que ela lançou foi o suficiente para fazê-lo baixar os olhos para o chão. Mathilda não perdeu tempo respondendo ao comentário dele, mas precisou de um instante para se recompor. Quando enfim se sentiu capaz de falar, retomou exatamente de onde tinha parado:

— Recebê-la na família poderia cair bem para seu avô, se a equipe dele conseguir descobrir uma forma segura de vender isso. Ele vem perdendo espaço com os eleitores mais jovens. Eles têm mais opinião do que juízo.

— Ele *não* é meu…

— Chega — cortou Mathilda. — Já tivemos essa conversa milhares de vezes.

Jeremy enterrou as unhas nas mangas engomadas da camisa que William tinha deixado separada para ele. O silêncio se estendeu entre eles, tenso e frágil o bastante para cortar. Jeremy procurou qualquer saída dali e acabou ficando com a mentira mais fácil:

— Eu vou pensar a respeito.

— Ótimo. É só isso que estou pedindo.

Ela não entendia o que estava pedindo, ou não se importava. Jeremy não queria saber qual das duas opções era a verdade. Tentou puxar a conversa de volta aos trilhos com uma oferta de paz.

— Eu vou levar as apostilas de volta ao campus comigo.

— Nem precisa. Pedimos um segundo conjunto pra você ter um em cada lugar. William sabe onde estão; fale com ele antes de sair. — Diante do aceno fraco dele, ela enfim atravessou a sala e se aproximou. Com dedos gentis, afastou o cabelo do rosto dele e murmurou, pensativa, enquanto o observava: — Estou

começando a gostar, mas você vai precisar retocar logo. Vou avisar a Leslie para esperar a cobrança.

— Obrigado.

— Pode ir — disse ela, soltando-o. — Por enquanto, é só.

Jeremy deveria ter ido atrás do mordomo, mas seguiu direto até a escada. Não ficou nada surpreso ao encontrar Bryson à sua espera no topo da escada. Com o irmão plantado bem no centro do patamar, Jeremy não teve escolha a não ser parar dois degraus abaixo e olhar para cima. Bryson o avaliou com um olhar semicerrado de arrogância altiva, as mãos enfiadas fundo nos bolsos da calça social cinza.

— Pra falar a verdade, estou feliz que você vai reprovar no teste — provocou Bryson. — Seria perturbador ver você enfim fazer algo certo.

— Me deixa passar — retrucou Jeremy. — Preciso voltar ao campus.

O sorriso de Bryson irrompeu devagar, pegajoso.

— Eu disse que estou feliz que você vai reprovar. Pelo menos nas primeiras vezes que fizer. — Jeremy abriu a boca para discutir, mas Bryson o atropelou com uma facilidade ensaiada: — Um favor pelo outro. Você faz isso por mim, e eu garanto que a mamãe não encontre nada inesperado no seu quarto da próxima vez que ela resolver fazer uma caça ao tesouro. O que você acha?

— Ameaça vazia. Não tem nada pra encontrar.

— Eu não teria tanta certeza. Aposto que eu encontro praticamente qualquer coisa lá dentro, se eu procurar direito.

Jeremy levou só um instante para entender.

— Não se atreva.

— Por favor — Bryson o instigou.

— Vou falar pra ela que é seu — avisou Jeremy.

O peso repentino da mão de Bryson na nuca o paralisou, e Jeremy encarou o rosto do irmão. A expressão de Bryson parecia calma, mas ele nunca tocava em Jeremy a não ser quando estava pronto para colocá-lo no lugar.

— Colocar a culpa em mim não te salvou da última vez, mas tudo bem, vamos repetir o mesmo truque de sempre.

Foi o bastante para fazer o coração de Jeremy bater mais forte.

— Eu nunca coloquei a culpa em você.

— Mas me arrastou junto mesmo assim. — Bryson segurou mais um momento, só para ter certeza de que Jeremy não diria mais nada. Então estalou a língua em reprovação e o soltou. — A gente vai tirar o melhor disso, de um jeito ou de outro. Quer saber? Eu até restabeleço seu desconto de amigos e família.

Você vai precisar dele para ter em que se apoiar quando tiver estragado de vez sua vida.

Jeremy nem precisava tanto assim se trocar; podia pegar a roupa da próxima vez que voltasse para casa. Ele recuou um passo, tentando ignorar o sorriso vitorioso que parecia partir o rosto do irmão ao meio, e se virou para ir embora. O caminho de fuga foi bloqueado por William, que subia a escada com um pacote na mão. Jeremy travou, tentando adivinhar quanto William tinha ouvido. Bryson aproveitou a hesitação para cutucá-lo com o cotovelo e começar a descer.

— Vou receber os arranjos da minha viagem em breve, imagino? — indagou Bryson.

William se virou de lado para dar passagem a Bryson.

— Deixei o envelope na caixa de correspondência.

Jeremy não ficou por perto para ouvir a resposta de Bryson; em vez disso, marchou para o quarto. Deixou a porta aberta, já que William entraria em um instante, e começou a desabotoar a camisa social com mãos trêmulas. Ele jogou a camisa no cesto de roupa suja e ainda estava arrancando o cinto quando William bateu de leve no batente.

— Sim. — Jeremy ouviu a aspereza na própria voz e engoliu em seco.

— Seus livros — respondeu William conforme entrava para deixá-los sobre a mesa de cabeceira. Ele recolheu a camisa do chão, avaliou por um segundo se ainda dava para aproveitar depois de apenas uma hora de uso e a apoiou no braço, como quem fica à espera. Assim que Jeremy tirou a calça, William pegou a peça.

— Bryson vai estar em Edmonton na próxima semana — disse enquanto juntava os sapatos de Jeremy.

Era uma promessa de trégua por alguns dias, mas Jeremy não conseguiu se sentir melhor. Não confiava em si para responder, então enfim rasgou o pacote de uma vez. Ele já sabia o que William tinha levado, mas a visão das apostilas do exame de admissão para a faculdade de Direito fez o estômago dele embrulhar. Notou, vagamente, William se aproximar outra vez e parar ao seu lado, mas só olhou quando um lampejo azul atravessou o canto do olho. Ele erguia um dos celulares antigos de Jeremy.

William esperou que ele o pegasse antes de dizer:

— A srta. Dermott disse que seu celular está temporariamente fora de serviço. Consegui encontrar este aqui, mas ainda não transferi seu número. Ela achou que talvez desse pra recuperar o seu.

— Eu deixei o aparelho cair no café — admitiu Jeremy, e William se afastou um pouco, dando espaço.

Jeremy atirou as apostilas na cama e inspecionou o celular. William devia ter colocado para carregar durante o jantar, porque a tela acendeu assim que ele apertou os botões. Jeremy sentiu o coração subir para a garganta, um aviso para não se prender àquilo, mas não conseguiu se segurar.

— O Joshua me mandou mensagem.

Ele sentiu o peso do olhar calmo de William sobre si, mas não conseguiu erguer os olhos do celular para encarar de volta. William aguardou um minuto, à espera de se certificar se Jeremy falaria algo mais, depois disse:

— Imagino que ele não tenha sido gentil.

Jeremy colocou o celular na mesa de cabeceira antes que o arremessasse.

— Eu não mereço gentileza dele. Eu só quero… — *Perdão* era pedir demais, e *reconciliação* não estava muito atrás também. Jeremy achou que se contentaria, pelo menos, com o ódio de Joshua, porque aquilo significaria que pensava nele o bastante para ter uma opinião; mas a mensagem daquela manhã quase lhe cortara a alma. Ele terminou, sem força: — Eu não sei.

— Se você não sabe do que precisa, como ele poderia te dar? — perguntou William.

— Já tive minha sessão de terapia do mês, obrigado.

A expressão de William continuou calma, mas havia uma repreensão cuidadosa no seu tom de voz quando disse:

— Da semana.

A correção fez Jeremy se encolher, e ele olhou para a porta aberta. Sabia que William nunca trairia sua confiança de propósito, porém mesmo assim o colocara numa situação desconfortável ao contar a verdade no ano anterior. Jeremy ficou atento em uma tentativa de captar qualquer sinal de que tivessem sido ouvidos, mas, por mais que se esforçasse, só encontrou silêncio.

Por fim, ele colocou a camiseta branca e o short amarelo-ouro berrante com que tinha chegado. A roupa rendera um comentário bem ácido de Warren, mas era melhor aguentar o desprezo e estar confortável do que usar camisa passada e calça dura de goma por mais tempo do que o necessário. Ele enfiou o celular antigo em um dos bolsos e pegou as apostilas indesejadas.

Jeremy se sentia inquieto e fora do eixo, em carne viva sob o antagonismo e as expectativas da família. Sabia o que resolveria aquilo — sabia algumas coisas, na verdade —, mas não tinha certeza de que conseguiria fazer. Caminhou até a porta, confiando que William o acompanharia.

Por cima do ombro, disse:

— Vou correr um pouco e desanuviar a mente antes de encarar o trânsito atravessando a cidade. Se alguém estranhar meu carro ainda estar ali na frente quando eu já deveria ter ido embora…

— Eu explico, caso questionem — disse William, quando ele deixou a frase no ar.

— Ah. — Jeremy hesitou no meio da escada. — Vou começar a estudar francês. Tem ideia de qual é o melhor curso hoje em dia?

— Vou me informar — prometeu William.

— O que eu faria sem você? — perguntou Jeremy.

— O que qualquer um de vocês faria?

Pela primeira vez em muito tempo, a resposta usual de William partira sem o humor seco de sempre, mas Jeremy sabia que aquele mau humor não era exatamente com ele. Desceu o restante da escada de dois em dois degraus e pegou as chaves no caminho para a porta. Passou pelo carro só para jogar o celular e os livros no banco do passageiro e então saiu em um trote lento rua acima. Era tudo um teatrinho — ele já tinha visto tudo de que precisava no caminho até ali, mas era necessário para fazer aquilo dar certo.

Duas ruas acima e uma para o lado ficava a casa de Leonard Foster. Nas noites de sexta-feira, Tessa Foster organizava, no gramado da frente, um clube do livro à luz de velas chamado "Café e crime". Ela já estava montando tudo quando Jeremy entrou no bairro, mas ele se interessou menos por ela do que pelo carro preto e familiar parado no começo da entrada de carros.

Jeremy deu uma volta sem pressa pelo bairro, passando os olhos por gramados impecáveis e varandas enormes, à procura de olhares curiosos. Não deveria estar a menos de quinze metros da casa dos Foster, e qualquer pessoa que importasse sabia daquilo. Warren era tão generoso com os amigos quanto era cruel com o enteado de quem menos gostava.

Quando se deu por satisfeito com as janelas fechadas e os gramados vazios, Jeremy retornou à casa de Leo. A maior parte do quintal era emoldurada por árvores bem podadas, e Jeremy sabia, por experiência, qual trecho da cerca tinha menos trepadeiras floridas enroladas. Escalar e passar por cima com tão pouco espaço para se apoiar foi desconfortável o bastante para dar uma fisgada leve no joelho, mas Jeremy conseguiu entrar no quintal sem que ninguém desconfiasse.

Dali em diante, era uma caminhada já ensaiada: subiu os degraus do pátio até o deque inferior e deu um salto quase longo demais até a sacada do segundo andar. Por sorte, a grade de metal ali tinha ganchos e arabescos, oferecendo

vários pontos de apoio enquanto ele se içava. A parte mais difícil era passar do segundo para o terceiro andar, porque não havia um caminho direto. Jeremy precisava alcançar a sacada privativa do lado de fora da suíte antes de conseguir subir até a que ficava em frente ao quarto de Leo, e ele cruzou os dedos antes de saltar.

Por fim, estava onde precisava estar. A porta de correr do quarto de Leo, como sempre, estava destrancada, e as cortinas amarelas estavam bem cerradas. Jeremy abriu a porta só alguns centímetros e enfiou o ouvido na fresta para escutar. Um minuto se arrastou sem nenhum som, e Jeremy se permitiu abrir um pedacinho da cortina. Leo estava escorado em uma quantidade indecente de travesseiros, deitado, com os fones apertados na cabeça enquanto folheava uma revista. A porta do quarto, do outro lado, estava aberta, mas, sem ver movimento nenhum no corredor, Jeremy puxou mais a cortina.

Precisou acenar mais de uma vez para chamar a atenção de Leo, e o outro se assustou tanto que os fones saíram do lugar. Leo o encarou por um instante e então se jogou para fora da cama e correu para fechar a porta do quarto. Teve bom senso de fazer aquilo sem barulho, e Jeremy entrou assim que Leo girou a chave.

— Meu Deus, Knox, custava avisar? — perguntou Leo. — E se a minha mãe visse você?

— Ela está enfiada até o pescoço em alguma história bem sórdida com as amigas — disse Jeremy. — Quer que eu vá embora?

— Porra, não. — Leo já puxava a camisa pela cabeça, e Jeremy riu ao fazer o mesmo.

Uma corrida de verdade teria sido o mais seguro a ser feito, mas se perder nos beijos famintos de Leo e naquele abraço conhecido era infinitamente mais satisfatório. O verão era um tédio quando os casos habituais de Jeremy estavam todos fora da cidade. Ele tinha encontrado algumas caras novas em cafeterias e bares em maio, indo e vindo da casa dele para a de Laila, mas passara junho completamente distraído por Jean. Jeremy sentira falta daquilo. De Leo também, pra ser honesto, mas havia tanta amargura no garoto quanto nostalgia.

Leo esperou até depois de os dois se esgotarem para sorrir de um jeito felino contra a têmpora de Jeremy.

— Não que eu esteja reclamando, mas a que devo a ocasião?

— Eu não posso visitar um velho amigo? — Jeremy se inclinou para um último beijo demorado e ganhou, em troca, uma mordiscada no lábio inferior.

Leo o acompanhou com um olhar malicioso quando Jeremy saiu da cama. Jeremy quase ouviu as engrenagens girando enquanto Leo pensava e sabia que não demoraria para ele chegar às conclusões certas. Afinal, tinham estudado no mesmo colégio. Foram do mesmo time por quatro anos e amantes desajeitados e nada discretos durante a maior parte de um ano. Então Warren disse que daria um carro a Leo se ele saísse da cama de Jeremy, e Leo levou apenas duas horas para escolher de que lado ficaria.

Sempre que voltava para casa nas férias, ele estacionava a BMW onde Warren decerto veria. Por um tempo, Jeremy chegara a cogitar arranhar a lataria com a chave até arruinar a pintura, e, durante dois anos, sentira-se enjoado só de olhar para aquele carro. No ano anterior, tinha esbarrado em Leo por acaso na praia, que o levara para um passeio pela costa para profanar o banco de trás. Depois daquilo, o carro incomodava um pouco menos, mas ainda havia um abismo entre eles que nenhum dos dois conseguia consertar.

— Bryson está na cidade — concluiu Leo. — Quando é que aquele pau no cu vai embora de vez? A Annie foi.

— Annalise — corrigiu Jeremy, pouco importando que a irmã nem estivesse ali para se ofender com o apelido. Jeremy empurrou o jeans de Leo com o pé, à procura da outra meia, e, por fim, a achou perto do rodapé. — E, enfim, quem tem teto de vidro, não joga pedra no teto dos outros, não é mesmo? Não é como se a gente também já tivesse saído de casa.

Leo se sentou só para, em seguida, desabar de volta contra a cabeceira. Coçou o peito nu, distraído, e observou com interesse Jeremy se vestir.

— Nós estamos na graduação — disse, mas só depois que a bunda de Jeremy sumiu dentro da boxer e do short brilhante demais. — Como ele vai ser contratado por um escritório em Manhattan se volta pra cá com tanta frequência? Posso ligar pra algumas pessoas, talvez, ver se consigo soltar o nome dele pra turma certa. Não que um Wilshire precise da minha ajuda pra conseguir colocação, quero dizer.

— Ele não é um Wilshire.

Leo não se abalou com o tom seco, apenas fez sinal para Jeremy voltar. Jeremy colocou a camisa antes de deixar Leo puxá-lo para perto.

— Ah, agora sim — disse Leo e passou o polegar pela linha firme da boca de Jeremy. O aperto dele no pulso de Jeremy ficou forte a ponto de machucar quando ele tentou se soltar, e Leo o beijou, como se quisesse amenizar o impacto das próprias palavras: — Essa negação não salvou você naquela época nem vai salvar agora. Ele fez a escolha dele, e você fez a sua, *Knox*.

— Me solte.

— Pra que essa pressa? — Leo o soltou e ajeitou mais um travesseiro atrás da cabeça. — Vamos conversar um pouco. Você está escondendo coisas de mim.

— Eu já fiquei tempo demais. — Jeremy atravessou o quarto e apontou para a cortina. — Ande.

— Amar é deixar — zombou Leo.

Jeremy lançou um olhar frio.

— Você fez essa escolha por nós dois.

— E faria de novo — retrucou Leo, sem um pingo de culpa nem vergonha.

Pelo menos teve juízo de se levantar, ciente de que aquelas palavras eram capazes de mandar Jeremy para a sacada sozinho. Fez uma tentativa meia-boca de achar a cueca antes de ir, sem pressa, até Jeremy, nu. Jeremy saiu do campo de visão quando Leo escancarou as cortinas, porém não se deu ao trabalho de abrir a porta de correr.

— Não faça jogo duro. Você tem um Corvo na sua escalação. Como conseguiu isso?

— Sorte — disse Jeremy.

Leo esperou, mas Jeremy apenas o encarou em silêncio. Então ele deu de ombros de forma exagerada e disse:

— Já era hora de os Troianos largarem essa farsa, sinceramente. Vai ser bom ver vocês jogarem sujo este ano. Vai ser bom pra você também. Você tentou do jeito deles por quatro anos… e o que isso te trouxe, além de fracassar bem na linha de chegada?

— Do nosso jeito. — Jeremy virou o rosto para fugir do beijo de Leo. — Contratar o Jean não significa que vamos mudar a maneira como fazemos as coisas. Eu não quero que a gente mude.

— Você só pode estar brincando.

— Eu acredito na gente — insistiu Jeremy. — Dá pra ganhar sem abrir mão de quem queremos ser.

O sorriso de Leo era divertido demais para ser interpretado como pena.

— Você nem conseguiu vencer as Raposas quando mais importava.

Jeremy se arrependia da derrota, mas não da escolha que o time tinha feito naquela noite. Tentar se explicar para Leo só acabaria em briga, então ele sustentou o olhar em silêncio até Leo enfim desviar. O outro abriu a porta e saiu para a sacada. Fez um teatrinho de alongar e bocejar, girando a cabeça devagar enquanto conferia as janelas dos vizinhos em busca de testemunhas.

Quando terminou, fez um gesto afirmativo, e Jeremy saiu ao lado dele. Leo apoiou o cotovelo no corrimão e falou:

— Cuidado com as rosas quando pular. Minha mãe me mata se você estragar o canteiro dela.

— Tá, tá.

Jeremy se ergueu sobre a grade. Descer do terceiro andar era um pouco mais fácil do que subir. O salto do terceiro para o segundo era o mais incerto, sempre um instante mais longo do que ele esperava, mas ele conseguiu não cair sobre o conjunto de móveis do pátio quando aterrissou. Descer até o jardim foi mais simples, mãos deslizando pela estrutura e um impulso na grade para não cair nos arbustos. Leo já devia ter voltado para dentro, então Jeremy arrancou uma rosa branca do caule e saiu depressa para o outro lado do quintal.

Foi um trote curto dali de volta para casa. Jeremy apalpou o bolso à procura das chaves ao chegar à entrada circular. A rosa ficou no porta-copos, bem guardada, e ele lançou um olhar para a fachada da casa enquanto girava a chave na ignição e saía.

Se envolver com Leo tão perto de casa era arriscado, mas tinha sido a decisão certa. Depois do encontro, o peso inevitável de um jantar em família já não passava de um incômodo leve no peito, fácil de ignorar sob a lembrança das mãos ávidas de Leo.

Jeremy tamborilou os dedos no volante, fora de ritmo, antes de ligar o rádio para abafar os pensamentos. Não tinha o menor talento para cantar, mas arriscou as letras que conhecia com toda a empolgação que conseguiu reunir. Foi o bastante para acalmá-lo, e, quando chegou à casa de Laila, já tinha se esquecido de vez do jantar. Estacionou na entrada da garagem, bloqueando o carro dela, e entrou com as coisas.

A televisão estava ligada, mas dali não dava para saber o que passava. Ele tirou os sapatos com a ponta do pé e foi procurar os amigos, parando à porta da sala ao perceber que as meninas tinham adormecido ali. Cat estava largada contra o encosto do sofá, enquanto Laila usava a coxa dela como travesseiro. Jeremy achou o controle remoto e tirou o som da TV. Nenhuma das duas se mexeu com o silêncio repentino. Ele considerou acordá-las — ainda era cedo demais para irem dormir —, mas elas teriam o fim de semana inteiro para ajustar o relógio biológico.

Encontrou Jean na cozinha. O defensor de olhos cinzentos folheava um dos livros de receita surrados da Cat, e a postura relaxada dos ombros era reconfortante. Jeremy observou a expressão tranquila dele e tentou não pensar

no comentário ácido de Leo. Jean marcou a página com o dedo e ergueu o olhar, e Jeremy sorriu em desculpa pela interrupção.

— Sabe dizer há quanto tempo elas apagaram? — perguntou.

Jean olhou para o relógio.

— Uma hora, no máximo.

Jeremy deixou suas coisas de lado e foi procurar um vaso improvisado para a rosa. Pegou um copo limpo no armário, encheu até a metade com água e colocou a flor ali. Havia espaço no parapeito da janela, então ele a deixou entre uma foto do Au-au de Lativeira e um vaso de terracota vazio. Deu alguns passos para trás e enquadrou a cena com os dedos enquanto avaliava o resultado.

Satisfeito, voltou-se a Jean em busca de opinião. Jean não percebeu, porque estava encarando os materiais de estudo de Jeremy com um desprezo evidente. Jeremy esqueceu o que ia dizer e foi até a bancada, virando as apostilas com cuidado. Jean lançou um olhar frio, mas Jeremy apenas perguntou:

— Aconteceu algo enquanto eu estava fora? Alguma atualização ou ligação que a gente precise resolver?

Ele esperava que Jean deixasse o assunto morrer ali. Com uma ou outra exceção, Jean tinha evitado qualquer coisa pessoal durante todo o verão. Nem mesmo o fiasco do celular de Jeremy naquela tarde tinha rendido mais do que uma provocação rápida. Aquilo deveria seguir o padrão — só que não seguiria, porque faculdade de Direito e uma carreira no Exy não eram compatíveis. Jeremy devia ter levado aquilo em conta, mas o comentário irritado de Jean o pegou desprevenido:

— Isso não é seu.

— É, sim — disse Jeremy. — Vou fazer a prova no outono.

Jean deu um instante para ele dar uma resposta melhor, depois disse:

— Não.

— Tradição de família — respondeu Jeremy. Ele pretendia encerrar ali, mas a expressão de Jean deixava evidente que não bastava. Jeremy empurrou os livros em círculos lentos com a ponta dos dedos. — É por isso que estou cursando Letras, sabe? É um curso de entrada razoável para Direito.

Não tinha sido a primeira escolha dele, nem de longe, mas era melhor do que as sugestões da mãe, como ciência política ou justiça criminal. Levou semanas para convencê-la, mesmo depois de mostrar artigos para justificar a decisão. Não detestava o curso tanto quanto imaginava, e ajudava compensar as matérias com eletivas mais leves a cada semestre. Também ajudava ver os colegas em cursos mais puxados virando noites e se entupindo de cafeína em época de prova.

— Suas tradições são irrelevantes — disse Jean. — Você vai jogar depois de se formar.

— Não custa nada fazer a prova, pelo menos. — Uma mentira óbvia, mas na qual Jeremy não podia se deter naquele momento. Ele empurrou os livros para o lado e se apoiou na bancada com um sorriso leve. — Você já pensou com qual time vai assinar contrato? Imagino que vá receber proposta de praticamente todo lugar.

Jean considerou por um instante.

— Não.

— Sério? Nenhuma preferência? — Jeremy esperou um pouco, mas não se deixou desanimar pelo silêncio de Jean. — Eu achava que queria ficar aqui na Califórnia, mas Oregon ou Arizona talvez não seja tão ruim. Não sei se me daria tão bem em um time do sul, mas acho que qualquer lugar, menos Nova York ou Texas, ainda funcionaria. Não que eu recusasse se fossem as únicas propostas. Em tempos de tempestade, qualquer porto serve.

Jean soltou um som de desdém.

— Você desperdiça nosso tempo fingindo modéstia. Nós dois sabemos muito bem suas estatísticas e seus recordes. Vão brigar até o fim por você, e a seleção estará à espreita.

Jeremy já tinha ouvido aquele tipo de garantia dos amigos ao longo dos anos, mas eles eram seus amigos; preencher as lacunas que sua família abrira era algo que sempre fizeram por carinho. Com Jean era diferente. Não que Jeremy não o considerasse um amigo, mas Jean dizia aquilo com impaciência. Ele não conhecia nem se importava com o restante — os Wilshire, as expectativas, as manipulações desagradáveis nos bastidores. Ele via apenas Jeremy Knox, capitão dos Troianos da USC, e sabia quanto Jeremy valia por si só.

— Ah, agora sim — disse Jean. Foi o bastante para arrancar dele qualquer resquício de calor. Enquanto Leo havia dito aquilo com uma satisfação faminta, Jean soava apenas pensativo.

— Jean? — perguntou ele.

Jean voltou o olhar a ele, avaliando-o com atenção.

— Você desaparece quando vai pra casa.

Jeremy o observou, mas não havia curiosidade invasiva nem insistência na expressão dele. Não queria entrar naquele assunto depois do dia que tinham tido, mas arriscou:

— Você nunca pergunta.

— Corvos não têm família. — Não era a primeira vez que ele dizia aquilo, mas antes soara apenas indiferente. Ali havia uma aspereza inesperada nas palavras, e Jeremy não deixou de notar como Jean cravou as unhas no próprio pulso enfaixado. — Você é meu capitão e meu parceiro. É meu companheiro de equipe. Quem você é fora disso não importa.

— Você não é um Corvo — disse Jeremy.

Jean quase arrancou a faixa ao soltar o próprio pulso.

— Me leve para a quadra.

— Você está afastado — lembrou Jeremy, no tom mais gentil que conseguiu. — Que tal uma corrida pelo campus?

— Péssima ideia — disse Laila conforme entrava na cozinha.

Em vez de explicar, ela entregou o celular a Jeremy e conteve um bocejo enorme com a mão. Uma mensagem de Xavier estava aberta. A notícia já tinha saído: Grayson Johnson estava morto. Pelo visto, tinham encontrado o corpo num quarto de hotel, quando ele não fez o check-out no horário, mas a causa da morte ainda não tinha sido divulgada. A matéria só informava que ele havia morrido durante a madrugada.

Logo abaixo estava o aviso que fez Laila recomendar cautela, então Jeremy repassou para Jean:

— O treinador disse que a imprensa apareceu no estádio atrás de uma declaração. Ele dispensou todo mundo, mas o Shane viu um ou dois repórteres por perto, pelos dormitórios. Acho que não ficaram satisfeitos com a versão oficial do treinador. — Jeremy devolveu o celular a Laila e fez uma careta, em desculpa para Jean. — Já está tarde, então talvez tenham desistido, mas não sei se vale a pena arriscar.

— Eles não estão aqui — apontou Jean.

— Óbvio que não. — Cat entrou na cozinha e foi direto até a geladeira procurar a jarra de suco de abacaxi. — Até onde se sabe, apenas três Troianos moram fora do campus durante o período letivo — disse ela, girando o dedo para indicar Jeremy e Laila. — Já está estabelecido que o Jeremy mora com a família, e ninguém vai simplesmente presumir que você divide casa com a gente. O time sabe ser vago e pouco útil se alguém perguntar onde te encontrar.

— E não se esqueça que meu tio é dono de metade das casas aqui por perto — acrescentou Laila. — Mesmo que os vizinhos tenham descoberto quem você é, eles não vão sair contando. Mas, no campus, você vira alvo fácil.

— Eu não posso falar com a imprensa — disse Jean. — A presença deles não muda nada.

— Você pode falar com gente que não é dos Troianos — corrigiu Jeremy, paciente. — Desde que tome cuidado com o que diz em nome do time, quero dizer. Mas não precisa falar com ninguém se não quiser, pelo menos até a entrevista do mês que vem. A gente pode segurar as pontas sempre que der. Vou ter que falar como capitão neste fim de semana, mas não podem me obrigar a te levar junto.

— Pode acabar jogando a nosso favor, no longo prazo — disse Cat. Ela se aproximou de Jean e encostou o copo gelado na bochecha machucada dele com delicadeza. — A versão oficial ainda é que você saiu dos Corvos no meio do campeonato por causa de uma lesão no ligamento do joelho. O fato da Edgar Allan ter te liberado mesmo com previsão de recuperação para os treinos de verão levantou algumas suspeitas, mas ninguém sabe o que você passou nem do que os Corvos são capazes. Essa é a primeira prova concreta de que eles são uma gente podre, dentro e fora da quadra.

— Isso pode se virar contra a gente — previu Laila. — Os torcedores mais fanáticos deles já estavam prontos para despejar ódio na primavera. Eles não ligam que o Jean saiu por lesão; ligam pro fato de que ele abandonou o time quando mais precisavam. Riko se matou quando perdeu para as Raposas, e outros dois seguiram o exemplo. Esse povo fanático precisa culpar alguém por esse desastre todo. Não vão olhar para os ferimentos do Jean e entender o que os Corvos fazem. Vão achar que o Grayson tinha razão em se voltar contra ele e vão jogar a culpa da morte nas costas do Jean, não importa o que aconteça.

Jeremy se lembrou do quanto a situação tinha ficado tóxica na primavera.

— Eu tendo a concordar com a Laila. É bem mais provável que isso jogue contra você, pelo menos até as pessoas começarem a te conhecer melhor.

— Eu não me importo com o que pensam de mim — retrucou Jean. — A opinião deles não interfere no meu desempenho.

Jeremy apoiou as mãos na cintura, pensativo. Por fim, cedeu:

— Não é a nossa reputação que está em jogo, então não cabe a nós decidir por você. Se quiser ver no que dá, a escolha é sua. A gente vai te apoiar de qualquer maneira e fazer o possível pra apagar incêndios. Ainda quer ir correr?

— Sim — respondeu Jean sem hesitar.

Jeremy olhou para as meninas em um convite silencioso, mas Cat respondeu com um olhar nada animado.

— Olha, eu amo vocês dois, mas nem pensar. — Ela ergueu as mãos, como se estivesse pesando opções invisíveis: — Ir correr ou aproveitar a casa vazia. Acho que é a decisão mais fácil do ano, não é, amor?

— Façam uma corrida bem longa — disse Laila.

Jeremy fez uma continência antes de se afastar da bancada e seguir para a porta. Já estava quase saindo quando Laila percebeu a nova decoração na cozinha. Ele sentiu o olhar dela perfurando suas costas quando ela perguntou:

— Por que tem uma rosa dos Foster no meu parapeito, Jeremy?

Jeremy sorriu por cima do ombro, sem diminuir o passo.

— Você sempre disse que gostava!

Ele calçou os tênis enquanto Jean colocava uma roupa mais confortável. Jean não demorou a alcançá-lo, e Jeremy pegou as chaves, enquanto o outro amarrava os cadarços. Nenhuma das duas foi se despedir, provavelmente à espera de apenas ouvir o barulho da porta, e Jeremy conduziu Jean escada abaixo até a rua.

— Pedra, papel ou tesoura — disse já estendendo a mão. Jean franziu a testa, mas obedeceu. Jeremy assentiu, satisfeito. — Norte, então! Quer ver onde os Dodgers jogam?

— Time de verão? — perguntou Jean, acompanhando-o.

— Beisebol — corrigiu Jeremy. — Um dia te levo a um jogo.

Jean torceu o lábio com desdém.

— Não acrescenta em nada assistir a outros esportes.

— Vou contar isso a Derrick quando começar a temporada dos Kings.

— Agora você está inventando times — decidiu Jean, e Jeremy não conseguiu conter o riso.

Pela primeira vez naquele dia, talvez naquela semana, a sorte enfim estava ao seu lado. Jeremy não viu ninguém que conhecesse, nenhum desconhecido cruzou o caminho ao vislumbrar o rosto numerado de Jean e as duas viaturas que avistaram viraram antes de cruzar com eles. Por ora, Jean estava seguro. O restante, eles resolveriam um dia de cada vez.



CAPÍTULO QUATRO

Jean

O fim de semana foi estranhamente tranquilo, ao menos para Jean. No sábado, a imprensa abordou Lucas em San Diego com perguntas invasivas e uma avidez indiscreta por respostas, mas os pais dele não estavam presos às tediosas regras da USC. Reagiram tão mal à intromissão que os repórteres não tiveram alternativa a não ser recuar. Rhemann e Jeremy garantiram um pouco de paz aos Johnson ao fazerem uma declaração conjunta algumas horas depois. Laila aconselhou Jean a não assistir, já que eles teriam de ser dolorosamente diplomáticos sobre tudo aquilo, mas Jean dispensou a preocupação dela com um gesto, como se fosse descabida. Ele apoiou o ombro no batente da porta da sala e ouviu Jeremy entrar em cena.

Jeremy era muito melhor naquilo do que Riko ou Kevin jamais foram, talvez porque tivesse uma dor real na qual se agarrar. Seja qual fosse a opinião que Jeremy tinha a respeito de Grayson, ele de fato lamentava o efeito que aquilo teria sobre a já abalada formação dos Corvos e sofria pelos homens cuja vida Grayson tinha virado de cabeça para baixo. Qualquer um que o ouvisse falar acreditaria que Jeremy estava a um convite de comparecer ao funeral de

Grayson. Na primavera, Jean julgara a postura dele diante da imprensa como insuportável de tão artificial. Ali, a encenação era quase reconfortante, já que Jeremy estava servindo como a primeira linha de defesa de Jean.

Mais importante do que a declaração de Jeremy foi o modo como ele colocou a polícia de Los Angeles contra a parede. Assim que ele manifestou o apoio inabalável e inequívoco dos Troianos a Jean, que supostamente lamentava a perda de mais um companheiro de equipe, a polícia foi obrigada a reconhecer oficialmente que ele era inocente. Não foram tão gentis quanto Jeremy, mas Jean não se incomodou com a atitude deles. Tudo o que importava era que nenhum deles explicou por que tinha tanta certeza. Talvez o agente especial Browning os tivesse intimidado quando ligaram para confirmar seu álibi, ou talvez tivessem decidido que aquilo estava muito acima da alçada deles.

Na noite de sábado, a polícia desistiu e oficialmente classificou a morte de Grayson como suicídio. O caso foi encerrado, e Jean estava a salvo — deles, pelo menos. Cat passou o restante do fim de semana acompanhando a repercussão em meia dúzia de fóruns e canais de notícia, embora poupasse Jean dos detalhes mais sórdidos. Ele interpretou aquilo da única forma possível: as opiniões expressas pelo público eram tão desagradáveis e obstinadas quanto Laila temia que fossem. Não havia nada que pudesse ser feito a respeito daquilo, então Jean se concentrou no pouco que podia controlar.

Renee era uma presença tranquilizadora, mesmo a quilômetros de distância. Ela sabia interpretar as respostas secas dele às mensagens e, por aquele motivo, passou o restante do fim de semana enviando atualizações esparsas do cotidiano, o que o ajudou a manter os pensamentos afastados e se distanciar de tudo aquilo.

Na manhã de segunda-feira, Jeremy os levou de carro ao treino, apesar de o estádio ficar a uma curta caminhada — e mais perto ainda se fossem numa corrida leve — da casa de Laila. Jean tinha se esquecido de que Lucas estaria ausente naquela semana. O outro defensor estava enterrando o irmão em San Diego enquanto tentava entender tanto o retorno violento de Grayson à sua vida quanto a sua saída abrupta. O fato de Lucas estar perdendo os treinos irritava Jean mais do que saber que ele estava de luto. Pensou na morte de Riko, em Renee tentando manter unidas as partes estilhaçadas que restaram dele e em Kevin sentado no banco da igreja no funeral de Riko. Tentar compreender o mistério tóxico que era o coração humano só serviria para enlouquecer Jean.

Sem Lucas por perto para monopolizar a atenção de todos, os Troianos dedicaram boa parte de sua atenção a Jean. Tinham visto como ele e Lucas estavam com os rostos machucados naquela manhã de sexta-feira só para, na

hora do almoço, descobrirem que Grayson estava morto. Com os treinos da tarde cancelados, Lucas arrancado do campus para a delegacia, e depois para San Diego, e Jean trancado na casa de Laila, a equipe passou o fim de semana inteiro sem qualquer resposta real e sem ter como saber de onde vinha a confusão. Faria sentido se o culpassem, independentemente do que a polícia alegasse. Em vez disso, uniram-se a ele.

Começou com certa sutileza: primeiro foi Xavier, que apareceu no armário dele para se certificar de que Jean tinha se lembrado da munhequeira. Depois foi a vez de Jesus, para assegurar, do nada, que o rosto dele estava bem melhor do que naquela sexta-feira. Cody tinha levado um pêssego para ele, ainda que Jean tivesse certeza de que nunca dissera a Cody que gostava da fruta. Coisa da Cat, era provável, já que ela passara metade do verão tentando descobrir quais frutas Jean comia.

No Ninho, o consumo de frutas era rigidamente controlado: um acréscimo necessário para uma equipe privada de sol, mas com açúcar demais para conquistar a aprovação unânime das enfermeiras. A maior parte da equipe preferia que os Corvos dependessem de suplementos, mas Hamrickson, de algum jeito, conseguira que o mestre aprovasse a entrega de frutas uma vez por semana. Banana e laranja eram as escolhas mais comuns, mas, de vez em quando, ela conseguia levar kiwi. Diziam que certa vez aparecera com um mamão, mas Jean estivera inconsciente naquele dia.

Jean girou o pêssego na mão, apreciando a maciez aveludada da casca contra a ponta dos dedos. Não dava tempo de comer naquele momento, já que em breve iriam a Lyon, mas o vestiário era fresco o suficiente para a fruta ficar intacta na sua ausência. Jean a guardou na prateleira e colocou os tênis da quadra na frente, escondendo-a de olhares curiosos e mãos gananciosas. Cat puxou de leve o cabelo dele quando o pegou fazendo aquilo, mas não disse nada que pudesse chamar a atenção dos outros para o tesouro de Jean.

Derrick passou a correr ao lado dele no trajeto até o estádio, e isso significava que logo apareceria do outro lado, o que realmente aconteceu. Derrick nem perdeu tempo dando bom dia. Em vez disso, perguntou:

— Jeremy comentou que você nunca foi a um jogo de hóquei. É verdade?

— Por favor, não o deixe começar a falar de hóquei — pediu Derek, como se Jean tivesse convidado qualquer um dos dois.

— Não dê ouvidos, ele é um estraga-prazeres — retrucou Derrick. — Ele se diverte, sim, desde que esteja bem agasalhado. Mas espere só, vou achar um jogo

num fim de semana pra gente, e vamos transformar isso num programão. Você, eu, Big D, Cherise…

— Que perda de tempo monumental — protestou Jean.

Derrick continuou, como se não tivesse ouvido:

— … Shane, hã. Ei, Shawn!

Jean interrompeu antes que Shawn pudesse se meter na conversa:

— Você não vai. Talvez, se não tivesse se deixado distrair tanto por esses outros interesses, já teria corrigido sua postura há anos. Por que você permite esse tipo de comportamento? — exigiu, dirigindo-se a Derek. — Ele é seu parceiro. Por que não o põe na linha?

— Ei, ei — cortou Derrick, mesmo quando Derek ergueu as mãos em rendição. — Qual o problema com a minha postura?

— Por que você está sempre se mexendo?

— Ah, essa é fácil. Tô curtindo algum som. — Derrick sorriu, como se aquilo fosse uma justificativa válida. Jean o encarou por um momento, à espera de que ele falasse algo mais, antes de voltar a atenção ao mais sensato dos dois. Derek apenas deu de ombros de maneira exagerada e não elaborou. Derrick tomou o silêncio incrédulo como algum tipo de incentivo e começou a tocar bateria no ar, com efeitos sonoros entusiasmados.

Jean poderia — e deveria — ter deixado aquilo para lá, mas um nome enfim atravessou sua irritação.

— Cherise não é Troiana.

— Ah, ela é prima do Derek — explicou Derrick. — Um dia ainda vou me casar com ela.

— Vai sonhando — provocou Derek. — Ela nunca vai se casar com um cara branco.

— Ainda vou fazê-la mudar de ideia. — Derrick cutucou Jean. — Você *tinha* que ver os peitos de…

Derek desferiu um golpe sem muita intenção de acertá-lo, e Derrick saiu correndo para a frente da fila aos berros. Derek foi atrás, gritando para Derrick voltar porque eles estavam "apenas conversando". A brisa levou de volta a Jean a gargalhada escandalosa de Derrick, e ele pressionou o polegar contra a têmpora para afastar a dor de cabeça que começava a surgir.

Lisinski deixou Jean testar os pesos com e sem a tala, mas não disse nada sobre as chances de ele participar dos exercícios do dia. Jean quase mordeu a língua até sangrar para não perguntar. Jeremy decerto conseguiria descobrir,

usando a autoridade que tinha como capitão, mas Jean só voltaria a encontrá-lo quando estivessem de volta ao estádio.

Jean só foi procurar o pêssego depois de tomar um banho rápido. Estava exatamente onde o havia deixado, então ele se trocou para o almoço e se sentou no banco dos atacantes com a fruta entre as duas mãos. Ananya costumava ser uma das últimas a voltar aos armários, já que as garotas em geral preferiam se trocar no banheiro. Ainda assim, de algum jeito ela chegou antes de Jeremy e sorriu ao ver a fruta aninhada nas mãos de Jean.

— Se você gosta de pêssego, precisa provar as tortinhas da Cat — disse ela. — São incríveis.

Jean fechou os dedos em volta do lanche num gesto protetor.

— Um adorno desnecessário em algo que já está bom.

Ela apenas assentiu diante da recusa dele e foi procurar Cody e Pat. Jeremy apareceu quase no mesmo instante em que ela saiu, Cat e Laila logo atrás, e os quatro seguiram rua acima mais uma vez.

Cat começou a comer enquanto comentava sobre uma exposição nova no museu ali perto. Não foi difícil convencer Laila da ideia — se Cat estava tão animada para ver a exposição, então era óbvio que Laila toparia levá-la. Jeremy parecia completamente alheio à conversa rolando ao seu redor, já que estava esparramado de bruços com uma das apostilas de Direito que tinha levado para casa na sexta-feira. Nem Cat nem Laila acharam necessário comentar o aparecimento repentino dos livros, um raro lampejo de autocontrole para uma dupla que adorava dar palpites.

— A gente pode ir no sábado — sugeriu Cat, mas então percebeu algo e se inclinou para Jean. — Ah, não, calma. Vai chegar uma remessa de San Francisco na concessionária do meu tio essa semana, e o motorista dele vai fazer um desvio por Daly City para pegar sua moto. Você e eu podemos ir buscar na sexta, depois do treino, tá? No sábado a gente vai ter que tirar sua licença.

Jean ainda não sabia o que achar daquela decisão, então protelou respondendo:

— Eu não sei onde fica Daly City.

Cat olhou os prédios ao redor por um instante antes de apontar por cima do ombro direito.

— Umas seis horas naquela direção. Aliás, a maior parte da minha família mora na região da baía! Você já foi? — Quando ele balançou a cabeça, ela levou a mão ao peito de forma dramática. — Bem, é um voo rapidinho daqui, caso você

queira dar um pulo lá num fim de semana. Aposto que eu consigo umas passagens baratas pra gente.

Jean não fazia ideia do que entrava na categoria de "barato", mas decidiu não perguntar. Ele tinha saído do controle sufocante dos pais para cair no domínio igualmente sufocante do Ninho. Entendia capitalismo e economia na teoria, graças a aulas de negócios absurdamente entediantes e as conversas com os Corvos, mas dinheiro não era uma coisa que ele estivesse acostumado a precisar ou a ter. A primeira visita a Fox Hills, em maio, fora um choque desagradável. Laila quase teve um treco quando percebera o quanto ele estava perdido, embora tivesse repetido várias vezes que não era com ele que estava irritada. Jean só entendera de verdade quando viu a rapidez com que tudo se acumulava no caixa.

Desde então, Laila e Cat andavam arcando com a maior parte das despesas dele, deixando que contribuísse apenas com um ingrediente esquecido aqui e ali ou com os lençóis novos da sua cama. Depender delas significava que Jean não estava aprendendo como administrar o dinheiro, mas ele não fazia ideia de como mudar aquela situação. Sabia que receberia um salário depois da formatura — vinte por cento de um, pelo menos —, mas o que deveria fazer até lá? Ele tinha chegado a Los Angeles apenas com os quatrocentos dólares que o treinador Wymack enfiara em sua mala.

Era um problema grande demais, sem solução alguma, então ele apenas comentou:

— Eu não gosto de voar.

Laila virou a cabeça para ele.

— Tem medo de altura?

— Não gosto de aeroportos.

Cat parecia não saber ao certo o que pensar daquilo.

— Hum. Bem, eu sempre topo uma viagem de carro, mas vamos ter que planejar melhor, porque vai demorar mais. Eiii, Cody! — Ela ergueu o braço em cumprimento, e Jean viu Cody atravessar o gramado até eles. — Tirando uma folguinha da confusão e gritaria ali?

— Ananya quis dar um pulinho no alojamento. — Cody se sentou entre Cat e Jean e apontou com o queixo para o museu. — Vocês já foram? Vi os panfletos anunciando que enfim abriu.

— Iremos em breve, espero — disse Cat, animada.

Cody olhou de relance para Jeremy, e Jean não deixou de notar a frieza em sua expressão ao ver o que Jeremy fazia. Havia mais reprovação ali do que Jean tinha visto em Cat ou Laila, mas nem Cody achou que valia a pena comentar. A

disposição que tinham em deixar Jeremy cogitar outros caminhos profissionais era irritante o bastante para Jean estender a mão e fechar aquele livro com tudo. Acabou acertando o rosto de Jeremy ao fazê-lo, já que ele não se afastou a tempo. Quando viu o olhar confuso de Jeremy, respondeu com uma expressão fria.

— Pare de perder tempo — reclamou.

— Não é como se eu tivesse muito tempo sobrando — retrucou Jeremy enquanto se levantava.

Apesar da reclamação, ele não fez menção de voltar a estudar. Jean já consideraria uma vitória se o celular de Jeremy não fosse uma distração ainda maior. Os dois o tinham montado de novo na noite de sábado, e o aparelho passara boa parte da noite apitando sem parar com uma notificação atrás da outra. Jean fez uma nota mental para desligar o som na próxima vez que Jeremy o deixasse largado. Aquele trinado discreto era o mesmo que Jean tinha ouvido na sexta-feira. Jeremy olhou a mensagem e lançou um olhar para o outro lado da rua, para o estádio de futebol.

Quando Cat o cutucou com o pé, Jeremy se limitou a dizer:

— Bishop.

— Ah, o futebol enfim voltou? — perguntou Cody. — Folgados.

— Você não deveria se misturar com outros times — disse Jean.

— Somos todos Troianos — respondeu Jeremy com naturalidade. — Todo mundo representa a mesma universidade. No geral, eles são gente boa. Acho que você iria gostar de alguns deles, se desse uma chance.

— Não — respondeu Jean, e Jeremy se limitou a sorrir, como se achasse a atitude do rapaz adorável.

— Ele não tem lá muitas opções por aqui, tem? — comentou Cat. — Você pode ter ficado com a impressão errada depois de conhecer as periguetes primeiro, mas a verdade é que no time a proporção ainda é de quatro pra um. Não tem muito garoto que curta beijar garoto, por motivos óbvios. — Ela fez um som de desprezo no fundo da garganta, como se a ideia fosse intragável, e caiu na risada quando Cody a empurrou de brincadeira. — Como se você entendesse do assunto, covarde. Ou enfim criou coragem?

Como já era de se esperar, Cody fingiu não ter ouvido.

— Jeremy é o gay oficial do time há dois anos. Espécie em extinção por aqui.

— O último foi o Julian, e ele era um cuzão — retrucou Cat, azedando na mesma hora. — Ele foi tão cruel com Xavier, e pra quê? Fiquei tão aliviada quando o treinador o transferiu daqui. — Ela arrancou alguns fios de grama e começou a torcê-los entre os dedos e a dar nós distraídos.

Laila percebeu o humor carregado dela num relance e completou:

— A maioria dos nossos colegas nos aceita como nós somos porque gostam demais da gente pra julgar. Alguns ainda estão aprendendo, como você já deve ter percebido — disse ela, e Jean presumiu que estivesse falando do Lucas e da língua afiada dele. — Mas serem nossos amigos não quer dizer que estejam dispostos a receber cantadas, então… — Ela fez um gesto para o estádio de futebol. — Amplie o leque.

— Preferência é uma desculpinha fraca — disse Jean.

A maioria dos Corvos se identificava como hétero, mas, com tão poucas mulheres na escalação e o time tão isolado de todo o restante, acabavam se virando com qualquer cara disposto a ir para a cama. Tirando Riko e Kevin, Jean só conhecia mais dois Corvos que se recusaram a cruzar aquela linha no Ninho. Um, tecnicamente, porque o outro teve aquela escolha arrancada dele em janeiro. Jean cravou as unhas no pulso enfaixado até que a dor abafasse seus pensamentos.

Cody o observou com certa curiosidade antes de perguntar a Jeremy:

— Vocês vão se ver hoje?

— Acho que hoje não é o melhor dia — disse Jeremy. — Com tudo o que está acontecendo e tal.

— É um ótimo dia, sim — insistiu Cody e apontou dele para Cat. — Você vai encontrar o Bishop, e você leva a Laila ao museu. Deixe o Jean com a gente! Já mostraram o campus a ele?

— Mostrei os locais mais importantes — respondeu Jeremy.

— Antes de ele pegar os horários? — perguntou Cody. Quando Jeremy assentiu, Cody fez um gesto para Jean. — Então a gente vai te levar para um tour decente e te mostrar onde ficam os seus prédios. Dar uma organizada nesse caos e te deixar com uma noção melhor do que esperar. E ainda vamos te dar alguma comida que você não vai precisar cozinhar.

— Ah, boa sorte — comentou Laila em tom seco.

Ao mesmo tempo, Cat falou:

— Um dia ele ainda vai ser um chef de mão cheia, pode acreditar.

— Eu nunca vou entender vocês — brincou Cody num tom carinhoso.

— Cody não sabe fazer nada mais complicado que mingau de milho — disse Cat a Jean, antes de apontar um dedo acusador para Cody. — Na cozinha, elu é quase tão inútil quanto Jeremy. Mas Jeremy tem chef particular. Qual é a sua desculpa?

— Preguiça — admitiu Cody, sem hesitar nem demonstrar a menor vergonha.

— É por viver de cereal e delivery que você é esse tiquinho de gente — decretou Cat.

Cody se inclinou para Jean.

— Não dê ouvidos a ela. Minha mãe tem um e quarenta e sete de altura.

Jean encarou Cody.

— É mentira sua.

— Não é, não. Olha, eu tenho uma foto dela aqui.

Cody se inclinou para o lado para tirar a carteira do bolso. A parte plástica onde deveria estar a identidade guardava uma foto delu com a sra. Winter. Jean não sabia o que era mais chocante: o cabelo verde-néon espalhafatoso que Cody exibia na foto ou o fato de a mãe ser absurdamente baixa. Elu ter chegado a um e sessenta e cinco já era praticamente um milagre da natureza, mesmo que aquilo ainda colocasse Cody como a terceira pessoa mais baixa do time, atrás apenas de Min Cai e Emma.

Jean olhou de soslaio para o cabelo atual de Cody, raspado e num vermelho berrante.

— Você pelo menos lembra qual é a cor que o seu cabelo deveria ter?

— Ah, loiro — disse Cody e sorriu para Jeremy. — Loiro *natural*.

— Isso explica muita coisa, pra falar a verdade — disse Cat. O relógio dela apitou em aviso, e ela guardou a louça suja na lancheira com um suspiro melodramático. — Juro que a hora do almoço fica mais curta a cada dia. Vamos?

Eles voltaram ao estádio em grupo, meio espalhados. Cat e Cody tagarelavam sem parar sobre um evento que aconteceria em breve, mas Jean parou de prestar atenção quando percebeu que falavam de um dos jogos que jogavam on-line. Jeremy batucava uma batida num ritmo irregular na parte de trás da apostila com as unhas curtas. No meio do caminho de volta ao estádio, ele se lembrou de olhar para Jean e perguntar:

— Você topa? Ir com Cody, quero dizer.

— É uma forma melhor de aproveitar meu tempo do que ir a um museu.

Cat interrompeu o que estava dizendo só para soltar, indignada:

— Eu ouvi isso!

— E o Jeremy também é uma péssima companhia — disse Laila. — Da última vez que tentamos levá-lo a algum lugar mais cultural, ele sumiu quase na mesma hora. Disse que ia ao banheiro e acabou cochilando na cafeteria perto da

lojinha de presentes. A gente demorou quase uma hora para perceber que ele não tinha voltado.

Jeremy respondeu ao olhar acusador dela com um sorriso cheio de dentes.

— Se vocês nem sentiram minha falta, então não teve problema nenhum.

Eles estavam entre os primeiros a voltar, e o treinador Jimenez já estava à espera. Ele chamou Jean com um gesto e o mandou até a enfermaria para uma avaliação rápida. Jeffrey Davis estava de plantão naquele dia, e o treinador Rhemann o aguardava com ele. Jean suportou em silêncio as apalpadas e os exames de Davis, na esperança de que seu comportamento obediente lhe rendesse a aprovação de Rhemann. Em vez de dar um parecer, Davis apenas fez um gesto e saiu da sala. Jean olhou da porta fechada para o apito pendurado no pescoço de Rhemann.

— Todos os seus colegas concordam que a gente deve te colocar nos treinos hoje — disse Rhemann. — Davis parece achar que, fisicamente, você dá conta, mas quero saber como você está da cabeça. — Ele cruzou os braços e puxou o banco para mais perto de Jean. Era uma tentativa de fazer Jean encará-lo, mas ele desviou daquilo sem dificuldade. — Thompson foi descuidado o bastante para admitir que achava que a violência ia te fazer bem, mas não quero te colocar lá fora se você vai acabar machucando a si ou os outros.

— Sim, treinador.

— Você consegue jogar hoje como um Troiano?

— Sim, treinador.

— Você tem permissão pra pensar antes de responder — disse Rhemann com ironia. — Eu confiaria mais em você se fizesse isso.

— Sim, treinador.

Rhemann observou Jean. Quanto mais o tempo passava, mais Jean tinha certeza de que havia feito algo de errado. Ou será que Rhemann esperava que ele respondesse de novo? Jean avaliou as possíveis consequências de falar sem ter autorização para tal e decidiu que o silêncio era a melhor escolha. No fim, Rhemann cedeu primeiro.

— Quando é sua primeira sessão com a dra... Dobson? — perguntou, um pouco incerto.

— Na primeira semana de agosto, treinador — respondeu Jean.

— Aí está. — Foi a resposta cansada. — Na última quinta-feira, você estava sentado exatamente nesse lugar dizendo que ia ligar pra ela. Assim que chegasse em casa, foi o que disse. — Ele esperou um instante, mas Jean continuou imóvel

e em silêncio. — Há um limite pro que a gente pode fazer por você aqui. Quero saber se você está recebendo a ajuda de que precisa.

Jean se agarrou à única coisa que talvez pudesse salvá-lo:

— Eu tive uma visita inesperada, treinador.

A expressão de Rhemann era indecifrável.

— Neil Josten. Ele está te metendo em confusão?

Aquele cretino problemático existia para causar confusão a qualquer pessoa num raio de mil e seiscentos quilômetros, mas Jean respondeu apenas:

— Não, treinador. — Quando ficou óbvio que aquela resposta não era, nem de longe, tranquilizadora o bastante, ele acrescentou: — Eu tinha pedido pra ele investigar algo pra mim, então ele veio me contar o que descobriu. — Era uma mentira fácil de sustentar, já que era a base daquilo que tinham contado ao FBI. Neil dissera a Browning que estava em Los Angeles para ouvir o que Stuart Hatford tinha descoberto sobre…

A sensação súbita de dedos quentes o segurando pelo pulso o arrancou daqueles pensamentos perigosos, e Jean quase se assustou a ponto de encarar Rhemann. Ele hesitou ao perceber que tinha cravado marcas em formato de meia-lua no dorso da própria mão. Aos poucos, afrouxou o aperto, e Rhemann o soltou logo depois.

— E você acha que está em condições de entrar em quadra — disse Rhemann.

Não era bem uma pergunta, mas Jean sabia que estava a dois segundos de passar a tarde inteira na arquibancada se não conseguisse voltar às graças de Rhemann.

— Isso não vai afetar meu desempenho, treinador — disse Jean e levou uma das mãos à têmpora. — Eu sou da seleção dos sonhos. Eu sempre consigo jogar. Não vou decepcionar você. Por favor, me deixe provar isso.

— Já passou pela sua cabeça que a seleção dos sonhos não existe mais? — perguntou Rhemann. — Era o devaneio obsessivo de Moriyama, e infelizmente ele não está mais entre nós. Day rejeitou o lugar que ocupava nela, e Josten só ficou lá por alguns meses. Você é o último que sobrou. Não estou questionando a sua habilidade nem a sua dedicação — acrescentou e ergueu a mão como se esperasse, de verdade, que Jean fosse retrucar —, mas você precisa começar a enxergar além desse sonho limitado. Se não existe seleção dos sonhos, então só existe você, e você precisa se cuidar. Precisa aprender a fazer isso o quanto antes. Entendeu?

— Sim, treinador.

— Olhe pra mim quando responder.

Jean se demorou erguendo o olhar e, assim que viu a expressão no rosto de Rhemann, soube que "sim" não era a resposta certa.

— Estou tentando, treinador. — Ele corrigiu. E aquilo já bastou para suavizar um pouco a rigidez na expressão de Rhemann.

— O acordo é o seguinte — disse Rhemann, esperando até ter certeza de que Jean prestava atenção. — Vou deixar você participar dos treinos e do coletivo hoje à tarde, com a condição de que você mesmo saia se algo começar a dar sinal. Além disso — continuou, antes que Jean conseguisse responder —, quero que você ligue pra dra. Dobson e veja se ela pode te atender uma vez por semana até a sua rotina normal começar em agosto. Vou falar com você de novo amanhã para saber o que ela respondeu.

Jean não via uma forma rápida de escapar daquilo.

— Sim, treinador.

— Certo. — Rhemann afastou o banco e disse: — Vá se trocar.

Jean foi até o armário como se achasse que Rhemann ainda poderia mudar de ideia. No instante em que tirou o capacete do gancho, Cody soltou um ganido estridente. O restante dos defensores entrou na onda, cada vez mais alto, e Jean lançou um olhar confuso para Cat quando ela também se juntou. Ela só abriu um sorriso e encostou o capacete no dele, num gesto de incentivo. Jean considerou aquilo como o ato mais sem noção daquela equipe meio pirada e se concentrou em se trocar.

Jimenez e White se revezaram levando os Troianos ao limite: treinos de tiro, exercícios com cones e mais meia dúzia de atividades que deixavam uma dor boa nas coxas e o suor pingando sem parar pelas costas. Depois de uma semana, já estava mais fácil lembrar onde os Troianos fugiam do padrão — ou onde os Corvos fugiam, Jean não sabia ao certo —, e ele estava satisfeito em se jogar em tudo o que os treinadores colocavam na frente dele. Pensar em Exy era fácil, e o jogo fazia barulho e ocupava espaço o bastante para abafar todo o restante.

O primeiro treino em dupla do dia era básico: um empurra-empurra simples para praticar como passar um pelo outro. Durante toda a semana anterior, Jean tinha treinado com Jeremy, mas, naquele dia, Derrick correu até ele com um grande sorriso no rosto.

— Beleza, beleza, vamos ver — comentou ele. — Me mostre por que a minha postura está errada.

— Você já deveria saber — disse Jean, enquanto Derrick se colocava diante dele.

White ainda não tinha apitado, mas Derrick já estava em movimento, balançando o corpo de um jeito quase imperceptível. Aquilo o fazia oscilar sobre os pés, num vaivém sutil dos calcanhares para a ponta e de um lado para o outro, que Jean supôs facilitar mudanças de direção a qualquer momento. Além de irritante, o defeito fatal daquele movimento era torná-lo previsível demais. Como Derrick tinha dito mais cedo, ele se movia no ritmo de uma música que só ele escutava. Era refém de uma batida, e Jean conseguia marcá-la sem esforço. Assim que White apitou, Jean pôs o pé à frente. Acertou a sola do pé de Derrick bem no instante em que ele mudava o peso do corpo, e o rapaz perdeu o equilíbrio na mesma hora.

— Perigo, Will Robinson! — gritou Derrick aos tropeços.

Não havia ninguém com aquele nome no time, então Jean esperou em silêncio enquanto ele voltava à posição. Quase de imediato, Derrick retomou o ritmo, e Jean contou enquanto aguardava o apito, distraído. Daquela vez, o tempo favoreceu Derrick, que conseguiu ganhar um passo à frente, mas Jean nem tentou segui-lo; não precisava. Apenas lançou o pé para o lado e enfiou de novo a ponta dos dedos do pé no arco do pé de Derrick.

— Em teoria, derrubar os outros não faz muito o estilo dos Troianos — disse Derrick, voltando à posição inicial. Mesmo assim, ele sorria, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada que tinha acontecido no dia. — Isso é inteligente e tudo mais, mas, se você sair por aí chutando os nossos adversários, o treinador vai tirar você da linha.

— A única qualidade redentora desse time é o talento — disse Jean, irritado. — Esse entusiasmo que vocês sentem em ser empurrados de um lado para o outro não faz o menor sentido.

— Quando você entender, vai sacar.

— Você tá falando absurdos só pelo prazer de ouvir a própria voz — acusou Jean.

Derrick soltou um resmungo forte pelo nariz e revirou os olhos, depois disparou no instante em que White apitou. Apesar do aviso de Derrick, Jean estava irritado o bastante para acertar o arco do pé dele pela terceira vez seguida. O olhar que Derrick lançou em resposta foi quase de pena.

— Cara, o negócio é o seguinte — disse Derrick. — Os Corvos são muito bons, ninguém está negando isso. Talentosos demais, rápidos pra caramba, vão tipo… — Ele fez um som cortando o ar, que Jean supôs que servia para demonstrar o tamanho do respeito e da inveja que sentia. — Mas tem ódio

demais no jeito como eles jogam. Se alguém os mandasse vencer uma partida sem tomar um único cartão, eles não conseguiriam.

— Penalidades e cartões fazem parte do jogo — retrucou Jean. — Não há vantagem nenhuma em tratá-los como se fossem um tabu.

— Está vendo? É aí que você se perde. — Derrick apontou o taco para Jean. — Não estamos aqui, tipo, ai, brigar é tão infantil, jamais desceríamos a esse nível, credo. É mais tipo… — Daquela vez, o chute de Jean foi forte o bastante para quase derrubar Derrick, mas ele apenas fez uma careta e voltou à posição. — Não tem a ver com se achar superior, e sim com ser melhor. Isso faz sentido?

— Não.

— A única maneira de você me parar é me chutando e me machucando — comentou Derrick. — E talvez você sempre ganhe nos nossos confrontos. Mas, se no fim das contas você está recorrendo a truques desleais em vez de talento, então o melhor jogador continua sendo eu. Não é? Essa é a graça pra gente, achar um jeito de sair por cima sem recorrer à violência e a golpes baixos. Não precisamos machucar nossos adversários. Somos mais rápidos, mais habilidosos e nos movimentamos melhor em quadra. Quando foi a última vez que perdemos mais de um jogo no campeonato de outono?

— Não estudei a história do seu time tão a fundo assim.

— Ah, sem problema, eu também não sei a resposta.

Daquela vez, Derrick acrescentou uma finta inesperada quando deveria ter entrado no ritmo habitual, e passou por Jean com facilidade, usando o ombro. Depois caiu de joelhos e ergueu os braços, como se estivesse comemorando o gol da vitória, a cabeça jogada para trás enquanto uivava seu triunfo para o teto da quadra. Jean o observou por um instante antes de apoiar o pé em um dos ombros dele e o empurrar para o chão.

— Acaba com toda a graça, vai! — reclamou Derrick enquanto se levantava.

— Exy não é pra ser divertido — disse Jean.

Derrick parou para encará-lo.

— Que porra é essa? — conseguiu dizer depois de um minuto. — Lógico que é. Ei, não. — Ele segurou a raquete de Jean quando este começou a se virar. — Você é tipo… você é *Jean Moreau*. Da porra da seleção dos sonhos. Como assim não é divertido? Você joga desse jeito e, o quê, pra você isso tudo é só uma obrigação irritante? Eu não sei se devo ficar impressionado ou apavorado por sermos tão insignificantes aos seus olhos.

— Vocês não são — respondeu Jean, porque, por mais frustrante que aquele time fosse, ele não podia mentir sobre a habilidade deles. — Só concordei em ser

transferido pra cá porque a sua equipe é boa o bastante pra valer o meu tempo.

— Mas tem que ser divertido — insistiu Derrick, agarrando-se à parte menos importante daquilo que Jean tinha dito.

— Por quê? — exigiu Jean. — Você vai se recusar a jogar se não for?

Derrick fez uma careta enquanto pensava. Do outro lado da quadra, White apitou para sinalizar o fim daquela série de exercícios. Jean começou a se virar, mas Derrick se recusou a soltar o taco. Ele o acompanhou quando Jean o puxou e enfim respondeu:

— Sim, eu me recusaria. Não estou dizendo que todo dia é um mar de rosas, mas Exy tem que ser divertido. Quando deixa de ser isso e vira só uma coisa cansativa que sou obrigado a fazer, então é hora de ir embora. Quero dizer, agora eu não tenho escolha — admitiu Derrick. — Por causa da bolsa e tal. Mas depois que eu me formar? Se eu não voltasse a sentir prazer nisso, largaria sem pensar duas vezes e iria atrás de outra coisa. A vida é curta demais pra eu me sentir uma merda o tempo todo. Então você vai mesmo parar de jogar quando sair daqui?

Aquela torção violenta no peito de Jean podia ser luto; mas também podia ser simplesmente um ressentimento corrosivo.

— Eu nunca vou parar de jogar — disse ele, sem se permitir pensar no *eu não posso* que ecoava como um segundo batimento em sua mente. — Isso é tudo o que eu sou.

— Foi o que você disse nas apresentações da semana passada — lembrou Derrick, enfim soltando a raquete de Jean e o observando com uma expressão incomumente séria. Por fim perguntou: — Achei que fosse só uma frase de efeito maneira, mas você estava falando sério mesmo, não estava?

Não havia por que repetir o que já tinha dito, então Jean simplesmente foi embora. Ele alcançou Cat na metade do caminho até o ponto de partida do próximo exercício, e ela encostou o taco no dele em cumprimento. Apesar do sorriso, os olhos dela estavam atentos enquanto estudava o rosto dele.

— Você está com uma cara meio fechada — comentou ela. — Mais do que o normal. Tá tudo bem?

Ficar pensando naquele futuro hipotético de Derrick era perda de tempo, então Jean concentrou a energia na parte mais ofensiva da conversa: a suposição de que Derrick era o melhor jogador. Os Troianos eram um time fenomenal e tinham sido durante quase toda a sua existência, mas Derrick não chegava nem aos pés de Riko ou Kevin. Ele nem era bom o bastante para se considerar à altura de Jeremy. O fato de se declarar mais talentoso do que Jean era repugnante o suficiente para deixá-lo tenso. Se estivessem em Evermore, Jean mandaria

Derrick direto para a enfermaria por causa de tamanha arrogância. Ali, aquilo não era uma opção.

— Vou acabar com ele — disse.

— Espero que seja no sentido figurado — respondeu Cat.

Jean apenas deu de ombros e deixou que ela decidisse como interpretar aquilo.



CAPÍTULO CINCO

Jean

Por bem ou por mal, Jean não voltou a ser colocado contra Derrick naquele dia. Em vez disso, foi alternando entre Ananya, Nabil e Jeremy nos treinos de mobilidade. Aquilo já bastou para tirar Derrick dos pensamentos dele por um momento, já que Ananya e Jeremy eram os atacantes titulares da formação do segundo tempo dos Troianos e Nabil era o substituto fixo da posição. Era contra aquele talento que ele merecia jogar, ainda que Ananya se limitasse ao usar uma raquete leve.

Consciente de que uma única falta mais grave o tiraria de quadra, Jean desperdiçou energia demais se contendo naquela tarde. Ignorar as brechas incessantes que os adversários davam era quase um insulto e não favorecia ninguém no longo prazo, mas, por ora, Jean se contentou em simplesmente arrancar as raquetes das mãos deles. Por mais entediante que fosse, aquilo lhe dava tempo para analisá-los. Ele observou como se posicionavam e acompanhou o modo como se moviam, quantas vezes saíam para a esquerda ou para a direita quando estavam parados e quantos passos davam antes de passar a bola. Os três

tinham uma sintonia evidente, fruto de anos jogando juntos, e havia muita coisa valiosa a extrair da maneira como atuavam em conjunto.

Perto do fim do dia, Jean enfim já tinha visto o bastante para começar as críticas. Esperou até que os times estivessem se reorganizando antes de apontar o dedo acusador para Nabil.

— Você demora demais pra armar suas jogadas. — Pelo que Jean conseguia ver, aquela era a única razão real para Nabil ser a segunda opção depois de Ananya. Ele tinha uma percepção excepcional do que acontecia em quadra e conseguia mudar de direção num instante, mas estava tão atento a possíveis interferências mais à frente que não se arriscava tanto quanto deveria. Todos os jogadores eram lentos em comparação ao estilo dos Corvos, mas aquilo já era extremo demais para ser tolerado. — Pare de pensar tanto.

— Agradeço o conselho — respondeu Nabil —, mas prefiro garantir que o passe chegue do que correr o risco de ser interceptado.

— Essa responsabilidade não é apenas sua — retrucou Jean, prendendo o taco de Nabil com o dele para mantê-lo no lugar. — Passe para o outro time. Quando quiser fazer um gol, é só pedir a bola, e vou passar pra você.

Nabil o avaliou por alguns instantes, depois assentiu e soltou a raquete com um puxão. Correu até o meio da quadra, mas parou Derek no caminho. Jean observou os dois trocarem algumas palavras antes de mudarem de lugar na linha. Mais de um Troiano se virou parcialmente para lançar um olhar avaliador para Jean, mas ele deu as costas a todos ao seguir até sua posição designada.

Jean se alongou enquanto caminhava, forçando até sentir uma dor leve nos ombros e nos cotovelos, e flexionou os dedos ao reduzir o passo até parar. Fazia meses desde a última vez que estivera em quadra com os Corvos, mas tinha passado cinco — sete — anos dominando os treinos deles. A memória muscular não o deixaria na mão naquele momento; não podia deixar.

O apito soou para dar início, e os times avançaram em uníssono. A equipe de Jean tinha marcado por último, então Min reiniciou a jogada com um saque para o outro lado da quadra. Por um tempo razoável, conseguiram manter a bola naquele lado, e então Cody a roubou e a lançou quadra abaixo para Ananya. Derek e Jean atravessaram a quadra a tempo, Derek tentando abrir um ângulo para ela e Jean colado nele a cada passo do caminho. Ananya precisou lançar um passe às pressas para eles antes que Cat roubasse a bola dela, mas o choque da raquete pesada de Cat contra a leve de Ananya fez com que a bola caísse antes de chegar aonde precisava.

Jean estava quase alcançando a bola quando ouviu Nabil chamar:

— Jean!

Ele teve apenas meio segundo para localizar Nabil, mas meio segundo era tudo de que precisava. Jean já estava se virando antes mesmo de apanhar a bola, precisando do impulso para um lançamento tão longo. No instante em que ela bateu na rede de sua raquete, ele girou e a arremessou. A bola atingiu a parede com um baque satisfatório: a velocidade perfeita, o ângulo perfeito. Foi direto para onde Nabil e Pat disputavam posição, e Nabil só precisava chegar primeiro.

Se Nabil fosse um Corvo, aquilo teria bastado. Ele confiaria que a bola chegaria até ele e já teria calculado a força necessária para a arremessar para o gol. Ele a pegou, mas não estava pronto para lançar. Em vez disso, saiu correndo com ela, e Jean praguejou em francês, furioso, ao ver Nabil desperdiçar uma armação impecável.

— Meu Deus — disse Derek enquanto coçava a lateral do capacete com a raquete. — Sempre me surpreendo quando vocês fazem isso.

— Eu ficaria mais surpreso se vocês soubessem concluir a jogada — retrucou Jean, irritado.

— Mas ele pegou a bola — protestou Derek, e então o andamento do jogo deu um fim abrupto à conversa.

Levou mais um minuto até Nabil tentar de novo. Derek também ouviu o chamado e, daquela vez, já sabia o que estava a caminho, mas mesmo assim não foi rápido o bastante. Jean olhou para Nabil, e de Nabil para o gol, e lançou a bola com toda a força que tinha. Pela segunda vez consecutiva, Nabil estragou tudo, e Jean já tinha chegado ao limite. Atirou a raquete de lado e começou a marchar até ele, mas Derek o agarrou pelo cotovelo para detê-lo.

— Relaxa aí — tentou ele. — Fale comigo antes de arrancar a cabeça do cara fora. O que é que ele está fazendo de errado?

— Me explique por que ele está se recusando a arremessar — exigiu Jean. — Ele me pede pra passar a bola, então faço isso do jeito que ele precisa pra fazer um gol. Ele não deveria pedir o passe se não consegue aguentar.

— Pat está em cima dele — ressaltou Derek.

— Isso não importa — insistiu Jean. — Ele não deveria nem estar sendo perseguido. Tudo o que ele precisa fazer é arremessar.

Derek franziu a testa enquanto refletia sobre aquilo. Do outro lado da quadra, Cat gritou para avisá-los quando percebeu, tarde demais, que os dois tinham se distraído do treino coletivo. Derek se virou, mas Jean já estendia a mão para agarrar a bola no ar. Ele sentiu o impacto rasgar seu antebraço; toda a proteção das luvas de Exy ficava no dorso dos dedos e das mãos, para resguardar

o jogador de golpes mais brutos com as raquetes. Jean empurrou a bola para a rede rasa da raquete de Derek para poder apertar a mão dele com força.

— Troque de volta com ele — disse Jean. — Peça a bola quando estiver pronto. Eu vou passar a bola do jeito que você precisa. Não carregue. Não pense. É só arremessar.

— É só gritar seu nome? — perguntou Derek, desconfiado.

— Não me importa o que você vai gritar — respondeu Jean.

Um grande erro, como ficaria evidente poucos minutos depois, quando Derek gritou:

— Oui, señor! — A plenos pulmões.

Do outro lado da quadra, Cat berrou, escandalizada:

— Oi?!

Jean desmontaria a raquete mais tarde, mas, por enquanto, tudo o que importava era o jogo. Bastaram três passos para passar por Nabil, mais dois para alcançar a bola, e Jean a lançou. Àquela altura, Pat já sabia o que significava quando o jogador que ele marcava chamava Jean, mas saber daquilo só adiantaria se ele fosse mais rápido. Daquela vez, foi. Derek pegou a bola e arremessou no mesmo instante, mas Pat enfiou o taco por baixo e estragou a jogada. Não era o resultado ideal, mas era aceitável: pelo menos Derek tinha tentado fazer o que Jean mandara.

No último minuto do coletivo, Derek tentou de novo:

— Oui, oui!

O ângulo não era bom dali, mas Jean tinha sido chamado e precisava fazer dar certo. Ele rebateu a bola na parede do fundo, abrindo o espaço de que precisava, e já estava pronto para o rebote. Colocou tudo o que tinha naquele passe. A bola bateu na parede lateral, estalou contra a parede da quadra do outro lado por cima da cabeça de Shane e voltou para Derek. Daquela vez, ele foi rápido o bastante para deixar Pat para trás, mas hesitou por um segundo crucial depois de pegá-la. Talvez lutando contra os próprios instintos, mas tudo o que importava era que Derek disparou para o gol antes que Pat o alcançasse.

Ele não tinha o controle motor necessário para conseguir converter; durante toda a sua carreira precisara pensar demais em cada passe e em cada arremesso. Não conseguiria marcar dali, ainda mais contra um goleiro dos Troianos, mas bastava que tivesse tentado.

Jean olhou para Nabil quando os treinadores encerraram o treino.

— Entendeu?

— Não — admitiu Nabil. — Acho que não gostei disso. É impressionante, lógico, mas parece muito… estéril — disse depois de pensar por um instante. — Consigo imaginar recorrer a esse tipo de jogada num momento de pânico, mas não gostaria de basear todo meu jogo nisso.

— Assim você venceria — insistiu Jean.

— Sim, mas eu acharia divertido?

— Provavelmente seria mais divertido do que perder, se você se importasse de verdade.

Nabil lançou um olhar calmo de censura.

— Eu me importo — disse, baixo, mas firme. — É justamente por isso que quero jogar do meu jeito. Se eu tiver que virar um Corvo ou um robô para ficar em primeiro, então pra que fazer isso?

Aquilo não fazia sentido, mas Jean já estava cansado de discutir com gente cabeça-dura. Ele empurrou Nabil para o lado e seguiu para a porta da quadra, e Nabil não tentou chamá-lo de volta.

Jean mal tinha dado dois passos para fora da quadra quando Jimenez o chamou e o mandou à enfermaria. Jean tirou as luvas para que Davis pudesse dar uma olhada rápida em seu pulso. Já estava cansado demais daquelas perguntas e daquela examinação atenta; na sexta-feira tinha dito que estava bem, e a resposta continuava a mesma. A obsessão com os ferimentos dele era irritante, porque só servia para lembrá-lo de como o tirariam da quadra num instante, se preciso. Entretanto, Jean não podia discutir com um enfermeiro, ainda mais com o treinador Jimenez parado à porta, observando.

Por fim, Davis se recostou.

— Está tudo cicatrizando direitinho. Ele é todo seu — disse Davis por cima do ombro. — Até você arrebentar com ele outra vez, pelo menos.

Jimenez tirou a mão do bíceps para fazer um gesto e indicar a Jean que saísse da sala.

— Pode ir, então. Bom trabalho hoje. Você estava em boa forma.

— Obrigado, treinador.

A demora fez com que ele chegasse aos chuveiros vários minutos depois dos outros. Não ficou surpreso ao ver que Jeremy ainda estava debaixo da água, conversando com Sebastian e Preston. Jean não deixou o olhar se demorar, mas viu o bastante para sentir um nó faminto se formar na barriga.

Felizmente, Xavier serviu como uma distração fácil para ele se recompor. Durante toda a semana anterior, Jean tinha entrado e saído dali antes mesmo de Xavier aparecer, mas naquele dia o atraso fora suficiente para que o vice-capitão

chegasse antes dele. Jean talvez não tivesse dado àquilo mais do que um pensamento passageiro, mas Xavier estava tomando banho de shorts pretos. Jean pensou em perguntar, mas concluiu que não se importava o bastante para aguentar uma conversa e escolheu um chuveiro o mais longe possível dos outros.

Aquilo só lhe rendeu trinta segundos de paz antes de Tanner aparecer ao seu lado. O calouro da defesa esfregava o cabelo com força enquanto olhava para Jean com os olhos arregalados feito uma coruja. Nem esperou que Jean fizesse menção de ter visto sua presença indesejada antes de perguntar:

— Como foi que você aprendeu a passar a bola daquele jeito?

— A resposta óbvia seria treinando — disse Jean.

— É, lógico — admitiu Tanner —, mas o que quero dizer é que jogo há quase nove anos e não consigo arremessar desse jeito. Que tipo de treino é esse? Tem algum livro? Algum vídeo? Dá pra ensinar?

Jean pensou nos oito treinos de precisão de Evermore, que os calouros dos Corvos levavam de semanas a meses para dominar. Aperfeiçoá-los era o único jeito de conquistar tempo de jogo na Edgar Allan, e as consequências para quem fracassava eram brutais.

Por um instante, Jean olhou para Tanner e enxergou Ryan, um calouro que tinha começado com ele. Ryan era muito promissor, mas nunca conseguira passar do quinto treino. Nem toda a humilhação imposta pelos companheiros, nem todas as surras dos treinadores foram capazes de destravar o que faltava nele. Até que, um dia, o mestre passou um pouco do limite com a surra. A causa oficial da morte foi atropelamento com fuga do motorista, um acidente infeliz sofrido enquanto ele dava voltas pelo campus entre uma aula e outra. Seu parceiro confirmou obedientemente a versão para qualquer um que perguntasse.

— Hummm… Então isso é um não? — perguntou Tanner.

Jean se obrigou a focar o rosto erguido diante dele enquanto fechava a torneira.

— Dá pra ensinar. Se dá pra aprender, aí já é outra história.

— Eu consigo aprender. — Tanner se apressou em dizer, mas Jean já estava se virando. — Eu juro!

— Talvez — respondeu Jean, sem se comprometer, enquanto seguia para a porta.

— Você toma mesmo banho como se tivesse alergia à água — comentou Xavier quando Jean passou por ele de novo. — Eu tinha ouvido dizer que você era rápido demais, mas achei que fosse exagero.

— Banho militar. — A declaração confiante partiu de Preston. — Minha irmã toma banho assim também sempre que volta pra casa.

— Nossa — exclamou Tanner. — Eu não sabia que você tinha servido.

Jean se virou devagar para encará-lo, certo de que ouvira errado. Contudo, Tanner parecia de fato interessado, e Preston não deu sinal nenhum de perceber a estupidez que tinha dito. O mínimo que Jeremy podia fazer era parecer envergonhado pelos imbecis sem cérebro de quem era capitão, mas o sorriso largo demais dizia que ele estava a segundos de se escangalhar de tanto rir. Jean lançou um olhar feio para ele, e Jeremy apenas inclinou a cabeça sob o chuveiro e deixou a água escorrer pelo rosto e pelo pescoço.

A surra que eles mereciam teria de esperar; Jean precisava sair dali. Então se limitou a um comentário azedo:

— Um time cheio de talento e vazio de inteligência. — E saiu pela porta.

— Grosso — protestou Preston quando Jean deixou a porta bater.

Meia dúzia de defensores estavam nos armários quando Jean chegou, em vários estágios de nudez. A camiseta larga de Cody tinha grudado em seu corpo em alguns pontos onde elu tinha se secado de qualquer jeito, e só piorou quando Cody puxou a barra para cima e passou no cabelo, junto à testa. Elu sorriu para Jean, que começou a tirar as roupas do armário, e pegou uma folha de papel para mostrar.

— O treinador Rhemann conseguiu imprimir seu horário — disse Cody. — É só avisar quando estiver pronto pra ir.

Jean não perdeu tempo; secou-se, vestiu-se e ficou pronto num instante. Mesmo assim, Tanner conseguiu alcançá-lo antes que ele saísse. O jogador da defesa tinha se lembrado da toalha, mas não tinha parado para se secar, deixando poças no chão ao fincar os pés bem no caminho de Jean. Ele ergueu o queixo, desafiador, e insistiu:

— Eu consigo aprender. Só me dê uma chance.

A insistência era promissora, mas Jean fez um gesto para que ele saísse da frente.

— Isso exigiria tempo extra de quadra. Eu não tenho autoridade para conceder isso.

Tanner não cedeu.

— O treinador Jimenez tem. Eu vou falar com ele.

O fato de ele achar minimamente apropriado passar por cima do capitão e do vice-capitão para pedir um favor diretamente a um treinador era quase repulsivo. Jean sentiu todos os músculos das costas se retesarem diante de uma

fala tão presunçosa. O olhar que Cody lançou para ele dizia que sua expressão o tinha entregado, mas Tanner estava envolvido demais na própria argumentação para perceber quantos limites estava ultrapassando.

— Se ele disser que sim, então você também vai aceitar, né? É só isso que está te impedindo?

Cody apoiou o cotovelo no ombro de Tanner e perguntou:

— O que você está tentando arrancar dele a essa altura do dia?

— Quero que ele me ensine uns macetes de treinos.

— Treinos dos Corvos — explicou Jean quando Cody arqueou a sobrancelha para ele.

— Isso, treinos dos Corvos — respondeu Tanner, animado. — Quero aprender a passar como ele.

— Bem, talvez seja melhor você se vestir antes de sair arrombando a porta do treinador — sugeriu Cody, tirando o braço do ombro dele. — Mas nós temos planos hoje à noite, então vou roubar o Jean. Se conseguir perguntar antes de ir embora hoje, é só me mandar uma mensagem com a resposta que aviso o Jean. Você tem meu número, né?

— Sim, pode deixar — prometeu Tanner e disparou para o armário no outro extremo da fileira.

Cody cruzou o olhar com Jean, mas Jean não precisava de incentivo para seguir atrás. Chegaram ao banco dos atacantes quase ao mesmo tempo que Ananya. Um toque dela bastou para arrancar Pat da conversa com Derek e Derrick, e os quatro seguiram para a porta sob um coro de despedidas.

Pat segurou o portão aberto para eles e entrelaçou a mão à de Ananya assim que passaram. A outra mão foi oferecida a Cody, que não viu, ou fingiu muito bem que não tinha visto, e se ocupou examinando o horário de Jean. Pat soltou um resmungo que era, ao mesmo tempo, de exasperação e carinho, e seguiu para o campus. Cody ficou um passo para trás, mas Jean percebeu o jeito como olhava para Pat e Ananya assim que achou que já era seguro fazê-lo.

Cody se deu conta de que ele tinha percebido e pigarreou.

— Tá, olha só — disse Cody conforme virava a folha de Jean para ele enquanto seguiam atrás de Pat e Ananya. — Seu horário está bem tranquilo. Quatro das suas aulas são todas no mesmo prédio, e a última nem fica tão longe. Ainda bem, porque você só tem um intervalo de dez minutos antes e depois dela. E na sexta você só tem uma aula. Isso é bom, vai facilitar nos nossos jogos fora de casa.

Eles tinham acabado de chegar a Lyon quando Cody recebeu a mensagem de Tanner.

— Rhemann e Jimenez querem você no estádio amanhã de manhã — disse Cody a Jean. — Nós vamos estar na piscina sem você, então até que caiu bem. Pelo jeito, eles querem ver esses treinos misteriosos antes de aprovarem.

Jean assentiu, entendendo, então Cody digitou uma resposta rápida e entregou a folha com os horários.

— Certo, então vamos nos encontrar aqui todas as manhãs esse semestre, das seis às sete e meia. Vamos começar pela segunda, quarta e sexta. Daqui, pra onde você vai?

E então eles seguiram: primeiro, do centro esportivo até o Salão Hoffman, onde ele teria redação empresarial com Shane; depois, até Watt, onde ele e Jeremy fariam aula de cerâmica. Em seguida, voltariam direto ao primeiro prédio, e Cody sorriu, triunfante, quando pararam bem em frente a ele. Jean observou o edifício e aprovou: era um prédio austero, de pedra clara, alto o bastante para se destacar dos demais e servir de referência com facilidade.

— Às terças e quintas, você vem pra cá e fica aqui nas suas duas últimas aulas — disse Cody. — Que tédio.

Ananya ergueu a mão livre e apontou para além de Hoffman.

— O campus acaba ali — explicou, olhando para Jean para se certificar de que ele prestava atenção. — Você vai ter acesso fácil ao parque e ao estádio, mas vai precisar descer um pouco pra achar uma faixa de pedestres. Não que isso deva fazer tanta diferença. Acho que me lembro de você ter um horário livre depois da última aula.

— Uma hora e dez, certinho, todos os dias — confirmou Cody, inclinando-se para conferir o horário de Jean.

Em quatro dias da semana, as aulas de Jean terminariam às 13h50, e o treino da tarde dos Troianos ia das 15h às 20h. Cody apontou para a aula de estatística que Jean teria depois de cerâmica, às segundas e quartas, e disse:

— Eu faço essa com você, então vou garantir que a gente encontre algo pra comer depois. Os treinadores dão lanche no intervalo, mas esperar até 20h30 ou 21h pra comer comida de verdade é horrível.

— Eu gosto de jantar tarde — disse Pat, quase como se pedisse desculpas.

— Seu esquisito — resmungou Cody. — Mas, falando em jantar, que tal a gente comer antes que eu morra?

— Você gosta de malai kofta? — perguntou Ananya. Jean não sabia dizer se aquilo era um lugar ou uma comida, mas Ananya apenas assentiu quando ele

franziu a testa, confuso. — Então é isso que vamos comer. Você vai gostar, tenho certeza.

— Talvez. — Cody lançou um olhar para Jean. — Laila deu a entender que você é fresco pra comer.

— Cauteloso — corrigiu Jean com certa frieza.

— Se você diz — respondeu Cody.

— Como se Laila pudesse falar dos hábitos alimentares de alguém, sendo que ela bebe aquela… como é mesmo o nome daquela coisa? — Pat olhou de Cody para Ananya, pedindo ajuda. — Aquele chá estranho com umas bolinhas mastigáveis dentro.

— Não é tão ruim assim — protestou Ananya.

Ao passo que Cody respondeu:

— Aquele troço é nojento.

— Horroroso — concordou Jean, e Ananya suspirou, derrotada.

Eles seguiram para a parte norte do campus. Havia uma faixa de pedestres ali perto, mas, àquela hora do dia, os semáforos das ruas vizinhas abriam uma brecha suficiente no trânsito para que pudessem atravessar a Jefferson correndo, com segurança, sem precisar usá-la. O restaurante para onde Ananya os levava ficava logo adiante. Só duas mesas estavam ocupadas, e Ananya pareceu satisfeita ao encontrar o lugar tão vazio.

— O verão aqui é muito melhor mesmo — comentou Ananya. — Assim que as aulas começarem, esse lugar vai virar um caos.

Havia mesas no centro e sofás ao longo da parede. Ananya pediu um daqueles e colocou a mão de leve nas costas de Pat. Jean percebeu o olhar que os dois trocaram e presumiu que aquele era o motivo de Cody ter chegado primeiro ao assento. Pat se sentou ao lado de Cody, e Ananya ofereceu a Jean um sorriso radiante antes de ocupar o lugar em frente a Cody. Jean não se importava com quem se sentaria, mas, ainda assim, lançou um olhar para Cody, que parecia à vontade enquanto tirava guardanapos do suporte, então Jean se sentou sem discutir.

— Hoje é por nossa conta, por aturar nossa companhia — disse Ananya. — Alguma alergia? Não? Então vamos pedir de tudo um pouco.

Jean achou que ela estivesse exagerando, mas, quando a garçonete se aproximou para deixar os copos de água, Ananya disparou de memória uma lista de pratos. Jean entendeu muito pouco do que ela disse, já que só um ou dois nomes estavam em inglês, mas a reação animada de Cody e Pat a algumas das

opções mostrou que eles estavam acompanhando. Jean não se sentiu exatamente tranquilo, mas ainda era cedo demais para se preocupar.

Os três foram saltando de um assunto para outro numa conversa leve e animada. Deixavam espaço para Jean participar, lançando uma pergunta aqui e ali quando ele ficava calado por tempo demais, mas ele estava bastante satisfeito em ficar de fora sempre que podia.

A paz durou até os primeiros pratos chegarem, e a visão da massa frita fez Jean se inclinar para trás no banco. Os outros foram rápidos em pegá-las. Ananya abriu a sua para mostrar o recheio, como se, de algum modo, as ervilhas e a batata pudessem compensar o desastre do lado de fora.

— É frito — disse ele.

— Está uma delícia — disse Cody, focade em atacar a comida. — Se você não quiser a sua, posso ficar com ela?

— Jogue fora.

— Nem pensar.

A chegada de mais pratos interrompeu a conversa, e Jean observou com desaprovação crescente enquanto uma sequência de comidas desconhecidas era colocada diante dele. Havia pedaços mergulhados em tigelas de molho e creme, travessas cheias de arroz e carne e uma pequena pilha de pães cobertos com uma pasta de cor duvidosa. O cheiro de fermento quente e especiarias cheirosas tomou conta da mesa, misturado ao aroma salgado de carne e queijo.

Ananya reorganizou os pratos com a naturalidade de quem já tinha feito aquilo mil vezes, dizendo os nomes e o nível de pimenta de cada um enquanto dava alguma ordem à bagunça. Foi só quando terminou que Jean percebeu que ela tinha separado os pratos de frango e cordeiro dos vegetarianos. Nem os vegetarianos se salvavam: os legumes que Jean conseguia ver estavam quase todos enterrados em molhos grossos e caldos escuros. Jean não fazia ideia do que fazer com nada daquilo e não tinha certeza de que podia confiar que Ananya o orientasse depois de ela ter começado justamente por um salgado frito.

— Com o que você quer começar? — perguntou Ananya.

— Com nada — respondeu Jean. — Nada disso parece adequado.

— Adequado — repetiu Ananya, ofendida — em que sentido?

Jean pensou no modo mais simples de explicar e acabou recorrendo à interpretação de Cat.

— Macronutrientes — disse ele e fez cara feia ao ouvir a palavra sair mais francesa do que inglesa. Tentou de novo, pronunciando com extremo cuidado, e a expressão vazia no rosto de Ananya deu lugar à compreensão. — As refeições

dos Corvos são fornecidas pela equipe para garantir que nós… que eles recebam exatamente o que precisam para render no treino. Cat está me ensinando a montar refeições que batam com esses valores. Eu não tenho como calcular isso aqui se nem sei o que é.

— Você está pensando demais — disse Pat. — É só comida.

— Seu desrespeito pela nutrição não é motivo de orgulho — advertiu Jean.

— Dê alguns exemplos pra gente — sugeriu Cody, deixando o pão de lado.

Jean, obediente, começou a contar nos dedos o café da manhã, o almoço e o jantar. Talvez tivesse sido um erro: os colegas o encaravam como se ele fosse um alienígena. Cody conseguiu recuperar a voz primeiro.

— Não todo santo dia. Jean — insistiu Cody ao ver que Jean apenas franzia a testa —, me diga que pelo menos tinha alguma variedade.

Jean pensou um pouco.

— Às vezes levavam fruta.

— Certo — disse Ananya, arrastando as palavras. — Hum… tá. Deixa eu pensar. — A expressão concentrada no rosto dela enquanto avaliava os pratos sobre a mesa não inspirava confiança alguma, mas, depois de um tempo, ela disse: — O biryani? — E Cody entregou um prato que estava no canto mais distante. Ananya o colocou perto do copo de Jean. — Confesso que não costumo pensar em comida de forma tão regrada, mas acho que isso aqui deve ser parecido o bastante.

"Deve ser" não era suficiente. Jean não fez menção de se servir.

— O que é isso?

— Biryani de frango — respondeu ela.

Jean encarou Ananya até que ela começou a listar os ingredientes nos dedos. Ele conhecia cada um dos ingredientes com exceção do arroz basmati, então baixou os olhos para o prato. Analisando de modo superficial, o prato parecia seguro e aceitável, mas, sem a facilidade e experiência de Cat para se apoiar, Jean estava perdido. Havia a possibilidade de estar calculando tudo errado, ou de Ananya ter esquecido algum ingrediente sem perceber. Jean não podia correr o risco. Empurrou o biryani para longe de seu alcance.

— Não — arriscou Ananya, com uma decepção evidente.

— É só frango com arroz — protestou Cody. — Eu já vi você comer isso no almoço.

— Eu como mais tarde — disse Jean. Quando Cody pareceu prestes a discutir, ele acrescentou: — Não estou com fome.

— Sem querer ser grosso, mas não acredito em você — retrucou Pat.

— No que você acredita não é problema meu.

— Jean — disse Pat e, quando Jean se recusou a olhar para ele de início, tentou: — Moreau.

Jean lançou para ele um olhar sombrio, mas Pat ignorou o aviso nítido ali. O maxilar dele estava travado numa teimosia visível enquanto estudava o rosto de Jean, que não sabia o que ele procurava, mas não precisou esperar muito para descobrir. Pat estendeu a mão e despejou uma porção de legumes fritos no prato dele. Jean empurrou o prato para longe antes que alguém pudesse achar que ele pretendia comer aquilo, e Pat largou o pegador na mesa com um barulho seco e estrondoso.

Ananya estendeu a mão para Pat em advertência.

— Querido, estamos em público.

Pat não olhou para ela, mas pelo menos teve juízo suficiente para manter a voz baixa.

— Isso não é cuidado, Jean… isso é medo. Você tem medo de comer. — Havia mais consternação do que raiva na acusação, mas, ainda assim, Jean sentiu os pelos da nuca se eriçarem. — O que caralhos eles tinham na cabeça na Edgar Allan? Isso não é normal nem aceitável.

— Você não tem o direito de me dizer o que é normal — rebateu Jean, com tanta ferocidade que Ananya se afastou um pouco. — Você não sabe nada sobre mim.

— Não, mas…

Jean não queria ouvir. Saiu do banco e se desvencilhou do aperto de Ananya quando ela tentou segurá-lo.

— Preciso fazer uma ligação — disse, e foi embora sem olhar para trás.

Ele empurrou a porta com tanta força que as dobradiças estalaram de um jeito ameaçador, e então Jean recuou até a esquina para observar o trânsito. Sabia que a casa não ficava muito longe dali; daquele ponto, conseguia ver o cruzamento entre a Jefferson e a Vermont que atravessava todos os dias para ir ao treino. Era uma caminhada curta — mais algumas curvas, e ele estaria seguro em território conhecido. A proximidade era quase cruel.

Jean torceu para que a porta rangendo atrás dele fosse de outra loja, mas Cody apareceu ao seu lado instantes depois. Acompanhou a direção do olhar de Jean e perguntou:

— Indo pra casa?

— Não posso — disse Jean e, pela primeira vez, admitir aquilo o irritou: — Corvos não podem andar sozinhos.

Eu não sou um Corvo ecoou de forma cortante em suas têmporas. Jean queria arrancar aquilo de dentro da cabeça.

— Eu te acompanho até em casa depois do jantar — ofereceu Cody. — Quer voltar lá pra dentro?

— Primeiro preciso fazer uma ligação — disse Jean. — Eu prometi ao treinador Rhemann.

Cody assentiu e deu um passo para trás.

— Então te vejo depois.

Jean esperou a porta se fechar antes de baixar os olhos para o celular, apertado com tanta força na mão que os nós dos dedos ficaram brancos. Só de pensar em fazer a ligação, cada nervo de seu corpo ficava à flor da pele, mas ele deslizou devagar até o número que tinha salvado com o nome IGNORAR. Tocou o botão de chamada com dedos leves demais, sem o ativar, pensando se não seria mais fácil se safar com uma mensagem, e enfim pressionou de verdade. Talvez ela estivesse dormindo, e pelo menos ele poderia dizer a Rhemann que tinha tentado.

— Oi, Jean — disse a voz de Betsy Dobson ao pé do ouvido dele, depois de apenas um toque. — Eu já esperava que você fosse entrar em contato..

Então ela tinha visto as notícias.

— Meu treinador mandou eu ligar pra você — disse Jean, deixando o *isto não é uma escolha minha* no ar. — Vou dizer a ele que você está ocupada demais pra falar essa semana. Se ele perguntar, você só precisa confirmar.

Jean percebeu o sorriso na voz dela ao ignorar o que ele falara e perguntar:

— Você está livre agora, ou amanhã em algum horário seria melhor?

— Nenhum horário vai ser melhor — retrucou Jean. — Eu não tenho nada pra dizer a você.

— Eu posso falar por nós dois até ficarmos mais à vontade um com o outro.

Jean hesitou enquanto uma lembrança solta insistia em cutucá-lo.

— Você disse que Kevin te deu permissão para me contar o que quer que tenha dito a você. É isso mesmo?

— Sim, é isso mesmo — concordou Dobson. — No mínimo, acho que ele quer que você saiba o que já sei de onde você veio. Isso pode criar um espaço seguro pra você trabalhar até estar pronto para se aventurar por um território novo.

Jean apertou as unhas contra o lábio inferior enquanto pensava. Depois de um tempo, disse a contragosto:

— Então depois. Eu só vou ouvir.

— Amanhã, neste mesmo horário, serve?

Não, pensou Jean, mas disse apenas:

— Sim. — E desligou.

Se ela ligasse de volta, ele talvez jogasse o celular no meio da rua, mas ela só mandou uma mensagem de confirmação alguns instantes depois: "Moreau – Dobson, 3 de julho, 19h, terapia." Jean quase apagou antes de decidir que iria precisar daquilo como prova para Rhemann. Já ia guardar o celular, então resmungou uma grosseria em francês e atualizou as informações de contato dela antes que Rhemann visse. Livre daquela tarefa odiosa, enfim voltou a se juntar aos colegas do lado de dentro.

Eles fizeram algumas tentativas protocolares de incluí-lo na conversa, mas Jean se manteve de fora sempre que podia. Observá-los era mais interessante, porque eles estavam unidos por um afeto evidente e fácil. Cody e Pat colocaram as sobras em potes de plástico, enquanto Ananya pagava a conta, e os quatro saíram do restaurante em fila curta.

— Até daqui a pouco — disse Cody.

Ananya enlaçou o braço no de Pat.

— Boa noite, Jean.

Ela e Pat seguiram por um lado, enquanto Cody e Jean foram pelo outro. A cada passo que Jean colocava entre ele e os dois, ficava um pouco mais fácil respirar. Talvez não fosse tanto a ausência deles, e sim o destino, porque, quando a casa de Laila enfim apareceu à frente, Jean sentiu o corpo assentar. Cody parou ao lado dele, ao pé da escada, e ergueu uma sacola de comida em oferta.

— O biryani — disse Cody, calmo diante da desaprovação de Jean. — Você disse que confia na Cat com sua comida, então pede pra ela dar uma olhada nisso contigo. Se você não gostar do que ela disser, fique à vontade pra jogar fora. — Cody esperou Jean pegar a sacola antes de se virar, mas desacelerou e voltou alguns passos depois. — Se não tiver ninguém em casa, isso vai ser um problema para você?

Jean olhou por cima do ombro, para onde o carro do Jeremy ainda não tinha voltado.

— Eu fiquei sozinho em Palmetto State — disse ele e, a contragosto, acrescentou: — Uma vez.

A expressão de Cody ficou séria.

— Então eu fico. Sei qual foi o fim dessa história.

— Eu não me lembro — escapou antes que ele percebesse que ia dizer, uma confissão baixa que evitara quando os amigos dele tentaram, com cuidado,

abordar aquele dia desastroso. Jean pensou em água gelada e vidro estilhaçando. Enterrou os dentes da chave no próprio polegar e disse: — Mesmo agora, a maior parte é um borrão.

— Talvez seja melhor assim.

— Talvez — murmurou Jean e destrancou a porta da frente para poderem entrar.

Cody ficou logo depois da porta, enquanto Jean dava uma volta pela casa, à procura de Cat e Laila. Todos os cômodos estavam escuros e vazios, então Cody tirou os sapatos com a ponta do pé e trancou a porta. Foram parar na cozinha para Jean guardar a comida. Àquela altura, ele estava com tanta fome que se sentia irritado, mas se contentou em pegar a jarra de água da prateleira. Cody assentiu quando ele a ergueu, então Jean foi buscar dois copos em seguida.

— Valeu. — Cody se acomodou num banco e apontou. — O que tem atrás da sua geladeira?

Jean nem precisava olhar para saber o que Cody tinha visto.

— O cachorro ridículo de papelão deles. Jeremy fica colocando ele no nosso quarto.

— Caramba. — Havia admiração na voz de Cody, mas não era por causa do cachorro. — É assim que você fala? Jeremy — pronunciou devagar conforme tentava imitar o sotaque dele. Jean ficou pensando se deveria se sentir ofendido, mas Cody viu a expressão no rosto dele e se apressou em dizer: — Não, não, é muito bom. Por favor, não mude nunca. Jeremy. — Cody tentou de novo, um pouco melhor daquela vez. — Aposto que ele ficou de joelhos quando você pronunciou o nome dele pela primeira vez. Eu ficaria.

Jean se recusou a entrar naquela conversa.

— Beba sua água.

Cody encheu o próprio copo.

— Posso te perguntar uma coisa? Você pode mentir, se quiser.

Jean olhou uma vez para o rosto de Cody e disse:

— Não pode.

O sorriso que repuxou a boca de Cody dizia que a recusa imediata de Jean já era resposta suficiente, mas elu foi decente o bastante para deixar aquilo passar com a farpa mais sutil:

— Bem, isso ainda nos deixa mais vinte e seis colegas de equipe para fofocar. Por quem a gente começa?

Como era de se esperar, começaram pela linha de defesa. Cody citou um jogador, e os dois compararam impressões e possíveis pontos de melhora. Cody

se recusou a falar dos goleiros, rindo e dizendo que tinha medo demais de ofender qualquer um deles. Eles estavam justamente começando a falar dos meias quando Cat e Laila chegaram em casa, e as duas seguiram a luz até a cozinha. Cody pulou o cumprimento para jogar Jean na fogueira:

— Até que enfim! Jean ia morrer de fome se vocês demorassem mais.

Cat parou no meio do caminho até eles.

— Eu achei que você tinha saído pra comer. O que aconteceu?

— Boa sorte — disse Cody a Jean.

Cody teve a audácia de soar compadecide. Jean lançou um olhar fulminante, mas Cody só desceu do banco num pulo e deu um abraço rápido de despedida em Laila. Como era de esperar, Cat acompanhou Cody até a porta da frente para exigir uma explicação melhor. Laila ficou para trás conforme observava Jean com um olhar sério. Se ela não iria dizer nada, ele também não. Jean se concentrou em beber a água até Cat voltar. Ela foi direto à geladeira, puxou a comida dele da prateleira e colocou o pote na frente de Jean.

— Vai, me explica — disse Cat.

Jean detalhou para ela: primeiro os ingredientes, depois os chutes em relação aos números. Alguns ele já sabia de cor àquela altura: o arroz e o frango eram fáceis, desde que o arroz basmati chegasse perto do arroz integral que Cat preferia. As especiarias eram irrelevantes e, embora ele não lembrasse como ficava a conta do iogurte, sabia que ela podia corrigir. Somou tudo quando terminou e esperou que ela confirmasse.

— Você já sabe que está certo — disse ela. — Por que você não conseguiu confiar no seu cálculo?

— Eu podia ter errado.

Cat vasculhou o rosto dele.

— Errado em quê? Cinco ou seis carboidratos? Dois gramas de gordura? Isso não faz diferença no panorama geral. — Quando Jean não respondeu, ela rasgou a capinha plástica dos talheres e deu uma batidinha de leve no nariz dele com o garfo. — Digamos que você se esqueceu de somar alguma coisinha e comeu um pouco a mais. Cody iria te arrastar para a rua? Eu iria? Não é uma pergunta retórica, Jean — insistiu ela quando ele não respondeu. — Eu preciso saber se você tem medo da gente.

— De um time que nem sabe brigar? — perguntou ele, ofendido.

O sorriso de Cat foi rápido, mas satisfeito. Jean percebeu que tinha caído direitinho, mesmo antes de ela concordar:

— De um time que não briga. Meu Deus, isso está uma delícia — acrescentou, roubando uma garfada do jantar dele. Ela se inclinou sobre a mesa e depositou um beijo na testa dele. — Você sabe o que está fazendo. Confie em si mesmo, tá bem? Agora coma, antes que definhe. Se não gostar mesmo, a gente faz outra coisa pra você.

Laila apontou por cima do ombro.

— Venha falar com a gente se precisar. Meu programa já vai começar, então vamos estar no outro cômodo.

Jean ficou empurrando a comida dentro do pote por alguns minutos depois que elas saíram, a cabeça um emaranhado de pensamentos, e, por fim, deu uma garfada. Quase desejou odiar aquilo, depois do estresse que tinha causado a todo mundo naquela noite, mas, mesmo frio, estava bom o bastante para ele continuar a comer.

Ele estava quase no fim quando Cody mandou uma mensagem simples: "Comeu?"

"Comi", confirmou Jean. Depois de um instante de indecisão, acrescentou: "Estava bom."

":)", foi tudo o que Cody respondeu, então Jean deixou o celular de lado para terminar de comer.



CAPÍTULO SEIS

Jeremy

Jeremy não imaginava que começaria a manhã descobrindo que os Corvos ignoravam os feriados nacionais. Ele encarou Jean por cima da caneca de café, desejando que a cafeína fizesse efeito um pouco mais rápido para conseguir acompanhar a indignação atônita do outro. Talvez alguém devesse ter avisado a Jean de que o time não teria treino na quarta-feira, mas quem imaginaria que ele precisasse daquele aviso? Jean era francês, mas já estava nos Estados Unidos havia tempo suficiente para saber do feriado de 4 de Julho.

— É feriado — disse Jeremy pela terceira vez.

— Todo ano? — exigiu Jean.

— Exatamente, tiro e queda — respondeu Cat, animada, enquanto mexia os ovos na frigideira. — Considerando o papel da França na guerra, você deveria encarar como seu dever patriótico passar o dia festejando.

— Faltar ao treino por causa de uma coisa que aconteceu duzentos anos atrás é irresponsabilidade.

— Você é mesmo um raio de sol às vezes — retrucou Laila. Ela deixou a caneca de café de lado e apoiou o rosto na mão para o observar melhor. — Se isso não conta como feriado de verdade na Edgar Allan, então o que conta? Ano-Novo e Natal, imagino, mas o quê…?

Jeremy não gostou do jeito como ela deixou a frase morrer, mas terminou o restante do café antes de olhar de um para o outro. A rigidez teimosa na mandíbula de Jean já era resposta suficiente, mas ele não hesitou em deixar tudo explícito:

— Os Corvos não podem se dar ao luxo de ter feriados de inverno com os campeonatos começando em janeiro. Esse período é crítico.

— Eles precisam ter algum dia de folga — insistiu Laila. — Não vai me dizer que eles nunca param?

Por um instante, Jeremy temeu a resposta, mas então Jean disse:

— O último dia de cada mês e os quatro primeiros dias depois das provas finais são períodos obrigatórios de recuperação.

Jeremy avaliou o peso da garrafa de café, mas não encheu a caneca de novo.

— E quando mais?

Jean olhou para ele.

— Quando mais o quê?

— Pelo amor de Deus — disse Cat. — A partir de agora, você está oficialmente obrigado a comemorar todos os feriados importantes. Quando é seu aniversário?

— Novembro.

Cat esperou, mas nada mais se seguiu.

— Tipo, todos os trinta dias? Ou será que você pode especificar a data exata?

Jean inclinou a cabeça, pensando, e Jeremy desejou encontrar no rosto dele ao menos um traço de desconfiança. A reserva causada pela falta de confiança seria melhor do que aquilo, seja lá o que fosse. No entanto, Jean continuou a pensar, batendo o polegar de leve na bancada enquanto tentava chegar a uma resposta, mas não encontrou nada.

— Novembro — repetiu, dando de ombros, indiferente. — Deve estar em algum lugar na minha ficha.

— Você não sabe o dia do próprio aniversário? — perguntou Jeremy.

Jean olhou para ele.

— Por que eu saberia? Isso não tem relevância em Evermore.

— Não comemorar e não saber são dois problemas muito diferentes — rebateu Jeremy. Jean tentou dispensar o assunto com um gesto, então Jeremy insistiu: — O Kevin sabe quando é o aniversário dele, e ele ficou em Evermore por mais tempo do que você.

O olhar de Jean permaneceu firme.

— E daí?

O desafio contido naquela resposta tão simples fez Jeremy hesitar. No fim, ele cedeu com um suspiro cansado:

— E ele se recusa a comemorar. Mas imagino que você saiba tão bem quanto eu por quê. — Jean não respondeu, mas desviou o olhar. Jeremy tentou outra vez: — Mesmo que os Corvos não se importassem com aniversários, você ficou em casa até os catorze anos. — Quando ficou nítido que Jean estava esperando Jeremy chegar ao ponto, ele foi obrigado a tirar a única conclusão possível: — Quer dizer que eles também nunca fizeram nada. Sério? A sua família?

— E eu achando que *os seus* pais eram uns babacas — comentou Cat com uma careta para Jeremy.

Laila nem hesitou.

— E são.

— Valeu, gente — disse Jeremy e encheu a caneca de novo.

— Sempre às ordens. — Cat parecia distraída enquanto mexia no celular. Jeremy estava no meio do caminho de volta à bancada com a caneca de café quando ela fez uma ligação, e não passou despercebido para ele o jeito como Jean ficou tenso ao ouvi-la dizer, toda animada: — Oiii, treinadora. Tá ocupada? Queria pedir pra você olhar uma coisa pra gente. — Ela ignorou Jean com um gesto quando ele estendeu a mão para o celular. — A Edgar Allan informou a vocês quando é o aniversário do Jean? É, a gente já tentou isso. Três chances pra adivinhar por que estou te perguntando.

Jean xingou baixinho e se afastou deles. Jeremy estendeu a mão em uma tentativa de chamá-lo de volta, mas Jean não iria chegar nem perto de Cat enquanto ela não desligasse.

— Ah, nossa, sério? Incrível, obrigada, você é a melhor. — Cat largou o celular de lado, sorrindo em triunfo. — A treinadora Lisinski disse que é no dia nove.

— Você não pode ligar pra uma treinadora sem mais nem menos — insistiu Jean.

— Posso, sim, e liguei. — Cat foi marcar no calendário. — Pra que mais eu teria o número deles, se não pudesse usar? Olhe só. — Ela bateu com o dedo no

quadradinho em que tinha escrito o nome de Jean e depois contou alguns dias à frente. — O seu é três dias antes de Cody. A gente podia fazer uma festa de aniversário dupla e caprichar de verdade.

Ela começou a voltar mês por mês até julho e parou em agosto. Jeremy não conseguia ler as anotações dali da bancada, mas bastou uma olhada para saber o que já estava escrito na página. Vinte e sete de agosto era o primeiro dia de aula, e duas semanas antes tinha acontecido a entrevista conjunta de Jean e Kevin. Cat tocou o dia onze, mas decidiu não comentar nada, e por fim voltou a julho. A única coisa que ela tinha anotado naquele mês era um lembrete marcado com estrela no rodapé: alguém precisava entrar em contato com as Raposas no dia vinte e três de julho.

— Já está chegando — comentou Cat, distraída com aquela mesma sequência de dias. Ela passou o dedo pela semana e lançou um olhar sombrio por cima do ombro para Jeremy. — Kevin já comentou algo a respeito disso?

— Não — respondeu Jeremy e admitiu: — Eu não perguntei. Não sei muito bem o que dizer.

— "Espero que seu companheiro de equipe seja absolvido, bjs"? — sugeriu Cat conforme se afastava do calendário. — O que estão dizendo por aí é que o Aaron abriu mão do júri, mas ainda não consegui ligar esses rumores a uma fonte confiável. Negócio arriscado, confiar o veredito a um homem só, mas deve ser melhor assim, considerando a reputação das Raposas. Em quem eles poderiam confiar para ser imparcial?

Laila suspirou.

— Eles não têm um minuto de paz mesmo, né?

— Talvez este seja o ano deles — disse Jeremy.

Jean dispensou a ideia com um gesto.

— O ano deles foi o ano passado.

— Óbvio — disse Laila, seca. — Tirando a overdose fatal, o sequestro, as acusações de assassinato, o vandalismo desenfreado no campus e… Andrew — acrescentou, depois de uma pausa desconfortável. — Fora isso tudo, foi um ano maravilhoso pra eles.

— Eles ganharam as finais — apontou Jean.

Laila ergueu os olhos para o teto, pedindo paciência.

— Ah, lógico. Como eu pude esquecer?

— Considerando que vocês jogaram fora a temporada contra eles sem necessidade, eu esperaria que se lembrasse.

Jeremy deixou a caneca de lado e encarou Jean.

— Jean, olhe pra mim — disse e esperou até Jean lhe dar toda a atenção. — É importante pra mim que você entenda que a gente não jogou nada fora. Nunca antes na história da Primeira Divisão um time fez o que as Raposas fizeram no ano passado. E, sim, eles já vinham embalados pelo ano anterior, e o Kevin fez uma diferença enorme no elenco, mas isso só explica até certo ponto. A gente queria entender essa ascensão meteórica, então precisava se testar contra eles no nível deles. Não sabíamos se teríamos outra chance. Quem garante que eles vão repetir isso dois anos seguidos?

— Vocês apostaram e perderam.

— Os Corvos não apostaram, e perderam da mesma maneira — apontou Jeremy. Jean desviou o olhar, não para evitar a conversa, e sim num gesto de reflexão. Jeremy lhe deu alguns segundos para interromper antes de continuar: — A gente pode fazer o que os Corvos não conseguem, o que eles nunca aprenderam a fazer: aguentar uma derrota e aprender com cada time que enfrenta. Ficamos mais fortes por jogar contra as Raposas, e ficamos mais fortes por perder. Era disso que a gente precisava, então vamos focar nessa oportunidade de ouro, e não no resultado decepcionante. Se Palmetto chegar até lá de novo, acredito de verdade que a gente pode sair por cima.

— Se chegarem, o Kevin vai ser problema seu — disse Cat a Jean. Era uma suposição ousada, considerando que Jean começaria o ano como reserva, mas Jeremy não conseguia imaginar Rhemann tomando outra decisão. — Você dá conta dele?

Jean foi honesto o bastante para responder:

— Não sei, considerando as restrições dos Troianos. Antes, eu preciso destruir o Allen.

— Derrick? — perguntou Jeremy, surpreso. — O que ele fez pra você?

— Ele acha que é melhor do que eu — disse Jean com uma expressão azeda. Ele tamborilou num ritmo irritado na lateral da caneca e disse: — A gente não se enfrenta o bastante em quadra. Preciso estudar mais alguns jogos pra ver o desempenho dele para além dos treinos. Não vai ter treino nenhum hoje?

— Nenhum — confirmou Jeremy.

Jean disse algo nada simpático e saiu da cozinha. Cat lançou um olhar exasperado para a direção em que ele tinha ido enquanto terminava de servir o café da manhã, depois arqueou uma sobrancelha para Jeremy.

— Quando você vai contar a ele que a gente vai à Santa Monica ver os fogos?

— Talvez quando a gente estiver colocando ele no carro — sugeriu Jeremy.

Laila sorriu.

— Pelo menos deixe-o assistir um jogo ou dois antes. Vai acalmá-lo.

— Só podemos torcer por isso. — Jeremy estendeu a mão para pegar o prato de Jean. — Você precisa da TV ou posso largá-lo na frente dela?

— Toda sua — disse Laila, e Jeremy foi arrancar Jean do notebook.

Não era daquele jeito que ele tinha planejado passar a manhã, mas, assim que Jeremy colocou um jogo qualquer na TV, foi fácil se acomodar ao lado de Jean no sofá. Tinha escolhido a partida ao acaso, porém, dez minutos depois, lembrou qual era o jogo e ficou satisfeito com a escolha.

Mais interessante do que o jogo era a forma como Jean reagia a partida. Com todos os filmes que tinham enfiado na frente dele, Jean permanecera em silêncio e distante, mas ele tinha ficado vidrado no jogo desde o começo. Pontuava a partida com observações casuais e comentários maldosos e até tentava mandar os comentaristas calarem a boca quando falavam por cima discordando da opinião dele. Era mais adorável do que deveria, e Jeremy escondia o sorriso na caneca já vazia sempre que Jean ficava especialmente grosseiro.

Quando Jeremy, na tela, errou um arremesso que de fato não devia ter errado, Jean se virou para encará-lo. Ele parecia tão chocado que Jeremy não conseguiu evitar rir.

— Foi mal. Eu e ele temos um histórico, então me distraí com a nossa conversa. — Mais especificamente, Ivan Faser tinha listado tudo o que deixaria Jeremy fazer se o capitão dos Troianos aparecesse em seu quarto de hotel depois da partida. Jeremy tentou fazer uma cara solene e levou a mão ao peito. — Não vai acontecer de novo, palavra de honra.

O Jeremy do passado se redimiu dez minutos depois, quando conseguiu escapar dos dois defensores e marcar. O goleiro não esperava que ele fosse conseguir daquele ângulo e daquela distância e bateu a raquete no chão em frustração.

Jeremy abriu um sorriso para Jean e disse:

— Isso compensa a última pisada na bola, né?

— Uma boa jogada não apaga um erro crítico — disse Jean.

Jeremy revirou os olhos e afundou de volta no seu lado do sofá. Estava quase se acomodando quando Jean disse:

— Mas, na maior parte do tempo, você é muito bom.

Não foram as palavras que fizeram seu coração acelerar; Jeremy já tinha ouvido variações do mesmo elogio por anos, ditas por companheiros de equipe e por desconhecidos. Foi a satisfação evidente na voz de Jean que alimentou o fogo

da carência em Jeremy. Ele abriu a boca, tornou a fechá-la e acabou escolhendo um animado:

— Valeu! Eu me esforço ao máximo. Ei, quer água? Vou pegar.

— Sim — disse Jean, e Jeremy saiu da sala antes que dissesse algo de que os dois fossem se arrepender.

Estava devolvendo a jarra ao lugar quando notou um quadrado marrom estranho aparecendo por trás da geladeira. Um puxão cuidadoso revelou uma pata, e Jeremy riu quando percebeu o que estava vendo. Puxou o totem para fora do esconderijo e espanou o papelão com a mão, com cuidado. Au-Au parecia não ter saído pior da aventura: seja lá qual ataque de irritação tivesse levado Jean a escondê-lo ali, pelo menos ele tivera o cuidado de não arranhar o cachorro no processo.

Jeremy apoiou os dois copos numa mão só, conferiu se estava segurando direitinho e voltou à sala levando Au-Au junto.

— Olha quem quer assistir ao jogo com a gente — disse Jeremy e colocou o cachorro na almofada vazia entre os dois.

O olhar de soslaio que Jean lançou ao totem dizia que ele estava cogitando seriamente atirá-lo do outro lado da sala como um aviãozinho de papel gigante, mas o rapaz só pegou a água sem comentar nada. Jeremy retomou seu lugar e se acomodou para assistir ao restante da partida.

O segundo jogo já estava acabando quando Laila apareceu à porta para avisar que eles tinham cinco minutos. Ela já estava pronta para sair, num maiô preto, as pernas longas à mostra e o cabelo preso numa trança francesa fixada com grampos. Alguns segundos depois que ela foi embora, os Troianos marcaram, mas Jean nem reagiu. Estava olhando através da TV como se tivesse esquecido onde estava.

Jeremy não conseguiu se segurar.

— Deve ser bom gostar dos dois. Aposto que torna as coisas mais fáceis.

— Pare de descolorir o cabelo. Essa água oxigenada está apodrecendo seu cérebro — disse Jean com mais amargura do que Jeremy achou que seu comentário merecia. — Por que ela está vestida assim?

— Eu te conto em cinco minutos — prometeu Jeremy.

Jean resmungou algo grosseiro entre dentes, mas deixou para lá, e eles assistiram aos dois minutos finais em silêncio. Jeremy arrumou outro canto para Au-Au antes de levar Jean até o quarto deles e explicar o plano da tarde: fazer churrasco e jogar vôlei de praia. Como era de se esperar, Jean não ficou nem um pouco impressionado com a ideia, mas tinha sido vencido na votação e não ia

ficar em casa sozinho. Ele colocou as roupas mais frescas que tinha, enquanto Jeremy colocou uma bermuda de banho e uma camiseta, e encontraram as meninas à espera na porta da frente.

Cat agarrou Jean pelo pulso e atirou a bolsa com toalhas e protetor solar para Jeremy.

— A gente encontra vocês lá! — disse puxando Jean porta afora.

Jeremy segurou a porta com o pé e viu que ela já tinha levado os capacetes e as jaquetas deles para a moto. Ele esperava, sinceramente, um pouco mais de resistência da parte de Jean, mas o rapaz hesitou só por um instante antes de pegar o capacete da mão estendida de Cat.

Os dois já tinham sumido antes mesmo de Laila terminar de trancar a porta da frente. Laila lançou um olhar de lado para Jeremy.

— Ah, lógico que isso não vai dar errado pra você… nem um pouco.

— Ela nem consegue entrar — apontou Jeremy.

Laila só deu de ombros e foi atrás dele até o carro. O restante das periguetes ia direto para a praia, para garantir um espaço na areia, mas o grupo de Jeremy tinha uma parada antes. Mathilda e Warren estavam trabalhando naquele dia, e Bryson estava em Edmonton. Aquilo deixava a casa de Jeremy vazia, então ele tinha oferecido as churrasqueiras deles para o jantar. Morava apenas a doze minutos de onde passariam a tarde, então a comida ainda estaria quente quando carregassem tudo até lá.

O trânsito de feriado fez o trajeto demorar mais do que ele esperava, e Cat tinha a vantagem de estar numa moto menor. Quando Jeremy estacionou em casa, a moto estava sozinha na frente, um capacete pendurado em cada guidão. Cat não tinha a chave da casa, e William tinha viajado no feriado, então Jeremy presumiu que ela e Jean estivessem enrolando no quintal dos fundos. Em vez disso, encontrou a churrasqueira acesa, sem ninguém por perto.

Jeremy mal teve tempo de se perguntar o que estava acontecendo antes de Cat abrir a porta dos fundos e dizer:

— Até que enfim! Vocês vieram a pé?

Ela notou a expressão confusa no rosto dele e apontou o polegar por cima do ombro.

— Dallas me deixou entrar. Disse que o William falou pra ele que você passaria aqui pra preparar o jantar. Lógico que ele entrou em pânico.

Ela se afastou para deixar os dois entrarem. O chef da família estava a todo vapor na ilha da cozinha, mangas dobradas até os cotovelos enquanto moldava hambúrgueres com as mãos. Os Troianos tinham decidido fazer hambúrguer de

feijão-preto naquela noite para poder grelhar os deles e os de Ananya tudo ao mesmo tempo, e William devia ter repassado a decisão ao convocar Dallas para a missão. Havia uma pequena pilha de tábuas de corte e facas de lado, prova de que ele já tinha picado qualquer cobertura que conseguira imaginar.

— Você deveria estar em casa descansando hoje — disse Jeremy.

— Com toda a comida boa aqui? — retrucou Dallas. — Me dê mais quinze minutos e já deixo tudo embalado pra vocês.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda?

O sorriso de Dallas nem vacilou.

— Caia fora da minha cozinha, Jeremy.

Cat riu e enlaçou o braço no de Laila.

— Vem, o Jean tá na sala de jantar. Na normal.

Ela puxou Laila para fora da cozinha, e Jeremy não teve escolha senão ir atrás. A porta que procuravam ficava só duas adiante, depois do armário dos fundos onde guardavam os produtos de limpeza e da escada que levava à adega. As seis cadeiras da mesa estavam vazias. Cat não pareceu nem de longe tão preocupada quanto deveria com o sumiço de Jean e, em vez disso, foi pegar um copo de limonada da jarra no centro da mesa.

— Que estranho — disse quando Jeremy se virou para ela.

— Você falou para ele andar pela casa — concluiu Jeremy.

Cat levou a mão ao peito.

— Eu seria tão ousada assim?

Laila puxou uma cadeira, cedendo a busca a Jeremy sem dizer uma palavra, então ele deixou as duas ali na companhia uma da outra. A porta do escritório de Warren estava fechada, assim como a do quarto de William. A lavanderia, lógico, estava vazia. Jean também não estava na sala de jantar formal nem na saleta.

Jeremy já começava a achar que ele tinha subido ou entrado no banheiro do térreo quando o encontrou diante da lareira da sala de estar. Boa parte da prateleira da lareira estava ocupada por bibelôs elegantes que a falecida mãe de Mathilda tinha trazido de vários sets de filmagem, mas a peça central era um retrato de família de oito anos antes. Jean permanecia imóvel, quase como uma estátua, enquanto o observava.

— Legal isso tudo, né? — perguntou Jeremy conforme se aproximava. Ele pegou um cachimbo delicado e mostrou. — Esse aqui é da *Eternamente sua*. O colega de elenco da minha avó ia levar pra casa, mas deu a ela de presente de despedida quando soube que aquele tinha sido o último filme dela. — Jeremy colocou o cachimbo no lugar e sorriu para Jean, que nem olhou para ele. Jeremy

tentou distraí-lo outra vez. — Não sei se já te falei que ela era atriz. Como você odeia tanto filmes, achei que não fosse se importar. Angelica Laslo — disse, ciente de que o nome não significaria nada para Jean.

Jean nem reagiu àquilo. Só disse:

— São quatro. — Ele não podia estar falando de pessoas, quando havia sete rostos no retrato. A não ser que estivesse. — Cat disse que vocês eram três.

Irmãos, Jeremy percebeu tarde demais.

Jean tirou o retrato do lugar e o virou para Jeremy, que esperou que ele perguntasse, mas Jean colocou o dedo sobre o rosto de Noah sem hesitar. Então ele tinha visto os outros retratos da família durante o passeio improvisado. Aquele era o único ainda exposto em que Noah aparecia. Mathilda tinha guardado todos os outros anos antes, alegando que não suportava ver o rosto dele encarando-a em todos os cômodos. Jeremy pegou o retrato das mãos de Jean, que não ofereceu resistência, e o colocou de volta no lugar.

— Ele se foi. Em agosto vai fazer quatro anos. — A rouquidão na voz dele arrancou de Jean um olhar pensativo, mas Jeremy fingiu não perceber. Pigarreou ao se virar. — Vamos só checar como estão os hambúrgueres, tá?

Jeremy tinha dado poucos passos até a porta quando Jean perguntou:

— Fica mais fácil?

Jeremy queria poder fingir que não tinha ouvido, mas os próprios pés o traíram e pararam. Quando voltou a se virar, viu que Jean estava outra vez olhando para o retrato como se ele guardasse todas as respostas. Jeremy não sabia por que aquilo importava tanto para ele, mas, depois de tudo que tinha exigido de Jean naquele verão, não custava nada tentar ser sincero pelo menos uma vez.

— Não — admitiu Jeremy, e Jean voltou aquele olhar distante a ele. — Às vezes eu fico tão envolvido com todo o restante que eu… esqueço — disse, embora fosse horrível admitir aquilo. — Aí eu lembro de novo, e é como se tivesse acontecido ontem. Mas o dr. Spader disse que o luto não fica mais fácil. O que acontece é que você vira alguém forte o bastante pra aguentar. Você deixa as coisas boas e os dias bons te sustentarem, para que os dias ruins não te derrubem.

Jean pensou naquilo e então, devagar, encostou os outros dedos no polegar, um por um: um, dois, três, quatro.

— Acho que entendo — disse e enfim caminhou até Jeremy.

As meninas continuavam exatamente onde eles as tinham deixado. Cat olhou de um para o outro, as sobrancelhas franzidas em desacordo com o tom provocador que tentava manter.

— Geralmente as pessoas voltam da casa de Jeremy impressionadas, e não com cara de quem pisou num monte de tachinhas. Achei que você tivesse dito que o Bryson estava fora da cidade esta semana.

— Em Edmonton — confirmou Jeremy. — Prontos pra ir?

— Sim — respondeu Jean.

Cat franziu a testa, mas não pressionou.

Eles voltaram à cozinha e encontraram Dallas guardando meia dúzia de potes plásticos dentro de um cooler. Ele ergueu os olhos quando os quatro se aproximaram e começou a listar tudo o que tinha preparado, de abacate a dois tipos de cebola e cinco condimentos. Havia quatro tipos de queijo debaixo de dois tipos de alface, e salada de frutas caso quisessem uma sobremesa refrescante. Ele ainda precisou de alguns segundos para colocar mais gelo por cima, então fechou a tampa e deixou o cooler na ponta da ilha. Os hambúrgueres estavam embalados separadamente para se manterem quentes, e ele tinha colocado também três pacotes de pão junto de uma quantidade obscena de batatas chips.

— Por último, mas não menos importante — disse Dallas, pegando um envelope em cima da geladeira. — William deixou isso pra você, Jeremy. — Jeremy pegou o envelope, intrigado, mas Dallas nem esperou que ele abrisse. — Circulando. Divirtam-se, passem protetor e nada de beber e dirigir.

Eles saíram em meio a um coro de agradecimentos e despedidas. Jeremy entregou as chaves a Laila para poder abrir o pacote no banco do passageiro e deu uma risada de puro encantamento quando viu que eram aulas de francês. O conjunto incluía um livrinho fino, mas a maior parte das lições estava distribuída em oito CDs. Ele mostrou a Laila, que apontou para o rádio. O trajeto era curto demais para que fizessem qualquer progresso, mas Jeremy e Laila se divertiram repetindo "bonjour", "salut" um para o outro enquanto ela dava voltas em busca de uma vaga.

Entre os quatro, foi fácil carregar tudo até o lugar onde o restante das periguetes tinha conseguido tomar conta de uma rede de vôlei. Cody e Pat jogavam contra Ananya, Min e Xavier. Para equilibrar, embora não fosse nem um pouco justo, Min estava nos ombros de Xavier.

Eles largaram a rede para se empanturrarem de comida, e depois Pat tirou uma bola de futebol americano da bolsa. Ninguém se surpreendeu quando Jean se recusou a participar. Cody ficou de fora com ele, precisando de um tempo para digerir os três hambúrgueres que tinha comido. O restante caiu dentro do jogo com alegria, pulando uns em cima dos outros e espalhando areia para todo lado. Cat conseguiu derrubar Xavier antes que ele marcasse o ponto que

empataria a partida, e Jeremy a ergueu num giro triunfal. Enquanto a colocava no chão de novo, ele teve um vislumbre de Cody e Jean.

Cat percebeu na mesma hora a mudança no humor dele e se virou nos braços de Jeremy para olhar também. Antes que ele decidisse se deveria ir até lá, Cody saiu dos cobertores e caminhou até eles. Jean parecia confuso, e não irritado, mas os ombros de Cody estavam tensos. As periguetes trocaram olhares surpresos ao se juntarem num grupinho apertado, mas Cody só tinha olhos para Xavier.

— Jean ficou bem mexido com você sendo derrubado, já que você está usando o colete de contato proibido nos treinos — informou Cody. — Ele perguntou se seu coração tinha se recuperado o bastante pra aguentar uma pancada dessas e se isso seria um problema. Seu coração! Pelo visto ele estava achando que isso aí tinha sido uma cirurgia cardíaca. — Cody fez um gesto vago para as duas cicatrizes no peito de Xavier. — Quer resolver isso você mesmo ou quer que eu faça a ponte e explique a ele?

— Ah, eu resolvo — respondeu Xavier. — Pode entrar no meu lugar, por favor? O Pat vai gostar mais de te derrubar mesmo.

— Nossa — murmurou Cody, mas pegou obedientemente a bola que Xavier lhe estendeu.

— Tudo bem? — perguntou Jeremy.

— Tudo bem — garantiu Xavier, saindo em seguida.

Eles retomaram a partida, porém foi mais para manter as aparências do que por qualquer outra razão. Erravam a maior parte dos lançamentos, distraídos demais espiando a outra dupla. Laila puxou a bola dos dedos inertes de Min e a passou diretamente para Jeremy. Jean pareceu desconcertado enquanto Xavier tentava explicar a cirurgia no tórax para ele, o que era muito melhor do que repulsa, mas então ele fez um movimento cortante com a mão, rejeitando a ideia com violência. Jeremy avançou automaticamente até lá, mas Xavier riu ao ficar de pé.

Ele voltou correndo até eles, e Jeremy foi ao seu encontro no meio do caminho. Xavier parou e disse:

— Como isso não afeta em nada a maneira como eu jogo, ele diz que é meu direito consertar o que estiver errado. Ele não entende por que teria que ter qualquer opinião sobre minha vida pessoal, de um jeito ou de outro. — Então sorriu, devagar, luminoso, e disse: — Eu gosto dele, Jeremy. Vamos ficar com ele para sempre.

O fato de Jean ter entendido em segundos algo que alguns dos Troianos tinham levado semanas ou meses para aceitar quase deixou Jeremy tonto de alívio.

— Esse é o plano — disse ele, e seguiu sozinho até Jean.

Jean fez uma careta quando Jeremy se abaixou ao lado dele.

— Ele disse que eu não pertencia aos Corvos. Isso não é o elogio que vocês parecem achar que é.

Jeremy sorriu.

— Foi mal. Vamos tentar melhorar nisso.

— Duvido — acusou Jean.

Jeremy desenhou um sol na areia com o dedo e admitiu:

— Provavelmente não.

Jean suspirou, cansado e ressentido, mas não comentou. Eles ficaram assistindo aos colegas se divertirem até chegar a hora de arrumar tudo e ir ver os fogos. O gelo do cooler foi jogado na sarjeta para derreter, as sacolas vazias foram parar no porta-malas de Jeremy, e Cody roubou o último pacote de queijo fatiado para comer no caminho.

Uma das escolas da região tinha cedido o campo de futebol para a festa, e o lugar já estava lotado quando eles chegaram. Estacionar era de graça, mas a entrada no campo era paga. O atendente lançou um olhar estranho para Jeremy quando ele perguntou sobre recibos, então Laila conseguiu pulseiras amarelas para todo mundo do grupo. Um segurança conferiu se todas estavam no braço antes de deixar que passassem, e os Troianos avançaram para dentro do caos e da música.

Jeremy perdeu Xavier e Min de vista primeiro, e pouco depois o grupo de Ananya também sumiu. Cat e Laila apareciam e desapareciam conforme a multidão crescente arrastava todo mundo de um lado para o outro. Na primeira vez que uma família quase empurrou Jeremy para longe de Jean, ele agarrou seu pulso com força mortal. Jeremy bateu o olho no rosto tenso dele e puxou Jean para mais perto. Quando o show começasse e a multidão ficasse parada, Jean com certeza se sentiria melhor. Só que o primeiro estouro crepitante o fez pular, assustado.

Jeremy lançou um olhar preocupado, mas Jean estava hipnotizado pelos fogos ganhando vida no céu acima deles. Surpreso, e não assustado, Jeremy concluiu, mas não conseguiu mais desviar o olhar. Ficou vendo as luzes coloridas dançarem nas bochechas queimadas de sol dele até que Jean enfim percebesse.

Peônias douradas se refletiam nos olhos dele quando Jean lançou para Jeremy um olhar curioso.

Com a multidão em êxtase e os fogos estourando lá em cima, o barulho era alto demais para Jean ouvir. Jeremy se ergueu na ponta dos pés para falar no ouvido dele:

— Ainda bem que você veio.

— Eu podia ter assistido a mais três partidas no tempo que a gente ficou fora — respondeu Jean.

Previsível até demais; Jeremy não conseguiu evitar a risada. Talvez devesse pedir desculpa por ter virado os planos de Jean do avesso daquele jeito, mas então Jean tamborilou de leve no pulso dele. Jeremy baixou os olhos, curioso, mas não teve chance de perguntar. Os lábios de Jean roçaram sua maçã do rosto quando ele virou a cabeça, e todo pensamento coerente que Jeremy ainda tinha virou pó. Jean devia estar sentindo o pulso dele disparar sob seu polegar, mas tudo o que disse foi:

— Mas eu me esqueci… eu não sei como se chama isso em inglês.

— Fogos de artifício — respondeu Jeremy.

— Fogos de artifício — repetiu Jean. Ele inclinou a cabeça para trás para observar o céu de novo, e talvez Jeremy tivesse imaginado o "Isso também é bom" murmurado. Aquilo era mais do que Jeremy tinha esperado ou ousado desejar, e ele ainda estava sorrindo quando foi dormir naquela noite.



Na manhã de quinta-feira, Rhemann decidiu a favor de Jean: a partir daquele instante, ele estava autorizado a ficar mais tempo em quadra depois dos treinos com qualquer Troiano interessado em aprender os exercícios dos Corvos. Rhemann costumava se demorar na papelada por uma hora depois que o time ia embora mesmo, então fazia sentido deixar que usassem aquele tempo de um jeito produtivo. A única coisa que ele exigiu foi a promessa de que eles arrumariam tudo antes de sair.

Jeremy ficou feliz por eles. Era difícil não ficar, com Tanner tão empolgado e até Jean parecendo satisfeito com o resultado. Contudo, em silêncio, ele se

preocupava com o que aconteceria em agosto. Assim que as aulas começassem, ele voltaria a morar em casa. O trajeto de volta depois dos treinos da tarde levaria quase uma hora. Ficar ali até mais tarde poderia até ajudar, porque daria uma aliviada no trânsito, mas era igualmente provável que acabasse por prejudicá-lo. Jeremy fez as contas nos dedos e achou os números desconfortáveis demais para se demorar neles.

Ou Laila percebeu na hora, ou já era amiga dele havia tempo suficiente para entender sozinha. Ela esperou até Tanner e Jean entrarem em quadra, na quinta à noite, antes de se sentar ao lado de Jeremy no banco perto da entrada.

— Lembre-se de que, no outono, Jean é responsabilidade nossa, e não sua — disse sem rodeios. — Se você tentar esperar por ele, não vai chegar em casa antes das dez. E não preciso que você durma no volante de novo.

— Só aconteceu uma vez — protestou ele. Ela arqueou uma sobrancelha, e Jeremy cedeu, envergonhado: — Três ou quatro vezes. Se eu soubesse que você iria jogar isso na minha cara por tanto tempo, nunca teria te contado. Mas obrigado — acrescentou, antes que ela começasse a dar sermão sobre a segurança dele, e inclinou a cabeça para a quadra para que ela entendesse do que ele estava falando. — Já te falei que você é perfeita?

— Essa semana? — Laila pensou. — Ainda não. Pode falar.

— Você é perfeita — disse ele. — Deve ser por isso que minha mãe quer que eu me case com você.

Aquilo arrancou uma risada dela.

— Tá brincando. Ela nem consegue olhar na minha cara. Seria uma cerimônia constrangedora. — Ela encostou o ombro no dele, e Jeremy ficou satisfeito em só se recostar também. Laila ergueu a mão esquerda para os dois observarem o anel imaginário em seu dedo. — Por mais tentadora que a proposta seja, vou ter que recusar. Posso ficar com o anel?

— Herança de família — respondeu Jeremy com solenidade. — Receio que vou precisar dele de volta.

— Uma pena. — Laila fingiu que estava tirando o anel, mas, em vez de o colocar na mão dele, colocou os dedos sobre o livro aberto no colo de Jeremy. Já não havia humor nela, só uma hesitação silenciosa quando perguntou: — Você tem certeza disso, Jeremy?

Jeremy se recusou a olhar para baixo. Aquela era a quinta vez que tentava passar pela seção de raciocínio lógico. Toda vez que avançava mais de dois parágrafos, os pensamentos iam parar em outro lugar, e ele não tinha energia nem força de vontade para puxá-los de volta. Ter um prazo tornaria mais fácil se

concentrar, mas, sempre que Jeremy cogitava se inscrever para a prova, ele se lembrava do aviso de Bryson. As chances de aquilo ser uma ameaça vazia eram praticamente nulas, mas Jeremy não tinha coragem de fracassar de propósito.

— Jeremy — insistiu Laila quando ele demorou demais para responder.

— Tenho. — Jeremy observou Jean destruir os cones numa velocidade incrível para não precisar ver a expressão decepcionada de Laila. — Estou certo o bastante.

— Farinha do mesmo saco — disse Laila, cansada. — Vocês dois mentem muito mal.

— Ele mente muito mal mesmo — concordou Jeremy, quase com admiração. — Chega a ser inesperado.

— Será? — perguntou-se Laila.

Jeremy lançou um olhar curioso para ela, mas Laila ficou pensando um instante antes de tentar pôr em palavras.

— Jean sempre disse que não podia falar com gente de fora, mas e com os Corvos? Eles ficavam presos no Ninho, amarrados uns aos outros e à escuridão praticamente vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Como é que se guarda segredo num lugar assim? — Ela deu de ombros, como se o avisasse para não a levar tão a sério, mas continuou: — Agora nós somos o time dele, e você é o parceiro dele. Talvez Jean não consiga mentir porque somos os companheiros dele.

Jeremy experimentou a ideia, gostando do som daquilo.

— Somos os companheiros dele.

— É só uma teoria.

— Somos os companheiros dele — repetiu Jeremy e se sentiu encorajado o bastante para voltar aos estudos. Ele passou a seguir o texto com um dedo, depois com dois, mas continuou a se perder. Laila mexia no celular, mas mesmo assim percebeu quantas vezes ele voltava à primeira página. Ela resmungou baixinho e tirou o livro dele.

— Preste atenção — disse ela e começou a ler em voz alta.

Aquilo não tornava o texto menos horrível ou entediante, mas Jeremy apreciava demais a ajuda de Laila para se permitir ficar divagando. A cada dois parágrafos, ela parava e esperava que ele resumisse antes de continuar. Aos poucos, foram vencendo aquela parte. Bem quando Jeremy achou que enfim iria conseguir sair daquele capítulo, Rhemann entrou na área técnica com uma folha nas mãos. Laila interrompeu a leitura quando ele se aproximou e usou o polegar como marcador.

— Chegou a hora, treinador? — perguntou Jeremy.

— Saiu a tabela — disse Rhemann, sentando-se do outro lado de Laila. Ele dobrou a folha ao meio e bateu a ponta contra a palma da mão enquanto pensava. Nada no distrito deles faria Rhemann hesitar daquele jeito; Jeremy já sabia aonde a conversa estava indo antes que Rhemann enfim dissesse: — Arizona quer reservar o espaço o quanto antes, então preciso da confirmação de presença no banquete até quarta-feira que vem.

— Ah — disse Jeremy. Foi tudo o que conseguiu.

Laila apertou o braço dele com firmeza.

— Você não precisa ir.

— Não precisa mesmo — concordou Rhemann com facilidade, como se não fosse o grande problema que todos sabiam que era.

Os banquetes eram um evento obrigatório do time. Um jogador, ainda mais um capitão, faltar por três anos seguidos era algo praticamente inédito na NCAA. O que salvava Jeremy era a reputação dos Troianos e o respeito inabalável que o CRE tinha por Rhemann. Jeremy bateu o calcanhar do tênis no chão e olhou para a quadra. Se esperava encontrar alguma inspiração ali, terminou de mãos vazias. Todas as palavras que ele deveria dizer pareciam presas em algum lugar do peito.

Rhemann percebeu que nada sairia e disse:

— É seu último ano, então achei que pelo menos deveria perguntar.

Laila seguiu o olhar de Jeremy e conseguiu adivinhar aonde os pensamentos dele estavam indo.

— Confie em mim e na Cat para ficar de olho no Jean por você. A gente o apresenta aos outros times e faz todo mundo entender que ele é um dos nossos agora.

Jeremy chutou o chão com um pouco mais de força, até o impacto parecer suficiente para deslocar sua rótula.

— Até quarta?

— Até o fim do dia de quarta — confirmou Rhemann e ergueu a folha.

— Eu te aviso, treinador. — Jeremy pegou o livro de volta das mãos de Laila, a tabela com Rhemann e se levantou. — Desculpe, você pode…?

— Eu o levo pra casa — prometeu Laila, e Jeremy foi embora sem olhar para trás.

O caminho até em casa era fácil, desde que ele se recusasse a pensar em qualquer coisa. Ouviu a voz estridente de Cat vindo do corredor quando abriu a porta da frente com cuidado. Ela e Cody tinham saído do treino no horário para

entrar no jogo e participar de algum evento. Jeremy fechou a porta o mais silenciosamente que conseguiu, empurrou os sapatos para o lugar deles no canto e seguiu pelo corredor até a cozinha. Com mãos cuidadosas, alisou a tabela, como se pudesse desfazer aquela marca de dobra, e a prendeu na geladeira para olhar com calma.

Um jogo de cada vez, ele foi acrescentando as partidas ao calendário. Mais de uma arrancou um sorriso dele. Historicamente, os Troianos dominavam o distrito, mas Jeremy gostava de quase todos os adversários: de alguns, porque obrigavam os Troianos a se esforçar de verdade; de outros, porque os jogadores seguiam o exemplo dos Troianos e só queriam se divertir. As poucas maçãs podres estavam bem espaçadas, e era uma pena que White Ridge fosse o primeiro time que enfrentariam, mas, no geral, Jeremy ficou satisfeito.

— Ei — chamou Cat da porta.

Jeremy olhou por cima do ombro.

— Achei que você estivesse jogando...

— Cody tá com a conexão meio instável, então foi reiniciar o roteador. — Ela observou Jeremy guardar a caneta e jogar a folha impressa no lixo antes de ir direto ao ponto: — Laila me mandou mensagem. No que você tá pensando?

Uma pergunta simples, mas sem resposta simples. Jeremy tentou seguir o fio dos próprios pensamentos, todos confusos e desalinhados, mas cada um deles acabava levando ao mesmo impasse.

— É meu último ano. — Jeremy não pensou se queria dizer *como Troiano* ou *de tudo.* — Eu devia ir. Quero dizer, eu quero ir. Quero estar lá com meu time e pelo meu time.

Cat hesitou, mas então o celular dela tocou com o alerta *pewpewpew* que tinha colocado para Cody. Jeremy sorriu para dissipar as preocupações que ainda restavam nela e insistiu: — Obrigado por se preocupar, mas estou bem. Prometo. Vá curtir sua coisa de estrela.

— Noites Celestiais — corrigiu Cat. — A gente tá escrevendo haicais. Cody faz uns horrorosos.

— Leia alguns pra gente no jantar — convidou Jeremy. — Falando nisso, já vou pedir logo a comida. Jean deve estar terminando a qualquer minuto, então vai chegar na hora certa.

— Tá bom — disse Cat. — Pede pra mandarem hashis extras? Laila estragou outro par na lava-louças. Não sei quantas vezes mais vou precisar falar pra ela deixar virado pra baixo primeiro.

— Pode deixar — prometeu Jeremy, e Cat sumiu do campo de visão.

Ele pediu comida suficiente para alimentar um pequeno exército, mandou mensagem para Laila com a previsão de entrega e lançou um olhar cansado para o guia de estudos. Não conseguia pensar numa forma melhor de passar o tempo, então levou o livro pelo corredor até a sala.

Dez minutos depois, não tinha feito progresso algum. Foi jogá-lo longe, viu Au-Au observando do outro lado do cômodo e disse:

— Tá bem. Osmose, então.

O papelão não teria nada a dizer, então Jeremy largou o livro sobre o rosto e cochilou até Laila e Jean enfim chegarem em casa.



CAPÍTULO SETE

Jeremy

Lucas voltou na manhã de segunda-feira. No fundo, Jeremy achava cedo demais para ele voltar às quadras, mas aquela decisão tinha que partir do próprio Lucas; o elenco era grande o bastante para que Rhemann pudesse aprovar qualquer tempo de luto que ele precisasse. Jeremy tentou uma única vez falar com ele sozinho, mas Lucas se recusou a ouvir qualquer coisa que o capitão tivesse a dizer. O garoto ergueu a mão assim que Jeremy disse o nome dele e falou:

— Você não, capitão. Não dá pra ouvir isso de você.

Talvez Jeremy devesse ter insistido, com todas aquelas palavras batidas que só funcionavam em dias perfeitos, mas, em silêncio, deixou Lucas aos cuidados de Cody. Se Lucas não queria a ajuda dele, então Jeremy se concentraria em Jean.

Jeremy não tinha certeza se mais alguém tinha notado, já que todos estavam ocupados sufocando Lucas com atenção, cuidado e gentilezas, mas Jean não chegou nem uma vez a menos de três metros do rapaz. Como conseguira fazer aquilo quando os armários dos dois ficavam a poucos passos de distância, Jeremy

não fazia ideia. Queria perguntar a Jean no intervalo, mas não conseguiu encontrar o momento certo em meio à tagarelice de Cat.

Quando o treino acabou, Lucas nem ficou tempo suficiente para tomar banho. Tirou o uniforme, colocou a roupa comum às pressas e saiu porta afora, Travis e Haoyu indo atrás dele. Todo o constrangimento da situação deixou os chuveiros mais silenciosos que o normal, e Jeremy não se surpreendeu quando os colegas entraram e saíram mais depressa do que de costume. Cody e Xavier ficaram para trás, mas Xavier esperou até restarem apenas os três antes de enfim fechar o chuveiro.

— Ele falou algo com você? — perguntou Xavier.

— Ele não quis falar comigo — admitiu Jeremy.

— E dá para culpá-lo? — Cody passou as mãos pelo cabelo raspado bem curto. Quando percebeu Jeremy olhando, deu de ombros, desconfortável, e disse: — Como é que você pode entender o que ele tá enfrentando? Talvez se fosse o Bryson…

— Que porra é essa, Cody? — cortou Xavier. — Já chega.

Cody fez uma careta, mas insistiu:

— Só estou dizendo que não é o mesmo tipo de perda. O que o Lucas precisa pra lidar com isso e viver esse luto vai ser completamente diferente do que funcionou pro Jeremy. Ficar lembrando do Grayson no auge não vai ajudar quando o Lucas tá desesperado pra entender o *porquê* e *quem* o irmão se tornou enquanto esteve longe. Não é você que ele precisa ouvir — disse de novo, lançando um olhar para Jeremy, como se medisse a reação dele. — É o Jean.

— Não vai rolar — disse Jeremy. Cody franziu a testa, então Jeremy deu mais peso às palavras: — É isso e ponto-final, Cody.

Jean não falava de Grayson nem com eles; não havia a menor chance de Jeremy pedir que ele tivesse uma conversa sincera com o irmão enlutado do homem. Jeremy jamais faria Jean dizer em voz alta, mas ele sabia o que Grayson tinha feito em Evermore. A verdade estava na forma feroz como Jean evitava o assunto, no jeito como arranhava a própria garganta quando Grayson surgia numa conversa, nas mordidas horrendas que Grayson tinha deixado em sua pele quando fora atrás dele na quadra.

O fato de Laila ter juntado as peças parecia inevitável; o fato de ela ter feito aquilo tão depressa fez o coração dele apertar. Junho mal tinha começado quando ela o encurralara em busca de confirmação, e Jeremy não conseguira mentir quando ela mesma tinha dito o que era primeiro. Ele presumira que Cat tinha descoberto enquanto Laila ainda processava aquela notícia horrível, mas o

restante das periguetes não tinha o mesmo acesso fácil à vida de Jean. Talvez, se tivessem visto os ferimentos dele, entendessem, mas Jean tomava cuidado para manter o pescoço coberto durante o treino.

Cody o observava com atenção, então Jeremy disse por fim:

— Desculpe.

Cody dispensou o pedido com um gesto.

— Você o conhece melhor. Vou seguir a sua deixa.

— Obrigado — disse Jeremy, e então os três deixaram os chuveiros.

Vestiram-se em suas fileiras separadas, e Jeremy se despediu deles antes de seguir à área técnica com seus livros.

Ao que parecia, Jean tinha arranjado uma segunda aluna: Mads estava com Tanner na linha de meio da quadra. Jeremy não sabia ao certo o que eles estavam tentando fazer, mas, pela linguagem corporal de Jean, os exercícios nitidamente não estavam indo bem. Jeremy entenderia se os calouros desistissem e recuassem, mas os dois simplesmente esperaram Jean terminar de soltar os cachorros neles e tentaram de novo.

Quando Mads errou o exercício pela terceira vez seguida, o Corvo dentro de Jean ameaçou subir à tona. Foi sorte de todo mundo que Mads estivesse rindo de algo que Tanner dissera, porque nenhum dos dois calouros viu quando Jean recuou a mão, pronto para bater. O coração de Jeremy deu um pulo assustado quando ele saiu do banco, a boca já se abrindo num aviso que chegaria tarde demais.

Jean se controlou no último segundo. Interrompeu o golpe com tanta força que precisou dar dois passos para trás e virar o rosto, depois saiu tempestuoso para a área de defesa. Tanner e Mads se viraram diante da retirada brusca dele, confusos. Jeremy achou ter ouvido a voz de Tanner ecoando na parede, mas Jean só dispensou o que quer que ele tivesse dito com um movimento rápido da raquete.

Os calouros saíram num trote para recolher as bolas espalhadas, mas Jeremy só tinha olhos para Jean, enquanto ele andava de um lado para o outro em passos curtos. Numa daquelas voltas, Jean enfim notou Jeremy na lateral da quadra. Foi parar do outro lado, apenas a parede entre eles. Caminhar tinha tirado um pouco da tensão dos ombros dele, mas não tinha apagado a frustração estampada no rosto. Jeremy se pegou pensando quanto daquilo era por causa dos pupilos, por fracassarem, quanto era de si, por querer machucá-los, e quanto era por causa de Jeremy, que o observava de perto.

Eles sempre souberam que os Corvos eram capazes de uma violência extrema, e Jeremy já tinha visto mais de um vídeo das brigas feias em que Jean se metia na quadra, mas, de algum jeito, tinha esquecido. Nas últimas semanas, Jean andava se esforçando para conter a agressividade em quadra, cortesia do acordo que fizera os Troianos lhe oferecerem. De vez em quando ele escorregava, derrubando Jeremy no chão, deixando hematomas por todo o arco do pé de Derrick e metendo uma rasteira cruel aqui e ali quando não estava prestando atenção, mas aquilo parecia diferente.

Jeremy se perguntou o que tinha provocado aquele quase desastre: Mads tinha ido tão mal assim, ou Jean estava tão preso aos treinos dos Corvos que esqueceu quem era e onde estava? Depois de tudo que tinha visto de Jean naquele verão, Jeremy tendia à segunda opção, mas precisaria ter uma conversa séria com ele mais tarde. Jeremy não colocaria os colegas de equipe em risco, por mais que Tanner quisesse aprender os truques dos Corvos.

Ele não tinha certeza se Jean conseguiria ouvi-lo, tanto por causa da parede quanto do capacete, mas articulou bem um "Se comporte" e torceu para que Jean pelo menos conseguisse ler seus lábios. Pelo jeito como ele franziu a testa, Jeremy achou que a mensagem tinha sido entendida. Não era a reação mais tranquilizadora do mundo, mas Jeremy precisava acreditar que bastava. Mais importante ainda, precisava que Jean soubesse que Jeremy confiava que ele faria a coisa certa. Em vez de pressioná-lo por garantias mais concretas, ergueu o livro de francês na altura do olhar de Jean e disse, animado:

— Salut!

Não importava se Jean conseguia ouvi-lo ou não. A expressão que atravessou seu rosto quando percebeu o que Jeremy tinha na mão foi mais do que suficiente. Ele pareceu pego de surpresa, como se não tivesse acreditado que Jeremy falava sério sobre aprender, e a confusão foi o bastante para enfim fazer a irritação dele se dissipar. Jean lhe lançou um olhar indagativo, e Jeremy inclinou a cabeça para os calouros, que esperavam por ele.

— Se divirta!

Jean revirou os olhos conforme se afastava. Jeremy riu enquanto voltava ao banco para estudar, tranquilo por ver que o humor de Jean estava estável o bastante para continuar. Deixou o livro de lado e pegou as apostilas de Direito, abrindo na página em que tinha parado. Cinco minutos depois, ainda não tinha passado da primeira frase, então Jeremy jogou as apostilas para trás e voltou a estudar francês.



Julho foi, aos poucos, entrando numa rotina. Lucas e Jean continuaram a evitar um ao outro, incapazes de reconciliar as diferenças enquanto o suicídio de Grayson permanecia sem resolução entre eles. No fim da primeira semana em que havia voltado, Lucas já não saía correndo da quadra assim que o treino acabava. Na terça-feira da segunda semana, já falava com todo mundo, menos com Jean, mas seu fraco desempenho em quadra desmentia a normalidade que fingia ter recuperado.

Jean, por sua vez, ganhou mais dois Troianos para seus treinos diários: Sebastian e Dillon. Como Cat e Laila teriam de se organizar em agosto em torno daquelas aulas, Jeremy se oferecera para ficar com ele no estádio naquele verão. Era para ser perfeito, uma hora de estudo concentrado antes de ser distraído pelos amigos em casa, mas, depois de três dias encarando o título do mesmo capítulo, Jeremy tirou a poeira do discman e levou seus CDs de francês à quadra. Andava em círculos enquanto falava sozinho, atrapalhando-se com expressões desconhecidas e pronúncias complicadas. Quando Jean enfim terminava, os dois iam embora juntos.

Às vezes, os quatro se apertavam em volta da ilha da cozinha enquanto comiam, passando alegremente de um assunto a outro, curtindo a companhia. Nas noites de filme, Jean se retirava, mais interessado em rever as partidas dos Troianos no notebook. Convencer Jean a usar a sala quando Laila não estava assistindo a seus programas de auditório deu um pouco de trabalho, porque Jean tinha plena consciência de que a TV não era dele. Jeremy ficava com ele naquelas noites, tanto para reviver as melhores jogadas do time quanto para ouvir a opinião sem filtro de Jean.

Uma vez por semana, Jean ligava para a dra. Betsy Dobson. Ou pelo menos era o que parecia. Ele fazia as ligações do escritório, mas nunca se dava ao trabalho de fechar a porta; além de um simples cumprimento, Jean não dizia mais nada. Ficava sentado à mesa, com o telefone no ouvido, mexendo na pulseira da festa do 4 de Julho e numa bolacha-da-praia que tinha apanhado em algum momento. Jeremy não fazia ideia de como Dobson preenchia aquele tempo, mas, seja lá o que ela dissesse, era mais do que suficiente para estragar o

humor de Jean pelo restante da noite. Jeremy se acostumou a levá-lo para correr tarde nas noites de terça; não conseguia pensar em outro jeito de drenar a fúria ansiosa do colega abalado.

Algumas vezes por semana, Cat sequestrava Jean para aulas de direção de moto: às vezes saindo de casa antes que o trânsito da manhã virasse um caos, outras aproveitando os dias longos e indo depois que o horário de pico dava uma aliviada. Nas primeiras vezes em que foram, Jean parecia um pouco arrependido de todas as escolhas de vida que o tinham levado até aquilo, mas cada aula seguinte o deixava um pouco menos relutante em sair de casa.

No dia 22, Jeremy enfim decidiu mandar a Kevin a mensagem mais simples em que conseguiu pensar: "Estamos todos mandando força para o Aaron esta semana. Como está todo mundo aí?"

"Eles perderam o foco uma semana atrás", respondeu Kevin.

Quem quer que tivesse dito que mensagem de texto não transmite tom nunca havia trocado mensagem com Kevin Day. Jeremy não conseguiu evitar um sorriso enquanto digitava depressa: "E dá pra culpá-los?" Ciente de qual seria a resposta exata, Jeremy emendou: "Se vocês precisarem de qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, avise, tá?"

Acompanhar o julgamento naquela semana foi trabalhoso demais. Os repórteres não conseguiam entrar, mas podiam rastrear quem entrava e saía do fórum. Andrew foi um dos primeiros a ser chamado para depor, e foi uma sorte inacreditável que a dra. Betsy Dobson tivesse chegado logo atrás dele. Jeremy teve apenas dois segundos para apreciar o fato de enfim poder associar um rosto ao nome de Dobson antes que alguém cruel o bastante enfiasse uma câmera na cara de Andrew. Ele arremessou a câmera para o meio da rua, e a expressão em seu rosto deixava evidente que tinha toda a intenção de arremessar o jornalista logo em seguida. De algum jeito, Dobson conseguiu levá-lo para dentro sem mais carnificina.

Outro repórter apareceu em Palmetto State em busca de comentários, mas o treinador Wymack não tinha a menor paciência para abutres. Barreiras de segurança foram erguidas no estádio naquele mesmo dia, e todas as outras fotos tiradas das Raposas naquela semana foram feitas a uns trinta metros de distância.

Kevin tinha que ir ao fórum naquela tarde, mas Jeremy já estava no intervalo do almoço quando viu a foto no feed de notícias: Andrew descendo a escada no momento em que Kevin subia, o mais longe possível um do outro no vão da escadaria. Parado entre os dois estava Neil, imóvel como pedra, como se não soubesse qual dos dois deveria seguir. Jeremy descobriu a resposta por acaso,

quando Cat lhe mostrou mais tarde uma reportagem: Andrew saíra sozinho, e Neil acompanhara Kevin para dentro. Jeremy passou por seis versões diferentes antes de enfim mandar uma mensagem para Kevin com um simples: "Você tá bem?"

Ele sabia que Kevin não poderia responder até estar liberado, mas, quando deu 20h, desistiu de esperar. O silêncio já era resposta suficiente. Jeremy fez uma careta e deixou o celular de lado.

Laila silenciou os créditos finais do programa e perguntou:

— Tão ruim assim?

— Acho que sim. — Jeremy viu a expressão no rosto dela e estendeu a mão, deixando que ela esmagasse a circulação dos seus dedos. Forçou-se a fazê-la acreditar quando disse: — Vai dar certo, Laila. Eu prometo.

— Isso seria novidade. — Foi tudo o que ela disse.

A única outra Raposa chamada para depor naquela semana foi Nicholas Hemmick, que protagonizou um confronto espetacular com os pais quando eles chegaram ao fórum na mesma manhã. A segurança praticamente teve de arrastá-lo escada acima, mas aquilo deu o tom do restante do dia. A imprensa continuou a espionar o fórum com devoção e divulgar os nomes de quem entrava e saía, mas Jeremy não reconheceu mais ninguém. Testemunhas de caráter, ele supôs, gente que pudesse falar a favor de Aaron Minyard. A exceção era a garota identificada como namorada de Aaron, uma líder de torcida que tinha estado visivelmente ausente no primeiro dia, mas que apareceu em todos os demais.

O comentário baixo de Jean, "Sem veredito", arrancou Jeremy da rolagem de tela interminável na quarta-feira.

Jeremy ergueu os olhos, olhando primeiro para Laila, sentada na poltrona com um livro nas mãos, e depois para Jean, que supostamente assistia a uma partida na ponta mais distante do sofá. Foi a primeira vez na semana toda que Jean mencionara o que estava acontecendo com as Raposas. Jeremy tinha se perguntado se era apatia ou uma fuga, considerando que Aaron estava sendo julgado por matar um estuprador, mas resistira a perguntar. Aquilo soou como uma resposta atrasada em alguns dias, e Jeremy deixou o celular de lado.

— Ainda não — admitiu. — Talvez amanhã?

Laila deixou o livro de lado e saiu. Jeremy se perguntou se deveria ir atrás, mas ela voltou em menos de um minuto com a escova. Deu uma batidinha de leve na cabeça de Jean com ela antes de se sentar de novo e dizer:

— Venha aqui. — Quando Jean só a encarou, sem obedecer, ela apontou um dedo autoritário para o chão diante dela. — Ainda hoje, de preferência.

Jean nitidamente desconfiava das intenções dela, mas se acomodou no chão à sua frente. Assim que ela encostou a escova no cabelo preto e rebelde dele, Jean tentou tirá-la da mão dela.

— Eu consigo fazer isso sozinho.

— Eu sei que consegue — disse ela, afastando a escova do alcance dele.

— Já tá quase crescendo de novo — disse ele em seguida, talvez achando que era o que a incomodava. Apesar da defensiva emburrada, levou a mão até as partes que estavam brutalmente desiguais quando se mudou para a Califórnia em maio.

— Quase nem dá pra notar — concordou ela. Quando Jean não tirou a mão, Laila deu um tapinha nele e disse: — Você vê a Cat e eu fazendo isso uma com a outra o tempo todo. Preste atenção no jogo e pare de preocupar sua cabecinha com isso.

Jean cedeu a contragosto, e Laila voltou ao trabalho. Pela linha tensa dos ombros dele, Jean passou os minutos seguintes tentando decifrar as intenções dela em vez de acompanhar a partida. Se Laila percebeu, não demonstrou: por fora, parecia completamente concentrada no jogo dos Troianos. Só a falta de um sorriso diante de uma defesa espetacular de Cat a entregava. O silêncio de Jean dizia tanto quanto, e, no fim, Laila não aguentou. Deixou a escova de lado e passou a enfiar os dedos no cabelo dele.

— Se você não aprender a relaxar, vai acabar tendo um treco — disse Laila. — Me fale da partida.

— Você tá assistindo — apontou Jean.

— É óbvio que estou distraída.

Jean resmungou, irritado, mas começou a comentar o jogo mesmo assim: retomou e aprofundou algumas observações que já tinha feito antes, depois passou a narrar o que acontecia em tempo real quando a tensão aumentou na tela. Ainda levou o restante do período para Jean deixar de estranhar o toque das mãos de Laila na cabeça; cada vez que ela mudava a posição dos dedos, os ombros dele se enrijeciam, à espera de um golpe que nunca chegava. Só no último minuto ele parou de reagir de modo perceptível. Laila suspirou e se inclinou para a frente, enroscando os braços nos ombros dele num abraço lento.

— Você ainda vai matar a gente do coração, Jean Moreau.

— Não vou deixar que isso aconteça — disse Jean. Ele estendeu o controle para ela por cima do ombro e completou: — Não vou ver o restante.

Era uma tentativa nada sutil de escapar dela, mas Laila sabia a hora de ceder. Pegou o controle e o deixou livre, e Jean foi embora sem olhar para trás.

Os Troianos estavam no meio de um treino de mobilidade na tarde de quinta-feira quando a notícia saiu: Aaron Minyard tinha sido absolvido de todas as acusações. Rhemann entrou na quadra para avisar, e Jeremy saiu correndo para mandar mensagem a Kevin assim que recebeu permissão. Precisou voltar até o vestiário para pegar o celular e arrancou as luvas no meio do caminho para conseguir lidar com aqueles botõezinhos.

"Acabei de ficar sabendo. Isso é incrível! Estamos muito felizes por ele!!"

A resposta de Kevin levou só um minuto:

"Pra ser sincero, foi meio inesperado." Em seguida: "Andrew teria incendiado a casa do juiz se ele decidisse contra Aaron. Talvez o juiz tivesse noção disso..." Jeremy ficou seriamente em dúvida se aquilo era uma piada. Estava no meio da resposta quando Kevin mandou outra mensagem: "Tem sido um pesadelo lidar com eles este mês, com tudo isso rolando. Ainda bem que acabou."

A última, "O treinador cancelou o treino de amanhã", era desnecessária, mas Jeremy riu.

"Ótimo! Aproveitem pra cuidar uns dos outros."

Jeremy guardou o celular antes que Kevin respondesse e saiu correndo de volta para a quadra.



No dia 3 de agosto, Rhemann foi até Lyon buscar o time. Ou melhor, foi atrás de Jeremy, e, assim que Jeremy desceu do aparelho de musculação, saiu à procura de Jean. Em mais de quatro anos, Jeremy nunca tinha visto Rhemann interromper o treino da manhã daquele jeito; até a treinadora Lisinski parecia tensa, acompanhando com os olhos enquanto ele tirava dois jogadores bem debaixo do nariz dela. O fato do treinador não os puxar para a sala ao lado não acalmou Jeremy em nada. Eles saíram do prédio, e foi só quando estavam a uns seis metros de distância do centro de treinamento que Rhemann se virou para os dois.

— Passei a última hora no telefone com a Edgar Allan — disse ele sem rodeios. — Ou, pra ser mais exato, dividi esse tempo entre eles e uma

transportadora, tentando descobrir a melhor forma de resolver isso. Os Corvos mandaram um presente pra você — explicou ele, fitando Jean com uma intensidade inquietante. — Deixaram um carro seu na Quadra Dourada.

Jeremy encarou, sem acreditar.

— Compraram um carro pra ele?

— Mandaram junto do documento de propriedade — disse Rhemann, e Jeremy se virou para ver o que Jean achava daquilo. A expressão vazia demais no rosto dele não era nada animadora, mas Rhemann só lhe deu alguns segundos antes de continuar: — Ao que parece, você o deixou em West Virginia, então eles cobriram os custos pra transferir pra cá.

Jean parecia enjoado, e não surpreso, então Jeremy juntou as peças como pôde.

— O carro é seu mesmo, né?

— Todos os Corvos ganham um carro quando assinam com a Edgar Allan — disse Jean devagar. Jeremy se lembrou, tarde demais, de Kevin ter dito algo parecido: tinham dado um carro a ele, e fora com ele que Kevin fugira de Evermore quando Riko quebrara sua mão. — Deveriam ter destruído esse carro quando destruíram o restante. Por que não destruíram?

Jeremy pensou nos cadernos de Jean e cruzou os braços com força.

— Talvez fosse caro demais pra tratarem com esse tipo de descuido.

— É melhor que o meu — apontou Rhemann. Jeremy podia muito bem ter dito que o carro de qualquer pessoa era melhor que o dele, mas Rhemann tinha herdado aquela perua antiquíssima do pai falecido e quase nunca tolerava piadas sobre o estado lamentável do veículo. — Alguém pagou uma boa grana pra garantir que ele chegasse direto até você. Eles se recusam a deixar o carro na quadra sem sua autorização, e já tentei duas vezes remarcar a entrega, então preciso que você vá até lá assinar o recebimento.

— Eles passaram a primavera toda criando problema — reclamou Jeremy. — Por que isso? Por que agora?

— Meu palpite menos generoso? — Rhemann deu de ombros e fez sinal para que eles fossem até o carro dele. — A entrevista do Jean é semana que vem, e a Edgar Allan sabe que eles vão ser o assunto. Isso é um suborno nada sutil pra mantê-lo de boca fechada e garantir que ele sorria e desconverse de qualquer pergunta inconveniente.

Jean jamais discutiria com um treinador, mas Jeremy percebeu a expressão no rosto dele quando os dois entraram no banco de trás.

— Você discorda?

— Eles sabem que eu não vou falar mal dos Corvos — disse Jean.

— Talvez o treinador Moriyama soubesse disso. — Jeremy não deixou de notar como Jean estremeceu ao ouvir o nome. — Agora eles estão sob nova direção, e o treinador Rossi recebeu a tarefa de tentar salvar a reputação deles de algum jeito. Ele vai começar tentando agradar.

Jeremy deixou Jean remoer aquilo durante a primeira metade do trajeto. Depois disse:

— Você podia, sabe. Se voltar contra eles, quero dizer — acrescentou quando Jean se recusou a olhar para ele. — Você não é mais um Corvo. Não está mais preso aos contratos nem às expectativas deles. Tem o direito de falar sobre o que fizeram com você.

Jean deixou escapar um ruído do fundo da garganta.

— Não tem nada a ser dito.

— Não estou dizendo que você tem que contar mais do que se sente confortável em falar. Mas você deveria estabelecer e proteger os próprios limites. Pare de deixar que eles contem sua história por você.

Ele esperou, mas Jean continuou a olhar pela janela como se nem estivesse ouvindo. Jeremy reprimiu um suspiro e prosseguiu:

— Nem precisa tornar isso pessoal, se não quiser. Mesmo que fosse só dar alguma noção do que tem de errado em Evermore, já ajudaria a reabrir essa conversa e faria as pessoas questionarem tudo o que presumiram a seu respeito. A rotina de treino dos Corvos, o jeito como vocês são proibidos de interagir com gente de fora, os planos de alimentação rígidos… — Ele deixou a frase morrer, na esperança de que Jean completasse o restante sozinho.

— Há quanto tempo você conhece o Kevin? — perguntou Jean.

— Hã? — Jeremy piscou, pego de surpresa. — Três anos, mais ou menos? Não, quase quatro. Ele e Riko ainda não estavam no time, mas foram assistir ao nosso jogo da semifinal contra os Corvos no meu primeiro ano. Passaram no banco depois pra dar oi. Por quê?

— Quatro anos — repetiu Jean —, e foi por minha causa que você soube do cronograma dos Corvos. Foi por mim que você soube das restrições alimentares deles, das matérias que faziam juntos, das punições. Em quatro anos, Kevin nunca se deu ao trabalho de se explicar a *você*, e acha mesmo que eu diria esse tipo de coisa na frente de uma câmera?

Jeremy fez uma careta por trás de Jean.

— Ele tem sido mais sincero desde que trouxe você pra cá. Talvez esteja quase pronto pra se abrir.

— Às vezes você é insuportável.

— Calma, vocês dois — disse Rhemann lá da frente.

O tom dele estava brando, mas Jean ainda encolheu um pouco os ombros diante daquele traço de desaprovação. O último minuto do trajeto passou num silêncio desconfortável, e, quando enfim chegaram ao estádio, Jeremy viu o caminhão-cegonha ocupando um espaço absurdo. Sinceramente, já era impressionante que o motorista tivesse conseguido atravessar Los Angeles com aquilo; que tivesse conseguido fazer as curvas apertadas do Exposition Park era um milagre que beirava o ridículo. Jeremy não fazia ideia de porque ele não tinha trocado por um guincho menor, já que estava transportando só um carro.

A porta do motorista estava aberta. O próprio motorista estava parado ali, recostado no banco enquanto fumava e mexia no celular. Ele ergueu os olhos quando eles se aproximaram e focou direto em Jean. Jogou o cigarro de lado, errou feio quando tentou pisar em cima dele e puxou uma prancheta do banco. Fez um gesto para o próprio rosto, indicando a tatuagem de Jean, e estendeu a prancheta quando eles chegaram perto o bastante.

— Marrow — disse ele. — Assine aqui pra confirmar a entrega.

— Moreau — corrigiu Jeremy.

— Foi o que eu falei.

Jean nem pareceu notar, ocupado demais lendo o formulário curto que tinham colocado na mão dele. Parecia um documento padrão da transportadora; a metade de cima era dividida entre os locais de retirada e entrega, e a de baixo continha instruções sobre para quem o veículo deveria ser liberado. As páginas seguintes eram o tal documento de propriedade e a papelada relacionada, e um post-it na última página indicava que o carro já não estava mais segurado.

— Quando quiser — reclamou o motorista. — Tô uma hora atrasado.

Jean rabiscou devagar o nome dele nas linhas destacadas, e o motorista tomou a prancheta de volta assim que ele ergueu a caneta. As chaves de Jean estavam no painel. O entregador as colocou na mão dele sem cerimônia antes de ir descarregar o carro. Jean as encarou na própria palma, como se estivesse a quilômetros dali.

Descarregar o carro levou só alguns minutos. Rhemann puxou seus Troianos para o lado para que o caminhão enfim pudesse ir embora. Por mais que fosse divertido ver aquele troço tentando sair do parque, Jeremy estava mais interessado no carro preto reluzente que ele deixara para trás.

— Isso é um S4? — perguntou. — Nada mal.

Jean não disse nada, então Jeremy foi sozinho dar uma olhada. A viagem de um estado ao outro fazia com que o carro implorasse para ser lavado, mas, tirando aquele aspecto, ele parecia novinho em folha. Os pneus estavam em ótimo estado, e não havia um único amassado à vista. O único sinal de que já tinha sido dirigido era um pedacinho de papel no painel. Jeremy espiou pelo para-brisa em uma tentativa de ler de cabeça para baixo. Era um comprovante de estacionamento de curta duração num aeroporto.

Ele recuou quando Jean e Rhemann pararam ao lado dele. A expressão distante no rosto de Jean fez Jeremy pensar que ele não tinha ido ali porque queria, e ele ainda segurava as chaves como se estivesse a dois segundos de arremessá-las do outro lado do estacionamento.

— Ei — disse Jeremy. — O que foi?

— Eu não quero isso — respondeu Jean. — Não quero nada que tenha vindo deles.

Jeremy sabia que aquele calorzinho que sentia no peito era inapropriado, considerando que Jean estava angustiado, mas vê-lo rejeitar sem hesitação a investida da Edgar Allan era reconfortante. Ele soltou um murmúrio pensativo antes de dizer:

— Você pode vender, mas talvez seja melhor esperar uma semana, só pra ter certeza. Só não sei o que fazer com ele até lá — admitiu e lançou mais um olhar para o carro. — Não tem espaço na casa da Laila pra guardar enquanto meu carro estiver lá, e ele também não pode ficar aqui.

Rhemann deu a Jean um minuto para pensar antes de dizer:

— Posso deixar na minha casa até você decidir passá-lo adiante. — Rhemann não tinha como não perceber o jeito que Jean ficou tenso e imóvel, e olhou de lado para ele. — Mas só levo se você estiver confortável comigo o dirigindo.

— Não vou deixar isso virar um problema pra você, treinador — respondeu Jean. — Eu vou dar um jeito.

— Se fosse virar um problema, eu não teria oferecido — retrucou Rhemann. — Só me empreste uma chave até segunda, pra eu poder manobrar. Jeremy sabe meu endereço, caso você mude de ideia e queira ir buscar, mas, fora isso, ele pode ficar lá o tempo que for preciso. Nem vou notar que está lá.

— Vá por mim — comentou Jeremy. — O treinador tem espaço.

Jean não pareceu mais tranquilo.

— Eu não posso… — começou, mas nem ele conseguia pensar numa solução melhor. Jean mexia nas chaves com uma inquietação nervosa, incapaz de aceitar a generosidade de Rhemann. Jeremy estendeu a mão, mas sem invadir o espaço

de Jean: uma oferta silenciosa, e não uma exigência. Depois de um tempo, Jean fez uma careta e largou as chaves na mão dele com um baixo: — Desculpe, treinador.

— Você não deveria pedir desculpa por algo que sugeri — argumentou Rhemann.

— Sim, treinador. Desculpe, treinador.

Jeremy trocou um olhar sofrido com Rhemann, mas só perguntou:

— Mas não era melhor levarmos o carro até lá? O que você vai fazer com o seu próprio carro, se também tiver que levar esse?

— Adi e eu podemos buscar no fim de semana.

Jeremy assentiu e lhe entregou as chaves.

— Valeu, treinador. A gente vai pensar nas opções e tirar isso das suas mãos o mais rápido possível.

Rhemann guardou as chaves no bolso e olhou para o relógio.

— Eles só têm mais uns trinta minutos em Lyon. Em vez de arrastar vocês de volta pra lá, façam dez e dois até a hora do intervalo.

Rhemann segurou o portão aberto, e Jeremy fez um gesto para Jean ir na frente até a porta. Na segunda-feira depois da visita de Grayson, ele tinha garantido que Jean soubesse o código e, desde então, o deixava digitar, mesmo eles sempre indo juntos para lá. Jeremy nunca mais queria que Jean ficasse numa situação em que não pudesse escapar.

Os três foram juntos até o vestiário. Rhemann seguiu na frente para o escritório, e Jean e Jeremy foram para a área técnica alternar duas voltas na quadra com dez lances de escada. No quarto ciclo, Jean já tinha conseguido trancar o problema inteiro em algum lugar dentro de si, a julgar pela calma no rosto dele.

Cat podia ter acabado com tudo aquilo quando os Troianos voltaram à Quadra Dourada na hora do almoço, mas, para sorte de todo mundo, ela era inteligente o bastante para encurralar Jeremy sozinho.

— Tem um carro dos Corvos lá na frente — disse sem rodeios. Diante do olhar confuso que Jeremy lançou para ela, Cat deu de ombros. — A culpa não é minha se você não acompanha teorias da conspiração suficientes sobre os Corvos. Tem um pra cada Corvo do time, mas eles nunca saem de Evermore. E, escute esta, todos têm que ser idênticos. Toda vez que tem alguma mudança de modelo que poderia fazer o carro de um calouro destoar, a Edgar Allan simplesmente revende todos e compra tudo de novo. Bando de malucos — disse ela, quase com admiração.

— É do Jean — admitiu Jeremy—, mas ele ficou bem abalado com isso, então vamos tomar cuidado quando tocarmos no assunto na frente dele, tá? A gente vai ter que providenciar seguro e registro mais cedo ou mais tarde, mas, por enquanto, o carro vai ficar escondido na casa do treinador.

— Eu falo com a Laila — prometeu ela. — A gente vai dar um jeito.

Nenhum deles tocou no assunto do carro durante o almoço. Tirando algumas perguntas curiosas dos Troianos sobre a ausência deles no treino da manhã, ninguém mais juntou peças suficientes para perguntar. Jeremy ficou com medo de Lucas reconhecer o carro, pelo menos, mas ele não pareceu notar. Jeremy sentiu alívio, mas por baixo havia uma dor lancinante. Grayson tivera um carro igualzinho àquele, mas os irmãos eram tão afastados um do outro que Lucas nem sabia daquilo.

Jeremy esperou o treino acabar e Jean estar ocupado com os exercícios antes de mandar mensagem a Kevin: "A Edgar Allan mandou o carro do Jean à Quadra Dourada."

"O meu chegou faz dois dias", respondeu Kevin alguns minutos depois. "Meus livros e minhas anotações também. Eu tinha presumido que os treinadores tinham revendido tudo à escola, mas está tudo aqui."

"Ah, que ótimo!", respondeu Jeremy, e achava aquilo mesmo, mas não resistiu a acrescentar: "Não chegou nada danificado?"

Kevin respondeu com uma foto: uma prateleira abarrotada ao fundo, e um dos livros aberto até mais ou menos um terço das páginas sobre uma mesa clara. Tirando os grifos e as anotações nas margens, como era de se esperar, o livro parecia intacto. Jeremy ficou em dúvida sobre como responder, mas não seria justo diminuir a alegria de Kevin por causa de uma crueldade da qual ele não tinha participado. Em vez de mencionar o material escolar destruído de Jean, escreveu: "Que ótimo!"

"Eles estão com medo da gente", observou Kevin.

Então Kevin concordava: os carros eram uma tentativa de comprar o silêncio da seleção dos sonhos.

"E deveriam estar?"

Kevin demorou para responder e então mandou apenas: "Ainda vamos descobrir."

"Então te vejo em uma semana", escreveu Jeremy e deixou o celular de lado para assistir a Jean jogar.



CAPÍTULO OITO

Jeremy

Jeremy estava sentado na tampa do porta-malas do carro no Aeroporto Internacional de Los Angeles enquanto catava no copo vazio de café algum pedacinho de gelo para chupar. O celular apitava em intervalos irregulares conforme as periguetes mandavam mensagem umas às outras, mas ele nem tentou acompanhar. O único alerta que precisava de alguma atenção especial era o regougar engraçadinho de raposa que ele tinha colocado no número de Kevin. Fazia horas desde a última mensagem, mas Jeremy se esforçava para resistir à vontade de olhar quanto tempo havia passado.

O ar estremeceu quando um avião decolou, e a buzina constante do trânsito travado na frente do aeroporto foi abafada por um instante. Jeremy achou mais um pedaço de gelo para mastigar, secou os dedos no short e cedeu à tentação. Um toque rápido nos botões acendeu a tela, e ele se endireitou na hora ao ver o relógio. Já estava perto o bastante do horário previsto de chegada de Kevin para

valer a pena entrar, então ele despejou o resto do gelo no concreto, deixando derreter no calor.

Estava quase saindo do estacionamento quando Kevin enfim deu notícias. Jeremy parou num canto para mandar uma mensagem animada de volta e acelerou o passo assim que guardou o celular de novo.

Mesmo naquele momento, ainda parecia impossível que Kevin estivesse a caminho. A amizade dos dois sempre tinha sido pouco convencional, em grande parte por causa da distância absurda entre as universidades. Jeremy tinha encontrado Kevin cara a cara umas seis vezes, no máximo: na primavera anterior contra as Raposas e depois nas semifinais e finais contra os Corvos no primeiro e no segundo anos dele. Todas as outras conversas tinham acontecido por mensagem, os dois entrando em contato depois dos jogos para saber como o outro estava e trocando impressões sobre os adversários que teriam de enfrentar na escalada até o topo. Kevin tinha sumido por mais de um ano depois de quebrar a mão, mas a transferência de Jean o fez voltar com tudo.

Era a primeira vez que eles se encontrariam sem nenhum jogo marcado, mas ainda assim não era uma visita social. Kevin estava ali para ajudar Jean a entrar em contato com o mundo e conter um estrago que já tinha passado da hora de ser contido. Ficaria na cidade apenas por duas noites, e no domingo de manhã já voltaria para casa.

Jeremy entendia por que a visita seria tão corrida, mas queria que Kevin ficasse mais tempo. Queria mostrar a ele o melhor de Los Angeles. Se aquela viagem corresse bem o suficiente, talvez conseguisse convencer Kevin a voltar. Talvez ele mesmo pudesse ir até a Carolina do Sul; se bem que, da última vez que pesquisara a Universidade Palmetto State, ficara impressionado com a falta de coisas para fazer naquela área.

O caminho até a área de retirada de bagagens era curto. Tinha um papel no bolso de Jeremy com as informações do voo de Kevin, mas ele já havia olhado tantas vezes que sabia tudo de cor. Jeremy observou os painéis acima das esteiras por hábito, ciente de que era improvável que Kevin tivesse despachado algo numa viagem tão curta, e foi para um ponto de onde pudesse ver melhor a multidão que chegava. Era um déjà-vu engraçado, porque Kevin estava na mesma companhia aérea que Jean tinha usado alguns meses antes.

Pensar em Jean fez Jeremy pegar o celular para ver se havia alguma mensagem de Cat ou Laila. Jean andara mais mal-humorado que o normal naquela semana, e Jeremy sinceramente não sabia se ele estava mais tenso por causa da entrevista ou pela visita de Kevin. Jeremy ficou tentado a perguntar

umas seis vezes, mas, sempre que tinha a chance, lembrava-se da honestidade furiosa no *"Eu só queria que ele morresse"* de Jean. Tudo o que podia fazer era ficar de olho nos dois e torcer pra que passassem o fim de semana ilesos.

Jeremy se obrigou a prestar atenção na multidão que chegava e foi recompensado um minuto depois, quando viu Kevin sair do corredor. Jeremy sabia que Kevin não estaria sozinho, mas ainda não tinha conseguido distinguir quem tinha sido designado como seu acompanhante de viagem. Mesmo que Kevin não tivesse admitido naquele verão que não saía do campus sozinho, ele tinha dito "nós" naquela manhã, quando embarcara no voo no Aeroporto Regional do Norte. Jeremy nem perguntou porque, sinceramente, não fazia diferença; ele levaria com prazer a escalação inteira das Raposas pela cidade se aquilo significasse que Kevin estaria ali com Jean.

Ele ergueu a mão para chamar a atenção de Kevin, que, por sua vez, fez um gesto para o companheiro antes de mudar de direção. A multidão enfim se mexeu o bastante para revelar o goleiro baixinho das Raposas. Jeremy bateu nas costas de Kevin assim que ele ficou ao alcance e ofereceu a Andrew Minyard um aceno animado. O olhar entediado de Andrew passou por ele rapidamente, então Jeremy voltou toda a atenção a Kevin sem se sentir culpado.

— Que bom enfim ter você aqui! — disse Jeremy. — Como foi o voo?

— Sem nada digno de nota — respondeu Kevin. — Meu celular ainda não atualizou. Que horas são?

— Sete e meia, mais ou menos. Posso passar no hotel primeiro, se quiser fazer o check-in, ou então você pode ir relaxar com a gente. Não sei se deu pra comer, por causa do horário do voo — disse ele, e esperou Kevin balançar a cabeça em negativa. — Ótimo! Então vamos jantar. Tem água e cerveja lá em casa, ou você prefere outra coisa?

— No geral, vodca — disse Kevin. — Mas cerveja serve.

— Eu sei onde comprar — garantiu Jeremy. — Não tem mais nenhuma mala? Beleza, o carro tá por aqui.

Os dois vieram com só uma mala de mão de material rígido, e Andrew a pegou de Kevin na faixa de pedestres para carregá-la com ele no banco de trás. Assim que Kevin afivelou o cinto no banco do passageiro, Jeremy saiu em direção à estrada de volta à USC. Ligou o ar-condicionado, mas fez sinal para Kevin ajustar as saídas de ar como quisesse. Ele tentou manter a atenção na estrada, e não nas cicatrizes pálidas no dorso da mão esquerda de Kevin, mas, ciente de quem tinha quebrado a mão do garoto dois anos antes, sentia um nó de ansiedade apertar o peito.

— Me conte as novidades — começou Jeremy. — Como tá o time?

— Horrível, como sempre. — A resposta de Kevin saiu azeda. — Mas eles são duas vezes mais inúteis fora da quadra do que dentro, então vou suportar todos por mais dois anos.

Jeremy se sentiu obrigado a dizer:

— Não faria mal pegar mais leve com eles, sabia? São seus companheiros de time.

Kevin dispensou aquilo com um gesto impaciente de mão.

— Isso torna as incontáveis falhas deles menos perdoáveis, e não mais. As Raposas sempre souberam que penso pouco delas. Não vou amenizar os fatos pra poupar sentimentos.

— Um disco riscado e sem graça — disse Andrew. — Eles aprendem a te ignorar, do mesmo jeito que eu aprendi.

Kevin baixou o espelho do quebra-sol para lançar a Andrew um olhar enviesado, e havia uma acusação acalorada no jeito como disse:

— Você tentou.

Aquilo fez Jeremy olhar para o retrovisor. Ele estudou a expressão fria no rosto de Andrew em uma tentativa de entender o que estava deixando passar, porém, no fim, Andrew desviou o olhar. Kevin encaixou o quebra-sol de volta no lugar com um sorriso satisfeito.

— Você é muito bom — disse Jeremy por cima do ombro, na esperança de aliviar a tensão no carro.

Kevin assentiu.

— Ele vai ser da seleção.

Jeremy olhou para trás mais uma vez para ver o que Andrew achava daquela avaliação, mas o goleiro pareceu impassível. Olhava pela janela como se já tivesse se retirado da conversa há muito tempo, e Jeremy se pegou pensando se aquele tédio era real ou só uma tentativa de modéstia. Se fosse qualquer outra pessoa no banco de trás, ele apostaria na segunda opção, mas já tinha ouvido rumores demais sobre Andrew ao longo dos últimos anos para ter certeza. Deveria ser impossível alguém com uma reputação tão fenomenal se importar tão pouco, mas Jean era igualmente complicado.

— Jean também odeia Exy — comentou Jeremy.

— Isso não importa — retrucou Kevin. — Ele não tem escolha a não ser jogar.

— Por mais dois anos — concordou Jeremy. — Fico pensando no que ele vai fazer depois que se formar. — Ele esperou alguns segundos para ver se Kevin

especularia com ele, mas, lógico, Kevin não tinha nada a acrescentar. Jeremy deixou para lá e disse: — Ele acha que a gente tem boas chances de ficar em primeiro esse ano.

Funcionou que foi uma beleza. Kevin se ateve ao novo assunto com entusiasmo, e eles passaram o restante do caminho destrinchando a lista de possíveis concorrentes ao trono. Só havia duas faculdades no distrito da USC que representavam alguma ameaça durante a temporada de outono, e nenhuma das duas conseguiria causar estrago suficiente para impedir os Troianos de chegarem ao campeonato. Alcançar a linha de chegada não era o problema; era só no fim de tudo que os Troianos amarelavam, ano após ano.

Os Corvos eram uma incógnita naquele momento de autodestruição, mas Jeremy ainda não estava pronto para descartá-los. Tinham ficado tempo demais no topo do mundo para simplesmente desistirem. Com certeza dariam um jeito de se recompor e salvar a própria reputação, nem que fosse só por despeito de quem comemorava a tão aguardada queda.

Penn State era uma ameaça óbvia, mas as Raposas eram a maior incógnita, na opinião de Jeremy. Wymack podia até ter cedido à pressão e recrutado um time maior naquele ano, mas jamais mudaria seus critérios de recrutamento. Se a sintonia inédita do ano anterior conseguiria sobreviver à chegada de seis adolescentes caóticos era um mistério.

— Só se Neil desenvolver uma personalidade minimamente suportável — disse Kevin respondendo a pergunta de Jeremy, que tentou disfarçar a risada com uma tosse. O olhar de soslaio que Kevin lançou para ele deixava evidente que Jeremy não tinha enganado ninguém, mas ele não perdeu tempo se ofendendo. — Os calouros se uniram contra ele, até aquele atacantezinho patético por quem ele fez tanta questão de lutar. Se ele não conseguir conquistar o respeito deles, as Raposas podem muito bem jogar as raquetes no lixo.

Jeremy guardou aquela informação importante para depois e só disse:

— Falando no Neil, estou surpreso que ele não tenha vindo com vocês. Não que a gente não esteja feliz de ter você aqui — acrescentou por cima do ombro para Andrew —, mas achei que ele iria querer visitar Jean de novo.

Jeremy levou um minuto para perceber que tinha dito algo errado. Ele ainda passou por mais uma saída antes de notar que Kevin o encarava. Jeremy estudou a expressão curiosamente vazia no rosto dele e percebeu que enfim tinha conquistado a atenção total de Andrew.

Jeremy se obrigou a prestar atenção na estrada, confuso.

— Eu disse algo errado?

— Como assim visitar o Jean *de novo*? — perguntou Kevin.

— Como assim "como assim"? — rebateu Jeremy. — Ele esteve aqui em junho.

Kevin se virou no banco para encarar Andrew. Jeremy arriscou uma olhada pelo espelho retrovisor, mas Andrew já olhava pela janela outra vez, com uma expressão distante. Kevin deu a ele alguns segundos para inventar algo antes de afundar de volta no banco com um palavrão. Um instante depois, já estava com o celular na mão, encostado na orelha. A pessoa para quem ele ligou atendeu em poucos toques, e Kevin partiu para cima dela num francês furioso.

Jeremy estendeu a mão para ele num gesto de aviso e interrompeu com firmeza:

— É o Jean?

— Neil — disse Kevin, antes de voltar a massacrar o colega de time.

Fosse lá o que Neil tivesse a dizer sobre o assunto, de nada ajudou a melhorar o humor de Kevin. A ligação durou pouco, ainda bem, mas Kevin parecia estar prestes a arremessar o celular quando desligou. Por sorte, lembrou-se de quem era o carro em que estava antes de fazer aquilo. Ele se conteve, ainda que mal-humorado, segurando o aparelho com tanta força que os dedos ficaram brancos.

Jeremy pensou em dar um tempo para ele se acalmar, mas não conseguiu evitar a pergunta:

— Como você não sabia?

— Neil não disse aonde ia, mas a gente achou que sabia, por causa de quem ele supostamente encontraria. Ele nunca falou que Jean estava envolvido. — Por cima do ombro, Kevin acrescentou: — Neil se recusa a se explicar por celular.

— Típico — disse Andrew sem a menor preocupação.

Jeremy procurou alguma maneira de aliviar a tensão.

— No fim, foi melhor assim — arriscou. — Foi no mesmo fim de semana em que Grayson Johnson morreu. Antes de concluírem que tinha sido suicídio, a polícia queria jogar a culpa no Jean como suspeito mais óbvio. A visita do Neil foi a única razão de ele ter um álibi que eles não puderam ignorar.

Kevin não pareceu nem um pouco aliviado, a julgar pelo jeito como enfiou o rosto numa das mãos.

Andrew empurrou o encosto do banco dele.

— O defensor dos Corvos. Quem ele era pro Neil?

— Ninguém, até onde eu sei — disse Kevin. — O Grayson tinha… um histórico com Jean.

Aquela hesitação embrulhou o estômago de Jeremy, e ele não conseguiu conter a pergunta baixa:

— Você sabia?

— Aqui não — advertiu Kevin. Não com Andrew no banco de trás, foi o que ele quis dizer, e aquilo já era resposta suficiente.

Jeremy deixou os últimos quilômetros passarem num silêncio miserável e ficou feliz quando enfim estacionou atrás do carro de Laila. Eles deixaram a mala no banco de trás, já que Jeremy os levaria ao hotel mais tarde, mas Andrew tirou de dentro dela um maço de cigarros antes de sair do carro. Deu uma batidinha no maço e o ergueu para Kevin.

— Tem alguma lojinha de conveniência aqui perto? — perguntou Kevin a Jeremy. — Ele teve que jogar o isqueiro fora na segurança.

— Ah, eu tenho um que posso emprestar — disse Jeremy e passou por Kevin para abrir a porta do passageiro de novo. Kevin arqueou a sobrancelha quando Jeremy tirou um maço de cigarros de cravo do porta-luvas, mas o capitão dos Troianos só sorriu, inocente. — Já peguei mais gente em bares por ter um isqueiro à mão do que por ser encantador. Só dê uma volta antes de entrar, tá? — pediu, soltando o isqueiro na mão estendida de Andrew. — A Laila é bem sensível ao cheiro.

Em vez de responder, Andrew olhou para Kevin. Ele assentiu e fez um gesto para Jeremy, então Andrew saiu andando rua abaixo.

— Foi algo que eu disse? — perguntou Jeremy quando Andrew já estava longe o bastante para não ouvir.

— É a Califórnia, não você — explicou Kevin. — Memórias demais, ainda mais tão pouco tempo depois do julgamento do Aaron. Ele vai ficar de mau humor o fim de semana inteiro.

Jeremy trancou o carro e levou Kevin escada acima. Kevin o imitou e tirou os sapatos com a ponta do pé. Cat e Laila estavam à espera dos dois na sala, emboladas no sofá, e Cat ergueu o punho num cumprimento animado.

— Salve, rainha. Já estava começando a achar que você nunca viria visitar a gente.

Jeremy só prestou meia atenção na conversa leve que se seguiu. Encontrou o olhar de Laila, e ela fez um gesto rápido com os dedos. Jeremy se recostou, olhando o corredor na direção da cozinha. Jean tinha que ter ouvido a porta; e, mesmo que não tivesse, a saudação de Cat tinha sido alta demais para passar despercebida. Entretanto, ele não apareceu, e Jeremy se perguntou se deveria deixar Kevin ali por um instante para ir ver como ele estava. Seria grosseria?

Cat percebeu a distração dele.

— Tem café, se você precisar de uma ajudinha com o fuso.

— Obrigado — disse Kevin, e Jeremy não teve escolha senão o levar até Jean.

Jean estava encostado na pia, tomando café, e Jeremy achou que não exagerava ao pensar que ele tinha ido até lá justamente para pôr um cômodo inteiro entre ele e o convidado indesejado. A caneca parou no meio do caminho até a boca quando eles entraram, e o olhar dele passou direto por Jeremy até Kevin. Jeremy examinou o rosto dele, à procura de qualquer sinal de violência ou raiva, mas Jean estava curiosamente inexpressivo. Ele não se mexeu quando Kevin atravessou a cozinha na direção dele.

Kevin tirou a caneca dos dedos dele, que não ofereceu resistência, e a deixou de lado.

— Você está melhor. A Califórnia te fez bem.

Jean torceu o lábio.

— Você podia parecer menos satisfeito consigo mesmo.

— Por quê? — perguntou Kevin. Em vez de responder, Jean pegou a caneca de volta. Kevin deixou passar e preferiu o examinar de cima a baixo. — Seu cabelo já cresceu o bastante pra não perceberem nas câmeras, mas você podia pelo menos ter aparado pra ficar tudo no mesmo comprimento. — Nem o olhar mortal que Jean lançou para ele fez Kevin recuar. — Amanhã de manhã não vai dar tempo de consertar isso, e eu duvido que tenha algum lugar aberto a essa hora.

— Agora já mescla bem o suficiente pra dar um efeito repicado, meio bagunçado pelo vento — disse Jeremy. — Um visual despreocupado, perfeito para férias de verão. Eu gosto.

— Você não está ajudando — disse Kevin com um gesto para Jean. — Me mostre o que você vai vestir amanhã.

Jeremy arqueou a sobrancelha e começou a contar nos dedos cumprimentos que seriam mais apropriados.

— Que bom te ver, quanto tempo, espero que você tenha se adaptado bem, ouvi dizer que seu time adora ter você por perto.

Em vez de se tocar, Kevin roubou o café de Jean de novo. Jean mal esperou a caneca tocar a bancada antes de o empurrar para sair da frente. Jeremy teve que abrir espaço para os dois passarem e foi atrás deles pelo corredor até o quarto. Jean abriu a porta do armário, indicou em silêncio o seu lado e se sentou na cama para esperar a decisão de Kevin.

Kevin foi de uma ponta à outra, a testa levemente franzida. Jeremy se recusava a acreditar que ele estivesse tão decepcionado assim com as opções, já que Laila tinha escolhido a dedo quase tudo que Jean tinha, mas então Kevin tirou uma camisa do cabide e disse:

— Não consigo te imaginar usando algo colorido. Parece errado.

— Você me condenou a usar dourado neste outono — retrucou Jean. — Se acostume.

Kevin escolheu quatro camisas e levou até Jean para que ele experimentasse, e rejeitou duas assim que viu Jean com elas. A terceira o fez hesitar, e ele cruzou os braços conforme analisava com seriedade. Jeremy não entendeu qual era o problema; Jean ficava tão bem naquela camisa quanto nas duas anteriores.

Quase falou aquilo, mas conseguiu se segurar no último instante.

— O que foi?

— É um estúdio fechado — explicou Kevin. — A iluminação vai ser bem diferente da de um cenário feito para a plateia. A gente vai ter que ver como isso fica na luz da manhã pra ter certeza. Experimente a última.

Jean resmungou alguma grosseria, mas obedeceu e trocou de camisa. Assim que baixou as mãos, Kevin estendeu o braço para arrumar a gola e abrir os dois botões de cima. Então hesitou, enfiou um dedo por baixo da corrente prateada no pescoço de Jean e a puxou para fora.

— Isso é da Renee — disse Kevin, mas Jean só sustentou o olhar dele em silêncio. Kevin não insistiu numa explicação, apenas recuou. — Deixe aparecendo. As pessoas com mais chance de ter um problema com você também serão as que vão se sentir mais confortáveis com um símbolo desses. Você precisa cair nas graças de todo mundo que conseguir.

— Eu não ligo — retrucou Jean, levando a mão para esconder a corrente de novo.

Kevin segurou sua mão para o impedir.

— A gente está tentando vender você a eles. Ou melhor, uma imagem sua. Não torne isso mais difícil do que já é. — Ele esperou um instante para ver se Jean discutiria, depois soltou a mão dele e apontou para a camisa. — Deixe essa separada com a outra. De manhã a gente compara.

Ele deixou a terceira camisa estendida na cama de Jean antes de levar as duas rejeitadas de volta ao armário. Jeremy presumiu que Jean já estivesse acostumado com o jeito mandão de Kevin depois de tantos anos juntos, mas ainda assim olhou para o rosto dele para tentar medir seu humor. A expressão que passou pelo rosto dele, rápido demais e já sumida no instante seguinte, quase foi o

bastante para arrancar Jeremy do batente da porta. Contudo, ele não teve tempo de se perder naquela compreensão repentina; sentindo o olhar do capitão, Jean o encarou de volta.

Talvez Jeremy devesse ter disfarçado melhor a surpresa, mas não esperava ver Jean se encolher como se tivesse levado um golpe. Jean virou o rosto com brusquidão, numa tentativa inútil de esconder a reação, e abriu os botões da camisa com tanta força que era um milagre não ter arrancado pelo menos um.

— Tenha mais cuidado — protestou Kevin, ofendido. — Talvez a gente precise disso amanhã.

— Cai fora — avisou Jean.

Kevin emitiu um barulho de desaprovação, mas saiu do quarto. Jeremy ficou só mais um instante, mas o traço de pânico no segundo "cai fora" de Jean o fez sair depressa logo atrás de Kevin.

A confusão deixou Jeremy abalado, e ele ficou grato por poder entregar Kevin ao entusiasmo de Laila e Cat para que pudesse pensar. Jean não tinha negado a própria sexualidade da primeira vez que Jeremy tocara no assunto e tinha parecido mais irritado do que qualquer outra coisa quando Jeremy implicara com ele por causa de Laila no mês anterior. Jeremy já tinha flagrado Jean olhando para eles mais de uma vez naquele verão, mas ele sempre recuava e se fechava no próprio espaço. Sempre parecia mais cautela e fuga do que medo ou ódio de si. Jeremy não conseguia imaginar por que Kevin, especificamente, provocaria uma reação tão violenta.

Fosse lá o que fosse, não bastou para manter Jean afastado por muito tempo. Ele foi atrás deles poucos minutos depois, e Cat, radiante, tratou de arrastar todo mundo para a cozinha para começar o jantar.

Jeremy olhou para o relógio enquanto roubava um dos bancos e perguntou:

— Não seria melhor procurar o Andrew? Já faz um tempinho que ele tá lá fora.

Laila se animou na hora.

— Ah, ele está aqui?

— Corvos não viajam sozinhos — respondeu Jean.

— Você consegue apontar onde está o Corvo na sala? — perguntou Cat, sem nem erguer os olhos da tigela.

— Ele só deve voltar quando eu disser que já estamos indo ao hotel — disse Kevin. — É melhor assim.

Laila suspirou, decepcionada.

— Adoraria conversar com ele um dia. Ele é muito bom.

— Ele vai ser da seleção — disse Jean.

— E você também — acrescentou Kevin.

Um endosso tão imediato partido de Kevin Day teria deixado qualquer outra pessoa sem chão, mas a expressão de Jean ficou dura como pedra.

— Se você quiser — adicionou Jeremy, depressa.

— Eu sou da seleção dos sonhos — disse Jean, baixo e sem entonação. — Vou jogar com quem quiser assinar comigo.

Cat percebeu na mesma hora a mudança no humor dele.

— Kevin! Venha ajudar com as arepas. Jean vai te mostrar. — Ela cutucou Jean com o cotovelo. Quando ele fechou a cara, recusando em silêncio, Cat tornou a cutucá-lo. — Obrigue a Rainha a arregaçar as mangas, vai fazer bem a ele. Nada melhor do que comer algo que você fez com as próprias mãos.

— Eu também posso… — começou Jeremy.

— Não encoste em nada — disse Cat, apontando a faca para ele.

Kevin arqueou a sobrancelha para Jeremy, que passou a mão pelo pescoço num gesto desesperado de *deixe pra lá*. O brilho travesso no rosto de Cat dizia que ela estava a dois segundos de começar a listar todos os desastres culinários dele, mas então Jean puxou a tigela para mais perto de Kevin. Jeremy observou enquanto Jean mostrava a Kevin como moldar a massa das arepas em volta de fatias de muçarela fresca. A primeira tentativa de Kevin saiu torta, mas servia; ainda assim, Jean tirou da mão dele e apertou a massa até dar uma forma melhor. Kevin acompanhou os movimentos dele com um olhar distante.

— Desde quando você sabe cozinhar? — perguntou.

— Cat está me ensinando — explicou Jean. Podia ter parado ali, mas, depois de um instante, admitiu: — Eu gosto. Faz todo o restante desaparecer por um tempo.

Jean nunca tinha hesitado em ir para a cozinha com Cat, mas era a primeira vez que falava daquilo com tanta abertura. O sorriso que curvou os lábios de Cat foi suave, e o olhar que Laila lançou para Jean era cheio de carinho. Kevin observava Jean como se não tivesse certeza de quem estava vendo: não com apreensão, e sim reavaliando em silêncio um homem que conhecia havia tantos anos. Por um instante, Jeremy sentiu o peso da história entre os dois e ficou tonto; no momento seguinte, teve plena consciência de que existia coisa demais ali para que ele algum dia chegasse a compreender de fato.

Kevin estendeu outra arepa para Jean, esperou ele estender a mão para pegar e disse:

— Fico feliz.

Jean ficou imóvel, os dedos ainda sobre a massa. O maxilar se moveu por um instante enquanto ele avaliava as possíveis respostas. No fim, não disse nada, mas, quando enfim fechou os dedos em torno do pãozinho, pressionou os nós da mão contra a palma de Kevin. Talvez fosse otimismo, mas Jeremy escolheu interpretar aquilo como um *obrigado* silencioso.

Talvez não. Ou talvez aquilo fosse o máximo de vulnerabilidade que Jean conseguia oferecer naquela noite, porque, poucos instantes depois, ele se virou para Jeremy.

— Ele tá atrapalhando. Tire-o daqui e mostre o jogo mais recente contra o Arizona.

— Acho que o Kevin não quer… — começou Laila.

Kevin nem chegou a ouvir.

— Foi um jogo fenomenal — disse, os olhos acesos.

— Talvez *ele* te perdoe pela trapalhada — acrescentou Jean, e Jeremy fez uma careta para ele.

— Contra o Faser — concordou Kevin. O fato de ele saber exatamente de qual lance Jean falava era ao mesmo tempo humilhante e fascinante, e Jeremy só conseguiu encará-lo. Kevin soltou um som irritado. — Você é melhor do que ele em todos os sentidos. Devia tê-lo jogado contra a parede.

Jeremy tinha feito aquilo naquela noite, no quarto do hotel, mas não achava que Kevin precisava saber. Ignorou da melhor maneira possível o olhar de *eu-te-avisei* que Jean lançou para ele.

— Esse é o problema de jogar contra adversários que você conhece. Eles sabem exatamente como te tirar do eixo.

— Desculpa de novato — disse Kevin com desdém.

— Nem todo mundo pode ser perfeito — brincou Jeremy com um sorriso.

Kevin descartou aquilo com um gesto.

— Você chega perto o bastante de ser.

Jeremy teve exatamente um segundo para saborear aquele elogio antes de Jean lançar um olhar sombrio para Kevin e dizer:

— Jeremy está estudando pra faculdade de Direito.

O queixo de Kevin caiu.

— Não.

Ele se virou para Jeremy, que conseguiu se antecipar por um triz.

— Se não se importar, prefiro não falar disso hoje. E não estou pedindo permissão — acrescentou quando Kevin não pareceu disposto a recuar tão facilmente. Kevin continuou a olhar para ele como se Jeremy tivesse cometido

uma traição pessoal, mas, sábio, ficou quieto. Satisfeito, Jeremy mudou de assunto: — Qual é o plano pra amanhã?

Depois de um tempo, Kevin respondeu:

— Dar um jeito de apresentar Jean como alguém por quem vale a pena torcer. Uma tarefa ingrata — disse, ignorando o olhar fulminante que Jean lançou para ele. — Desde que a gente siga o roteiro, vai dar tudo certo.

— Ótimo — comentou Jeremy e sorriu para os dois. — Então não tem com o que se preocupar.

— Pronto, jogou azar na coisa toda — lamentou Cat. — Vai bater na madeira.

— Em outro lugar — acrescentou Jean incisivamente.

Jeremy se afastou da ilha da cozinha.

— Então Kevin e eu vamos ali na loja rapidinho. Tá faltando algo?

Ele esperou Cat dar uma olhada por alto na geladeira e dizer que não, então encontrou o olhar de Kevin e seguiu para a porta. Os dois pararam à entrada para calçar os sapatos de novo. Kevin pegou o molho de chaves da mão de Jeremy assim que ele trancou a porta depois de saírem e examinou o chaveiro Traveler.

— Queria que você tivesse vindo pra USC. Teria sido divertido jogar com você todos esses anos.

— Eu não seria quem sou sem a Edgar Allan — disse Kevin, devolvendo as chaves a Jeremy. — Tudo que eu sou e tenho hoje é porque cresci em Evermore.

— Inclusive a mão quebrada — adicionou Jeremy em voz baixa, enquanto os dois saíam andando. Kevin esfregou o dorso da mão esquerda e não disse nada. Jeremy não queria estragar o clima que tinham conseguido construir na cozinha; no entanto, uma vez que tinham mencionado os Corvos mais uma vez, era difícil resistir. Ele batucou as mãos nas coxas, num ritmo nervoso, antes de enfim perguntar de novo: — Você sabia do Grayson?

Kevin não hesitou.

— Todos os Corvos conhecem alguma versão dessa história.

Não pergunte, pensou Jeremy, mas como não perguntaria?

— Ele alguma vez… você…?

— Eles não tinham motivo. — Kevin percebeu a escolha horrível de palavras no mesmo instante em que Jeremy se virou para encará-lo. — Não foi isso que eu quis dizer — acrescentou com uma careta, e Jeremy sustentou o olhar, enquanto Kevin tentava encontrar uma maneira melhor de explicar. — O Ninho prospera na violência, mas todo castigo aplicado é calculado e executado com um

propósito. Tempos ruins nos exercícios, arremessos errados, falha ao bloquear um atacante ou ao passar por um defensor, sempre existe um fator desencadeante.

Jeremy se recusou a ouvir aquilo.

— Nada justifica o que fizeram com ele.

Kevin abriu a boca, pensou melhor e desviou o olhar. Jeremy de fato não sabia o que era pior: os Corvos acharem que estavam certos por fazer algo tão monstruoso com Jean, ou Kevin saber qual era a desculpa deles. Ele se sentiu enjoado ao perguntar:

— Então por que você não falou nada na primavera, quando ele estava sendo destruído?

— Porque sei muito bem o que acontece quando Jean fica contra a parede.

— Eu não entendo.

— Entende, sim — disse Kevin.

— Não, não entendo.

— Jean não consegue traí-los. Ele não sabe fazer isso. Vai sempre trair a si mesmo primeiro. Se eu tivesse falado algo na primavera e acusado a Edgar Allan de permitir esse tipo de abuso, Jean teria se sentido obrigado a me desmentir. Ele abraçaria as mentiras dos Corvos, sem se importar com o quanto isso o destruísse por dentro. Já vi isso antes — insistiu ele quando Jeremy abriu a boca para argumentar. — E não vou ver de novo.

Jeremy queria tanto rejeitar aquilo. Pensou em Jean se encolhendo a cada menção ao treinador Moriyama e a Riko, na facilidade, na rapidez e na convicção com que insistia que merecia tudo que tinha passado. Pensou no olhar assombrado de Jean e no *"Você não pode me salvar do passado, e querer desenterrar tudo não vai adiantar nada"*, rouco e exausto. Era cruel demais. Jeremy mal conseguia respirar.

— Você não pode me dizer que não existiria um Corvo sequer do lado dele se ele contasse a verdade. Eu me recuso a acreditar nisso.

— Você nem sequer sabe qual é a verdade dele — disse Kevin, e a frustração já vazava para a voz.

— Eu não ligo. — Jeremy descartou aquilo com um gesto brusco de mão. — Ele tinha dezesseis anos.

Kevin fez uma careta.

— É a idade de consentimento na Virgínia Ocidental. Sem denúncia, não existe crime. E nunca vai existir denúncia.

Jeremy precisou se afastar, mas não foi longe. Kevin segurou o braço dele para fazê-lo parar. Jeremy se soltou de uma vez e virou para encará-lo.

— Jeremy…

E àquilo se seguiu um silêncio miserável. Jeremy estudou a tensão no rosto dele, as sombras nos olhos, e soube que Kevin lutava contra a vontade de lhe contar algo. Jeremy não tinha certeza de qual lado queria que vencesse. Não queria que Kevin entregasse os segredos de Jean, mas queria desesperadamente entender a lógica doentia dos Corvos.

No fim, Kevin disse apenas:

— O silêncio é o único jeito de Jean ter voz. Assim, ele não precisa participar da própria ruína. Não é justo nem agradável, mas é o melhor que a gente pode fazer.

— Ele merece mais do que isso — reclamou Jeremy. — Você sabe que merece.

— Ele merece paz. É por isso que está aqui.

— Isso não é o suficiente.

— Já é mais do que ele teve a vida toda.

Jeremy o encarou em silêncio.

— E você? — perguntou depois de um tempo. — Eles também fizeram mal a você, mais do que você deixa transparecer. Algumas indiretas na primavera — disse, tocando de leve o dorso da mão de Kevin com a ponta dos dedos —, mas, desde então, nada. Eu teria achado que era por consideração, pra não arrumar briga enquanto a Edgar Allan ainda lamentava a morte de Riko, só que não acho mais isso. Você também não vai enfrentá-los, vai?

— Eu não tenho motivos pra brigar — disse Kevin. — Tudo que quero e preciso ainda está diante de mim; olhar pra trás é perda de tempo enquanto isso continuar sendo a minha realidade.

— Justiça não é perda de tempo.

— Eu não me importo com justiça. Tudo que quero na vida é jogar o jogo perfeito. — Depois de um instante, acrescentou: — E saber por que você está se candidatando à faculdade de direito. O seu lugar é na seleção comigo, mas eles não podem te convocar se você não estiver vinculado a um time profissional. Não diga que quer parar. Não vou acreditar.

— Esse assunto já foi vetado por hoje à noite — lembrou Jeremy. — Vamos focar um pesadelo de cada vez.

Fora um deslize imperdoável. Talvez depois Jeremy conseguisse se perdoar por ter sido descuidado, considerando a conversa que acabaram de ter, mas,

naquele momento, o olhar de Kevin fez Jeremy dar dois passos para trás. O sinal sonoro da faixa de pedestres lhe deu uma desculpa para se virar e continuar a andar, e ele só parou já à porta da loja de bebidas, quando Kevin o alcançou. Jeremy fez um gesto para Kevin entrar primeiro, mas ele parou ao lado dele.

— Jeremy — insistiu Kevin.

— Prometa que você vai proteger o Jean amanhã — pediu Jeremy. — É só isso que peço.

A expressão de Kevin deixava nítido que ele não deixaria aquilo passar por muito tempo, mas, no fim, disse:

— Eu prometo.

Jeremy não conseguiu sorrir, mas sabia que Kevin também não esperava aquilo dele.

— Obrigado. Você é um bom amigo, Kevin. Espero que saiba disso.

— Eu e ele não somos amigos.

— Mas você é meu amigo — retrucou Jeremy e repetiu: — Obrigado.

Kevin levou apenas alguns minutos para pegar a garrafa que queria, e a caminhada de volta para a casa foi tomada por um silêncio absoluto. Em vez de entrar com a bebida, Kevin parou ao lado do carro de Jeremy e disse:

— É pra amanhã.

Jeremy destrancou as portas do carro para que Kevin pudesse guardar a garrafa no chão do banco do passageiro, e os dois entraram em casa de mãos vazias. Jeremy fingiu não perceber o olhar curioso de Laila quando eles voltaram sem sacolas, mas se acomodou ao lado dela na ilha da cozinha.

— O cheiro está ótimo — disse, fazendo sinal para Kevin ocupar o último banco ao lado dele.

— Lógico que está — disse Cat, animada. — Fomos nós que fizemos. Olhe isso aqui.

Jeremy mal prestava atenção enquanto ela mostrava a receita que estavam testando, mas tudo bem. Ali estava quente e seguro, e aquilo bastava para manter o restante afastado por pelo menos mais um tempinho.



CAPÍTULO NOVE

Jean

Jean e Kevin tinham que estar na emissora às nove e meia da manhã de sábado. Kevin havia explicado o que esperar durante um café da manhã leve, mas nada do que disse conseguiu fazer Jean se sentir melhor. Não era um programa ao vivo, mas a previsão era de que fosse ao ar poucas horas depois de gravado. Cada um podia levar um convidado para ficar nos bastidores, Andrew acompanhando Kevin e Jeremy acompanhando Jean, mas, fora isso, seriam só eles e a equipe no estúdio. Kevin tinha conseguido uma garantia por escrito de que não haveria outros convidados.

Aquilo tudo era o completo oposto de qualquer outra participação que Kevin já tivesse aceitado. Jean não sabia se Kevin havia imposto regras tão rígidas por causa dele ou em reação ao desastre que tinha sido o programa de Kathy Ferdinand no outono anterior. Sinceramente, ele até se surpreendia que a emissora tivesse cedido a tantas exigências, mas Kevin não falava com ninguém

desde as finais. Talvez o direito exclusivo de enfim perguntar ao jogador sobre a morte de Riko valesse qualquer concessão.

Jean vinha tentando afastar aquele pensamento havia semanas, mas, quando faltavam cinco minutos para saírem de casa, a coisa toda caiu sobre ele como uma tonelada de tijolos. Ele olhou para Kevin do outro lado do quarto, que estava encolhido perto da janela saliente como se quisesse desaparecer dentro de si mesmo, e sentiu o estômago revirar com força. Conseguiu chegar ao banheiro por muito pouco antes de pôr todo o café da manhã para fora, e suas mãos tremiam tanto depois que ele mal conseguia beber água da torneira.

— Ah, querido — disse Cat, passando os dedos pelos cabelos dele, enquanto Jean tentava rasgar a toalha de mão ao meio. Ela trocou a toalha por um copo de água. — Você consegue. Eu sei que consegue.

— Não consigo. Não vou.

— Consegue, sim — insistiu ela. — Kevin e Jeremy vão estar bem ali com você, e eu e Laila estaremos torcendo daqui.

— Finja que tá falando com a gente — acrescentou Laila da porta.

— Eu não posso falar com a imprensa. Não tenho permissão. E não consigo… — *Ouvir Kevin mentir sobre Riko*.

— Talvez você também devesse beber algo — ponderou Cat. Jean não achou que fosse ajudar em nada, mas bebeu metade do copo que ela tinha levado. Cat explicou um instante depois: — Estou falando de vodca. Eu sei que não faz seu estilo, mas o Kevin parece bem mais controlado depois de virar um pouco. É até engraçado; eu não imaginava que ele fosse do tipo que fica nervoso antes de entrar em cena.

Jean encarou Cat, à espera de que as palavras dela fizessem sentido, mas o máximo que conseguiu dizer foi:

— Vodca.

— Sendo bem sincera, foi impressionante a rapidez com que ele mandou pra dentro — disse Cat. — Acho que você ainda estava se vestindo quando… ah?

Ela se atrapalhou para segurar o copo que Jean enfiou em suas mãos, e Laila quase não conseguiu sair do caminho a tempo quando ele saiu furioso do banheiro. Jean percorreu metade do caminho até Kevin antes de Andrew aparecer em sua frente. Jean tentou empurrá-lo para o lado, mas Andrew torceu seu braço com brutalidade, quase o fazendo perder o equilíbrio.

— Ei — protestou Jeremy, levantando-se do sofá, alarmado. — O que está acontecendo?

Jean lançou um olhar carregado para Andrew.

— Tire as mãos de mim, De Tal.

— Ainda é o melhor que você tem a oferecer? — perguntou Andrew. — Que sem graça.

Kevin era quem estava mais perto, então agarrou o pulso de Andrew.

— Não. Ele não vai me machucar. Ele nem sabe como. — Kevin ignorou o olhar fulminante que Jean lançou em sua direção, concentrado em encarar o companheiro de equipe minúsculo. A inclinação da cabeça de Andrew dizia que ele estava considerando aquilo, mas o aperto de ferro não afrouxou nem um pouco. Os nós dos dedos de Kevin ficaram brancos quando ele apertou mais forte. — Eu preciso dele hoje, e não posso colocá-lo diante de uma câmera se você o quebrar antes.

Andrew soltou Jean e saiu da frente, e Jean foi direto empurrar Kevin, que lançou um olhar cortante, nada impressionado com a atitude depois de ter acabado de intervir por ele. Jean disparou em francês, furioso:

— Você tá bebendo? *Você*? Qual é o seu problema?

— Você, de todas as pessoas, não tem o direito de me perguntar isso.

Jean fez menção de empurrá-lo de novo, mas Kevin agarrou sua camisa e o arremessou contra a parede com força suficiente para tirar seu ar. Jean percebeu, meio por alto, os Troianos parados feito estátuas, assustados com a violência repentina e com uma discussão que não conseguiam entender.

— Sou eu que vou fazer a gente passar por isso — avisou Kevin. — Como eu faço é problema meu.

— Kevin. — Era Jeremy, passando por Andrew como se nem o visse. Segurou Kevin pelo cotovelo e cravou os dedos ali quando ele resistiu ao puxão. Quando falou, o tom era de alerta: — Kevin, pra trás. Agora. — Ele o esperou soltar Jean e recuar antes de pôr a mão firme no peito de Jean quando ele tentou ir atrás. — Não. A gente não vai fazer isso. Não agora e não desse jeito. Vocês dois podem conversar como adultos civilizados quando voltarmos do estúdio.

— Você o deixou beber — acusou-o Jean.

Jeremy sustentou o olhar irritado dele com calma.

— Ele não vai dirigir. Se diz que consegue lidar com isso, então a decisão é dele.

— Ele não tá conseguindo.

— E você tá? — rebateu Kevin.

— Chega — bradou Jeremy, estalando os dedos na cara dos dois até que olhassem para ele. — A gente não tem tempo pra isso. Guardem essa briga para depois. A gente precisa ir, agora. Andem — falou e gesticulou para Kevin se

afastar mais um pouco. — Você sabe onde estão minhas chaves. Leve o Andrew pro carro, e a gente sai em um segundo.

— Kevin — chamou Andrew, já indo para a porta.

Kevin lançou um último olhar frio para Jean antes de seguir atrás dele.

Jeremy esperou a porta da frente se fechar antes de tirar a mão do peito de Jean. O olhar que voltou a ele era sério, mas a voz saiu medida quando disse:

— Você precisa passar por essa entrevista, Jean. Engula isso, releve, faça o que for preciso. Você não pode entrar naquele estúdio carregando essa briga. Eles não sabem nada sobre você além do que os Corvos vêm dizendo. Essa é a sua melhor e única chance de colocar a história nos eixos. Tá bem?

Umas doze respostas furiosas se embolaram na garganta de Jean, mas ele travou o maxilar e não disse nada. Jeremy só deu a ele um minuto antes de insistir:

— Jean.

— Tá no meu contrato — disse Jean por fim, por que o que mais podia fazer além de engolir seco e abaixar a cabeça? — Eu concordei em não representar mal os Troianos em público. Vou me comportar.

— Obrigado — disse Jeremy, enfim se afastando dele. — É só passar por isso, e depois você e o Kevin podem se sentar e tentar consertar as coisas.

Era tão otimista, tão ingênuo achar que aquilo era possível, mas Jeremy tinha razão: aquela não era a hora. Jean fechou os olhos e contou as respirações até se sentir um pouco mais calmo.

Jeremy esperou até ele abrir os olhos antes de perguntar:

— Melhor?

— Não — respondeu Jean. — Vamos.

Cat o encontrou no meio do caminho até a porta, arrumou a camisa dele e o puxou para um abraço apertado.

— Uma pergunta de cada vez, tá?

— Sim — disse Jean e seguiu Jeremy até o carro.

Andrew e Kevin estavam no banco de trás, então Jean foi no banco do passageiro. A viagem de vinte minutos até a emissora passou num silêncio desconfortável; nem Jeremy parecia disposto a puxar conversa. Havia uma fileira de vagas reservadas para convidados do estúdio no estacionamento, e Jeremy segurou a porta da frente para deixar os outros entrarem primeiro. Kevin foi falar com a recepcionista, com sua persona simpática já ativada, e Jean observou o saguão com um incômodo crescente.

Kevin fez sinal para que eles se aproximassem e mostrassem seus documentos, e eles foram passando uma prancheta de cadastro de mão em mão enquanto a recepcionista chamava alguém para acompanhá-los. Menos de um minuto depois, uma assistente jovem apareceu para os receber, com um sorriso animado e disparando cumprimentos como uma metralhadora. O aperto de mão dela foi mais um apertão rápido do que qualquer outra coisa, e Andrew nem olhou para ela quando chegou a vez dele. O sorriso de Kevin não vacilou quando disse:

— Peço desculpas por ele.

— Sem problema — respondeu ela e se virou. — É por aqui!

Ela liberou a passagem por um conjunto de portas, depois os guiou por um corredor comprido cheio de prêmios e pôsteres coloridos. O elevador chegou depressa, e ela passou o crachá que os levaria até o terceiro andar. Não parou de falar um segundo sequer, mas Jean deixou quase tudo entrar por um ouvido e sair pelo outro. Era o tipo de bajulação insossa que Kevin costumava despertar nas pessoas: o quanto estavam felizes por Kevin e Jean terem aceitado ir até ali, o quanto ela estava animada para a temporada que se aproximava e alguns fatos rápidos sobre a mulher que entrevistaria os dois naquele dia.

Havia outra mesa logo na saída do elevador, mas um dos dois funcionários ali estava no celular e o outro brigava com uma máquina de fax. A guia deles — Amber? Amy? Jean já tinha esquecido o nome da mulher — pegou uma pasta em cima da mesa sem sequer diminuir o passo. Ela a abriu enquanto andava, tirou dois maços de papéis e entregou um a Kevin, então os conduziu até uma salinha.

— Nada que vocês já não tenham visto — disse conforme fazia um gesto para que se sentassem. — Se quiserem tirar um momento pra ler tudo e rubricar, vou dar uma passada com a equipe.

— Obrigado, Amber — disse Kevin, e ela desapareceu.

Havia um copo cheio de canetas no centro de uma das mesinhas de café. Kevin passou um dos maços para Jean antes de se sentar para examinar o dele. Jean inclinou o seu para Jeremy para que ele pudesse ver, mas ele apenas assentiu. A primeira página era uma lista de políticas do estúdio; a segunda, um contrato que dava à emissora permissão para editar e usar as imagens daquele dia como bem entendesse. A última era a lista esperada de tópicos do dia, incluindo uma dúzia de perguntas de exemplo. Jean leu só três antes de voltar logo ao começo.

— É só assinar — disse Kevin. — Você vai demorar demais se tentar ler tudo.

— Não te perguntei nada — respondeu Jean, azedo, e rabiscou a assinatura no fim das duas primeiras folhas. Jeremy encostou o joelho no dele numa pergunta silenciosa, e Jean disse: — Meu ano de aulas de inglês foi quase todo oral. Aprendi a ler depois, pra conseguir passar nas matérias. É uma língua horrorosa de tão feia — acrescentou conforme passava os olhos pelos parágrafos intermináveis da página. — Sem personalidade nenhuma.

Jeremy sorriu.

— Ainda bem que eu tô aprendendo francês, então.

Kevin ergueu os olhos, surpreso.

— Tá?

— Tentando — corrigiu Jeremy. — Mas não tô indo muito bem.

Kevin olhou de um para o outro. Jean definitivamente não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Para a sorte de todos, a assistente voltou à sala naquele instante para ver como estavam. Ela recolheu os papéis, esperou que devolvessem as canetas ao copo e fez sinal para que a seguissem. Eles passaram primeiro pelo estúdio para deixar Andrew e Jeremy lá, e Amber tirou alguns minutos para apresentá-los à equipe. Jean lançou um olhar para o outro lado da sala, para o pequeno palco. Uma poltrona reclinável e um sofá de dois lugares estavam posicionados um em frente ao outro, com uma mesa clara entre eles. Um vaso com flores vibrantes era o único toque de decoração.

— Por aqui — disse Amber. Jean forçou o olhar para longe dali e a seguiu.

Ele e Kevin foram entregues a duas mulheres, que começaram a ajeitar o cabelo dos dois e aplicar maquiagem na medida certa para compensar a iluminação do estúdio. Jean manteve as mãos bem apertadas no colo e fixou o olhar num canto vazio do espelho.

— Você tem cicatrizes aqui — disse a mulher que cuidava dele conforme examinava seu couro cabeludo. — Isso dói?

Quando Jean não respondeu, Kevin precisou responder por ele:

— Obrigado pela preocupação, mas é uma lesão antiga. Ele está bem.

— Qualquer coisa, é só me avisar — disse ela antes de voltar ao trabalho.

Estavam quase terminando quando Hannah Bailey entrou para cumprimentá-los. Jean a reconheceu de ter assistido ao noticiário naquele verão; ela em geral comandava a bancada da transmissão esportiva da noite. Pessoalmente, ela era mais alta, e, de perto, a maquiagem era quase severa de tão marcada, mas a mão dela era incrivelmente macia quando ofereceu a ambos um aperto de mão demorado.

— Que bom ter vocês aqui — disse ela. — Eu sou Hannah Bailey. Vocês têm alguma pergunta pra mim antes de começarmos?

Kevin a envolveu com um charme irritantemente fácil de ouvir. Ao longo dos anos, acompanhando as temporadas dos Troianos, ele tinha assistido a alguns programas dela on-line, então conhecia seu estilo e algumas das matérias mais impactantes que ela tinha coberto. Se algum daqueles elogios vazios era sério, Jean não saberia dizer, e não se importava, desde que aquilo a agradasse e chamasse a atenção dela.

Funcionou durante toda a caminhada até o estúdio, mas, quando ela mostrou os lugares dos dois, enfim voltou um olhar avaliador a Jean.

— Eu sei que essa é sua primeira aparição pública — disse ela. — Tente esquecer as câmeras e pensar nisso como uma conversa entre nós três. Vamos manter tudo o mais direto possível, e mandamos uma cópia da edição final quando estiver pronta pra ir ao ar. Parece bom? — Jean a encarou em silêncio até Kevin pigarrear, mas Hannah falou antes que ele dissesse qualquer coisa. — Desculpe se isso soar grosseiro, mas ouvimos versões diferentes sobre seu nível de fluência. Podemos providenciar um intérprete, se isso deixar você mais à vontade.

Um boato espalhado pelos Corvos no outono anterior, enquanto destruíam a reputação que ele já nem tinha e que já tinha jogado a favor dele pelo menos uma vez desde que se mudara para a Califórnia. Jean não via motivo para desmentir aquilo naquele momento, se ainda podia se esconder atrás da barreira do idioma. Ele olhou para Kevin, que fez um gesto significativo para Hannah. Daquela vez, não iria ajudá-lo, então Jean segurou a careta e disse:

— Kevin vai me ajudar.

— Como preferir — disse Hannah. — Só precisamos ajustar uma ou duas coisas e já começamos. Vou abrir apresentando o programa, e vocês vão saber quando a câmera abrir o enquadramento para incluir vocês quando eu fizer assim. — Ela voltou um sorriso caloroso à câmera e fez um gesto indicando os convidados. Em seguida, olhou para os dois para se certificar de que tinham entendido a deixa e então colocou a mão no colo. — Vocês querem água?

— Seria ótimo — respondeu Kevin.

Hannah fez sinal para a equipe, mas o franzido leve que puxou sua boca fez Jean seguir a direção do olhar dela. Amber estava encolhida com a equipe de câmera em volta de um notebook, as duas mãos apertando os fones enormes enquanto encarava, boquiaberta, o que quer que estivesse acontecendo na tela. Hannah pigarreou, soltou um rápido “com licença” e foi se reunir à equipe. Ela

mal tinha chegado à metade do caminho quando um dos homens se aproximou dela depressa e a puxou de lado. Jean ouviu o murmúrio de vozes, mas não conseguiu distinguir nenhuma palavra, e Hannah foi até Amber poucos instantes depois.

— Isso é bem promissor — comentou Jean em voz baixa.

— Acho difícil que tenha a ver com a gente — disse Kevin.

Apesar de ter descartado a ideia, ele lançou um olhar para o outro lado da sala, para Andrew e Jeremy. Os dois também observavam a movimentação, mas Andrew só precisou de um instante para sentir o olhar de Kevin sobre ele. Fez um gesto displicente, sem parecer nem um pouco preocupado. Jeremy também percebeu o gesto. Quando viu a pergunta no olhar de Kevin, pegou o celular para conferir. O dar de ombros fraco dele, poucos instantes depois, deveria ser reconfortante: se as periguetes não estavam lotando o telefone dele com rumores e fofocas, então Kevin tinha razão em achar que aquilo não era problema deles. Talvez fosse só outra manchete para Hannah correr atrás assim que se livrasse deles.

Amber abaixou as mãos e afastou um dos lados dos fones enormes para liberar um ouvido. Fez gestos frenéticos para a tela enquanto explicava o que via, e Hannah apertou o ombro dela em agradecimento ou incentivo antes de se afastar. O "Fique de olho nisso e me avise" dela foi audível o bastante enquanto retornava à cadeira. Ela já estava quase de volta quando lembrou por que tinha saído, e chamou:

— Tragam água pra eles, e aí a gente começa.

Depois se acomodou, oferecendo aos convidados um sorriso de desculpa, mas o brilho nos olhos dela deixou Jean muito desconfortável. Fosse lá qual fosse a nova história se desenrolando, tinha despertado nela uma fome que provavelmente a deixaria sem tato e gananciosa, apressando aquilo tudo para correr atrás da próxima grande notícia.

— Desculpem por isso — disse ela. — Vamos começar?

Como Amber estava ocupada, um dos homens precisou levar os copos de água. Ele os arrumou sobre a mesa, ao alcance deles, e depois voltou correndo ao seu lugar entre as câmeras. Assim que a equipe sinalizou que estava pronta, ele fez um joinha para Hannah e começou a contagem.

— Boa tarde, Los Angeles, e bem-vindos a um programa especial do Plantão da Bailey — disse Hannah com seu sorriso impecável para as câmeras. — Eu sou Hannah Bailey. A partir desta manhã, faltam duas semanas para o início da temporada de Exy da NCAA. Juntem-se a nós hoje à noite, às oito e meia, para

nossa rodada semanal pelo país. Com algumas trocas de treinador de última hora no centro-oeste, com certeza veremos mudanças importantes antes do começo da temporada. Minnesota e Iowa entrarão ao vivo com as atualizações mais recentes, e vocês não vão querer perder.

Ela voltou o olhar para outra câmera.

— Hoje temos algo especial preparado — continuou Hannah. — Meus convidados são dois dos maiores nomes do Exy da primeira divisão, Kevin Day, da Universidade de Palmetto State, e Jean Moreau, da Universidade do Sul da Califórnia. — Ela fez um gesto amplo para os rapazes. Jean manteve os olhos nela, ciente de que Kevin, obedientemente, tinha olhado para a câmera com um sorriso e uma leve inclinação de cabeça. — Esses ex-Corvos estão aqui para nos ajudar a prestar uma homenagem há muito devida a uma lenda e para nos preparar para o que vem por aí nesta temporada. Kevin, Jean, obrigada por estarem conosco hoje.

— Obrigado pelo convite — disse Kevin com uma cordialidade que fez a pele de Jean arrepiar. — E obrigado, também, a você e aos seus telespectadores, pela paciência com a gente este ano. A privacidade que nos deram nesse verão foi uma gentileza sem tamanho.

— Lógico, lógico — respondeu Hannah, estendendo a mão como se fosse segurar a dele. — Eu não consigo nem imaginar como esse verão deve ter sido pra vocês. Todos nós sofremos essa perda — acrescentou, incluindo Jean em seu olhar pesaroso —, e eu sei que pressionamos vocês para sofrer junto com a gente, mas obviamente a nossa relação com Riko Moriyama era muito distante da que vocês dois tinham com ele.

— Nós nos afastamos, mas não ficamos completamente isolados — comentou Kevin. — Vimos as homenagens e as mensagens de apoio, e os fóruns dedicados às melhores jogadas dele. Foi… — ele fez uma pausa, à procura das palavras certas. Jean não soube dizer se era encenação ou se Kevin estava lutando para encontrar a mentira mais gentil. — … reconfortante, de uma forma boa e ruim, saber o quanto todos nós fomos afetados. Saber que não estamos sozinhos enquanto tentamos lidar com a perda dele.

Jean sentiu gosto de sangue na boca. Não sabia se tinha mordido a bochecha por dentro ou se era só o gosto azedo das lembranças brutais. Levou a mão até o rosto por reflexo, para conferir, antes de se lembrar das câmeras. Em vez de enfiar os dedos na boca, pressionou a ponta deles contra os lábios. O movimento foi o bastante para chamar a atenção de Hannah, e ela direcionou a ele um olhar cheio de compaixão.

— Obrigada especialmente a você, Jean, por estar aqui hoje — disse ela. — Estamos pedindo muito de você ao fazer com que sua primeira entrevista pública seja ligada a um assunto tão sério, mas estamos felizes por enfim ter a chance de ouvir sua voz.

Se falasse, provavelmente vomitaria até o forro do estômago, mas tinha prometido que estaria ali e que se comportaria. Jean engoliu em seco, lutando contra a náusea, e disse apenas:

— Sim.

— Podemos começar por Riko? — perguntou ela, olhando de um para o outro. — Um começo um pouco sombrio, sem dúvida, mas me parece mais gentil abrir por uma nota trágica e terminar com a luz do futuro de vocês.

— Claro — disse Kevin.

— Essa história começa no fim: um confronto controverso entre os Corvos de Edgar Allan, invictos, e as Raposas de Palmetto State. Atuações brilhantes de todos os lados — observou Hannah e estendeu a mão para Kevin —, com uma vitória no último segundo garantida por ninguém menos que Kevin Day. Poderíamos passar o dia inteiro destrinchando aquela partida, mas, como estamos com o tempo apertado, vamos precisar focar a conclusão inesperada dela.

— Escolha curiosa de palavra — ponderou Kevin. Diante do gesto dela, explicou: — Chamar a conclusão de inesperada. As Raposas vinham num embalo inegável antes daquela partida, incluindo uma das melhores proporções de vitórias e derrotas do país. Depois que conseguimos derrotar a USC, os Corvos já deviam saber que precisavam nos levar a sério.

— Não foi minha intenção diminuir vocês — respondeu Hannah, um pouco tarde demais. — As Raposas venceram, a sequência perfeita dos Corvos foi destruída e Riko Moriyama foi hospitalizado com o braço estilhaçado. — Não surpreendia que ela tivesse deixado de fora como e por que ele se machucara, e Jean entendeu na mesma hora para quem ela tinha torcido naquela partida. Ainda assim, era uma omissão ousada, considerando que Andrew estava do outro lado da sala. — Algumas horas depois, a Edgar Allan informou que o corpo dele tinha sido encontrado em uma das torres de Evermore. — Ela fez uma pausa, dando tempo para a lembrança ser retomada, e então perguntou: — Você conseguiu falar com ele depois da partida, Kevin?

— Não — respondeu Kevin. — Trocamos algumas palavras durante o jogo, mas depois, não.

— Parece indelicado perguntar, mas nos conte como foi — pediu Hannah. — Como você ficou sabendo? Como foi ouvir que ele tinha morrido?

A voz de Renee soou no ouvido de Jean, pedindo que desligasse a TV e esperasse ela conseguir chegar até ele. A mensagem de Jeremy, a ligação de Jeremy, *Ele se foi.* Por um momento, Jean se lembrou do peso da mesa de centro quando a atirou contra a televisão, e afundou as unhas no dorso da mão. Num instante, sentia um calor embaçado; no outro, a pele fria e úmida. Em francês, baixinho, ele disse:

— Eu não devia estar aqui pra isso.

Kevin colocou a mão sobre a dele para esconder as marcas em meia-lua que Jean abria na própria pele.

— Fique comigo — disse Kevin, num tom igualmente baixo, e Jean afrouxou à força o aperto mortal. Kevin olhou para Hannah, que os observava com uma compaixão exagerada, e por fim disse: — Foi devastador.

Ela murmurou, empática, e Kevin retirou a mão da de Jean enquanto tentava organizar os próprios pensamentos conturbados. O melhor que conseguiu foi um lento e cuidadoso:

— Ele era meu irmão. Enquanto crescíamos, a única coisa que importava era o futuro que construiríamos juntos. Nós nos afastamos depois da minha lesão e da minha transferência, mas ele ainda era, sem dúvida, alguém muito importante pra mim. Até hoje, não consigo acreditar que ele não esteja mais aqui conosco.

— Se os Corvos tivessem vencido, ou se ele não tivesse perdido o braço — começou Hannah.

Aquilo pareceu dar um pouco mais de vida a Kevin, e ele a interrompeu com suavidade:

— Eu preferia não alimentar esse tipo de hipótese. Sei que não é a sua intenção, mas isso joga o peso da morte dele em cima da gente: das Raposas, pela vitória espetacular, ou do Andrew, por ter feito o que era necessário para salvar a vida do Neil. E eu não vou discutir esse último ponto — acrescentou Kevin quando Hannah pareceu um pouco desconcertada. — A vida do Neil estava, sim, em perigo.

— Você acha mesmo que Riko estava mirando nele, e não no chão da quadra — afirmou Hannah sem esconder o ceticismo.

— Acho — respondeu Kevin sem hesitar. Em vez de se alongar na discussão, Kevin se inclinou um pouco para Hannah e fez um gesto para que ela acompanhasse seu raciocínio. — Eu lamento a morte dele, mas reservo minha revolta ao sistema que o levou até ela. Você não faz ideia do que é ser um Corvo:

a pressão constante para ter um desempenho perfeito, o peso sufocante de um legado esmagando cada passo seu. Foi esse ambiente que custou a vida do Riko, como custou a de tantos outros Corvos nesse verão.

— Um ano trágico em muitos sentidos — concordou Hannah. — Wayne Berger, Colleen Jenkins e Grayson Johnson também tiraram a própria vida nos últimos meses. Quatro vidas destruídas por um legado. Quase seis, se os boatos forem verdade — acrescentou e lançou um olhar para Jean. — Ouvimos boatos preocupantes vindas de Palmetto State em abril passado. Não vou ser cruel a ponto de perguntar se eram verdadeiros, mas fico feliz em ver que você ainda está aqui e espero que esteja se sentindo melhor agora.

— Sim — respondeu Jean. O olhar pesado de Kevin continuava ali, insistente, então Jean se obrigou a acrescentar: — Obrigado.

— O quinto, lógico, seria Zane Reacher — acrescentou Hannah. — Os detalhes desse caso continuam relativamente escassos, mas tivemos acesso a uma informação nova que merece ser abordada. Mais especificamente, o seu papel nessa história, Jean.

Ela não sabia de janeiro; não sabia das promessas quebradas. Não sabia. Não podia saber.

— Não entendi.

— Entramos em contato com a equipe da Edgar Allan em junho passado para saber como os Corvos estavam se ajustando ao novo treinador. Como já era de se esperar, eles não disseram muito — comentou, lançando um olhar para a câmera —, mas conseguimos algo interessante com o enfermeiro-chefe Josiah Smalls: ele só ligou para a família Reacher naquele dia porque você disse a ele que Zane precisava de ajuda. — Ela esperou um instante para ver se Jean responderia por conta própria, depois perguntou: — Como você sabia que ele estava em perigo?

Kevin fez sinal para que ele respondesse, então Jean deu uma resposta evasiva:

— Eu sabia.

— Jean — protestou Kevin.

— Eu não vou responder isso — disse Jean em francês. — Não é certo expor a vida deles pra gente de fora.

O olhar de Kevin continuou pesado quando ele também abandonou o inglês.

— Como você sabia?

Jean lançou um olhar furtivo para Hannah.

— Ele amava a Colleen. Ele estava diferente depois que… — As palavras ficaram presas em sua garganta, afiadas e violentas o bastante para destruí-lo. Jean engoliu em seco e tentou outra vez: — Descobrir que ela tinha morrido, depois de tudo o que aconteceu, com certeza o destruiria, ou pelo menos foi o que eu pensei. Eu precisava tentar.

Kevin refletiu por um instante, depois se voltou a Hannah e disse, em inglês:

— Colleen e Zane tinham um relacionamento. — Se percebeu o olhar acusador que Jean lançou por tê-los traído, não se dignou a reagir. — Jean temia o modo como Zane receberia a notícia da morte dela, ainda mais levando em conta a instabilidade dos Corvos nesse verão.

— Ah, uma revelação tão trágica — expressou Hannah, levando a mão ao peito como se fosse doloroso ouvir a verdade. — Tenho certeza de que a família dele é imensamente grata por você ter se preocupado com ele. Conseguiram se falar desde que ele recebeu alta do hospital, Jean?

— Não — respondeu Jean.

Ela ainda esperou um instante, como se esperasse algo mais. Diante do silêncio e do olhar fixo de Jean, Hannah partiu para uma abordagem mais agressiva:

— Perdoe-me pela maneira como isso vai soar, mas por que você o salvou? — Ela ergueu uma mão apaziguadora antes que ele pudesse responder e continuou: — Todos nós, é óbvio, somos imensamente gratos por você ter feito isso, mas os Corvos fizeram de tudo para transformar sua vida num circo nesse último ano. Você podia ter ignorado. Ninguém saberia.

— Eu não me importo com o que dizem a meu respeito — retrucou Jean, ofendido demais para medir o tom. — Eles têm todo o direito de me odiar por eu ter me transferido quando e para onde me transferi. Eu não culpo nenhum deles por isso nem acho que devam morrer por causa disso. Quem é você para sugerir uma coisa dessas?

— Jean — advertiu Kevin, com um sorriso que deixava evidente que a paciência dele estava por um fio. Então se voltou a Hannah: — Peço desculpas, ele fica um tanto intenso quando começa a falar.

— Foi uma pergunta cruel — disse Hannah, sem soar nem um pouco arrependida. — O erro foi meu. Mas é curioso, não é? A agressividade sem freio — como nenhum dos dois respondeu, ela explicou: — Kevin também se transferiu da Edgar Allan, embora tenha sido durante as férias de inverno. A cruzada dos Corvos contra a Universidade de Palmetto State é um rancor bem

conhecido, ainda mais agravado pelo fim da última temporada, mas eles nunca direcionaram essa revolta especificamente para Kevin.

Kevin voltou um olhar sereno a ela.

— Você está chegando a um "por quê" — disse ele, e era quase impressionante como conseguia fazer uma acusação soar agradável.

Hannah sorriu e admitiu:

— Culpada. Alguns dos boatos são bem comprometedores, desculpe a franque… linguajar — concluiu e lançou um olhar para Jean. — Você se sentiria à vontade para comentar isso com a gente hoje e ajudar a elucidar as coisas?

Jean oscilou entre a recusa instintiva e a desconfiança atordoada de que talvez devesse permitir aquilo. Se negasse a ela as respostas que tanto queria, seria visto como hostil? Aquilo quebraria seu contrato e a promessa de se comportar em público? Ele só teve alguns segundos vertiginosos para lutar contra aquilo antes de Kevin soltar um baixo:

— Hã.

Foi alto o bastante para chamar a atenção de Hannah, e ela desviou o olhar de Jean. Kevin nem esperou que ela o convidasse a falar:

— Desculpe, é que essa linha de perguntas foi inesperada. Você é a última pessoa que eu esperaria que caísse no sensacionalismo dos Corvos, ainda mais considerando o modo como cobre os Troianos há seis anos. Eu imaginaria que o aval da USC seria mais do que suficiente para encerrar esse assunto.

— Até um torcedor apaixonado como você precisa admitir que a USC não está livre de erros — observou Hannah. — Parte do charme inegável dos Troianos está justamente em como eles se recuperam com entusiasmo e trabalham para melhorar.

— O erro aqui não é deles — retrucou Kevin. — Os Corvos passaram dos limites, e eu perdi a paciência com essas palhaçadas exaustivas. Eles deveriam gastar menos tempo arrastando o Jean pela lama e mais tempo reconstruindo a linha de defesa inexistente deles, já que perderam os principais jogadores — insistiu. — Zane se formou, Jean se transferiu e Grayson… — Kevin nem se deu ao trabalho de terminar a frase; apenas fez um gesto suave com a mão, como quem diz *fazer o quê*. Deixar uma câmera capturar aquele lado frio dele era algo sem precedentes; Jean não sabia se culpava a vodca ou a provocação de Hannah sobre os Troianos. Ele pisou no pé de Kevin em aviso silencioso, mas o garoto continuou: — Não sobrou ninguém de valor.

Hannah tamborilou as unhas no braço da poltrona enquanto o analisava.

— Raro ver você ser tão protetor com alguém, Kevin.

— Eu perdi o Riko na primavera — atestou Kevin. — Jean é o único irmão que me resta.

Doía mais do que deveria, tantos anos depois, mas Jean só teve um instante para ferver por dentro. Do outro lado, Hannah disse:

— Falando em irmãos, vamos voltar ao caso de Grayson Johnson.

Jean parou de respirar.

Ao lado dele, Kevin disse:

— Talvez ainda seja cedo demais.

Hannah assentiu em reconhecimento, mas não desistiu.

— Todos os outros Corvos que perdemos nesse verão escolheram partir… — disse ela depois de uma breve busca pelo melhor eufemismo — … das próprias cidades natais. Grayson é a única exceção, já que dirigiu duas horas para o norte, de San Diego até Los Angeles. Pelo que sabemos, o irmão mais novo de Grayson, Lucas, que também é Troiano, e Jean foram as duas últimas pessoas com quem ele falou antes de morrer. — Ela voltou toda a atenção a Jean. — O que ele te disse? E naquele momento você percebeu que era um pedido de socorro?

"Eu sei onde você joga. Sei onde você mora."

Jean não sentia o próprio rosto.

— Eu não quero falar sobre Grayson com você.

— O relatório registrado na segurança do campus alega que você se envolveu num conflito com Grayson do lado de fora da Quadra Dourada, mas decidiu não prestar queixa. O treinador Rhemann, em contrapartida, registrou uma denúncia para proibi-lo de entrar na propriedade da universidade. Uma atitude incomumente firme e agressiva da USC, você não acha? Deve ter sido uma bela de uma briga. Pelo que vocês dois brigaram?

Dentes, pensou Jean, que sem perceber levou uma das mãos ao pescoço. Teve uma vaga consciência do aperto doloroso de Kevin em seu pulso para fazê-lo baixar a mão sem chamar tanta atenção. Se a câmera conseguiria captar ou não, pouco importava; Hannah observava a mão de Jean com um interesse doentio. Jean puxou o ar devagar e o prendeu, olhando além de um cruel *Quem vai te proteger agora?* até chegar a um *Grayson nunca mais vai incomodar você* calmo demais.

Jean forçou a mão a relaxar e deixou Kevin espalmá-la contra o sofá. Os Troianos iriam enchê-lo de porrada por ter peitado aquilo de maneira tão grosseira, mas qualquer dor seria melhor do que aquilo.

— Eu não vou falar sobre ele com você. Não me pergunte de novo.

— Eu acho quê…

— Hannah — interrompeu Kevin num tom que a calou na hora. — Já chega.

Ela olhou de um para o outro, avaliando as opções. Jean não confiou nem um pouco no que viu nos olhos dela, mas no fim Hannah assentiu e se recostou na cadeira.

— Então vamos falar menos dos Corvos e mais sobre você. Jean Moreau — disse ela, como se estivesse provando o som do nome dele pela primeira vez. — Antes membro dos Corvos de Edgar Allan, agora dos Troianos da USC. De um três para um vinte e nove, exceto pela marca eterna no rosto. — Ela apontou para a própria maçã do rosto esquerda. — Você faz parte da seleção dos sonhos desde que foi visto pela primeira vez na Edgar Allan, mas o treinador Moriyama te manteve longe da pressão das aparições públicas. Barreira linguística?

Era uma mentira tão boa quanto qualquer outra.

— Sim.

— Nascido em Marselha — disse ela, contando fatos nos dedos. — Você imigrou para os Estados Unidos aos catorze anos para treinar com Tetsuji Moriyama e entrou na escalação dos Corvos aos dezesseis. Desde o ano passado, tem oficialmente dupla cidadania, dos Estados Unidos e da França. Um passo necessário, imagino, se espera jogar ao lado de Kevin na seleção dos Estados Unidos. — Ela esperou um instante para ver se ele comentaria, depois disse: — Quando foi a última vez que você esteve em casa?

— Aqui é a minha casa — respondeu Jean.

— Mas sua família continua na França — observou ela. — Seus pais, Hervé e Chloé, e sua irmã mais nova, Elodie. — Ouvir o nome dela ali foi tão inesperado e gratuito que arrancou o ar de Jean. Ele encarou Hannah, entorpecido, enquanto ela estudava seu rosto em busca de uma reação. — Acho um pouco curioso, talvez até um pouco triste, que você não tenha tirado um tempo para visitá-los. Muita coisa pode acontecer em cinco anos, não?

"Você achou que era especial?"

— Corvos não têm família — soltou Jean. — Não foi uma escolha minha.

Hannah pareceu genuinamente desconcertada com aquilo, então Kevin se meteu depressa:

— Como você sabe, os Corvos são obrigados por contrato a permanecer na Edgar Allan durante os recessos. Não importa se você é da França ou da nossa capital; esperam que você deixe todo o restante de lado e se concentre apenas no time até a formatura. É uma rotina impiedosa, pensada para garantir dedicação total à equipe.

— Um sacrifício e tanto — comentou Hannah, lançando outro olhar fixo para Jean. — Você pelo menos teve a chance de falar com eles por telefone?

Havia um motivo para ela insistir naquela linha. Jean sabia, mas não fazia ideia de onde aquilo chegaria. O embrulho no estômago dizia que não seria nada bom, mas tudo o que ele conseguiu dizer foi:

— Não.

Hannah uniu a ponta dos dedos e encostou os indicadores no queixo. Estava medindo até onde levar aquilo, avaliando se aquele era o momento de forçar mais, e então ficou imóvel antes de perguntar:

— Você sabe que seus pais foram presos pela Interpol uma hora atrás?

Ah, pensou Jean. *Ah, não.*

Ele iria passar mal. Sentia aquilo dilacerando seu estômago, rasgando seus pulmões no caminho até a garganta. Em francês atropelado, Jean protestou:

— Eu não posso responder a essa acusação ainda. Não sei o quanto eles sabem.

E Amber disse, em francês impecável:

— Estamos com o *Le Monde* aberto no notebook, se você quiser se retirar por um minuto e ler a matéria. Pelo que conseguimos averiguar, a notícia ainda não saiu na imprensa internacional.

Jean olhou para ela, recusando-se a acreditar no que ouvia. Amber confundiu o choque dele com surpresa e abriu um sorriso luminoso.

— Me pediram para ficar de prontidão nessa entrevista caso você precisasse de intérprete, mas você preferiu o Kevin. — Ela tornou a fazer um gesto para que ele se aproximasse e disse: — Quer fazer uma pausa e dar uma olhada? Como a entrevista é gravada, dá para editar o trecho e deixar a transição perfeita.

Jean se virou para Kevin e fez a única coisa que podia: mudou para o japonês.

— Não me obrigue a fazer isso.

— Ah — disse Amber, surpresa, em inglês. — Isso não é francês.

Kevin a ignorou e respondeu em japonês:

— Peça para Jeremy levar você lá fora para tomar um ar. Vou avisar a Hannah que não vamos responder a nenhuma dessas perguntas. Se ela se recusar, a gente vai embora. Vou mandar mensagem a Jeremy com a decisão, de qualquer maneira.

Jean não precisou ouvir duas vezes. Amber se voltou para o computador quando ele se levantou, achando que Jean tinha cedido à curiosidade, mas ele foi direto até Jeremy sem diminuir o passo. Jeremy avançou para encontrá-lo no meio do caminho, nitidamente alarmado, mas Andrew chegou primeiro. Com

uma mão rápida no peito de Jeremy, empurrou-o para trás e foi para a porta. Jean de fato não se importava com quem fosse com ele, contanto que alguém fosse, então entrou atrás de Andrew e o seguiu para fora do estúdio.

Jean não fazia ideia de como tinham ido daquela sala até o estacionamento. Não se lembrava do elevador. Não sabia se Andrew tinha precisado dar baixa na recepção. Só se deu conta, de repente, de que estava com as mãos apoiadas no capô do carro de Jeremy, lutando para puxar ar para dentro dos pulmões colapsados. Cada respiração parecia travar na garganta.

Talvez ele sufocasse ali mesmo e enfim se livrasse daquela existência miserável.

O punho de Andrew bateu no meio das costas dele com um baque seco, e enfim Jean conseguiu respirar fundo. Andrew o ouviu respirar por alguns instantes antes de dizer:

— "*História.*" — Havia uma ferocidade tão cortante naquele tom que Jean soube na hora que ele estava zombando da escolha infeliz de palavras de outra pessoa. Andrew enfiou os dedos no cabelo dele e virou sua cabeça à força para poder ver as marcas ensanguentadas na lateral do pescoço. — Johnson chegou a tocar no Neil?

Jean não queria falar de Grayson, mas aquele monstro era a única coisa grande o bastante para abafar a dor profunda que o despedaçava. Hannah sabia sobre Elodie, mas o quanto ela sabia? O *Le Monde* tinha noticiado o desaparecimento dela, ou eles sabiam que ela estava…?

— Não — respondeu Jean. Andrew sustentou o olhar, medindo se aquela recusa simples era verdadeira. Jean empurrou a irmã para o lugar mais fundo que conseguiu, sentindo o coração se rasgar de novo ao enterrá-la mais uma vez. — Não. Teria sido uma punição inadequada para alguém como ele. O crime imperdoável dele era a obstinação, a insolência de desafiar quem estava acima dele.

— O que implica que teria sido adequado em outras circunstâncias. — O olhar de Andrew tinha peso suficiente para esmagá-lo. Bastou um relance para Jean entender que aquilo tinha menos a ver com preocupação por ele e mais com uma reação visceral à violação em si. Talvez Andrew ainda estivesse com os nervos à flor da pele por causa do julgamento, tão recente, mas Jean achava mais provável que a ideia de Neil quase ter sido atingido fosse a verdadeira causa. — Me explique — ordenou num tom quase entediado, mas Jean não se deixou enganar.

— Você, dentre todas as pessoas, não deveria perguntar. — Jean afundou o polegar no pulso de Andrew e o arrastou pelo braço até o cotovelo.

Andrew arrancou a mão de volta, e Jean enfim conseguiu se endireitar. Esfregou a nova dor no pescoço antes de alisar o cabelo com dedos trêmulos, e não deixou passar o momento em que o olhar de Andrew desceu outra vez para seu pescoço. Jean, por sua vez, baixou os olhos para as faixas nos braços que Andrew nunca deixava de usar. Sentia falta do tempo em que nem reparava naqueles acessórios ridículos.

Jean se lembrava muito bem da satisfação espessa na voz de Riko enquanto contava o que tinha descoberto na Califórnia. Ou melhor, quem: um irmão perdido havia muito tempo, que sentia o cerco da lei se fechando e faria qualquer coisa para escapar da investigação. Levar aquele homem para a Carolina do Sul tinha sido fácil, e Drake Spear soubera o que fazer a partir daí.

Destruir o goleiro em quem Kevin apostava com tanto fanatismo tinha alimentado Riko por semanas. Depois que a notícia da agressão de Andrew viera à tona, Riko passara a reunir obsessivamente todos os artigos que conseguia encontrar sobre o ataque e pendurara cada um deles sobre a cama. Receber um relatório completo de Proust em janeiro o tinha deixado ainda mais feliz. Por um instante, Jean sentiu uma lâmina arrancando tiras finíssimas das suas costas; o *"Lê de novo desde o começo"* faminto de Riko soou tão alto no seu ouvido que ele virou a cabeça por reflexo, à procura dele por cima do ombro. A lembrança de unhas cravando no seu couro cabeludo, empurrando seu rosto para mais perto daquele arquivo horrível, surgiu tão nítida que Jean levou a mão ao cabelo para verificar se havia sangue.

Não podia ficar preso naqueles pensamentos, então disse:

— Você roubou Kevin da gente.

— Ele se roubou sozinho.

— Você o chamou de seu na cara do Riko. "Minhas coisas" — lembrou Jean. Jean não tinha ido à entrevista com Kathy Ferdinand, mas a distância não tinha sido suficiente para salvá-lo. As longas horas de volta a Evermore não fizeram nada para acalmar a fúria de Riko, e Jean ficara dois dias sem treinar para conseguir se recuperar. — Você não tinha o direito de querer ele. Eu podia ter… — Por algum milagre, ele conseguiu interromper o *eu podia ter dito a você como aquilo ia terminar* bem a tempo. Jean cerrou os punhos e se obrigou a focar de novo a expressão fria de Andrew.

O silêncio que se instalou entre eles parecia frágil, e então Andrew disse:

— Acabe logo com o suspense. Neil matou o Johnson enquanto ele estava na cidade?

Era uma lembrança inoportuna de que as Raposas conheciam a verdade sobre os Moriyama por meio de Kevin. Jean não deveria se surpreender que aquele rato loiro soubesse os segredos de Neil também, mas ainda assim lançou um olhar cauteloso para Andrew enquanto avaliava como responder. Mentir era a única resposta sensata, mas ali não levaria a lugar nenhum.

No fim, a contragosto, disse:

— Ele contratou o pessoal do tio pra cuidar disso.

Andrew não teve o bom senso de parecer preocupado. Virou-se e tirou um maço de cigarros do bolso. Jean tentou arrancá-lo da mão dele, mas Andrew saiu do alcance a tempo, com um calmo:

— Seu único aviso. Tente de novo e vai perder a mão.

— Você é um babaca — acusou Jean. — Da última vez, mal conseguiu ser rápido o bastante para salvá-lo. Na próxima vez que alguém partir pra cima dele, você e seus pulmões cheios de fumaça vão ter que vê-lo morrer. Eu não o teria entregado a você se soubesse que ia jogá-lo fora com tanta leviandade.

— Vou arquivar isso na lista das coisas que ninguém te perguntou — disse Andrew e acendeu um cigarro.

Jean lançou um olhar carregado para ele enquanto puxava o celular. Não tinha se dado ao trabalho de salvar o número de Neil, mas era o único desconhecido no histórico de chamadas. Ele encarou a tela, dividido entre a necessidade e a vontade de evitar aquela conversa a qualquer custo. Por fim, fechou os olhos e ligou. Foram três toques até Neil atender com um simples:

— Neil.

— Ainda estamos longe do julgamento — disse Jean em francês. — Por que eles já foram presos?

Neil ficou em silêncio por um momento e então respondeu apenas, confuso:

— O quê?

Jean explicou a emboscada de Hannah e depois disse:

— Eles deviam ser o que me liga a você, mas a investigação do Açougueiro ainda está em andamento. O que posso dizer se ainda não posso apontar o dedo para ele?

— Se forem usar você como testemunha depois, não dá mais para alegar ignorância agora — refletiu Neil. — Isso levantaria dúvidas demais sobre sua credibilidade. Exija privacidade enquanto tenta lidar com a prisão deles e evite

dar qualquer declaração pelo máximo de tempo que conseguir, talvez. Vou atrás de algumas respostas.

Não era uma solução perfeita, mas era o que tinha. Jean desligou no mesmo instante em que o celular de Andrew apitou. Ele leu a mensagem mais recente e depois deixou o aparelho perto da mão de Jean. Era a atualização de Kevin: Hannah prometia se manter no roteiro com as perguntas pelo restante da entrevista e mandaria Amber encontrá-los no saguão.

Jean teria preferido que ela continuasse a forçar a barra, para que tivessem uma desculpa para ir embora, mas não havia nada que pudesse fazer. Ele se afastou do carro e seguiu para a porta. Andrew demorou um pouco mais para ir atrás, ganhando tempo para terminar o cigarro, mas alcançou Jean na entrada, e os dois seguiram juntos. Amber esperava perto da recepção com o sorriso animado ainda perfeitamente no lugar, como se Jean não tivesse saído no meio da entrevista.

O caminho de volta até o estúdio foi curto demais. Jean encontrou o olhar de Jeremy no instante em que passou pela porta — teria que pedir desculpas mais tarde por ter se comportado mal, depois de prometer representar os Troianos direito. Por ora, voltou ao seu lugar no sofá e se sentou outra vez ao lado de Kevin.

Em japonês, exausto, Kevin disse:

— Nosso controle de danos precisa de controle de danos. Nunca mais vou dar uma entrevista.

— Não minta. Você gosta demais de ouvir a própria voz pra não fazer mais isso.

Kevin cedeu com um leve dar de ombros.

— Está pronto?

— Faria alguma diferença se eu dissesse que não?

Kevin nem desperdiçou fôlego com uma resposta; apenas sorriu para Hannah, que observava os dois de perto.

— Estamos prontos para tentar de novo.

— Ótimo, ótimo. E desculpem por ter soltado aquilo sem aviso — acrescentou ela, como se só tivesse se lembrado daquilo naquele instante. — Kevin e eu já gravamos algumas vinhetas de passagem para os comerciais, então vamos voltar um pouco e tentar por outro ângulo. — Ela esperou Jean assentir e então fez sinal para o produtor. Ele começou a contagem, e Hannah voltou seu sorriso vencedor à câmera. — Bem-vindos de volta ao Plantão da Bailey. Quando paramos…



CAPÍTULO DEZ

Jean

Vinte e cinco minutos depois, eles enfim conseguiram se livrar das garras de Hannah, mas sair do estúdio só resolveu um problema. Tudo o que tinham deixado de lado para conseguir sobreviver à entrevista precisava ser encarado, e Jean percebeu o sorriso de Jeremy sumir num piscar de olhos assim que eles deixaram aquele prédio miserável para trás e chegaram ao estacionamento.

Kevin segurou Jean pela manga no meio do caminho até o carro e disse:

— Nos dê um minuto, Jeremy.

Jeremy se virou na mesma hora para ele.

— Pode falar. — Quando Kevin fez um gesto entre ele e Jean, Jeremy ergueu o queixo e encarou Kevin com firmeza. Não havia nada agressivo na postura nem no tom dele, mas Jean ouviu o desafio calmo na voz: — Tá bem. Olhe em meus olhos e diga que isso não vai causar problema nenhum pro meu time, e eu espero no carro enquanto vocês dois se acertam. Você pode me prometer isso?

A hesitação de Kevin já foi resposta suficiente para Jeremy, e então ele se voltou a Jean.

— Já ficou óbvio que nenhum dos dois quer falar disso, e eu queria poder respeitar. Mas o que quer que esteja acontecendo aqui vai ter consequências pra todos nós, então vamos dar um jeito de enfrentar isso juntos.

Jean manteve o olhar fixo do outro lado do estacionamento.

— Você não faz ideia do que está pedindo.

— Você me pediu ajuda pra sobreviver ao que vier a seguir, e isso faz parte — disse Jeremy. — Estou aqui como seu amigo e seu capitão, e tô pedindo que seja sincero comigo. Olhe pra mim, Jean. — Ele esperou até Jean voltar a encarar o rosto dele. — Você pode confiar em mim ou não? Eu preciso saber.

Não era a resposta mais fácil, mas não iria tirá-lo daquela conversa, e Jean sabia que também não seria verdade. Ele estudou Jeremy em silêncio, aquele capitão loiro-oxigenado que lembrava um raio de sol, capaz de dobrar Kevin sem erguer a voz nem a mão. Era bem provável que Jeremy se arrependesse de cavar mais fundo naquilo, mas Jean tinha mesmo escolha? Falasse naquele instante ou quando começasse o julgamento de Nathan, Jeremy acabaria ouvindo a mesma versão da verdade.

Aquilo não tornava nem um pouco mais fácil dizer em voz alta, mas Jean sustentou o olhar dele e disse:

— Meus pais eram parceiros de negócios de Nathan Wesninski.

Seguiu-se um segundo de silêncio atônito, e então Jeremy perguntou:

— O tal Açougueiro? O pai do Neil? Esse Nathan Wesninski? — Quando Jean assentiu, tenso, Jeremy lançou um olhar além deles, para o estúdio, e disse: — Melhor deixar isso pra depois mesmo. Esse não é o tipo de conversa que a gente deveria ter aqui. Vamos embora antes que alguém entenda errado.

Jean esperava ser bombardeado de perguntas o caminho inteiro até em casa, mas Jeremy não disse nada até se aproximarem do bairro deles. Quando as ruas começaram a ficar familiares, Jeremy perguntou:

— Você quer conversar em casa ou no estádio?

Com ou sem plateia, era aquilo que ele queria dizer, mas a única coisa pior do que ter aquela conversa era ter que repeti-la várias vezes.

— Em casa.

Jeremy aceitou sem discutir e virou na rua que os levaria até a casa de Laila. Em segundos, assim que estacionou, a porta da frente se abriu. Cat e Laila foram recebê-los na varanda. O cumprimento de Cat foi animado, mas o olhar de Laila, indo de Kevin para Jean, era atento. À procura de algum sinal de que eles tinham

saído ilesos daquilo tudo, supôs Jean. Uma pena que ele fosse decepcioná-la. O olhar dela parou por último em Jeremy, e a expressão de Laila tornou-se sombria.

— Quão ruim? — perguntou ela quando eles começaram a subir os degraus.

— Essa conversa pede um café — disse Jeremy. — Deixe eu fazer antes.

Kevin já tinha se trocado antes de Jeremy ir buscá-lo no hotel naquela manhã, então não precisava vestir nada diferente, mas Jean foi direto para o quarto assim que passou por Cat. Ele sabia que era impressão dele achar que as roupas estavam com o cheiro do estúdio, mas precisava tirá-las e colocar qualquer outra coisa antes que arrancasse a própria pele.

Sentiu uma resistência de uma fração de segundo ao puxar a segunda manga do braço, mas percebeu tarde demais o que tinha enroscado nos botões claros da camisa. A visão do colar de Renee no chão fez seu coração parar. Ele o apanhou com dedos trêmulos, à procura de onde tinha quebrado — bem no fecho, deixando as duas argolinhas presas na mesma ponta.

— Ei. — Cat puxou de leve os cabelos da nuca dele ao se aproximar. — Você tá bem? Kevin já voltou a beber, e até o Jeremy tá tenso. Tô supondo que a entrevista não foi nada bem.

— Hannah Bailey é uma vadia nojenta.

As sobrancelhas de Cat subiram.

— Me conte o que você tá sentindo. — O humor sumiu quando ela olhou melhor para o rosto dele, e então apertou seu braço de leve. — Tenho certeza de que não foi tão ruim quanto você tá pensando. E se foi… bem, a gente já precisou limpar e ajeitar umas coisinhas ao longo dos anos. Vamos dar um jeito nisso também. Ah, sua cruz!

Jean a virou para a mão estendida dela, e Cat soltou um murmúrio enquanto examinava:

— A corrente já era, mas a Laila deve ter alguma fininha o bastante pra substituir. Posso ficar com ela enquanto procuro?

— Pode — disse ele, e Cat saiu depressa.

Jean não estava com pressa nenhuma de voltar, mas também não precisava que mais alguém fosse atrás dele. Trocou a calça social por um jeans escuro antes de fuçar o armário. No fim, escolheu a camiseta preta da USC que Jeremy tinha comprado para ele em maio. Talvez passassem a odiar vê-lo com ela quando descobrissem a verdade, mas havia uma pequena chance de o logo familiar exercer algum efeito calmante subliminar. Jean aceitaria qualquer vantagem que pudesse ter naquela conversa.

O bule da cafeteira não era grande o bastante para todos, mas acabou funcionando. Andrew não queria nada deles, Kevin bebia vodca pura num copo e Cat optou por uma cerveja ao ver o quanto Kevin estava bebendo. A cozinha era estéril demais para aquele tipo de conversa, então, assim que pegaram suas bebidas, seguiram pelo corredor até a sala. Jean não sabia se tinha sido de propósito, mas ele e Jeremy foram os últimos a sair.

Jeremy estava encostado no balcão, enquanto Jean servia o café, e tocou com cuidado o cotovelo dele.

— Desculpe — disse. Embora o restante do pessoal estivesse na outra ponta do corredor, ele baixou a voz para que só Jean ouvisse. — Odeio ter que fazer isso no mesmo dia em que ela se esforçou tanto pra te ferir, mas eu conheço o tipo. Se isso significa que ela será a primeira a noticiar essa história deste lado do oceano, ela não vai editar.

— Você está protegendo seus Troianos — disse Jean.

— Você é um dos meus Troianos — lembrou-o Jeremy, num tom baixo e resoluto. — Eu não os estou escolhendo em vez de você. Preciso que você entenda isso. Estou tentando proteger a todos nós.

Jean precisou dar um passo para trás para Jeremy enfim servir a própria bebida. A dor no peito estava presa na garganta, um nó fervente. Ele sabia o que precisava dizer a eles e sabia também o que não conseguiria dizer sem que aquilo o destruísse. Passara dois meses enterrando Elodie sob tudo o que conseguira encontrar, só para Hannah enfiar uma pá direto em sua cova apodrecida. Por um instante, Jean se sentiu muito distante dali e, no desespero, estendeu a mão. Colocou a palma no peito de Jeremy quando ele deu o primeiro passo até a porta.

— Jeremy — disse, e soou tanto como *por favor* que Jeremy ficou imóvel na mesma hora. — Não me pergunte dela. Qualquer pessoa menos ela. — Jeremy o encarou de baixo, visivelmente sem entender. Jean não conseguia dizer o nome dela, mas Jeremy não fazia ideia de quem ele estava falando. Jean engoliu em seco, tentando conter uma onda de bile com gosto de sangue, e disse: — Minha irmã. Eu não consigo… — O pânico cravando garras no peito ameaçou rasgá-lo por dentro, e Jean desviou o olhar quando a expressão de Jeremy se fechou. O melhor que conseguiu foi: — Eu não consigo falar dela. Não vou.

Ele achou ter ouvido Jeremy murmurar um "desculpe", mas o coração estava batendo tão alto que talvez tivesse imaginado. Jean afundou as unhas no próprio peito, tentando obrigar o coração a desacelerar, e gladiou contra o luto com tudo o que tinha. Jeremy esperou com ele, mas teve a delicadeza de direcionar o olhar pesado para outro lugar e não dizer mais nada. Mesmo assim, Jean fechou os

olhos e procurou a caixa onde tinha trancado os pesadelos. Imaginou-se fechando-a à força e a envolvendo em correntes, camada após camada, até não conseguir mais ver a madeira. Um problema para depois, na esperança de que aquele "depois" nunca chegasse.

Quando abriu os olhos, estava mais firme.

— Estou pronto.

Jeremy não foi grosseiro a ponto de perguntar se ele tinha certeza, apenas o conduziu para fora da cozinha. Kevin tinha ocupado o canto mais distante do sofá, enquanto Andrew estava sentado de pernas cruzadas no banco da janela, de onde podia observar todos eles. Laila tinha tomado posse da poltrona redonda, e Cat estava sentada no chão à frente dela. Tinha um emaranhado de colares na mão, tentando desfazer os nós. Ergueu as joias quando eles chegaram e disse:

— Estou fazendo o melhor que posso, mas parece que a Laila nunca viu um porta-joias na vida. Achei isso tudo num saquinho embaixo da pia.

— Foi mal — disse Laila, sem um pingo de arrependimento.

Jeremy sinalizou para Jean se sentar primeiro, e Jean escolheu a outra ponta do sofá. Ficou um lugar vazio entre ele e Kevin, que Jean presumiu que Jeremy ocuparia, mas o capitão se ajoelhou no chão do outro lado da mesa de centro. Jean supôs que aquele era o melhor lugar para ele, se quisesse olhar os dois nos olhos sem precisar ficar virando de um para o outro.

Jeremy seguiu o exemplo de Jean e esvaziou metade da caneca. Quando a deixou de lado, o som da base da caneca sobre a superfície pareceu definitivo. Jeremy esperou só mais um instante antes de perguntar:

— Por que Neil veio a Los Angeles em junho?

A pergunta devia ser para Jean, mas ele não se importou que Kevin fosse um pouco mais rápido.

— Ele precisava se encontrar com o FBI para discutir complicações na investigação do pai. Nós partimos do pressuposto errado de que ele iria a Baltimore por causa disso. — Kevin lançou um olhar de lado para Jean. — Porquê decidiram se encontrar aqui está além da minha compreensão.

— Porque o Jean está aqui. — Jeremy virou a cabeça para Cat e Laila, dedicando as próximas palavras a elas, mas manteve os olhos no rosto de Jean ao dizer: — Porque os pais do Jean trabalharam com o pai do Neil, o suposto Açougueiro.

— Suposto não — disse Jean, ao mesmo tempo que o "O quê?" chocado de Cat quase estourava seus tímpanos.

Cat e Laila se viraram para ele. Laila parecia atônita, e Cat ficou tão boquiaberta que foi um milagre não ter deslocado o maxilar. Cat recuperou a voz primeiro, mas tudo o que conseguiu dizer foi um estridente:

— Você não tá falando sério.

Jean começou a atravessar a verdade com cuidado, à procura da resposta que podia dar e dos detalhes que melhor explicariam aquele fiasco a Kevin. Ele fixou um olhar firme em Jeremy e disse:

— As pessoas erradas estavam perguntando por que o Neil voltou de Evermore diferente. Ele passou anos fugindo; jogar fora o disfarce justo quando o time dele era assunto no país inteiro foi de uma imprudência imperdoável. Se olhassem demais para Evermore, Neil achava inevitável que acabassem me encontrando. Ele veio até aqui pra me avisar e forçar um ataque preventivo. Aonde Neil vai, o FBI vai atrás. Nós preferimos contar a verdade nos nossos termos a sermos pegos de surpresa mais adiante.

Laila foi a primeira a ligar os pontos.

— Você estava com o FBI quando Grayson morreu. O escritório local deu cobertura a você com a polícia de Los Angeles.

— Sim.

Jeremy então olhou para os amigos e enfim explicou:

— Os pais do Jean foram presos pela Interpol algumas horas atrás. Ainda não saiu na imprensa daqui, mas a equipe da Bailey deve ter colocado alertas no nome da família de Jean enquanto pesquisava o histórico dele pra entrevista. Eles tinham uma pessoa que falava francês ali para ajudar a interpretar caso Jean precisasse, e foi ela que encontrou a matéria num site de imprensa estrangeira.

— Ela não te perguntou disso — disse Laila. Ela encontrou a resposta de que precisava na expressão dele, e a aspereza na voz era pura indignação. — Sem aviso nenhum?

Jean se agarrou à caneca como se fosse uma tábua de salvação e manteve os olhos no café escuro. Demorou um minuto até achar que podia confiar na própria voz, e, mesmo assim, o melhor que conseguiu dizer foi:

— Eu prometi que representaria os Troianos da maneira adequada, mas fui embora. Vou me desculpar com o treinador Rhemann assim que puder.

— Você não a atacou nem a insultou — apontou Jeremy. — Até a sua raiva quando ela fez aquele comentário horrível sobre o Zane vai jogar a seu favor, porque foi um impulso genuíno de empatia. Ninguém ligado ao nosso programa vai ter problema com o modo como você se portou hoje. Fico feliz que tenha saído naquela hora — reforçou ele quando Jean não reagiu. — Foi de uma

crueldade absurda ela jogar isso em cima de você desse jeito. Não era disso que vocês tinham combinado de falar.

Cat ainda encarava Jean.

— Seus pais são mafiosos franceses? Tipo, de verdade?

— Sim — disse Jean.

— Não me leve a mal, mas o que você tá fazendo aqui? — perguntou Cat ao mesmo tempo que jogava o emaranhado de correntes de uma mão para a outra enquanto procurava uma nova ponta solta para desfazer. — Por que deixaram você vir aos Estados Unidos, tão longe, onde não podiam ficar de olho em você? Depois do modo como te trataram e do que fizeram contigo, isso é ou uma autoconfiança absurda, ou uma confiança inacreditável, achando que você guardaria os segredos deles mesmo de tão longe.

Aquela parte da história tinha sido ideia do Neil, embora ninguém pudesse dizer se ela se sustentaria.

— É difícil comandar um império com uma criança atrapalhando — explicou Jean. — Eu era um risco, uma possível moeda de troca que alguém podia pegar e usar contra eles. Quase nunca me deixavam sair da propriedade, a não ser para jogos e treinos, e eu era proibido de interagir com qualquer pessoa de fora do grupo deles. Era melhor para eles se eu simplesmente desaparecesse. Desde que eu mantivesse a boca fechada e mandasse dinheiro pra casa depois de me formar, eles nunca viriam atrás de mim.

— *Duas* crianças atrapalhando — corrigiu Cat, franzindo a testa diante da inconsistência na história dele. — Você me disse que você…

— Cat. — O aviso veio de Jeremy, num tom que não abria espaço para discussão. — Agora não.

Cat lançou um olhar surpreso para ele, mas teve a sensatez de ficar quieta. Jean sabia que ela acabaria juntando as peças sozinha, e só podia rezar para que fosse atrás de Jeremy em busca de respostas, e não dele. Jean apertou a caneca com tanta força que achou que ela fosse rachar em suas mãos.

Jeremy lhe deu tempo ao se voltar a Kevin, mas a pergunta que fez era uma para a qual Kevin não tinha resposta decorada:

— Você sabia deles?

— Ele descobriu no banquete do outono passado — disse Jean. — Neil e eu nos reconhecemos e entramos em pânico. Estávamos ocupados demais tentando descobrir se estávamos seguros um com o outro para lembrar que Kevin também falava francês.

Um silêncio desconfortável preencheu a sala por um minuto, enquanto cada um lidava com os próprios pensamentos. Então Laila disse:

— Não é bem o tipo de assunto que surge numa conversa casual, e você só conhece a gente há três meses. Eu não posso te culpar por ter escondido isso. — Ela deixou aquilo assentar antes de continuar: — Dito isso, essa coisa toda tem potencial para explodir de um jeito bem ruim. Como podemos ajudar?

— Eu não sei — admitiu Jean.

— Eu tenho pessoas com quem posso falar — prometeu Laila. — Vou me certificar de que você esteja seguro.

Jean não entendeu, mas Cat não conseguiu se segurar mais. Era exatamente o tipo de fofoca que a deixaria elétrica por dias, e o brilho nos olhos dela era de puro fascínio.

— "Suposto" não, foi o que você disse. Então você já conheceu o Açougueiro? Ai! — reclamou ela quando Laila deu um peteleco em sua têmpora. — Era pra eu perguntar sobre a família dele? "Nossa, Jean, e aí, como foi?" A gente já o viu pelado, Laila, sabemos a resposta pra isso. — Ela fez um gesto com a mão na altura do peito, indicando as cicatrizes que Jean tinha atribuído ao pai. — Eu estava tentando ser delicada.

Jean a ignorou enquanto os pensamentos se afastavam dali. A história que ele e Neil tinham acertado dizia que Jean conhecera os Wesninski na França, quando era criança, mas Jean nunca tinha ficado frente a frente com Nathan. Ele sabia que o Açougueiro tinha aparecido em Evermore anos antes, mas, naquela época, só Kevin tinha sido arrastado para os braços dos Moriyama.

Jean nunca o conhecera, mas conhecera Lola Malcolm, a faxineira assassina dele. Ainda se lembrava da postura relaxada dela, como se o mestre e Riko valessem menos que os saltos que ela pisava. Jean achara aquilo horrivelmente ofensivo, até o momento em que o mestre cedera sem hesitar. Se Lola quisesse Nathaniel, ela tinha a palavra do mestre de que os Corvos abririam mão de qualquer direito sobre ele e sairiam do caminho. Depois daquela submissão tão fácil, Jean ficara tão apavorado com ela que mal dormira durante uma semana. Riko contara aquilo como uma vitória, apesar da fúria violenta do tio depois, já que garantiram que Neil teria uma morte lenta e agonizante.

— Ah, então conheceu mesmo — disse Cat.

Jean não soube dizer o que ela viu no rosto dele, mas conseguiu responder, áspero:

— Sim.

Kevin terminou a bebida e estendeu a mão para a garrafa. Jean agarrou o pulso dele com uma força capaz de estalar ossos e disse:

— Eu vou quebrar isso na sua cabeça.

— Você sabe que é normal universitário beber de vez em quando, né? — perguntou Cat, erguendo a lata de cerveja e a sacudindo para ele. — Um dia você deveria experimentar, ou então talvez um pouquinho de… — Ela fez um gesto de pinça perto da boca, que ele presumiu significar cigarro. Ela não se intimidou com o olhar que ele lhe lançou, só disse: — Algo pra aliviar antes que você surte de vez. Eu conheço alguém que tem receita médica.

Kevin tentou se soltar, então Jean se virou para o encarar. Kevin o observou com uma diversão displicente. Ele estava mesmo bêbado, o que só piorou o humor de Jean, que apontou um dedo acusador para ele e disparou:

— Você é a Rainha da seleção dos Estados Unidos, por enquanto. Por quanto tempo vai conseguir manter isso bebendo veneno?

— Pra sempre — prometeu Kevin. — A última pessoa que tentou tirar isso de mim morreu. Xeque-mate.

E, como se a satisfação raivosa na voz dele não bastasse, Kevin ainda teve a coragem de sorrir. Jean soltou o pulso dele como se tivesse se queimado. Pegou a caneca vazia ao se levantar do sofá e saiu da sala, precisando pôr distância entre os dois antes de tentar arrancar os olhos de Kevin com as próprias mãos.

Ele não queria mais café, mas preparar outra leva deu às mãos instáveis algo para fazer. Desistiu logo antes de apertar o botão e começou a remexer os armários. A visão de comida o deixou enjoado e desorientado. Fechou as portas de volta e se virou para a cafeteira, só então percebendo que já não estava sozinho.

Ele não tinha ouvido Kevin entrar por causa dos batimentos acelerados do seu coração, e o viu sentado no banco do meio da ilha da cozinha. Tinha enchido o copo outra vez antes de sair da sala, e bebia devagar enquanto observava Jean, que teve vontade de atirar o copo pela janela.

— Você deveria ser melhor do que isso — disse Jean numa acusação contida.

— Você sempre soube o que eu sou.

Kevin tinha sido tutelado pelos Moriyama durante a maior parte da vida: passava quase todos os verões da infância com Riko enquanto a mãe viajava e depois fora morar com eles definitivamente quando Kayleigh Day saíra de cena. Assim que as portas da gaiola se fecharam, fora proibido de colocar até uma porta entre ele e o irmão amado e odiado, Riko, até a noite em que Riko enfim o descartara.

Kevin tinha crescido sob a violência implacável do mestre, o primeiro corpo em que Riko pudera ensaiar suas crueldades ainda embrionárias. As frequentes aparições públicas exigidas da dupla de Corvos conseguiam conter as facas de Riko, mas não a fome maligna dele; a maior parte das cicatrizes de Kevin tinha sido gravada no coração e na mente. Quando Jean fora jogado aos pés de Riko, Kevin já tinha dominado a arte de erguer muros mentais entre si e o que quer que Riko fizesse.

Jean o odiara por meses. Incapaz de impedir o sadismo de Riko e proibido de sair do quarto, Kevin simplesmente recuava o máximo que podia e fingia normalidade, discutindo exercícios de Exy e estatísticas, enquanto Riko queimava a pele pálida de Jean. Um fantoche sem alma que sobrevivia atrelando tudo o que era ao próprio sonho, era o que Jean acreditava, até o dia em que Kevin se inclinara e pedira para aprender francês. Tinha sido o primeiro sinal de que ele ainda tinha uma personalidade própria, de que alguma parte de Kevin Day existia separada de Riko Moriyama. Fora a prova de que sobreviver a Evermore era possível. Jean só precisava abrir mão e parar de lutar.

Ali os dois estavam livres, pelo menos de Riko, mas Kevin ainda fazia tudo o que podia para não encarar os horrores do Ninho. Jean não deveria culpá-lo por aquilo, ainda mais considerando o tanto que lutava para manter bem longe os pesadelos, mas Kevin sempre tinha sido o mais forte dos dois. As defesas dele tinham sido inabaláveis até Riko quebrar sua mão, e então viraram pó.

Jean não sabia por que Kevin tinha recorrido à vodca em vez de reconstruir aqueles muros. Talvez houvesse escombros demais para construir algo em cima, mas Jean não era obrigado a gostar daquela solução. Se Kevin estava tão longe de Riko e de Evermore e ainda assim não conseguia encarar o que tinha vivido ou o que tinha feito, que esperança restava para Jean?

— *Você* deveria ser melhor — insistiu Jean.

— Nós somos o que eles fizeram de nós — respondeu Kevin. — Não tem como escapar disso.

Jean foi até ele e colocou a mão espalmada sobre o copo.

— Então por que você contou todos os nossos segredos àquela médica se ainda ia se destruir desse jeito?

— O treinador me fazia ir ao escritório dela três ou quatro vezes por semana no começo — disse Kevin. — Não dizer nada era mais enlouquecedor do que ser sincero.

— Pai — debochou Jean.

Kevin deu de ombros, de leve.

— Isso… isso não soa certo.

Jean tentou tirar o copo da mão dele, mas Kevin segurou com as duas mãos. Jean teria puxado, mas Kevin lançou um olhar defensivo para ele e disse:

— Não sei se teria sobrevivido à minha transferência sem ela. Mas tem dias em que as palavras dela não bastam, e eu não consigo ouvi-la por cima de… — Ele se arriscou a soltar o copo para bater com os dedos na própria têmpora. — Melhor não pensar em nada.

— Você é um babaca.

— E o que foi que *você* contou a ela? — perguntou Kevin num desafio baixo. O olhar que lançou dizia que não precisava de resposta, mas Jean ainda assim desviou os olhos. Kevin deixou o silêncio se acomodar entre eles por um minuto, depois cravou as unhas com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Eu ainda consigo ouvi-lo. Você consegue?

— Não. — Jean arrancou a mão de Kevin dali e a esmagou contra a ilha da cozinha. — A gente não vai falar dele. Eu não vou. Eu não consigo.

— Nem comigo?

— Com você menos ainda — protestou Jean. Kevin franziu a testa, instável, mas Jean se recusou a acreditar que ele estivesse surpreso com a rejeição. — Minhas palavras não estão seguras com você. Você confessou à sua médica, ao seu pai e ao seu time. Quanto tempo vai levar até as suas verdades chegarem às minhas? Não adianta negar, seu miserável. Você contou a eles quem quebrou a sua mão. — Jean cravou as unhas no dorso da mão de Kevin e exigiu: — No que você estava pensando?

— Eu conheço Jeremy há muito mais tempo que você, Jean.

— Não é só ele — argumentou Jean. — Cat e Laila estavam lá.

— Você não confia nelas — concluiu Kevin. Jean hesitou, e Kevin aproveitou o silêncio dele para continuar, impaciente: — Confio nelas porque Jeremy confia, e porque sei o quanto Dermott é importante pra ele. Eu não tenho medo do que ela sabe ou deixa de saber a meu respeito. Ela não pode traí-lo, então nunca vai me trair.

Kevin estendeu a mão para o copo, mas Jean pegou antes. Virou o restante na pia, colocou o copo no canto para lavar depois e tirou um limpo do armário. Tinha água filtrada na geladeira, gelada e fresca, mas Jean estava tão irritado que optou por encher o copo na torneira.

— Justo — disse Kevin quando Jean colocou o copo diante dele. — Fale com Betsy.

— Eu não concordei com isso. — Quando Kevin não disse nada, Jean insistiu: — Você não é meu capitão nem meu parceiro. Não pode me obrigar.

— Posso, sim — disse Kevin. O que ele não disse foi *você não consegue dizer não para mim.*

— Eu odeio você.

— Só às vezes. Não me importo.

Jean fuzilou Kevin com o olhar, à procura de uma saída daquela situação, e quase morreu do coração quando Cat bateu à porta. Ela olhou de Jean para Kevin, medindo o clima da cozinha, e ergueu uma corrente fina de prata. A cruz de Renee brilhou na luz enquanto girava devagar, e Jean foi ao encontro de Cat à porta. Em vez de entregar a Jean, ela abriu o fecho e se esticou para a prender atrás do pescoço dele. Jean puxou de leve para conferir, mas só conseguiu soltar um:

— Obrig… — Antes que terminasse, Cat passou os braços em volta do pescoço dele.

O abraço foi lento e intenso. Consolo por ele ter sobrevivido à emboscada daquela manhã, pensou Jean, só que a pressão dos dedos dela em seus ombros beirava o desespero. Aquilo era luto, percebeu. Ela tinha juntado as peças sozinha ou arrancado a verdade de Jeremy na ausência dele.

Jean quis empurrá-la para longe, porque como ignorar aquela dor miserável se Cat chamava atenção para ela? Em vez disso, enterrou os dedos nas costas dela, ciente de que devia estar machucando, mas incapaz de soltar. Ela cheirava a jasmim e baunilha, e não a amora e sal do mar. Ele se agarrou àquilo para se manter ali, no momento, mesmo quando o coração parecia prestes a engoli-lo inteiro.

— Desculpe — disse ela. — Eu não devia ter perguntado. Eu não sabia que ela tinha partido.

A voz entediada de Stuart assombrou Jean: "*Uma forma gentil de se dizer.*"

— Não — disse ele e enterrou o rosto no ombro dela.

Seu coração estava acelerado demais, então ele se concentrou na batida do coração dela contra sua pele e contou o caminho de volta até a segurança da cozinha. Pareceu uma eternidade até conseguir afrouxar o abraço, e Cat também demorou a soltá-lo. Ela deu um beijo demorado no rosto dele antes de recuar.

Cat tocou a cruz de Renee, que repousava mais abaixo no peito de Jean, e pigarreou antes de dizer:

— Laila disse que você pode ficar com a corrente, se quiser. Se não gostar do comprimento, a gente escolhe uma melhor na próxima vez que for fazer

compras.

— Obrigado — disse ele. — Assim está bom.

Cat assentiu e olhou de um para o outro.

— Prontos pra voltar? Jeremy precisa falar com o treinador. Provavelmente vai fazer algumas ligações — avisou com uma careta de desculpa. — A gente ainda não recebeu a versão final que vai ao ar, mas, assim que soubermos como ela está distorcendo tudo, vamos ter que rever o plano.

Ficar ali com Kevin era quase tão insuportável quanto voltar a remexer em tudo aquilo desde o começo, mas adiar a segunda opção só o pouparia por pouco tempo. Jean assentiu enquanto seguia até a porta, e Cat saiu da frente. Em vez de acompanhá-lo até o corredor, ela deu dois tapinhas rápidos nas costas dele e foi distrair Kevin. Andrew tinha sumido quando Jean chegou à sala, e Jeremy tinha se mudado para o sofá. Laila se levantou quando Jean se aproximou, apertou a mão dele de leve e saiu. Jean afundou na almofada ao lado de Jeremy e encarou a TV escura.

— Quer que eu fale? — perguntou Jeremy. — Você vai ter que responder a qualquer pergunta depois, mas, se não se sentir confortável pra dizer essas coisas ao treinador, posso repetir o que você me contou. É só me corrigir se eu disser algo errado — acrescentou e esperou pelo aceno breve de Jean. — Tá bem.

Talvez Jeremy tivesse mandado uma mensagem avisando a Rhemann que eles precisavam conversar, ou talvez o treinador só estivesse com o celular à mão caso a entrevista desse errado. De um jeito ou de outro, ele atendeu antes da metade do primeiro toque. Jeremy colocou no viva-voz, mas segurou o telefone perto do rosto, e Jean deixou o olhar vagar pela sala enquanto Jeremy explicava tudo a Rhemann. Começou alguns passos antes do verdadeiro problema, comentando como ela havia insistido na história do Grayson e a especulação nojenta em relação a Zane, antes de enfim chegar ao assunto da família de Jean.

Rhemann não disse uma palavra enquanto Jeremy falava. Jean só conseguia imaginar o quanto ele devia estar furioso, descobrindo que Kevin e Wymack tinham largado uma confusão daquelas nas mãos dele sem aviso. O mais inteligente da parte da USC seria transferi-lo para outra universidade antes que sua reputação cada vez pior manchasse a deles, mas talvez preferissem preservar a imagem e o dinheiro mantendo-o como reserva. Assim, podiam posar de tolerantes e solidários enquanto garantiam que ele não sujasse ainda mais o nome deles. De um jeito ou de outro…

— Moreau — disse Rhemann.

— Sim, treinador.

— Você está bem?

— Sim, treinador.

— Hoje é um dos raros dias em que você está falando a verdade — disse Rhemann, a voz cansada. — Tente não quebrar a sequência, por favor. Eu perguntei se você está bem.

Jean apertou as mãos uma contra a outra com tanta força que os nós dos dedos doeram.

— Sim, treinador. — Pelo olhar sofrido que Jeremy lançou para ele, Jean acrescentou: — Obrigado, treinador. — Ainda não era a resposta que Jeremy queria, pelo suspiro baixo que soltou, mas ele só estendeu a mão e puxou de leve o pulso de Jean até que ele afrouxasse os dedos. Jean tentou de novo: — Desculpe, treinador.

Rhemann não insistiu.

— Não sei se você tinha planos pra hoje à tarde, ainda mais com Kevin na cidade, mas é melhor ficar por perto de casa enquanto isso circula. Alguma ideia de quando vão mandar a versão final?

— Vai ao ar ao meio-dia e meia, então acho que ela prometeu nos mandar até meio-dia — disse Jeremy, inclinando o celular para que ele e Jean vissem o relógio. Eram pouco mais de onze horas. — Quer que eu encaminhe pra você assim que chegar?

— No mesmo segundo — confirmou Rhemann. — Vou começar a conversar com a minha equipe e com a diretoria. Enquanto isso, preciso que vocês quatro entrem em contato com os colegas de time. Acho que vocês não vão querer passar o restante do dia atendendo a ligações, então os detalhes que vão contar ficam por conta de vocês, mas eles pelo menos precisam ser avisados de que vamos receber muita atenção por um tempo, pra saberem que é melhor manter a cabeça baixa. Você e eu voltamos a nos falar depois que virmos o quanto ela revelou.

Jeremy assentiu.

— Também te aviso quando tivermos notícias do Neil.

— Ótimo. Se alguém tentar arrancar uma declaração, sorriam e despachem a pessoa. Mandem procurar as autoridades se insistirem, mas mantenham Jean longe disso a qualquer custo. — Ele esperou uma confirmação antes de dizer: — Tem muito mais a ser dito, mas vamos pôr a coisa em movimento enquanto dá. Me avisem se qualquer um de vocês precisar de algo.

— Pode deixar — respondeu Jeremy e desligou.

Jeremy pegou um bloco e uma caneta no caminho até a cozinha, e levou só alguns minutos para chegarem à forma mais concisa de avisar os colegas de time. Cat tinha a melhor letra, então ficou encarregada de escrever os rascunhos enquanto Laila e Jeremy sugeriam as frases. Jean só precisou ficar ali tempo suficiente para aprovar a versão final, e então ele e Kevin foram dispensados enquanto os outros três dividiam os Troianos entre si.

Jean não sabia bem o que fazer, então levou Kevin até o escritório e abriu um dos jogos dos Troianos no notebook. Não tinha certeza de quanto tempo conseguiriam assistir antes de serem chamados de volta à cozinha, mas era melhor do que arriscar outra conversa.

Kevin se distraiu enquanto o vídeo carregava e pegou a pulseira amarela que Jean tinha deixado na prateleira. Girou-a entre os dedos, franzindo a testa de leve enquanto tentava entender o que aquilo significava. Jean tirou da mão dele sem se dar ao trabalho de explicar a origem e a jogou na gaveta da escrivaninha. Quando estava fechando a gaveta, Kevin o impediu. A mão livre dele entrou depressa e voltou com um dos cartões-postais que Jean tinha escondido ali.

Jean manteve os olhos na tela do computador, enquanto Kevin encarava o cartão vandalizado em sua mão. Demorou para deixá-lo de lado, e só o fez para puxar mais dois. Jean não ficaria ali enquanto ele conferia um por um, então acabou dizendo:

— Estão todos assim.

Kevin largou os cartões de qualquer jeito e foi buscar uma segunda cadeira em uma das outras mesas. Estava bêbado o suficiente para ficar desajeitado, e, depois de a deixar cair pela segunda vez, desistiu e arrastou a cadeira pelo restante do caminho.

— Eles sempre foram uns babacas grosseiros. Nunca entendi por que você gostava de qualquer um deles.

— Você não entenderia — disse Jean. — O seu mundo girava em torno de vocês dois; não sobrava espaço nem tempo pra eles, mas eu os conhecia.

— Ou achava que conhecia — partiu a resposta fria de Kevin.

Jean ignorou e deu play no jogo. Aquilo bastou para calar Kevin por uns vinte minutos, até a câmera cortar brevemente para o banco dos Troianos. Jeremy estava no meio de uma conversa animada com Ananya e Shawn enquanto assistiam aos colegas jogarem. Ao primeiro vislumbre de Jeremy, Kevin murmurou, incrédulo:

— Faculdade de direito.

— Ele disse que é tradição familiar.

A opinião de Kevin ficou bem explícita no som que emitiu.

— Culpa do avô, provavelmente. — Como não disse mais nada, Jean afundou o cotovelo no lado dele numa exigência silenciosa por explicação. Os Troianos marcaram, e os times se reposicionaram. Kevin se recostou, com um sorriso satisfeito, antes de enfim dizer: — Arnold Wilshire é senador do Texas. Isso foi mencionado na maioria das primeiras entrevistas do Jeremy, e eu sei que te mostrei essas matérias. Você leu alguma ou estava ocupado demais babando nas fot…

Jean o acertou de novo com o cotovelo, o mais forte que conseguiu, e checou a porta vazia.

— Eu não lia bem o bastante pra me dar ao trabalho com tanto texto. Me dava dor de cabeça.

— Aquilo era pra servir de aviso, Jean. Se você não leu, perdeu completamente o sentido de eu ter te mostrado. — Ele esperou como se achasse que Jean fosse perguntar que lição tinha deixado passar e suspirou quando Jean se recusou a morder a isca. — Não vá me dizer que a família dele não apareceu nenhuma vez neste verão.

Jean pensou no sorriso vazio que Jeremy exibia por horas depois de visitar a casa da família, na insinuação de que o irmão, Bryson, era um bastardo, e no modo como Jeremy ficara destruído quando Joshua mandara mensagem em junho. O *"Parecia que eu tinha esperado uma eternidade, então não foi nada justo ouvir isso dela primeiro",* dito num fio de voz por Jeremy, tinha sido chocante o suficiente para recentrar Jean quando nada mais conseguia, mas ele achou que tinha entendido errado até ver a casa de Jeremy. Tão maior que a de Laila, mas tão sem vida, que parecia mais uma sala de exposição à espera de uma sessão de fotos do que um lar. Como alguém tão caloroso tinha sobrevivido a um lugar tão frio, Jean não sabia.

— A gente não fala da família — disse Jean.

Kevin só deu de ombros e deixou para lá. Eles conseguiram assistir aos quinze minutos seguintes sem interrupção, e então Kevin recebeu uma ligação do estúdio avisando que tinham encaminhado um link da versão final para o e-mail dele. Jean cedeu o notebook a Kevin e foi chamar os colegas de time, mas ficou na cozinha quando os outros saíram. Quando Cat ficou para trás à espera dele, Jean apenas balançou a cabeça.

— Eu não quero ver.

Ela assentiu e foi embora sem discutir.

Jean limpou a geladeira para se manter ocupado. Já tinha esfregado metade das portas dos armários quando os outros voltaram. Ele ouviu o som de passos e o arrastar dos bancos, mas manteve a atenção no que estava fazendo para não precisar ver a cara de ninguém. A farsa só durou até Jeremy se aproximar e se agachar ao lado dele. Jean deixou a mão cair sobre a coxa e esperou.

— A notícia ruim é que ela manteve a parte sobre seus pais — disse Jeremy. — Tudo foi cortado de um jeito que faz parecer que foi por isso que a entrevista acabou, o quê… não pega muito bem quando fica daquele jeito, mas qualquer pessoa que não entenda por que você saiu dali é um caso perdido. O restante ficou surpreendentemente bem costurado, e ela acrescentou um comentário no fim em que tenta destrinchar algumas das suas respostas. E isso, no geral, joga a seu favor. Eu estava certo, a sua reação à parte do Zane ficou perfeita na câmera. Lealdade e luto, apesar da cruzada dos Corvos contra você.

— Mas… — disse Jean.

Jeremy balançou a mão no ar, sem saber se aquele "mas" seria algo ruim ou não.

— Os microfones estavam no cenário, e não em você. Eles não conseguiram captar tudo o que você e Kevin disseram um ao outro, mas fizeram questão de traduzir e legendar todo o possível. No mínimo, isso deixa evidente que Kevin sabe a verdade sobre os seus pais.

— E que você fala japonês — comentou Cat. — Eu passei longe nos meus palpites.

— Uma escolha interessante, aprender japonês antes de inglês — disse Laila, conforme observava Jean com uma intensidade desconcertante.

Jean não tinha preparado uma resposta para aquilo e sentiu o erro com força. Felizmente, Kevin estava acostumado a mentir para encobrir os Moriyama e respondeu com desdém:

— Nada surpreendente. O Exy começou no Japão, e o mestre era japonês. Duvido que Jean tenha sido a única criança obcecada a aprender o idioma junto do esporte.

— Meu Deus do céu. — Cat esfregou os braços. — Não o chame assim. Rainhas não têm mestres. — Quando Kevin apenas deu de ombros, Cat encarou Jean, pensativa. — Queria saber o que aconteceu com ele, afinal.

— Se tivermos sorte, nunca vamos saber — disse Kevin.

Ele deu um gole no copo, fez uma careta ao lembrar tarde demais que ali só tinha água e lançou um olhar maldoso para Jean.

Jeremy deu um toque no joelho de Jean antes de se levantar.

— Preciso atualizar o treinador. Tá pronto para a segunda rodada?

— Não — disse Jean, mas mesmo assim se levantou e foi lavar o produto de limpeza das mãos.

Jeremy sorriu.

— Mais uma ligação, e acabou por hoje, tá? A gente já fez tudo o que era possível por enquanto. O treinador lida com o restante dessa confusão sem a gente. Vamos fingir que hoje de manhã nunca aconteceu e tentar nos divertirmos um pouco antes de Kevin trocar a gente pela Carolina do Sul. O restante a gente resolve amanhã, certo?

Jean sempre seria fã de adiar desastres emocionais, então respondeu:

— Sim.

A ligação foi bem mais curta, já que eles só ajustaram a estratégia anterior para levar em conta o que tinha entrado e o que ficara de fora da edição. Em vez de pedir autorização a Rhemann para deixar o grosso das consequências nas mãos dele, Jeremy simplesmente avisou que eles sumiriam pelo restante da tarde. O atrevimento foi suficiente para fazer Jean se inclinar para longe dele no sofá, mas Rhemann concordou que era o melhor a se fazer e então perguntou:

— Já avisou seus pais?

E o sorriso fácil de Jeremy desapareceu na mesma hora.

Jeremy bateu a base do celular na têmpora por alguns instantes antes de admitir:

— Não. Quando eles souberem disso, vou ter que ir pra casa, e, se eu fizer isso, não volto hoje à noite. Kevin só fica na cidade por mais uma noite, então… — A frase morreu no ar, como se ele esperasse uma discussão. Quando Rhemann não disse nada, Jeremy continuou: — Eu resolvo isso depois que Andrew e Kevin estiverem no avião.

— A decisão é sua — respondeu Rhemann. — Imagino que vá desligar o celular, então.

— Acho que vou ter que fazer isso mesmo.

— Então ligo pra Laila se precisar falar com você de novo. Precisa de algo mais antes de eu desligar? — Rhemann esperou a resposta negativa antes de reforçar: — Fiquem seguros e cuidem uns dos outros.

Jean observou Jeremy enquanto ele desligava o celular. Não era da conta dele nem seu lugar insistir; Corvos não deveriam falar de família quando não tinham permissão para ter uma. Contudo, ele não era um Corvo, era? Travou uma guerra silenciosa consigo até Jeremy erguer os olhos para ele com uma calma até excessiva, sem dizer nada, mas com uma expressão de expectativa. Sabia que Jean

estava criando coragem para algo, e mesmo assim não fez nada para desencorajá-lo.

Aquilo bastou como permissão, então Jean disse:

— Você não joga no Texas porque seu avô está lá.

— Ele não é… — interrompeu-se Jeremy, mas Jean guardou aquela negação automática em silêncio para pensar nela depois. — Ele é pai do meu padrasto; isso não faz dele minha família. Mas sim… e não. Ele mora em Washington desde que foi eleito pro Congresso, então não está no Texas agora, mas uma hora vai ter que voltar.

O conhecimento de Jean sobre a geografia dos Estados Unidos se resumia, em grande parte, a saber onde os times importantes jogavam, mas até ele tinha uma noção de onde ficava o Texas.

— É longe da Califórnia.

— Ele se mudou pra lá faz vinte e… um…? — Jeremy olhou para as próprias mãos, como se estivesse pensando em contar nos dedos, depois deu de ombros e seguiu com o palpite mais aproximado. — … anos, quando o sogro dele ficou doente. Ele foi morar na casa dos pais dela e nunca mais voltou. Acho que se identificava mais com o estilo de vida de lá. — Jeremy se mexeu como se fosse se levantar do sofá, mas hesitou tempo suficiente para dizer: — Hoje te fiz um monte de perguntas que sabia que você não queria responder, então é justo perguntar: é só isso mesmo?

— Não cabe a mim pedir mais.

— Você é meu amigo. Só porque eu não falo da minha família não quer dizer que você não possa perguntar.

— Você é meu amigo — devolveu Jean, testando em voz alta como aquilo soava — e não quer falar deles. Eu não vou perguntar.

O sorriso de Jeremy começou devagar, radiante, e Jean precisou desviar o olhar. Tinha que sair dali antes de arranjar problema para si, mas, lógico, Jeremy foi atrás dele até a cozinha.

Por sorte, havia outras três pessoas ali para servir de distração, e Cat já estava no meio do preparo do almoço. Comida não saciaria aquela fome que roía por dentro, mas Jean aceitaria qualquer alívio, por menor que fosse.

Eles estavam quase terminando de comer quando Neil respondeu. Browning não queria que Jean falasse do assunto por enquanto, então, se alguém insistisse em perguntar sobre os pais dele, a instrução era despistar: a prisão fazia parte de uma investigação em andamento, por isso ele não podia comentar. Era um

argumento frágil, mas melhor do que nada. Com aquilo resolvido, Jean desligou o celular e o deixou de lado para esquecer aquele assunto por um tempo.

Por algumas horas, foi como se a entrevista nunca tivesse acontecido. Os Troianos e Kevin conseguiam sustentar uma conversa sem a ajuda dele, então Jean observava em silêncio, com um interesse discreto, enquanto eles de fato se conheciam melhor. Era inevitável que Exy voltasse ao assunto uma vez ou outra, mas Cat e Laila eram boas em puxar Jeremy e Kevin para outros temas quando eles se demoravam demais naquilo. A tarde estava surpreendentemente agradável, até alguém começar a apertar a campainha sem parar.

Eles estavam reunidos na sala, entre jogos de tabuleiro e fofoca, mas, ao som insistente da campainha, todo mundo se calou. Laila fez sinal para que ficassem onde estavam enquanto se levantava. Sumiu tempo suficiente para olhar pelo olho mágico e voltou com o rosto carregado e fechado. Levando o dedo aos lábios, ela disse:

— É o Bryson. Fiquem quietos enquanto eu o despacho.

Chegava a ser impressionante a rapidez com que Jeremy fechou a cara. Jean olhou para ele quando Laila saiu, depois para a porta vazia, e se levantou. Jeremy segurou seu pulso antes que ele desse o primeiro passo. Jean ouviu o barulho das trancas sendo abertas na porta da frente enquanto voltava um olhar frio a Jeremy. Não sabia o que podia dizer sem correr o risco de ser ouvido por quem estava lá na entrada, então se inclinou até o rosto dele e murmurou:

— Solte, capitão.

— Ela dá conta — disse Jeremy num volume que mal chegou aos ouvidos de Jean.

— … no estádio com Kevin — dizia Laila no corredor. — Se é tão importante assim, você pode esperar lá fora, na Quadra Dourada.

Uma voz arrogante respondeu:

— Eu vou esperar aqui.

Jean segurou Jeremy pelo queixo e obrigou a desviar a atenção da porta. Jeremy parecia desnorteado, como se já tivesse esquecido que Jean estava ali diante dele. Então Cat não tinha exagerado: Bryson era mesmo um problema. Jean afundou os dedos na pele dele e insistiu:

— Eu sou seu parceiro. É *meu* dever avaliar e neutralizar ameaças contra você, e não o dela. Me solte.

No corredor, madeira bateu em carne com um baque seco, seguido da voz feroz de Laila:

— Eu não te convidei pra entrar. Se vai esperar, espere no seu carro.

— Exatamente o tipo de hospitalidade que eu esperaria de uma terrori…

Jeremy se apressou em falar por cima das palavras horríveis do irmão:

— Eu preciso ir.

Teve que soltar Jean para se levantar, e Jean saiu da sala num piscar de olhos.

Com uma mão rápida no ombro de Laila, Jean a tirou da frente. Era ela quem impedia Bryson de entrar, mas Jean o agarrou pela camisa no momento em que ele passou pela porta cambaleando e invadiu o corredor. Teve meio segundo para analisá-lo: o cabelo caramelo e os olhos castanhos de Jeremy, as mesmas maçãs do rosto e a mesma linha do maxilar. E então o jogou para fora da varanda com toda a força que tinha. O estalo nauseante de vidro quando Bryson caiu sobre o para-brisa do carro de Laila foi um aviso de que ele deveria pedir desculpas a ela, mas aquilo não o fez desacelerar ao descer os degraus.

Bryson cuspia xingamentos indignados enquanto tentava rolar para fora do capô do carro, mas Jean agarrou a gola da camisa dele e o arremessou contra o vidro de novo. Daquela vez, colocou o peso do corpo por trás do movimento, impedindo-o de respirar.

— Fique quieto, ou eu quebro seu pescoço — avisou Jean, e Bryson congelou.

Laila apareceu ao lado dele.

— Pegue leve.

Jean não via por que deveria soltar, mas ainda se forçou a afrouxar o aperto na camisa de Bryson, que se engasgou ao puxar o ar pela primeira vez e tossiu de forma dramática, como se de alguma maneira tivesse esquecido como se respirava. Foi burro o bastante para tentar se sentar, então Jean usou a mão na testa dele para jogá-lo de volta contra o capô. O aperto de Laila no braço dele foi forte, quase deixando marca, e Jean não deixou passar o olhar rápido que ela lançou para a rua vazia.

— *Já chega*, Jean.

— Você não faz ideia de com quem está mexendo — vociferou Bryson conforme encarava Jean de baixo. — Eu sou um Wilshire. Quem caralhos é você?

— Meu nome Jean Moreau — respondeu Jean, e Bryson ficou tenso tão depressa que era um milagre não ter quebrado um osso no processo. Era uma sensação curiosa, ser temido fora da quadra; em geral, só os adversários olhavam para ele com algum grau de medo. Jean presumiu que Bryson tivesse assistido à entrevista e ouvido falar das supostas conexões dos pais dele. Afastou a especulação e disse: — Isso foi invasão de propriedade.

— Estou procurando meu irmão — rebateu Bryson. — Você me atacou sem motivo.

— Ah, é? — perguntou Laila. — Garanto que posso arrumar uma dúzia de testemunhas dizendo que você vandalizou meu carro depois que eu não deixei você entrar.

— Sua va… — Bryson perdeu o restante da frase quando Jean o empurrou com força contra o vidro rachado.

— Como eu disse, espere no seu carro ou vá embora — falou Laila. — Se você pisar de novo na minha propriedade, peço uma ordem de restrição. Não me importa quantos Wilshire tenha na polícia; nenhum deles é burro o bastante pra acreditar em você em vez de mim.

Ela esperou para ver se ele iria retrucar, mas Bryson só lançou um olhar cheio de ódio. Jean fez um registro mental de que precisava entender melhor a hierarquia entre as famílias deles, logo depois de descobrir como consertar o para-brisa quebrado. Satisfeita com o silêncio dele, Laila fez um gesto para Jean a acompanhar.

— Deixe ele. Não vale a dor de cabeça.

— Uma só pancada com a raquete calava essa baguete mal-assada pra sempre — sugeriu Jean, mas Laila apenas o puxou pela camisa até que ele enfim se afastasse de Bryson.

Bryson não disse uma palavra conforme eles subiam os degraus e entravam em casa. Laila encaixou a barra de segurança assim que terminou de trancar a porta, e os dois voltaram juntos à sala. Jeremy continuava parado exatamente onde Jean o tinha deixado. Cat estava com os braços abertos, à espera, e a expressão em seu rosto só não era homicida porque ainda tinha um traço de preocupação. Laila se enfiou no abraço apertado dela sem hesitar. Jean parou diante de Jeremy e ficou ali, de olhos desviados.

— Alguém, por favor, me lembre de falar com os vizinhos — disse Laila, a voz abafada contra a camisa de Cat. — Vou precisar subornar umas testemunhas com alguns meses de aluguel reduzido, caso ele queira transformar isso numa briga de verdade.

— Pode deixar — prometeu Cat.

— A gente ouviu vidro quebrando — disse Jeremy, olhando de um para outro. — Tá todo mundo bem?

— Todo mundo que importa — respondeu Laila, virando a cabeça para olhar para ele. — Bryson se jogou em cima do meu carro e rachou o para-brisa em mil pedaços, mas eu e Jean estamos bem.

— Se jogou. — O olhar de Jeremy pesou sobre Jean, que se recusou a retribuí-lo. — Jean?

— O contrato que assinei impõe que devo representar os Troianos adequadamente em público. Isso aqui é propriedade privada.

— É uma linha de argumentação bem frágil. — Ele não parecia satisfeito, então Jean conferiu a postura dele. Estava tenso, mas não como alguém que atacaria. Jean só percebeu o quanto estava sendo óbvio quando Jeremy continuou, cansado: — Você sabe que é, senão não estaria me evitando agora. Não vou mentir e dizer que não estou decepcionado, mas a culpa é minha por não ter ido atrás de você até a porta.

Jean arrastou o olhar até o rosto de Jeremy, que, sem dizer nada, parecia contente em observar a expressão fechada de Jean, até Laila erguer a cabeça do ombro de Cat para dizer:

— Só pra constar, foi a coisa mais sexy que eu já vi na vida, e eu nem gosto de homem. Você devia ter visto aquela víbora sendo colocada no lugar, Jeremy.

Aquilo foi o bastante para arrancar uma risada surpresa de Jeremy, e ele abriu um sorrisinho de lado.

— Obrigado por defendê-la, mas tome mais cuidado, pode ser?

— Sim — disse Jean e acompanhou Jeremy quando ele voltou a se sentar. Ele sentia o olhar avaliador de Kevin com nitidez absoluta, mas se recusou a reconhecê-lo. Kevin, pelo menos, teve a inteligência de não falar nada, e eles voltaram ao jogo como se nada tivesse acontecido.



CAPÍTULO ONZE

Jeremy

Depois de quatro anos com os Troianos, Jeremy já tinha perdido as contas de quantas vezes sentira orgulho dos colegas de equipe. Houvera alguns momentos mais especiais, é lógico: o modo como se uniram em torno dele no primeiro ano, a rapidez com que a maioria dera apoio incondicional a Xavier quando ele decidira começar a transição no segundo e o compromisso com o time das Raposas, que estivera por um fio no ano passado e culminara naquele confronto espetacular nas semifinais.

A semana seguinte à entrevista de Jean entrou para a lista quase de imediato. Poucos deles estavam de fato à vontade com toda aquela situação, mas o tom das mensagens que Jeremy e Xavier receberam sem parar naquele fim de semana pendia muito mais para a curiosidade e preocupação do que para a raiva.

Descobrir quem eram os pais de Jean não apagava o que eles tinham visto com os próprios olhos durante todo o verão; só acrescentava uma peça crucial ao quebra-cabeça que era Jean Moreau. Ninguém negaria que ele era arredio e

muitas vezes grosseiro, mas Jean não era o estudante transferido cruel que esperavam. Eles tinham visto as incontáveis cicatrizes dele, e todos tinham percebido como ele recuava depressa sempre que algum treinador o pressionava. Como poderiam temer um cara que, dois meses depois do começo dos treinos de verão, ainda não conseguia sequer encarar Rhemann?

O treino de segunda começou com uma reunião do time, mas, para Jeremy, pareceu mais formalidade do que qualquer outra coisa. Os Troianos já tinham tido o fim de semana inteiro para discutir tudo por mensagem e ligação e rever a entrevista quantas vezes precisassem; a opinião deles já estava formada antes mesmo de pisarem na Quadra Dourada no dia 13 de agosto. Os treinadores passaram pelos detalhes mais importantes, como o risco maior de escrutínio e de jornalistas invadindo onde não deviam. Os treinos com os exercícios dos Corvos depois do expediente estavam temporariamente cancelados até que os treinadores avaliassem o impacto da situação.

Depois de cobrirem os pontos necessários, foi aberto espaço para perguntas, mas os Troianos evitaram o conteúdo da entrevista em si e preferiram fofocas mais leves: Jeremy e Kevin entravam em combustão quando se viam sem uniforme? Jeremy tinha convencido Kevin a se transferir para os Troianos no quinto ano? Quantas línguas Jean falava? E por aí vai.

Lisinski deixou a brincadeira correr por mais tempo do que Jeremy esperava, mas talvez soubesse que Jean precisava ver que os companheiros não estavam intimidados. Por fim, pediu que encerrassem, e eles se levantaram em meio a uma cacofonia de cadeiras arrastando e risadas. Jeremy não soube dizer como conseguiu ouvir a acusação de Lucas, mas o peso por trás das palavras atravessou todo o restante do barulho.

— Você tem dezenove anos.

Devagar, os Troianos foram se calando. Lucas era o único que continuava sentado, os braços apoiados sobre as coxas, encarando os próprios sapatos. Era a primeira vez que Lucas reconhecia a presença de Jean desde a morte do irmão, e Jeremy não fazia ideia de onde aquela conversa chegaria. Jean tinha se recusado a atirar Grayson aos leões quando Hannah lhe dera a chance, mas o jeito como reagira ao nome do irmão de Lucas e à notícia do banimento sem precedentes de Rhemann tinha gerado burburinho. Ainda não havia consenso, segundo Cat, mas ela ficaria de olho.

Lucas não disse mais nada, então Jean acabou respondendo:

— Sim.

— Então você tinha dezesseis quando…

— Não faça isso — avisou Jean.

Jeremy não confiava em Lucas para deixar o assunto de lado, mas os Troianos não precisavam estar ali para ouvir. Ele cruzou o olhar com Xavier e disse:

— Vamos andando, pessoal. Já estamos atrasados.

Ninguém ficou surpreso quando Lucas não se mexeu. Jean também não, e Jeremy não sabia se ele estava mesmo disposto a ouvir Lucas até o fim ou se entendia que o garoto só transformaria qualquer tentativa de saída numa exigência ainda mais alta. Lisinski ajudou Xavier a conduzir o restante dos Troianos para fora da sala, embora tivesse ficado perto da porta caso precisasse intervir. Jeremy permaneceu ao lado de Jean, atento à cabeça baixa de Lucas.

— Eles sabiam? — exigiu Lucas, ainda encarando o chão como se quisesse que ele o engolisse por inteiro. — Falaram merda demais sobre seu primeiro ano, mas eles sabiam que você só tinha dezesseis? Quando ele… — Lucas fez um som de quem estava prestes a vomitar, mas de algum jeito conseguiu conter. Quando voltou a falar, sua voz saiu rouca: — Você é mais novo do que eu. Grayson sabia disso?

Jean estava afundando os dedos na lateral do próprio pescoço até deixar marcas, mas a voz saiu firme quando respondeu:

— Todos sabiam — disse Jean, e Lucas se encolheu como se tivesse levado um golpe. Jean afrouxou à força a própria mão enquanto se virava para a porta. — Troque de raquete com Ananya hoje. Você é um peso morto com a raquete pesada, e não vou mais tolerar isso.

Lucas não disse nada, então Jean conseguiu sair da sala. Jeremy ficou por tempo o bastante para testar o terreno, dizendo, cauteloso:

— Lucas. — Ele pensou no aviso de Cody e se forçou a mudar o que iria dizer, deixando de lado qualquer consolo inútil e preferindo os fatos. — Você não é seu irmão nem é responsável pelo que ele fez. Pare de tentar carregar esse peso na ausência dele. Isso só vai te fazer mal.

Lucas passou a mão no rosto com certa brutalidade, mas não deu sinal de ter escutado. Jeremy lançou um olhar para a porta e assentiu quando Lisinski fez um gesto. Ela ficaria de olho em Lucas; ele precisava alcançar o time e levá-los até o centro de treinamento.

Os Troianos saíram do estádio numa fila desorganizada. O lembrete de que Jean deveria estar no segundo ano tinha tirado um pouco do ânimo deles, ou talvez fosse a penúria de Lucas contaminando o restante. Jeremy não sabia quanto tempo levaria até perceberem ao que Lucas estava se referindo; todos já

tinham ouvido os boatos de como Jean entrara para a formação dos Corvos, mas tinham deixado aquelas fofocas absurdas para trás meses antes. Com sorte, continuaria esquecido, e eles estariam distraídos demais com o luto de Lucas e com os pais de Jean para se preocuparem com os detalhes mais cruéis.

Lucas chegou a Lyon só vinte minutos depois deles. Os companheiros se animaram ao vê-lo, presumindo que ele tivesse resolvido o que quer que estivesse incomodando, e se reuniram em torno dele com um bom humor que soava menos forçado a cada minuto. Quando enfim foram embora, o clima estava quase normal, mas serem interceptados por um punhado de repórteres no caminho de volta ao estádio não ajudou. Por sorte, Shawn e Shane nem precisaram ser chamados e já entraram no caminho com sorrisos brilhantes demais e tranquilizando tudo com facilidade.

Saber que a imprensa estava rondando fez o grupo de Jeremy ficar pelos vestiários na hora do almoço. Tinham acabado de se acomodar numa das salas de reunião quando Ananya apareceu atrás deles. Ela cruzou os braços e disse:

— Sua cruzada incessante contra a minha raquete é admirável, mas desnecessária. Eu já falei que gosto de raquetes mais leves.

O fato de Lucas ter repassado a exigência de Jean foi inesperado, mas Jean pareceu mais irritado do que satisfeito enquanto empurrava o arroz em círculos agitados.

— Desta vez é por causa dos erros dele, e não dos seus. Ele se apoia demais na força e pouco na técnica. No longo prazo, ele se sairia melhor se um toque mais leve o obrigasse a repensar o estilo de jogo. Se você não vai cair em si, pelo menos empreste uma das reservas pra ele hoje.

Ananya considerou aquilo por alguns instantes, então suspirou e colocou uma caixa de curativos ao lado da tigela dele. Jean ficou imóvel, franzindo a testa, e Ananya apontou para a caixa ao dar um passo para trás.

— Emma ficou com medo de trazer isso sozinha, porque não sabia como você reagiria. É pros seus dedos — explicou, erguendo as mãos curvadas para mostrar as unhas pintadas. — No encerramento, Hannah comentou que você se machucou sempre que ela te deixava desconfortável, e isso fez a Emma pensar em quantas vezes já te viu fazendo isso durante o verão.

— Ah, eu gostei disso. — Cat virou a caixa e já começou a arrancar os papéis. — Escolha uma das mãos pra gente começar!

— Você não tá falando sério — disse Jean.

Jeremy não achou que Jean fosse deixá-la fazer aquilo, mas então Cat pressionou com cuidado o polegar sobre as casquinhas recém-formadas no

pescoço dele. Jean resmungou alguma grosseria em francês, mas estendeu a mão esquerda. Ananya assentiu, satisfeita, e foi terminar de almoçar, enquanto Cat resolveu a tarefa em tempo recorde. Cobriu cada dedo de Jean com dois curativos, um sobre a unha e outro em volta da ponta do dedo pra segurar o primeiro no lugar. Jean observou o resultado com evidente desgosto enquanto ela levava o lixo embora, mas não se deu ao trabalho de arrancar nenhum dos curativos.

O treino da tarde ficou um pouco travado, e Jeremy se pegou imaginando o quanto os companheiros tinham fofocado durante o almoço, mas ninguém foi cruel a ponto de verbalizar especulações em quadra. A única confusão de verdade partiu de Derek e Derrick, que começaram a chamar Jean de "irmãozinho" entre risadas durante o último coletivo. Jean derrubou os dois com tanta violência que quase foi tirado da linha, mas eles o defenderam com tanta veemência que White simplesmente os trocou para marcar Cody e Pat.

Aquilo só deu a Jean quarenta minutos de paz, porque a dupla passou o caminho inteiro até o vestiário, depois do treino, torrando a paciência dele atrás de um equivalente em francês de *irmãozinho* para chamá-lo. Jeremy pensou, sem muita convicção, se deveria intervir, mas Jean parecia mais confuso do que angustiado: ofendido com o entusiasmo deles em relação à idade dele e desconcertado com o bom humor persistente diante da irritação ácida que ele fazia questão de demonstrar. Nitidamente não estava acostumado a ser provocado, ou talvez fosse a completa ausência de maldade por trás das piadas que o deixava sem reação.

Xavier enfim chegou aos chuveiros e entendeu a situação de Jean com uma única olhada. Um sorriso impotente repuxou seus lábios quando ele anunciou:

— Pelo jeito os peitolas estão no modo ataque hoje.

— Ei — protestou Derek. — Eu achei que a gente já tinha deixado esse apelido pra trás há uns dois anos.

Derrick percebeu a expressão perdida de Jean e fez um gesto exagerado perto do próprio peito.

— Derek e Derrick, duplo D? A Jillian jurava que era rainha da comédia quando inventou essa. Ainda é melhor do que quando a gente era a equipe Oreo, pelo menos. — Ele se inclinou por trás de Jean para dar um soquinho no ombro de Derek. — Falando em peitolas, não se esqueça de mostrar uma foto da Cherise pro Jean. Eu cortaria a minha garganta por ela, literalmente. Por favor, fale pra ela que eu disse isso.

— No dia em que você descobrir onde ficam os olhos dela, eu falo — respondeu Derek. — Ei, Jean, como é que se diz irmão em francês?

No meio dos dois, Jean fechou o chuveiro, nitidamente dando aquela conversa e o falatório incessante dos dois por encerrados. Jeremy meio que esperou que tentassem impedi-lo, mas Derek e Derrick deixaram Jean ir embora com despedidas animadas. Assim que a porta se fechou atrás dele, Derek lançou um olhar enviesado para o parceiro de linha e disse:

— Enfim, é melhor você rezar pra eu não apresentar o Jean pra Cherise. Ela te trocaria por ele num piscar de olhos.

Derrick cambaleou como se tivesse levado um golpe.

— Isso foi desumano, cara. Achei que a gente fosse amigo ou coisa do tipo, parças, irmãos?

— Se você é meu irmão, então deveria parar de secar nossa prima.

— Não somos mais irmãos. — Derrick se apressou em dizer. — Nunca nem te vi antes.

Sebastian franziu a testa para os dois.

— Mas ele gosta de garotas? As periguetes cercaram ele tão rápido. Ai! Qual foi? — reclamou quando Shawn pisou no pé dele. Shawn fez um gesto rápido para Xavier, e Sebastian empalideceu ao perceber a bola fora. — Porra, foi mal, não quis dizer desse jeito. Talvez ele seja que nem Cody, então. Qual é mesmo o nome desse tipo de *queer* que curte pau e xereca? — Ele soltou um ganido quando Shawn pisou nele de novo. — Jesus, *foi mal*. Eu só quis dizer que ele… deixa pra lá, desisto.

Já era uma luta conhecida àquela altura; Sebastian tinha saído de uma criação conservadora em Birmingham e, a cada dois passos que avançava, costumava dar um para trás. Ele pendia mais para a confusão do que para a tolerância ressentida de Lucas, mas, quando começava a se enrolar, tinha dificuldade de voltar a se centrar. Às vezes, a falta de jeito doía um pouco, mas Jeremy ficava feliz que ele ao menos tentasse.

— O que a gente vai fazer com você? — disse Cody, achando mais graça do que se ofendendo, mas mudou de rumo na mesma hora quando a porta se abriu e o grupinho de Lucas entrou. Jeremy presumiu que eles tivessem ficado à espera de Jean sair. — E aí, Lucas. A gente tá fazendo a contagem pra ir ver o novo filme do Bourne esta semana. Você vai ou já assistiu?

Jeremy nem conseguia imaginar o esforço que seria necessário para enfiar Jean numa sala de cinema; só de pensar, já abriu um sorriso enquanto fechava o chuveiro. Tinha deixado a toalha num gancho numerado perto da porta e deu

uma secada rápida no corpo antes de a enrolar na cintura e seguir para os vestiários. Não deveria ser surpresa encontrar Jean já vestido e à espera dele na fileira dos atacantes, mas Jeremy ficou bastante impressionado com a rapidez com que Jean conseguia se mover quando queria sair dali. Jean ergueu os olhos quando ele se aproximou, mas logo baixou o olhar de novo para o damasco que segurava com as duas mãos.

Jeremy fez tudo sem pressa ao se secar e se vestir, ciente de que Cat e Laila ainda levariam mais alguns minutos. Quando terminou, se sentou no banco ao lado de Jean e começou a ver as notícias no celular. Só percebia de longe os atacantes entrarem e saírem enquanto acompanhava a repercussão do dia. Ao que parecia, alguém tinha conseguido falar com Kevin, que se recusou firmemente a especular ou dar qualquer detalhe sobre a família de Jean. O fato mais interessante era que a Edgar Allan não tinha dito nada. Ao que tudo indicava, alguém enfim tinha tido inteligência suficiente para colocar uma focinheira nos Corvos.

Depois que Jean se recusara a falar da família no sábado de manhã, Hannah voltara a focar a carreira e a morte de Riko e tinha costurado sem esforço uma homenagem digna ao Rei caído. Entre aquela matéria comovente, a revelação de que Jean salvara Zane e a defesa indignada que Jean fizera do antigo time, um pouco da maldade inoportuna dos Corvos talvez enfim fizesse a opinião pública se virar contra eles. Talvez fosse demais esperar que pedissem desculpas pela hostilidade daquela primavera, mas Jeremy já tinha visto coisas mais estranhas acontecerem.

Cat e Laila enfim apareceram, mas mesmo assim não podiam ir embora naquele momento. Laila não queria que os repórteres os seguissem até em casa, o que significava se apoiar no tamanho dos Troianos como escudo. Laila, Cat e Jean voltariam com os companheiros aos dormitórios e se esconderiam com as periguetes até sentirem que já dava para escapar para casa em segurança.

Jeremy queria poder ir com elas, mas evitar a família naquele fim de semana tinha levado a consequências esperadas: ele teria que ficar em casa naquela semana. Os pais não conseguiam impedi-lo de ir aos treinos, mas sabiam a que horas eles acabavam e quanto tempo mais ou menos a viagem levava. Jeremy não se arrependia de ter escolhido Jean e Kevin no lugar da vigilância invasiva deles, mas lamentava ter que deixar os amigos lidarem sozinhos com aquele caos.

— Se cuidem — disse Jeremy, se levantando.

— Dirija com cuidado — respondeu Laila com naturalidade, e Jeremy não teve escolha a não ser ir embora.



O alerta baixo da mensagem de Laila arrancou Jeremy de um cochilo leve na noite de quinta-feira, e ele empurrou os livros para o lado para pegar o celular. Conseguia imaginar perfeitamente o tom irritado de Laila enquanto passava os olhos pela mensagem, e aquilo bastou para arrancar um sorriso irreprimível: "Cat e Jean deram no pé, minha noiva me largou, e o programa de hoje é reprise. Au-Au tá se recusando a trazer a bola de volta quando eu jogo. Eu tô morrendo de tédio."

"Você pode vir me fazer companhia", respondeu Jeremy.

"Na sua casa? Não te amo tanto assim."

"Mas tô estudando falácias. É bem emocionante."

"Mentiroso. Qual é o tópico da aula de francês hoje?"

"Objetos da casa."

Jeremy mandou uma foto da escrivaninha, coberta de post-its com termos de vocabulário. A piada que Laila fez em seguida sobre a letra dele era esperada, e Jeremy soltou um suspiro sofrido antes de reescrever obedientemente alguns dos mais ilegíveis. Estava trocando os papéis quando Laila voltou com: "Acha que vai estar em casa amanhã?"

Em casa, disse ela, ciente de que tecnicamente ele já estava em casa. Jeremy encostou a ponta do pé na perna da escrivaninha e deixou o olhar percorrer o quarto. O cômodo parecia congelado no tempo, um retrato arrumado do filho que os pais gostariam de ter, com livros sérios alinhados nas estantes e uma cama impecavelmente feita em um bege sem graça. Ele tinha pendurado na parede umas doze fotos dos amigos e companheiros, mas fizera questão de escolher apenas aquelas em que todos estavam sem uniforme. Seus prêmios e troféus de Exy estavam guardados no armário, atrás de uma sequência monocromática de roupas desconfortáveis.

"Não sei", digitou ele por fim. Ainda não tinha perguntado, na esperança de que uma semana de obediência silenciosa acabasse com a raiva da mãe. "Ela pode implicar, ainda mais porque as aulas vão começar em breve."

— Vejo que está se dedicando bastante — observou Annalise da porta do quarto, e Jeremy se assustou tanto que deixou o celular cair. — Com quem você

está falando?

— Com a Laila — respondeu Jeremy conforme pegava o celular de novo.

— A egípcia.

— A mãe dela é libanesa — corrigiu ele, mas Annalise o ignorou. Jeremy puxou as apostilas de direito para mais perto e arrumou o livro com todo o cuidado por cima das anotações de francês. Annalise tinha menos chance de dedurá-lo do que Bryson, mas era melhor não arriscar. — O pai dela foi transferido pra Tailândia. Quem sabe ela não me deixa ir junto na próxima visita? Eu risco Bangcoc da lista e ainda dou um pulo pela Ásia por uma semana ou duas.

— Com que dinheiro? — perguntou ela, mas não esperou a reação dele àquela alfinetada cruel. — Ah, tanto faz. Você nem tem passaporte.

Jeremy se agarrou ao sorriso com tudo o que tinha.

— Em algum lugar, eu tenho.

Mathilda sempre guardara os documentos mais importantes da família num armário à prova de fogo no escritório de casa, mas anos atrás tirara de lá quase toda a papelada de Jeremy. Os prontuários médicos dele ainda estavam lá, mas o passaporte, o número da previdência e a certidão de nascimento tinham sumido. Jeremy já tinha revirado todos os cômodos daquela casa mais de uma vez atrás deles. Se ao menos conseguisse encontrar os documentos, poderia escondê-los no cofre de Laila, mas sempre voltava de mãos vazias. Só podia presumir que a mãe os tinha colocado num cofre bancário; estavam fora do alcance dele até que ela decidisse devolver.

A acusação de Annalise saiu baixa:

— Você nem quer ir pra Tailândia. Só quer uma desculpa pra visitar Seul. Por quê? O pai não vai te receber.

— Osan. — Jeremy desmontou o celular e montou de novo. — Talvez recebesse. Será que ele conseguiria mesmo me mandar embora se eu aparecesse lá na frente dele?

Ela não disse nada. Apesar de tudo que tinha se quebrado entre eles quatro anos antes, Trent Knox era uma ferida aberta que os dois sempre dividiriam. Cada um tinha sido marcado de um jeito pelas longas ausências dele e pela partida abrupta, e Annalise sempre ficaria primeiro do lado da mãe, mas nenhum dos dois tinha coragem de brigar por causa dele.

Depois de um tempo, ela fez um gesto autoritário para o irmão.

— Abra a porta pra mim. Vou estar com as mãos cheias por causa da roupa.

Annalise era a única entre os irmãos autorizada a morar sozinha o ano inteiro, uma recompensa por ser a filha menos decepcionante. Evitava voltar para casa sempre que podia, mas sua máquina de lavar tinha dado problema pela quarta vez naquela semana, e ela estava desesperada por roupa limpa. Jeremy se surpreendeu por ela não ter saído para comprar mais roupas até a manutenção aparecer, já que ainda tinha acesso irrestrito ao fundo da faculdade.

Ele afastou aquele pensamento ao se levantar.

— Eu levo pra você.

Annalise deu um passo para o lado para ele sair do quarto e apontou a cesta de roupa, encostada ali perto. Jeremy a pegou e seguiu a irmã até a escada. Estavam na metade do caminho quando a campainha tocou, e Annalise lançou um olhar reprovador para o relógio. Era tarde para visitas, mas a escala rotativa de Warren no hospital tornava a vida social da família imprevisível.

William chegou à porta segundos antes deles, e Jeremy parou de repente ao ver Cat na varanda.

— William! — disse Cat, abrindo um sorriso para o mordomo. — Oi, desculpe aparecer sem avisar. Tô só tentando sequestrar o Jeremy. Ele tá… oiêê — completou ao ver Jeremy por cima do ombro de William. — Vem falar com a gente rapidinho.

— Ela sabe que horas são? — perguntou Annalise, pegando a bolsa e as chaves.

— Tá meio tarde, mas vocês estão todos acordados — disse Cat, sem perder o bom humor. — Linda como sempre, Annalise. Seu sorriso ilumina qualquer ambiente.

Annalise, que com toda certeza não estava sorrindo, apenas fez um gesto para Cat sair do seu caminho. Jeremy lançou um sorriso de desculpas para William ao seguir a irmã varanda afora, e então Annalise parou de repente. Jeremy teve que se inclinar para trás para não bater a cesta de roupa na lombar dela. Achou que ela tivesse esquecido algo, mas a irmã encarava Jean, parado a poucos passos da varanda. Jeremy se colocou ao lado dela, já com a boca aberta para dar uma explicação rápida, mas Annalise parecia mais surpresa do que assustada.

Talvez fosse a noite dando aquela cor às bochechas dela, ou talvez fosse o jeito como Jean a observava com curiosidade descarada e um interesse nada discreto. Ele não era o primeiro a olhar para Annalise daquela forma nem seria o último; ela tinha um rosto nascido para o estrelato e tinha corrido atrás de trabalhos como modelo até o acidente. Jeremy sabia que ela era linda e sabia que

Jean gostava tanto de homens quanto de mulheres. Não sabia por que a cesta de roupa cavava marcas permanentes nos dedos dele, mas manteve o tom leve e amigável ao apresentá-los.

— Jean, esta é Annalise. Ela faz ciência política na UCLA. Annalise, Jean Moreau, nosso novo defensor.

— O Corvo — disse ela, brincando distraidamente com a alça da bolsa. — Depois de todas as histórias horríveis, eu esperava algo… menos — concluiu, após uma breve pausa. Jean continuou a olhar para ela em silêncio, imperturbável diante do elogio enviesado, e Annalise lançou um olhar de soslaio para Jeremy. Ele sorriu sob o escrutínio dela, tentando parecer o retrato da inocência, mas Annalise disse apenas: — Eu estava certa, não estava? Você vai cometer os mesmos erros de novo.

— Boa noite, Annie — respondeu Jeremy.

A expressão que cruzou o rosto dela estragou suas feições bonitas.

— Não me chame assim.

Jeremy empurrou a cesta de roupa contra ela, e Annalise foi na frente até o carro. Abriu a porta de trás para ele, e Jeremy prendeu a cesta com o cinto de segurança para não deslizar no caminho. Segurou a porta do motorista aberta até que a irmã colocasse o cinto, depois recuou para vê-la ir embora. Só quando o carro desapareceu que ele voltou até Cat e Jean, perto da fonte. Em algum momento, William tinha sido dispensado, e a porta da frente estava fechada, então Cat pegou a mão de Jeremy e beijou os nós dos dedos.

— Estão longe de casa — comentou Jeremy, olhando de um para o outro.

Cat sorriu e afastou a franja suada da testa.

— A gente estava pela região. Fomos até Thousand Oaks e achamos que poderíamos voltar por esse caminho. De qualquer maneira, o Jean precisava falar com você.

Ela lançou um olhar significativo para Jean, mas a porta da frente de Jeremy se abriu antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. Mathilda apareceu sozinha na varanda, com uma expressão fria e os braços cruzados com força. William decerto já devia ter contado quem estava à porta àquela hora; o fato de ela ter saído pessoalmente para mandar os dois embora era uma demonstração do tamanho da irritação dela com aquela ousadia.

Cat não se intimidou, mas apressou o passo até Mathilda, disparando num tom efusivo:

— Sra. Wilshire, desculpe aparecer tão tarde, mas, meu Deus, essas hortênsias…

Jeremy olhou para Jean e ergueu a sobrancelha numa pergunta silenciosa, mas Jean apenas desviou o rosto. Jeremy não sabia por quanto tempo Cat conseguiria chamar atenção da mãe dele, então insistiu:

— O que foi?

— Preciso de uma carona no sábado — disse Jean por fim. — Sua, e não da Laila.

— Aonde a gente vai e que horas?

Jean fez uma careta, mas respondeu:

— Médico, dez e quinze.

— Vou ver o que consigo fazer — prometeu Jeremy. Jean não pareceu nem um pouco tranquilizado, então Jeremy acrescentou: — Minha mãe é médica, anestesista obstétrica — explicou diante da pequena ruga que surgiu na testa de Jean. — Então não consigo imaginar que ela vá negar se eu disser que a gente vai ao hospital. Vou falar com ela assim que entrar e te aviso amanhã, tá?

— Jeremy — chamou Mathilda, e ele teve que deixar Jean ali. Passou por Cat a caminho da varanda e foi obedientemente ocupar um lugar ao lado da mãe. Os dois observaram enquanto Cat e Jean colocavam os capacetes de volta. O ronco abafado das motos ganhando vida fez Mathilda resmungar alguma grosseria entre dentes.

Não era o barulho que a deixava tão irritada; assim que soube que seria ouvida, ela disse:

— Imagino que você tenha *alguns* amigos brancos também.

O sorriso de Jeremy congelou no rosto.

— Você acabou de ver um deles.

— Eu não reconheci.

Perguntar se ela reconheceria qualquer um dos Troianos era um jeito infalível de a irritar, então Jeremy disse apenas:

— Um amigo me apresentou a ele. Tenho quase certeza de que ele tá a fim da Laila — acrescentou, antes que ela perguntasse que tipo de amigo Jean era. Esperou um pouco para ver se a mãe o desmentiria, mas ou ela não tinha prestado atenção suficiente nas notícias, ou a noite e a distância esconderam a tatuagem de Jean. — Antes de tudo isso acontecer, eu tinha combinado de levá-lo ao hospital neste fim de semana, então ele precisava saber se eu ainda podia. Depois ele não vai estar firme o bastante pra pilotar — acrescentou.

— Vá e volte — disse ela, virando-se para a porta.

Ele deveria aceitar a pequena vitória e deixar para lá, mas precisava tentar.

— Só me resta uma semana de férias, e depois começa meu último ano na faculdade. Eu não posso passar com a Laila? Não durante o semestre — apressou-se em dizer quando ela lhe lançou um olhar severo. — Só essa última semana.

— Aquele seu colega estrangeiro jogou seu irmão num para-brisa — lembrou-o Mathilda.

— Supostamente — disse Jeremy. — Todos os vizinhos da Laila contam uma história bem diferente sobre o que aconteceu com Bryson.

— Ele levou pontos — lembrou Mathilda. Quando Jeremy não respondeu, ela continuou: — Você não deveria se associar a um criminoso. Isso pega mal para nós e para seu avô.

Jeremy conseguiu engolir a rejeição automática no último segundo.

— Ele não é… não é igual aos pais dele. Jean veio aos Estados Unidos justamente pra fugir dos crimes da família e construir a própria vida. Isso não entra direitinho na narrativa de que o Arnold gosta tanto? O sonho americano — enfatizou, quando Mathilda parou para pensar. — A chance de se tornar mais do que aquilo com que você nasceu. Se a gente fizer parte dessa história de sucesso, isso não faz a gente ficar bem aos olhos do outros?

— Isso não muda o fato de que ele é perigoso.

— Se fosse, a USC não teria assinado com ele — argumentou Jeremy. — Meu time lutou muito para manter um legado de gentileza e acolhimento. A gente não o teria trazido à nossa formação se achasse que ele destruiria nossa reputação e jogaria fora anos de esforço. — Ele esperou um instante enquanto ela se decidia, então apontou para as escadas e disse: — Posso te ajudar com algo antes de subir? Se não, ainda tenho um capítulo pra terminar antes de dormir.

— Já se inscreveu em alguma prova? — perguntou ela.

— Programei um alarme pra amanhã de manhã pra não perder a próxima janela de inscrição.

— Ótimo. — Mathilda ajeitou a camisa dele com um puxão preciso e segurou seu rosto por um instante. — Me mostre o e-mail de confirmação e você pode ficar com aquela garota na semana que vem.

— Obrigado.

— Me agradeça quando tiver feito isso — disse Mathilda com um gesto para a escada. — Vá.

Jeremy voltou ao quarto e, a contragosto, trocou o livro de francês pelas apostilas de direito. Apesar do que tinha dito à mãe lá embaixo, só conseguiu avançar mais duas páginas antes de ficar tão entediado que decidiu encerrar a

noite. Na manhã seguinte, já estava de pé às oito para chegar no treino a tempo e se recusou a pensar no fato de que seus primeiros alarmes passariam a tocar às quatro da manhã assim que o semestre começasse.

Jeremy levou o notebook ao estádio. Como havia mais repórteres rondando o campus e o Exposition Park naquela semana, eles passaram a almoçar no vestiário. Naquele dia, aquilo acabou funcionando a favor dele, já que podia usar o wi-fi para achar um horário de prova. Encaminhou para a mãe uma cópia do e-mail de confirmação e tentou não reparar no olhar que Cat e Laila trocaram. O peso do olhar fixo de Jean foi mais difícil de ignorar, mas Jeremy apenas sorriu ao guardar o notebook. Voltaria à casa da Laila naquela noite; importava mesmo que ele não estivesse conseguindo sentir o gosto do almoço?

Naquela noite, ficaram acordados até tarde jogando cartas, mas Jeremy teve a melhor noite de sono de toda a semana. Na manhã de sábado, Jean foi tomar banho enquanto Jeremy passava o café, e depois montou burritos de café da manhã enquanto o outro se lavava. Cat e Laila dormiram até tarde e pularam a refeição, então sobrou mais do que café suficiente para Jean e Jeremy levarem com eles. Só quando os dois já estavam com os cintos afivelados no carro de Jeremy foi que ele perguntou aonde iriam, e Jean consultou um papel impresso atrás do endereço.

O trajeto foi fácil, subindo pela Vermont até a Olympic e depois virando, e Jeremy conseguiu estacionar na garagem do prédio. Ainda ficou ali o bastante para terminar o resto do café antes de pegar a apostila no banco de trás. Saíram pela lateral da garagem e deram a volta até a frente do edifício. Jeremy segurou a porta de entrada para Jean passar primeiro para o saguão.

Jean hesitou poucos passos depois de entrar, só o tempo de consultar as anotações de novo.

— Quinto andar.

Jeremy apertou o botão do elevador, que chegava rápido àquela hora do dia. Jean ia entrar atrás dele, mas recuou no instante em que deu dois passos para dentro. Jeremy se assustou tanto que quase não conseguiu impedir as portas de se fecharem, mas enfiou a mão, tornou a abri-las e voltou ao saguão com ele. Jean parecia abalado enquanto observava as portas se fecharem.

— Eu vou pela escada — avisou. — Pode subir.

Jeremy olhou dele para o elevador.

— Desculpe, eu não sabia que você tinha claustrofobia.

Jean não respondeu, então Jeremy procurou alguma placa com o olhar.

— Aqui — disse e empurrou a porta que dava acesso à escadaria. Eles subiram lance após lance de escada, e Jeremy os conduziu a uma sala de espera agradavelmente sem graça, banhada em tons de branco e creme. Jean hesitou, com uma das mãos na porta, como se estivesse pensando em descer todos os degraus de novo, antes de enfim se apresentar na recepção. Jeremy encontrou um lugar para os dois se sentarem e perguntou:

— Consulta de rotina?

— Não. — Jean entrelaçou as mãos e as prendeu entre os joelhos. Jeremy entendeu o recado e deixou para lá, mas Jean acabou explicando, a contragosto: — A Dobson não consegue me ensinar a nadar de novo tão de longe. Ela conseguiu um encaminhamento pra um especialista daqui. — Ele franziu a testa para o chão enquanto tentava pensar na melhor forma de dizer, mas o máximo a que chegou foi um hesitante: — Terapia de exposição?

Ele estava ali para uma consulta com um psiquiatra, percebeu Jeremy, mas a surpresa logo foi engolida por uma onda quase inebriante de calor. Jean tinha sido obrigado a fazer terapia contra a própria vontade quando os Corvos começaram a sair dos trilhos e tinha se rebelado ficando calado como um túmulo nas ligações semanais com a dra. Dobson. Jeremy não sabia o que o tinha levado a enfim falar com ela, mas aquilo o deixou vibrando entre a esperança e o alívio.

Ele só percebeu que tinha reagido quando Jean olhou feio para as próprias mãos e disse:

— Pare de me olhar desse jeito.

— Eu não posso ficar orgulhoso de você? — perguntou Jeremy. — Pedir ajuda não é fácil.

— Não. Você deveria era estar irritado porque eu faltei a muitos treinos neste verão — respondeu ele, emburrado. O elevador apitou quando outro paciente chegou, e Jeremy não deixou de perceber o jeito como os ombros de Jean se enrijeceram. Cada centímetro dele gritava que queria sair dali, mas Jean firmou posição e ficou onde estava. — Eu sou Jean Moreau. Faço parte da seleção dos sonhos. Me recuso a terminar este ano na segunda escalação, mas não posso nem participar dos treinos duas vezes por semana.

— Você não ficou parado — apontou Jeremy. — Encontrou outras formas de ocupar o tempo.

Jean o ignorou. Jeremy aceitou a derrota temporária e folheou o guia em busca de onde tinha parado na noite de quinta. Todo o café e toda a alegria foram embora já na terceira frase, e Jeremy sufocou um suspiro quando percebeu que já estava passando os olhos pelo texto sem de fato ler. Voltou ao começo e

marcou a linha com o dedo, na tentativa de se obrigar a acompanhar. Daquela vez, avançou um pouco mais, até precisar virar a página e Jean dizer:

— Wilshire.

Jeremy olhou para a sala de espera por instinto, mas não viu ninguém que reconhecesse. Jean lançou um olhar enviesado para as apostilas de direito e disse:

— O senador é um Wilshire. Sua mãe adotou o nome; Cat a chamou assim. Mas você é um Knox.

— Para o bem ou para o mal, sim. — Jeremy fechou o livro devagar. — Fiquei com o sobrenome do meu pai quando minha mãe se casou de novo. Na época, acho que era uma forma de me agarrar à família que eu queria que a gente fosse, mas depois virou, sei lá, um tipo de rebeldia adolescente. — O bufar baixo de Jean deixou bem evidente o que achava daquilo, e Jeremy não conseguiu segurar o riso. — É tão surpreendente assim? Só pra você saber, eu sou a maior dor de cabeça da minha mãe.

Jeremy encarou o quadro pendurado na parede à frente enquanto pensava no assunto.

— Eu não quero ser um Wilshire, mas, sendo sincero, isso também não deu muito certo. — Gente demais usava "Knox" como insulto, um lembrete de que ele nunca se encaixaria na própria família. — Já pensei em mudar pra algo novo, mas não sei se isso bagunçaria meu histórico da faculdade, com as informações registradas em dois sobrenomes diferentes. Além disso, não faço ideia de qual nome escolheria. Talvez eu faça uma votação na formatura e deixe as periguetes decidirem.

— Não deixe a pessoa que deu o nome ao cachorro votar — disse Jean.

Do outro lado da sala, a recepcionista chamou:

— Jean?

A expressão de Jean ficou vazia quando ele se levantou. Jeremy acompanhou com o olhar até ele passar pela porta dos fundos, em direção aos consultórios, e então abriu o guia de estudos mais uma vez.

Ele cochilou mais do que leu; não tinha cafeína no mundo que compensasse o tédio miserável daquele capítulo. Cada vez que despertava, via novos rostos na sala. Na última vez que acordou, foi com o toque rápido de dedos na têmpora. Jean só ficou ali tempo suficiente para ter certeza de que ele estava acordado antes de seguir para a saída. Jean já tinha descido dois lances quando Jeremy entrou na escada, andando num ritmo que devia tê-lo feito tropeçar e quebrar o pescoço, e Jeremy saiu correndo para alcançá-lo. Jean conseguiu chegar até o carro antes de enfim desabar, agachado.

— Ei — disse Jeremy e se abaixou ao lado dele. — Você está bem?

Jean pressionou a base das mãos contra os olhos.

— Sim.

Às vezes, ele era um mentiroso miserável. Jeremy não perdeu tempo discutindo; apenas ficou com ele até que Jean deixasse de soar como se estivesse dilacerando os pulmões a cada inspiração. Ainda havia um tremor nas mãos de Jean quando ele se levantou, então Jeremy o levou para um passeio improvisado, em vez de irem direto para casa. Eles passaram de carro para cima e para baixo pelas ruas do centro de Los Angeles, Jeremy apontando prédios e restaurantes que conhecia. Só quando a palidez assustadora enfim desapareceu do rosto de Jean, Jeremy virou para o sul, para o campus.

Jeremy estacionou antes de perguntar:

— Você vai ter que voltar?

Jean cravou as unhas no dorso da mão.

— Uma vez por semana pelos próximos três ou quatro meses.

Na voz dele, soou como uma sentença de morte. Jeremy segurou o dedo mindinho dele e o puxou, numa exigência silenciosa para que parasse de se machucar. Quando Jean afrouxou a mão obedientemente, Jeremy disse:

— Então vou garantir que você chegue lá. Uma semana de cada vez, tá bem?

As meninas estavam na sala de estar, Laila curvada sobre um caça-palavras, enquanto Cat assistia a um daqueles programas de caça-fantasmas. Cat estava hipnotizada demais por uma evidência qualquer que a equipe estivesse discutindo no momento para olhar para eles, mas balançou os dedos em um cumprimento silencioso. Laila bateu a caneta duas vezes no canto da boca, preencheu mais uma linha e apontou para a outra ponta da mesa de centro.

— Correspondência pra você, Jean.

Jeremy estava mais perto, então pegou o cartão-postal e o estendeu para Jean, que encarou o cartão como se nem soubesse ao certo o que estava vendo, então Jeremy aproveitou para observar o desenho simples que ocupava toda a frente. Uma lua crescente branca e uma palmeira se destacavam contra um fundo azul-escuro, com uma borda branca clara acompanhando as extremidades.

— Isso me parece familiar — disse Jeremy. — Só não estou conseguindo me lembrar de onde.

— É a bandeira do estado da Carolina do Sul — disse Laila enquanto rabiscava mais uma resposta.

Jean enfim estendeu as duas mãos para pegar o cartão, mas demorou para virá-lo. Levou só alguns segundos para ler a mensagem curta escrita no verso.

Jeremy não sabia o que dizia nem qual das Raposas tinha mandado aquilo, mas foi o bastante para tirar a tensão dos ombros de Jean pela primeira vez naquele dia. Jean resmungou, cansado:

— Eu o odeio. — E saiu da sala.

Aquilo reduzia a lista de possíveis remetentes a um só nome, mas Jeremy foi esperto o bastante para não comentar aquela mentira transparente.

Mais tarde, naquela tarde, Jeremy viu o cartão-postal preso na parede acima da escrivaninha de Jean. Laila o encontrou encostado no batente da porta do escritório e se apoiou do lado oposto. Jeremy sorriu para o olhar questionador dela e disse:

— Acho que este vai ser o nosso melhor ano até agora. Está pronta?

— Último ano — disse ela. — Última chance. Vamos com tudo.

Eles entrelaçaram os dedos mindinhos numa promessa silenciosa, e Jeremy deixou Laila puxá-lo pelo corredor.



CAPÍTULO DOZE

Jeremy

Por mais que Jeremy amasse as manhãs e o nascer do sol, quatro da manhã era um horário horrível para se acordar. Ele abriu tanto a boca ao bocejar que o maxilar estalou enquanto colocava uma camiseta da USC e um short branco. A luminária da escrivaninha pareceu absurdamente forte quando ele a acendeu. Jeremy já tinha arrumado a mochila na noite anterior, mas seria uma bela caminhada de volta se esquecesse algo, então começou a remexer nela enquanto conferia os livros e cadernos. O discman estava no bolso menor, junto das canetas e da goma de mascar. Depois de um instante de indecisão, tirou pilhas extras da gaveta e jogou dentro da mochila também.

Satisfeito por ter tudo de que precisava, puxou os tênis debaixo da cama e os amarrou. Uma bolsinha em cima da escrivaninha guardava a roupa que ele usaria depois de terminar em Lyon naquela manhã, então pegou as duas bolsas e apagou a luz de novo. No mesmo instante, deu de cara com a cadeira no escuro e

fez uma careta enquanto saía do quarto. O corrimão o ajudou a descer a escada no breu.

Quando chegou ao patamar, os olhos já tinham se acostumado outra vez à escuridão, só para ele ter a visão ofuscada de novo assim que acendeu a luz da cozinha. Jeremy deixou as coisas sobre a ilha, olhou para a cafeteira, que terminava um café programado, e foi pegar o café da manhã na geladeira.

Dali para a frente, ele passaria a comer na casa da Laila, já que de qualquer forma precisava deixar o carro lá, mas Dallas tinha insistido em preparar algo para o primeiro dia de volta. Não importava se Jeremy tinha nove ou vinte e dois anos; ele manteria a tradição até enfim sair de casa. Jeremy era o único que ainda restava para Dallas fazer aquilo, já que Joshua morava com Arnold, Annalise tinha o próprio canto e Bryson voltaria a Connecticut até o fim da semana.

Jeremy tirou o papel-alumínio do prato, riu do cavalinho de palito que Dallas tinha desenhado nas panquecas e colocou a comida no micro-ondas bem na hora em que a cafeteira apitou, um anúncio de que tinha terminado. William só tinha preparado meia jarra, o bastante para Jeremy tomar uma caneca ali e ainda levar um pouco consigo.

Ele se agarrou à caneca como se a vida dependesse daquilo enquanto observava o relógio. O café acabou muito antes da comida, mas, no fim, Jeremy conseguiu empilhar tudo na pia e deixar o prato de molho.

Pegou a caneca térmica que William tinha separado para ele e hesitou ao ver o que estava escondido atrás dela: William tinha colocado suas chaves ali para que ele pudesse sair pela porta lateral, se quisesse. Debaixo do chaveiro, havia um cartãozinho que continha apenas “Dirija com cuidado”, na letra caprichada de William. Jeremy guardou o bilhete no bolso com um sorriso, pegou as bolsas e o café e apanhou as chaves ao sair pela porta.

O cuidado extra tinha sido desnecessário: o carro de Bryson não estava na frente de casa. Aonde ele tinha ido tão cedo ainda era um mistério, mas Jeremy aceitava as pequenas bênçãos onde quer que elas aparecessem. Ele jogou as coisas no banco do passageiro, deixou o café num lugar ao alcance da mão e seguiu viagem para o leste, indo para o campus. Àquela hora do dia, havia pouco trânsito para enfrentar, e a manhã estava fresca o bastante para Jeremy dirigir com as janelas abertas.

Laila tinha deixado a luz da varanda acesa para ele. Jeremy estacionou atrás do carro dela, pegou as bolsas e subiu a escada de dois em dois degraus. Havia uma folha de papel colada na porta da frente quando ele estendeu a mão para a maçaneta, e Jeremy hesitou ao ver o desenho tosco de uma guilhotina. Os

vizinhos de Laila não tinham demonstrado nenhuma resistência à presença de Jean naquele verão, nem mesmo nos dias depois da entrevista, então aquilo foi uma grosseria inesperada. Jeremy arrancou a folha dali, examinou dos dois lados em busca de alguma mensagem ou de qualquer pista sobre quem a tinha deixado e entrou com o pedaço de papel.

As bicicletas que tinham ficado encostadas no canto dos fundos da sala durante todo o verão estavam na entrada da sala, os pneus ocupando metade do corredor. Durante o ano letivo, Cat e Laila costumavam ir de bicicleta ao campus, tanto para encurtar o trajeto entre as aulas quanto para poder parar no mercado na volta do treino. No ano anterior, elas tinham mantido um ritmo lento o bastante para que Jeremy corresse ao lado delas como aquecimento, mas naquele ano ele iria andando até Lyon com Jean. Como o treino da manhã iria até sete e meia e a primeira aula do dia começava às oito, os Troianos tinham combinado de se encontrar direto no centro de treinamento às seis.

Jeremy encontrou os amigos sentados ombro a ombro na ilha da cozinha, comendo mingau de aveia com os olhos pesados de sono. Ele se acomodou do lado oposto e largou o papel onde os três pudessem ver. Levou um segundo para entenderem o que estavam olhando, e então Cat e Laila ficaram imóveis. Jean semicerrou um pouco os olhos, irritado, mas continuou a comer.

— Estava colado na porta — disse Jeremy, olhando para Laila. — Ninguém apareceu aqui ontem à noite?

— Ninguém que a gente tenha ouvido. — Laila empurrou a tigela de lado ao pegar a folha. — Vou falar com o Gary pra instalar câmeras de segurança na frente, mas não sei o quanto isso ajudaria. Acho que não foi nenhum vizinho… ninguém em sã consciência arriscaria perder o contrato de locação agora que as aulas começaram.

— Cara… — Cat pegou o desenho quando Laila foi largá-lo de volta na bancada. Ela olhou para o rosto de Jean na tentativa de medir o humor dele, mas Jean parecia mais interessado na comida do que naquela nova complicação. — A gente tomou tanto cuidado pra não deixar rastros. Ninguém devia saber que ele está aqui além de nós e das Raposas. Quem mais poderia ser?

— Alguém imbecil — disse Jean. — A gente não usa guilhotina há trinta anos.

— Quase trinta — concordou Laila. — Setembro de 1977.

— Eu adoro que vocês dois saibam isso de cabeça — disse Cat, seca. — Nerds.

Uma olhada no relógio mostrou que ele ainda tinha algum tempo para ficar ali, então Jeremy abriu a bebida e começou a tomá-la depressa. Cat e Laila voltaram ao mingau, mas continuaram a lançar olhares sombrios para a obra de arte. Cat estava raspando a última colherada da tigela quando o celular dela apitou. Ela pegou o aparelho, abriu a nova mensagem e exclamou:

— Ah! — Tão alto que Laila quase morreu de susto.

Cat deu um beijo rápido no ombro de Laila, em desculpa, antes de se virar para Jean.

— Hoje você vai conhecer o pessoal da hidroterapia! Angie já está organizando tudo no Lyon. — Ela deixou o celular de lado para contar nos dedos. — A Angie é pós-graduanda e estuda biocine… ética… hum.

— Biocinesiologia — completou Laila. — Com foco em ciência do esporte.

Cat apontou para ela.

— Isso. Isso aí. Obrigada. Você só vai encontrar mais com ela no Lyon ou em noite de jogo. Tony e Bobby são da graduação. Eles se revezam nas tardes, mas também vão a todos os nossos jogos. O Tony demora um pouco pra se soltar com gente nova, mas a Bobby é a criatura mais avoada e amorosa que você vai conhecer na vida. Ela também é perdidamente apaixonada pelo Diego, então não se deixe enganar pela carinha fofa dela.

— O nosso mascote — explicou Jeremy, presumindo que Jean não reconheceria o nome.

— Um gasto inútil — resmungou Jean no café.

— Daqui a pouco você vai dizer que os Corvos também não tinham líderes de torcida — disse Cat, mas parou para pensar. — Não tinham, tinham? Pra falar a verdade, não me lembro de ter visto nenhuma nos jogos de vocês.

— Os nossos torcedores iam para nos ver, e não para assistir a um espetáculo supérfluo — respondeu Jean e estendeu a mão para a tigela dela. Cat entregou a dela e a de Laila, e Jean foi até a pia enxaguá-las. Jeremy olhou para o relógio, virou o resto do café de uma vez e deixou a caneca de lado para pegar quando voltasse para casa naquela noite. A arte foi guardada na mochila para mostrar aos treinadores, e ele a jogou no ombro.

Cat se levantou e arrumou a camisa dos dois com uma solenidade exagerada quando Jean e Jeremy tentaram passar por ela até a porta.

— Ah, meus filhos queridos, indo para o primeiro dia de aula. Muah! — acrescentou, mandando um beijo no ar perto da bochecha de Jean. — Deixem a mamãe orgulhosa.

Jean olhou para Laila e disse:

— Dê um jeito nela.

— Ah, eu dou — respondeu Laila por cima da xícara de café.

Jean parecia estar a dois segundos de tentar desaparecer, mas Jeremy só riu e o virou para a porta da frente. Ele calçou de novo os sapatos, enquanto Jean fez um desvio até o quarto para pegar a mochila. Poucos minutos depois, os dois saíram de casa, e Jeremy inspirou o ar fresco da manhã com um sorriso aberto. Por pior que tivesse sido se levantar da cama, havia algo inegavelmente glorioso em começar um novo ano. Ele só precisava calar cada voz irritante que insistia em lembrá-lo de que aquele era seu último.

A paz só durou até chegarem à Exposition Boulevard. Então uma rajada ofuscante de flashes arrancou alguns anos de vida de Jeremy. Ele ergueu a mão por reflexo para proteger o rosto, mas, antes mesmo de entender o que estava acontecendo, já havia três homens mais velhos invadindo o espaço deles. Jeremy piscou depressa para afastar as manchas da visão enquanto tentava olhar direito para os três.

— Jean Moreau — disse um deles, e Jeremy até daria pontos por ele ter acertado de primeira, se não fosse a afirmação que se seguiu: — Temos algumas perguntas sobre os seus pais.

— Bom dia, amigos — respondeu Jeremy conforme colocava a mão no cotovelo de Jean e dava um leve empurrão. Jean acompanhou o passo até o campus, e, lógico, os jornalistas foram atrás. — Agradecemos o interesse, mas agora não é hora. Estamos tentando chegar ao treino da manhã.

— Uma palavrinha sobre a visita do Grayson — disse um segundo, sem se deixar desencorajar.

— Nos explique a sua idade — pediu o terceiro, recebendo um olhar atravessado do segundo por interromper. — Hannah Bailey revelou que você tem dezenove anos no momento, e nós conseguimos desenterrar provas que confirmam isso. — Ele levou a mão ao bloquinho, conferindo as anotações. — Aqui está: Jean-Yves Moreau, catorze anos na época da imigração. É você, imagino. Pelo que consegui encontrar, foi o único Jean Moreau a entrar no país naquele ano.

Jean parou de repente, mas não disse nada. Jeremy guardou aquilo para mais tarde — bem mais tarde — a julgar pela expressão no rosto de Jean. O homem rabiscou uma nota enquanto Jeremy tentava de novo fazer Jean voltar a andar. Jean não precisou de incentivo, mas disparou pela calçada em passos acelerados.

— Pela linha do tempo, isso significa que você tinha dezesseis anos quando entrou na Edgar Allan. — Ele procurou a confirmação no rosto de Jean, que

manteve o olhar fixo à frente, como se nem estivesse ouvindo. — Dois anos é um prazo apertado para conseguir um diploma do ensino médio, ainda mais em outra língua e em outro sistema escolar. Eu imaginaria que você perderia anos, não que ganharia.

— Concordo — admitiu o primeiro conforme estudava Jean com interesse. — Estou impressionado que você tenha conseguido, mas curioso para saber por que isso foi aprovado. Colocar você na Edgar Allan tão novo foi o maior erro do treinador Moriyama.

Jean estremeceu da cabeça aos pés, e Jeremy viu os três homens anotarem aquilo. Em vez de comentar, o homem seguiu em frente, bruto como um trator:

— Não estou negando seu talento, mas os números do seu primeiro ano não sustentam a confiança que ele depositou em você. Só quando a gente compara à sua faixa etária, alunos do segundo e do terceiro anos do ensino médio, a diferença vira algo fenomenal. O que quero saber é: por que tanta pressa em jogar você contra escolas da primeira divisão, em vez de deixar que fosse entrando no time conforme a idade?

Quando Jean continuou em silêncio, o terceiro perguntou:

— Será que ele está entendendo algo disso?

— Ele entendeu a Hannah muito bem — reclamou o primeiro. — Ei, Moreau, estamos falando com você.

— Ainda está cedo demais para tópicos pesados — protestou Jeremy, mostrando o relógio. — Quem sabe vocês pedem para o treinador Rhemann marcar algo em um horário e num lugar mais razoáveis.

— Só mais algumas perguntas — disse o terceiro enquanto folheava as páginas de novo. — Preciso que ele comente uns boatos pra gente. Não os de sempre — acrescentou, até encontrar o trecho que procurava. — Olha, eu acho interessante como, de alguma maneira, a gente acabou com tantos criminosos envolvidos nisso tudo. Nessa primavera, recebemos uma dica sobre a relação de Neil Josten com as famílias Wesninski e Hatford, e agora aparecem os Moreau saídos do nada. Fica um pouco difícil de acreditar, não acha?

Como Jean não deu nenhum sinal de que tinha escutado, o repórter apertou o passo para ficar na frente dos dois. Jean desviou para o lado, mas o repórter agarrou a alça da mochila dele e o puxou, obrigando-o a parar.

— Pelo menos escute as teorias antes de me dispensar.

— Já chega, obrigado — retificou Jeremy, segurando a mesma alça. Jean sentiu o peso da mão dele e escapou da mochila, deixando Jeremy avançar para ocupar o espaço entre os dois. Jeremy sustentou o olhar desafiador do repórter e

disse: — Gostaria de lembrar que ninguém aqui está autorizado a falar sobre a investigação em andamento.

— O público tem o direito de saber quem a USC tem no elenco.

— Com certeza — concordou Jeremy. — Este é Jean Moreau, transferido da Edgar Allan, e ele vai usar a camisa vinte e nove neste outono. É uma adição valiosa à nossa linha de defesa, e todos nós estamos muito felizes por tê-lo no time.

— E você não está preocupado com ele? — partiu a acusação, carregada de ceticismo.

— Não tenho motivo para estar — respondeu Jeremy. — Ele é meu amigo.

O segundo homem cutucou o primeiro e murmurou:

— Que nem o Dexter era.

Jeremy voltou toda a atenção a ele e abriu o sorriso mais agradável que tinha.

— Desculpe, não entendi.

— Acho que entendeu, sim — disse o homem.

Ao mesmo tempo, o colega soltava:

— Não compre briga com um Wilshire, cara. Não vale a pena.

— À sua esquerda! — partiu o grito animado de Cat, e ela tocou a campainha da bicicleta sem parar enquanto ia até eles. Ela manteve a rota de colisão, forçando os repórteres a saírem da frente, e parou tão próxima de Jeremy que as mangas dos dois se roçaram. Laila surgiu do outro lado de Jean, o celular no ouvido. As duas precisaram descer das bicicletas, porque naquela velocidade era impossível se equilibrar, e Cat deu um tapão animado no ombro de um dos repórteres.

— Boa! De pé e a postos antes mesmo de amanhecer! Que bom ver que vocês estão tão empolgados para a temporada quanto a gente. Vocês viram a tabela, né?

E lá foi ela, disparando sobre o primeiro jogo dos Troianos numa velocidade e num volume com que eles não tinham como competir. Era um assunto infeliz, considerando que a provocação do repórter tinha sido sobre o antigo astro dos Linces, mas, àquela altura, Jeremy aceitava qualquer coisa. Toda tentativa de interrompê-la era engolida pela fala dela, como se Cat estivesse animada demais para perceber que estavam tentando dizer algo. Jeremy devolveu a mochila a Jean em silêncio, e Jean se alinhou ao lado dele enquanto enfim seguiam para o campus.

— Jeremy — chamou Laila, e ele acompanhou a direção do olhar dela.

Havia alguns seguranças na esquina da Vermont com a Exposition. Laila ergueu o celular para chamar a atenção deles antes de desligar e o guardar no

bolso. Os seguranças avançaram para a faixa de pedestres para os encontrar assim que o sinal abriu.

— Tá bem, fica pra próxima! — disse Cat, acenando em despedida, enquanto os repórteres eram praticamente empurrados de volta ao outro lado da rua. Quando eles já estavam fora do alcance da voz, ela fez uma careta para Jeremy e Jean. — Eu achava que mosquitos eram diurnos. De onde esses caras saíram, afinal?

— Alcançaram a gente no fim da sua rua — disse Jeremy.

— Então com certeza descobriram o endereço — respondeu Laila, olhando de Jeremy para Jean. — Você está bem?

Jean dispensou a preocupação dela com um gesto seco da mão, e Laila deixou para lá. A saída que levava para Lyon já estava logo adiante, e as meninas prenderam as bicicletas na frente antes de seguirem Jean e Jeremy para dentro. Angie estava com Xavier quando eles chegaram à sala de musculação dos Troianos, observando o jeito como ele girava e se movia. Ela acrescentou algumas anotações ao arquivo dele antes de liberá-lo.

— Jean Moreau — disse quando Jeremy levou Jean até ela. — Ouvi muitas coisas a seu respeito.

— De boa aqui? — perguntou Jeremy. — Vou falar com a treinadora.

— Eu cuido dele — garantiu Angie, e Jeremy deixou Jean aos cuidados dela.

Lisinski folheava uma pasta, confiando que Angie daria início ao treino dos Troianos, mas deixou o que estava fazendo de lado quando Jeremy parou diante dela.

— Alguém descobriu onde o Jean mora — disse ele, puxando o desenho de dentro da mochila. — Encontramos isso na porta da frente da casa da Laila hoje de manhã e ainda tivemos a companhia de uns repórteres bem cheios de opinião até o campus.

Lisinski franziu a testa ao olhar para o desenho da guilhotina.

— Maravilha.

— O tio da Laila vai instalar câmeras na casa, mas…

— Imagino que, de agora em diante, vocês venham de carro ao campus?

— Se eles continuarem a insistir, talvez eu tenha que fazer isso — respondeu Jeremy e soltou um suspiro baixo. — Vai ser mais difícil perceber quando perderem o interesse e partirem para assuntos maiores, mas é melhor prevenir do que remediar.

— Se em algum momento qualquer um de vocês deixar de se sentir seguro, avisem a gente na mesma hora.

— Pode deixar, treinadora.

Ela prendeu o desenho ao arquivo, supostamente para mostrar ao restante da comissão técnica enquanto os Troianos estivessem em aula, e voltou a ele um olhar investigativo.

— Algo mais? Certo, deixe isso aqui com a gente por enquanto — ela bateu com o dedo no papel —, e se concentre em sobreviver ao dia de hoje.

Jeremy aceitou a dispensa sem questionar e foi se juntar ao grupo em que tinha sido colocado. Durante os treinos de verão, eles passavam duas horas ali, então cortar meia hora por causa da aula fazia o tempo passar voando. Quem tinha aula às oito correu para o banho depois, ignorando com bom humor as piadas dos colegas sobre ser melhor achar um canto para tirar um cochilo, e Jeremy deixou Jean com Shane do lado de fora logo em seguida.

— Encontro você depois — prometeu antes de seguir seu caminho.

Ele tinha cursado outra disciplina com aquela professora antes, então fazia uma boa ideia de como seria a primeira aula. Ficou satisfeito em ver que tinha acertado: ela distribuiu os planos de curso, atualizou a chamada com os apelidos que cada um preferia e fez a sessão de perguntas e respostas mais rápida do mundo sobre o que esperava deles naquele semestre. Embora ela não ligasse para presença, desde que os alunos fizessem o trabalho pedido, Jeremy era obrigado pela universidade a estar em sala, a menos que estivesse em um jogo ou à beira da morte. Aquele dia foi uma exceção bem-vinda, porque ela não queria ver nenhum deles de novo até quarta-feira.

— Vocês estão entre mim e meu bagel com salmão defumado — disse ela, apontando para a porta. — Tchau.

Jeremy tinha meia hora antes de precisar buscar Jean com Shane. Por um instante, pensou em ir atrás de café, mas acabou se acomodando nos degraus perto da fonte e mandou uma mensagem rápida para Jean, avisando onde encontrá-lo. A bolsa com as roupas de treino não era grossa o bastante para servir de travesseiro, mas ainda assim ele ficou satisfeito em apoiar a cabeça e cochilar um pouco. Algum tempo depois, um chute leve no tênis o despertou, e ele sorriu para Shane.

— Valeu — disse. — Como foi?

— Revigorante. — Foi a resposta seca de Shane. — Eu devia ter trocado de curso.

Tecnicamente, ele ainda podia, porém, depois do quinto ano, estaria fora do time e sem bolsa. Fora que qualquer ano extra para compensar os créditos desperdiçados sairia do próprio bolso.

Jeremy se levantou, bateu a poeira do jeans com a mão e olhou para Jean.

— Pronto?

Shane foi para um lado, e eles seguiram para o outro, atravessando um campus que ainda despertava devagar. A caminhada era tranquila, mas a maior parte dos colegas da aula de cerâmica já estava lá. Jeremy tinha imaginado mesas compridas e espaço para trabalhar em pé, mas a realidade era um círculo com doze cadeiras e uma mesa no meio. Em frente a cada lugar havia uma roda elétrica, e Jeremy correu os olhos pela sala em busca de duas cadeiras juntas. Não havia nenhuma, mas ele parou ao reconhecer um rosto conhecido.

— Ah, Eli — disse, erguendo a mão em cumprimento.

Elias Chisolm ergueu a cabeça de onde estava, enquanto tentava enfiar a mochila debaixo da cadeira, e sorriu.

— Jeremy! Não sabia que você ia fazer cerâmica. Então esse é, uhh… o Corvo — disse, lutando contra a própria memória enquanto olhava Jean discretamente de cima a baixo. — John? Foi mal, esporte não é muito a minha praia. Aqui, aqui.

Ele puxou a mochila e mudou um lugar para o lado, e, assim, surgiram duas cadeiras lado a lado para eles.

Jeremy sorriu em agradecimento enquanto se sentava entre os dois e guardava as bolsas atrás da cadeira. Como Jean não pareceu achar que precisava responder, ele disse:

— Jean, isso. Jean, esse é o Elias. Ele faz Belas-Artes. Nos conhecemos quando fiz uma aula de fotografia no outono passado. — Ele ergueu a sobrancelha para Jean e esperou, torcendo em silêncio para que ele se lembrasse dos bons modos.

Jean sustentou o olhar de Jeremy por dez segundos antes de oferecer um desanimado:

— Bom dia.

Elias deixou passar com um aceno leve e voltou toda a atenção a Jeremy. O olhar demorado que lançou sobre ele, dos pés à cabeça, foi bem menos sutil do que a inspeção rápida que tinha feito em Jean. Jeremy manteve os olhos no rosto de Elias, perfeitamente satisfeito em esperar. Elias apenas sorriu ao ser pego e disse:

— Você quase parece descansado. Quanto tempo será que isso dura?

— Ah, dou uma semana — respondeu Jeremy e se calou quando o professor foi para o centro da sala.

— Bom dia, bom dia, bom dia. E para você também — acrescentou quando a última garota entrou correndo. — Você pode fechar a porta? Obrigado,

obrigado. Bom dia! Eu sou Adrian Gracie. Podem me chamar de Adrian. Vamos ver se está todo mundo aqui. — Ele girou devagar no próprio eixo, contando as cabeças com o dedo, e assentiu, satisfeito. — Certo! Neste semestre, vamos estudar o básico da modelagem na roda usando tornos elétricos. Já vou avisando: vocês vão se sujar. Temos aventais que vocês podem pegar emprestados — ele apontou para onde estavam pendurados em ganchos na parede do fundo —, mas eles só seguram até certo ponto. Eu aconselho que vocês não venham vestidos com nada que vão odiar ver estragado.

"Se puderem trazer uma muda de roupa, ótimo! A aula está oficialmente marcada até onze e cinquenta, mas terminamos no torno às onze e vinte, então vocês vão ter tempo para limpar suas estações e se trocar, se quiserem. Certo? Certo! Vamos começar. Cada estação tem um saco de argila e um balde, não tem? Vamos tirar a argila da frente e ver com o que estamos trabalhando."

A estação dele ficava só alguns lugares adiante, e ele foi até lá virar o balde. Um montinho de ferramentas caiu de dentro, e Jeremy pegou as da própria estação, enquanto Adrian explicava para que servia cada uma.

Depois disso, seguiu-se uma apresentação rápida do torno em si, do pedal ao prato removível. Ele mandou todo mundo até a pia buscar água para os baldes antes de pedir que se reunissem em volta da mesa. Havia algumas bases circulares de madeira espalhadas pela superfície, além de um único saco de argila, então Adrian puxou para perto o que precisava.

— Vamos falar sobre argila — disse ele e emendou uma explicação tranquila sobre o tipo de argila que usariam, o tamanho dos pedaços com que queria que começassem e como sovar o material para deixá-lo pronto para ser trabalhado. Enquanto falava, trabalhava com a própria argila, amassando até ficar num ponto manejável, e mostrou o resultado quando terminou. — Fácil, né? Agora vamos centralizar. Comigo — disse, acomodando-se na própria estação.

Ele fazia tudo parecer simples e acabou se distraindo tanto respondendo a perguntas básicas e falando das próprias credenciais que terminou com um vasinho pronto. Ficou observando a peça, murmurando baixinho, antes de passar o fio por baixo e soltá-lo do torno.

— Certo, mãos à obra. Vou passar por todo mundo para ajudar, então me chamem se precisarem de algo antes de eu chegar até vocês.

Jeremy não sabia bem o que esperava que aquela argila fosse parecer ao toque, mas a realidade o fez hesitar. Era grudenta, embora a textura pendesse mais para a seca, e arrancar um pedaço para trabalhar foi um pouco mais difícil do que imaginava. Jean parecia igualmente incomodado com a textura, a julgar

pela testa franzida, mas seguiu Jeremy até a mesa sem dizer nada. Havia uma nítida falta de energia ou interesse em preparar a própria argila, até a menina do outro lado dizer:

— Ah, é tipo sovar pão!

— Quase isso — respondeu Adrian, raspando os resíduos do prato.

Jean pensou naquilo em silêncio por um instante antes de voltar ao trabalho com um pouco mais de foco, e Jeremy tentou não sorrir. Quanto mais Jeremy trabalhava a argila, melhor ela parecia ficar sob suas mãos. Ou talvez ele só estivesse se acostumando.

A parte divertida começou quando a turma teve que praticar a centralização. Elias esqueceu de tirar as ferramentas antes e fez tudo voar quando pisou forte demais no pedal, e mais de um gritinho assustado pela sala denunciou que a argila de outros colegas seguia pelo mesmo caminho. Adrian deu uma volta devagar conforme observava cada aluno por sua vez e oferecia orientações. Jeremy tentou prestar atenção em tudo, caso algo acabasse sendo útil. A primeira tentativa deu certo por uns cinco segundos. Quando Jeremy tentou um segundo monte, só para testar, apertou a argila com tanta força que a esmagou. Ele olhou para o lado para ver como Jean estava indo.

— O que você acha?

Jean ergueu as mãos imundas em resposta, mas verificou a que distância Adrian estava antes de resmungar:

— Isso é nojento.

— Um pouco — concordou Jeremy, batendo os dedos pegajosos um no outro. — Vou fazer um pote para o Au-Au.

Jean encarou Jeremy, incrédulo, e perdeu o controle da argila no mesmo instante. Na pressa de segurar o material, bateu o joelho no torno e lançou um olhar carrancudo para Jeremy, que ria sem conseguir evitar. Adrian chegou até eles naquele momento e, por um instante, acabou com a conversa. Corrigiu a postura dos dois, ajustou a forma como posicionavam as mãos, mostrou a Jean como apoiar os cotovelos nas pernas para travar melhor os braços e, depois de aprová-los, seguiu adiante.

— Está todo mundo indo bem — comentou. — Vamos passar para a próxima parte e praticar abrir e puxar a peça. Nada de firula, tá? Pelo menos por enquanto. Vamos deixar isso para a prova do meio do semestre.

Jeremy tinha superestimado demais o que dava para fazer numa aula daquele tamanho. O período inteiro foi uma sequência de fracassos. Às vezes a argila colaborava, e ele conseguia fazer um copinho torto; em outras, ela só queria

murchar e desabar sobre si por motivos que ele nem sempre entendia. Jeremy tinha tanta chance de mandar a esponja voando no fim das duas horas quanto nos dois primeiros minutos, e Adrian não tinha mentido quando dissera que os aventais só protegiam até certo ponto. Jeremy estava respingado até os antebraços e tinha mais meia dúzia de manchas espalhadas pelos joelhos do jeans.

Adrian lidava com a falta de progresso deles com uma paciência sem igual. De vez em quando, sentava-se e fazia um vaso ou um prato como se fosse a coisa mais fácil do mundo, mas passava a maior parte do tempo flutuando de estação em estação. Bastava uma olhada para ele entender o que tinha dado errado em cada tentativa, e sempre tinha meia dúzia de maneiras simples de explicar como melhorar na próxima. Jeremy encarou sua bagunça recém-desmoronada com certa aflição e se recostou, à espera de Adrian. Não fazia sentido chamá-lo quando ele estava só dois alunos à frente, então Jeremy voltou a atenção a Jean.

Jean estava tão sujo quanto ele, com algumas marcas na bochecha onde tinha tentado, sem pensar, tirar o cabelo do rosto, mas, pela primeira vez naquela aula, sua expressão estava calma. O pé estava longe do pedal enquanto ele observava o torno, as mãos relaxadas, frouxas, a uma distância segura da argila. Talvez com medo de mexer mais e estragar tudo, porque Jean tinha conseguido, de algum jeito, fazer um copinho de uns oito centímetros continuar de pé.

— Ah, olha só — disse Jeremy, satisfeito. — Ficou bom!

— Faz sujeira demais para uma coisinha tão pequena.

Não havia naquele comentário a irritação que Jeremy esperava ouvir. Por um momento, ele se perguntou se Jean estava secretamente satisfeito com o próprio progresso ou só aliviado por enfim ter conseguido; estava com uma expressão fechada demais para entregar a resposta. Jean virou as mãos para cima para examinar as palmas e tentou, sem sucesso, raspá-las na borda do balde. Adrian apareceu na frente dele num instante, oferecendo desculpas distraídas a Elias e Jeremy por passar por eles primeiro, e se inclinou para examinar o copinho de Jean.

— Muito bom — disse Adrian. — As laterais parecem grossas o bastante para aguentar a queima. Você já conferiu a base? — Jean obedeceu, furando o fundo do copo e erguendo a agulha para o professor ver. Adrian gostou do resultado e pegou o fio de Jean para fazer uma demonstração rápida no ar. — Assim, ó. Sem pressa.

O fio passou pela base do copo com a suavidade de um fio dental, e Adrian se afastou com um sorriso orgulhoso.

— Ótimo! Pode levar para a prateleira para secar. Com o prato junto — acrescentou depressa, quando Jean estendeu a mão para pegar o copo. — Isso. Procure sua identificação na prateleira, e, se estiver disposto a tentar de novo, tem pratos limpos no armário logo ao lado. Certo, certo. Onde eu estava?

— Aqui — disse Elias, acenando para ele, e Adrian foi depressa até sua estação.

Jean tirou o prato da roda e ergueu o copo na altura dos olhos, observando-o. Jeremy teve a impressão de ouvir um baixo e pensativo "Hum" antes de Jean se levantar e levar a peça até a prateleira designada. Jeremy lançou um olhar torto para o próprio desastre, mas Adrian chegou um instante depois para ajudá-lo a salvar o que dava. No fim da aula, ele conseguiu terminar com uma espécie de copo trêmulo e o colocou para secar junto das criações dos colegas. Talvez fosse mais engraçado no fim do semestre do que parecia naquele momento, quando ele pudesse, com sorte, medir o próprio progresso.

A arrumação demorou mais do que Jeremy imaginava, e só dava para se limpar até certo ponto. Jean ficou catando as manchas da própria camisa com cara feia enquanto seguia Jeremy de volta a Hoffman. Cody estava à espera dos dois na frente do prédio e olhou de um para o outro com uma diversão nada discreta.

— Vejo que vocês se divertiram.

— Acho que meu progresso foi negativo, mas, fora isso, foi ótimo! — Jeremy arranhou distraidamente uma das novas manchas e olhou o relógio. — Minhas aulas acabaram por hoje, então vou procurar um lugar com sol para tirar um cochilo por meia horinha mais ou menos. Busco o Jean quando vocês acabarem.

— Nada disso, está tudo certo — disse Cody, dispensando a preocupação com um gesto. — Vou garantir que o Jean coma e chegue ao estádio na hora, então não precisa voltar correndo. Beleza? — Cody fez arminha com os dedos para Jean, que apenas assentiu com seriedade. Jeremy se animou ao ver como Jean aceitava com naturalidade a companhia de Cody e retribuiu o sorriso com outro, agradecido. Cody fez sinal para Jean andar logo e disse: — Certo, vamos entrar antes que a gente se atrase. Já ouvi histórias horrorosas sobre esse cara e não quero começar o ano com ele me odiando.

Os dois entraram, então Jeremy se virou e considerou suas opções. O que ele mais queria era dormir, fosse no gramado dali, fosse num banco da Quadra Dourada, mas o encontro com a imprensa naquela manhã significava que precisava resolver a questão do carro antes. Voltou sozinho para a casa de Laila, entrou para pegar a caneca térmica e levou o carro até o estádio. Em seguida,

entrou no vestiário e se deitou no banco dos atacantes para tirar um cochilo. Provavelmente foi a coisa menos confortável que ele já tinha tentado fazer, mas dormiu até os colegas de equipe chegarem.

Os treinos com os exercícios dos Corvos ainda estavam suspensos, então Jeremy conseguiu levar os três amigos para casa depois do treinamento. Havia alguém à espera deles na escada, batendo distraidamente uma caneta no bloquinho, mas o homem se animou assim que Jeremy estacionou atrás do carro de Laila. Jeremy fez sinal para Jean continuar onde estava, saiu do carro e se aproximou do desconhecido com um sorriso tranquilo.

— Boa noite — disse. — Posso ajudar?

— Jeremy Knox — respondeu o homem, apontando o lápis para ele em reconhecimento. — Vim aqui na esperança de trocar umas palavras com seu colega de time. Você disse para o meu colega voltar num horário mais razoável, então aqui estou.

— Eu pedi para ele combinar isso com o treinador — explicou Jeremy, parando ao lado do homem. — Não tenho nada contra você estar tentando fazer o seu trabalho, mas preciso colocar a segurança dos meus colegas em primeiro lugar. Ver rostos desconhecidos aparecendo na casa deles a qualquer hora é um pouco desconfortável, não acha?

— Quanto mais cedo ele falar comigo, mais cedo eu vou embora — respondeu o homem.

Jeremy acompanhou o olhar do homem até o carro. Jean nem estava olhando para eles; tinha se virado para a esquerda, para o banco de trás. As mãos de Cat se moviam enquanto ela falava, e Laila estava com o celular no ouvido. Como Laila não confiava na polícia desde o ensino médio, ele presumiu que ela estivesse falando com a família. Jeremy ofereceu ao repórter um sorriso cúmplice enquanto tentava puxar a atenção dele de volta.

— Se você não se importar, como é que soube que ele estava aqui? A gente achou mesmo que tinha sido discreto.

— Não me pergunte. Recebi uma denúncia anônima.

— É mesmo? Interessante. — Jeremy recebeu um dar de ombros em resposta. — Mas vou ter mesmo que pedir que você vá embora. O primeiro dia de aula sempre exige um tempo de adaptação, não é? Está todo mundo cansado e com fome; a gente nem conseguiu jantar direito ainda. Posso te passar o número do treinador Rhemann, se quiser tentar falar com ele amanhã para ver a possibilidade de encaixar uma entrevista.

— São três perguntas — disse o homem. — Vai ser mais rápido se ele colaborar.

— Talvez — concedeu Jeremy —, mas você não vai falar com ele hoje à noite.

O homem deu de ombros e apontou a caneta para Jeremy.

— E como você acha que isso vai terminar? Você continua a pedir para eu ir embora, eu continuo a dizer que não, e aí? Não imagino que vá chamar seu tio para me expulsar, Knox.

— Que grosseria a minha — disse Jeremy. — Nem perguntei seu nome e para qual veículo você trabalha.

Aquilo arrancou dele um sorriso atrevido.

— Sem ofensa, mas não sou tão burro assim.

Laila saiu do carro e parou diante deles. Juntou as mãos à frente do corpo e ofereceu ao repórter seu sorriso mais educado ao dizer:

— Boa noite. Receio que eu não me sinta confortável com homens desconhecidos rondando minha casa, então vou ter que pedir que você vá embora. De preferência antes que minha equipe de segurança chegue à vizinhança.

— Ah, srta. Dermott. Uma ou duas perguntinhas no caminho?

— Você precisa do contato do treinador Rhemann? — perguntou Laila.

— Vou considerar isso um não.

Ele se levantou, sacudiu a poeira da calça e foi até onde tinha estacionado, na metade da rua. Jeremy o esperou ir embora antes de aceitar a mão que Laila lhe ofereceu para ajudá-lo a se levantar. Respondeu ao olhar questionador dela com um dar de ombros impotente.

— Ele disse que o endereço chegou como denúncia anônima. Não quis dizer para quem trabalha, mas é colega de pelo menos um dos convidados de hoje de manhã. Esse lance da segurança é real mesmo?

— Gary instalou as câmeras e os alarmes na hora do almoço — confirmou Laila, lançando um olhar por cima do ombro para a porta da frente. — E, sim, ele contratou seguranças particulares para ficarem de olho na casa durante a noite por uma semana. Com sorte, a imprensa vai desistir quando perceber que a gente está falando sério sobre não abrir mão do nosso tempo e a vida volta ao normal.

Ela fez um gesto de que estava tudo certo para os outros, e Cat e Jean enfim saíram do carro. Jeremy mexeu de leve no cabelo de Laila e perguntou:

— Quer que eu fique mais um pouco, por precaução?

— Eu quero que você *fique* — disse Laila com um olhar cheio de intenção. — Boa noite, Jeremy.

Ele esperou até que todos entrassem, depois voltou sozinho ao carro e começou, sem companhia, o longo caminho de volta para casa.



CAPÍTULO TREZE

Jean

A primeira semana de Jean na USC foi um tanto caótica, mas pelo menos serviu para abrir os olhos dele. Laila tinha conseguido um par de seguranças particulares para vigiar a casa e acompanhá-los até a aula de manhã, mas sempre tinha um ou dois repórteres atrás. Eles não podiam se aproximar, mas tiravam fotos sem parar só para irritar e gritavam perguntas invasivas para Jean durante todo o caminho.

Quando a terça chegou, a imprensa sedenta já tinha percebido que o campus era onde eles ficavam mais vulneráveis e começaram a acampar do lado de fora de Lyon para seguir os Troianos até a aula. Rhemann entrou de imediato com uma reclamação formal na universidade. Na manhã seguinte, metade dos acessos ao campus estava bloqueada, e gabinetes de segurança guardavam o restante. Quem precisasse entrar no campus tinha que apresentar um convite por escrito de um professor ou a carteirinha de estudante. Aquilo conseguiu manter os repórteres do lado de fora, mas os passos extras para entrar no campus não agradaram os colegas de equipe de Jean.

No meio daquela confusão toda, ele estava aprendendo a ser universitário. Era um pensamento curioso de se ter no começo do último ano, mas só na tarde de quarta-feira ele entendeu de verdade o quanto sua visão era limitada. A vida dos Corvos tinha sido rigidamente controlada, com instrutores exclusivos e turmas pequenas moldadas para caber em agendas encurtadas, então ele nunca tinha passado tempo de verdade no campus. O que Jean lembrava era de prédios imensos, aulas tediosas, o transporte que levava os Corvos correndo de volta ao Ninho e pouco mais. Ali, ele ficava preso no campus das seis da manhã às duas e meia da tarde, cinco dias por semana.

Segundas e quartas eram uma sequência de trocas simples: Shane para Jeremy, de Jeremy para Cody. Jean sempre levava almoço, já que ele e Cat preparavam comida para a semana inteira, mas Cody ia atrás do que comer em um dos restaurantes do campus. Depois, os dois encontravam um lugar ensolarado para se instalar, e Cody alternava entre conversa leve e silêncio confortável até chegar a hora de ir ao estádio.

Terças e quintas se mostraram um pouco mais complicadas, mas Jean esperava que ficassem mais fáceis com o tempo. Uma vez que o ano letivo tinha começado, a agenda fixa dele com Dobson enfim tinha se estabelecido. Era um jeito miserável de começar o dia, tendo que ligar para ela logo depois do treino da manhã, mas pelo menos já acabava com aquilo de uma vez. Por algum milagre, todas as periguetes tinham aula naquele horário, mas Tanner estava livre e disposto a estudar na biblioteca enquanto Jean se enfiava numa das salas de estudo para fazer a ligação. Assim que Jean saía, Tanner tinha um milhão de perguntas sobre os Corvos, a maioria das quais Jean ignorava, a não ser quando tinham a ver com exercícios.

Jeremy tinha conseguido permissão para assistir à aula de microeconomia empresarial de Jean, contanto que não atrapalhasse. Ele não precisava prestar atenção, mas, na terça-feira, fez uma tentativa sincera por curiosidade ou solidariedade. Com dez minutos de aula, já estava com o olhar de tédio, e cinco minutos depois tinha apagado de vez. Jean o deixou dormir, já que Jeremy dormia em silêncio e só estava ali para fazer companhia, e se concentrou nas próprias anotações. A aula seguinte era no mesmo prédio, então ele ficou sentado na sala, tenso, até Shane chegar. Depois, Cody apareceu para arrastá-lo dali.

Na quinta-feira, Tanner teve a ideia de levar o notebook e um divisor de fone para o campus, então ele e Jean assistiram à parte de uma partida dos Corvos depois que Jean terminou sua sessão com Dobson. Tanner apontou cada momento em que reconhecia o tipo de jogada que os exercícios de Jean estavam,

aos poucos, ensinando a ele. Ver aquilo em ação e saber o que estava tentando aprender pareceu acender algo novo dentro dele. Tanner não teria tempo de quadra naquele ano, já que fazia pouco tempo que os Troianos da USC tinham começado a segurar os calouros fora dos jogos, mas ele tentava lidar com aquilo pensando no futuro.

— Todos serão pegos de surpresa — disse Tanner, satisfeito. — Eles só vão conhecer meus números do ensino médio, não vão saber que eu estava recebendo treinamento individual da seleção dos sonhos.

— Partindo do princípio de que você algum dia vai conseguir aprender os exercícios — retrucou Jean.

— Eu consigo! — Tanner fez uma careta. — Estou tentando.

— Às vezes, sim. Na maior parte do tempo, você é um desastre ambulante.

— Que grosseria! Foi mal se eu não nasci transbordando talento ou sei lá o que, mas eu consigo. Não vou parar até entender essa. — Ele olhou o relógio antes de enfiar o notebook na mochila e hesitou antes de lançar um olhar sério para Jean. — Ei, eu estava falando com o Lucas sobre seus exercícios. Você o colocando com uma raquete leve e tal, fiquei pensando se isso o ajudaria a pegar o jeito, mas ele disse que não podia vir. Vocês dois ainda estão brigados?

— O que eu acho do Lucas é irrelevante — retrucou Jean. — Ele é um Troiano.

Tanner chutou de leve o pé da cadeira de Jean antes de se levantar.

— Isso não foi nem sim, nem não, você sabe.

— Os treinos não têm lista de convidados.

— Isso ainda não é… — Tanner soltou um suspiro contrariado enquanto seguia para a saída.

Jeremy estava saindo da aula, então eles chegaram a Hoffman primeiro. Tanner tinha mais um horário vago, já que havia concentrado a maior parte das aulas nas segundas e quartas, então não estava com pressa nenhuma para ir embora. Ficou praticando movimentos enquanto esperava, com direito a efeitos sonoros desnecessários de “vuush”. Jean tentou não implicar com a postura dele, porque Tanner nitidamente estava fazendo aquilo mais para se divertir do que para treinar de verdade, mas ainda assim era irritante o bastante para fazê-lo desviar o olhar. Por sorte, Jeremy apareceu para salvá-lo poucos minutos depois.

— Ele gosta mesmo de você — comentou Jeremy quando os dois se acomodaram na sala de aula.

— Ele gosta da focinheira que você colocou em mim — retrucou Jean. — Se eu pudesse ser sincero quando falo, ele já teria caído fora há semanas.

— E isso te deixaria feliz? — perguntou Jeremy, estudando-o com um olhar firme. — Tratá-lo como um Corvo, quero dizer, com toda a culpa, a raiva e o perfeccionismo. Você iria gostar disso? Porque eu acho que não. Acho que você está tão obcecado com o resultado que aceita qualquer processo que te leve até ele mais rápido. Ele é um garoto, Jean. Ele tem cinco anos inteiros pela frente.

Jean só escapou de responder porque o professor se levantou da mesa para começar a aula, mas a pergunta o perseguiu enquanto ele enchia páginas de anotações. "*Você iria gostar disso?*" Ele imaginou cravar a base da raquete nas costas de Tanner, ou o acertar por cima da proteção com força suficiente para ele sentir por dias, e rabiscou círculos irritados no canto da folha. Seria para o bem de Tanner, lógico; depois de uns bons golpes, ele ou entraria no eixo, ou desistiria de vez. Jean estava prestando um péssimo serviço a ele ao ser tão tolerante com seus erros. O futuro de Tanner e o sucesso dos Troianos importavam mais do que a felicidade individual de qualquer um.

E mesmo assim.

Os Troianos ficavam em segundo lugar no país mais vezes do que em terceiro e tinham dado trabalho de verdade aos Corvos naquela primavera. Lentos, constantes e sem levar nada tão a sério, aquilo funcionava para eles, em boa parte. Com um pouco mais de dureza e um pouco mais de sangue, talvez já tivessem conseguido diminuir aquela distância e tomar a vitória que diziam querer. Em vez disso, tinham se acomodado ao papel de vice-campeões. Objetivamente, eram uma equipe fracassada, uma coleção desperdiçada de talentos fenomenais.

No entanto, ainda assim.

Jean cerrou os punhos devagar, à procura de uma dor que já tinha desaparecido fazia tempo. Quando a temporada começasse na semana seguinte e ele pudesse ver de perto como eles lidavam com os adversários, saberia com certeza o quão miserável aquele ano iria ser.



A sexta era o dia mais complicado da semana para administrar, já que a única aula de Jean que se estendia pelo restante do dia era a de redação empresarial, às

oito da manhã. Ele não tinha mais nada para fazer até o treino da tarde, que começava às três. Sem cerâmica, Jeremy também estava livre, mas às sextas precisava sair do campus para a terapia. Cat deveria estar disponível pelo menos durante parte da manhã, mas tinha reuniões com os orientadores para discutir mudanças em sua grade. Shane deixou Jean com Xavier e Min, que uma hora depois o passaram a Nabil, e então Emma e Mads apareceram para roubá-lo dali. Jeremy só voltou dez minutos antes de Cody poder reivindicar um pedacinho do tempo de Jean.

— Você tomou banho de novo — disse Jean quando Jeremy se acomodou ao lado dele.

Jeremy olhou para ele sem entender.

— Hã?

— Colônia diferente. — Jean passou o marca-texto por uma parte relevante das anotações. — Essa não combina nada com você.

Jeremy puxou a gola da camisa para cheirar.

— Ah, eu nem tinha reparado. Não é minha — explicou quando Jean olhou para ele. — Esbarrei num amigo no caminho de volta ao campus. É tão ruim assim?

Saber que o cheiro pertencia ao corpo de outro homem tornava aquilo duas vezes pior.

— Sim.

— Foi mal — disse Jeremy, soando mais entretido do que arrependido. Ele se afastou um pouco do espaço de Jean, depois mudou de lugar de novo quando percebeu que o vento estava levando o perfume até ele. Sorriu com descaramento ao perguntar: — Melhor?

Jean se recusou a satisfazê-lo com uma resposta.

Jeremy não insistiu, só se jogou na grama com um sorriso satisfeito. Jean passou o marca-texto pela mesma linha outra vez, com um pouco mais de força.

Jeremy parecia em paz, mas Jean achava aquele silêncio irritante. A chegada de Cody, alguns minutos depois, enfim quebrou a tensão. Elu se largou no espaço vazio ao lado de Jean. Naquele dia, tinha levado uma caixinha de morangos, que ergueu em oferta. Jeremy fez uma careta ao ver, e Cody revirou os olhos antes de dividir a fruta só com Jean, que comeu devagar, aproveitando o azedinho. Ainda estava na metade quando Cody olhou de um para o outro.

— Prontos para amanhã? — perguntou.

O distrito oeste seguia o mesmo cronograma do nordeste: o primeiro fim de semana do ano era reservado para o banquete de outono. Era um encontro leve

para conhecer as pessoas antes de a temporada começar de fato, uma chance de medir os adversários sem a acidez de um primeiro jogo já estragando o clima. Os distritos sul e central colocavam de uma a três partidas na agenda antes, o que Jean tinha achado irritantemente sem sentido no ano anterior.

Daquela vez, a anfitriã era a Universidade do Arizona. Laila calculava que a viagem levaria de oito a nove horas com as paradas, e na semana anterior tinha levado Jean para comprar algo apropriado para vestir.

— Sim — disse Jean antes de acrescentar: — Eu não conheço esses times além do que vi no papel.

— Ah, é, imagino que não. A maioria deles é bem tranquila. Para nós, pelo menos. Vários têm problemas sérios entre si. O único que faz questão de arrumar confusão com a gente em público é White Ridge. — Cody soltou um "hum" pensativo e arrancou distraidamente um tufo de grama. — A gente costuma responder se desmanchando em gentilezas até alguém intervir ou eles mesmos passarem vergonha sendo escrotos, mas não acho que vá funcionar desta vez. Não se o Jeremy for, digo.

Jean parou com o último morango no meio do caminho até a boca.

— Se.

Cody entendeu errado e lançou um olhar atento para Jeremy.

— A não ser que você tenha mudado de ideia?

— Não — disse Jeremy, olhando para o céu. — Eu ainda vou.

Jean franziu a testa para os dois.

— É um evento obrigatório. A presença é imprescindível.

Cody olhou para Jean como se ele tivesse duas cabeças; Jean sustentou o olhar e esperou que alguém explicasse aquela nova insanidade. Depois de alguns instantes desconfortáveis, Jeremy enfim se apoiou nos cotovelos e explicou:

— Eu não vou a um banquete desde meu primeiro ano. O treinador sempre me dispensou.

— Se o CRE descobrir que você tem faltado…

— Eles sabem — cortou Jeremy com um sorriso em que Jean não acreditou ser genuíno nem por um segundo. Jeremy não explicou, apenas puxou a camisa e disse: — Eu nem tinha reparado nessa colônia até você mencionar, mas tem razão, é tão forte que chega a ser insuportável. Vou lá esfregar isso pra tirar e vestir algo sem cheiro. Você se importa de levá-lo ao estádio mais tarde? — perguntou a Cody.

Os lábios de Cody se estreitaram numa linha dura, mas tudo o que disse foi:

— Sim, eu levo.

— Valeu! — Jeremy se pôs de pé num pulo e foi embora.

Cody observou Jeremy se afastar, e Jean estudou o rosto sério de Cody em busca de qualquer pista. Depois de um tempo, Cody soltou, num tom azedo:

— Tão brilhante quanto uma lâmpada queimada e ainda concorrendo a orador da turma. Eu nunca vou entender. — Então se arrastou no chão até ficar de frente para Jean. — Você não sabe, de verdade? Mesmo que ele não tenha dito nada, isso saiu em tudo quanto é notícia uns anos atrás. Ah, espere. — Cody hesitou e começou a contar os anos nos dedos. — É, acho que você ainda não estava na faculdade. A gente não estaria no seu radar.

Aquilo era uma meia-verdade. Jeremy tinha começado o primeiro ano um ano antes da seleção dos sonhos, mas Kevin acompanhava as temporadas dos Troianos com obsessão demais para deixar passar sua chegada. Talvez Kevin soubesse o que Cody estava enrolando para dizer, mas Jean nunca tinha se dado ao trabalho de ler as matérias que Kevin compartilhara com ele naquele ano. Como tinha dito a Kevin, seu nível de leitura ainda não era bom o bastante para tentar. E, como Kevin tinha acusado, no fim das contas Jean se interessava mais pelas fotos que acompanhavam a matéria do que por qualquer coisa no conteúdo do texto. Jean empurrou aqueles pensamentos de lado como inúteis e forçou a atenção de volta a Cody.

— Você não estava — mentiu ele.

Cody resmungou algo ininteligível enquanto esfregava o rosto; enrolando, Jean supôs, enquanto tentava decidir como falar daquilo. Depois de um tempo, Cody soltou um suspiro explosivo e deixou as mãos caírem no colo.

— Bem, a maior parte disso é de conhecimento público. Posso te contar agora a versão boa para a imprensa, ou você pode esperar para ver se o Jeremy vai estar a fim de dizer a verdade depois. De qualquer maneira, a gente precisa falar sobre o Noah pelo menos. Existe uma chance bem real de algum babaca mencioná-lo amanhã, e sei que o Jeremy não vai querer falar dele.

— Ex-Troiano — arriscou Jean.

Cody fez uma careta.

— O irmão caçula do Jeremy.

Um nome novo; a peça que faltava. Jean se lembrou da criança que aparecia em uma única fotografia na casa de Jeremy; lembrou-se do tom rouco na voz dele ao confirmar a morte do irmão. *Quatro anos em agosto*, tinha dito ele, e Jean sabia como aquela história terminava. Quase disse a Cody que não queria ouvir aquela história, mas Cody já escolhia as palavras em meio a uma explicação desconfortável.

— Noah foi o acompanhante do Jeremy no nosso banquete de primeiro ano. Não por escolha própria, mas perdi alguns detalhes de como jogaram ele nessa. Era educado até, mas estava bem óbvio que não estava nada bem. Toda vez que o Jeremy se distraía com alguém ou algo, ele meio que… — Cody passou a mão de um lado para o outro na frente do rosto e fez uma expressão vazia antes de concluir: — … desligava. Jeremy disse que ele só estava cansado e morrendo de tédio, então deixei pra lá. Naquela época, ele não era bem o tipo de cara com quem você queria arrumar discussão, sabe?

Jean não fazia ideia do que aquilo queria dizer, mas não era hora de se distrair. Guardou aquele comentário para depois enquanto Cody continuava.

— Jeremy foi convidado para uma festa exclusiva depois, então mandou Noah voltar sozinho ao hotel. Provavelmente achou que ele fosse ver TV ou dormir cedo, mas Noah foi para o terraço. As câmeras de segurança o mostraram no lounge da cobertura por umas três horas. — Cody esfregou os braços, afastando um arrepio repentino, antes de dizer: — Quando enfim se levantou, foi para passar por cima da grade.

Jean já sabia o que estava a caminho, mas o áspero *"Ele se foi"* de Jeremy ecoou em seus pensamentos enquanto encarava Cody.

— Ele pulou.

— Oficialmente, não. O comunicado para a imprensa alegava que ele estava tentando tirar uma foto do horizonte da cidade e se inclinou demais, ou alguma desculpa esfarrapada assim. Como as imagens nunca foram divulgadas, os Wilshire puderam distorcer a história do jeito que quisessem, e o que eles quiseram foi explorar a morte dele para ganhar pena e privacidade. Precisavam de algo para contrabalançar a noite desastrosa do Jeremy. Sangue-frio, se quer saber — acrescentou Cody. — Jeremy precisava de ajuda, e não de controle de danos. Por um tempo, achei de verdade que a gente fosse perdê-lo.

O comentário foi tão inesperado que Jean enfim conseguiu afastar Noah e Elodie dos pensamentos. Cody fez uma careta diante do olhar cortante que Jean lançou e deu de ombros, impotente.

— Para entrar mesmo nisso, a gente teria que falar do restante da noite. Você quer ouvir essa história por mim ou pelo Jeremy?

— Ele disse que eu posso perguntar — respondeu Jean. — E eu vou perguntar.

— Você que sabe — disse Cody, então olhou o relógio e juntou o lixo. — Só me prometa que vai ficar de olho nele amanhã. Quase todo mundo que era

problema naquela época já deve ter se formado, mas sei de pelo menos um que ainda está por aqui. Esse tipo de rancor não some tão fácil.

— Ele é meu parceiro — disse Jean. — Eu vou protegê-lo.

Ele tinha conseguido fazer Neil sobreviver a três semanas no Ninho; arrastar Jeremy por um banquete seria fácil. A única parte difícil seria ter que se comportar.



O banquete de outono da costa oeste era um jantar formal, marcado para começar às seis da noite no horário das montanhas. Rhemann queria o time em Tucson com uma hora de antecedência, o que significava que eles tinham que estar no estádio às oito e meia para sair às nove. Um ônibus fretado com motorista já esperava por eles no Exposition Park. Colocar as malas de pernoite e as roupas do jantar nos bagageiros foi fácil. White e Jimenez fizeram a contagem no estacionamento, e Rhemann e Lisinski repetiram a contagem quando todo mundo já estava a bordo.

Havia assentos suficientes para que cada um dos treinadores fosse sozinho e para que alguns dos Troianos também pudessem se espalhar. Derek e Derrick, sem surpresa, se espremeram lado a lado. Os quatro alunos de Jean se sentaram juntos, uma dupla na frente da outra. A satisfação de Jean durou pouco, porque havia também cinco desconhecidos no meio deles.

— É permitido levar acompanhante — lembrou Jeremy quando Jean manifestou sua desaprovação. Apesar do tom tranquilizador, havia um sorriso revelador puxando o canto da boca dele. Jean lançou um olhar feio e se acomodou no assento vazio mais próximo. Jeremy se sentou ao lado dele e disse: — Já vou te avisando que em dezembro vai ter mais deles. É que é difícil arranjar gente logo no começo do ano. Primeiro fim de semana, sabe? Todo mundo ainda está se ajeitando.

— Mais um motivo pra proibir isso — insistiu Jean, mas Jeremy apenas riu.

Com Jean, havia nove pessoas no chamado grupo das periguetes. Cody era a única pessoa sem acompanhante, mas rapidinho ocupou o assento vazio ao lado com uma bolsa cheia de lanchinhos. Pat e Ananya ficaram no banco de trás delu,

e Cat e Laila, no da frente. Jeremy e Jean ficaram do outro lado do corredor e Xavier e Min pegaram os lugares atrás deles.

Jean estava satisfeito com o lugar dele na periferia do grupo e só prestava meia atenção à conversa animada enquanto via Los Angeles passar pela janela. Na noite anterior, tinha carregado algumas partidas no notebook, mas dificilmente aquilo serviria de algo. Aprendera cedo que ler ou assistir a qualquer coisa durante uma viagem o deixava enjoado. Na maioria dos jogos fora de casa com os Corvos, ele passava as horas dormindo, desesperado para compensar o tempo perdido no Ninho.

As primeiras horas foram fáceis, cochilando e acordando, enquanto os amigos riam e conversavam sobre tudo e qualquer coisa. Quando acordou, Cat e Cody dividiam um banco, os corpos curvados sobre videogames portáteis, enquanto Laila resolvia palavras cruzadas. Jeremy estava de joelhos, virado para trás, para poder conversar com Xavier e Min; o cara nunca ficava sem assunto.

Jean pretendia voltar a dormir, mas já tinha descansado demais para pegar no sono de novo. Aquilo foi irritante e inesperado. Ele perdeu meia hora tentando antes de desistir e começar a contar times nos dedos. Nomeou o maior número de atacantes de que conseguiu se lembrar, testou-se sem muita vontade sobre quais eram destros ou canhotos e, de cabeça, atribuiu a cada um o número de camisa que lhe pareceu mais provável. Estava na metade da lista quando Jeremy percebeu que ele estava acordado, e o capitão interrompeu a conversa para se acomodar ao lado dele.

— Boas notícias — disse, alegre demais. — Três horas já foram, faltam só seis.

Jean lançou um olhar fulminante para ele.

— Eu vou te largar na próxima parada.

O sorriso de Jeremy era radiante e destemido, e Jean precisou desviar o olhar antes mesmo de ele dizer:

— Não vai, não.

— Talvez não — disse Jean. — Mas vou pensar no caso.

Jeremy riu.

— Você não trouxe nada para fazer?

Quando Jean apenas dispensou a pergunta com um gesto, Jeremy disse em francês:

— Olá. Meu nome é Jeremy Knox. Qual é o seu nome?

Ouvir o próprio idioma nos lábios de Jeremy bastou para fazer Jean hesitar. Ele contou as batidas do coração enquanto estudava o rosto dele, gravando na

memória aqueles sons perfeitos até demais, e por fim disse, em inglês:

— Eu não sou o parceiro de treino ideal pra você. Sou de Marselha — acrescentou quando Jeremy pareceu prestes a argumentar. — Você está aprendendo francês parisiense.

Jeremy levou um instante para entender, e então pareceu encantado.

— Você tem sotaque.

— Tenho.

— Cody e Sebastian também têm — apontou Jeremy.

— Você já entende o idioma que eles falam — disse Jean. — Sabe compensar pronúncias inesperadas sem arriscar o próprio progresso.

Jean lançou um olhar para a expressão teimosa de Jeremy e engoliu um suspiro. Explicar a diferença entre o francês "correto" e nasal da mãe e o arrastado do dialeto do pai não era como Jean pretendia passar aquela viagem, mas, com seis horas pela frente, abriria uma exceção. Ele explicou da forma mais simples que conseguiu, alternando explicações e exemplos. Jeremy ouviu com um fascínio inabalável e tentou repetir algumas palavras, apesar dos melhores esforços de Jean para desencorajá-lo. O curso autodidata que Jeremy tinha escolhido contradizia aquelas vogais preguiçosas e aqueles sons prolongados; praticar do jeito de Jean só iria atrapalhá-lo.

Jeremy ignorou os avisos de Jean com um dar de ombros.

— Talvez eu encontre um professor de Marselha.

— Ninguém vai te levar a sério se você aprender francês com sotaque do sul.

— Isso importa mesmo? — perguntou Jeremy, estudando Jean com um olhar que parecia invasivo demais. — Eu só estou aprendendo francês por sua causa.

Levar um chute no peito teria doído um pouco menos. Jean desejou desesperadamente ter se sentado com Cody; ficar ali, coxa com coxa com Jeremy, enquanto ele dizia aquelas coisas com tamanha seriedade, era muito cruel. Quando Jean demorou demais para responder, Jeremy se inclinou sobre ele para tirar o celular do bolso. Foi ditando a mensagem para o mordomo enquanto digitava, talvez dando a Jean tempo para discutir. Jean deveria, mas as palavras ficaram presas em algum lugar entre os pulmões e os dentes. O que ele queria era seguir com a memória do peso de Jeremy ao longo do próprio corpo.

O resgate chegou do lugar mais improvável: um "Ei, irmão!" gritado do fundo do ônibus arrancou Jean de sua contemplação paralisada. Ele se recusou a acreditar que era com ele até ouvir de novo, daquela vez em francês, e murmurou algo sombrio entre dentes.

— Não fui eu que ensinei isso — disse quando Jeremy lhe lançou um olhar de esguelha.

Derrick o chamou. Jean não sabia ao certo de quem tinham sido as vozes anteriores; estava ocupado demais se ofendendo com o massacre que faziam da pronúncia para tentar identificar.

— Eles podem ter pedido ajuda aos professores de francês do campus — lembrou Jeremy, saindo para o corredor. — Boa sorte!

Jean foi até o fundo do ônibus. Shawn e Shane estavam na última fileira, cada um acompanhado de uma garota que ele não conhecia. Derrick e Derek estavam à frente de Shane, Ashton e Emma do outro lado do corredor. O grupo de Lucas estava logo depois, Lucas sozinho, e Travis com Haoyu em frente a ele. Jean deixou o olhar passar direto por Lucas sem hesitar e voltou uma expressão de desprezo à fileira dos chamados duplo D.

— Não mutilem meu idioma — disse.

Derrick apontou na mesma hora para além de Jean, para Sebastian.

— Foi ele. Enfim, olhe só.

Ele cutucou Derek, que já estava virando o notebook para Jean ver a tela. Derek tinha um álbum de fotos aberto e tocou na tela para ampliar uma imagem dele com outras duas pessoas. Nenhum dos desconhecidos usava as cores dos Troianos, mas Jean só teve um instante para questionar a relevância daquilo para ele antes que Derrick apontasse para a mulher deslumbrante debaixo do braço de Derek.

— Essa é minha futura esposa — disse ele, cheio de orgulho.

Então aquela era a tão comentada Cherise. Jean entendeu num relance por que Derrick era tão apaixonado por ela, mas não daria ao outro a satisfação de concordar. Voltou um olhar firme a Derek e disse:

— Não foi para isso que vocês me chamaram aqui.

— Foi basicamente pra isso, sim.

Jean se virou para ir embora, mas Derrick se levantou do banco para agarrar a manga dele.

— Eles já ficam com você o tempo todo. Você deveria ficar aqui fofocando com a gente. — Era um pedido ridículo, quando a companhia de Jean não tinha utilidade nenhuma tão longe de uma quadra. Jean lançou um olhar desconfiado para ele, mas Derrick já fazia gestos exagerados para Lucas. — Tire suas coisas daí, cara, deixe ele se sentar.

Não havia a menor chance de Lucas permitir aquilo, só que, depois de uma breve hesitação, ele empurrou a bolsa para o chão. Derrick abriu um sorriso

triunfante para Jean e disse:

— Eu nem vou falar dos Kings. Palavra de honra, que eu morra, que todos os Tubarões morram também, e por aí vai.

— O que você tem contra tubarões? — perguntou Timmy.

— Por que todo mundo nesse ônibus é tão sem cultura? — reclamou Derrick.

Shane o ignorou para falar com Jean:

— Vamos fazer uma parada em mais ou menos uma hora. Sei que você consegue nos aguentar até lá.

Jean não conseguiu imaginar nenhum motivo para aquilo, mas eles eram seus colegas de time. Por enquanto, entraria na deles. Obediente, sentou-se no lugar que Lucas tinha liberado, mantendo as costas viradas para o outro e esticando as pernas para o corredor. Pendurado no encosto do banco, Derrick perguntou:

— Sobre o que você quer conversar?

— A ideia foi sua — lembrou Jean.

— Sobre o que você costuma conversar com eles? — tentou Derrick.

— Em geral, eu só escuto.

Derek comentou, seco:

— Melhor assim, porque o Derrick adora falar. — O que fez Derrick cair na risada.

Ele não estava mentindo; assim que Derrick recebeu permissão para falar, começou a tagarelar sem parar nem para respirar. Por um momento, Jean se contentou em se recostar no banco e ouvir.

Tirando Shane, que fazia três matérias com ele, Jean quase nunca via aqueles Troianos fora dos treinos. Morando fora do campus e sem o Ninho para mantê-los unidos, talvez fosse inevitável, mas aquela era uma oportunidade rara de ver como eles interagiam sem o Exy no meio. Havia uma familiaridade fácil no jeito como se tratavam, pulando de um assunto para outro sem parar. Eram rápidos em zoar uns aos outros, mas sem as patadas e as mágoas disfarçadas que manchavam muitas das conversas entre os Corvos.

— No que você está pensando? — perguntou Derek enquanto cutucava o alto da cabeça de Jean. — Você está com uma cara séria.

Não adiantava mentir, então Jean respondeu:

— No Ninho.

— O vestiário de visitante de vocês é horrível — reclamou Sebastian. — Posso falar isso agora?

— “Vocês” nada — retrucou Shawn. — Ele não é um Corvo.

Sebastian fez uma careta.

— É, eu só… bem, continua valendo. Eu odiei aquele lugar. Você morou lá de verdade?

Jean pensou nas paredes escuras e na iluminação vermelha, nas fileiras de quartos idênticos e em como o sangue dele parecia preto no chão do quarto de Riko. As mesmas poucas refeições repetidas sem fim, os mesmos rostos frios dia após dia e a quadra onde os Corvos enfim podiam se espalhar e respirar. Risadas cruéis, violência desenfreada e o estalo seco de ossos se partindo. Jean flexionou os dedos, precisando saber que ainda funcionavam, mas a ausência de dor era tão perturbadora quanto reconfortante.

— Sim — disse Jean, porque eles ainda olhavam para ele.

Dillon se inclinou para além de Sebastian.

— E como era?

Um pesadelo vivo, pensou Jean. Em voz alta, disse:

— O Ninho era um fator decisivo para nosso sucesso como equipe.

— Você é mais forte do que eu — disse Sebastian, olhando para Dillon em busca de apoio. — Eu teria enlouquecido.

— Quem disse que eles não enlouqueceram? — perguntou Lucas.

Foi a primeira coisa que ele disse desde que Jean se sentara. Shane se levantou, parecendo pronto para intervir se fosse preciso, mas Jean não negaria aquilo.

Pensou por um instante e então lançou um olhar de lado por cima do ombro.

— Como se chama em inglês aquilo, o vidro colorido de igreja? — Lucas hesitou antes de responder, e Jean não conseguiu conter a careta ao ouvir. — *Stained glass*, vitrais. O inglês continua sendo uma invenção horrorosa. *Stained glass*. — Ele mexeu os dedos, tentando apagar a palavra da memória, mas disse: — É isso que os Corvos são: afiados e estilhaçados, fundidos de novo em um todo diferente. Não dá para separá-los outra vez.

— Você e Kevin saíram — observou Derek.

Kevin fora arrancado à força, e Jean fora roubado, mas não adiantava entrar naquele mérito com aquelas pessoas.

— Nós dois somos a seleção dos sonhos — disse ele. Jean era mais próximo dos Corvos do que Kevin e Riko jamais tinham sido, já que o Rei e o irmão dele viviam num pedestal, mas, durante todo o tempo no Ninho, ele sempre estivera meio passo afastado. Jean cravou os dedos na tatuagem até o osso da bochecha doer. — Não somos iguais.

Jean não tinha percebido que os calouros estavam prestando atenção, mas Chuck se ergueu no banco para encará-lo.

— Você vai ficar com isso? — perguntou, apontando para o próprio rosto. — Não é meio estranho? Quero dizer, todos os outros sumiram.

— Ignore ele — disse Derek. — A mãe dele não deu educação.

Chuck fez uma careta.

— Eu não sou o único que quer saber!

— Você podia ter arrumado um jeito melhor de perguntar — disse Nabil, uma ou duas fileiras à frente.

Haoyu assobiou para chamar a atenção de Chuck. O sussurro dele não foi baixo o bastante para Jean não ouvir o aviso, "Riko!", e Jean olhou a tempo de ver Haoyu passar o dedo pelo próprio pescoço. Chuck empalideceu ao ser lembrado e se afundou no banco no instante em que percebeu que Jean tinha visto. Haoyu olhou para o lado, alertado pela reação de Chuck de que tinha algo errado, e largou a mão no colo o mais depressa que conseguiu.

"*Bang, e ele morreu.*"

Ainda não tinham chegado a nenhuma parada, mas Jean não ficaria ali atrás por mais tempo. Saiu do banco e foi para a frente do ônibus. O caos seguiu atrás dele: despedidas alegres demais de Derek e Derrick e uma enxurrada de acusações sussurradas e defesas desesperadas.

— O que foi que você fez?

— Por que falou aquilo?

— Foi mal, eu não quis dizer desse jeito!

Jean ignorou tudo, concentrado apenas em retomar seu lugar ao lado de Jeremy. Jeremy se levantou para que ele se sentasse no banco da janela, e o sorriso dele se apagou um pouco ao ver o rosto de Jean, que não deixou passar a olhada que ele lançou para o fundo do ônibus, mas Jeremy ficou com ele em vez de ir investigar.

— Ei — começou Jeremy, acomodando-se ao lado dele.

Jean não queria ouvir.

— Vou te ensinar uma frase — disse, agarrando-se com toda a força contra a lembrança das mãos de Riko em seu pescoço, no cabelo, abrindo arranhões no seu rosto. — Você vai usar no banquete se precisar sair. Tá?

A velocidade com que a expressão de Jeremy passou de preocupação para encantamento e depois cautela foi quase impressionante. Jean meio que esperou que ele perguntasse o que ele sabia, mas, depois de um minuto de contemplação silenciosa, Jeremy enfim assentiu. Jean pronunciou a frase para ele: primeiro em

velocidade normal, depois em partes, enquanto Jeremy repetia. Jeremy se atrapalhou um pouco quando tentou juntar tudo, mas Jean continuou corrigindo até que acertasse. Só quando ficou satisfeito foi que Jean voltou a olhar pela janela.

Ele e Jeremy não tornaram a conversar pelas três horas seguintes.



CAPÍTULO CATORZE

Jeremy

A Universidade do Arizona tinha alugado um espaço num centro de convenções a uns cinco quilômetros do campus para o banquete, e Rhemann tinha conseguido quartos para a equipe no hotel ao lado. O motorista encostou na entrada do hotel por tempo suficiente para que todos descessem e pegassem suas coisas no bagageiro. Rhemann esperou White e Jimenez conferirem se todos estavam ali antes de liberar o motorista, que prometeu voltar às onze do dia seguinte para buscá-los. Era gente demais para entrar todos atrás de Rhemann, então Jeremy e Xavier ajudaram a manter o grupo reunido enquanto Rhemann e Lisinski faziam o check-in.

Rhemann distribuiu as chaves, avisou que todos tinham de estar de volta às dez e meia e só então liberou a equipe. Com quatro elevadores, seria fácil para todos subirem até seus andares, mas Jeremy olhou o número impresso na própria chave e, em seguida, para Jean. Disse a si mesmo, em silêncio, que seria bom dar uma esticada nas pernas depois de tantas horas na estrada e quase acreditou naquilo. Chamar Laila foi fácil, e ele fez sinal para Jean se aproximar.

— Você pode levar nossas malas no elevador? — perguntou Jeremy a Laila, erguendo a muda de roupa. — Eu e Jean vamos de escada.

Laila olhou de Jeremy para Jean e depois de volta a Jeremy.

— São oito andares.

— No treino a gente faz mais do que isso — lembrou Jeremy.

Ele meio que esperou que ela insistisse, mas, no fim, Laila apenas estendeu a mão para pegar as coisas deles e disse:

— Antes vocês do que eu.

Encontrar a escada deu um pouco de trabalho, já que não havia nenhuma placa de indicação no saguão, mas logo Jeremy e Jean já estavam subindo. Jeremy esperou até passarem pelo patamar do terceiro andar antes de olhar para trás e perguntar:

— Qual é o limite para você começar a se sentir claustrofóbico? Em carros você parece tranquilo, e já comentou que o problema são os aeroportos, e não os aviões. Quão pequeno tem que ser o espaço para começar a te incomodar?

— Eu não gosto de ficar dentro de caixas.

Ou algo tinha se perdido na tradução, ou Jean estava sendo vago porque não queria falar daquilo. Jeremy deixou passar e, em vez de insistir no assunto, começou a contar os degraus em francês. Jean não teceu comentários sobre a pronúncia dele, mas Jeremy sabia que ele estava ouvindo. Conseguia sentir o olhar constante de Jean sobre si, um peso confortável na nuca. Como Jean não tinha nada a corrigir ali, Jeremy resolveu tentar em seguida um monólogo básico no caminho até o patamar do quinto andar.

— Meu nome é Jeremy Knox. Eu sou de Los Angeles. Estudo Letras na USC. Hoje estou em Tucson para um… ah. — Ele vacilou ao perceber, tarde demais, que estava superestimando o próprio vocabulário. Jean suspirou, mas, obedientemente, forneceu a palavra que faltava. Jeremy nem precisou perguntar o que significava; a entonação era diferente da palavra em inglês, mas ainda parecida o bastante para ele entender. — … um banquete. — Jeremy olhou por cima do ombro, em busca da aprovação de Jean, mas era óbvio que ele estava irritado. Então Jeremy concluiu depressa: — Obrigado!

— Você não vai fazer direito — disse Jean em inglês.

Jeremy encarou Jean, pego de surpresa, e então concluiu que ele devia ter ligado o curso de letras àquela ideia nada sensata de tentar a pós em direito. Sorriu mesmo diante da desaprovação de Jean e disse:

— Não custa nada fazer a prova.

Jean se deixou convencer por aquele argumento tanto quanto da vez anterior e insistiu, teimoso:

— É o seu quinto ano. Vão enfiar uma câmera na sua cara e perguntar quais são as suas expectativas para a formatura. Se descobrirem que você está cogitando outras carreiras, isso vai prejudicar suas chances e diminuir suas opções. Que recrutador vai lutar por um cara que já está olhando para outro lado?

Jean conseguia expor com muita facilidade aquele medo roendo os ossos de Jeremy, que desviou o olhar, mas não rápido o bastante. Algo apareceu em seu rosto, a julgar pelo tom afiado com que Jean insistiu:

— *Jeremy*.

Jeremy parou no patamar do sétimo andar e se virou para encará-lo. Jean não esperava por aquilo e quase trombou nele quando apressou o passo para alcançá-lo. Jeremy firmou os pés no chão, recusando-se a sair do lugar, e Jean segurou seu queixo para poder olhar bem para o rosto dele.

Jeremy abriu um sorriso torto. Manter um tom leve era algo natural para ele, mas aquilo em nada ajudava a suavizar a frustração no olhar de Jean.

— É importante para meus pais que eu ao menos considere essa opção, então é o que vou fazer. Vai ficar tudo bem, Jean, eu prometo. A prova em si não é um compromisso. Mesmo que Harvard me aceite, eu tenho até a primavera para tomar a decisão final.

Mencionar os pais tinha sido a jogada certa; Jean cedia à autoridade superior com facilidade demais para incentivar qualquer rebeldia no capitão. Depois de alguns instantes tensos, Jean o soltou, e Jeremy conseguiu se virar sem impedimento. Subiu o último lance de escada e os conduziu até o oitavo andar. Uma olhada da chave do quarto para as placas nas paredes o fez virar à direita pelo corredor.

Os Troianos estavam espalhados por dois ou três andares, mas Rhemann tinha tentado manter os grupos de amigos o mais próximos possível ao distribuir as chaves. Cat e Laila deviam estar em algum quarto naquele corredor, mas Jeremy tinha se esquecido de perguntar o número delas. Em vez disso, mandou a Laila o número do seu quarto por mensagem, e mal tinha tirado os tênis com a ponta dos pés quando ela bateu à porta. Jean estava mais perto, então foi ele quem abriu. Laila já estava meio trocada: meia-calça escura sob uma saia na altura do joelho e uma regata clara. Jeremy não deixou passar a forma como Jean encarou o teto de propósito enquanto ela levava as roupas deles até a cama mais próxima.

— O ferro está na prateleira do armário, se precisarem — disse ela. — A gente vê vocês lá embaixo.

— Valeu — disse Jeremy, e Laila foi embora.

Jeremy foi checar em que estado estavam suas roupas, enquanto Jean, perto da porta, parecia questionar todas as escolhas que tinha feito na vida. Os pensamentos de Jeremy vagaram enquanto ele se trocava: de Laila para sua irmã, depois para a foto de Renee, que tinha desaparecido da mesa de Jean pouco depois de terem zombado dele por causa dela. Nenhuma das três se parecia nem um pouco com as outras, o que fazia o gosto de Jean para mulheres continuar a ser um completo mistério. Jeremy pensou em perguntar, mas em vez disso disse:

— Minha mãe acha que eu deveria me casar com a Laila.

Aquilo bastou para chamar a atenção de Jean, pelo menos até Jeremy tirar a regata. Jean arranjou outra coisa para encarar no mesmo instante, como sempre fazia quando Jeremy estava em algum estágio de nudez. Buscar a atenção de Jean daquele jeito era terrivelmente inadequado, Jeremy sabia; a vergonha era um calor incômodo que corroía sua satisfação. Colocou a camisa depressa, uma social branca simples com uma gravata chamativa para dar um toque a mais, mas Jean não se mexeu até que ele começasse a abotoar a calça.

— Ridículo. — Foi tudo o que Jean disse conforme abria o zíper da bolsa com suas roupas.

Jeremy se largou na cama para esperar Jean, mas, no silêncio, seus pensamentos ameaçavam correr soltos de novo. Ele jogou o braço sobre os olhos e disse:

— Será que eles têm o jogo das Raposas no catálogo? Talvez a gente possa assistir quando voltar ao quarto hoje à noite.

Ele tinha visto o placar na noite anterior, mas não a partida; a diferença de três horas e um treino longo à tarde tinham se encarregado daquilo. Era mais fácil acompanhar nas noites de jogo, porque o treino da tarde era cancelado para que fizessem um aquecimento curto e leve. Jeremy podia deixar a transmissão passando de fundo no vestiário e pelo menos pegar o começo. As Raposas tinham vencido a primeira partida, mas por um único gol de diferença. Jeremy queria saber se aquele sufoco tinha sido por causa da qualidade dos adversários ou se os calouros briguentos estavam atrapalhando a formação.

Era inevitável que seus pensamentos saíssem das Raposas e fossem aos arquirrivais, então Jeremy perguntou:

— Você está preocupado com os Corvos?

— Não.

A divisão sul tinha começado a temporada na noite anterior, mas os Corvos não tinham jogado. O treinador Rossi alegara que boa parte da formação estava

fora por causa de uma virose estomacal, e a Edgar Allan apresentara depoimentos de meia dúzia de professores para sustentar a história. Uma partida de reposição tinha sido marcada para a semana do feriado de Ação de Graças. Mais uma sequência de azar para a equipe tão castigada, Jeremy tinha comentado com Kevin, que não tinha a menor paciência para as mentiras dos Corvos.

— Não tem um único doente. — Foi a resposta dele. — Eles não estão conseguindo se adaptar, e Rossi está desesperado tentando ganhar tempo.

Kevin devia saber melhor do que ele, e Jeremy teve de admitir que aquilo era suspeito. O banquete de outono da divisão sul seria no fim de semana seguinte. Ao faltar ao jogo da noite anterior, os Corvos tinham preparado o terreno para uma volta por cima espetacular: depois daquilo, o primeiro jogo da temporada deles seria justamente a revanche contra Palmetto State, na sexta-feira, 14 de setembro.

O peso no colchão o fez afastar o braço dos olhos. Jean estava inclinado sobre ele, a mão apoiada no colchão ao lado da cabeça de Jeremy. A camisa social grafite estava abotoada pela metade, e Jeremy acompanhou por instinto a linha do pescoço até a clavícula exposta. Em qualquer outra pessoa, aquilo seria um convite, mas aquele era o Jean. Gente demais já tinha posto as mãos nele e destruído sua confiança. Jeremy não podia dar o primeiro passo ali, por mais que quisesse desesperadamente abrir mais alguns botões.

Não, advertiu-se, mesmo enquanto observava as cicatrizes claras cruzando a pele de Jean.

Se Jean percebeu sua distração, não demonstrou. Sua expressão continuava séria quando falou:

— Diga a frase.

Jeremy teria sorte se ainda soubesse o próprio nome com Jean em pé entre suas pernas daquele jeito. Ele tornou a cobrir o rosto com o braço, de modo que Jean só podia ver seu sorriso, e arriscou:

— Então Cody te contou sobre a minha entrada catastrófica na USC? Eu imaginei que fosse contar depois que saí no meio da conversa ontem. Tudo bem — acrescentou ele depressa. — Pelo menos me poupa do constrangimento.

— É uma história incompleta — disse Jean. — Cody está tentando proteger você.

Tinham chegado tão longe de um começo tão desconfortável. Jeremy deixou o carinho transparecer quando disse:

— Cody é um amor.

— Eu disse que perguntaria o restante a você, mas Cody insinuou que você mentiria. — Jean fez uma pausa, só para garantir que aquilo acertasse Jeremy em cheio, antes de lançar a acusação em voz baixa: — E mentiria, não é?

Jeremy passou a língua pela parte de trás dos dentes, perseguindo a lembrança de álcool e suor. Logo seguiu-se um gosto amargo que ele nunca conseguiria esquecer. Ele flexionou as mãos, tentando afastar um tremor que talvez só existisse na sua cabeça, e mordeu a bochecha por dentro até a única voz em sua mente ser a de Spader. Ele tinha o telefone residencial dela anotado no celular por necessidade. Provavelmente precisaria ligar para ela pela manhã, para uma conversa rápida, mas talvez acabasse ligando ainda naquela noite.

Por fim, Jeremy se lembrou de dizer:

— Não. Não pra você. — Ele tirou o braço do rosto para poder ver a expressão de Jean. O francês parecia pouco convencido e nada impressionado. Jeremy sustentou seu olhar e desejou, com toda a força, que Jean acreditasse nele. — Eu não passei o verão inteiro te dizendo que quero que você confie em mim e se sinta seguro comigo? Mentir para você destruiria tudo o que a gente se esforçou tanto para construir. Eu prefiro passar vergonha a perder a sua confiança.

Previsível até demais: um apelo tão sincero assim fez Jean recuar e se afastar um pouco. Jeremy enfim conseguiu se sentar e esticou a mão para agarrar o pulso de Jean.

— Eu tô falando sério. Se quiser perguntar, então pergunte. Eu nunca vou mentir pra você.

Jean o encarou em silêncio antes de enfim dizer:

— White Ridge quer se vingar de você.

— Já faz alguns anos — comentou Jeremy. — Eu destruí a carreira e a reputação do capitão deles. Não é uma coisa fácil de se perdoar.

Pela expressão no rosto de Jean, ele não fazia ideia do que fazer com aquela informação. Jeremy esperou, paciente, pela pergunta óbvia que se seguiria, mas Jean apenas se soltou dele e disse:

— Não. Os detalhes não importam esta noite. Você é meu capitão e meu parceiro; isso é tudo o que preciso saber. Vou ficar ao seu lado contra eles.

— Você e eu contra o mundo — murmurou Jeremy, satisfeito apesar de tudo. — Mas não sou só eu que vou estar sob julgamento esta noite, então leve o tempo que quiser para se preparar. Eles já devem ter ouvido todos os boatos e assistiram à sua entrevista de trás pra frente; vão ter muitas opiniões e muito a

dizer. Eu sou obrigado a te lembrar que este é um evento público e que você vai ter de se comportar, mas, se me der cobertura, eu também te dou.

— Que teatrinho cansativo — resmungou Jean.

Ele se afastou para terminar de abotoar a camisa, e Jeremy foi procurar os sapatos sociais. Enquanto Jeremy já estava pronto, Jean estava todo atrapalhado com a gravata, então o capitão foi até ele e estendeu as mãos.

— Deixa comigo — disse, e Jean entregou a gravata.

Jeremy a passou em volta do pescoço dele e hesitou, tentando imaginar os movimentos em outra pessoa, distraído pelo peso do olhar fixo e inabalável de Jean. Fez os passos devagar, à espera de a memória muscular entrar em ação. Precisou de duas tentativas para acertar, e sorriu, triunfante, ao alisar a gravata de Jean.

— Mais fácil em… — Ele ia terminar a frase, mas os dedos de Jean em seu pescoço fizeram seu raciocínio desvanecer.

— Coisinha horrível — resmungou Jean conforme ajeitava a gola de Jeremy. — Não é muito diferente da forca.

Jeremy pretendia rir ou concordar. O que saiu foi:

— Você está bonito. — Quando Jean ficou imóvel feito pedra, Jeremy se apressou em corrigir: — Quero dizer, ficou bonito em você. Mas eu entendo, não deve ser a coisa mais confortável do mundo. — Ele foi salvo pelo celular, que tocou com um alerta de Laila, e recuou para uma distância segura para checar a mensagem. — Parece que quase todo mundo já está lá embaixo. Vamos?

Jeremy entregou uma das chaves do quarto a Jean ao saírem. Manteve um ritmo tranquilo pela escada, porque Tucson estava quente como o inferno, e ele não queria suar a camisa social antes mesmo de o jantar começar. Eles alcançaram os Troianos do lado de fora e se enfiaram pela multidão até encontrar as periguetes. Cody tinha colocado Cat e Laila entre elu, Pat e Ananya, e Jeremy achava que o rubor nas bochechas de Cody não fosse culpa do calor. A expressão de Ananya estava calma enquanto ela encarava o vazio, mas seus braços estavam cruzados com tanta força que iriam amassar o vestido.

— Calma — disse Jeremy com um puxão de leve na manga dela.

— Eu não consigo ter mais calma do que isso — respondeu Ananya em voz baixa.

Era verdade e não era, mas aquela não era uma briga de Jeremy.

Por fim, todos os vinte e nove Troianos e seus seis acompanhantes estavam presentes, e Rhemann conduziu o grupo até o centro de convenções.

O credenciamento correu sem problemas, e cada jogador recebeu um crachá com as cores da USC. Os cartões plastificados pendurados nos cordões carregavam os números das camisas em destaque, os sobrenomes e as posições impressos logo abaixo. A sala deles ficava logo adiante, depois de duas curvas, um corredor curto e um conjunto de portas corta-fogo, naquele momento mantidas abertas.

Uma das assistentes técnicas do Arizona estava sentada logo à entrada. Ela se levantou para apertar a mão dos quatro membros da comissão da USC antes de levar o microfone à boca. Pela quantidade de gente e pelo barulho, Jeremy calculou que pelo menos cinco equipes já estavam instaladas ali, mas a treinadora tinha ajustado o microfone para que sua voz fosse mais alta que o caos:

— Os Troianos de USC acabaram de chegar. Treinador Rhemann, treinadora Lisinski, treinador White, treinador Jimenez. Capitão Jeremy Knox, vice-capitão Xavier Morgan. — Ela desligou o microfone e se inclinou para Rhemann enquanto apontava. Jeremy estava perto o bastante para ouvi-la dizer: — Vocês ficam nas mesas treze e catorze, no quadrante dourado.

— Obrigado, treinadora — disse Rhemann e seguiu naquela direção, a equipe inteira formando uma longa fila atrás dele.

O coração de Jeremy vibrava na garganta como as asas de um beija-flor. Ele amava o caos, o barulho e as multidões das noites de jogo; ter todas as equipes do oeste sob o mesmo teto era uma dádiva ainda maior. Havia tanto talento naquela sala que Jeremy se sentia eletrizado, mas, por baixo daquela corrente, havia o estalo incandescente de memórias demais. Jeremy deixou o olhar vagar: à procura de rostos conhecidos, de rostos que já teriam seguido em frente anos atrás. Como ele tinha sonhado, com desespero e fervor, com eventos como aquele, e como tinha destruído aquilo tão depressa. Havia certo conforto em saber que ele não era mais aquela pessoa, mas era uma conquista vazia.

Como uma das maiores equipes do oeste, a USC poderia ter ocupado uma mesa inteira com facilidade. Em vez disso, colocaram o grupo em duas mesas vizinhas, de costas um para o outro, para que pudessem conversar com outras equipes. Uma mesa seria dividida com os Jaguatiricas do Arizona, e a outra com os Broncos de Boise. As duas equipes se davam bem com a USC fora das partidas, então Jeremy ficou satisfeito com a organização. Quando o olhar dele e de Xavier se encontraram, Jeremy apontou com a cabeça para os Jaguatiricas. Xavier respondeu apontando para si e depois para a mesa de Boise. Cada adversário receberia a atenção de um capitão, para não parecer favoritismo, e as periguetes se dividiriam como conviesse.

Encontrar o capitão do Arizona foi fácil; Jeremy reconheceria seu ex-companheiro de equipe em qualquer sala lotada. Fingiu não notar a pergunta no olhar de Alejandro Torres ao estender a mão. Torres não hesitou em apertá-la com firmeza, mas o sorriso fraco que conseguiu esboçar não chegou aos olhos.

— Jeremy Knox, acho eu — disse ele quando Jeremy se sentou à sua frente. — Da última vez que te vi, você tinha cabelos escuros. Crise de meia-idade causada pelo último ano?

— Tipo isso — respondeu Jeremy com uma risada. — Parabéns por ter virado capitão. Eu devia ter mandado mensagem quando vi a atualização do elenco.

— Dando a entender que você não apagou meu número anos atrás? — perguntou Torres, e Jeremy só pôde dar de ombros. O Jaguatirica não se importou o bastante para insistir no assunto, mas lançou um olhar avaliador para Jean. — Então você é o infame Jean Moreau. Ouvi muitas coisas a seu respeito.

— Eu não ouvi nada sobre você — retrucou Jean.

— Este é Alejandro Torres — explicou Jeremy. — Nós estudamos juntos no ensino médio. Ele é um dos melhores meias que conheço e montou uma equipe excelente aqui. Jogar no Arizona é sempre um prazer; a torcida deles é fenomenal, e as instalações são lindas. — Então acrescentou, para Torres: — Jean ainda está aprendendo quem é quem entre as equipes do oeste. Talvez demore um pouco para ele associar os nomes aos rostos.

Torres entendeu o que Jeremy não tinha dito.

— Imagino que ele não conheça mesmo a gente. Para os Corvos, nós sempre fomos irrelevantes.

— Vocês tiveram uma temporada muito forte no ano passado — comentou Jeremy. — Estou ansioso para ver como aproveitaram isso e mantiveram o ritmo.

O que quer que Torres fosse responder, perdeu-se no anúncio seguinte:

— Os Linces de White Ridge agora presentes. Treinador Jones, treinador Caper, treinador Hatcher. Capitão Thomas Ennis, vice-capitães Peggy Walter e Adam West.

Jeremy olhou involuntariamente para os recém-chegados. A maior equipe do oeste; havia trinta e três Linces no elenco daquele ano. Com mais de uma dúzia de acompanhantes no meio, a fila parecia não ter fim. Jeremy não se surpreendeu ao ver que os colocaram a uma distância segura da USC, já que o Arizona não tinha nada a ganhar alimentando antagonismos tão cedo na temporada. Os Linces tinham ficado em segundo lugar na divisão quase tantas vezes quanto a

USC tinha ficado em primeiro, e o confronto deles no outono era sempre imprevisível.

Torres não pareceu notar a distração de Jeremy. Ainda estava de olho em Jean quando perguntou:

— E aí, está gostando dos Troianos? Bem diferente dos Corvos, imagino.

— Sim — respondeu Jean, sem elaborar.

A cadeira em frente a Jean já estava ocupada, mas outra Jaguatirica se aproximou para tomá-la. Como o colega não se levantou na hora, ela bateu no ombro dele e soltou, impaciente:

— Saia.

Ele soltou um suspiro de quem se achava muito injustiçado ao ceder o lugar, e ela quase deu uma bundada nele na pressa de se sentar. Jeremy levou um momento para reconhecê-la sem o uniforme, mas o número pendurado em seu pescoço a identificou como uma das goleiras das Jaguatiricas.

A canadense, lembrou ele, meio segundo antes de ela disparar uma sequência rápida de francês contra Jean, que a encarou em silêncio absoluto por vários segundos antes de responder, e então foi a vez de ela o analisar de cara feia. Jeremy olhou de um para o outro, perguntando-se, meio distraído, como poderia policiar a grosseria de Jean se nem sequer entendia o que ele dizia. Os dois pareciam igualmente irritados, mas não a ponto de encerrar a conversa.

— Tudo bem aí? — perguntou Jeremy.

— Devem estar falando horrores da gente — disse Torres, dando uma cutucada na goleira.

— O sotaque dele é, de longe, o pior que eu já ouvi — reclamou ela.

Jean protestou, indignado:

— *O meu?*

Arrancando uma risada dela, os dois voltaram a implicar um com o outro. Torres deu de ombros, impotente, para Jeremy, que se recostou para ouvir. Ele sempre tinha presumido que Jean fosse naturalmente introvertido, e não apenas alguém relutante em falar, mas a facilidade com que ele se sustentava naquela troca com uma desconhecida era reveladora.

Jeremy ficou pensando naquilo conforme tentava encaixar as peças. Jean sempre tinha ficado na defensiva em relação à habilidade de falar inglês, por mais que também estivesse disposto a se esconder atrás da desculpa da barreira linguística quando não queria falar com alguém. Cinco anos de imersão nos Estados Unidos deveriam ter lhe dado um pouco mais de confiança, mas, no mesmo instante em que Jeremy pensou aquilo, sentiu as peças que faltavam se

encaixarem. Jean tinha contado no consultório de Hannah Bailey que aprendera a ler e escrever por meio do curso, no mesmo dia em que dissera: "meu ano de aulas de inglês".

Eu não tinha permissão para falar francês no Ninho, tinha dito. Jean tivera apenas um ano para estudar inglês antes de ser lançado aos tubarões em Evermore. Jeremy se perguntou quanta paciência os Corvos tinham tido com o estrangeiro atordoado que apareceu no meio deles. Não muita, supôs, e aquilo fez seu peito apertar. Logo em seguida, irrompeu uma determinação renovada de dominar o idioma, e Jeremy olhou o celular para ver se William já tinha conseguido um professor para ele. A última mensagem que recebera era uma promessa simples de que procuraria.

Uma mensagem de Ivan Faser chegou quando Jeremy já ia guardar o celular: "Onde você vai ficar hoje à noite?" Jeremy olhou ao longo da mesa, para o defensor. O jogador do terceiro ano abriu um sorriso enviesado e faminto quando seus olhares se cruzaram, e Jeremy ficou oscilando entre o desejo e a repulsa. Faser era muito bom e muito entusiasmado, mas Jeremy não sabia se conseguiria arrastar alguém para a cama ali sem reabrir lembranças demais.

"Me pergunte depois", respondeu ele, "talvez eu já tenha outros planos".

"Sem graça", foi a resposta, seguida de uma sequência de carinhas emburradas.

Jeremy deu de ombros para ele, num pedido silencioso de desculpas, e Faser voltou a atenção aos Troianos sentados à sua frente. A chegada de mais duas equipes, uma logo depois da outra, encerrou a conversa de Jean; o rosto da goleira se iluminou quando a segunda foi anunciada, e ela pediu licença para sair do lugar às pressas. Jeremy não perguntou nada, mas Torres percebeu sua expressão meio perdida e explicou:

— O namorado dela joga por Nevada.

Jeremy assentiu com facilidade.

— Quantas equipes ainda faltam chegar?

Torres inclinou a cabeça para trás, pensando.

— Com Nevada e San Francisco, devem ser dez equipes agora, então… faltam três? Mas não sei te dizer quais, eu não estava prestando atenção. Não, pera, duas — corrigiu, quando outro anúncio interrompeu seu raciocínio. Um dos jogadores das Jaguatiricas se aproximou para falar algo ao seu ouvido enquanto apontava para o outro lado do salão, e Torres cruzou o olhar com Jeremy antes de inclinar a cabeça para lá. Jeremy respondeu com um aceno de entendimento, e as duas Jaguatiricas saíram juntos.

Jeremy encostou de leve o joelho no de Jean e apontou para dois homens em pé no meio do salão.

— Representantes do CRE — disse. — O Schumaker está nisso há uma eternidade, mas não me lembro do mais novo. Willis? Williamson? Ah… Laila?

— Whitney — respondeu ela sem hesitar.

— Eu poderia viver cem vidas e nunca seria tão inteligente quanto você — disse Jeremy.

— Talvez se você aprendesse a ler — rebateu ela.

Jeremy levou a mão ao peito.

— Eu leio para as aulas. Isso conta pra algo.

— Companhia — disse Jean, meio segundo antes de algo cair diante do rosto de Jeremy, que nem tinha ouvido ninguém se aproximar por trás em meio a todo barulho, mas baixou os olhos, intrigado, para os doces espalhados sobre seu jogo americano. Ia se virar para ver quem tinha levado um presente tão estranho quando a cadeira de Torres foi puxada do outro lado da mesa.

— Jeremy Wilshire — disse Rusty Connors, sentando-se, e Jeremy esqueceu de imediato o homem atrás dele. — Estávamos apostando se você apareceria este ano. O JJ aqui dizia que você não teria coragem, mas tive fé. Ano passado e tudo mais. Não tinha como você resistir.

Jeremy sorriu para o goleiro dos Linces.

— Ainda é Knox, na verdade.

Connors tinha um punhado do mesmo doce que JJ Lander tinha dado a Jeremy, tubinhos de papel coloridos cheios até a borda de açúcar em pó. Rasgou a ponta de um, despejou o conteúdo na boca e mostrou a Jeremy a nova mancha azul na língua.

— Mas você conhece a gente. Sempre feliz em ter você por perto. Vamos até fazer um encontrinho depois, em homenagem aos velhos tempos. Você deveria aparecer.

Ele rasgou a ponta de outro tubinho, mas, em vez de comer, despejou o conteúdo numa linha lenta sobre o jogo americano diante de si. Debaixo da mesa, Laila cravou os dedos na coxa de Jeremy com força suficiente para deixar marcas. Jeremy se obrigou a voltar a atenção ao rosto de Connors e a manteve ali, mesmo enquanto o outro fazia mais uma fileira perfeita. Os tubinhos restantes ele atirou pela mesa contra Jeremy, aumentando a pequena pilha à sua frente. Então lambeu a ponta do dedo, encostou em uma das linhas e levou à língua sem desviar os olhos de Jeremy.

— Agradeço o convite — disse Jeremy —, mas vou passar desta vez.

— Que pena — retrucou Connors. Ele cutucou o jogador das Jaguatiricas ao lado e comentou: — Esse garoto aqui costumava ser festeiro, sabia?

— Legal — respondeu o defensor, sem o menor interesse, com um gesto para Jeremy. — Se você não vai comer isso, posso pegar? Minha irmã é obcecada por esses negócios. Valeu — acrescentou quando Jeremy começou a recolher os tubinhos espalhados. — Ela vai te encher de elogios quando estiver ligada no duzentos e vinte mais tarde.

— Ela veio com você? — perguntou Connor.

— Quê? Aqui? Lógico que não, cara, ela tem oito anos.

— E você? — Connors perguntou a Jeremy, que congelou com a mão no meio do caminho até o jogador das Jaguatiricas. — Quero dizer, você ainda tem uns irmãos sobrando, não tem?

— Já chega — advertiu Laila. Jeremy ouviu as palavras, mas não conseguiu se agarrar a elas; ficou preso em algum lugar entre um batimento e outro. Encontrou a mão de Laila debaixo da mesa, e ela largou de imediato a perna dele para entrelaçar os dedos de ambos. — A gente não veio aqui pra brigar com você. Se comporte ou caia fora.

— Quem está brigando? — perguntou Connors, voltando um olhar expectante a Jeremy. — Eu só estou puxando assunto.

Jeremy enfim conseguiu largar os doces e recolher a mão.

— Com certeza — disse, com uma calma que não sentia —, mas eu não tenho interesse em falar da minha família com você. Arranje outro assunto ou volte à sua mesa.

Connors ignorou e perguntou:

— São quantos? Pelo menos dois, certo?

Ele olhou para o companheiro de equipe atrás de Jeremy, como se esperasse confirmação. Jeremy presumiu que Lander tivesse assentido, porque Connors fez um gesto triunfante ao voltar toda a atenção a Jeremy. Em seguida, inclinou-se para a frente, desafiando Jeremy a partir para cima, ciente de que ele não o faria.

— Você podia ter trazido pelo menos um. Ouvi dizer que você está hospedado no Refúgio do Cavaleiro, que nem a gente. Não sabia? Hóspedes não têm acesso ao terraço de lá.

Aquilo foi o bastante para abrir um buraco no peito dele, mas Jeremy só conseguiu soltar um vazio:

— O quê?

Antes que pudesse ir além, o punho de Jean desceu entre os dois com força suficiente para fazer todos os talheres da mesa comprida estremecerem. As

conversas cessaram pelo salão; em poucos instantes, o único som era o arrastar de cadeiras enquanto atletas curiosos se viravam para assistir à cena. Jeremy sentia com nitidez os olhares julgadores do CRE, mas não conseguia tirar os olhos de Connors por tempo suficiente nem para lhes lançar uma careta de desculpas.

Connors examinou a mão que quase tinha acertado seu nariz antes de encarar Jean com um olhar calculista.

— Você errou.

— Desta vez — avisou Jean.

— Jean — disse Jeremy, à espera de que ele captasse o *não* no tom seco da sua voz.

Jeremy não precisava entender o que Jean tinha dito para saber que tinha sido grosseiro. Jean se inclinou um pouco para dentro do espaço dele, mas manteve o olhar frio fixo em Connors ao perguntar, em inglês:

— White Ridge. Certo?

— Sim — respondeu Jeremy. — Connors é o goleiro titular deles.

— E você é Jean Moreau — disse Connors, medindo Jean de cima a baixo. — Ouvi muito a seu respeito. Meus pêsames, lógico, por você ter ido parar com os Troianos. De quem foi a ideia de colocar um rinoceronte numa casa de chá? — Jean olhou para Jeremy, sem expressão, e Jeremy desenhou chifres diante da própria testa com um dedo. Connors entendeu o problema na mesma hora e continuou: — Um brutamontes como você precisa de uma equipe que estimule os seus talentos. Você devia ter ido para o norte.

— Para a Pensilvânia? — perguntou Jean.

— Pra Spokane — enfatizou Connors. O barulho que Jean fez pôs um fio cortante no sorriso dele, e o goleiro conseguiu completar o restante sem dificuldade: — Você não acha que a gente é bom o bastante pra você, mas a USC nem dá o devido valor ao que você faz. Te colocar na segunda escalação? Que vergonha.

— Melhor ficar na segunda escalação aqui do que ser mandado para um beco sem saída lá — disse Jean. O sorriso sumiu do rosto de Connors, mas Jean ainda não tinha terminado. Fez um gesto displicente com os dedos e acrescentou: — Já ouvi o bastante a respeito de vocês pra saber que não é diferente de Penn State ou Edgar Allan. Vocês se apoiam em tamanho e agressividade para ganhar jogos. É fácil, é satisfatório, e já vi isso tudo antes. Se quero melhorar, preciso tentar algo novo. Este é o único time que importa.

— Isso é ridículo — disparou Connors.

— Eu sou da seleção dos sonhos. Não erro quando se trata de Exy.

— Ninguém aqui acredita nisso de verdade, né? — Connors olhou para os Troianos e as Jaguatiricas que acompanhavam a troca com um interesse repleto de tensão. Depois fez um gesto amplo para os dois homens sentados à sua frente e insistiu: — Todo mundo sabe o verdadeiro motivo de você estar na USC. Não sabe, Wilshire?

Jeremy sabia que era melhor não cair na provocação, mas mesmo assim disse:

— Nos explique, Connors.

Para a sorte de todos, Torres voltou naquele instante.

— Tire essa bunda da minha cadeira.

Connors o ignorou com um dar de ombros.

— Já vou.

— Um — disse Torres com um puxão brusco na cadeira. Ele manteve os olhos fixos na cabeça de Connors, mas apontou por cima da mesa para Lander. — Melhor repensar o que quer que você esteja prestes a dizer. Eu vou descer a porrada em vocês dois, diante de Deus e do CRE, se não saírem de perto do meu time. A gente colocou vocês do outro lado da sala por um motivo.

Connors fez questão de bater a cadeira em Torres ao se levantar. Mais de uma Jaguatirica também ficou de pé, pronta para sair no soco se fosse preciso, mas Connors manteve os olhos no rosto erguido de Jeremy e disse apenas:

— Bom te ver de novo. Vou dizer a Dex que você mandou lembranças.

— Me passe o número novo dele, e eu mesmo digo — sugeriu Jeremy, e Laila quase esmagou a mão dele em advertência. Jeremy a ignorou, mais interessado no veneno que começava a transparecer na expressão de Connors. Por fim, ele tornou a sorrir e, num tom despreocupado, disse: — A gente se vê na quadra na semana que vem. Tenho certeza de que vai ser divertido.

Torres mal esperou Connors sair do caminho para retomar sua cadeira, e então franziu a testa para o jogo americano diante de si.

— Que porra é essa? — quis saber, apontando para as fileiras de açúcar que Connors tinha deixado para trás. — Tem alguém cheirando pó na minha mesa ou nem preciso perguntar?

O defensor da equipe dele riu e exibiu orgulhoso sua coleção de tubinhos.

— É doce, capitão. Olhe só!

Jeremy tinha praticado a frase de Jean até acertar direitinho, mas ali estava tudo embaralhado na cabeça. O melhor que conseguiu foi um casual:

— Me arruma um? — para Torres, enquanto se soltava de Laila e se levantava. Ele meio que esperava que o ex-companheiro de equipe recusasse, mas, depois de um instante, Torres lhe estendeu o maço de cigarros. Estava pesado o bastante para Jeremy saber que o isqueiro estava lá dentro, então ele sorriu em agradecimento e se afastou.

Jean o agarrou pelo pulso.

— Não.

Jeremy testou a força do aperto que deixaria marcas.

— Vem comigo.

A expressão de Jean mostrava que ele não estava nem um pouco a fim de ceder àquela birra, mas, no fim, soltou. Jeremy saiu andando sem esperar por ele, e o peso de olhares o acompanhou até a porta.



CAPÍTULO QUINZE

Jeremy

O calor sufocante do lado de fora em nada ajudou a melhorar o humor de Jeremy, mas pelo menos ali ele podia respirar melhor. Um ônibus fretado encostou na entrada quando ele empurrou a porta, deixando a penúltima equipe no centro de convenções. A do Norte do Arizona, era provável; Jeremy não conseguia pensar em nenhuma outra equipe que estivesse perto o bastante para já viajar com a roupa do banquete. Ele ficou parado só por tempo suficiente para segurar a porta para Jean e então seguiu pela lateral do prédio o mais depressa possível.

Na metade do caminho, por fim, parou e se sentou no meio-fio. Jean arrancou os cigarros da mão dele e os jogou de lado no mesmo instante. Jeremy suspirou e fez menção de ir atrás deles, mas Jean colocou as duas mãos em seus ombros para mantê-lo no lugar. A incredulidade e a reprovação conferiam um tom duro à voz dele quando insistiu:

— Você não é tão estúpido assim.

— Tem certeza? — perguntou Jeremy.

A julgar pela linha rígida da boca de Jean, não era aquela a resposta que esperava ou queria ouvir. Jeremy conseguiu empurrá-lo para longe e se levantar. Manteve distância enquanto acendia o cigarro e acompanhava a fumaça se enrolando no ar, para poder ficar a favor do vento e longe de Jean. Acabou com um terço do cigarro numa tragada só, então rezou para que a nicotina fizesse seu trabalho e fez uma careta diante da irritação no tom de Jean.

— Jeremy.

Já teria que ouvir um sermão de Laila mais tarde. Não precisava de um naquele instante.

— Obrigado — disse ele, aproveitando o silêncio confuso de Jean para explicar: — Por não ter batido nele. Eu sei que você queria. E sei que teria conseguido. Obrigado por ter se controlado.

Jean fez um gesto cortante no canto do campo de visão dele.

— Me deixe bater nele. Vou garantir que ele nunca mais jogue. — Quando Jeremy apenas balançou a cabeça, Jean prometeu: — Não vão ter testemunhas.

— Ficaria a palavra dele contra a sua — disse Jeremy com um sorriso sem força. — E acreditariam nele sem nem pensar duas vezes. Não porque alguém ache, de coração, que ele merece o benefício da dúvida, e sim porque seria mais divertido acreditar que os Troianos enfim perderam a linha. Acho que eles estão se cansando da gente — admitiu Jeremy enquanto jogava as cinzas de lado. — São tão rápidos para elogiar nosso espírito esportivo, mas o que querem mesmo é o drama de ver a gente cair no desfavor.

— Por mais que você lute contra isso — disse Jean. — Eu não entendo essa sua obsessão.

Jeremy já tinha tentado explicar antes. Tudo aquilo ainda era verdade, a alegria de um jogo bem jogado, a mensagem que sua equipe queria passar. Contudo, aquelas mesmas justificativas não o levariam a lugar nenhum naquele dia. Tinha mais coisa ali, e Jean sabia. Jeremy virou a mão de um lado para o outro, conforme observava a brasa se embaralhar e fazia o cigarro dançar entre os dedos, então respondeu em voz baixa:

— Redenção, talvez.

Foi o bastante para fazer com que Jean o olhasse por um longo tempo, em silêncio. Jeremy olhou para o outro lado do estacionamento, onde um grupinho começava a se reunir. A última equipe estava quase chegando. Jeremy suspirou, arrependido, e terminou o cigarro o mais depressa que pôde. Amassou a bituca no meio-fio e a enfiou no bolso para jogar fora no caminho de volta.

Eles já estavam na metade do trajeto até a porta quando Jean disse:

— Dex. Dexter? Seu amigo.

Jeremy parou, surpreso.

— Cody não diria que ele é meu amigo.

— Não — concordou Jean. — Os repórteres falaram esse nome no primeiro dia de aula. Eu não conheço esse nome.

— Dexter Rollins foi capitão dos Linces por três anos seguidos — disse Jeremy —, mas ele já estava no quinto ano quando eu entrei, então só o encontrei uma vez. No banquete de outono — confirmou, quando Jean olhou por cima do ombro dele para o prédio. O fato de o nome de Dexter não ter aparecido na versão de Cody era estranho. — O que Cody te contou, exatamente?

Jean hesitou antes de responder:

— Noah.

Jeremy sentiu o luto apertar seu peito, mas Jean não elaborou. Jeremy nunca tinha gostado tanto dele quanto naquele instante. Puxou o ar devagar, na tentativa de acalmar o coração acelerado, e perguntou:

— E sobre a festa?

— Só que você foi a uma festa.

A tentação era uma fera faminta. Ele tinha dito que não mentiria para Jean, mas a verdade era uma confusão repleta de camadas, que ia em muitas direções que de nada importavam. Omitir não era mentir, mas aquilo não explicava o enjoo pesado que corroía sua garganta ao considerar a possibilidade. Jeremy não percebeu que tinha desviado o olhar até Jean o segurar pelo queixo e virar seu rosto de volta.

O aviso de Jean partiu baixo:

— Você prometeu.

— Eu prometi — concordou Jeremy —, mas não é hora de entrar nesse assunto. — Quando Jean não o soltou, Jeremy fez um gesto para a equipe que se aproximava e tentou outra vez: — Você disse que os detalhes não importavam hoje, então a gente conversa amanhã. Pode ser? Eu compro café pra nós dois e te conto tudo o que você quiser saber.

Jean não respondeu, mas o soltou.

Jeremy conseguiu fazer com que chegassem à sala de conferências alguns instantes antes dos últimos convidados. Como era de se esperar, Laila e Cat tinham trocado de lugar na ausência dele. Jeremy se recusou a levar para o lado pessoal, mas empurrou os cigarros de Torres pela mesa.

Levou apenas alguns minutos para a décima terceira equipe encontrar suas respectivas mesas, e então o treinador principal do Arizona se levantou para

fazer as apresentações e dar as boas-vindas. Enquanto ele falava, a equipe do bufê empurrava carrinhos entre as mesas e distribuía os pratos. Jean examinou a refeição com a desconfiança estampada, até Cat se inclinar por trás de Jeremy e sinalizar de maneira discreta que estava tudo bem. Jeremy não deixou de notar o olhar curioso que Torres lançou de um para o outro, mas o capitão das Jaguatiricas não comentou nada.

Ou Connors tinha conseguido o que queria com aquela breve visita, ou alguém tinha feito uma reclamação aos organizadores enquanto Jeremy estava fora; fosse lá o que tinha ocorrido, os Linces passaram o restante da noite bem longe dele. Jeremy conseguiu dedicar sua atenção às outras equipes e fez o possível para apresentar Jean a todo mundo que conhecia. Como era de se esperar, a fluência de Jean em inglês parecia diminuir conforme os assuntos ficavam mais pessoais. Jeremy fazia o possível para puxar a conversa de volta sempre que ela escapava para a família de Jean ou para os Corvos.

Metade da noite tinha se passado quando Jeremy percebeu o esforço que os Troianos estavam fazendo em nome de Jean. Derek e Derrick apareceram com alguns amigos que tinham feito ao longo dos anos, empolgados para exibir o colega infame, e Jeremy ouviu Tanner falando maravilhas dele num dos encontros dos calouros. Ashton fez questão de apresentar a irmã, veterana em Oregon State, e ela chamou várias companheiras defensoras para irem ver Jean de perto. Alguns jogadores que tinham estudado francês no ensino médio, ou que estavam estudando naquele momento, passaram por lá para praticar com Jean, que, por sua vez, deu atenção a todos.

Encontrar motivos para celebrar os colegas e os adversários era a marca registrada dos Troianos, mas a empolgação escancarada e tão sincera da equipe, somada à postura mais reservada de Jean, fez milagres pela imagem dele. Ao longo da noite, as conversas começaram a sair da curiosidade invasiva e das fofocas indelicadas e caminharam, aos poucos, para uma empatia repleta de cautela: além de tudo o que já tinha dado errado naquele verão, a notícia de que a USC estava cercada por paparazzi também tinha se espalhado. O fato de eles terem precisado fechar os portões do campus já na primeira semana de aula era simplesmente ridículo.

Apesar do começo desastroso da noite, Jeremy considerou o banquete um grande sucesso. Jean não parecia tão impressionado, a julgar pelo tom amargo com que comentou, quando enfim voltaram ao saguão do hotel naquela noite:

— Vou passar uma semana sem falar com ninguém.

Cat riu e passou um braço pelo dele.

— Você mandou bem! Acho que gostaram de você.

— Eu não preciso que gostem.

— Mas não é bom? — perguntou Cat conforme tentava, sem sucesso, arrastar Jean até os elevadores. — Depois de toda a crueldade da primavera e do verão, não é bom enfim ver esses boatos serem deixados de lado para que as pessoas saibam quem você é de verdade?

— Elas não sabem quem eu sou de verdade, já que vocês não me deixam dizer o quanto são irrelevantes em quadra.

— Jean, tratar os outros com respeito faz parte da vida — comentou Laila. — Se você diz que eles não conhecem seu verdadeiro eu quando está sendo educado, o que isso diz a nosso respeito? Esses times vão ser eternos desconhecidos pra gente, ou eles só enxergam as nossas melhores partes, aquelas que incentivam o melhor neles também?

Jean fez um gesto para ignorar o que ela dizia, mas Laila não cedeu.

— O que se ganha ridicularizando alguém? Dar um conselho que ajude a pessoa a jogar melhor ou a não repetir um erro é útil. Ficar humilhando alguém por cometer um erro, quando todo mundo tem dias ruins, não leva a lugar nenhum. Ou você vai me dizer que não consegue identificar os próprios erros sem alguém pegando no seu pé?

— Isso faz parte do processo.

Cat pesou aquelas palavras em silêncio antes de perguntar:

— Você sente vontade de me bater? Quando eu tomo um drible no treino, quando interceptam meus passes, quando eu não consigo impedir meu marcador de arremessar no gol, digo. Você sente vontade de quebrar a raquete nas minhas costas?

Jean pareceu pego de surpresa.

— Não.

— Mas você não quer que eu melhore?

— Quero, mas… — Talvez ele estivesse imaginando o rosto de Cat coberto de hematomas, o sangue secando no canto da boca. Jean levou a mão até ela, como se procurasse machucados que não estavam ali, e Jeremy sentiu um aperto no peito. O olhar de Cat ficou mais suave, e ela puxou a mão de Jean para dar um beijo na palma. Por fim, Jean disse: — Você não. Não desse jeito.

— Então até você sabe que não precisa disso — disse Laila.

Jean desviou o olhar e não respondeu. Em vez de o forçar a admitir aquilo em voz alta, Cat tentou puxá-lo mais uma vez para os elevadores. Jean fincou os pés no chão no mesmo instante e disse:

— Não. Eu não vou entrar nesse troço. Vou de escada.

— A gente encontra vocês lá em cima — disse Jeremy às meninas.

Laila segurou a manga de Cat, e as duas trocaram um longo olhar. Cat tirou os saltos e pendurou as tiras nos dedos.

— Onde fica a escada? — perguntou. Assim que Jean apontou, ela saiu com um alegre: — Aposto corrida até lá em cima!

Jeremy fez menção de ir atrás deles, mas Laila o agarrou pelo bolso de trás da calça. Então, ela falou para Jean:

— A gente já encontra vocês. — E arrastou Jeremy para o elevador. Não havia a menor chance de conseguir um elevador vazio com meia dúzia de equipes dividindo o hotel naquela noite, mas os dois foram os únicos a descer no oitavo andar.

Apesar das cinco paradas para deixar outros atletas pelo caminho, chegaram ao quarto antes de Cat e Jean. Laila se sentou na beirada da cama de Jeremy, enquanto ele fazia de tudo para afrouxar a gravata. Quando a jogou de lado, Laila abriu os braços, e Jeremy afundou no abraço apertado dela. Sem doze outras equipes para distraí-lo, ou Jean para manter sob observação, era inevitável que ele deslizasse de volta pela estrada das memórias. Jeremy enterrou os dedos no cabelo escuro de Laila e ficou olhando além dela, para a parede do outro lado do quarto.

— Ainda bem que eu vim — disse.

— Ainda bem? — retrucou Laila em voz baixa.

Ele não tinha uma resposta simples para aquilo, mas o toque do celular o salvou de pensamentos miseráveis. Laila se afastou um pouco para que ele pudesse tirar o aparelho do bolso. Jeremy já sabia quem era antes mesmo de abrir as mensagens e, por um instante, ficou tentado a bloquear o número de Faser. Leu a mensagem duas vezes, se esforçando para equilibrar o bom senso com os nervos já em frangalhos.

Tomou a decisão quando ouviu o clique da fechadura se abrindo, e Jeremy digitou uma resposta rápida, enquanto Cat e Jean entravam no quarto. A única roupa limpa que tinha era a que usaria no dia seguinte, então tirou a camisa e colocou a regata da manhã. Fingiu não notar a cara de reprovação de Laila enquanto procurava o short.

— Não vai pôr um pijama? — perguntou Cat e se jogou ao lado de Laila. — Achei que a gente fosse pedir comida no quarto e ver o jogo das Raposas, sei lá.

— Eu vejo depois — disse Jeremy. — Vou dar uma saidinha.

A mensagem seguinte de Faser chegou antes que Cat pudesse interrogá-lo, e ela riu ao reconhecer o toque.

— Ah. Diga que a gente mandou oi.

— Acho que não — admitiu Jeremy. Ele pegou o cartão-chave na mesa de cabeceira ao sair. O olhar fixo de Jean era um peso que ele se recusava a devolver, e Jeremy só ficou parado à porta por tempo suficiente para se certificar de que a fechadura tinha travado. Ignorou os elevadores cheios e seguiu para a escada, correndo até o térreo. Faser estava estacionado perto do centro de convenções, onde haveria menos olhares curiosos, e a porta do passageiro já estava destrancada.

O banco estava reclinado ao máximo para que Jeremy ficasse fora de vista de qualquer um que passasse, e Faser jogou um boné no colo dele antes mesmo que a porta se fechasse. Jeremy puxou o boné para baixo, cobrindo o rosto, e apalpou em busca do cinto.

Faser passou a mão pela coxa dele, demoradamente, num gesto de apreciação.

— Não achei que você viria. Fico feliz que tenha mudado de ideia.

— Eu também — disse Jeremy, e, mesmo que não fosse totalmente verdade, pelo menos soara convincente. — Vamos sair daqui.

— Com prazer — concordou Faser e saiu com uma arrancada de cantar pneu.

A última vez que eles tinham transado tinha sido depois de um jogo em casa, em Los Angeles, então Jeremy não sabia ao certo onde ficava o apartamento de Faser a partir dali. Depois de cinco minutos, concluiu que já tinham se afastado o bastante para estarem seguros e jogou o boné no banco de trás. O outro homem não reclamou quando Jeremy se endireitou, mas enfim tirou a mão de cima dele. Dez minutos depois, eles entraram num conjunto escuro de meia dúzia de prédios baixos.

— Mandei meu colega de quarto vazar — disse Faser conforme estacionava e desligava o carro.

O apartamento dele ficava no térreo, três portas à esquerda. Jeremy tirou os sapatos com a ponta dos pés, arrancando um olhar divertido de Faser enquanto o outro seguia mais para dentro do apartamento. Metade das paredes estava coberta de pôsteres de filmes, e o cheiro enjoativo de aromatizador não conseguia esconder o odor de maconha ainda impregnado no ar. Se o colega de quarto de Faser tinha mesmo ido embora, não fazia muito tempo. Jeremy ficou perto da porta, enquanto Faser dava uma olhada no lugar.

— Só nós dois — gritou Faser de algum ponto fora de vista.

Jeremy seguiu a voz até uma cozinha apertada. O outro estava alinhando uma fileira de copinhos de shot. Em cima da geladeira, havia um monte de garrafas de bebida, e Faser ficou mexendo nelas até achar a que queria. Jeremy colocou uma mão de aviso em seu ombro.

— Calma. Você ainda vai ter que me levar de volta depois.

— Calma — devolveu Faser e serviu as doses com um ar despreocupado e satisfeito. — Pegue um táxi pra voltar, playboyzinho.

Jeremy conseguia imaginar quão desastrosa seria a conversa com os pais, mas aquilo não era problema de Faser. Obrigou-se a soltar o ombro dele e sorrir, e Faser largou a garrafa para beijá-lo.

— Vamos nos divertir um pouco — murmurou contra os lábios de Jeremy, mas ele nem precisava ouvir as palavras, não quando a mão de Faser já estava enfiada no bolso do short dele. Os nós dos dedos pressionavam sua pele com insistência. Ele resolveria aquilo depois; por ora, pegou o copinho de shot que lhe fora oferecido e virou de uma vez.

— Isso — comemorou Faser e começou a beber do outro lado da fileira. — Me fale do seu Corvo.

— Você quer mesmo falar do Jean agora?

— Ele foi bem rápido pra se meter entre você e o Connors — comentou Faser. Se percebeu que Jeremy tinha parado na segunda dose, não comentou; continuou a descer a fileira com uma velocidade impressionante. — Só estou tentando entender o que devo pensar. Eu ouvi o que andaram falando dele na primavera, e nós dois sabemos que você é um puto sem vergonha.

— Disse o cara que me chamou pra vir aqui — retrucou Jeremy, frio o bastante para fazer Faser rir.

— Não consigo decidir. Ou ele é tão puto quanto você, ou os Corvos estão usando o seu histórico para acabar com a reputação dele. E, depois que a USC entrou no meio, quem é que duvidaria? Eles já aguentam suas confusões, então é lógico que também topariam aceitar alguém como ele. — Faser virou o último shot e largou o copinho no balcão com um estalo. — Me ajude a entender. Você já trepou com ele?

Jeremy puxou a mão de Faser para longe.

— Eu não vim aqui pra fofocar sobre o Jean. Se é só isso que você quer, vou cair fora.

Faser se soltou e segurou a nuca dele com firmeza. O olhar que lançou a Jeremy chegava perto da piedade.

— Acho que você não vai, não — disse, antes de se inclinar para beijá-lo. Ele deslizou a mão livre para dentro do short de Jeremy e apertou sua bunda, puxando-o de encontro ao próprio corpo. Jeremy tornou a agarrar o pulso dele num aperto brutal, e Faser revirou os olhos diante daquele aviso silencioso. — Guarde os seus segredos, estraga-prazeres, mas tire logo a roupa.

— Eu não vou chupar você no chão da cozinha.

Faser não precisou ouvir duas vezes e o arrastou pelo corredor. A bebida deixava Jeremy desajeitado e carente, mas ele sabia usar aquela avidez a seu favor sem dificuldade. Tirou Jean e Connors da cabeça e se concentrou no calor faminto do abraço de Faser.

Faser já estava roncando poucos minutos depois de Jeremy enfim se afastar dele, e ele encarou o teto enquanto pesava as próprias opções. O mais fácil seria pegar o carro de Faser emprestado e transformar aquilo num problema dele; decerto algum colega de equipe poderia levá-lo de volta ao centro de convenções no dia seguinte para buscar o carro. Entretanto, o carro de Faser era manual, e Jeremy não tinha certeza de que não faria o veículo morrer duas quadras depois. Voltar a pé estava fora de cogitação, considerando o quanto tinham dirigido. A única solução sensata era chamar um táxi e lidar com o desgosto dos pais quando vissem a cobrança cair na conta.

Ele saiu da cama e se vestiu. O celular não estava mais nos bolsos, mas ele o encontrou perto da porta do quarto, onde devia ter caído. Jeremy baixou os olhos para o relógio. Eram quinze para uma, mas talvez seus amigos ainda estivessem acordados. Todas as reuniões do dia seguinte eram para os treinadores: encontros com os árbitros, um painel com os representantes do CRE e outras coisas igualmente tediosas. Os Troianos não tinham compromisso nenhum até a hora de ir embora do Arizona, então podiam ficar acordados até quando quisessem.

Jeremy rezou por um pouco de sorte e mandou:

"Tá acordada?"

Laila respondeu na mesma hora.

"Sim."

Ele passou o celular de uma mão para a outra, travando uma guerra silenciosa consigo, e por fim escreveu:

"Ele está bêbado demais pra me levar de volta."

Jeremy lançou um último olhar para o rosto relaxado de Faser antes de seguir pelo corredor até a cozinha. A resposta de Laila chegou enquanto ele revirava a geladeira atrás de água, e Jeremy deixou a garrafa para lá, preferindo

caçar alguma correspondência. Não havia nada perto da porta, e os panfletos jogados na lixeira da reciclagem estavam rasgados demais para serem úteis, mas acabou encontrando uma propaganda de pizzaria na mesa de centro. Mandou o endereço de Faser a Laila e se sentou para esperar.

Demorou quase meia hora, mas por fim Laila mandou uma mensagem para que ele saísse. Jeremy não tinha como trancar a porta, então torceu em silêncio para que o colega de quarto de Faser voltasse logo. Sair do prédio foi fácil, e ele foi direto ao táxi parado no meio-fio. Laila estava à espera no banco de trás. Não disse nada quando ele entrou, sensata demais para puxar aquele assunto com o motorista ouvindo tudo.

Mesmo assim, Jeremy arriscou um envergonhado:

— Desculpe — disse enquanto afivelava o cinto.

— De volta ao Refúgio do Cavaleiro? — perguntou o motorista.

— Sim, obrigada — respondeu Laila.

Foi uma corrida silenciosa, e Jeremy prestou atenção no valor total quando foram deixados no hotel. Não sabia se conseguiria separar dinheiro suficiente para devolver a ela, mas daria um jeito diferente de compensar sem chamar a atenção dos pais: pagar as compras do mercado dela, talvez, ou comprar um vale-presente da livraria do bairro. Não tinha uma caneta para anotar o valor, então mandou por mensagem para conseguir encontrar depois. Laila olhou automaticamente para o celular quando ele apitou, mas não comentou nada.

O silêncio só durou até entrarem no elevador. Àquela hora, estavam sozinhos ali dentro. Ela lançou um olhar sério para ele e perguntou:

— Você *bebeu*?

Jeremy observou os números subindo acima da porta.

— Só um pouco. Dois shots — disse quando percebeu que ela continuava a encarar. — Eu sei os meus limites, Laila.

— Acho que não sabe, não.

Ele a encarou, magoado, mas Laila não correspondeu. A atenção dela estava fixada no pescoço dele, e ela diminuiu a distância entre os dois para encostar os dedos com cuidado. Até aquela pressão leve doeu. Jeremy se lembrou da força com que Faser o tinha segurado, deixando marcas, enquanto o provocava até o rapaz perder a cabeça. Na hora, tinha sido fácil ignorar, porque os palavrões ofegantes e desesperados de Faser eram muito mais interessantes do que qualquer incômodo. Jeremy puxou a camisa num gesto inquieto, mas a regata de nada adiantava para protegê-lo do peso do olhar dela.

Laila não aliviou.

— Eu não gosto dele, Jeremy. Não saia com esse cara de novo.

— Você não gosta de nenhum deles — murmurou Jeremy.

— E com razão. Vai te matar transar com alguém que te respeite?

O tom cortante nas palavras dela avisava que não era hora de discutir. Jeremy deveria deixar passar, mas cruzou os braços e desviou o olhar.

— Faser me culpa pelos boatos de Jean. Disse que é culpa minha que os Corvos tenham falado aquelas coisas nojentas a respeito dele depois que foi transferido. — Ele batucou, agitado, os dedos no bíceps e arriscou olhar para ela. O fato de Laila não parecer surpresa com aquela teoria piorava tudo. — Todo mundo pode acreditar que ele conseguiu vaga na nossa escalação e na seleção dos sonhos dando pra meio mundo porque fomos nós que assinamos com ele. Fui eu que estabeleci o precedente do que a USC está disposta a bancar.

— Jeremy — disse Laila, mas se conteve quando o elevador desacelerou até parar. O corredor estava vazio quando saíram, mas Laila ainda lançou um olhar demorado para o entorno antes de voltar a atenção a ele. As mãos dela foram gentis quando enfim o puxou para perto até encostar a testa na dele. — Da próxima vez que você for pra cama com o Faser, eu arranco suas bolas com meu cortador de unha. Entendeu?

Jeremy se encolheu.

— Jesus, Laila.

— Eu perguntei se você entendeu.

— Entendi, entendi. — Ele se apressou em responder, e Laila passou o braço pelo dele com um aceno satisfeito.

Ela bateu à porta do quarto dele, mas Jeremy já tinha tirado o cartão-chave do bolso e passado no leitor. Cat já estava na metade do caminho até a porta quando eles entraram e parou de repente para encarar Jeremy.

— Me diga que isso aí são chupões — soltou ela, cortante e incrédula. Jeremy fez um gesto para ela falar mais baixo, enquanto Laila fechava a porta depressa. — Que porra é essa, Jeremy?

Jeremy a dispensou com um movimento da mão.

— Não esquente com isso. — Ele olhou para Laila e apontou por cima do ombro, para o banheiro. — Vou tomar um banho rápido. Vocês duas ainda vão estar aqui quando eu sair ou já estão prontas…?

O estalo de uma mão batendo na madeira quase fez Jeremy perder uns três anos de vida de susto, e ele ficou olhando, sem reação, para o braço barrando a entrada do banheiro. Nem tinha ouvido Jean se levantar, mas ele estava a poucos centímetros dele. A expressão no rosto de Jean quase esmagou o ar dos pulmões

de Jeremy, e ele se lembrou tarde demais das mordidas sangrentas e das unhas de Jean abrindo riscos no próprio pescoço.

— Me dê um nome — disse Jean. — Eu o mato.

— Amor, espere. — Cat estendeu a mão para Jean, e Jeremy se moveu sem pensar. Quase não foi rápido o bastante, mas conseguiu segurar o braço de Jean no meio do impulso automático e puxá-lo na própria direção. O reconhecimento chegou um segundo tarde demais, e Jean lançou um olhar rápido para Cat.

Ela ergueu as mãos, não para se defender, e sim para apaziguar, e recuou, afastando-se dele.

— Desculpe. A culpa foi minha. Desculpe.

— Jean — tentou Jeremy, mas Jean demorou a voltar a encará-lo. Jeremy o soltou antes de perguntar: — Você está bem?

A raiva voltou num instante, repleta de incredulidade, junto de um seco:

— Se eu estou bem?

— Eu estou bem — reforçou Jeremy. — Ela está bem. E você?

— Um nome — insistiu Jean.

— Não — disse Jeremy, ignorando a cara feia que a recusa arrancou dele. — Tá tudo bem, Jean. Isso não é… não é o mesmo que… — Ele se atrapalhou à procura de uma maneira delicada de terminar aquela frase. O melhor que conseguiu foi insistir. — Ele não quis me machucar. Só bebeu um pouco demais, aí ficou meio sem noção com as mãos. Foi só isso. Eu te falaria se fosse algo com que você precisasse se preocupar, prometo.

— Promete, sim.

Jeremy ouviu a acusação ali.

— Se você não confia em mim, confie na Laila. Ela odeia todos os meus parceiros; não protegeria nenhum deles de você.

— Verdade — concordou Laila, mas Jean a cortou, feroz.

— Eles não são seus parceiros — falou em voz alta.

Jeremy só conseguiu encará-lo, e Jean disse algo cruel em francês antes de enfim recuar. Afastou Cat do caminho com uma mão rápida no ombro dela e atravessou o quarto como se mal conseguisse suportar continuar no mesmo espaço que Jeremy. O silêncio que caiu no quarto era desconfortável, tenso, e enfim Laila cutucou Jeremy.

— Banho — disse ela. — Deixe seu celular comigo; vou bloquear o número dele.

Jeremy entregou o aparelho antes de enfim se refugiar no banheiro. Ficou debaixo do chuveiro até os dedos enrugarem e o vapor deixar seus pulmões

pesados, quase melados. Tentar se secar ali dentro foi um exercício inútil, então enrolou uma toalha na cintura antes de sair.

Já estava na metade do caminho até as camas quando percebeu que as meninas tinham ido embora, e não soube dizer se lamentava ou não a ausência delas. Jean estava sentado de pernas cruzadas no meio da cama dele, o celular nas mãos, mas o olhar perdido em algum ponto vazio do outro lado do quarto. Não se mexeu quando Jeremy se aproximou nem disse nada enquanto o capitão colocou uma calça de moletom. Só quando Jeremy jogou a toalha no canto mais próximo foi que Jean enfim se moveu.

— Me fale da cocaína.

Jeremy congelou.

O calor do banho sumiu na mesma hora; o frio tomou seu corpo inteiro enquanto o coração parecia rachar contra as costelas. Cada segundo de silêncio entre os dois foi ficando mais pesado, até que Jean disse:

— Torres falou isso na mesa hoje à noite. O tal do açúcar — acrescentou, como se Jeremy não se lembrasse daquele momento com uma lucidez dolorosa. Jean desenhou duas linhas no ar com a ponta do dedo e enfim olhou para Jeremy. — Ele não falou seu nome, mas estava falando de você. Não estava?

— Sim. — Saiu tão baixo que Jeremy nem soube se Jean tinha ouvido, então tentou de novo. — Sim.

Jean desviou o olhar. Era a resposta que já sabia que receberia, mas não era a que queria. Jeremy entrelaçou os dedos e apertou até achar que fosse quebrar os nós da mão. Não serviu para acalmar os nervos.

Jean repetiu:

— Me conte.

Jeremy olhou para a própria cama, onde alguém já tinha soltado as cobertas dos cantos, e foi se sentar na de Jean, que precisou se mexer para abrir espaço, e os dois acabaram acomodados um de frente para o outro. Jeremy olhou além dele e observou a hora mudar no relógio. Um minuto, dois minutos; ainda não sabia por onde começar. O banquete era o mais óbvio, mas a verdade tinha raízes mais antigas.

Quando o terceiro minuto virou, Jeremy disse:

— No verão depois que o Bryson se formou no ensino médio, ele deu perda total no carro. Fraturou o crânio em dois lugares e estilhaçou o quadril da Annalise.

Aqueles dias intermináveis vigiando os dois no hospital ainda o assombravam. Os irmãos tinham ficado tão pálidos e acabados que pareciam

desconhecidos. Foram necessários meses de fisioterapia para que voltassem a se mover direito. Nenhum dos dois tinha se recuperado por completo: nem dos ferimentos físicos, nem do que Mathilda exigira deles depois.

— Os dois receberam uns remédios bem fortes durante a recuperação — continuou Jeremy —, e Bryson… nunca parou de tomar. Até hoje não sei como ele conseguia mais depois que a receita acabou, já que a minha mãe e o Warren trabalham no hospital, mas nunca perguntei. Não me importava — acrescentou, forçando as palavras a saírem quando elas insistiam em travar na garganta —, porque ele sempre tinha um ou dois frascos que topava me vender barato.

— Você também se machucou?

— Não. — Jeremy deu de ombros, desanimado, quando Jean lançou para ele aquele olhar cortante. — Mas Bryson disse que os remédios deixariam tudo em casa mais fácil de aguentar, e eu estava desesperado o bastante para acreditar nele. Deixou e não deixou. Mas aí, no Natal do meu último ano, ele apareceu em casa com uma coisa melhor para eu experimentar. — Jean já sabia o que viria, mas aquilo não tornava nem um pouco mais fácil para Jeremy dizer: — Cocaína.

Jeremy puxou distraidamente o lençol com a ponta dos dedos.

— Eu devia ter dito não, mas aquele ano foi… pesado. — A morte da Nan, a traição do Leo, as discussões sem fim sobre Exy e sobre a sexualidade dele, as abordagens diárias da polícia querendo empurrar a agenda do Wilshire em nome do Warren. Tudo aquilo parecia infantil e egoísta quando comparado às tragédias muito mais brutais de Jean. Mais uma prova de que ele era um fraco, um fracassado… como se a mãe dele ainda precisasse de mais argumentos para sustentar o que dizia a respeito dele. Jeremy esmagou aquela linha de pensamento com todas suas forças e continuou: — Eu só queria algo que me mantivesse inteiro até começarem os treinos de verão na USC. E funcionou, na maior parte do tempo.

— Na maior parte do tempo — repetiu Jean.

— Fiz muitos amigos — disse Jeremy. — Perdi muitos mais. E os Troianos sabiam que tinha algo errado. — Era um jeito fraco de dizer que não confiavam nele e que os outros calouros faziam questão de manter a maior distância possível. Rhemann o chamou para conversar pelo menos uma dúzia de vezes, em palestras cuidadosas, para tentar entender as oscilações de humor e a imprevisibilidade do recruta. A vergonha fez Jeremy engolir em seco, segurando uma onda de náusea.

Jean não disse nada.

Jeremy só conseguiu suportar o silêncio por um tempo antes de ser obrigado a continuar.

— O vice-capitão do Colorado já tinha passado uns anos encontrando discretamente jogadores gays no distrito oeste. Todo ano eles se encontravam no banquete e escapavam para algum lugar pra relaxar de verdade. No ensino médio, eu era imprudente demais, nada discreto, então ele sabia que podia me convidar sem problema. Disse que ia ter bebida, maconha e biscoitinhos, uma coisa meio escolha o seu veneno, então levei cocaína suficiente pra dividir. Fez o maior sucesso — disse Jeremy —, até o Noah…

Jeremy abraçou o próprio corpo com força, os braços apertados contra a barriga, desesperado para manter aquele buraco negro contido.

— A polícia veio me procurar depois que o identificaram. Demoraram um pouco para descobrir aonde eu tinha ido, mas, quando apareceram… — Ele ergueu as mãos num gesto impotente, como quem diz *o que é que eu podia fazer?* e falou: — Naquela época, só dois de nós tínhamos saído do armário; os outros sete estavam levando a vida com o máximo de cuidado que conseguiam. Mas lá estávamos todos nós, drogados, bêbados e embolados uns com os outros naquele quartinho de hotel. Os policiais chamaram no rádio como uma "orgia de viados" antes de qualquer um de nós de fato entender o que estava acontecendo.

A noite chegava em fragmentos, uma confusão que só, mas havia pedaços nítidos o bastante para ainda ferirem. A vertigem de uma onda tardia, o gosto áspero de uísque na boca do Dexter, o peso de mãos demais em busca de algum alívio, de algum consolo. E, tão vivos quanto aquilo, os joelhos ardendo no carpete áspero quando um policial o arrancou da cama, a pressão da bota machucando suas costas para mantê-lo no chão, o aperto das algemas fechadas com força demais. Os policiais ficaram tão chocados com a cena de depravação em que tinham se metido que quase se esqueceram de contar a ele sobre Noah.

— Dexter era o culpado perfeito, porque era o único com idade o bastante pra comprar a bebida, mas meus pais sabiam que ele ia me arrastar junto. Eles cobraram todos os favores que podiam e gastaram uma verdadeira fortuna tentando proteger o nome dos Wilshire. A bebida e o sexo já tinham vindo à tona, graças aos socorristas, mas as drogas foram abafadas. Dexter foi destituído como capitão e perdeu qualquer perspectiva que ainda tinha, mas não respondeu por nada, e meus pais pagaram o restante da faculdade dele em troca do silêncio.

— Ele não ficou em silêncio — disse Jean. — Connors sabe. Torres também.

— Torres estudou comigo no ensino médio, então ele soube quando comecei a usar drogas — comentou Jeremy. — Connors estava na festa. Como a maioria

dos outros, ele ainda estava no armário naquela época. Assim que espalharam que ele estava bebendo e dormindo com outros caras, os pais dele o deserdaram e o expulsaram de casa. Então, é, dá para dizer que ele ainda me odeia por isso.

— Você transou com ele?

Jeremy encarou Jean.

— Não.

— Então isso não é problema seu.

— É, sim — respondeu Jeremy. — Jean, eu… metade daqueles caras nunca mais voltou a jogar de verdade, pelo menos não fora dos treinos. O Fowler teve que se transferir para uma universidade da Segunda Divisão para escapar do bullying implacável do time dele. A culpa é minha. A polícia só chegou até eles porque estava atrás de mim.

— Não foi você quem se jogou.

A frase saiu seca o bastante para esmagar os pulmões de Jeremy contra a coluna. Ele se mexeu para se levantar, precisando colocar distância entre os dois, mas a mão de Jean caiu pesada em seu ombro.

— Você sabia que ele faria aquilo? — Quando Jean perguntou, talvez tivesse a intenção de pegá-lo no pulo, mas Jeremy se encolheu com tanta força que Jean acabou recuando.

Jeremy levou a mão ao peito, desesperado para impedir o coração de sair pela boca, e desejou ter sido esperto o bastante para levar uma das garrafas do Faser com ele.

Quando falou, saiu pouco acima de um sussurro:

— Todos nós sabíamos.

Não era bem verdade, mas talvez aquilo fosse pior. Bryson deixara de se importar com qualquer um deles depois do acidente, e Annalise não conseguia enxergar a dor de Noah por trás da própria. Contudo, Joshua e Noah eram irmãos com um ano de diferença e melhores amigos, e Joshua sabia que o irmão estava mal. Tinha implorado pela ajuda de Jeremy quando todas as tentativas de apelar para a mãe deles fracassaram. Jeremy tentara, aqui e ali, durante meses, mas nenhum dos pais quis ouvir. Warren não tinha paciência para a tristeza sem fim de Noah, e Mathilda só dizia:

— Todo menino é estranho nessa idade.

Ela culpava Jeremy por dar um exemplo tão ruim aos irmãos mais novos.

Ela vai dar ouvidos quando o perder, tinha pensado ele, com raiva, derrotado e exausto, tão exausto.

Não tinha sido sua intenção dizer aquilo, não de verdade, mas…

Uma onda de náusea o deixou tonto e febril.

— Não quero mais falar sobre o Noah.

Jean não insistiu. Jeremy fechou os olhos e contou as respirações: quatro segundos puxando o ar, sete soltando, de novo e de novo, até o estômago enfim se acalmar. De nada serviu para aplacar o luto que o corroía por dentro, mas, no fim, ele abriu os olhos outra vez.

Fez menção de se levantar, mas a mão de Jean em seu joelho o mandou esperar.

— Me diga que você está limpo agora.

— Estou limpo.

Não fora por escolha, no começo, mas não valia a pena entrar naquele mérito. A culpa e o coração partido quase tinham acabado com ele, e na época Jeremy não queria nada além de despencar de vez, até não sentir mais nada. Mathilda, porém, se recusara a passar por mais aquele vexame por causa dele e o internara à força numa clínica de reabilitação perto da fronteira norte da Califórnia. A USC recebera uma doação de sete dígitos, tirada da parte dele na herança, e Jeremy tinha cursado as primeiras cinco semanas de aula a distância.

— Olhe pra mim — pediu Jean, e Jeremy obedeceu, voltando o olhar até o rosto dele. A expressão de Jean era indecifrável enquanto o observava, mas o tom foi firme: — Você é meu parceiro. O meu sucesso é o seu sucesso; o seu fracasso é o meu fracasso. Não volte a cair, Jeremy. Eu não vou perdoar você.

— Eu não posso — disse Jeremy. Quando Jean pareceu pouco impressionado com aquela garantia imediata, Jeremy insistiu: — Eu virei as costas pro meu irmão, Jean. Eu sabia que ele não estava bem, sabia que ele precisava de mim, mas tudo com que me importava era me divertir e ficar chapado. Eu o deixei pra trás, e nunca mais o vi de novo. Prefiro morrer a voltar a ser aquela pessoa. Vá por mim.

— Você é você — disse Jean, simples, sem hesitar. — Eu acredito em você.

Não era a primeira vez que Jean declarava confiar com todas as forças no caráter de Jeremy, mas ouvir aquilo depois de ter contado uma história tão miserável arrancou o último gelo de dentro do peito dele. Ele agradeceu baixinho:

— Obrigado. — Era pouco, dolorosamente pouco, mas teria de bastar por enquanto. Jeremy esperou para ver se algo mais se seguiria, então olhou além de Jean, para o relógio. — Já está tarde. Tem algo mais que você quer saber ou está pronto para descansar?

Jean encostou o polegar nos hematomas do pescoço de Jeremy.

— O nome dele.

— Eu não posso dizer — respondeu Jeremy, arrastando-se para a beirada da cama. — Já falei que foi um acidente. Ele só estava alterado e bêbado.

— Eu não acredito em você. Cat nunca deixou marcas assim na Laila.

— Talvez a Laila não seja tão boa com a língua.

Levou um instante para Jeremy perceber o que tinha acabado de dizer, e os dois se encararam. Jeremy não confiava em si para falar, mas um dos dois precisava quebrar o silêncio. Por sorte, Jean encontrou a voz primeiro. Talvez aquilo não tivesse sido uma falha na voz dele; talvez fosse só o sotaque ficando mais forte que o normal. Jeremy esqueceu aquilo no mesmo instante em que entendeu as palavras:

— Vou contar a ela que você disse isso.

— Pelo amor de Deus, não — disse Jeremy, atirando um dos travesseiros em Jean. — Ela vai me matar.

Jean virou o rosto para longe dele.

— Que pena.

— Amanhã eu vou comprar café descafeinado pra você.

Jean soltou um muxoxo.

— Não vai, não.

— Vou pensar no seu caso — prometeu Jeremy, enquanto seguia para apagar as luzes. Na volta para a cama, bateu na mesa de cabeceira e fez uma careta para as sombras conforme subia de novo no colchão. Se acomodar foi fácil, mas inútil: os pensamentos de Jeremy estavam embolados demais para o deixarem descansar, e ele encarou o teto em silêncio até amanhecer.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Jean

A primeira semana de setembro foi curta, já que as aulas e os treinos foram cancelados por causa do Dia do Trabalhador. Apesar daquele dia perdido, a terça-feira chegou com alguns pontos inesperadamente positivos: Bryson enfim voltou a Connecticut para estudar, o que deu a Jeremy um pouco de paz em casa, e a imprensa fez uma última rodada pelos times do oeste. Era, em tese, uma checagem final antes do início oficial da temporada, só que em todos os times, sem exceção, perguntaram sobre Jean.

Se estavam atrás de alguma fofoca, saíram profundamente decepcionados, e a satisfação de Cat com o banquete enfim pareceu um pouco justificada. Todos os times, com exceção do White Ridge, tiveram coisas positivas a dizer. Quieto e sério, a maioria comentou, e todos mencionaram que era educado. Mais de um falou do respeito evidente entre Jean e os Troianos, e aqueles que tinham passado um pouco mais de tempo com ele, a irmã do Ashton, por exemplo, mas sobretudo os que falavam francês, só tinham elogios a fazer. Todos reservavam o julgamento final para quando o enfrentassem em quadra, mas, no geral, estavam satisfeitos.

Não é bom?, Cat tinha perguntado no sábado, e Jean havia dispensado a pergunta com um gesto impaciente, exausto. Entretanto, depois de cinco anos

sendo pisoteado e de meio ano ouvindo maldades das quais não podia se defender, era… desconcertante ver completos desconhecidos tomarem o partido dele com tanto entusiasmo.

Jean admitiu aquilo a Cat quando saíram para dar uma volta na noite de quarta-feira. Em resposta, ela o puxou pelos ombros, fazendo-o se abaixar, e deu um beijo bem no meio da testa dele.

A tranquilidade não durou. Na noite de quinta-feira, Cat foi buscar Jean de moto depois do treino dos Corvos, e, mesmo de capacete, Jean percebeu que havia algo errado. Demorou a pegar o próprio capacete das mãos dela conforme estudava aquela expressão tensa em busca de alguma pista, mas Cat respondeu à pergunta no olhar dele com um balançar de cabeça.

— Em casa eu te conto — disse.

Pouco tempo depois, ela o levou até a cozinha, e Jean encontrou Laila sentada num banco, com uma expressão azeda no rosto. Havia uma pilha de envelopes no centro da ilha, e Cat fez um gesto para que Jean se aproximasse. Devagar, ele puxou alguns e os abriu para olhar melhor. Todos estavam endereçados a ele, enviados por nomes que não conhecia e de estados que não significavam nada para ele. E continuavam a chegar, um atrás do outro. Alguns eram tão grossos que precisavam de vários selos, mas a maioria era fina como papel de seda.

Jean franziu a testa para Cat, depois para Laila, mas as duas só deram de ombros.

— Algo me diz que seu endereço vazou de vez — disse Laila. — Pode ter sido a mesma fonte que avisou a imprensa, levando as coisas a outro nível porque não conseguiu o que queria, ou talvez alguém daqui tenha sido instruído a seguir o rastro da imprensa até chegar em você. — Ela deu de ombros, impotente, e espalhou mais alguns envelopes pela bancada. — Podem ser cartas de fãs ou podem ser mais baboseiras. Quer que a gente te ajude a ver tudo isso?

— Talvez — respondeu ele.

Devia haver entre dezesseis e vinte cartas, e ele levaria uma eternidade para ler tudo sozinho. Laila separou a pilha em três montes menores antes de distribuí-los, e, por alguns minutos, o único som na cozinha foi o farfalhar do papel. Laila lia mais depressa, e já tinha deixado duas cartas de lado quando Jean terminou a primeira.

— As que você não quiser guardar, é só colocar aqui — disse ela.

Jean assentiu para mostrar que tinha entendido antes de acrescentar a sua à pilha. Considerando tudo, era uma carta relativamente branda, mas para lá de

inapropriada: quem escrevera queria fofocas de bastidores sobre a vida pessoal de Riko. Jean não tinha a menor intenção de alimentar aquilo.

Em uma das cartas, a pessoa queria saber se existia alguma diferença no Exy jogado na França e nos Estados Unidos, e outra falava de como era decepcionante ver os Corvos desmoronando. Quem escrevera assistia aos jogos dos Corvos havia anos, encontrando motivação na perfeição impecável deles e na dedicação inabalável do time, e estava horrorizado ao ver seus ídolos fracassarem. Não culpava Jean abertamente, mas mencionava a primavera como o começo do fim dos Corvos. As poucas cartas restantes eram menos discretas. As variações de "Ele te deu tudo, e você o traiu, ele se matou por sua causa" eram previsíveis, mas cada versão que Jean lia deixava um gosto amargo corroendo o caminho da sua boca à garganta.

— Se isso continuar, talvez seja melhor providenciar uma caixa postal pra você — sugeriu Laila enquanto deixava as cartas aprovadas ao alcance dele. — A gente pode redirecionar qualquer correspondência que vier em seu nome.

— E se o Kevin mandar mais cartões-postais? — perguntou Cat e então entregou a Jean uma carta da pilha dela, acrescentando: — Ah, esta aqui você deveria ler.

O endereço de remetente era de Marselha, mas o nome da remetente foi o verdadeiro golpe. Jean não soube dizer o que transpareceu em seu rosto, mas Cat manteve a mão estendida, caso ele quisesse recusar a carta. Jean negou com a cabeça e, devagar, começou a desgrudar a aba do envelope.

— Uma colega do Exy de base — explicou conforme tentava puxar da memória o rosto dela. Ele tinha sido proibido de passar tempo com qualquer pessoa fora dos treinos e dos jogos e instruído pelos pais a manter qualquer conversa restrita ao esporte, mas ela havia jogado ao lado dele por cinco anos.

"Para o solitário arrogante de Sainte-Anne", começava a carta, antes de ir tomando um rumo mais atencioso. Ao que parecia, ela andava acompanhando o que acontecia com ele desde que o mestre apresentara pela primeira vez seu francês importado. Tinha ouvido a notícia da prisão dos pais dele e estava acompanhando a caçada ainda em curso pela irmã desaparecida. "No fim das contas, ou minha memória foi mais gentil com você do que você merecia, ou um monte das suas esquisitices enfim passou a fazer sentido", ela escreveu no fim. "Vou manter você e a Elodie nos meus pensamentos."

Jean dobrou a carta com cuidado e a deixou de lado. Cat observou seu rosto, à procura de qualquer sinal de aflição, antes de tocar com o dedo o envelope.

— Posso perguntar?

Jean seguiu com os olhos até onde ela apontava.

— É o meu nome. Era — corrigiu-se e virou o envelope. — Eu não uso mais esse nome.

— Traz lembranças ruins? — perguntou Cat.

Deixar que ela pensasse aquilo era mais fácil do que explicar a verdade, então Jean apenas deu de ombros. Cat deixou passar e entregou mais dois envelopes que já tinha separado. Jean colocou os dela por cima da pilha de Laila. A pilha de descarte que os três tinham formado era significativamente maior que a de cartas seguras para ler. Podia até ser que os times do oeste estivessem dispostos a dar uma chance a ele, mas os torcedores dos Corvos continuariam a ser sempre a maioria, e a maioria mais barulhenta.

Jean se perguntou se seria para sempre o vilão, se aquela zombaria e aquele ódio o perseguiriam pelo restante da vida. Não importava. Não importava; não podia importar. Tudo o que importava era que ele jogasse o melhor que pudesse e mantivesse a promessa que Neil fizera em nome dele. Contudo, aquele tipo de pensamento não era suficiente para sustentá-lo, e o cansaço que o tomou de repente parecia entranhado em seus ossos.

— Eu vou dormir — disse.

— Você não comeu — observou Cat.

O aperto no estômago não era nada perto do frio de enjoo que lhe devorava o peito, então Jean a dispensou com um gesto e saiu da cozinha. Deixou as cartas aprovadas sobre a escrivaninha para lidar com elas em outro dia e se fechou no quarto quieto demais. Au-Au estava apoiado no parapeito da janela, exibindo aquele sorriso canino estúpido. Jean foi até lá, certo de que aquele seria o dia em que o rasgaria ao meio, mas se conteve no instante em que começou a puxar. Com um resmungo irritado, largou o cachorro na cama vazia de Jeremy. Pelo menos, deitado daquele jeito, ele não podia observar Jean dormir.

Levou horas até que Jean conseguisse parar de pensar o suficiente para adormecer, e, quando sonhou, foi com as quadras de Campagne Pastré.



Como o primeiro jogo da temporada seria em casa, os Troianos eram obrigados a comparecer às aulas de sexta. Jean, que só tinha uma aula de manhã para aguentar, ignorou as reclamações rabugentas dos companheiros menos afortunados. Esperava que aquele dia seguisse o mesmo esquema de trocas da primeira semana, mas Shane o levou até a metade do campus para encontrar Jeremy. Jean franziu a testa para o capitão, mas esperou Shane ir embora para dizer:

— Você faz terapia às sextas.

— Isso foi na semana passada — respondeu Jeremy sem explicar mais nada. — Quer ir pra casa um pouco ou precisa resolver algo aqui no campus?

— A gente podia treinar — disse Jean, olhando para o estádio.

— É melhor descansar — rebateu Jeremy. — O jogo de hoje vai ser pesado.

Jean abriu a boca para discutir, mas então olhou melhor para o rosto de Jeremy. Quando Jeremy estava risonho e falante, era mais difícil perceber. No entanto, nos momentos em que ficava quieto, as olheiras se destacavam mais; parecia que ele não dormia havia dois dias. O desgaste do trajeto, Jean supôs. Lembrava-se do colega da cerâmica fazendo piada sobre o cansaço inevitável de Jeremy. O fato de alguém de fora do time de Exy o conhecer bem o bastante para prever aquilo era irritante.

Jean cedeu com um resmungo contrariado:

— Tá.

E aquilo bastou para Jeremy sorrir.

Já estavam quase chegando à Vermont Avenue quando o celular de Jeremy apitou com um aviso do treinador. Jeremy conferiu o sinal da faixa antes de pegar o telefone e atender com um alegre:

— Bom dia, treinador. Esquecemos algo?

Do outro lado da rua, o sinal abriu para eles. Jeremy desceu da calçada e, aparentemente, esqueceu que estava andando no meio do caminho. Ele parou bruscamente, quase caindo. Jean o puxou de volta à segurança da calçada, mas Jeremy o segurou pelo pulso e arrastou Jean consigo para atravessarem.

— Sim — disse Jeremy quando chegaram ao outro lado. — Sim, eu aviso a ele. Obrigado.

Ele desligou, mas continuou a segurar o celular com força, e, ainda que tivesse soltado Jean, não disse nada para explicar a ligação. Jean esperou um tempo até Jeremy enfiar a chave na porta da frente da casa de Laila, e então chamou:

— Jeremy.

Jeremy fez um gesto para que ele entrasse e fechou a porta atrás dos dois. Só então ergueu os olhos para Jean.

— Um dos calouros dos Corvos morreu — disse Jeremy. — Um defensor chamado Harry Rogeson… Pelo que fiquei sabendo, os Corvos encontraram o corpo dele num ônibus do campus.

Jean não conhecia aquele nome. Talvez Tetsuji o tivesse contratado depois da saída de Jean de Evermore, mas era igualmente possível que Riko estivesse distraído demais com sua vingança para acompanhar os novos Corvos. *Quem era* importava menos do que *o que* tinha acontecido; todos os outros Corvos que morreram tinham sido veteranos, roubados na linha de chegada da glória pela qual lutaram. Um calouro que por pouco não escapara do controle violento dos Moriyama e da insanidade do Ninho não deveria ter ruído tão depressa. Crueldade dos Corvos, talvez: a velha guarda despejando a própria dor e o próprio trauma na geração seguinte.

— Sinto muito — disse Jeremy.

— Isso não tem nada a ver comigo — respondeu Jean e tirou os sapatos com a ponta dos pés. — Vá dormir.

Jeremy ficou ali por mais um instante, como se quisesse ter certeza de que Jean estava bem de verdade, e então seguiu pelo corredor até o quarto deles. Jean recuou para a sala, para revisar as anotações da manhã, e matou algumas horas tediosas adiantando seus trabalhos da faculdade. Cat apareceu quase ao meio-dia com um punhado de cartas. Deixou as dele na mesa de centro, perto de onde Jean estava, examinou sua expressão com um olhar pensativo e se enroscou na poltrona de Laila com as próprias tarefas. Meia hora depois, já roncava baixinho.

Jean se perguntou se deveria acordá-la, mas baixou o olhar para as cartas. A ideia de ter de passar por mais uma leva de veneno o repelia, mas aquilo teria de ser resolvido cedo ou tarde. Puxou a pilha para mais perto e começou a abrir.

Quando o alarme de Jeremy tocou, o humor de Jean já estava irremediavelmente destruído. Jean empurrou as cartas para o lado quando ouviu os passos de Jeremy no corredor. Guardar as coisas foi fácil, e o barulho bastou para acordar Cat. Por um segundo, ela fingiu estar totalmente concentrada nos estudos, e então despertou o suficiente para lembrar onde estava. Largou o livro de lado para resolver aquilo no fim de semana e seguiu Jean até a cozinha.

Ainda tinham tempo para almoçar antes de voltar ao campus, e Jean aproveitou aqueles minutos para tentar trancar em algum canto da mente cada acusação odiosa que tinha lido. Nada daquilo podia importar naquele momento; ele precisava voltar a pensar no jogo daquela noite.

Eles podiam ter ido direto ao estádio, mas Jeremy levou Cat e Jean por um caminho em que pudessem encontrar Laila do lado de fora do prédio de arquitetura. Laila estava com uma cópia impressa da escalação dos Linces presa à capa do fichário e foi interrogando os dois enquanto caminhavam para a Quadra Dourada. Cat conhecia mais os veteranos do que os jogadores mais novos, só que Jeremy era um caso perdido. Sabia nomes e posições, mas nada além, nem mesmo se jogavam com a mão direita ou com a esquerda.

— Como é que você não sabe isso? — exigiu Jean.

Jeremy ignorou a desaprovação dele com um dar de ombros.

— Estatística é coisa pra treinador se descabelar. Eu confio no meu instinto.

— Você está mentindo — rebateu Jean.

— Funcionou até agora, não?

Jean não podia negar aquilo, mas não precisava gostar. Ele se aquietou, ainda mal-humorado, e seguiu os companheiros pela rua.

O Exposition Park estava mais movimentado do que o normal naquele dia, por causa do primeiro jogo em casa. Havia barracas vendendo produtos do time e alguns grupos fazendo piquenique por ali, com rádios tocando alto. Algumas pessoas que passaram por eles eram fãs o bastante para reconhecer os Troianos de cara; outras chegaram perto o suficiente para ver o 3 no rosto de Jean e reagir àquilo. Cat e Jeremy receberam os votos de boa sorte com simpatia e sorrisos calorosos, e logo estavam a salvo dentro do vestiário.

Os Troianos tinham uma hora de treino à tarde, depois duas horas livres para comer e rever gravações. Foi ali que, enfim, Jean conseguiu ver os Troianos como uma equipe da primeira divisão. Ainda recorriam a elogios e incentivos desnecessários enquanto analisavam os adversários da noite, mas falavam do estilo de jogo dos Linces com uma concentração implacável. Os dois times tinham uma longa história, o que era natural quando ambos eram tão talentosos, porém ainda mais complicado pelo fato de Jeremy ter manchado a reputação do White Ridge alguns anos antes. Os Troianos conheciam aqueles jogadores de trás para a frente e sabiam que seria uma briga até o último toque da buzina.

— Literalmente — acrescentou Xavier e lançou um olhar para Jean. — Eles não chegam a ser tão ruins quanto os Corvos, mas são violentos e têm jogadores suficientes para compensar os cartões vermelhos. É bem capaz de tentarem machucar o Jeremy logo de cara, mas eu não me surpreenderia se gastassem a maior parte da energia com você.

— O elo mais fraco — disse Shane e se apressou em acrescentar: — Em questão de temperamento, quero dizer — quando Jean o encarou com um olhar

mortal. — Eles adorariam ver a gente quebrar a cara. Se conseguirem provocar você até arrastar todo mundo pra uma briga no jogo de abertura da temporada, vão se alimentar disso por anos. Você melhorou muito nos treinos, mas a gente não te intimida o bastante pra testar seu autocontrole. Você consegue lidar com eles?

— Sim — respondeu Jean.

Como ele não acrescentou nada, Jeremy sorriu e falou:

— Eu acredito.

Shawn parecia prestes a comentar algo, mas um estrondo no corredor, seguido de um uivo de desespero, o distraiu. Um sorriso de resignação repuxou a boca de Jeremy quando ele chamou:

— Tá tudo bem, Bobby?

Roberta Blackwell apareceu à porta.

— Tudo ótimo — prometeu. — Ignore.

Ela sumiu tão depressa quanto apareceu, embora um minuto depois o eco de sua voz voltasse pelo corredor:

— Ai, ai, ai.

Os Troianos só tinham três assistentes, contudo, naquela noite, Jean teria jurado que eram mais. Estavam em movimento o tempo inteiro, indo de um lado a outro pelo vestiário enquanto preparavam tudo para a partida. Antonio Jones era responsável por organizar os suportes das raquetes e fazia tudo sem pressa antes de encaixar cada raquete no lugar: conferia a tensão das cordas, examinava as cabeças em busca de desgaste e arrumava a fita para os jogadores que preferiam as raquetes com empunhadura enrolada. Bobby tinha começado distribuindo os equipamentos recém-higienizados em cada armário, usando etiquetas com os nomes para encontrar o lugar certo de cada peça, e depois foi encher as garrafas de água dos jogadores. Angie ficou ao lado de Lisinski, preenchendo formulários com aquelas últimas checagens de bem-estar.

Meses atrás, Jean teria achado a ideia de assistentes ridícula. As tarefas que recebiam podiam ser resolvidas sem dificuldade pelos jogadores ou pelos treinadores, e ter rostos extras no vestiário durante os treinos parecia desnecessário. Naquela noite, enfim entendeu o apelo. Cada tarefa boba que Bobby ou Tony tirava das mãos dele lhe garantia mais alguns minutos para se concentrar na formação que enfrentaria e nos corpos com quem dividiria a quadra.

Tradicionalmente, os Troianos trabalhavam com formações rígidas em cada tempo: titulares definidos, com reservas já designados para entrar no meio da

partida. Jean tinha sido colocado na formação do segundo tempo, o que seria ótimo para ele: era quando Jeremy, Cat e Laila jogavam, e aquilo lhe dava tempo para estudar os companheiros de equipe durante a primeira metade. Embora oficialmente ainda fosse reserva de Cat e Shawn até provar que era confiável, Rhemann permitiria que começasse jogando ao lado de Cat naquela noite. Antecipando problemas, supôs Jean. Se ele saísse do controle, seria mais fácil tirá-lo da quadra se Rhemann não precisasse gastar uma substituição para colocá-lo em jogo.

Um sinal de aviso ecoou pelo vestiário: faltava uma hora para o saque inicial. Rhemann estava reunido com os árbitros da noite, então White chamou o time e os mandou à área técnica. Um terço das arquibancadas já estava ocupado, e Jeremy parecia radiante enquanto conduzia o time em algumas voltas leves. Todos os Troianos pareciam animados de estar ali, percebeu Jean, o olhar indo de um rosto sorridente a outro, e sentiu com força o abismo entre o coração dele e o deles.

Não conseguia se lembrar da última vez que tinha olhado para uma quadra com alguma emoção positiva. Os Corvos não tinham tempo para alegria. O jogo era tudo o que importava, o único lugar onde tinham algum valor de verdade, o palco em que honrariam o investimento do mestre neles. Como qualquer um deles poderia amar de verdade uma jaula? Nem Kevin era tolo o bastante para se entregar a uma alegria sincera; a fome dele por Exy era algo ganancioso, devorador, que o arrastava sempre adiante.

O berro estrondoso de Derrick arrancou Jean daquela contemplação sombria:

— Minha esposa!

Meio segundo depois, Derrick já o tinha agarrado pelo cotovelo e o arrastava para fora da formação dos Troianos.

A fileira mais baixa de assentos no estádio ficava erguida a mais ou menos um metro do chão, separada da área técnica por uma grade de barras. Durante o jogo, seguranças ficariam posicionados em cada setor para garantir que ninguém caísse ou pulasse dali no calor do momento, mas, por um breve momento, os torcedores que chegavam circulavam livremente.

Três mulheres estavam encostadas na grade mais próxima da entrada dos Troianos, cada uma usando uma camiseta vermelho-cardeal estampada com uma letra diferente de "USC". O U era Cherise, facilmente reconhecível uma vez que Jean já tinha visto a fotografia dela. Ela se debruçou sobre o corrimão

quando Derrick estendeu a mão para ela, os seios quase saltando para fora da blusa no movimento. Ele exclamou, fervoroso:

— Eu te amo. — O que devia ter mais a ver com aquele quase acidente do que com o sorriso que ela lhe dirigiu. Ele plantou um beijo superestalado nos nós dos dedos dela antes de apontar para Jean. — Cherise, meu amigo Jean Moreau! Já contei tudo sobre você a ele.

— Só coisas boas, eu espero — brincou ela.

— Por favor, seja a mãe dos meus filhos — implorou Derrick conforme erguia as duas mãos para ela. — A gente faria bebês lindíssimos.

— Charmoso como sempre — respondeu ela, seca. — Oi, Derek.

— Cherise — cumprimentou Derek, chegando ao lado oposto de Jean. — Oi, Tori, Denise.

— Derek. — Tori se inclinou sobre a grade para sorrir para ele. — Tá bonitão.

— Eu poderia dizer o mesmo de você, T.

— *Poderia* mesmo — disse ela, inclinando a cabeça numa expectativa óbvia.

O sorriso de Derek se formou devagar, mas fosse lá o que ele estivesse prestes a dizer foi interrompido por Bobby berrando do outro lado da área técnica:

— Eu vou contar ao treinador! — Meio segundo depois, ela corrigiu a ameaça: — Eu vou contar a Angie! Ande, ande, ande!

— Ah, meu Deus — disse Derrick e agarrou o próprio peito. — Cherise, meu amor. Fica pra próxima.

Derek usou a grade para se erguer, e Tori segurou o rosto dele com as duas mãos para roubar um beijo rápido. Um grupo de torcedores seis fileiras acima explodiu em assobios e gritos, e Derek sorria feito um tapado quando voltou a pular para o chão.

Cherise encontrou o olhar de Jean quando ele começou a se afastar e disse:

— Cuide dos nossos meninos lá dentro, tá?

— Nossos meninos! — gritou Derrick antes de disparar em velocidade máxima. — Nossos! Meninos!

— Qualquer dia desses você vai se tocar de que ele não está brincando em relação a você — avisou Derek a Cherise. — Se decida logo antes de continuar enrolando o coitado, tá? Ele é meu irmão.

— A gente se vê depois. — Foi tudo o que Cherise respondeu.

Derek franziu a testa para ela, mas fez sinal para Jean e seguiu em frente. Os dois não tentaram acompanhar a velocidade de Derrick, mantendo um ritmo mais lento para facilitar que o restante da formação os alcançasse. Jean voltou a

caminhar ao lado de Jeremy. Em algum lugar atrás dele, os Troianos tratavam Derek como se fosse um herói voltando da guerra, gritando, batendo palmas e fazendo o maior escarcéu. Jean se perguntou, de maneira distraída, se algum dia eles calariam a boca. A chegada dos Linces ao lado visitante enfim instaurou um pouco de paz, embora os Troianos berrassem cumprimentos animados enquanto eles passavam.

Jeremy e Xavier se separaram da formação para cumprimentar os treinadores e capitães do White Ridge. Jean procurou Connors com o olhar enquanto eles passavam, mas os Linces ainda estavam saindo em fluxo contínuo do vestiário. Os Troianos deram uma última volta, recolhendo Jeremy e Xavier no caminho, e Jeremy os levou de volta ao vestiário para se trocarem. Os times eram grandes demais para dividir a quadra durante o aquecimento, então os Troianos seriam os primeiros a fazer os exercícios. Aquilo dava aos visitantes um pouco mais de tempo para se soltar após a viagem.

Trocar de roupa era fácil depois de quase treze anos lidando com tantas camadas. Jean já colocava o short dourado do uniforme do time da casa, então se sentou no banco para encaixar as caneleiras no lugar. Apertou bem as tiras, depois esticou uma perna de cada vez e girou os tornozelos para testar. Satisfeito ao perceber que elas ficariam firmes sem cortar a circulação, puxou as meias por cima. Deixou os tênis de lado por ora e tirou a camisa.

Encaixou a proteção do peito, prendendo primeiro as ombreiras antes de fechar as fivelas no torso. A camisa de aquecimento foi parar dentro do armário, substituída pela camisa vermelha com letras douradas, feita para cair sobre o equipamento. Precisou puxá-la duas ou três vezes para assentar direito sobre a proteção e então prendeu o protetor de pescoço antes de pegar as luvas. Havia dois pares: as compridas de algodão, que abotoavam acima dos cotovelos e impediam que as proteções dos braços escorregassem ou beliscassem sua pele, e o par mais volumoso, com os dedos almofadados, que iria por último. Jean enfiou aquele último dentro do capacete para a caminhada de volta até a área técnica, calçou os tênis e amarrou os cadarços.

— Prontos, prontos, prontos! — partiu o grito de guerra que ecoava da fileira dos atacantes.

E quase todos os Troianos responderam com um feroz:

— Pra cima!

Cat bagunçou o cabelo de Jean com entusiasmo, o sorriso selvagem de empolgação, e o puxou para colocá-lo de pé.

Os jogadores do primeiro tempo aqueceriam no lado da quadra destinado ao time da casa, e os do segundo tempo no lado visitante. A formação do aquecimento nas noites de jogo fazia com que alternassem justamente para que pudessem se dispersar em direções diferentes assim que atravessassem a porta da quadra. Jeremy ia na frente da fila, Xavier logo atrás, e o restante dos Troianos se organizava por posição em quadra. Embora os calouros não pudessem jogar, eles podiam participar dos exercícios, então se enfiaram nos espaços designados pelos veteranos. Jean fechou os olhos conforme escutava as risadas e as vozes animadas deles ricochetearem pelas paredes.

— Tudo bem? — Era Angie, parada ao lado dele.

Não havia motivo para dizer como era estranho existir num momento e num lugar daqueles, então Jean respondeu apenas:

— Tudo.

Angie seguiu em frente, contando os jogadores com a caneta. Lisinski passou por ela no sentido oposto.

— Vinte e nove! — gritou Angie lá da frente da fila, e Lisinski repetiu o número de volta.

Tony e Bobby correram de um lado para o outro distribuindo as raquetes para o aquecimento. Jean segurou a dele na dobra do braço enquanto colocava o capacete e puxava as luvas mais pesadas até encaixá-las direito.

Por fim, Tony gritou:

— Todo mundo pra fora!

Na sequência, Lisinski saiu trotando para a frente da fila. O berro animado de Jeremy serviu como aviso para Jean de que a fila começaria a andar, e, mesmo com o capacete, foi estrondoso quando os Troianos responderam em coro.

Eles voltaram correndo para a área técnica numa fila contínua, sem quebra. As arquibancadas tinham enchido bastante desde a última vez que Jean olhara, e o rugido da torcida o atingiu como um peso nos ossos. O estádio era menor que Evermore, e a torcida estava longe de ser tão fanática, mas, nos meses mais quietos do verão, Jean tinha se esquecido do quanto as noites de jogo podiam ser barulhentas.

Rhemann mantinha a porta da quadra aberta para eles, e os Troianos passaram correndo sem diminuir o ritmo. Na linha de meio de quadra, quatro cestos cheios de bolas já os esperavam. Jeremy levou o grupo em duas voltas rápidas por dois deles, dando tempo para Laila se ajeitar no gol, antes de reuni-los no meio da quadra. Listou os cinco exercícios que queria que fizessem, entregou uma bola a cada um e os despachou com um alto:

— Bora, bora!

Jean esqueceu os uniformes cafonas, as arquibancadas lotadas e os Linces, que davam voltas em torno da área técnica. Só aquilo importava: a bola em sua raquete, o time que representava, o gol às costas de Laila. Reservou só parte da atenção aos comandos de Jeremy — todo o restante estava concentrado na maneira como o corpo se acomodava de novo em movimentos familiares demais. Estava descansado, sem dor, satisfeito pelo jantar e confortável numa armadura que ainda não tinha sido amassada nem marcada por golpes pesados. Ele jogaria bem naquela noite.

Logo chegou a hora de ceder a quadra aos Linces. Os calouros e os jogadores do segundo ano ficaram responsáveis por recolher as bolas espalhadas e reabastecer os cestos, que deixaram para os adversários usarem.

Rhemann conversava com dois repórteres quando Jean saiu da quadra atrás de Cat. Um deles estava nitidamente de olho no número de sua camisa, mas Jean fingiu não ouvir o próprio nome por cima do barulho da torcida. Talvez Cat também tivesse escutado o chamado, porque o puxou pela manga no mesmo instante e apontou para a equipe de líderes de torcida dos Troianos. A distração chegou em boa hora e o livrava de ter de falar com qualquer pessoa, então Jean se esforçou para prestar atenção no que Cat dizia.

Não muito longe dali, havia um rapaz vestido com as cores da USC e um chapéu ridículo com plumas. Ele carregava um cabo de vassoura que, no lugar das cerdas, tinha uma cabeça de cavalo de pelúcia branca. Jean observou quando o rapaz a enfiou entre as pernas e saiu galopando ensandecido de uma ponta a outra da quadra.

— Cat… — chamou Jean num tom que ela com certeza entenderia como *que porra é essa?*.

— Nosso mascote do Exy! — respondeu Cat enquanto pendurava o taco no suporte certo.

A raquete de Jean ficava só duas posições abaixo da dela, e ele a encaixou no lugar antes de desafivelar o capacete. Cat tirou o dela também, antes de perguntar:

— Você não o viu no ano pass… quero dizer, no retrasado?

— Eu só olhava pra quadra.

— Nossa — disse Cat, quase com pena. — Você perdeu mesmo.

— Acho que não — respondeu Jean, e ela apenas riu.

O mascote — Diego, achava Jean — galopou de volta até eles para entregar um cravo a Bobby. Metade das pétalas tinha sumido, o que fez Jean se perguntar

se ele tinha levado a flor escondida no bolso, mas Bobby a aceitou com uma gargalhada encantada. Diego ganhou um abraço pelo esforço e a mergulhou num beijo dramático enquanto as líderes de torcida pulavam ao redor dos dois. Bobby estava ruborizada e risonha quando voltou a se equilibrar, e Cat observava a cena com um carinho evidente.

— Amor jovem é a melhor coisa que existe — declarou ela e largou os capacetes no banco mais próximo.

Jean não conseguia entender. Daquelas distrações externas — Cherise, Tori e Diego — até Cat e Laila, Xavier e Min, e fosse lá o que estivesse acontecendo com Cody, os Troianos pareciam se apaixonar com uma facilidade absurda. Ele comentou aquilo com Cat enquanto os dois pegavam as garrafas de água, e ela ergueu os olhos para ele com interesse renovado.

— Não vá me dizer que você nunca se apaixonou — disse ela.

— Corvos não têm permissão para se envolver — respondeu Jean. — Eles podem transar com quem quiserem para dar vazão à agressividade e ao desejo, mas deixar as emoções se misturarem a isso pode ter consequências catastróficas para as parcerias reguladas e para a hierarquia como um todo. O sucesso da equipe deve vir acima de qualquer outra coisa.

— Não foi isso que eu perguntei — retrucou Cat.

Diego levava Bobby a um passeio em seu cavalo improvisado. Jean não conseguia ouvir a risada dela dali, mas via em seu rosto, agarrada a ele. Sentiu gosto de bile e sangue. Puxou o ar devagar, por cima da ardência da língua machucada, e disse:

— Não importa.

Quando voltou o olhar para Cat, o ar leve de provocação já tinha desaparecido da expressão dela. Por um momento, Jean achou que ela desistiria e o deixaria em paz, mas então Cat perguntou, cautelosa:

— O que aconteceu?

Uma faca em seu pescoço; dedos cruéis em seu cabelo. "*Não tem lugar pra bichinhas na seleção dos sonhos. Vou arrancar isso dele nem que seja à força em uma semana.*"

Kevin, tão estúpido e tão lindo, tinha feito o possível para defendê-lo. Afinal, por ser tão obcecado pelos Troianos, achou razoável presumir que Jean também acharia fascinante um time dos Três Grandes. Com aquele argumento, só cavou ainda mais a cova de Jean. Na época, Riko nem sabia que Jeremy entrava na história — não foi para um Troiano que Jean olhava com uma devoção tão descarada e estúpida. Riko não se dera ao trabalho de chamar a atenção de Kevin,

porque não queria lhe dar mais motivos para proteger o deslocado inútil do grupo. Jean também não tentara conversar com Kevin — afinal, que diferença faria confessar aquilo a um tolo tão alheio a tudo?

— Jean — chamou Cat, tão baixo que quase não deu para ouvir.

— Fui pego no flagra — disse Jean por fim. — Não quero falar disso hoje à noite.

— Tá bem — respondeu ela e passou o braço em sua cintura. — Tá bem. Desculpe.

Jean agiu sem pensar e deu um beijo na têmpora dela, como ela sempre fazia quando achava que ele estava se desfazendo por dentro. Cat apertou o braço em volta dele com tanta força que Jean sentiu duas vértebras estalarem, mas o sorriso que voltou a ele era radiante. Se ela tinha algo mais a dizer, a chegada de Laila a interrompeu. Jeremy foi chamado para falar com os repórteres, para que Rhemann pudesse voltar às suas funções.

Os Troianos se espalharam pelo lado deles da arena, alternando entre trotes no lugar, alongamentos lentos e movimentos de rotação do tronco. Quando faltavam dez minutos para o saque, White chamou a linha de ataque para um canto, e Jimenez reuniu a defesa. Os calouros ouviam com seriedade absoluta, pouco importando que aquelas palavras não fossem dirigidas a eles. Faltando cinco minutos para a partida, Jeremy entrou em quadra para o cara ou coroa contra o capitão dos Linces, Thomas Ennis. Jeremy ganhou o saque, e Ennis escolheu o tradicional lado visitante para que sua equipe começasse jogando.

Rhemann reuniu todo mundo assim que Jeremy voltou.

— Vocês já enfrentaram esse time antes. Sabem do que eles são capazes. Eles são rápidos, são bons e vão fazer tudo o que puderem pra irritar vocês. Vocês sabem como eles jogam, e eles sabem como vocês jogam. Um passo, um empurrão, um abaixar e desviar de cada vez — reforçou ele. — Vocês conseguem dar conta de tudo o que eles jogarem em cima de vocês. Confiem em vocês e em seus companheiros, e não hesitem em pedir ajuda quando e onde precisarem.

Ao dizer aquilo, o olhar dele passou de Jeremy para Jean, e Jean se lembrou do aviso de Xavier de que os Linces tentariam machucar os dois. Jean não estava preocupado consigo; podia continuar a jogar apesar de qualquer coisa que aquelas crianças inúteis atirassem no caminho dele. Presumiu que Jeremy fosse menos imprudente depois de ter lidado com aquele time nos últimos quatro anos, mas manteve um olhar frio sobre ele até Jeremy retribuir. O sorriso de Jeremy chegou num instante, cheio de dentes, e Jean decidiu confiar nele por ora.

Lá em cima, o narrador falava a plenos pulmões, dando as boas-vindas aos torcedores na Quadra Dourada e anunciando o sucesso da partida, com lotação esgotada. Quando faltavam dois minutos no relógio, enfim leu as formações titulares, chamando primeiro os Linces à quadra. Jean observou enquanto eles entravam um de cada vez e ocupavam seus lugares na área de defesa e no meio de quadra. Xavier reuniu seus companheiros do primeiro tempo e os levou até a porta.

— Formação titular dos seus Troianos de USC — anunciou o locutor, e a torcida gritou tão alto que Jean mal conseguiu ouvir a escalação. — No ataque, os atacantes Derek Thompson e Derrick Allen. Como meia titular, o vice-capitão Xavier Morgan. Na defesa, Cody Winter e Patrick Toppings. No gol, Shane Reed. — Ali o locutor fez uma pausa, ciente de que a banda começaria o hino dos Troianos.

Um dos seis juízes da noite esperava na linha no meio da quadra e entregou a bola a Xavier antes de sair. Acima deles, o locutor começou uma contagem regressiva de vinte segundos. Quando chegou em dezessete, o estádio inteiro já contava junto. O árbitro conseguiu sair da quadra com nove segundos restantes e trancou a porta depois de passar por ela. Os reservas dos Troianos ficaram ombro a ombro, alguns passos afastados da parede para que os árbitros pudessem passar de um lado para o outro quando necessário. Jeremy sorria de orelha a orelha, quase eufórico, e Cat gritou:

— Bora!

A contagem regressiva rugia:

— Três, dois, um.

No instante em que a buzina soou, Xavier lançou a bola para cima para dar o saque de início. No segundo seguinte, os dois times se moveram, Troianos e Linces voando em direções opostas para encontrar suas marcações e se abrir para receber passes. Nos primeiros minutos, a partida foi limpa. No entanto, Ennis logo jogou Cody contra a parede com tanta força que Jean podia jurar que sentira o impacto no próprio corpo. Cody precisou usar a ponta da raquete para conseguir se manter de pé e saiu atrás do capitão dos Linces. A facilidade com que roubou a bola da rede rasa dele foi brilhante o bastante para fazer Jean parar: nem mesmo o próprio Ennis se dera conta do que tinha acontecido e tentou passar uma bola que Cody já tinha arremessado do outro lado da quadra para Pat.

Jean observou cada parte da formação com calma: o jeito como os atacantes Troianos batalhavam contra os defensores violentos dos Linces, a luta constante

dos meias e a defesa sólida dos defensores contra os atacantes desordeiros do White Ridge. A agressividade dos Linces era familiar. Jean viu seus companheiros tropeçarem, serem derrubados ou agarrados. Os Linces tentavam de novo e de novo arrancar as raquetes das mãos dos adversários, às vezes com rotações violentas entre uma jogada e outra, quase sempre acompanhadas de trombadas ainda mais brutais. Os Troianos sabiam que não valia a pena insistir e correr o risco de machucar os pulsos, então só soltavam uma das mãos da raquete, girando o corpo com facilidade para tirá-la do alcance.

Jean passara meses tratando os Troianos como molengas relaxados. Vê-los numa partida de verdade, quando ele não estava jogando pelo outro time, foi o suficiente para fazê-lo reconsiderar. Era aquilo que estivera buscando o verão inteiro, a verdade que não conseguia enxergar quando eram Troianos contra Troianos nos treinos. Derrick tinha tentado explicar um mês antes. *Somos mais rápidos, mais habilidosos e nos movimentamos melhor em quadra.* Na época, Jean estava irritado demais com ele para levar a frase a sério, mas naquela noite entendeu. Os Troianos cediam espaço quando precisavam, mas nunca perdiam o controle. Cada passo recuado apenas os colocava numa posição melhor para se reorganizar. A partida era desigual desde o começo, quer White Ridge percebesse aquilo, quer não.

Os Troianos reservas torciam pelos companheiros, pouco importando que ninguém em quadra os pudesse ouvir. Nenhum deles comentou as faltas incessantes nem demonstrou frustração com a falta de marcações contra os Linces. Não era ignorância, percebeu Jean; eles sabiam exatamente quantas vezes os amigos estavam sendo derrubados e arremessados. Contudo, aquilo não importava. Os Troianos não podiam mudar o modo como os adversários jogavam, só a forma como agiam diante daquela violência descontrolada. O jogo deles era mais importante do que qualquer coisa que os oponentes levassem à quadra.

— Vocês são muito bons — disse ele a Jeremy. — Finalmente consigo entender por que o Kevin admira tanto esse time.

Olhar para Jeremy foi um erro. Jean se obrigou a voltar a atenção à quadra para não ter que encarar aquele sorriso satisfeito.

— Nós — corrigiu Jeremy. — *Nós* somos muito bons, Jean.

O intervalo chegou com os Troianos vencendo por dois pontos. Assim que voltaram ao vestiário, Lisinski, Angie e as enfermeiras passaram pelos jogadores que tinham entrado no primeiro tempo, avaliando lesões novas e examinando as dores que relatavam. Derek se afastou assim que pôde para descarregar uma

rajada de golpes no saco de pancadas no corredor, e Jean tentou ignorar aquilo e se concentrar na conversa animada dos Troianos. Derek voltou muito antes do horário previsto para o retorno à quadra e sorriu para Jean como se não tivesse deixado os nós dos dedos em carne viva.

— Agora você já viu como eles jogam — disse conforme puxava as luvas para esconder os machucados da imprensa. — Pronto?

— Eu sei me controlar quando preciso — respondeu Jean.

Mais de um Troiano trocou um olhar cético, mas ninguém discutiu com ele. Jean não se deu ao trabalho de explicar e apenas seguiu o time de volta à quadra.

— Vamos ouvir as formações do segundo tempo, começando pelos Troianos de USC — anunciou o locutor. — No ataque, Ananya Deshmukh e o capitão Jeremy Knox! — Ele precisou parar porque o estádio explodiu em gritos. — Meia titular, Min Cai! Na defesa, Catalina Alvarez e Jean Moreau! — Jean seguiu Cat pela porta enquanto a torcida berrava alto o bastante para fazer seus dentes vibrarem. Ali dentro, ele mal conseguiu ouvir o anúncio de Laila, mas confiou que ela estava logo atrás. Atravessou a quadra até a área mais distante da defesa e ocupou sua posição inicial.

Encontrar sua marcação do outro lado foi fácil. Mais fácil ainda foi acompanhar a contagem quando o árbitro entregou a bola ao meia do White Ridge para o saque. O juiz deixou a quadra num passo sem pressa, e Jean continuou a contagem em silêncio quando a porta foi trancada: *seis, cinco, quatro.*

No centro da quadra, o meia dos Linces ajustou a base e ergueu o braço. A maioria dos meias sacava jogando a bola para cima e arremessando de um arco alto, mas aquele preferia o estilo rápido e sujo de soltá-la direto na raquete. Aquilo significava que ele não teria impulso suficiente para alcançar os atacantes; era provável que recuasse o passe para os defensores, em busca de uma abertura mais forte. Jean repassou mentalmente tudo o que lera sobre aquele jogador nas últimas semanas, calculando as chances de ele ir para a esquerda ou para a direita, e concluiu que preferiria o lado de Cat. Jean tinha certeza de que Cat conseguiria segurar qualquer invasão em seu território, então voltou toda sua atenção ao atacante que marcava.

Três, dois, um.

A buzina soou, a bola caiu, e Jean deixou de existir para qualquer coisa que não fosse o jogo diante dele.



CAPÍTULO DEZESSETE

Jean

O medo de uma retaliação violenta era algo milagroso. O mestre tinha sumido, os Corvos estavam do outro lado do país e Riko era cinzas e ossos dentro de uma urna decorativa em algum lugar, mas naquela noite a distância não importava. Jean sufocou cada um de seus instintos brutais com a simples compreensão de que descontar nos Linces teria consequências horríveis para ele. Honraria seu contrato custasse o que custasse e suportaria qualquer coisa que atirassem contra ele. Era profundamente ofensivo deixar aquele time inferior empurrá-lo de um lado para o outro, mas Jean preferia aquilo a ira implacável de seus treinadores.

Hinch tentou dar uma rasteira nele, mas Jean tinha crescido derrubando times inteiros no chão. Viu o movimento revelador do corpo do outro e se moveu a tempo, firmando os pés no chão num ângulo certo. O pé do atacante escorregou pelo tornozelo dele com força mínima, e o impulso que Hinch tinha colocado no golpe, achando que acertaria em cheio, o fez cambalear. Jean cerrou os dentes por trás de uma expressão neutra e segurou o ombro de Hinch para o firmar. Não precisava daquele desgraçado arrogante o culpando pela própria falta de jeito quando Jean já tinha sido avisado repetidas vezes de que os Troianos não podiam derrubar os adversários.

O cara não parava de falar. Tinha muito a dizer sobre os rumores a respeito dos Corvos e teorias de sobra sobre os pais degenerados de Jean, que fez o possível para ignorar. Tinha um jogo para disputar e um temperamento para conter; não tinha energia mental sobrando para gastar com o besteirol repleto de grosserias que despejavam em cima dele. Se Hinch queria desperdiçar oxigênio precioso falando, em vez de poupá-lo para um segundo tempo longo, o problema era dele.

— Jean! — gritou Min antes de lançar a bola para ele.

O deslizar de uma raquete contra a dele o alertou para o que se seguiria. Se Jean fosse um Troiano, teria evitado se machucar ao soltar a raquete, mas ele firmou os punhos e se agarrou a ela com tudo o que tinha. Quando Hinch torceu sua raquete com violência, uma pontada de aviso subiu pelos dois antebraços, mas teria sido pior se ele não estivesse preparado. Jean sustentou o olhar do atacante e sentiu um prazer sombrio ao ver o instante de surpresa no rosto de Hinch quando ele não conseguiu arrancar a raquete de sua mão.

— Não saiu como você planejou.

Hinch respondeu com uma imitação caricata do sotaque francês:

— Hon, hon, hon.

Jean puxou a raquete de volta, livrando-a dele, e os dois dispararam atrás da bola. Hinch poderia ter alcançado, mas pareceu satisfeito em ficar dois passos atrás. A intenção de violência era transparente demais; Jean tinha feito algo parecido muitas vezes ao longo da própria carreira. Não podia se virar para ver onde estava sua linha de ataque, mas tinha um passe limpo para Laila, e sabia que ela colocaria a bola exatamente onde precisava estar. Mandou-a para quicar a uma distância segura da borda do gol dela. Teve um segundo para vê-la se mover até a bola antes que seu marcador colidisse com ele.

Saber o que estava a caminho ajudava; anos treinando impactos em velocidade máxima ajudavam ainda mais. Jean usou o impulso a seu favor, baixando o corpo enquanto escorregava, de modo que pudesse usar a raquete e a mão livre para se firmar no chão. Em vez de capotar, deslizou vários metros e já estava de pé e em movimento de novo.

Alguns segundos depois, o jogador marcado por Cat recebeu a bola. Ela era boa demais cobrindo o espaço para ele arriscar um gol, então preferiu passar para Hinch. Jean tinha maior alcance; ele já sabia como aquilo terminaria. Teve meio segundo para procurar Jeremy e então se moveu. Precisou soltar a raquete com uma das mãos para ganhar os centímetros que faltavam e arrancou a bola do ar no último instante. A cabeça da raquete de Hinch passou raspando pela

raquete de Jean, que não esperou que ele se recuperasse. Colocou a outra mão de volta à raquete enquanto girava, precisando do impulso e da potência de um arremesso com as duas mãos, e lançou a bola com toda a força que tinha.

O arremesso foi bom, é lógico. Jeremy a pegou com uma facilidade satisfatória. Foi só o que Jean viu, porque Hinch bateu as duas mãos no peito dele e o empurrou. Jean se obrigou a olhar para o adversário à sua frente, que recompensou a atenção com outro empurrão pesado. Daquela vez, Jean se recusou a recuar, desafiando-o em silêncio a fazer um pouco mais de força se quisesse derrubá-lo. O desafio não dito irritou o outro homem; Jean via a feiura estampada no rosto dele. Queria desesperadamente apagar aquele desrespeito. Bastava enfiar um dedo pela grade do capacete, puxá-lo para mais perto e dar uma cabeçada que ele sentiria por dias. Jean já quase sentia o gosto de sangue nos dentes só de imaginar o impacto.

— Você tem muita sorte de me manterem na coleira — disse em francês.

— Você está nos Estados Unidos — retrucou o atacante. — Fale inglês, seu analfabeto de merda.

A buzina soou. Os Troianos tinham marcado de novo e levado o placar a seis a três. Jean ergueu o polegar para o atacante e entoou em inglês:

— Tenha um excelente dia.

Cat não tinha mentido; as palavras inofensivas renderam um punho enluvado na boca no mesmo instante. Jean acompanhou o golpe com o corpo para poupar os dentes. O olhar de *já acabou?* que lançou a Hinch funcionou exatamente como pretendia, e o atacante largou a raquete para se atirar em cima dele. Jean pensou em Tetsuji e Riko e deixou os golpes o atingirem sem revidar. Os árbitros já deviam estar entrando em quadra, mas os Troianos e os Linces estavam mais perto. Cat se enfiou entre os dois, levando mais de um soco perdido enquanto servia de escudo humano. Jean passou o braço pela cintura dela para tirá-la do caminho.

— Já basta — disse Jeremy, ocupando o espaço logo em seguida. Ele apoiou a mão espalmada no peito de Hinch para fazê-lo recuar. — Estamos aqui pra jogar, e não pra brigar. Vá esfriar a cabeça e vamos voltar à partida.

— Estou te fazendo um favor — retrucou Hinch. — Deixa eu arrancar os dentes dele, que vai ficar mais fácil pra ele chupar seu pau.

— Com certeza eu entendi errado.

— Não entendeu, não. Todo mundo sabe que foi por isso que você o contratou. Nem fodendo que dois viadinhos iriam parar no mesmo time do oeste por coincidência.

— Ah — respondeu Jeremy, fingindo surpresa. — Que grosseria, considerando o elenco que você tem hoje. Espero que depois você peça desculpas a eles.

— O que caralho você acabou de falar?

Hinch deu um passo ameaçador à frente para ficar cara a cara com Jeremy, mas, naquele momento, os árbitros enfim alcançaram os dois e os empurraram para longe um do outro. Jean só teve tempo de ver o cartão vermelho ser mostrado a Hinch antes que o enfermeiro Davis estivesse à sua frente. Cat aproveitou a distração para segurar Jeremy pelo cotovelo, e Jean ouviu o aviso na voz baixa dela:

— Cuidado, Jeremy.

Se Jeremy respondeu algo, Jean não ouviu, porque Davis estava falando:

— Olhe pra cá — disse ele, e Jean obedeceu, ficando imóvel para que o enfermeiro pudesse examiná-lo. Dedos leves tocaram sua mandíbula e sua bochecha, e Davis encostou o polegar no canto inchado da boca de Jean. — Tá sangrando?

Jean engoliu o sangue e mentiu:

— Não.

— Quantos dedos? — perguntou Davis ao erguer dois.

— Dois — respondeu Jean, e Davis mudou a quantidade. — Três.

O enfermeiro apontou depressa uma pequena lanterna para os olhos dele antes de assentir e se afastar.

— Troca de linha em dez, então.

Os árbitros não deixariam o jogo recomeçar até que os dois times estivessem de volta às posições de saída, então os Troianos passaram por Jean um a um para bater suas raquetes na dele. Jeremy foi o último a parar ao seu lado. O sorriso não chegou aos olhos, e o olhar dele era atento enquanto examinava o rosto machucado de Jean, que manteve uma expressão entediada, mas aquilo pouco fez para tranquilizar seu capitão.

— Tudo bem? — perguntou Jeremy.

— Já estive pior.

Jeremy fez uma careta e então bateu a raquete na dele.

— Isso não é nada reconfortante, Jean.

Jean deu de ombros, indiferente. Jeremy correu de volta à linha de meio de quadra, e Jean retornou à posição da defesa. Quando ocupou seu lugar, olhou quadra abaixo para o novo atacante. Ele era corpulento, de ombros largos, mas

Jean levou um instante para o reconhecer: JJ Lander, o amigo de Connors do banquete.

Ficou óbvio na mesma hora que Lander era melhor que Hinch. Ele não tinha o falatório constante do outro, mas sua agressividade era mais bem calculada e batia mais forte. A quantidade de cotoveladas que ele encaixou bem embaixo da proteção do peito de Jean era genuinamente impressionante; mais impressionante ainda era a precisão mortal. Cada golpe atingia exatamente o mesmo ponto do diafragma. A dor de aviso no peito de Jean ardia como metal em brasa enquanto subia para os pulmões. Era uma queimação conhecida, do tipo que ele conseguia ignorar e sobreviver a ela. Precisava conseguir; não tinha escolha além de manter a posição.

Na oitava vez que Lander o acertou, cravou o golpe com força suficiente para arrancar o ar dos pulmões de Jean. A necessidade de quebrar a raquete no braço do homem foi tão violenta que Jean precisou soltá-la para não revidar. Lander riu enquanto disparava quadra afora. Deixar o atacante abrir tanta vantagem daquele jeito era imperdoável. Jean apertou a mão com força contra a lateral do corpo, enterrando os dedos enluvados como se pudesse puxar à força o ar de volta aos pulmões esmagados, e agarrou a raquete. Lander já estava na metade do caminho até Cat; bastava um passo para o lado e um passe do atacante marcado por ela, e Lander teria caminho livre para arremessar ao gol. Jean tinha falhado em proteger a linha de defesa.

Ele não podia brigar com Lander, então fez a única coisa que podia: bateu a raquete na própria caneleira com um golpe de uma mão só. Por cima do novo zumbido nos ouvidos, achou ter ouvido punhos batendo contra a parede da quadra e um *"Jean!"* horrorizado de algum ponto mais adiante, mas Jean não parou para olhar. Ignorou o fogo raivoso na perna e a queimação na lateral do corpo e saiu em perseguição a Lander.

Lander já estava com a bola e a arremessou contra o gol com toda a força que tinha no corpo. Laila mergulhou atrás dela, golpeando com a raquete de goleira, e de algum jeito conseguiu aparar a bola com a trave da rede. Ela bateu no chão com tanta força que saiu deslizando, mas a bola foi afastada, pelo menos por ora. Como Laila só tinha conseguido desviá-la de leve, ela não foi muito longe, e Lander correu atrás na mesma hora.

Lander a alcançou e armou outro arremesso, e Jean ergueu a raquete. Interceptou a bola a poucos centímetros da rede de Lander e precisou girar a raquete para conter o impulso antes que ela escapasse. Lander se virou para Jean, cada centímetro de sua pele era uma promessa de violência, e Jean cravou a bola

no chão. Aquilo a tirou dali quando Lander se chocou contra ele, dando a Jean alguns segundos preciosos para se posicionar. Ele agarrou o ombro de Lander e o usou para se impulsionar para cima e contorná-lo. Pegou a bola num movimento de uma mão só e caiu de volta sobre os pés.

— Aqui! — gritou Laila.

Jean passou para ela no exato momento em que Lander usou o ombro e a raquete para arremessá-lo longe. Laila afastou a bola com uma rebatida feroz, e Jean rolou ao cair para proteger as articulações. Ficou de pé e voltou a se mover assim que conseguiu se firmar no piso da quadra, mas a pontada de alerta na lateral do corpo o fez vacilar no primeiro passo. Que ridículo ficar tão lento por causa da dor depois de ter passado anos jogando com ela. Será que alguns meses de paz tinham mesmo o deixado tão fraco? Jean olhou a luva à procura de sangue, ficou satisfeito ao vê-la limpa e reduziu o passo até parar alguns instantes depois, quando a buzina soou marcando o gol dos Troianos.

Um apito da porta da quadra fez os dois times se virarem. Rhemann estava com a porta da casa aberta e ergueu três dedos. Substituiria os três jogadores de uma vez: Nabil no lugar de Jeremy, Shawn no de Jean e Haoyu no de Cat. Jean obedeceu e seguiu até a porta, e Cat correu para alcançá-lo. Rhemann deu um passo para trás para deixá-los sair, e os três assistentes dos Troianos já os esperavam um pouco ao lado. Cada um se aproximou de um jogador diferente, mãos estendidas para recolher raquetes e peças soltas do equipamento. Jean enfiou as luvas dentro do capacete antes de deixar Tony pegar suas coisas.

Rhemann pôs a mão no caminho de Jean antes que ele pudesse se afastar.

— Quer me explicar esse chilique?

— Desculpe, treinador. Ele não devia ter conseguido passar por mim.

— Não estou falando daquilo — disse Rhemann, magoado, como se aquela fosse exatamente a resposta que ele esperava, mas torcesse para não ouvir. Jean não soube pelo que mais deveria pedir desculpas, mas Rhemann não o deixou adivinhar. — Nunca mais quero ver você se batendo daquele jeito, entendeu? Os outros já estão mais do que dispostos a nos machucar. Você não precisa fazer isso por eles.

— Sim, treinador.

Rhemann apontou com o queixo, e Jean olhou na direção indicada para ver Davis e Nguyen à espera de lado.

— Vão se examinar e voltem quando os dois estiverem prontos.

Os dois incluía Jeremy; Jean percebeu tarde demais que ele estava mancando, poupando o pé esquerdo. Assim que Rhemann voltou a atenção ao jogo, Jean se

encaixou ao lado dele. Jeremy abriu um sorriso agradecido ao deixar que Jean sustentasse parte do seu peso, e os dois seguiram os enfermeiros de volta ao vestiário. Jean ajudou Jeremy a se acomodar em um dos consultórios da enfermaria antes de seguir Davis até o consultório ao lado. Tirou a camisa do uniforme e a proteção do peito quando mandaram, depois as meias e as caneleiras quando Davis apontou.

— Você podia ter se machucado feio — disse Davis, agachando-se para apalpar a canela de Jean com os polegares. — O que você estava pensando?

— Eu falhei em controlar meu marcador.

— E uma tíbia fraturada ia fazer você correr mais rápido? — retrucou Davis. Jean baixou os olhos para ele em silêncio. Davis sustentou o olhar, à espera de que o óbvio enfim entrasse na cabeça dele, e por fim tirou os óculos de meia-lua para apertar a ponte do nariz. — A boa notícia é que a caneleira absorveu a maior parte do impacto. Você deve sentir dor por um tempinho, e aposto que vai ficar com uns hematomas bem feios, mas não quebrou nada. Desta vez — enfatizou, erguendo-se antes de passar a examinar o tórax de Jean.

Uma avaliação rápida mostrou que não havia nada grave, então Davis se limitou a enrolar uma bolsa de gelo numa toalha fina.

— É melhor colocar a luva de volta pra isso — disse, pressionando a bolsa contra as costelas já arroxeadas de Jean. — Mande Tony ou Bobby buscarem outra quando essa aqui começar a esquentar, entendeu? Segure isso. — Enquanto falava, enfaixava a parte inferior da perna dele. Por fim, Davis o ajudou a colocar a camisa do uniforme outra vez. Sem a proteção do peito, ela ficava grande demais, mas Jean conseguia enfiar o braço por baixo da barra para manter o gelo no lugar.

— Deixe o equipamento aqui — ordenou Davis conforme entregava alguns comprimidos. — Depois eu peço pro Tony resolver isso.

Jeremy estava à espera no corredor. Nguyen tinha enfaixado o tornozelo dele e metade da canela e ainda prendido uma bolsa de gelo por cima. Jeremy sorriu ao vê-lo.

— Tudo certo?

— Nada sério o bastante pra precisar disso tudo — disse Jean.

— Eu ouvi isso — retrucou Davis de dentro do consultório.

Jeremy riu e pegou a muleta que tinha deixado apoiada na parede mais próxima. Diante do olhar severo que Jean lhe lançou, ele deu de ombros e sorriu.

— Nada sério — prometeu, com uma irreverência descarada. — Mas não tem por que piorar logo tão no começo da temporada. Pronto pra voltar?

Estavam quase chegando à porta quando Jeremy segurou Jean pela manga, e ele parou. O sorriso de Jeremy tinha desaparecido, mas havia sinceridade em sua voz enquanto ele examinava o rosto de Jean.

— Você foi incrível em quadra. Eu sei que todo mundo vai dizer o mesmo na conversa depois do jogo, mas eu queria ser o primeiro a falar. E sei que você só vai melhorar daqui pra frente, porque ainda está se questionando nesse estilo novo. Mal posso esperar pra ver até onde consegue chegar nesta temporada.

— Ele conseguiu passar por mim — lembrou Jean.

— Talvez, mas em nenhum momento você foi inferior a ele.

— Era pra ele ter marcado. O fato de não ter feito o ponto é prova da habilidade da Laila, não da minha.

— Não é uma questão de ser perfeito, Jean. É de ser melhor no geral, e você foi. Você é, em todos os sentidos — insistiu, quando Jean tentou dispensar aquilo com um gesto. — Se eu jogasse uma pedra no abismo entre o talento dele e o seu, acho que nunca a ouviria bater no fundo.

Aquele comentário grosseiro era tão fora do personagem que Jean só conseguiu encará-lo. Nem precisou dizer nada; Jeremy fez uma careta e baixou o olhar.

— Desculpe, isso foi desnecessário. Eu sei muito bem que não deveria deixá-los me afetar assim, mas eles sempre despertam o pior em mim.

— Isso deixa você mais interessante — disse Jean e observou o movimento da mandíbula de Jeremy trabalhar em protestos silenciosos. O fato de ele nem tentar se defender demonstrava o quanto estava decepcionado com a própria falta de cuidado; ele não queria que Jean gostasse daquele lado dele. No fim, Jean teve pena e explicou: — Não a sua capacidade de ser cruel, e sim a ferocidade com que você luta contra ela.

Não era a resposta que Jeremy esperava, a julgar pela expressão no rosto dele, mas aquele não era o momento nem o lugar para entrar naquilo. Jean segurou a porta aberta para Jeremy passar primeiro, mancando, e a volta dos dois à área técnica foi recebida por uma rodada de gritos e aplausos dos companheiros de time. Emma se apressou em abrir espaço no banco mais próximo para que eles pudessem se sentar. Angie chamou Bobby com um gesto para sussurrar algo no ouvido dela, e a garota do segundo ano saiu correndo a toda velocidade. Voltou poucos minutos depois com blocos rígidos de espuma da sala de musculação e os colocou de modo que Jean e Jeremy pudessem manter as pernas machucadas um pouco elevadas.

— Valeu, valeu — disse Jeremy, e Bobby fez um coração com as mãos para ele.

Lisinski passou depressa para ver como os dois estavam e aceitou a versão de Jeremy sobre a avaliação dos enfermeiros com um aceno sério. Depois que ela foi embora, Jimenez espantou Tanner, entusiasmado demais, do caminho para poder examinar seu defensor machucado. Jean fixou o olhar nos botões da polo vermelha e dourada de Jimenez, enquanto o treinador da linha defensiva dizia:

— Se você se bater daquele jeito mais uma vez, eu te deixo no banco por dois meses. Entendeu?

— Sim, treinador.

— Tirando isso, você foi brilhante — elogiou Jimenez. — Eles queriam uma briga; obrigado por não ter dado isso a eles. Só me avise se a gente precisa conter algum estrago, porque sei que algo fez o Hinch perder a cabeça. O que você disse a ele?

Jean lançou um olhar por cima do ombro para onde Cody e Cat pairavam por perto.

— Eu disse pra ele ter um excelente dia.

Cody soltou um grito tão alto que fez Derrick cambalear para longe em dramatização exagerada, e Cat se apoiou no ombro de Cody enquanto pulava sem parar.

— Esse é meu garoto! — gritou Cat, transbordando uma alegria descarada. — Isso aí, vamboraaaa! — Ela achou melhor não se jogar em cima de Jean e, em vez disso, saiu correndo numa volta ao longo da quadra. — Vamos, Troianos! Pra cima! — gritou ela, e a voz ecoou com facilidade, o que fez com que a arquibancada mais próxima repetisse o coro com entusiasmo.

— Certo, certo — disse Jimenez com um gesto para os Troianos que tinham se juntado ali por perto. — Ainda estamos no meio de uma partida, então vamos manter o foco no que importa.

Os reservas se dispersaram obedientemente para pontos de onde pudessem acompanhar o jogo, deixando Jean e Jeremy sozinhos no banco. Jean não precisou olhar para Jeremy para saber que ele sorria; era quase como se sentisse o calor irradiar de seu capitão.

— Você falou mesmo? — perguntou Jeremy.

— Ele levou para o lado pessoal — disse Jean.

Jeremy riu.

— Eles costumam levar! A Cat achou uma mina de ouro com essa aí.

Eles tinham perdido dez minutos com os enfermeiros, então restavam só quinze no relógio. Jeremy e Jean assistiram ao restante da partida lado a lado e trocavam observações sobre os jogadores que disputavam cada lance de um lado a outro da quadra.

Shawn tinha sido colocado contra Lander, já que estava mais próximo dele em habilidade e porte físico do que Haoyu. Ou ele conhecia Lander melhor do que Jean, por uma experiência dolorosa, ou tinha observado os dois com muita atenção, porque lutou com unhas e dentes para manter espaço entre o corpo dos dois. Quando precisavam chegar perto e ele não precisava deixar a raquete pronta, mantinha-a atravessada diante do peito. Aquilo dificultava que Lander o acertasse, embora não fosse uma defesa perfeita. Mesmo através da parede da quadra, Jean conseguia ver a careta de dor quando Lander encontrava uma abertura para cravar uma cotovelada.

A partida terminou em nove a seis para os Troianos, e Jeremy sacudiu Jean com entusiasmo.

— A maior diferença que a gente abriu em anos!

— Bunda no banco — disse Lisinski quando Jeremy começou a se levantar.

— Poxa, treinadora — protestou Jeremy, mas obedeceu e se acomodou de novo.

O restante dos Troianos pôde entrar na quadra para comemorar com os companheiros e passar depressa pela fila de cumprimentos, e Jeremy se contentou em erguer as duas mãos acima da cabeça em solidariedade. Rhemann conduziu os treinadores até a quadra para encontrar a comissão dos Linces, deixando apenas os três assistentes de olho no banco.

Talvez fosse inevitável que uma repórter surgisse voando assim que a barra ficou limpa. Ela ocupou o lugar vazio ao lado de Jean, enquanto o cinegrafista se agachava diante dos dois.

— Estamos aqui na Quadra Dourada com Jeremy Knox e Jean Moreau — disse ela com um sorriso para a câmera. — O apito final acabou de soar para uma vitória de nove a seis sobre os tradicionais rivais distritais, os Linces de White Ridge. Um começo fantástico de temporada, com atuações incríveis por todos os lados. Como vocês estão se sentindo esta noite, meninos?

— Uma estreia empolgante — concordou Jeremy com um sorriso aberto. — Eu não poderia estar mais orgulhoso do meu time pelo que entregou em quadra hoje à noite. Numa primeira partida, você nunca sabe bem o que esperar, né? Os treinos de verão só conseguem preparar a gente até certo ponto para a temporada, então sair daqui com uma vitória é bom demais. E ainda por cima

contra um time tão talentoso? — acrescentou, voltando a olhar para a quadra. — Vamos nos divertir muito esse ano, Ingrid. Mal posso esperar.

— E você? — perguntou Ingrid conforme voltava o sorriso a Jean. — Tenho uma confissão a fazer antes de sua resposta: eu nunca fui muito fã dos Corvos. — Por um instante, ela escondeu o rosto como se estivesse revelando um segredo vergonhoso, depois jogou os cachos para trás e se inclinou para mais perto dele. — É óbvio que eu assistia a Edgar Allan, mas cresci em Anaheim. Os Troianos sempre vão ser meu grande amor. Quando anunciaram sua transferência, fui uma das que mais reclamou, mas *nossa*. Pode me considerar convertida.

Não havia exatamente uma pergunta ali, mas, ainda assim, ela inclinou o microfone para ele. Jean se perguntou se podia simplesmente se levantar e ir embora. Jeremy lançou a ele um olhar cheio de expectativa, e Jean mal conseguia esconder a cara feia. Recusou-se a olhar para Ingrid ao dizer:

— Os Troianos merecem sua devoção. Eles são muito bons.

Ele conseguia imaginar o *nós* cansado de Jeremy, mas não havia um jeito fácil de Jeremy corrigi-lo com plateia assistindo.

— Fico feliz de estar errada — prometeu Ingrid. — Você se encaixou de um jeito tão natural no time e é evidente que seus companheiros adoram você. Tem uma… eu vou falar tudo errado, me desculpe… essa *joie de vivre* quando estão perto de você. — Errado era pouco. Jean mordeu a bochecha por dentro até sentir gosto de sangue para não comentar a pronúncia dela, mas Ingrid nem esperava resposta. — Falando em companheiros de equipe, aliás, não pudemos deixar de notar que um deles veio assistir hoje à noite. Espero que você não se importe que a gente o tenha chamado aqui para a entrevista pós-jogo.

Jean se recusou a acreditar que outro Corvo tivesse saído de tão longe, mas então uma voz familiar disse apenas:

— Johnny.

Jean parou de respirar, mas já se virava. Não existia mundo em que ele pudesse ignorar aquela voz — eles tinham sido parceiros por tempo demais. Na ponta do banco havia um segurança, e ao lado dele estava Zane Reacher. Quatro meses longe dos Corvos, e ele ainda vestia preto da cabeça aos pés, mas mesmo dali Jean conseguia ver quanto peso ele tinha perdido. A aparência estava péssima o bastante para descompassar o coração de Jean, que já estava de pé antes de perceber que tinha se movido, mas não sabia dizer se a intenção era se aproximar de Zane ou recuar.

Ingrid apresentava Zane para a câmera, mas o segurança não esperou que ela terminasse. Olhou de Jeremy para Jean e perguntou:

— Qual é a decisão? Posso escoltá-lo de volta à arquibancada, se não o quiserem aqui embaixo.

Quando Jean demorou demais para responder, Jeremy falou:

— Reacher, é bom ver você de pé. Sinto muito pelas suas perdas neste verão.

— Fale comigo de novo, e eu quebro seu outro tornozelo, Knox — retrucou Zane.

Jean se colocou entre os dois.

— Não ameace meu capitão, Zane.

Zane arrastou o olhar de volta ao rosto de Jean.

— Ou o quê? *Você* vai me impedir? — Pelo sorriso cruel que puxou sua boca, ele nitidamente não deixou passar a avaliação rápida que Jean fez dele. Sabia que Jean estava calculando, pesando as próprias chances contra o estado debilitado de Zane. O desafio preguiçoso no seu "tente" deixava explícito que Jean não deveria forçar a sorte.

— Jean — começou Jeremy.

— Johnny está ocupado — disse Zane sem tirar os olhos de Jean.

— Estava mesmo — concordou Jean com um gesto com a mão para Ingrid.

— Eu vim de longe. Você me deve seu tempo.

— Eu não te devo nada.

— Não? — exigiu Zane, denso de ódio e raiva.

Além de falar com Zane em si, fazer aquilo diante de uma plateia era a pior coisa que Jean conseguia imaginar, então ele fez um gesto para que Zane o seguisse.

— Vestiário.

Jeremy estendeu a mão para ele.

— Tem certeza?

Jean sustentou o olhar dele por um instante, mas não tinha respostas fáceis para as perguntas naqueles olhos atentos.

— Não sei — foi o melhor que conseguiu, incerto.

Atrás dele, Ingrid já se levantava do banco, decidida a seguir Jean e Zane para fora da área técnica. Jean apontou para ela, e Jeremy assentiu em silêncio, uma promessa de que a barraria. Zane saiu ao lado de Jean com a facilidade de um hábito antigo, igualando o passo e o ritmo como se eles nunca tivessem passado um dia sequer afastados. A familiaridade daquilo foi suficiente para embrulhar o estômago de Jean.

A porta do vestiário mal tinha se fechado depois que eles entraram quando Zane disse:

— Você só pode estar de sacanagem, Johnny. — Ele puxou Jean com força pela manga, uma careta feroz dividindo o rosto ao meio, e disparou: — Você era um desconhecido lá fora. Sem luta, sem garra. Deixou aquele time passar por cima de você como se tivesse fetiche em apanhar. O mestre te espancaria até você ficar por um fio depois de uma atuação tão covarde.

Jean se preparou para um golpe que não aconteceu e, por instinto, olhou ao redor para ver se o mestre estava por perto. Lógico que estavam sozinhos, então cerrou os dentes e disse:

— Talvez, mas eu não sou mais um dos Corvos dele. Assinei um contrato com os Troianos da USC e sou obrigado a seguir os padrões deles. Se isso significa abrir mão de uma briga em quadra, então é isso que vou fazer.

— Putinha covarde — acusou Zane.

— Não estamos mais em público — advertiu Jean.

A mão de Zane se fechou no pescoço dele com a naturalidade de quem respirava, e Jean bateu na parede com tanta força que uma das bolsas de gelo caiu. Zane o examinou à vontade, à procura de algo familiar no homem vestido de vermelho e dourado que ele tinha passado tantos anos protegendo. O desgosto no rosto dele deixava nítido que não tinha encontrado nada, mas Jean não era o único desconhecido ali. Antigamente, Jean teria levado a decepção de Zane para o lado pessoal, mas Zane tinha incendiado todas as pontes entre os dois. Ele já não era companheiro de equipe de Jean nem seu parceiro; sua desaprovação valia menos que bosta de mosca.

— A quadra raio de sol — disse Zane, a voz carregada de desprezo. — *Você.* Não tem vergonha?

— Diz o homem que foi encontrado no próprio vômito esse verão.

Os dedos de Zane apertaram com tanta força que Jean soube que amanheceria com hematomas. Não tentou reagir. Zane sempre tinha vencido Grayson nas brigas, e Jean nunca tivera a menor chance contra Grayson. Contentou-se em encarar Zane com fúria, à espera de que sua mão afrouxasse. Por fim, Zane puxou a mão de volta e a esfregou com força na própria camisa.

— Filho da puta — disse enfim, rouco e fervendo de raiva. — Você devia ter me deixado morrer.

— Devia mesmo — concordou Jean com uma veemência que fez Zane recuar um passo. — Mas, um dia, você foi meu parceiro. Isso significou algo pra mim, mesmo que não tenha significado nada pra você.

— Significou *tudo* pra mim! — explodiu Zane, ardendo de raiva. — Você faz ideia do preço que paguei por ficar do seu lado? Faz? A zombaria que engoli por

te defender, os castigos que eu levava toda vez que você não conseguia acompanhar, os olhares tortos e os comentários atravessados dos nossos treinadores e companheiros? Toda porra de dia era uma luta miserável, mas fiquei com você porque nós dois íamos ser algo extraordinário juntos. E então você me jogou fora.

— Eu não tive nada a ver com isso.

— Me diga que você não queria que o Josten assumisse meu número — exigiu Zane. — Eu vi sua entrevista, Johnny. Os Wesninski e os Moreau? Você não vai me convencer de que é coincidência dois chefões do crime europeus terem colocado os filhos na primeira divisão do Exy. Você sabia quem ele era o tempo todo e o queria como parceiro no meu lugar. Eu vim até aqui porque precisava ouvir você dizer isso na minha cara. Estou errado?

Jean não podia negar; tudo o que conseguiu fazer foi encarar Zane num desafio silencioso.

Zane encontrou naquele silêncio a resposta de que precisava e acertou Jean com força suficiente para tirá-lo do chão. O banco dos defensores amorteceu a queda, e a dor que atravessou seu peito já machucado foi suficiente para virar seu estômago do avesso. Jean cerrou os dentes e voltou a se pôr de pé. Era quase impossível ouvir Zane através do algodão que agora parecia encher sua cabeça, mas o ódio na voz dele fez as palavras chegarem mesmo assim:

— Você destruiu tudo pelo que eu lutei. Queria nunca ter te conhecido.

— Não fui eu que o marquei! — Jean empurrou Zane e perguntou: — O que eu devia ter feito, discutir com Riko? Arrancar a caneta da mão dele quando ele tentou encostá-la no rosto do Neil? Me diga!

A expressão no rosto de Zane já era resposta suficiente. Os Corvos não sabiam negar nada a Riko. Ele era a peça central do mundo deles, o coração venenoso que mantinha o time unido. Janeiro tinha cavado abismos inapagáveis na alma de Zane, mas não fizera nada para abalar sua lealdade desmedida e inquestionável. Ele tinha cometido um erro e pagara o preço devido. A crueldade desvairada da punição não importava, porque, nos cálculos desesperados e distorcidos de Zane, aquilo ainda fechava a conta.

— Você, dentre todas as pessoas, sabe o quanto o Rei me odiava — lembrou Jean. Zane tentou dispensá-lo com um gesto e se virar, mas Jean o agarrou pela camisa e se segurou como se sua vida dependesse daquilo. — Você não pode acreditar de verdade que eu, sozinho, conseguiria convencê-lo a elevar um desobediente de merda à seleção dos sonhos. Você sabia que aquilo não tinha nada a ver comigo, mas me traiu mesmo assim.

— Ah, pelo amor de Deus. — Zane soltou as mãos uma de cada vez e o empurrou para longe. — Supere isso.

Supere isso, porque aquele era o jeito dos Corvos. A crueldade era parte essencial do Ninho; a violência era necessária para garantir que todos continuassem na linha e rendessem o máximo possível. A agressividade e o talento determinavam a hierarquia, e a única forma de sobreviver em Evermore era entender e acreditar que tudo o que eles sofriam servia a um propósito.

Entretanto, janeiro era diferente; janeiro sempre seria pessoal. A insinuação de que Jean poderia algum dia perdoar ou esquecer fez a raiva tomar conta dele, e Jean partiu para cima de Zane com tudo o que tinha. Estavam perto demais para errar. Zane bateu contra os armários atrás dele, e Jean foi atrás, agarrando a gola da camisa dele com as duas mãos. Zane passou o polegar no sangue no canto da boca, impassível diante daquele surto de raiva, mesmo quando Jean torceu o tecido com força suficiente para cortar seu ar.

— Me diga por quê. — Não importava; não podia importar. Nada do que Zane dissesse seria capaz de consertar o que tinha se despedaçado entre eles. Contudo, aquilo não impediu Jean de tentar mais uma vez. — Me diga por quê. Você era a única pessoa que restava em quem eu… — Jean se engasgou com as próprias palavras e precisou tentar de novo. — Eu confiava em você.

Por um instante, o homem à sua frente pareceu dolorosamente familiar. Meio segundo depois, voltou a ser o desconhecido que janeiro tinha feito dele. Zane afundou os dedos com crueldade nos pulsos de Jean, obrigando-o a soltá-lo, e tornou a empurrá-lo para longe. No entanto, sua mão ainda estava na faca cravada nas costas de Jean, e Zane não resistiu a torcer mais uma vez, de forma dolorosa:

— Deveria era me agradecer por ter armado isso pra você. Dois anos sem trepar? Você devia estar prestes a explodir. Eu te fiz um favor.

O punho de Jean já estava recuando de novo quando uma nova voz surgiu hesitante da porta:

— Jean?

A USC tinha quatro treinadores, três assistentes e vinte e nove Troianos, mas, de algum jeito, a pessoa a flagrar os dois foi a porra do Lucas Johnson. Zane ficou imóvel como pedra, encarando-o, e Lucas lançou um olhar atônito de um para o outro. Jean estendeu o braço, ciente de que não podia fazer quase nada se Zane quisesse matar Lucas, mas precisava tentar mesmo assim.

— Sai daqui — disse, no exato instante em que Zane se lançou contra Lucas. Jean precisou usar o corpo inteiro para tirá-lo da trajetória, mas os tênis

deslizaram no chão polido, enquanto Zane tentava passar por ele à força. Não conseguiria segurá-lo por muito tempo, mas fincou os pés como pôde e repetiu: — Sai daqui. Sai daqui, *sai daqui.*

Zane perdeu segundos preciosos ao desferir o soco em Jean, em vez de continuar atrás de Lucas, e Lucas disparou para fora do vestiário em velocidade máxima. Jean cuspiu sangue para o lado e lançou um olhar mortal para Zane.

— Aquele é o Lucas, e não o Grayson. Ele é o irmão mais novo do Grayson. Deixe-o em paz.

— Não é o Grayson. — Zane esfregou os braços; a risada afiada e terrível fez os ombros dele estremecerem de modo visível. Ele examinou os nós dos dedos, talvez à procura do sangue de Grayson. Em janeiro, tinha espancado Grayson até deixá-lo à beira da morte, porque não havia chance nenhuma de Grayson deixar alguém espancá-lo se ainda tivesse forças para resistir. Jean tinha achado que os hematomas nas mãos de Zane nunca iam desaparecer. Tinham desaparecido, no fim das contas, mas a ferida infeccionada na mente de Zane, não. — Não é o Grayson, porque o Grayson se matou. Quem poderia ter previsto isso?

— É, quem poderia? — devolveu Jean.

Zane tinha que ter ouvido a acusação naquilo, mas, em vez de responder a ela, disse:

— Ouvi dizer que ele foi te visitar no fim. Um último ataque antes de partir, hein? — Zane riu de novo, e Jean percebeu tarde demais que tinha levado a mão ao próprio pescoço. Zane mordeu os nós dos próprios dedos até fazê-los sangrar. — Pegou a via expressa direto pro inferno. Deve estar lotado por lá, Johnny. Estamos todos morrendo. Todos nós, menos você, quando era você quem devia ter morrido primeiro. Por que ainda está aqui?

— Porque eu cumpro minhas promessas.

— Só que não cumpriu, e recebeu exatamente o que merecia — disse Zane. A frase foi tão gratuita que Jean deu um passo para trás, afastando-se dele. Zane chupou o sangue dos nós dos dedos e cuspiu para o lado. — Exatamente o que você queria, aliás. Eu lembro. Eu estava lá. Ouvi você implorando, sua put…

Um lampejo de cor avisou Jean que eles já não estavam mais sozinhos. No mesmo instante em que registrou a presença do *treinador*, Rhemann acertou Zane com um soco forte o bastante para arremessá-lo para trás. Ele parecia ter três metros de altura enquanto se erguia sobre o corpo amassado de Zane, irradiando uma fúria que nunca tinha voltado contra os próprios jogadores. Zane se levantou com um brado, pronto para brigar, mas, no segundo em que percebeu quem o tinha atingido, estacou bruscamente. Uma vez Corvo, sempre

Corvo; Zane já não era estudante, mas não havia nada que pudesse fazer contra um treinador. Pela primeira vez, Jean se perguntou se eles algum dia aprenderiam a se manter firmes.

Rhemann esperou um momento para ele se recompor. Quando Zane apenas recuou e desviou o olhar carregado, disse:

— Caia fora do meu vestiário e nunca mais volte ao meu estádio. Entendeu?

— Com certeza — disse Zane e lançou um último olhar de lado para Jean. — Não tem nada de valor aqui mesmo.

Rhemann apontou o caminho, e Zane passou por ele sem dizer mais nada. Rhemann não se virou para vê-lo ir embora; apenas levou o telefone ao ouvido.

— Reacher está voltando à área técnica — disse assim que alguém atendeu do outro lado da linha. — Se certifique de que ele seja escoltado para fora do complexo e pressionem até ele ir embora da cidade. Chamem quem precisar chamar, mas resolvam isso. Não quero ver a cara dele por aqui nunca mais.

Rhemann desligou e se virou para Jean, que baixou os olhos depressa para o chão. Não sabia quanto Rhemann tinha ouvido. As vozes ecoavam quando o vestiário estava vazio, e nenhum dos dois Corvos tinha sido discreto em meio à própria raiva. Jean não tinha o direito de perguntar, mas talvez fosse melhor assim. Ele não confiava na própria voz para se manter firme.

Rhemann estendeu a mão como se esperasse que Jean tentasse fugir.

— Jean, olhe pra mim.

Jean arrastou o olhar até a gola da camisa de Rhemann; foi o máximo que conseguiu erguer os olhos. Movimentou a mandíbula em desculpas que não conseguia dizer em voz alta, mas Rhemann não tinha tempo para repreendê-lo por ter se metido numa briga. A súbita cacofonia de vozes agitadas deixou evidente que os Troianos enfim estavam chegando ao vestiário.

Rhemann segurou Jean pelo braço e disse:

— Venha comigo. — Então o conduziu pelo corredor. De algum jeito, conseguiram chegar ao corredor dos treinadores sem cruzar com os atletas, e Rhemann o fez se sentar na cadeira diante de sua mesa. — Me dê dois minutos. Não saia desta sala.

Jean enfim conseguiu responder:

— Sim, treinador.

Rhemann fechou a porta ao sair. Jean baixou o olhar para as próprias mãos e fez o possível para não pensar. Rhemann podia ter ficado fora dois minutos ou duas horas. O tempo não significava nada enquanto Jean tentava encontrar um eixo que não conseguia achar. O silêncio quando Rhemann abriu a porta de novo

era estranho, quase inquietante, mas Jean não se importava o bastante para perguntar aonde os Troianos tinham ido.

Rhemann voltou carregando um punhado de materiais médicos, inclusive algumas bolsas de gelo novas. Jean puxou a camisa do uniforme sobre os ombros para que Rhemann pudesse prender uma delas ao seu peito com gaze limpa. Quando estava terminando, Rhemann começou, com cuidado:

— Escute, Jean.

Ele foi interrompido por uma batida firme à porta. O visitante não esperou ser chamado antes de entrar na sala. Jean registrou o desconhecido como se estivesse muito longe dali: cabelos escuros, olhos ainda mais escuros, talvez na casa dos cinquenta. Ele não usava a credencial que o identificaria como imprensa, mas também não tinha cara de treinador. Estava vestido como um professor rígido demais que tinha se perdido no caminho para a própria sala de aula.

— Ah, desculpe — disse o homem. — Vi seu time de volta na quadra, então achei que já era seguro.

Rhemann dispensou o pedido de desculpas com um gesto.

— Adi, este é o Jean.

— Sério? — disse Adi, voltando-se a Jean com interesse renovado. — *O* Jean Moreau? Ouvi muitas coisas a seu respeito.

— E quem não ouviu? — perguntou Jean sem pensar.

Não tinha graça nenhuma, mas aquilo arrancou dele uma risada horrível, entrecortada, quase um soluço. Ele queria arrancar o próprio rosto fora. Queria cavar para tirar aquele calor ácido do peito antes que ele derretesse seus ossos. Agarrou a beirada da cadeira entre os joelhos e apertou até os dedos doerem.

covarde perdedor traidor vendido rejeitado puta

Ele tinha jogado fora as cartas furiosas dos Corvos, mas recebia mensagens de desconhecidos que nunca nem o tinham conhecido e que, ainda assim, queriam culpá-lo pela queda dos Corvos. Pensou nos comentários maliciosos de Hannah Bailey, nos desconhecidos irritados no shopping naquele verão, nos paparazzi perseguindo Jeremy e ele na caminhada até o campus. Pensou nos comentários grosseiros de Hinch em quadra e em Zane dizendo que ele devia ter sido o primeiro a morrer.

Eu não me importo com o que pensam de mim, pensou com um desespero que não tinha fim. *Não me importo. Não posso me importar. O que importa é jogar.*

— Vou levar mais um minutinho — disse Rhemann. — Não espere por mim.

— Certo — saiu a resposta, incerta. — Leve o tempo que precisar.

O desconhecido saiu de novo, mas Rhemann não se mexeu até ouvir a porta se fechar. O silêncio voltou a cair sobre a sala, pesado o bastante para sufocar. Jean se concentrou no próprio coração para não enlouquecer.

Depois de um tempo, Rhemann pegou outra bolsa de gelo sobre a mesa e se agachou para examinar melhor o rosto castigado de Jean, que se recusou a sustentar aquele olhar carregado, mas não conseguiu esconder o estremecimento quando Rhemann disse:

— Reacher não tinha o direito de dizer coisas tão cruéis a você.

Então ele tinha ouvido o suficiente. A única resposta apropriada seria um "Sim, treinador", mas o que saiu de Jean foi um áspero:

— Não tinha, treinador?

Rhemann espancaria Jean até o deixar por um fio por afastar a bolsa de gelo com tanta grosseria, mas talvez fosse melhor assim. Se Jean estivesse inconsciente, não precisaria pensar em nada daquilo. Só que Rhemann apenas deixou a bolsa de gelo de lado e se acomodou sobre o calcanhar. Ele observou Jean com um olhar firme, sem vacilar, e disse:

— Fale comigo.

— Eu pedi por isso — falou Jean.

Rhemann precisava saber daquilo antes de perder tempo ficando ofendido por ele.

— Eles — *me odiavam todos eles me odiavam* — perguntaram se eu gostava, e eu — *estava com tanto medo* — disse que sim. Eu não tinha permissão para dizer não. — A última parte não era para ter sido dita em voz alta, mas escapou antes que conseguisse segurar. Jean levou dedos instáveis aos lábios e apertou até sentir gosto de sangue. — Eu não — *queria aquilo eu odiava aquilo eu os odiava* — sabia mais o que fazer.

Riko era cruel, mas não era burro, e tinha se certificado de que só os defensores homens estivessem presentes quando oferecera Jean numa bandeja de prata. Durante três dias, os Corvos tinham permanecido quase alheios ao abuso que Jean estava sofrendo. Então Ellison contara tudo no vestiário sem que ninguém perguntasse, declarando-se o melhor com quem Jean tinha estado até então. Jean não podia se salvar sem desafiar Riko, então entrou em pânico e concordou. O estrago estava feito: o calouro jovem demais, dormindo com um por um ao longo da linha, não sentia remorso nenhum nem tinha intenção de parar.

Grayson percebeu um sinal de vulnerabilidade e não perdeu tempo em se aproveitar. Naquela quarta noite, estava decidido a machucar Jean o máximo que pudesse, depois passou a mão pelas lágrimas dele e disse:

— *Você gosta disso também, não gosta? Me peça mais.*

Jean teria dito qualquer coisa para fazê-lo parar, e implorara até perder a voz. Nada daquilo lhe rendera misericórdia; só alimentara ainda mais a fome de Grayson. Depois, Jean mantivera Zane acordado por metade da noite, chorando tanto contra o travesseiro que quase tinha vomitado. E Zane teve a coragem de olhar nos olhos dele e dizer…

Só que ele não estava errado, estava? Três anos não tinham mudado nada. Jean resistira o máximo que conseguira, mas não tinha sido o bastante. Com o braço quase sendo deslocado do lugar e tanta dor que mal conseguia pensar, ainda assim tinha dado a Grayson tudo o que ele exigira. Sabia que aquilo não o salvaria, mas estava tão desesperado por um alívio, por menor que fosse, que precisava tentar. Jean queria arrancar fora a própria pele em todos os lugares onde Grayson o tinha tocado, mas a voz baixa de Rhemann o distraiu antes que ele conseguisse se agarrar de verdade àquele impulso.

— Escute o que vou dizer. Não importa o que você disse. Você era só um garoto tentando sobreviver do jeito que conseguia. Ninguém pode culpar você por isso.

— Mas culpam — disse Jean. — Sempre vão culpar. E deram um jeito de fazer todo mundo culpar também.

Eu não me importo. Não importa. Então por que ele queria gritar até rasgar a garganta?

O buraco no estômago era o mesmo de quando Riko o empurrava escada abaixo: uma fração de segundo de queda livre antes de a dor começar. Jean recuou daquela beirada o mais depressa que pôde, conforme tentava colocar a maior distância possível entre si e Rhemann.

— Desculpe, treinador. Eu não tenho direito de reclamar. Passei dos limites, e recebi o que eu… — Mas as palavras se prenderam na garganta num engasgo audível, e Jean mordeu a língua com toda a força que conseguiu.

— Merecia? — completou Rhemann num tom que Jean nunca mais queria ouvir dele.

— Sim, treinador — respondeu Jean.

Foi a coisa errada a se dizer. Rhemann colocou as mãos de repente em seus ombros, firmes, inabaláveis. Jean se preparou para um golpe, mas Rhemann disse apenas:

— Repita comigo: eu não merecia o que fizeram comigo.

Rhemann não fazia ideia do que pedia; não fazia ideia do preço daquilo. O pânico abriu um caminho do estômago de Jean até o coração. Ele não podia se recusar a obedecer a uma ordem direta de um treinador, mas podia implorar:

— Por favor, não me obrigue a dizer isso, treinador.

— Eu preciso que você diga e acredite nisso, Jean — disse Rhemann. — Por favor.

Aquele *por favor* era tão inesperado que Jean só conseguiu encará-lo, o coração martelando mais alto que os próprios pensamentos. Ele sentia cada corrente retesada, à espera das palavras que enfim as destruiriam de vez. Tinha medo de abrir a boca outra vez e acabar passando mal, mas por fim conseguiu soltar, hesitante:

— Eu não merecia — *mãos pesadas, raquetes mais pesadas ainda, quartos escuros, sangue mais escuro ainda, dentes e facas e afogamento, estou me afogando, estou me afogando* — o que fizeram comigo.

Uma convulsão de alerta no peito o fez tapar depressa a boca com a mão. Jean engoliu em seco contra o fogo que queria devorá-lo inteiro. Não adiantou; havia um nó na garganta impossível de contornar para respirar. Engoliu de novo, na tentativa de desalojá-lo, e quase teve ânsia. Em vez disso, Jean se bateu, enfiando o punho livre com força nos hematomas recém-formados na maçã do rosto, e Rhemann segurou seu pulso com cuidado.

— Não — disse Rhemann, mas Jean mal o ouviu por cima do próprio coração disparado.

De repente, percebeu que a mão era a única coisa que o mantinha inteiro; a lava que tinha corroído seu peito e sua alma estava rígida o bastante para rachar, e com certeza o partiria ao meio se ele cedesse um centímetro. Jean se soltou de Rhemann para poder levar a outra mão por cima da primeira. Apertou com tanta força que achou que fosse quebrar o próprio nariz, os olhos bem fechados para não ver a expressão de Rhemann.

Mãos cuidadosas se colocaram em seus ombros, não para sacudi-lo nem para atingi-lo, e sim para mantê-lo imóvel enquanto Rhemann dizia:

— A gente nunca devia ter deixado ele chegar tão perto de você. A gente devia ter te protegido melhor. Me desculpe por não ter feito isso.

Ele disse "Me desculpe" como se fosse minimamente apropriado um treinador pedir desculpas a um dos jogadores. Aquilo era tão inesperado e tão descabido que Jean se esqueceu de como se respirava, e o pensamento rápido e traiçoeiro que saiu em seguida rasgou seu coração de alto a baixo: *não é ele quem*

deveria estar me pedindo desculpas. A audácia daquele pensamento era quase tão assustadora quanto a verdade contida nele, e Jean não conseguiu se agarrar com força suficiente para sufocar o soluço engasgado que escapou.

Não, pensou Jean, desesperado. *Aguente. Por favor…*

— Jean. — Rhemann apertou seus ombros com força. — Você está seguro. Eu estou com você. Solte.

Jean desabou sobre si com um som horrível, e o peso dos braços de Rhemann ao redor dele não foi suficiente para impedi-lo de se partir.



CAPÍTULO DEZOITO

Jean

Jean acordou em um quarto desconhecido, numa cama desconhecida. Encarou o teto claro conforme tentava, ainda meio enevoado, juntar as peças da noite anterior. As lembranças chegavam em fragmentos: o calor nauseante de um luto enterrado muito fundo por tempo demais, o peso firme de braços fortes fornecendo algum amparo, o gosto amargo dos comprimidos para acalmá-lo quando Jean já não conseguia se recompor. Luzes de freio, postes acesos e um carro caindo aos pedaços. Jean não se lembrava de ter saído do carro, mas soube num instante onde estava.

O horror daquilo o fez sair da cama cambaleando, em pânico, mas os lençóis se enrolaram em um de seus tornozelos e quase o derrubaram de joelhos. Ele se apoiou à parede para se equilibrar, o coração martelando sem piedade no peito. Levou alguns segundos para conseguir se desvencilhar. Jean não sabia se devia arrumar a cama ou tirar toda a roupa de cama: com certeza, Rhemann iria querer lavar os lençóis antes que outra pessoa dormisse ali, mas deixar tudo naquele estado parecia de uma grosseria imperdoável. Por fim, Jean pôs tudo em ordem com rapidez e eficiência, ainda que, com as mãos trêmulas como estavam, fossem necessárias algumas tentativas até deixar os cantos bem esticados.

Tinham colocado Jean na cama ainda de camiseta e short, mas os sapatos estavam logo atrás da porta do quarto. Jean os enfiou debaixo do braço, abriu a porta devagar e espiou o corredor. Do outro lado, havia uma porta aberta que dava para um banheiro; quase todas as outras portas que ele conseguia ver estavam fechadas. Jean avaliou as opções antes de atravessar depressa o corredor. O que quer que Rhemann tivesse lhe dado na noite anterior deixara sua garganta insuportavelmente seca, então, foi ao banheiro e tomou vários punhados de água da pia. Seu rosto estava um desastre de hematomas entre o soco de Hinch e a violência de Zane, e uma fileira de marcas arroxeadas circulava seu pescoço, deixadas pelos dedos brutais de Zane. Jean desviou os olhos do espelho e saiu dali.

A voz que ecoava pelo corredor era feminina. Quanto mais Jean se aproximava da escada, mais reconfortante soava. Já tinha ouvido o noticiário das manhãs de fim de semana vezes o bastante em casa para reconhecer o sotaque arrastado e descontraído da apresentadora. Jean desceu cinco degraus até o andar de baixo, lançou um olhar cauteloso para a sala vazia e atravessou até a próxima porta aberta.

A sala de jantar e a cozinha formavam um único cômodo comprido. Numa ponta, havia uma mesinha com duas cadeiras, e uma TV tagarela estava presa no canto mais próximo dela. Rhemann estava sentado em um dos bancos altos junto à meia-parede que ajudava a separar a cozinha. Tinha um jornal aberto à frente enquanto tomava café numa caneca. O desconhecido da noite anterior — Adi, Jean se lembrou — lavava a louça na pia, mas ficou imóvel quando viu Jean.

— James — disse.

Rhemann ergueu os olhos e seguiu o olhar de Adi até Jean. Ver seu defensor indisciplinado parado logo além da porta fez com que ele afastasse o café e o jornal e se virasse no banco para dar atenção total a Jean.

— Bom dia. Conseguiu dormir um pouco?

— Sim, treinador — disse Jean. — Desculpe, treinador.

— Você não tem nada pelo que se desculpar — retrucou Rhemann, como se Jean não tivesse arruinado a noite de estreia com um colapso horrível no escritório dele. Talvez algo tivesse transparecido no rosto de Jean, porque Rhemann soltou um suspiro cansado e voltou a se virar para o café. — Está entendendo agora, Adi?

— Não pegue no pé dele — reclamou Adi. Então, dirigindo-se a Jean, disse: — Bom dia! Adijan Bregović, às suas ordens. Pode me chamar de Adi. E você é Jean. — Ele sorriu, mas foi um sorriso fraco. — Já que estamos falando de

desculpas, me desculpe pelo que eu disse ontem à noite. Na hora, eu não sabia que aquilo tinha tanto peso. É que o James passou o verão inteiro falando de você — acrescentou, dando uma cutucada de cotovelo para Rhemann enquanto lavava e secava as mãos. — Moreau pra cá, Moreau pra lá, eu já estava começando a achar que você era a segunda vinda de Cristo.

Jean não fazia ideia de como responder a nada daquilo, então começou pelo mais simples:

— Você é treinador?

— Deus me livre, não. Não, não, não. Eu não entendo nada de esporte. — Diante do olhar que Rhemann lançou para ele, Adi fez um gesto teatral. — Está bem, *lógico* que acabei aprendendo um pouco sobre Exy, mas quase todo o resto continua, felizmente, além da minha compreensão. Está com fome? Óbvio que está — disse, antes que Jean pudesse negar. Ele pegou três pratos de um armário próximo e os colocou lado a lado perto do fogão. — Você chegou em ótima hora. Venha, venha, tem burek suficiente pra todo mundo. Eu só estava deixando esfriar um pouco.

— Coma — disse Rhemann. — Vai te fazer bem.

Jean atravessou o cômodo obedientemente para aceitar um prato e examinou o pedaço enrolado de massa que Adi lhe tinha dado. Queria perguntar qual era a composição nutricional daquilo, mas teria de confiar que Rhemann não o estava levando pelo caminho errado. Adi serviu Rhemann no balcão antes de montar o próprio café da manhã e fez um gesto para que Jean fosse na frente até a mesa. Colocou o prato diante de Jean, do outro lado da mesa, mas ainda não se sentou. Precisou de duas viagens para deixar tudo pronto: numa, distribuiu potinhos de iogurte para cada um; na outra, levou café preto para Jean.

— Temos creme, se quiser — comentou Adi, enquanto Jean escondia os sapatos debaixo da mesa.

— Não — respondeu Jean e se lembrou de acrescentar: — Obrigado.

— Pode comer — disse ele, enfim se acomodando na cadeira. — Coma, beba e seja feliz.

Apesar do tom animado, o café da manhã foi desagradável. O noticiário ao fundo não chegava nem perto de se sobressair sobre o silêncio pesado que se instalou na cozinha.

Rhemann foi o primeiro a terminar e recolheu a própria louça com a eficiência tranquila de sempre.

— Vou avisar ao Jeremy que você acordou — disse, olhando para Jean do outro lado do cômodo. — Da sua casa até a minha dá uns vinte minutos, então

fique à vontade até ele chegar. Vou estar lá fora, nos fundos, se precisar de mim.

— Seu boné está pendurado na lavanderia — avisou Adi, enquanto Rhemann saía. Jean olhou da porta para Adi e de volta para a porta, recusando-se a dar forma àqueles pensamentos impossíveis, mas sem conseguir se livrar deles por completo. Adi terminou o café antes de se recostar na cadeira para observar Jean. — Não leve o jeito dele para o lado pessoal. Ele está morrendo de preocupação com você; só está convencido de que você não se sente seguro perto dele, então não quer ficar no seu caminho.

Jean não disse nada, mas nem precisava. Adi encontrou no rosto dele a última resposta que queria ver, e sua expressão ficou séria.

— Ah, mas ele não estava mentindo, estava? Ele nunca, nunca machucaria você. Eu preciso saber que você sabe disso.

Mas poderia, pensou Jean, lembrando-se da facilidade com que Rhemann tinha derrubado Zane na noite anterior. Em seguida, surgiram as lembranças mais estranhas: o cansaço profundo de Rhemann toda vez que Jean evitava encará-lo ou tentava se desculpar pelo condicionamento de Corvo; as unhas inquietas arranhando o apito quando Jean oferecia contrição; e as mãos cuidadosas em seus ombros, como se acreditasse que Jean pudesse quebrar sob um toque menos delicado. Jean engoliu todas as respostas prontas e escolheu, em vez disso, uma verdade desconcertante:

— Eu sei — disse conforme evitava o olhar perscrutador de Adi.

— Tem certeza? — perguntou Adi, e Jean se obrigou a assentir. Adi esperou para ver se algo mais se seguiria, depois apontou para o prato vazio de Jean. — Bom, né? Fiz minha baba me ensinar antes de eu sair de casa. Manhãs difíceis pedem comidas reconfortantes.

— Sim — concordou Jean. Ele nunca tinha pensado em carne vermelha como algo para se comer no café da manhã, mas, no fim das contas, funcionava bem. Então acrescentou, um pouco atrasado: — Obrigado.

— Quer conhecer a casa? — perguntou Adi enquanto recolhia a louça. Antes que Jean pudesse responder, o pager de Adi disparou. Ele olhou o número e assobiou entre dentes. — Lógico que o trabalho tinha que estragar o momento… Parece que vou precisar fazer umas ligações. Por favor, fique à vontade. Ainda tem bastante café, e o banheiro é logo ali em cima, se você precisar. Tudo certo? Ótimo. Desculpe, desculpe. — E saiu depressa, já remexendo os bolsos à procura do celular.

Jean ficou sozinho por mais alguns minutos, mas, no fim, pegou os sapatos e começou a explorar a casa devagar. Só ali no térreo, já dava para enfiar a casa

inteira de Laila, e ainda sobraria espaço. A casa era aconchegante e cheia de coisas, com vãos largos em arco que deixavam os cômodos mais arejados. A televisão da sala era quase duas vezes maior que a de Cat, mas foram as estantes que chamaram sua atenção. Em uma sim, outra não, os livros davam lugar a fotografias emolduradas. Jean viu Lisinski em algumas delas, e aquela só podia ser a família de Rhemann: os três homens em pé, ombro a ombro com ele, eram parecidos demais para não serem irmãos ou primos de primeiro grau.

Mais da metade das fotos mostrava apenas Adi e Rhemann. Jean se demorou mais diante de uma em que os dois estavam num barco, em alto-mar. Ali, pareciam visivelmente mais jovens, sem nenhum fio grisalho aparente no cabelo de Rhemann. Adi erguia um peixinho com um orgulho escancarado, enquanto Rhemann ria ao lado dele. A foto cortava na altura da cintura, mas Jean tinha quase certeza de que aquilo era um polegar aparecendo junto à barra solta da camisa aberta de Adi. Talvez Rhemann só estivesse segurando um corrimão fora do enquadramento, mas…

O som de passos sobre o piso de madeira fez com que ele devolvesse a foto depressa ao lugar, mas o homem caminhando não seguiu até ele. Uma porta se fechou ao longe, e a casa voltou a mergulhar no silêncio. Jean se afastou das estantes com perguntas demais corroendo por dentro.

O primeiro escritório por que passou só podia ser de Rhemann, considerando que o cômodo inteiro era tomado por artigos sobre Exy e fotos de times. Jean sabia que não deveria invadir, mas continuou a andar: primeiro passou por uma porta fechada, atrás da qual conseguia ouvir a voz de Adi, e depois por uma lavanderia com armários e pia próprios.

No fim, foi parar na porta dos fundos, que estava escorada, deixando fechada apenas a tela. Espiou e viu um quintal três vezes maior que o estreito quintal de Laila. Rhemann estava ajoelhado num canteiro, tirando cenouras da terra com cuidado. Vê-lo daquele jeito era desconcertante; Jean tinha acreditado, tolo que só, que Rhemann deixava de existir fora do Exy. Era um pensamento ridículo, considerando que ele passara parte da primavera preso com Wymack, mas a verdade é que Jean simplesmente não conseguia imaginar treinadores tendo uma vida pessoal.

— Quer me dar uma mão? — perguntou Rhemann, empurrando para cima a aba do chapéu mole que caía sobre os olhos.

Jean tinha sido pego. Enfiou os pés nos sapatos, saiu e seguiu pela trilha de pedra até Rhemann. Com alguns puxões cuidadosos, Rhemann mostrou como soltar as cenouras da terra e o deixou terminando a fileira enquanto ia examinar

a próxima leva de verduras. Jean foi colocando seus troféus, um por um, no balde meio cheio que Rhemann deixara para trás. Ter algo para fazer ajudava a acalmá-lo. Era uma tarefa objetiva, com um resultado esperado, e, embora não fosse Exy, ajudava a restabelecer a hierarquia entre os dois.

Rhemann voltou com alguns pepinos, mas demorou a sair de perto de novo. Observou Jean por um instante enquanto ele trabalhava.

— Diga como eu posso ajudar — pediu o treinador, por fim. Jean ficou imóvel aos poucos, mas se recusou a retribuir o olhar. Rhemann esperou apenas mais alguns instantes para que ele pensasse numa resposta antes de continuar: — Eu sei que você não se sente à vontade comigo e que não confia em mim o bastante para se abrir, mas eu preciso saber que você está seguro. Preciso saber que está bem. Entende?

— Eu estou bem, treinador.

— Jean. — Havia mais arrependimento do que exasperação na forma como disse seu nome. — Não há nada que eu possa fazer?

Jean pensou em Rhemann adiando uma entrevista o máximo que podia e barrando os portões da USC quando a imprensa seguiu os Troianos até a sala de aula. Pensou em Rhemann limpando ele mesmo as mordidas ensanguentadas de Grayson e no cuidado com que, na noite anterior, colocara gelo sob as costelas machucadas de Jean. Tirara Jean de vista antes que os Troianos o vissem, ciente de que o controle dele estava por um fio, e o levara ali para que pudesse se recuperar longe da preocupação sufocante deles.

Jean não sabia o que fazer com aquelas gentilezas imerecidas nem como assimilá-las; não havia como pedir mais do que já tinha recebido, nem ali, nem na China. Aquilo por si só já era insuportável; um treinador deveria tirar, não dar.

Deveria mesmo?, pensou, lembrando-se da presença firme de Wymack naquela primavera. Foi o bastante para fazer seu estômago doer. Rhemann e Wymack eram a exceção à regra, ou os treinadores dos Corvos é que eram uma anomalia cruel?

Rhemann ainda esperava uma resposta. "Não, treinador" só desapontaria o homem, e "você já fez mais do que devia, treinador" soava de uma ingratidão sem fim. Jean não conseguia encontrar um meio-termo seguro, então encarou a terra debaixo das unhas e não disse nada.

Rhemann não teve escolha senão desistir. Com um suspiro cansado, mudou de assunto e começou a explicar a Jean a disposição da horta. A ideia tinha sido de Adi, ao que parecia, e Rhemann resistira durante anos. Tinha matado todas as

plantas que já levara para casa; por que alguém confiaria a ele um projeto ainda maior? Entretanto, no fim, ele tentara mesmo assim, de novo, de novo e de novo, até enfim pegar o jeito. Ainda havia contratempos, mas Rhemann já via mais acertos do que fracassos. O treinador observava a plantação com um orgulho discreto, e Jean passou a olhar para o verde ao redor com interesse renovado.

Nunca tinha pensado em cultivar nada, porém, girando um tomate entre os dedos, Jean se perguntou se haveria espaço suficiente no quintal minúsculo de casa para tentar. No fim das contas, aquilo daria trabalho e dor de cabeça demais, ou seria gratificante cuidar de algo desde a semente até o prato? Distraído, ele se questionou se pêssegos cresciam em videiras ou em árvores. Quase perguntou, mas não sabia como Rhemann reagiria à ignorância dele.

A porta dos fundos rangeu ao abrir, e Jeremy saiu para o caminho de pedra, avaliando os dois com o olhar. Não estava com a muleta; talvez não tivesse mentido quando dissera, na noite anterior, que toda aquela cautela era só por precaução. Pela forma tensa como mantinha a boca cerrada, parecia mais preocupado do que com dor enquanto examinava o rosto de Jean, que deixou que ele olhasse o quanto quisesse, sem o cumprimentar nem tentar o tranquilizar, e, por fim, Jeremy se lembrou dos bons modos.

— Bom dia, treinador. Como anda minha abóbora?

— Ainda não matei, mas ainda tenho algumas semanas pela frente. — Rhemann bateu as mãos uma na outra para tirar a terra antes de se virar de novo para Jean. Estendeu o balde de legumes para ele e disse: — Isto é pra você. Fique com o balde, se achar alguma utilidade para ele, e jogue fora se não achar. Eu juro que deve ter pelo menos uns dez desses espalhados por aqui, então não preciso dele de volta.

Jean hesitou antes de aceitar.

— Obrigado, treinador.

— Pode ir — disse Rhemann, levantando-se.

Jean se pôs de pé e limpou os joelhos com a única mão livre. Rhemann acompanhou os dois até o portão lateral para destrancá-lo, mas não passou com eles. Fez um gesto para Jeremy e disse:

— Tome cuidado se vocês forem ao estádio pegar as coisas dele. A segurança deve estar em alerta máximo, mas prefiro não contar com isso. — Esperou Jeremy assentir, sério, antes de olhar para Jean e acrescentar: — Se cuidem e avisem se precisarem de algo.

— Sim, treinador — responderam os dois em coro, e Jeremy levou Jean embora.

Um caminho estreito os conduziu até a frente da casa. Havia um carro desconhecido ao lado do de Jeremy no começo da entrada, e o carro caindo aos pedaços de Rhemann estava estacionado logo atrás. Na verdade, não havia espaço para o carro de Jeremy, mas ele fizera o possível para estacionar ali. Aquilo deixava boa parte do porta-malas avançando pela rua, embora não parecesse haver muito movimento por ali. Casas espaçosas e árvores meticulosamente podadas ladeavam os dois lados da rua silenciosa.

Jeremy foi na frente até a porta do passageiro, mas, em vez de a abrir, virou-se para examinar Jean. Inevitavelmente, seu olhar caiu nos hematomas em volta do pescoço dele, e o rosto de Jeremy murchou.

— Eu sabia que era uma péssima ideia — admitiu Jeremy, tão baixo que Jean mal conseguiu ouvir, apesar da pouca distância entre eles. — Você nunca chegou a falar do Zane, mas o cuidado que tinha em não o mencionar já me fazia desconfiar de que havia algum problema. Eu não confiava nele, nem queria que você fosse embora com ele, mas achei que não tinha o direito de impedir. Aí o Lucas praticamente arrancou o treinador do lugar, dizendo que Zane estava tentando matar você, e eu… — Jeremy não conseguiu terminar.

Na verdade, Zane queria matar o Lucas, mas Jean não tinha como entrar naquilo. Sabia que conclusões Jeremy tiraria sobre Grayson e Zane se colocasse aquele alvo nas costas de Lucas, e ele não tinha forças para lidar com aquilo naquele momento: não tinha estômago para a verdade feia nem interesse numa mentira que apagasse os pecados de Zane. Era mais fácil se apegar ao restante: ao fato de Lucas ter corrido atrás de ajuda assim que conseguiu escapar. Jean nem tinha parado para se perguntar como Rhemann chegara tão depressa.

— Ele não estava. Era uma briga com oito meses de atraso. — Aquilo não aliviou em nada a culpa no olhar de Jeremy, então Jean acrescentou: — Ainda assim, foi bom que ele tenha vindo. Eu precisava vê-lo uma última vez.

Ele se surpreendeu ao perceber que falava sério, mas onde antes havia feridas abertas já havia cicatrizes sensíveis. Era um desdobramento curioso; ele teria esperado que a crueldade de Zane o deixasse mais destruído, e não menos. Talvez aquilo tivesse menos a ver com a agressividade de Zane e mais com Rhemann abrindo seu coração estilhaçado e drenando o veneno depois. A tensão profunda que ele carregara por meses demais enfim se partira e o abandonara, deixando apenas cansaço e vazio.

— Bom — repetiu Jeremy, num tom baixo e incrédulo. Ele levou a mão ao pescoço de Jean, mas parou a um fio de encostar na pele marcada. — Mas já

chega. Se você não se sente à vontade para denunciar, pelo menos deixe que eu faça uma declaração em seu nome.

— Não há nada a ser dito.

— A gente não pode fingir que não aconteceu.

— Diz quem não deu importância aos próprios ferimentos — retrucou Jean, o tom de voz afiado.

— Jesus, Jean. Não é o mesmo. Faser… — Jeremy estremeceu ao perceber o deslize. Jean gravou o nome na memória, enquanto Jeremy tentava mudar de assunto: — Zane nitidamente queria machucar você, e você não vai responsabilizá-lo por isso. Você merece coisa melhor.

Aquela palavra de novo; Jean teve vontade de arrancá-la da boca de Jeremy. Agarrou-o pelo queixo e ergueu seu rosto à força.

— Que se dane o que eu mereço. E o que eu quero?

Uma exigência ousada — e de uma imprudência insuportável. Não era nada daquilo que Jean queria dizer, mas sentiu o erro no exato instante em que o olhar sobressaltado de Jeremy encontrou o dele. O fantasma da faca de Riko em seu pescoço o fez puxar a mão de volta, e Jean recuou para uma distância mais segura. Jeremy também se afastou, mas não tinha aonde ir. Acabou se apoiando no carro e estudou o rosto de Jean com um olhar firme, inabalável. Jean se recusou a encará-lo, limitando-se a contar batidas do coração até o perigo passar.

Por fim, Jeremy perguntou:

— Então o que você quer? Me diga, porque não sei mais como ajudar. Estão vindo atrás de você em casa, na faculdade, na quadra… Não consigo ficar assistindo a isso acontecendo com você o ano inteiro. Não é justo nem certo. Eu preciso que você se sinta seguro com a gente.

— Na maior parte do tempo, eu me sinto — disse Jean, e era verdade. — Você prometeu que não desviaria o olhar, então deixo que olhe. Mas deixe que ele vá embora, capitão, e me deixe fechar essa porta. Ele não vai voltar. Não veio aqui por um número, veio por uma verdade. Não há mais nada que ele possa tirar de mim.

Jeremy não disse nada por um longo tempo e, quando enfim falou, foi apenas um abatido:

— Você tem certeza?

— Tenho — respondeu Jean de imediato.

— Eu não gosto disso.

— É seu direito.

Jeremy baixou o olhar, admitindo a derrota. Jean o deixou em paz, e Jeremy abriu a porta do passageiro para ele antes de dar a volta para entrar. Jean colocou o balde de legumes no chão, entre os pés, e afivelou o cinto quando o capitão se sentou ao volante.

Não havia a menor chance de chegarem em casa em silêncio, mas Jeremy resistiu até entrarem na estrada. Só então remexeu no porta-copos com uma das mãos e estendeu uma moeda para Jean.

— Uma moeda por seus pensamentos?

Jean não sabia direito o que estava pensando, mas talvez simplesmente não houvesse espaço o bastante dentro da própria cabeça para desembaraçar tudo aquilo. Pegou a moeda e a girou entre os dedos enquanto olhava pela janela.

— Eu não gostei dos Linces — disse. Sentiu que Jeremy o encarava por ter começado pelo ponto mais improvável, mas o capitão ficou quieto e se obrigou a prestar atenção na estrada à frente. — Eu devia ter gostado, não devia? Eles jogam do jeito que fui treinado. Do jeito certo — acrescentou, ciente de que aquilo poderia render uma interrupção de Jeremy.

Jeremy não mordeu a isca, e Jean conseguiu atravessar em paz os próprios pensamentos eriçados. Passara o verão inteiro numa luta inglória, tentando em vão tirar os Troianos do salto alto e reclamando, insatisfeito, da contenção que exigiam dele. Tinha insistido para que enxergassem o óbvio e colocassem as prioridades em ordem, e eles o contrariaram com prazer em cada oportunidade.

Na noite anterior, eles tinham sido brilhantes, como Jean já sabia que seriam — afinal, eram dos Três Grandes, as estrelas do mundo cinzento de Kevin —, mas não era o desempenho deles que o deixara abalado. Era o contraste brutal entre os Linces e os Troianos, ainda mais escancarado pela crueldade de Zane depois. Um lembrete duro de quanto ele tinha se afastado de um normal horroroso.

— Eu não quero que você seja como o Zane — disse Jean, devagar, enquanto tentava organizar aquilo dentro de si. — Eu não quero que o treinador seja como o mestre. Não quero ensinar o Tanner a se arrepender toda vez que ele fracassa nos meus treinos nem quebrar minha raquete nas costas da Cat quando achar que ela devia ter ido melhor. Eu nunca mais quero voltar ao que as coisas eram antes. Talvez vocês sejam tapados, e eu seja o maior otário de todos por entrar nessa com vocês, mas é melhor ser um otário imprudente do que um Corvo.

Ele estendeu a moeda para Jeremy.

— Vamos fazer do seu jeito. E mesmo assim vamos ganhar.

Por fim, Jeremy sorriu, e quase parecia verdadeiro. Sem ver, estendeu a mão em busca da moeda, e Jean a apertou na palma dele para que Jeremy pudesse manter os olhos na estrada. Jeremy deu um aperto rápido nos dedos dele e disse:

— Com você do nosso lado, como é que a gente vai perder?

Ele estava tentando soar acolhedor, Jean sabia, mas a voz não refletia aquilo. Jean presumiu que ele ainda estivesse incomodado por ter deixado Zane sair impune e procurou alguma distração adequada. O que lhe escapou foi um imprudente:

— O treinador é… — E ele não conseguiu terminar. Era ousadia demais fazer uma afirmação tão presunçosa sobre um treinador. Acabou se corrigindo para um comentário vago e incerto: — O treinador e o Adi.

Jeremy completou por ele:

— São um casal, sim. Estão juntos há uns vinte e sete anos. Talvez vinte e oito, agora. Mas são bem discretos. Vai saber o que as pessoas diriam de um homem gay comandando um time universitário. Vestiário, atletas impressionáveis, todo esse preconceito babaca. Oficialmente, o Adi é o melhor amigo de faculdade do treinador. Dois solteirões vivendo o sonho em Los Angeles, ou coisa assim.

"Para ser sincero, nem sei quantos Troianos já perceberam. O Adi em geral evita o estádio fora dos campeonatos, e o treinador não fala dele em qualquer ambiente. Eu o conheci no meu primeiro ano, depois de… — Ele deixou a frase no ar, ciente de que Jean seria capaz de imaginar as circunstâncias sozinho. Jeremy lhe deu um instante para absorver aquilo antes de perguntar, com cautela: — Isso faz você ter mais medo do treinador ou menos?

Jean se limitou a responder com sinceridade:

— Não sei.

De um lado, havia o desdém cortante de Riko, "Vou arrancar isso dele nem que seja à força", o cansaço na voz de Kevin, *"Eles deviam servir de aviso, Jean"*, e mil insultos cheios de julgamento lançados contra ele com uma precisão devastadora. Do outro, a despreocupação de Neil, *"Tenho certeza de que ele sabe"*, quando Jean o avisou para esconder Andrew de Ichirou, a naturalidade com que os Troianos aceitavam a fama de periguetes deles e um relacionamento que, de algum modo, sobrevivera por vinte e oito anos naquele mundo cruel.

Jean cutucou os nós dos dedos enquanto pensava na distância imensa entre aquelas realidades. Ele sabia que era perda de tempo se perguntar aquilo. Era propriedade dos Moriyama; havia limites que ele não podia atravessar, acontecesse o que acontecesse.

— Eu confiaria minha vida a ele — disse Jeremy. — Mas não precisei enfrentar o que você enfrentou, então não vou tentar convencer você. Sei que você precisa chegar nesse ponto sozinho.

O silêncio que se instalou entre eles não era confortável, mas era calmo, e Jean perseguiu os próprios pensamentos em círculos exaustivos. No fim, só encontrou alguma paz pensando: *A brisa fresca da noite. Arco-íris. Estradas abertas. Amigos. Fogos de artifício.* Depois de um momento, acrescentou, hesitante, *treinador*, mas a ideia lhe pareceu tão repulsiva que ele a rejeitou na mesma hora. Tetsuji Moriyama também era treinador, e Jean se recusava a colocar Rhemann e Wymack na mesma categoria daquele pesadelo violento.

Ele já tinha esbarrado naquele mesmo problema ao tentar definir os companheiros de equipe, mas, daquela vez, não havia solução fácil. Jean virou a questão de um lado para o outro, cada vez mais irritado, até que uma lembrança solta o fez parar de repente.

Meus meninos, Wymack chamara as Raposas, e Rhemann dissera o mesmo naquele verão: *"Você é um dos meus agora."*

Pais?, pensou Jean, mas aquilo era tão absurdamente impróprio que ele levou a mão à maçaneta da porta.

— Ei — disse Jeremy, assustado com o estalo dos dedos de Jean batendo na porta. — Tudo bem aí?

— Sim — mentiu Jean, olhando para fora pela janela.

Tentou obrigar os pensamentos a se aquietarem, mas eles se recusavam a largar o assunto e seguir para outra coisa. Por um instante, pensou em pedir ideias a Renee, mas descartou aquilo na mesma hora. Aquilo era íntimo demais para dividir; ele teria de resolver sozinho. Só que, quilômetros depois, ainda não tinha encontrado nenhuma outra resposta.

Talvez, pensou. Afinal, eles nunca precisariam saber. E não era como se a palavra fosse carregada de afeto por natureza. Hervé Moreau tinha se certificado daquilo.

Jean refez a contagem com cuidado, terminando em *pais.*

A palavra ainda lhe dava um nó nervoso no peito, mas Jean aprenderia a conviver com aquilo.

Um minuto depois, ruas conhecidas o distraíram dos pensamentos incômodos, e logo Jeremy estacionou atrás do carro de Laila. Havia dois homens de terno parados ao pé da escada. Jean reconheceu apenas um rosto, mas o uniforme era familiar: era a mesma empresa que tinha providenciado segurança para Laila quando a imprensa começara a aparecer na casa.

— Homens do tio dela — disse Jean. — Precaução ou reação?

Jeremy fez uma careta de desculpa para ele.

— A Ingrid ainda estava no banco quando o Lucas saiu correndo atrás do treinador, então ouviu que o Zane tinha ido atrás de você. Depois que o treinador White a pôs para fora do estádio sem dar explicação nenhuma, os colegas dela apareceram ontem à noite exigindo prova de que você estava vivo. Não arredaram o pé até a segurança chegar. Acho que desta vez eles só ficam três ou quatro dias, mas espero que seja o suficiente.

— Por quanto tempo mais o tio dela vai tolerar que eu atrapalhe tudo? — perguntou Jean.

— Você faz a Laila feliz, e isso o deixa feliz — disse Jeremy. — Não se preocupe.

Jean recolheu os legumes ao sair do carro, fingiu não ouvir gritarem seu nome lá da rua, onde os repórteres estavam, e subiu os degraus atrás de Jeremy. Ele não sabia se Cat e Laila tinham ouvido os gritos ou se apenas reconheceram o ronco familiar do motor de Jeremy, mas as duas estavam à espera no corredor, de pijama, quando Jeremy e Jean entraram pela porta da frente. A aflição que deformou o rosto de Laila quando ela viu direito os hematomas novos dele foi contida num instante, mas Cat cruzou o corredor em tempo recorde.

— Quando é que isso vai parar? — exigiu ela, a voz afiada de raiva. — Jean…

— Não importa.

— Importa, sim — insistiu Cat. — Ele machucou você de verdade.

Jean ergueu o balde entre os dois antes que ela pudesse tocar a linha inchada de seu pescoço. Cat o pegou sem reclamar, mas não desviou o olhar. Jean estalou os dedos no ar entre os dois até que ela enfim erguesse os olhos para encará-lo.

— Estou me esforçando ativamente para esquecer que ele existe. Não atrapalhe. — A expressão teimosa no rosto dela deixava evidente que não estava convencida, então Jean completou: — Não vamos mais falar disso. Se você não gostou, discuta com Jeremy.

Cat olhou incrédula para Jeremy, mas ele balançou a cabeça.

— A decisão é dele, Cat.

A cara fechada de Cat dizia que eles ainda teriam aquela conversa depois, mas ela tinha juízo suficiente para ficar calada por ora. Jean bateu de leve no balde para desviar a atenção dela de Jeremy e disse:

— Presentes do treinador.

Ela inspecionou os legumes como se aquilo fosse sua obrigação.

— Ah, ele está ficando melhor nisso — disse com um entusiasmo forçado.

Jean não se importou que fosse fingimento; se ela sustentasse aquilo por tempo suficiente, acabaria se enganando até ficar de bom humor.

— Ótimo. Vou lavar e guardar tudo.

— Café? — perguntou Laila. — Passamos uma garrafa nova quando Jeremy foi buscar você.

— Aceito — concordou Jean, e os quatro seguiram para a cozinha.

Ao atravessar a porta, Cat apontou para a ilha. O notebook dela estava aberto ali, com uma página colorida aberta no navegador. Jean se sentou para ver, enquanto Jeremy servia café para os dois. Cat estava num site de notícias de Exy — ou melhor, na seção voltada à fotografia, que arquivava todas as imagens tiradas nos jogos da NCAA da noite anterior pelo país inteiro. Ela já tinha filtrado a página para mostrar apenas as fotos da partida entre os Troianos e os Linces, e a sequência de miniaturas parecia não ter fim. Jean foi abrindo uma por uma enquanto Cat se ocupava esfregando os legumes na pia.

A série começava com a chegada dos Troianos para o aquecimento. Aqui e ali havia sequências que pareciam praticamente um slideshow; o fotógrafo tinha pressentido que algum lance importante estava prestes a acontecer e estava determinado a registrar o melhor clique possível. A maior parte daquelas sequências se concentrava em chances de pontuação, mas uma quantidade ridícula delas girava em torno de Jean: no aquecimento antes do jogo, interagindo com os companheiros na lateral da quadra e depois já em jogo. Jean passou por essas imagens o mais depressa que pôde, sem o menor interesse em se ver pelos olhos invasivos de um desconhecido.

Laila se sentou ao lado dele e fez um gesto pedindo espaço, e Jean lhe cedeu o controle do notebook. Laila abriu a aba seguinte. Era a matéria sobre o jogo. Em letras garrafais e em negrito no alto da página, lia-se: **USC** DERROTA **W**HITE **R**IDGE NA ESTREIA EM CASA**;** CORVO DOURADO BRILHA**.** A foto logo abaixo mostrava a comemoração dos Troianos ao soar do apito final, porém, no centro da página, havia uma imagem de Jean usando o ombro de Lander como apoio.

— "Brilha" mesmo — disse Laila. — Não consegui acreditar quando você fez aquilo.

— Usou o ombro do Lander de trampolim? — arriscou Cat por cima do ombro. — Olha a cara dele!

Jean não tinha visto na noite passada, concentrado demais em chegar primeiro na bola, mas Lander parecia bastante ofendido por ter sido usado como escora. Aquilo não fez suas costelas doerem menos, mas lhe deu uma satisfação

incomoda. Ele colocou os dedos com cuidado sobre a camisa, testando a dor que uma noite de descanso não tinha aliviado, e disse:

— Babaca.

— Eles são um time encantador — respondeu Laila, seca.

— Pelo menos já os tiramos do caminho logo de cara — apontou Cat.

Laila rolou a página até encontrar o parágrafo que queria e leu:

— "Se não fosse pela campanha barulhenta dos Corvos contra ele nesta primavera e pelo número inconfundível estampado em seu rosto, qualquer pessoa assistindo a esta partida teria dificuldade em lembrar que Jean Moreau veio transferido da Edgar Allan. Ele parece tão à vontade na Quadra Dourada quanto já pareceu em Evermore, acompanhando e reforçando com surpreendente facilidade o famoso estilo de jogo leve dos Troianos."

— Surpreendente nada — retrucou Cat, combativa. — As pessoas é que não escutam.

Laila estudou Jean por um instante antes de dizer:

— Você foi brilhante, sabia? Dentro e fora da quadra, quero dizer.

Ela abriu uma terceira aba, na qual deixara uma das fotografias isolada numa página própria: Cat aninhada junto a lateral de Jean, e a boca dele encostada na têmpora dela. Sem contexto, a imagem parecia quase tranquila, mas Jean se lembrava do que estavam conversando naquele momento. Ficou irritado que alguém tivesse registrado aquilo e posto ali para qualquer um ver.

Ele desviou o olhar, mas Laila ainda não tinha terminado:

— Os Corvos passaram tanto tempo tentando pintar você como um problema ambulante, um garoto malcomportado, e agora todo mundo pode ver quem você é de verdade. Qualquer um pode dizer que sua entrevista foi ensaiada para melhorar sua imagem, mas tudo o que viram ontem à noite foi genuíno. — Ela clicou por mais algumas abas, demorando só alguns segundos em cada uma, o bastante para ele ver que eram outras matérias sobre o jogo, de fontes diferentes. — No geral, o tom está ponderado e positivo.

— Eu não… — começou Jean, mas o *não me importo com o que pensam de mim* morreu na própria língua. A noite anterior provara que aqueles seis meses de atenção agressiva e hostil tinham mexido com ele, quisesse ou não. Ele virou o resto do café de uma vez e disse, em vez disso: — Eu não quero mais ler minhas cartas. Joguem tudo fora se chegarem nelas antes de mim.

Nem precisou especificar Kevin como exceção; eles olhariam os remetentes em busca de nomes conhecidos antes de jogar suas cartas no lixo.

— Com prazer — disse Laila. — Vou comprar um picador de papéis hoje.

O silêncio caiu sobre a cozinha, mas não durou. Jeremy tocou Jean de leve e perguntou:

— Você vai à consulta hoje ou prefere remarcar?

Jean olhou para o relógio e viu que eram nove e quinze. Tinha perdido a sessão da semana anterior por causa do banquete. Preferia nunca mais voltar, mas tinha promessas a cumprir.

— Eu tenho que ir, mas preciso tomar um banho primeiro. — A ideia de se molhar ciente do que o aguardava dali a uma hora deixou seu estômago em frangalhos, mas ele tinha ido dormir imundo depois do jogo e sabia que estava nojento. — Vou ser rápido.

— Você sempre é — comentou Jeremy e estendeu a mão para pegar a caneca de Jean.

Jean a entregou vazia e saiu do cômodo. No curto tempo que levou para se lavar e se vestir para o dia, as fotos de sua volta para casa naquela manhã já tinham ido parar na internet. Ele as viu abertas no notebook de Cat quando voltou à cozinha, à procura dos amigos. A luz da manhã foi mais gentil com seus hematomas do que a claridade dura do banheiro de Rhemann, mas as marcas em volta do pescoço denunciavam com nitidez que foram feitas por dedos humanos. Jean não tinha o menor interesse em ler especulações sobre seu encontro com Zane, então deu as costas à cozinha e tentou a sala.

Cat escovava o cabelo de Laila, que digitava no celular. Jeremy, com um pé apoiado na mesa de centro, examinava o tornozelo. Jeremy sorriu quando Jean apareceu e se levantou. As apostilas de direito estavam na mesa junto do livro de francês, mas, depois de uma breve hesitação, Jeremy pegou apenas o segundo antes de conduzir Jean até a porta da frente.

Jean o observou tirar as chaves do gancho antes de dizer:

— Quero vender o carro.

— Beleza — concordou Jeremy.

Cat gritou, aflita:

— Esperem! — quase abafando a exclamação indignada de Laila. O baque de algum móvel sendo empurrado fez Jean imaginar que Cat tinha praticamente saltado por cima de Laila para sair mais depressa da sala. Ela se segurou no batente da porta da sala para não passar reto pelo corredor e estendeu a mão para ele. — Quero dizer, sim! Sim, você deveria mesmo. Mas me deixe ir com você quando fizer isso. Meu tio compraria esse carro de você num piscar de olhos. Para as pessoas certas, ele é peça de coleção e tudo mais, então, com isso e eu te recomendando, você ganharia uma bolada. Cinco dígitos fácil.

— Você não acredita nisso — disse Jean, cético.

— Eu sei que estou certa — garantiu Cat. Ela gesticulou freneticamente para ele, como se achasse que Jean fosse embora antes de ouvir todo o discurso, e continuou: — Mas, Jean, você podia até trocar por uma moto e ainda sobrar muito dinheiro. Você não precisa, lógico; pode ficar usando essa pelo tempo que quiser. Mas não seria bom ter uma coisa que fosse só sua?

Ela fazia parecer tão simples. E talvez fosse mesmo. Jean hesitou antes de dizer:

— Vou pensar.

Os seguranças os acompanharam com expressões sérias, mas Jean não ouviu mais ninguém gritar por sua atenção. Talvez os repórteres já estivessem satisfeitos com as fotos que tinham conseguido, ou os seguranças os tivessem expulsado quando tentaram chegar mais perto em busca de uma declaração. Fosse como fosse, Jeremy conseguiu pegar a estrada rumo ao norte sem contratempos. Jean observou a cidade passar pela janela e tentou não pensar no que estava a caminho.

Jeremy o deixou em paz até estacionar; então disse:

— Falei com Renee Walker ontem à noite. — Foi tão inesperado que Jean só conseguiu o encarar. Jeremy o observou com uma expressão indecifrável antes de explicar: — Ela não conseguiu falar com você, então pediu a Kevin que me ligasse. Tinha ouvido os rumores de que Reacher tinha atacado você na quadra e precisava saber se você estava bem. Eu disse que o treinador estava cuidando de você e que vocês se falariam hoje. Tudo bem por você?

— Sim — disse Jean. — Vou precisar pegar meu celular.

— A gente pega na volta — prometeu Jeremy.

Eles tinham chegado cedo para a consulta, mas os minutos passaram sem dificuldade. Por fim, Jean foi chamado para os fundos e fechou a porta do consultório depois de entrar. Sentou-se quando o médico indicou a cadeira, e o homem se recostou para observá-lo. Percorreu com o olhar lento os novos hematomas que marcavam seu rosto e seu pescoço.

— Precisamos falar disso? — perguntou.

— Teve jogo em casa ontem à noite — respondeu Jean.

O olhar do médico demorou um pouco mais em seu pescoço, mas decidiu não insistir.

— Fico feliz que você tenha voltado. Eu não tinha certeza de que voltaria.

Não havia motivo para mentir.

— Eu não queria, mas… — As desculpas fáceis caíram por terra; continuavam verdadeiras, mas soavam vazias naquele momento. Era a voz de Rhemann em sua cabeça, a de Rhemann, a dos amigos, a de Neil, abafando seus pensamentos miseráveis e suas desculpas com uma força implacável. Jean apertou as mãos até os dedos ficarem dormentes e se obrigou a acreditar nas palavras enquanto as trazia, devagar, à existência: — Eu mereço melhorar.

— Merece — disse o médico com uma compaixão simples e imediata que, de algum modo, manteria Jean são ao longo daquela sessão horrível. — E você vai.

Uma semana de cada vez, Jeremy tinha prometido.

Jean puxou o ar devagar e assentiu.

— Está bem.



CAPÍTULO DEZENOVE

Jeremy

O treino da segunda-feira de manhã foi tão tenso e miserável quanto Jeremy sabia que seria, mesmo depois de ele passar o sábado e o domingo discutindo com os companheiros de equipe por mensagem. Era a segunda vez que Jean era atacado na Quadra Dourada por um ex-companheiro de time, e os Troianos estavam, com toda razão, revoltados. O fato de Zane ter encostado em Jean e ido embora para casa sem sofrer consequência nenhuma era imperdoável; pior ainda era a história da Ingrid fazer parecer que aquilo era uma rivalidade entre os dois lados.

Jeremy entendia a raiva dos companheiros, e a dor que ele sentia também pesava lá no fundo, mas tinha prometido seguir a deixa de Jean. Não precisava gostar nem concordar; em poucos dias, ficou evidente que Jean sabia muito bem o que estava fazendo. Durante todo o verão, ele andava se afastando dos Corvos devagar, com cuidado, mas rejeitar, com firmeza, tudo o que eles representavam foi um salto enorme para a cura que ele precisava.

Jeremy nunca o tinha visto tão em paz, embora tivesse levado um tempo para entender exatamente o que havia mudado: Jean enfim estava tratando os Troianos como o time dele, e não como o time ao qual ele tinha sido designado.

Era uma mudança pequena, mas decisiva, na forma como ele enxergava tudo e se comportava. Jeremy jamais perdoaria Zane, mas, por ora, deixaria aquilo quieto.

Também ajudava o fato de a imprensa ter assuntos mais urgentes para tratar naquela semana. Por causa da morte de Rogeson, os Corvos tinham sido dispensados do banquete de outono da região sul no sábado. A primeira aparição pública deles na temporada passaria a ser a partida que se aproximava contra as Raposas. Tanto Edgar Allan quanto Palmetto State tinham eventos no campus ao longo de toda a semana para agitar seus respectivos alunos, e Wymack convidou a imprensa para o vestiário na tarde de terça-feira.

Por causa do treino, Jeremy teve que esperar chegar em casa para assistir ao vídeo, mas as aulas particulares de Jean fizeram com que os amigos também se atrasassem. Jeremy mandou mensagem a Laila quando chegou em casa e se acomodou diante do notebook, e ela avisou quando todos já estavam reunidos ao redor do computador de Cat. Não era tão bom quanto estar lá com eles, mas fez com que se sentisse um pouco mais próximo quando enfim deu o play.

Os calouros das Raposas foram os primeiros, e Jeremy ouviu, já meio exausto, enquanto eles descartavam os Corvos como ex-campeões superestimados. Era uma postura ousada, considerando quanto tempo havia que os Corvos dominavam tudo e como aqueles garotos ainda tinham visto tão pouco do Exy universitário. Os veteranos não eram muito melhores, mas Jeremy se surpreenderia se fossem civilizados. As Raposas tinham apanhado demais ao longo dos anos, sido alvo de chacota mil vezes e já tinham aprendido havia muito tempo a revidar sempre que tinham a chance.

Eles eram chamados em duplas, e era inevitável que Kevin e Neil acabassem juntos na vez deles. Kevin não conseguia ser grosseiro quando a câmera estava bem na cara dele, mas Jeremy sabia ler nas entrelinhas: ele não tinha o menor interesse na revanche. Edgar Allan era um fantasma das ruínas do que tinha sido um dia. Sem a seleção dos sonhos ou o treinador Moriyama em jogo, o time já não representava um desafio nem tinha valor algum para ele. Kevin até se esforçou para manter Neil fora da conversa, sem confiar no vice-capitão para abrir a boca, mas o entrevistador insistia.

— E você? — perguntou o homem e enfiou o microfone na cara de Neil pela terceira vez. — Está ansioso para a partida?

— Com certeza — disse Neil. — Isso se eles derem as caras esta semana.

Depois de alguns momentos constrangedores, o repórter brincou:

— Só isso? No ano passado, você tinha opiniões bem fortes sobre os Corvos.

— A maioria era sobre o treinador deles e o Riko, mas esses dois não são mais um problema. — Neil deu de ombros, indiferente. O jeito como ele cambaleou fez Jeremy pensar que Kevin o chutara onde a câmera não podia captar. Neil devolveu o olhar fulminante de Kevin com uma expressão impassível e disse apenas: — Se você fosse sincero quando te perguntam sobre eles, eu não teria que ser.

— Falou o homem menos sincero que eu conheço — retrucou Kevin.

— Eles não merecem gentileza nenhuma da minha parte depois de tudo o que fizeram a gente passar — insistiu Neil. — Espero que percam todos os jogos desta temporada e vou repetir isso quantas vezes me perguntarem. Eles não deveriam pisar em quadra enquanto todo mundo que o treinador Moriyama formou não fosse tirado de lá. Edgar Allan devia ter espalhado todos eles por outras universidades e desmontado o programa inteiro, se você quer saber.

— Ele não quer saber — protestou Kevin. — Fique no assunto.

— O assunto eram os Corvos — retrucou Neil, sem o menor arrependimento.

— Falando em Corvos fora do lugar, imagino que vocês tenham assistido ao jogo da USC na última sexta-feira — adiantou o repórter, voltando o microfone para Kevin. Foi tiro e queda: Kevin se esqueceu na hora do companheiro provocador em troca de uma fofoca sobre os Troianos. — Deixando de lado como a noite supostamente terminou, que começo brilhante para seu time favorito.

— Supostamente — repetiu Jeremy, e recebeu a mesma mensagem indignada de Cat alguns segundos depois.

— Pro meu azar — admitiu o repórter com uma risada. — Eu e meus colegas fizemos uma aposta informal de que Moreau se envolveria em pelo menos um arranca-rabo. Eu tinha certeza de que veríamos o primeiro cartão vermelho dos Troianos.

Talvez ele esperasse que Kevin concordasse, mas Kevin fingiu não entender.

— Os Troianos da USC não brigam em quadra. É a estatística mais famosa e mais controversa deles. Tenho certeza de que você sabe disso.

— Sim, mas… — O repórter se atrapalhou por um instante. — Sendo o primeiro jogo de Moreau sob tantas restrições, eu esperava que ele acabasse recaindo nos velhos hábitos. Impressionante que não tenha acontecido — acrescentou quando ficou nítido que Kevin não iria ajudá-lo. — Uma estreia fantástica em todos os sentidos, você não acha?

— Com certeza — respondeu Neil com um sorriso que fez Jeremy se afastar um pouco do computador. — Muito bom ver que as costelas dele sararam sem deixar sequelas para nenhum dos envolvidos. — Ele fez uma careta quando Kevin o chutou de novo. O rosto de Kevin parecia talhado em pedra enquanto ele encarava o companheiro mais baixo, mas não precisou dizer nada. Neil deixou passar com um simples: — Enfim, nosso tempo acabou e precisamos voltar à quadra.

— Você mencionou as costelas de Moreau? — insistiu o entrevistador.

— Renee e Andrew são os últimos, certo? — perguntou Neil, levantando-se.

Plim-plim, fez o celular de Jeremy, e ele leu a mensagem de Laila: "Esse aí adora instigar."

Jeremy começou a digitar uma resposta, mas o entrevistador tentou uma última cartada:

— Kevin, você se importaria de explicar esse comentário?

Kevin ficou imóvel.

Jeremy deixou o celular de lado para analisar a forma como Kevin e Neil se encararam. O fato de Kevin ceder primeiro foi inesperado, mas, por fim, ele inclinou a mão esquerda até conseguir ver as próprias cicatrizes. Passou os dedos de modo distraído sobre a pele pálida por alguns instantes e então lançou um olhar firme para o entrevistador, fora de quadro.

— Com todo o respeito, não adianta nada — disse ele. — Vocês nunca vão aceitar a palavra de ninguém acima da deles, então é melhor perguntar a verdade aos Corvos. Boa sorte com isso; eles não sabem como falar a verdade a não ser que alguém a enfie goela abaixo. — Ele fez um gesto para Neil andar logo. Daquela vez, Neil foi sem discutir, seguindo para a porta sem olhar outra vez para o entrevistador. Kevin foi atrás dele, dizendo: — Obrigado pelo seu tempo. Vamos mandar a próxima dupla.

Jeremy demorou muito para se lembrar do celular.

"De zero a dez, quão irritado o Jean está?"

"Abro aspas: 'Ameaça asquerosa'", respondeu Laila alguns segundos depois. Antes que Jeremy começasse a se preocupar, ela mandou mais algumas mensagens: "Ele saiu da sala assim que Kevin jogou o repórter em cima dos Corvos. Cat foi atrás dele. Vamos pausar aqui até eles voltarem, embora eu não tenha certeza de que Jean vá assistir ao restante. E você?"

Jeremy olhou para a tela. Andrew Minyard e Renee Walker estavam sentados diante da câmera, Renee com um sorrisinho no rosto, e Andrew com cara de paisagem, entediado. Jeremy pausou o vídeo para observar os goleiros das

Raposas. Em quadra, Andrew era tecnicamente a ameaça maior, mas o olhar de Jeremy se deteve em Renee. Antes da ligação rápida de sexta-feira, a única interação que ele tinha tido com ela fora o aperto de mão na semifinal do ano anterior, mas ele sabia que ela era importante para Jean. Os dois trocavam mensagens com frequência, e Kevin reconhecera na hora a cruz dela quando viu Jean a usando.

Ela parecia bem fofinha, mas Jeremy sabia muito bem o tipo de gente que o treinador Wymack recrutava para o time. Mais do que aquilo, ele se lembrava de Jean dizer que tinha sido Renee quem o tirara da Edgar Allan depois que Riko o espancara quase até a morte. Jeremy não sabia ao certo se ele estava falando literalmente, mas enfim apertou o play para ouvir as respostas dela.

Ela destoava de forma gritante dos companheiros, falando da partida que se aproximava com cautela e uma preocupação gentil com o bem-estar duvidoso dos Corvos. Como Andrew se recusava a abrir a boca, por mais que o entrevistador tentasse incluí-lo, Renee foi obrigada a conduzir sozinha todo aquele trecho, com uma paciência incansável.

— Só mais uma coisa, antes de vocês irem — disse o repórter —, embora eu não tenha certeza de que você possa me ajudar com isso. Neil mencionou um rumor que ainda não tínhamos ouvido, de que Jean talvez tenha sofrido outros ferimentos na primavera passada que não foram divulgados. Talvez ele tenha comentado algo com você? — O sorriso de Renee desapareceu, e ela observou o homem com uma serenidade tranquila. O repórter esperou alguns segundos para ver se ela responderia antes de tentar de novo: — Só estamos tentando entender de onde pode estar vindo esse boato.

Renee escolheu seu lado com um simples:

— Informação privilegiada. Jean passou um tempo com a gente antes de se mudar para a Califórnia, mas isso é tudo o que posso dizer. Mesmo que não fosse inadequado da minha parte falar dos ferimentos de Jean sem o consentimento dele, nós prometemos ao presidente Andritch que seríamos discretos em relação a isso. — Jeremy não ouviu o que Andrew disse, mas Renee riu. Ele tentou voltar o trecho duas vezes, e até aumentou o volume, mas a observação resmungada de Andrew era só para os ouvidos de Renee. Jeremy desistiu e deixou o vídeo seguir.

Renee sorriu para o repórter, mas daquela vez o sorriso não refletiu em seu olhar.

— Sinto muito, mas nossas mãos estão atadas. Vocês vão ter de pedir o restante da história a Edgar Allan.

— Eles são famosos por nunca comentar nada — disse o repórter, em tom seco.

— Às vezes, sim — concordou ela. — Talvez vocês estejam procurando os Corvos errados.

Ficou evidente que ele não conseguiria nada melhor com ela, então encerrou tudo com um agradecimento apressado e dispensou a dupla. Os últimos minutos do vídeo voltavam ao estúdio, onde dois homens analisavam as respostas das Raposas. Jeremy não precisava ouvir o encerramento, então fechou o vídeo e empurrou o notebook para o canto do fundo da mesa.

Alguns minutos depois, pegou o celular e começou uma nova mensagem para Laila: "Ela é bonita, né?"

Encarou a frase por um momento, o polegar pairando sobre o botão de enviar, e apagou o fim. Um segundo depois, apagou o restante também. Cat já tinha comentado como Renee era bonita, e aquilo não fazia diferença de todo modo. Dizer algo do tipo sem motivo só faria Laila começar a pensar demais, e Jeremy não queria que ela chegasse com perguntas quando, na verdade, ele nem estava querendo dizer nada com aquilo.

Jeremy foi salvo por uma batida à porta e virou a cabeça a tempo de ver William parado à entrada do quarto. Jeremy olhou as horas e disse:

— Já está tarde pra você ainda estar trabalhando, não?

— Só estou terminando algumas coisas antes de encerrar o dia.

William entrou no quarto quando Jeremy fez sinal e lhe estendeu um envelope de papel kraft.

— Esta é a lista preliminar de instrutores de francês que falam com sotaque de Marselha. O mais experiente está no exterior e dá aulas pelo… Skype? — William se inclinou para a frente para conferir as próprias anotações por cima do ombro de Jeremy. — O de São Francisco tem oito anos de experiência e está disposto a te dar aulas por telefone. O último não tem experiência como professor, mas é da região e falante nativo, caso você prefira um ambiente mais informal, cara a cara. Anexei cópias dos perfis deles e, no caso dos instrutores certificados, algumas avaliações de outros alunos. Se nenhum deles for do seu agrado, continuo a procurar.

— Não, isso aqui está ótimo, obrigado — disse Jeremy, demorando-se no último. — Qual é a chance de a minha mãe contestar os gastos quando vir a planilha da Leslie?

William refletiu por um instante antes de responder:

— Mediana. Por motivos óbvios, ela preferiria que você voltasse a estudar latim. — William respondeu à careta de Jeremy com um sorriso discreto, que logo desapareceu. Ele o observou com uma expressão tão séria que Jeremy voltou a se sentir com oito anos. Tarde demais, percebeu que mexia no envelope sem parar e se obrigou a ficar imóvel. — É lógico que o francês tem suas utilidades e seus atrativos, mas este é um dialeto muito específico. É de conhecimento público que seu mais novo companheiro de equipe é de Marselha. Você sabe que sua mãe não aprova isso.

— Ela nem o conhece. Caiu direitinho numa campanha de difamação.

— Então você nega o envolvimento dele com o crime — comentou William.

— Não — admitiu Jeremy. — Mas por que ele deveria responder pelos crimes dos pais? Ele não tirou a sorte grande na vida, mas chegou até aqui porque se recusa a desistir. Todo santo dia ele se esforça para melhorar e ser melhor, e parecia que ninguém se importava, porque histórias de cura não vendem tantos jornais.

A expressão neutra no rosto de William deixou explícito que Jeremy estava tentando convencer a pessoa errada; William não tinha uma opinião muito forte a respeito de Jean, fosse qual fosse. Jeremy se acalmou com um suspiro baixo e disse:

— Você sabia que ele mal falava inglês quando entrou na Edgar Allan? Pelo que parece, foi uma decisão tão de última hora que ele nem teve tempo de se preparar direito. Mas não permitiam que ele falasse francês porque ninguém conseguia entender. Eu só achei que… — Ele gesticulou, sem jeito, para a pasta. — Quero mostrar que nós estamos tão comprometidos com ele quanto ele está com a gente.

William cruzou os braços e refletiu por um instante.

— Mathilda vai descobrir que você está estudando francês e vai imaginar o que motivou isso, mas não precisa saber dos detalhes. Talvez eu consiga construir um argumento forte o bastante a seu favor para fazê-la recuar; um novo interesse por direito internacional ou estudos migratórios, com a intenção de expandir para outros idiomas no futuro, conforme sua carreira exigir.

Era uma justificativa meio fraca, mas Jeremy sabia que funcionaria. Nan tinha contratado William mais de vinte anos antes, por recomendação da assistente pessoal, e ele estava com a família desde então. Mathilda era a patroa dele desde que Nan tinha morrido, mas confiava em William e o respeitava mais do que a maioria dos supostos amigos. O afeto espontâneo que às vezes escapava

quando ela falava com ele era mais caloroso do que qualquer coisa que dirigia aos próprios filhos.

Era um pensamento amargo de se ter quando William estava se esforçando tanto para ajudar, então Jeremy o reprimiu o mais depressa que pôde.

— Não quero fazer você ter que escolher um lado.

Talvez um pouco daquela amargura tivesse aparecido, porque William o encarou por um longo tempo. Depois de alguns instantes, tudo o que disse foi:

— Se ainda precisa se perguntar de que lado eu estou, então não tem prestado atenção o bastante. — Jeremy foi obrigado a desviar o olhar, o maxilar tenso, sufocando um luto que não ousava reconhecer nem pôr em palavras. William recuou um passo, dando-lhe espaço para respirar. — Se não houver mais nada, vou me recolher por esta noite.

— Não há mais nada, obrigado — respondeu Jeremy e puxou a pasta para mais perto para não precisar encarar o homem. — Vá descansar um pouco, pelo menos desta vez.

Ele esperou até ouvir os passos de William na escada antes de espalhar sobre a mesa os perfis reunidos. A primeira e a segunda opções eram, sem dúvida, as melhores, mas Jeremy não conseguia ignorar o apelo de aulas presenciais e menos estruturadas. Encaixá-las na bagunça que era sua rotina seria uma dor de cabeça, mas a aprovação da mãe talvez pesasse na decisão. Ela relevaria que ele chegasse tarde em casa depois do treino se soubesse que estava se encontrando com um professor particular.

Ainda era cedo para criar expectativas, mas Jeremy empurrou o trabalho da faculdade que estava fazendo para o lado e começou a redigir uma carta de apresentação. Torceria pelo melhor e se ajustaria ao pior; quando o assunto era a família, era tudo o que ele sabia fazer.



Os repórteres levaram apenas algumas horas para decifrar o que Renee talvez tivesse querido dizer com “os Corvos errados”, e as quarenta e oito horas seguintes foram caóticas e cheias de revolta. Edgar Allan tinha garantido que a formação atual deles fosse intocável, e os colegas de classe dos Corvos ficariam

mais do que felizes em se unir para proteger seus astros em declínio, mas havia ex-alunos espalhados havia anos pelos Estados Unidos e pelo exterior que contavam com bem menos proteção.

Jeremy até deveria admirar a forma sutil como Renee tinha armado aquilo, mas cada encontro desastroso e de curta duração só fazia seu pressentimento piorar. Era gritante que os Corvos ainda carregavam problemas graves, mesmo tantos anos depois de Evermore. E não era só a relutância generalizada em falar com a imprensa nem a firme recusa em tocar no nome do treinador Moriyama e no Ninho. Metade dos Corvos que se formaram e assinaram com times profissionais já estava de saída da liga. Em média, a carreira de um Corvo parecia durar só cinco anos.

Vendo um ou outro isoladamente, as lesões acumuladas e a dor crônica pareciam apenas um infortúnio, mas colocar tantos Corvos pouco cooperativos diante da câmera, um atrás do outro, tornava tudo gritante. Anos de jornadas de dezesseis horas, com pouquíssimos dias de descanso, somados àquela noção grotesca de penitência, tinham destruído aqueles jogadores até os ossos. Jeremy se perguntou por que tinham demorado tanto para perceber — e depois se perguntou se as pessoas simplesmente não se importavam. Enquanto ainda conseguiam jogar, os Corvos ardiam com intensidade, ferozes, e sempre havia jogadores de sobra desesperados para tomar o lugar deles quando virassem cinzas.

Jeremy temia pela saúde de Jean no longo prazo, mas temia ainda mais pela de Kevin. Mais tarde, naquela noite, ele escreveu para Kevin do nada: "Você precisa parar com os treinos noturnos."

Quando Kevin não respondeu, Jeremy tentou ligar. Foram necessárias seis tentativas até que Kevin enfim atendesse, e ele não demonstrou o menor interesse nos alertas nem na preocupação de Jeremy. Tinha dito no começo do verão que treinava com Neil e Andrew, mas Jeremy não tinha o número de nenhum dos dois. Tinha a impressão de que Andrew seria um beco sem saída, o que deixava apenas outra opção. Jean hesitou em passar o contato de Neil, mesmo depois de Jeremy se explicar, mas só conseguiu recusá-lo por algum tempo. Jeremy não ficou exatamente surpreso quando Neil também não atendeu, mas pelo menos havia tentado. Deixou o celular de lado com um suspiro cansado e voltou ao dever de casa, de mau humor.

Ao menos a manhã garantiu uma distração eficiente, já que os Troianos tinham um jogo fora de casa contra Utah. Eram onze horas até Salt Lake City, sem contar a parada para o almoço, e os Utes estavam um fuso à frente. Os

Troianos precisavam estar no campus de Utah pelo menos uma hora antes de a partida começar, às 6h30, o que significava sair de Los Angeles no mais tardar às 3h45 da manhã. Quando o despertador tocou às 3h de sexta-feira, apenas três horas depois de ele terminar seu trabalho, Jeremy quase esmigalhou o aparelho com o travesseiro.

Como as Raposas tinham provocado os Corvos naquela semana e a equipe de segurança de Laila tinha sido deslocada para outros locais, Jeremy levou seus amigos até o estádio e deixou o carro estacionado lá o dia inteiro. Lisinski estava dormindo no banco dos atacantes, como se Tony e Bobby não estivessem fazendo a maior barulheira no processo de deixar o equipamento dos Troianos pronto para a viagem. Jeremy chamou alguns calouros para irem levando os suportes de raquetes até o estacionamento à medida que cada um ficava pronto. Jimenez distribuiu o restante do time em suas respectivas fileiras no vestiário para conseguir fazer a chamada com mais facilidade. A linha que estivesse completa primeiro embarcaria primeiro. Não foi surpresa que os goleiros vencessem, já que eram só quatro para conferir, e os cinco meias foram logo atrás.

O ônibus fretado dispunha de dois motoristas, que se revezariam no meio do caminho e que, felizmente, pareciam bem mais acordados do que os atletas que embarcavam. Havia catorze fileiras de assentos, embora as quatro da frente fossem reservadas. Cada treinador ficou com uma fileira dupla, e a fileira à frente de Rhemann e Lisinski era dos motoristas. Tony, Bobby e Angie ficaram logo atrás deles, e os Troianos podiam se espalhar pelo restante do ônibus como quisessem.

Como havia só quarenta assentos livres para vinte e nove pessoas, era inevitável que alguns precisassem dividir lugar. Os de sempre logo se sentaram em dupla, mas Jeremy hesitou ao ver Tanner parado ao lado do banco de Lucas. Lucas e Haoyu tinham sido inseparáveis no primeiro ano, mas a chegada de Travis, no ano anterior, fizera com que alguém acabasse sobrando. Lucas ficou cada vez mais de lado e, desde então, sempre se sentava sozinho. Jeremy achou que ele não fosse aceitar a invasão de Tanner — mas aceitou, depois de reclamar só um pouco. Talvez estivesse cansado demais para brigar.

— Tudo certo? — perguntou Rhemann atrás dele.

— Tudo — respondeu Jeremy e se deixou cair no assento.

Rhemann passou por ele para terminar a contagem. Fez aquilo duas vezes: uma enquanto ia até o fundo do ônibus, outra na volta. Depois, deu o sinal para

o motorista cair na estrada. Jeremy fechou os olhos quando o ônibus deixou o estádio e pegou no sono antes mesmo de entrarem na via expressa.



Os Troianos fizeram um bom tempo de viagem e chegaram a Salt Lake City pouco antes das cinco. Era mais cedo do que os Utes provavelmente gostariam de recebê-los, mas, como o jogo entre Raposas e Corvos começava às sete no horário da costa leste, a USC não teve problema nenhum em ficar no vestiário. O aquecimento e o jogo dos Troianos impediriam que assistissem à partida toda, mas Jeremy talvez conseguisse pegar a maior parte do primeiro tempo. Ele desceu do ônibus logo atrás dos treinadores e ligou as TVs do vestiário assim que conseguiu encontrá-las. Duas já estavam no canal certo. Jeremy desligou a terceira em vez de mexer nela e ficou em silêncio, imóvel, enquanto anunciavam as escalações iniciais em quadra.

Apesar de toda a confiança das Raposas na terça-feira, Wymack não quis correr nenhum risco. Os calouros ficaram de fora naquela noite, e ele encheu a quadra com seus jogadores mais fortes: Kevin e Neil no ataque, a capitã Danielle Wilds como meia titular, e Matthew Boyd e Aaron Minyard na retaguarda. Andrew Minyard foi o último a entrar e apoiou a raquete no ombro enquanto assumia o lugar no gol, despreocupado.

Jeremy tinha uma vaga noção de que os Troianos iam ocupando o espaço ao redor dele. A única pessoa que importava naquele momento era Jean, que encarava a televisão com uma expressão tensa. Jeremy só conseguia imaginar o que devia estar passando pela cabeça dele. Jean tinha rejeitado a forma como os Corvos faziam as coisas, mas a relação dele com aquele time violento era um emaranhado complicado que provavelmente levaria anos para se desfazer. Jeremy sabia que ele tinha assistido aos jogos do campeonato, mas, durante quase todo aquele tempo, ele ainda fora um Corvo à paisana. Ali, eram desconhecidos para ele, um obstáculo que Kevin e Neil precisavam esmagar.

Jeremy quase falou algo, mas Jean foi mais rápido:

— Ela não é capitã.

— Wilds? — perguntou Cat.

— Lane — arriscou Laila. Então, para Jean: — Não tem qualificação?

— Não importa o quanto seja talentosa — disse Jean. — O mestre nunca teria aprovado…

Jean parou de falar um segundo tarde demais. Jeremy demorou a perceber a escorregada, mas então Pat soltou:

— O *quê*? — num tom que prometia acerto de contas.

Jeremy lançou um olhar rápido para ele e depois para Jean, que estava ereto feito uma vara conforme encarava a televisão. Os lábios tinham perdido a cor de tanto que ele os pressionava contra os dentes.

Se fosse só Pat ali, Jeremy talvez conseguisse fazê-lo recuar, mas, àquela altura, pelo menos metade do time já tinha se juntado para assistir ao jogo. O vestiário era um mar de rostos confusos e perplexos.

— Eu devo ter ouvido errado — disse Xavier, olhando de Jean para Jeremy. A falta de surpresa no rosto de Jeremy em nada ajudou a melhorar o humor de Xavier, que voltou um olhar sombrio a Jean. Por alguns instante, o único som no vestiário foi o barulho do jogo, que já tinha começado na tela, até que Xavier perguntou: — Se importa de nos explicar isso?

A expressão de Jean deixava evidente que ele não queria de jeito nenhum, mas não era capaz de se recusar a responder a uma pergunta direta de um vice-capitão. Cat bateu o olho nele e entrou em cena com a melhor e a pior distração que conseguiu imaginar:

— Se você acha isso assustador, espere até ouvir o Kevin dizer o mesmo.

— *Catalina.* — O protesto horrorizado partiu de Jean.

— Ah, que nada — começou Derek, mas o restante se perdeu quando os narradores começaram a gritar.

Jeremy voltou os olhos à TV e viu Neil meio caído no chão da quadra. Lane avançou nele com a raquete, e Neil conseguiu chutar a perna dela bem a tempo. Ela caiu por cima dele, enfiando a raquete de lado contra o pescoço de Neil com toda a intenção de quebrá-lo. Neil tentou arrancá-la dali com as mãos enluvadas, mas não conseguia ganhar vantagem. O golpe que o derrubara parecia ter levado quase toda a força que ele ainda tinha.

Os árbitros escancararam as portas, mas as Raposas estavam mais perto e foram mais rápidas, assim como os Corvos. Kevin ainda estava a dois passos de Neil quando Dawson largou a raquete de lado e se jogou em cima dele. Kevin não esperava o impacto repentino e foi arrastado de joelhos para o chão. Conseguiu algum espaço com uma cotovelada violenta no capacete de Dawson e,

de alguma maneira, desvencilhou-se o bastante para ficar de frente para o defensor dos Corvos.

Era uma briga violenta, mas Kevin tinha mais em jogo: a lesão já tinha sarado, mas o medo persistente de machucar a mão outra vez ficava evidente toda vez que ele virava o lado esquerdo para longe de Dawson, que não tinha aquele tipo de limitação e fez questão de tirar proveito. Conseguiu bater a parte de trás da cabeça de Kevin contra o piso da quadra, e então Wilds surgiu do nada e o lançou para o lado. Kevin não ficou para ajudá-la. Levantou-se às pressas e correu até Neil.

Os árbitros chegaram primeiro, e foi preciso dois para arrancar Lane de cima dele. Neil não tentou se levantar; apenas rolou com dificuldade para o lado e se encolheu, tomado pela dor. Jean levou as duas mãos à tela da TV, murmurando algo em francês, num fluxo entrecortado. Cat o puxou um pouco para trás para conseguir enxergar o que acontecia além dele, mas Jean nem pareceu perceber.

A câmera foi virada por um instante para a quadra da casa, onde os treinadores dos Corvos faziam o possível para apartar seus atacantes furiosos de Boyd e Aaron Minyard. Jeremy demorou mais para encontrar Andrew, até perceber que ele estava com Wymack. Jeremy não viu a raquete dele em lugar nenhum; talvez tivesse se perdido em alguma confusão que o deixara tão visivelmente instável. Wymack segurava sua camisa com uma das mãos, talvez para contê-lo ou mantê-lo de pé, e Andrew praticamente o arrastava pela quadra até Kevin e Neil. Enquanto andava, mantinha um braço colado ao corpo, e o jeito frouxo como a mão pendia junto ao quadril gelou o sangue de Jeremy.

A torcida e os narradores tinham mergulhado num silêncio horrorizado à medida que a briga generalizada saía de controle. Jeremy ouviu a voz estridente de Lane ecoar pelas paredes, mas não conseguiu entender nada do que ela dizia. Andrew alcançou a garota no exato momento em que ela se soltou dos árbitros e nem hesitou. Ela estava a meio caminho de Neil quando Andrew deu um mata-leão nela, derrubando-a no chão.

Os dois foram soterrados no mesmo instante por Wymack e pelos árbitros. Jeremy desviou o olhar entorpecido e se voltou a Kevin, que estava ajoelhado ao lado de Neil. A enfermeira das Raposas estava curvada sobre ele, examinando-o, e a tensão estampada no rosto dela não ajudava a tranquilizar.

Um homem desconhecido, de preto da cabeça aos pés, atravessou a quadra e se agachou ao lado de Kevin, e a reação de Jean foi imediata e visceral. Ele se lançou outra vez contra a TV e bateu as duas mãos na tela com força suficiente

para jogá-la contra a parede atrás. Daquela vez, Jeremy conseguiu segurá-lo e puxá-lo para trás, e a fúria no rosto de Jean fez seu coração disparar.

— Quem é aquele? — perguntou Jeremy.

Jean nem precisou responder; Rhemann reconheceu o homem na mesma hora e falou de onde estava, mais afastado:

— O enfermeiro-chefe dos Corvos, Josiah Smalls. — Jeremy olhou para ele a tempo de ver o olhar de lado que Rhemann lançou para Jean. Rhemann não disse mais nada, e Jean também não se apressou em explicar melhor.

Wilds e Dawson ainda tentavam continuar a briga, apesar de os oficiais os manterem separados à força. Boyd chegou até eles e, de algum jeito, conseguiu soltar Wilds. Um dos árbitros chegou logo atrás, apontando para a porta da quadra, mas Boyd arrastou a capitã direto para Kevin e Neil. Abby Winfield ainda tentava, sem sucesso, arrancar de Neil alguma resposta satisfatória. Aaron Minyard ficou por perto por um minuto antes de arrancar o próprio capacete e cuspir sangue para o lado. Deu um chute leve na coxa de Kevin antes de seguir para a porta da quadra, e, poucos instantes depois, Kevin se levantou e foi atrás dele.

A segurança enfim entrou em quadra, percebendo que seria preciso mais gente para restaurar a ordem. Um por um, os jogadores das Raposas foram sendo forçados a sair, até sobrarem apenas Neil e Andrew. Por fim, Wymack emergiu do amontoado com Andrew preso também num mata-leão e só o soltou quando os árbitros arrastaram uma Lane inerte para a porta da quadra visitante. Smalls foi atrás deles sem pressa, e foi só quando o último Corvo saiu que Wymack largou Andrew ao lado de Neil. Jeremy percebeu tarde demais que os narradores estavam falando. Nem sabia desde quando; nada do que diziam tinha conseguido atravessar o torpor do choque.

Talvez, se estivesse prestando atenção, o replay repentino não o tivesse assustado tanto, mas, de repente, ele foi obrigado a rever a briga de todos os ângulos, em rápida sequência. Tudo tinha começado com os atacantes dos Corvos apenas trinta segundos depois do início do tempo. Ambos Winter e Williams avançaram em direção ao gol, um provavelmente para tentar marcar de fora da linha e o outro já preparado para aproveitar um rebote, mas Winter nem esperou o companheiro arremessar. Balançou a raquete como se fosse um taco de beisebol e a acertou no peito de Andrew no instante em que o Minyard se virou de costas para ele.

Jeremy supôs que um dos defensores tivesse gritado para avisar, em pânico, porque, de algum jeito, Andrew conseguiu virar a raquete a tempo de aparar o

golpe. Ainda assim, o impacto foi forte o bastante para arremessá-lo contra o gol, e Andrew cambaleou ao bater na parede. O fato de ter perdido o equilíbrio devia ter salvado sua vida — Williams mirou na cabeça dele, mas Andrew já não estava mais onde estivera um segundo antes. A raquete pegou de raspão no capacete e acertou seu ombro com força suficiente para deixá-lo de joelhos. Seu irmão gêmeo, Aaron, e Boyd estavam em cima dos atacantes um instante depois, distribuindo socos. O meia dos Corvos correu para ajudar, mas Boyd não teve dificuldade nenhuma em enfrentar mais um corpo. Wilds chegou a dar um passo naquela direção antes de se virar e correr atrás de Kevin.

Neil ainda estava perto do centro da quadra por causa do saque, mas avançou até Andrew no instante em que a briga começou. Um segundo de distração foi tudo de que Lane precisou, e ela mirou na lateral dele com um golpe brutal. Neil foi mais rápido do que ela esperava, então ela só conseguiu pegá-lo de raspão. Mesmo assim, a força do golpe bastou para que ele tropeçasse. Ele caiu com tudo, uma das mãos enluvadas apertando o lado do corpo e a outra tentando inutilmente impedir que o rosto batesse no chão. Jeremy já tinha visto a briga dali, mas saber como tudo começara e como saíra do controle tão depressa tornava tudo ainda pior. Ao lado dele, Jean segurava o próprio tórax com as duas mãos, horrorizado.

As câmeras voltaram à transmissão ao vivo depois que Wilds derrubara Dawson no chão. Alguém enfim tinha conseguido pôr Neil de pé, e Andrew, de alguma forma, o estava mantendo daquele jeito. Winfield e Wymack iam um de cada lado dos dois enquanto eles mancavam até a porta. Uma câmera na área técnica pegou melhor o rosto deles quando chegaram lá, e a expressão fechada de Neil era pura dor. Só os calouros das Raposas ainda estavam no banco; o restante do time já devia ter ido para o vestiário. Winfield teria trabalho de sobra tentando juntar todo mundo de novo sozinha.

Uma equipe de três pessoas entrou em quadra para limpar o sangue. O eco distante de uma voz amplificada partia do locutor do estádio, mas Jeremy não conseguiu entender uma palavra. Alguns instantes depois, as câmeras cortaram para Rossi na lateral da quadra, cercado por seguranças e árbitros. Ele tinha a expressão de um homem que sabia que sua carreira tinha acabado. Saber que ele não tinha tido nada a ver com aquilo não fez Jeremy se sentir melhor, e ainda não conseguia desperdiçar energia sentindo pena dele. Rossi tivera o verão inteiro para perceber que os Corvos não estavam prontos.

— Ainda bem que o Josten é baixinho — disse Cody numa tentativa de humor, que não funcionou. — Se ele fosse mais alto, a raquete da Lane tinha

acertado em cheio os rins dele. Acho que a proteção segurou a maior parte do golpe.

— A proteção não salvou Jean — disse Lucas. — Também não deve ter salvado o Josten, não por completo.

Jeremy ficou sem entender, até se lembrar de como Jean atribuía com tanta insistência seus ferimentos graves a um treino mais pesado. Cat e Laila eram as únicas outras duas pessoas ali que sabiam quem de fato tinha quebrado as costelas de Jean na primavera anterior. Jeremy imaginou Riko acertando Jean do jeito que Jasmine Lane acertara Neil, e o aperto no peito foi tão intenso que ele achou que algo fosse rasgar por dentro.

— Acabamos de receber informações da arbitragem desta noite — disse uma das comentaristas, e a transmissão mudou para a mesa onde ela estava sentada com o colega. Ela rabiscava anotações enquanto escrevia, mas usava a mão livre para acompanhar as linhas da página enquanto lia em voz alta. — O jogo foi adiado, mas ainda não há nova data nem horário definidos. As seguintes penalidades foram aplicadas pela conduta desta noite. Para as Raposas: cartões amarelos para os defensores Matthew Boyd e Aaron Minyard. Cartão vermelho para a capitã Danielle Wilds. Cartão vermelho e suspensão de cinco jogos para o goleiro Andrew Minyard. Para os Corvos: cartões vermelhos para toda a formação titular.

Ela começou a listar os nomes dos Corvos, mas Jeremy mal a ouviu por causa da nova onda de agitação no vestiário.

— Suspensão? — repetiu Sebastian. — Não é possível.

— Uso excessivo de força — disse Shawn conforme olhava para a TV com semblante sombrio. — Você não pode apagar alguém num mata-leão e sair ileso.

— Ele podia ter quebrado o pescoço dela daquele jeito — acrescentou Shane. — Devia ter deixado os árbitros resolverem e se preocupado com o companheiro de equipe.

— Mas foi ela quem começou! — exclamou Dillon, gesticulando, incrédulo. — Por que ela não foi suspensa? E os que foram para cima do Minyard? Por que só ele?

— Desde quando os Corvos são responsabilizados por algo? — perguntou Laila.

— Tenham calma — respondeu Rhemann com a serenidade de quem tentava conter os ânimos. — É provável que a arbitragem de hoje encaminhe o caso ao CRE, e o treinador Moriyama já não faz mais parte dele, não tem como proteger o time. — Ele olhou para Jean ao dizer aquilo, mas Jean parecia não

escutar nada por cima do som da TV. Rhemann não insistiu. Em vez disso, conferiu as horas no relógio e voltou o olhar a Jeremy. — Ainda está um pouco cedo pra irmos à quadra, mas ficar aqui parado especulando não vai resolver nada. Leve-os para dar algumas voltas. Devagar, sem forçar; o dia já foi longo.

Jeremy abriu a boca para protestar e desistiu no mesmo instante.

— Sim, treinador.

— Moreau, fique um instantinho — disse Rhemann, quando Jeremy fez sinal para os Troianos o seguirem para se trocarem.

A TV mostrava os replays outra vez quando Jeremy se virou. Não importava quantas voltas ele corresse com o time; a cada vez que piscava, via Neil, imóvel e destruído no chão da quadra.



CAPÍTULO VINTE

Jeremy

Os Utes eram um time turbulento e que já não representava uma ameaça real havia anos, o que dava uma oportunidade rara e preciosa para a terceira escalação dos Troianos. Aquela formação era composta sobretudo de jogadores do segundo ano que tinham passado a temporada anterior inteira no banco, com alguns veteranos misturados para dar apoio quando fosse preciso. Jeremy estava animado para ver do que eles eram capazes — pelo menos estava até a violência absurda dos Corvos acabar com seu ânimo.

Em circunstâncias normais, Nabil subiria para a formação titular num jogo como aquele, mas, com o Ramadã em andamento, ele ficaria em jejum até outubro. Ainda podia treinar e jogar, mas se sentia mais à vontade e eficiente como reserva. Ananya começaria jogando, e Nabil entraria no lugar de Timothy no segundo tempo, se fosse preciso. Jeremy estava fora da escalação, assim como Jean. Jeremy não sabia se aquilo era uma bênção ou uma maldição: não tinha certeza de que conseguiria se concentrar de verdade numa partida, mas também não tinha nada que o distraísse das Raposas.

Na terceira volta dos Troianos, o capitão dos Utes, Micky Telsey, e o vice-capitão, Bruno Winslow, estavam à espera no banco do lado do time da casa. Jeremy supôs que os assistentes de Utah tivessem chamado os dois, então ele e Xavier se afastaram para ir cumprimentá-los.

Telsey nem perdeu tempo com gentilezas.

— Vocês viram o jogo dos Corvos?

— Vimos — respondeu Jeremy conforme trocava apertos de mão tranquilos com os dois. — Estamos torcendo para sair alguma atualização antes do começo da partida.

— Não faz sentido — disse Telsey. — As pessoas estavam torcendo por eles, sabe? Não me leve a mal, foi até satisfatório vê-los levarem um choque de realidade na primavera passada, mas esse desmoronamento deles no verão foi meio assustador. Eu achei, de verdade, que eles fossem se recompor antes do início da temporada.

— E como poderiam? — perguntou Winslow. — Passaram o verão inteiro transformando as tragédias deles em espetáculo. A culpa disso tudo é das Raposas — acrescentou. Quando Xavier franziu a testa, ele insistiu: — Vocês assistiram as entrevistas deles tanto quanto eu. Estavam caçando briga; não dá pra bancar a vítima quando a briga aparece.

— Falou merda, levou porrada — concordou Telsey.

— A provocação das Raposas é compreensível — retrucou Xavier. — Os Corvos começaram essa guerra quando Kevin se transferiu. Os torcedores deles, pelo menos, e a Edgar Allan só chamou a atenção deles uma vez. Incêndio criminoso? — perguntou, ao ver que os Utes não pareciam impressionados. Então começou a contar nos dedos. — Vandalismo no campus e no estádio de Palmetto? Batidas policiais? Me lembre de quantos carros foram destruídos no alojamento dos atletas na primavera passada.

Telsey fez um gesto como quem ignorasse aquilo.

— Os Corvos não têm culpa do que os torcedores deles fazem. Jogue a culpa na administração da Edgar Allan e nesses torcedores insanos, e não neles. Não é culpa deles se o talento e a popularidade que têm os colocaram no centro de toda essa insanidade. Eu por acaso te culpo quando USC e UCLA destroem o campus uma da outra por causa da rivalidade no futebol americano?

Aquilo foi dirigido a Jeremy, que ponderou as palavras com o máximo de cuidado.

— Ser vítima não apaga automaticamente os erros de ninguém — disse por fim. — Eu posso lamentar o que eles estão passando agora, mas não sou obrigado

a perdoar o que fizeram com pessoas de quem gosto. Espero sinceramente que consigam a ajuda de que precisam, e espero que isso aconteça o mais longe possível da quadra. Josten estava certo: nenhum deles está pronto pra voltar ainda. Isso não é justo nem com eles nem com quem tiver que enfrentar esse time.

— É um comentário ousado — disse Telsey e ainda acrescentou, sem muita gentileza: — E conveniente pros Troianos, já que eles sempre estiveram entre vocês e o título. Tirar os Corvos da disputa é do interesse de vocês.

— Com todo o respeito, nós nunca nos preocupamos tanto com quem vamos enfrentar, e sim com a forma como jogamos — retrucou Jeremy. Telsey não pareceu convencido, mas aquilo era um ponto tão secundário que Jeremy não viu motivo para insistir. Em vez disso, perguntou: — Vamos dividir a quadra para os treinos? — Os Utes eram só dezoito, o que significava que ficaria apertado, mas dava para os dois times treinarem ao mesmo tempo. — Se alguém puder ir lá destrancar a porta do nosso lado, a gente fica com a quadra visitante.

Winslow fez um gesto para Jeremy.

— É verdade que Reacher tentou matar Moreau semana passada? Eu vi as fotos. — Ele levou a mão ao próprio pescoço, imitando um estrangulamento, e sondou a expressão de Jeremy em busca da verdade. — É um belo caminho a percorrer pra matar um cara que supostamente é tão inocente, não acha?

— Agradeço a preocupação — retrucou Jeremy.

Quando ficou evidente que não iriam arrancar mais nada deles, Telsey suspirou e fez um gesto de desistência.

— Tá, a gente manda alguém abrir a porta pra vocês. Vejo vocês no cara ou coroa.

Xavier esperou até estarem a meia quadra de distância dos Utes para dizer:

— Acho que odeio esse cara.

Foi tão inesperado que Jeremy quase tropeçou.

— O Telsey?

— O treinador Moriyama — explicou Xavier. A tensão no canto da boca deixava evidente que ele estava se contendo para não fazer uma careta. O estádio ainda estava vazio, faltando tanto tempo para o início do jogo, mas, depois de três anos com os Troianos, Xavier já tinha aprendido a controlar a expressão em público. — Ele não devia ter sumido daquele jeito. O mistério em torno daquela saída repentina torna impossível que alguém o deixe de lado e siga em frente. Os Corvos continuam a ser seus protegidos queridos, o ideal ferido que todo mundo deveria almejar. Ninguém consegue olhar pra eles com senso crítico; todo

mundo ainda mantém uma luz acesa para um homem que não vai voltar pra casa. Mas, por falar nos Corvos… — Xavier segurou Jeremy pelo braço e o fez parar. — Quem caralhos é "o mestre", Jeremy? Alguém com autoridade, alguém que dá a palavra final sobre quem pode ou não ser capitão daquele time, isso eu já entendi, mas me diga que minha linha de pensamento está errada. — Xavier procurou respostas no rosto de Jeremy, mas a expressão sombria dele não lhe conferiu nenhum alívio. Xavier o soltou como se tivesse encostado em brasa. — Você não pode estar falando sério.

— Quanto mais eu descubro sobre a Edgar Allan, mais assustado eu fico — admitiu Jeremy.

— Jura? — Xavier esfregou os braços em uma tentativa de afastar o frio repentino e ergueu os olhos para as arquibancadas. Ele alimentou a própria raiva em silêncio por um minuto, depois cutucou o peito de Jeremy com o dedo. — Jean não sabe se segurar quando está sob pressão. Faça-o dizer isso na TV. Vai pôr o assunto na roda, pode apostar.

— Não — respondeu Jeremy. E insistiu no não quando Xavier apenas franziu a testa para ele. Jeremy procurou algo que pudesse fazê-lo desistir, mas a melhor resposta que encontrou foi a verdade. — Xavier, ele tem medo da Edgar Allan. — Na mesma hora, a irritação sumiu do rosto de Xavier, e Jeremy aproveitou a abertura. — Jean não quer bater de frente com eles. Não preciso gostar disso, e não vou deixar de incentivar que ele se imponha, mas também não vou empurrá-lo para um confronto para o qual ele ainda não está pronto. Ele está aprendendo a confiar na gente. Não posso trair o Jean.

Xavier fez uma careta, mas não discutiu, e os dois voltaram a seguir para o banco do time visitante. Já estavam quase chegando ao vestiário quando Xavier disse:

— Se o treinador Moriyama estava metido em alguma sujeira ali, a Edgar Allan estava acobertando. A Walker praticamente disse isso, não foi? — Ele franziu a testa, pensativo, e então acrescentou: — Palmetto State prometeu discrição ao presidente Andritch.

— Esperta, não foi? — perguntou Jeremy. — Ela confirmou que os ferimentos do Jean eram mais graves do que tinham divulgado e que a diretoria da Edgar Allan sabia disso sem acusar ninguém diretamente de nada.

— As Raposas são mais espertas do que deixam transparecer — concordou Xavier. A menção às Raposas fez os dois apertarem o passo. Xavier segurou a porta para eles e disse: — Talvez o treinador já tenha ouvido algo a essa altura?

No entanto, Rhemann balançou a cabeça assim que Jeremy encontrou seu olhar, e Jeremy não teve escolha senão tirar o time da cabeça. Os Troianos precisavam que ele estivesse ali de corpo e alma. Se não pudesse ser o ponto de apoio deles, de que serviria? Ele mergulhou com tudo no aquecimento e nos exercícios, e Xavier e Cody logo acompanharam seu ritmo. Os três fizeram o possível e o impossível para manter os Troianos ocupados e distraídos até o primeiro saque. Só quando a torcida começou a entoar a contagem regressiva final foi que Jeremy deixou a atenção se dispersar de novo, e procurou Rhemann com o olhar.

Rhemann tinha passado a maior parte da última hora no celular, atendendo a ligações e respondendo a mensagens de colegas que tinham visto a emboscada dos Corvos e queriam conversar sobre aquilo. Em meio a tudo, em algum momento, decerto teria chegado uma atualização concreta de Palmetto State. Jeremy lançou um olhar para Jean, sentado no banco do time visitante, calado, o rosto vazio, como se nem soubesse que havia uma partida acontecendo bem diante dele. Jeremy procurou algo reconfortante para dizer, mas não encontrou nada; Jean não era do tipo que se deixava consolar por promessas vazias.

Uma distração bem-vinda surgiu quando Rhemann fez a primeira rodada de substituições: Lucas, Min e Ananya entraram nos lugares de Ashton, Sebastian e Jesus. Jeremy foi até eles enquanto saíam da quadra. Os três pareciam cansados e tensos, sem saber muito bem o que pensar da própria atuação, mas Jeremy fez questão de elogiar o que tinham feito de bom. O restante acabaria se ajeitando; os pontos mais fracos deles partiam da pouca experiência e da idade. Jeremy estava orgulhoso, e ver a animação voltar aos poucos, despertada pelos elogios fáceis e pelo incentivo dele, ajudou a afastar de sua cabeça a tristeza que ainda insistia em ficar.

Trinta minutos depois do início do primeiro tempo, Rhemann recebeu uma ligação séria o bastante para chamar os outros treinadores para perto assim que desligou. Os quatro se afastaram do banco, saindo do alcance dos ouvidos da equipe, para conversar. Dali, Jeremy só conseguia ver o rosto de Lisinski, e a expressão que passou por ele fez seu estômago se contrair num nó apertado. Jimenez gesticulava com força, irritado, deixando bem evidente a própria opinião. Rhemann passou boa parte do tempo balançando a cabeça, mas, mesmo a distância, Jeremy conseguia ver a tensão em seus ombros. Por fim, dispensou os colegas, mas White e Lisinski seguiram juntos para a lateral da quadra. Jimenez ficou onde estava, mas seu olhar pesado recaiu sobre a nuca de Jean.

Rhemann o chamou, e Jean foi até eles na mesma hora. O que quer que Rhemann tivesse dito, soou como um golpe físico: Jean cambaleou para trás, uma das mãos enluvadas agarrada à frente da própria camisa. Rhemann inclinou a cabeça para Jimenez, que fez um gesto para Jean acompanhá-lo, e os dois seguiram para o vestiário. Rhemann observou os dois se afastarem com uma expressão séria, e só percebeu Jeremy olhando para ele depois que eles desapareceram. Quando enfim se juntou ao time nos bancos, tudo o que disse foi:

— Ainda não temos notícias de Palmetto State — disse Rhemann. — Vamos nos concentrar.

Aquilo era reconfortante e não era. Se não tinham tirado Jean dali por causa dos ferimentos das Raposas, então aquele novo desdobramento só podia ter a ver com os Corvos. Aquilo era preocupante, mas menos pessoal, então Jeremy forçou a atenção de volta ao jogo. Por fim, o sinal soou, liberando os dois times para o vestiário. White e Lisinski barraram os repórteres que se aproximaram para a entrevista do intervalo, insistindo para que mantivessem distância do time. Aquilo foi incomum o bastante para Jeremy apressar o passo, e, na correria para chegar ao vestiário, ele conseguiu ultrapassar meia dúzia de companheiros.

Jean não estava em lugar nenhum, mas o olhar demorado de Rhemann deixou nítido para Jeremy que não adiantava ir atrás dele. Tony e Bobby logo começaram a distribuir bebidas, enquanto os Troianos se alongavam. Rhemann esperou os dois se afastarem antes de se dirigir para o centro do vestiário.

— Temos muito para conversar e pouco tempo — disse ele conforme olhava para o relógio. — Não é como eu gostaria de começar, mas também não quero que isso seja a última coisa que vocês ouçam antes de voltarmos à quadra pro segundo tempo.

Ele passou o olhar pelo vestiário, e os Troianos ficaram imóveis para escutar melhor.

— O CRE revisou a partida entre Palmetto State e Edgar Allan. Depois de ouvir todas as partes envolvidas, tomou uma decisão: o treinador Rossi está deixando o cargo, com efeito imediato, e os Corvos foram suspensos pelo restante da temporada.

O silêncio que se seguiu foi estrondoso, e então Jeremy conseguiu soltar, atônito:

— O quê?

Rhemann sustentou o olhar dele e repetiu:

— Eles foram desclassificados.

O vestiário explodiu em caos. De repente, todo mundo gritava ao mesmo tempo, mas Jeremy não conseguia entender uma palavra do que diziam. Só conseguia encarar Rhemann, incrédulo, até Laila o segurar pelo braço. Ela o sacudiu até Jeremy olhar para ela, e o caos ganhou um foco nítido demais. Do outro lado do vestiário, Derek erguia os punhos, em triunfo, e gritava:

— Sem Corvos na final! Pra cima, porra!

Os Troianos mais novos oscilavam entre a animação nervosa e o alarme, mas os veteranos estavam com sangue nos olhos. Tinham passado quatro, cinco anos batendo na trave, mas como poderiam perder daquela vez? Jeremy teria preferido vencer a Edgar Allan de igual para igual, mas aceitaria a vitória em qualquer forma. Queria tanto ganhar que chegava a passar mal.

Cat se encostou nele.

— Agora ficou entre nós e Penn State. *Talvez* as… — A voz dela falhou quando a realidade se impôs, e ela fez um gesto para Rhemann. — Alguma notícia das Raposas?

— Nenhum comunicado oficial foi divulgado — respondeu ele, e aquilo foi preocupante o bastante para enfim calar o time.

Não era bem um não. Jeremy se perguntou se aquilo queria dizer que ele tinha ouvido algo de Wymack no sigilo. Para ser sincero, Jeremy não sabia com que frequência os dois treinadores se falavam, já que Raposas e Troianos só tinham se cruzado pela primeira vez no ano anterior. Ele sabia que Rhemann respeitava profundamente Wymack e o jeito como ele tinha montado seu time nada convencional, e Rhemann nunca hesitara em se posicionar a favor de Palmetto State quando o CRE parecia prestes a esmagar o time pequeno, mas havia um continente inteiro entre eles. Ainda assim, era possível, supôs Jeremy; afinal, uma distância daquelas não tinha impedido ele e Kevin de construírem uma amizade improvável.

— Certo — disse Rhemann. — Agora que todos estamos a par da situação, vamos confiar que o treinador Wymack vai cuidar do time dele e que o CRE vai fazer o que puder em relação a Edgar Allan. Ainda temos metade de uma partida pela frente, então vamos voltar a colocar a cabeça no jogo.

Restavam uns doze minutos de intervalo, tempo suficiente para reconhecer o bom desempenho da formação titular e preparar o grupo do segundo tempo com orientações e observações. Jean entrou no vestiário faltando só alguns minutos para o fim do intervalo e foi direto ocupar um lugar ao lado de Jeremy. Ainda havia mais tensão nele do que Jeremy gostaria de ver, mas não podia culpá-lo por estar tenso. Jeremy queria perguntar como ele estava e se tinha falado com Renee

ou Neil, mas não queria distrair os companheiros tão perto do começo do segundo tempo.

Conseguiu segurar a língua até o segundo tempo começar. Então perguntou:

— Você teve notícias das Raposas?

— Eu liguei pra Renee — admitiu Jean. Ele acompanhava a bola de um lado para o outro com o olhar, mas Jeremy percebeu num relance que Jean não estava prestando atenção na partida. Os pensamentos dele ainda estavam com Renee e com as notícias que ela tivera para dar. Jeremy se perguntou se seria obrigado a arrancar a resposta, mas então Jean cravou os dedos no próprio flanco com toda a força. Jeremy soube o que ele iria dizer antes mesmo de ouvir. — Jasmine fraturou duas costelas do Neil. O ângulo do golpe e a proteção pouparam o restante.

Era exatamente o que ele temia, e Jeremy não pôde deixar de dizer:

— Meu Deus.

Aquilo tiraria Neil da escalação pelo restante do semestre de outono; com sorte, ele conseguiria voltar a tempo da última ou das duas últimas partidas antes das férias de inverno. Era um alívio, ainda que mínimo, que as Raposas tivessem recrutado mais atacantes, porém os dois eram calouros que ainda precisavam de muito treinamento. Se um deles tivesse pelo menos metade da inteligência ou do talento do Neil, as Raposas ainda teriam alguma chance, mas era um jeito péssimo de começar a temporada.

Melhor do que uma overdose fatal, pensou Jeremy antes de perguntar:

— E o Kevin?

— Machucado e puto — respondeu Jean.

Ainda havia coisa demais estampada no rosto dele. Jeremy repassou a escalação mentalmente e perguntou:

— Andrew?

Jean subiu a mão até o ombro e encontrou o ponto onde a raquete de Williams o tinha acertado.

— Clavícula fraturada. Winfield ainda não sabe se vai precisar de cirurgia. Ela está buscando uma segunda opinião. — Jean comprimiu a boca num sinal evidente de desagrado. — Renee vai me avisar assim que tiverem uma decisão.

Jeremy não esperava que Jean parecesse tão preocupado com a recuperação de Andrew quanto com a de Neil, mas não conseguiu tirar conforto daquilo naquele momento. Não conseguia se lembrar de nenhum companheiro de equipe que tivesse quebrado a clavícula ao longo dos anos, mas imaginava que Andrew ficaria fora por pelo menos alguns meses. Renee era confiável, e eles

ainda tinham um calouro para entrar se ela precisasse ser substituída, mas os Corvos tinham deixado as Raposas numa posição bem ruim. Jeremy não estava certo de que conseguiriam realizar outro milagre seguido.

— Ele teve sorte — respondeu Jeremy, voltando à quadra um olhar que não via de fato nada. — Parecia que o Williams estava mirando a cabeça dele.

— Estava — respondeu Jean sem hesitar. — Os Corvos acreditam que desvios e erros precisam ser punidos. Andrew quebrou o braço de Riko na final, e foi isso que desencadeou tudo o que levou à morte dele. Brayden e Cameron queriam acertar as contas. — Ele inclinou a mão para um lado, depois para o outro, antes de a deixar nivelada. — Uma vida pela outra.

— O Cam é um babaca — disse Cody ao se sentar do lado livre de Jean.

— É — concordou Jean.

— É só falar que eu saio no soco com ele no recesso de Natal — brincou Cody. — Eu nem estava pensando em ir pra casa, mas abro uma exceção.

Jean dispensou a ideia com um gesto.

— Eu o odeio mais do que ele me odeia. — Diante do olhar que Cody lançou para ele, Jean deu de ombros e explicou: — Ele era grosso demais com a Thea a cada chance que tinha.

— O que ele tinha contra a Muldani? — perguntou Jeremy.

— Ela é negra — respondeu Cody. Quando Jean murmurou uma correção, Cody fez um gesto com a mão e continuou: — Sim, mas não dá pra ver nada do pai nela. — Cody foi contando nos dedos e disse: — Ah, é, vocês devem ter convivido por um ano. Será que enfim descobrimos um Corvo com quem você se dava bem?

— Kevin — disse Jean.

— Eu estava torcendo para que fossem mais do que dois — admitiu Jeremy.

— Finn — disse Jean no instante em que o alarme soou sinalizando um ponto dos Troianos. Jeremy deu umas batidas na parede, em aprovação e incentivo, mas continuou a prestar atenção em Jean enquanto ele acrescentava: — Sergio, na maior parte do tempo. Brayden. Colleen. Zane.

O último nome saiu tão baixo que Jeremy quase não ouviu. Diante do olhar aguçado de Jeremy, Jean enterrou a mão no próprio peito. Por um instante, a dor no rosto dele pareceu sem fim, mas, no momento seguinte, Jean já a tinha contido. Era insuportável ver Jean ainda capaz de sentir tanto por um homem que praticamente tinha deixado as marcas das mãos no pescoço dele. Jeremy não sabia como o coração bondoso de Jean tinha sobrevivido a um lugar como Evermore. Estava machucado, sangrava, mas não tinha se partido. Jeremy não

sabia dizer se aquela dor apertando seu peito era orgulho ou tristeza. O que quer que fosse, tornava difícil respirar.

Talvez Cody estivesse sentindo o mesmo, porque ficou contente em deixar o assunto morrer ali. Os três enfim voltaram a atenção à partida, embora só Cody e Jeremy reagissem às boas jogadas e às tentativas de pontuar dos Troianos.

O alívio que Jeremy sentiu quando o apito final soou foi tão intenso que chegou a dar vergonha; ele não tinha acompanhado o jogo com tanta atenção quanto seu time merecia. Teria de rever aquela partida no fim de semana para poder dar um retorno decente na semana seguinte. Por ora, bastava que eles tivessem vencido por sete a seis, e ele se deixou levar pela empolgação dos colegas enquanto tomavam banho e trocavam de roupa para voltar para casa.

Assim que entrou no ônibus, ele disparou uma sequência de mensagens para Kevin. Ao lado dele, Jean mandou mensagem a Renee de novo, mas eles deixaram Provo para trás sem nenhuma atualização. Alguns quilômetros depois, o celular de Laila começou a tocar. Ela revirou todos os bolsos da mochila duas vezes, até que Cat empurrou os fones para cima e disse:

— No bolso de trás, amor. — Àquela altura, Laila já tinha perdido a ligação, mas, quando se inclinou sobre Cat para puxar o celular, ele começou a tocar de novo.

— Oi, estou aqui — atendeu ela. — Não, estamos voltando de Salt Lake City. Não sei ao certo, saímos do campus faz mais ou menos uma hora. Que barulho todo é esse? — Ela afastou o celular do ouvido por um instante com uma careta e perguntou: — Você não pode ir a um lugar mais silencioso? Está fazendo muito barulho. Sim, sim, estou olhando — disse, inclinando-se por cima de Cat para tentar enxergar pela janela. — Me dê um segundo, não estou vendo nenhuma placa.

Jeremy se esticou pelo corredor para cutucá-la e disse:

— Um pouco ao sul de Provo.

— Jeremy disse que já passamos de Provo — repetiu Laila com um aceno rápido de cabeça para ele. — Eu não olhei o trajeto, mas sim, imagino que estamos na I-15. Espere, mal consigo te ouvir — disse e pressionou uma das mãos contra o ouvido. Ao lado dela, Cat arrancou os fones de vez, preocupada. Laila se curvou no assento, como se aquilo pudesse ajudar a escutar melhor. — Me diga o que está acontecendo. Por que está perguntando onde eu estou?

Ela ficou em silêncio por uns trinta segundos e então calou o ônibus inteiro com um grito agudo:

— Como assim *pegando fogo*? Não! Como assim? Mas… — Ela se calou de novo para ouvir. Com o restante dos Troianos num silêncio mortal, Jeremy enfim conseguiu distinguir o som fino e distante de sirenes. Ergueu os olhos a tempo de ver Rhemann surgir no corredor, logo à frente dos assentos deles, com uma expressão grave, mas voltou toda a atenção a Laila quase no mesmo instante. — Foi muito sério? Não, me fale agora. Eu quero… — Ela parou de falar outra vez para escutar.

Ficou calada por tanto tempo que Jeremy chegou a temer que ela tivesse entrado em choque, mas, por fim, soltou, rouca:

— Te ligo já, já. — E desligou.

Ela continuou em silêncio por mais vinte segundos, ainda curvada sobre os joelhos, a testa apoiada no encosto do banco da frente. Jeremy percebeu vagamente as periguetes pairarem no corredor e as mãos de Cat com toda a delicadeza do mundo sobre os ombros de Laila; mas não conseguia desviar os olhos do rosto abaixado dela, nem dos cachos que escondiam sua expressão, para olhar para qualquer outra coisa.

Laila mal conseguiu levar a mão ao rosto a tempo de abafar um soluço. Cat a puxou para um abraço apertado e acolheu a cabeça dela contra o próprio ombro.

— Amor — tentou ela. — Laila, o que aconteceu?

Laila não respondeu, mas Jeremy já não esperava que respondesse. A amiga odiava se descontrolar diante dos outros; preferia lamber as próprias feridas em particular. Levou três anos para que ela enfim confiasse as próprias dores a Jeremy; por mais que Laila amasse Cat, ainda tinha dificuldade de se deixar ser vulnerável com ela. Ele não sabia se Cat conseguiria romper aquela barreira naquele momento, então decidiu tentar.

Jeremy se abaixou no corredor para ficar mais perto dela. Laila ainda agarrava o celular com força, então ele segurou o joelho dela e apertou de leve, com cuidado.

— Ei — disse, tentando manter a voz o mais firme possível. — Laila, me conte o que aconteceu.

A mão dela tremia quando a tirou do rosto. Ela se prendeu ao braço de Cat num aperto tão forte que os dedos embranqueceram, mas ergueu para Jeremy um olhar cheio de lágrimas. Ele viu o maxilar dela se mover, viu o esforço evidente que fazia para sufocar a dor e o horror. Quando falou, a voz ainda saiu frágil demais:

— Tocaram fogo na casa. Na *nossa* casa.

Ele ouviu as palavras, mas não chegou a registrá-las de verdade. Só conseguiu olhar para ela, sem reação, à espera de algo que fizesse sentido. A expressão de Laila vacilou por um instante, mas ela se obrigou a se recompor quando olhou para Rhemann.

— Treinador, por favor, me deixe em Cedar City. Meu tio disse que tem um aeroporto regional lá. Se você permitir, ele vai mandar o jatinho dele me buscar e enviar por fax ao seu escritório qualquer documento necessário para me tirar da sua responsabilidade.

— Espere um instante — disse Rhemann e foi para a frente falar com os motoristas.

Cat enfim conseguiu falar:

— Tocaram fogo — repetiu, num tom que Jeremy nunca tinha ouvido nela antes. — Você não está falando sério. A casa? Como assim tocaram fogo na casa? Amor. Laila.

Laila encostou os nós dos dedos no queixo por um instante em uma tentativa de encontrar uma calma inexistente.

— A equipe de segurança tem imagens de três homens jogando algo pra dentro pela janela da sala segundos antes de o alarme disparar. Eu não… — Laila puxou o ar devagar e tentou de novo: — Os bombeiros ainda estão lá, então Gary não pode entrar, mas ele disse que vai ser perda total. Já está queimando há tempo demais.

Rhemann voltou e disse:

— Podemos desviar por Cedar City, mas ainda estamos a umas três horas de lá. Não sei quantos lugares vão estar disponíveis, mas imagino que vocês quatro vão descer. — Ele olhou para Cat, depois por cima da cabeça de Jeremy para Jean. — Vocês precisam ou querem que algum de nós vá com vocês? — E apontou para si, indicando os treinadores.

— Gary vai buscar a gente no aeroporto em Los Angeles — disse Laila enquanto ligava de volta para o tio. — Não precisamos de vocês.

Foi um jeito ríspido de recusar, mas, dadas as circunstâncias, Rhemann não se ofendeu com a forma descuidada como ela tinha falado. Ficou em silêncio, à espera, enquanto Laila acertava os detalhes. O voo até Cedar City levava mais ou menos o mesmo tempo que a viagem de ônibus rumo ao sul a partir de onde eles estavam, então Laila poderia descer do ônibus e embarcar quase na mesma hora. Chegaria a Los Angeles pelo menos três horas antes dos Troianos: tarde demais para salvar a casa, mas ainda assim muito melhor do que continuar presa num ônibus, sem poder fazer nada, cercada de testemunhas para a sua aflição. O

jatinho do tio tinha lugar para seis pessoas, e o olhar rápido que Laila lançou a Jeremy deixou evidente que ela esperava que ele fosse com ela.

— Obrigada, treinador — disse Laila quando enfim desligou.

— Avise se pudermos ajudar em algo — respondeu Rhemann e se afastou para dar espaço a ela.

Cat ainda olhava para Laila como se não a reconhecesse, e o murmúrio baixo dela partiu o coração de Jeremy.

— Tudo? — perguntou. — Perdemos tudo?

Laila puxou Cat para um abraço curto e apertado, depois fez sinal para Jeremy dar espaço a elas.

— Eu vou descobrir o que aconteceu, de um jeito ou de outro — disse, levantando-se quando Jeremy voltou ao lugar dele. Ela foi para a frente do ônibus com o celular no ouvido. Pareceu uma eternidade até a ligação ser atendida, e Jeremy soube que ela tinha ligado para a mãe quando as exigências duras e cortantes começaram a sair em árabe. Cat continuou a olhar para as costas rígidas da namorada, com um ar desolado, mas Cody se inclinou por cima do banco e passou os braços em volta dos ombros de Cat.

Jeremy lançou um olhar aflito para Jean, tomado pela culpa por ter demorado tanto a demonstrar solidariedade.

— Sinto muito — disse.

Jean tinha chegado a Los Angeles com uma única mala de mão e duas camisas. Tinha levado meses para enfim ocupar o espaço que Cat e Laila abriram para ele, e havia só pouco tempo que começara a acrescentar toques pessoais discretos aos cantos dele pela casa. Jeremy pensou no cartão-postal do Kevin, na pulseira dos fogos de artifício de julho, na concha que ele tinha encontrado pelo caminho. Aquilo revirou o estômago dele, e a voz falhou quando disse, sofrido:

— Jean, eu…

— O CRE anunciou — disse Jean, a voz opaca e o olhar perdido. Um instante depois, explicou: — A decisão deles de eliminar os Corvos. Eu vi a matéria no intervalo. — Antes de ele voltar a se juntar ao time, supôs Jeremy, mas não entendeu aonde Jean queria chegar. Jean não o obrigou a perguntar. — A culpa é minha.

— Não diga isso. — Jeremy segurou o pulso de Jean quando ele evitou o encarar e insistiu: — Você não teve nada a ver com isso.

— Bancar o desentendido não ajuda ninguém — disse Jean, as palavras afiadas. — Quando os Corvos são atacados, os fanáticos deles revidam em nome do time. Você viu isso no ano passado, com Neil e as Raposas, e no ano anterior,

quando Kevin foi embora. Não finja que não sabe o que está acontecendo aqui. Os Corvos foram destruídos, e alguém precisa pagar por isso. Eu sempre vou… — Jean não conseguiu terminar. Os dentes bateram quando ele travou a mandíbula com força.

Poucas horas antes, Xavier tinha listado para Telsey alguns exemplos de motins dos Corvos. *Incêndio criminoso no campus*, dissera ele, e Jeremy sentiu o corpo inteiro gelar. Ele não contestaria que a casa de Laila tinha sido atacada de propósito, mas se recusava a deixar Jean ser esmagado por aquele peso. Jeremy apertou mais o pulso dele.

— Olhe para mim. Olhe para mim, Jean, porque eu preciso saber que você está me ouvindo. — Ele esperou até Jean erguer os olhos antes de continuar: — Se isso foi represália, a culpa continua a ser de quem escolheu passar dos limites. Não é sua culpa. Nunca vai ser.

— Você não acredita nisso.

— Talvez tenham feito isso pra atingir você — admitiu Jeremy —, mas isso não quer dizer que a responsabilidade seja sua. Você não teve nada a ver com a decisão do CRE. Você é vítima disso tanto quanto Cat e Laila, então não carregue um peso que não é seu. Isso não vai ajudar nenhum de vocês. Entendeu?

— Às vezes o Jeremy é mais inteligente do que parece — disse Xavier, encostado no encosto do banco deles. — Escute ele, Jean, e não entre nessa.

— É uma espiral que não leva a nada — acrescentou Min. — Eles te adoram e, por isso, vão repetir quantas vezes for preciso que você não tem culpa nenhuma, até você acreditar. Mas essa culpa que você está assumindo sem ninguém ter pedido só desvia a atenção da perda e da dor delas. Elas não merecem esse estresse a mais agora.

Xavier assentiu.

— A melhor coisa que você pode fazer agora é aceitar que tem gente babaca no mundo e que isso está fora do seu controle. Sofra pelo que você perdeu, mas sem carregar mais do que deve.

Apresentar aquilo como um peso a mais para Cat e Laila foi provavelmente a parte mais eficaz do argumento. A extremidade dos lábios de Jean chegou a se contrair, como se um franzido fosse se formar, mas não se completou. Por fim, ele olhou por cima de Jeremy, para Cat. Cody tinha ido ao lugar vazio de Laila, mas Cat estava ao telefone, falando numa mistura agitada de espanhol e inglês. Algumas fileiras à frente, Laila tinha se calado, mas mandava mensagens rápidas enquanto andava de um lado para o outro no corredor. O fundo do ônibus

continuava estranhamente silencioso. Ninguém sabia o que dizer, e todos sabiam que era melhor não invadir o espaço de Laila quando ela estava daquele jeito.

Jeremy fez uma conta rápida, de cabeça, das poucas coisas dele que talvez tivessem se perdido. A mochila estava no carro, no estádio, então pelo menos ele não teria de comprar de novo os livros do semestre. As apostilas de direito eram uma perda até bem-vinda, e ele só tinha deixado pouco mais de uma dúzia de roupas no armário de Jean.

Ele já estava passando mentalmente por cada cômodo da casa quando Jean disse:

— Sinto muito pelo seu cachorro.

Um pedaço de papelão era uma coisa boba para lamentar quando os três tinham perdido tudo, mas a lembrança apertou o peito dele de um jeito dolorido. Au-Au tinha sido um dos primeiros presentes que Cat lhe dera, uma tentativa de se aproximar quando percebeu que a amizade dele com Laila fazia parte de um pacote fechado. Jeremy sabia que não era um cachorro de verdade, mas…

Jeremy esfregou o peito na tentativa de aliviar a dor e disse:

— Sente? Achei que o odiava. — A intenção era soar como uma provocação leve, mas não funcionou tão bem. O olhar de lado que Jean lançou deixou evidente que ele percebeu aquilo.

— Você não odiava — respondeu Jean, como se aquilo fosse a única coisa que importasse.

Laila enfim voltou. Cody a puxou para um abraço breve e apertado antes de sair da frente. Jeremy não se surpreendeu quando Laila não retribuiu, e a expressão de Cody mostrava que não levaria aquilo para o lado pessoal. Em silêncio, elu voltou à própria fileira, e Laila tornou a se sentar ao lado de Cat, que encerrou a ligação às pressas e se virou no banco para ficar de frente para ela. A luz dos faróis que entrava pela janela fazia as lágrimas no rosto de Cat brilharem, mas a voz saiu firme quando perguntou:

— Alguma novidade?

— Tente dormir um pouco, se conseguir — disse Laila e puxou Cat com cuidado para junto de si e se ofereceu como travesseiro. — A noite vai ser longa.

Jeremy se surpreenderia se alguém na frente do ônibus conseguisse descansar. As horas até Cedar City foram tão miseráveis quanto intermináveis, mas enfim o motorista fez a última curva até o aeroporto. Laila puxou a manga de Jeremy, exigindo em silêncio que ele fosse junto, enquanto levava a bolsa até a frente do ônibus. Cat estava logo atrás, então Jeremy fez sinal para Jean passar na

frente dele antes de ir também. Eles desceram depressa, mas Jeremy ainda demorou um instante para se virar para os treinadores.

— Obrigado — disse. — Eu aviso quando a gente embarcar e quando pousar em Los Angeles.

— Tomem cuidado — pediu Rhemann. — Cuidem uns dos outros.

O ônibus foi embora assim que Jeremy se afastou, e ele correu até alcançar os amigos à entrada. Vinte minutos depois, o avião já taxiava pela pista, e eles estavam afundados em poltronas macias viradas umas para as outras. Laila esperou até alcançarem altitude de cruzeiro para tirar um caderno da bolsa. Abriu nas últimas páginas, onde sabia que encontraria folhas em branco suficientes, e as encarou com uma tristeza pesada no rosto.

— Gary disse que vamos precisar de uma lista para o seguro — disse.

Eles só conseguiram chegar à metade do que havia na sala antes que Cat enfim começasse a chorar de verdade, e Laila largou tudo para se concentrar em abraçá-la. Jeremy tentou assumir a tarefa em silêncio, porém, quanto mais escrevia, mais o coração pesava. Parecia impossível que aquele lugar tão acolhedor tivesse desaparecido — com os abajures e as mesinhas que não combinavam entre si, as colchas costuradas à mão pela avó de Cat, os jogos em volta dos quais eles tinham rido em tantas noites.

No fim, Jeremy precisou virar o caderno para não ver mais a lista e passou o restante do voo em silêncio, olhando pela janela.



CAPÍTULO VINTE E UM

Jean

Eles só chegaram ao Aeroporto de Santa Monica às quatro da manhã. Ainda estava escuro demais para ver direito como a casa tinha ficado, mas o tio de Laila, Gary Dermott, sabia que eles precisavam encarar aquilo antes de conseguir descansar. Foi ele quem os buscou no aeroporto e os levou direto ao que restava da casa deles. Havia uma sacola cheia de lanternas no banco de trás, então Laila distribuiu uma para cada um, enquanto Gary estacionava o carro.

A primeira coisa que Jean notou foi a equipe de segurança parada do lado de fora para impedir um saqueamento. Depois, a deformidade brutal da casa destruída. Metade da parede da frente tinha desabado, e o telhado acima dela havia queimado em vários pontos. O capô do carro de Laila estava destruído, assim como as motos que ficavam sempre estacionadas entre o carro e a frente da casa. Cat parou diante das motos carbonizadas, enquanto Laila seguia Gary pela abertura escancarada da porta. Jeremy hesitou, sem saber qual das duas acompanhar, então Jean fez um gesto para que ele fosse atrás de Laila.

— Acho que agora você vai ter que comprar uma moto nova — disse Cat quando Jean parou ao lado dela.

Jean percebeu que ela tentava soar descontraída, mas seu tom era derrotado e vazio. Ele pesou todas as respostas possíveis: palavras de consolo que soariam

desajeitadas até para ele, a culpa que não expressaria em voz alta, mas que também não conseguia deixar de lado, e o caminho mais simples, que seria apenas concordar com o que ela tinha dito. No fim, escolheu o menos habitual; estendeu a mão para ela, do mesmo jeito que ela tinha feito por ele tantas vezes naquele verão.

Foi mais fácil do que ele imaginava envolvê-la nos braços, e Cat se aproximou sem resistir. Agarrou-se a ele, os dedos cravando como se pudesse arrancar alguma força dali. Jean apoiou o queixo no alto da cabeça dela e esperou até que ela por fim afrouxasse o aperto.

— É melhor a gente entrar — disse ela, e Jean deixou que se afastasse. Cat segurou a mão dele assim que seguiu até a porta, entrelaçando os dedos dos dois, e o conduziu para dentro.

Jean se arrependeu da decisão no mesmo instante. O lugar estava horrível, e ele sabia que à luz do dia pareceria ainda pior. Cada cômodo por onde passaram era um cenário carbonizado, os móveis e pertences retorcidos. Ele e Cat encontraram Laila e Jeremy no quarto das meninas, e Laila estava mexendo em um cofre pequeno.

— Tudo certo? — perguntou Cat.

— Estão intactos — disse Laila, batendo a porta do cofre para fechá-lo de novo.

Cat analisou o quarto destruído com um olhar lamentável.

— Meu Deus, Laila.

Jean deixou o olhar percorrer as paredes devagar. Alguns quadros ainda estavam pendurados, mas as fotos dentro deles tinham desaparecido, e o mural de cortiça onde elas só prendiam fotos das duas em encontros tinha sumido por completo. Ele as deixou absorver aquilo e foi até o escritório. As mesas só tinham sobrevivido no sentido mais literal: ainda dava para reconhecer que eram mesas. A de Laila estava em melhor estado, mas a dele e a de Cat tinham perdido pelo menos uma perna cada. Seu notebook queimado estava frio ao toque. Jean o abriu já ciente do que encontraria, depois o deixou de lado com um suspiro baixo.

As gavetas da mesa estavam cheias de cinzas e pedaços espalhados de papel. Os presentes de Kevin, que já tinham sido destruídos pelos próprios Corvos a ponto de se tornarem irreconhecíveis, tinham desaparecido de vez. Seu olhar foi sozinho ao ponto na parede onde o cartão-postal mais recente de Kevin deveria estar pendurado. Restava só a tachinha. Não havia mais nada da foto de Renee, e no lugar onde deveriam estar sua concha e a pulseira só havia cinzas. Por um

instante, a raiva ameaçou devorá-lo vivo, mas o toque repentino do celular o arrancou dos pensamentos.

Jean encarou o identificador de chamadas por três toques antes de enfim atender.

— Sim, treinador.

Houve uma pausa, como se Wymack não esperasse que ele fosse atender.

— Acabei de ver a notícia. Você está bem?

— Eu não sou uma das suas Raposas — lembrou Jean, começando a andar pelo corredor. — Você não precisa fingir que está preocupado.

— Você parece bem. — A resposta saiu seca.

Jean não disse nada até chegar ao quarto dele. A destruição que o esperava o fez parar, e ele encarou o armário arruinado ao dizer:

— Nós não estávamos em casa. Tivemos um jogo contra Utah ontem à noite. — A intenção era de deixar por aquilo mesmo, mas o fato de Wymack ter ligado para ver como ele estava não parava de corroê-lo por dentro. O carro de Laila estava estacionado à entrada da casa. As motos também. — Eles sabiam que a gente não estava? Isso pelo menos importava pra eles?

— Eu não sei — respondeu Wymack, mas o tom sombrio não tinha nada reconfortante.

Os incendiários tinham diminuído a velocidade para conferir ou mandar um recado era mais importante? E se tivesse sido um jogo em casa, e todos eles estivessem dormindo quando tivesse acontecido? O quarto de Laila e Cat não ficava longe da sala onde o incêndio começara. Naquela primavera, Jean tinha perguntado a Wymack se doía muito morrer queimado; ali, imaginava o fogo chegando até os amigos, e aquilo quase o fez cair de joelhos. Ele segurou a camisa com a mão livre, num esforço para acalmar o embrulho no estômago, e se virou de costas para o armário.

— Como eu os protejo? — perguntou. — Os Corvos não me dão ouvidos. Nunca deram. Eles só ouvem os deles.

— Nós vamos pensar em algo.

Jean virou as costas para as camas carbonizadas e viu um facho de luz balançar no corredor. Alguns instantes depois, os amigos apareceram à porta para olhar o quarto, então Jean disse:

— Eu preciso desligar, treinador. — Esperou um consentimento sem cerimônia antes de encerrar a chamada, e Cat ergueu a lanterna por cima do ombro de Jeremy para iluminar o peito dele. Jean guardou o celular enquanto ia

ao encontro dos amigos e disse: — Estamos no noticiário. O treinador Wymack viu.

— Ah, eu não sabia que você ainda mantinha contato com ele — comentou Cat.

— Eu não mantenho — respondeu Jean. Era verdade e não era, mas os detalhes não importavam.

Laila olhou por cima do ombro dele para o quarto destruído.

— Gary topa levar a gente para a casa dele para dormirmos um pouco, mas não quero ficar tão longe do campus. Acho que a gente pode ficar no Radisson, onde hospedamos Kevin e Andrew no mês passado. Ele pode nos deixar lá, e fica fácil voltar pra cá quando amanhecer. O que vocês acham? — Ela olhou de um rosto para o outro enquanto todos assentiam. — Então vamos sair daqui por enquanto. Eu não aguento mais respirar isso.

Gary aceitou a decisão sem protestar. Falou com a equipe de segurança uma última vez, enquanto os Troianos entravam no carro, e poucos minutos depois os deixou no hotel. O check-in foi simples, e acabaram ficando em andares diferentes: uma cama king para Cat e Laila, e duas camas de casal para Jean e Jeremy. Cat e Laila pegaram o elevador até o quarto andar, enquanto Jean e Jeremy foram de escada até o terceiro. Jeremy deixou Jean entrar primeiro no quarto.

— Acho que ela vai colocar os alarmes para às sete ou oito — disse Jeremy e lançou um olhar para o relógio na mesa de cabeceira entre as camas.

Ele começou a mexer no celular, provavelmente conferindo aquilo, e Jean o deixou em paz para tirar os sapatos. Eles não tinham nada para vestir além das roupas que tinham usado na viagem de volta ao norte, já que não haviam planejado precisar de roupa para dormir. Jean ficou tentado em se deitar com a roupa do corpo, mas jeans não era nada confortável para dormir. Então ficou só de cueca e puxou o cobertor.

— Sete — disse Jeremy com um cansaço que Jean sentia nos próprios ossos.

Jeremy ainda mexeu no despertador do quarto antes de programar alarmes de reserva no celular, depois tirou o short e a camiseta em seguida. Dormiu quase no mesmo instante em que a cabeça tocou o travesseiro, e Jean observou seu rosto relaxado por um momento antes de se virar para o outro lado.

Ele estava quase dormindo quando o celular apitou com uma mensagem de Renee: “O treinador acabou de nos contar sobre o incêndio. Você tá bem?”

“Sim. E você?”

Ela devolveu a mesma mentira fácil: “Sim.”

Jean desligou o celular, enfiou-o debaixo do travesseiro e tentou se forçar a descansar ao menos um pouquinho.



A maior parte da manhã e do começo da tarde foi uma sucessão de conversas miseráveis.

Primeiro foi a ligação para o psiquiatra de Jean, que aceitou remarcar a consulta para a manhã seguinte. Jean resolveu aquilo antes mesmo de saírem do hotel, e os Troianos voltaram para casa passando pelo Exposition Park para que Jeremy pudesse buscar o carro. Estavam quase chegando à Quadra Dourada quando Jeremy enfim teve notícias de Kevin, mas a troca preocupada entre eles foi interrompida quase na mesma hora pela família de Jeremy. Ele entregou as chaves do carro a Laila para poder atender.

— Oi, mãe — disse Jeremy, sentando-se no banco do passageiro. Jean não soube dizer o que ela respondeu, mas Jeremy fez cara feia quase no mesmo instante. — Sim, eu devia ter ligado, é que a gente… — Ele parou para ouvir, antes de responder: — Desculpe. Eu não estava tentando te constranger. Estamos lidando com isso desde que saímos de Utah. Sim, Utah, o estado. Tivemos um jogo ontem à noite.

Jean lançou um olhar por cima do ombro, para Cat, no banco de trás. Cat nem precisou que ele perguntasse; torceu o lábio com desprezo e disse:

— Faz só catorze anos que ele joga, não dá pra esperar que a própria mãe saiba como funciona uma temporada de Exy. — Jeremy fez uma careta para ela por cima do ombro ao abrir a porta de novo, mas Cat não esperou que ele saísse. Ergueu a voz e gritou: — A gente ganhou, sra. Wilshire! Foi um jogaço!

Jeremy bateu a porta atrás de si e se afastou. Laila olhou irritada para Cat antes de sair, e Cat se aquietou, ainda que estivesse de cara amarrada. Laila ficou alguns instantes ao lado do capô, enquanto Jeremy andava de um lado para o outro, então soltou um suspiro tão pesado que Jean viu os ombros dela cederem. Ela foi até ele, agarrou sua manga para obrigá-lo a parar e gesticulou entre os dois. Daquele ângulo, Jean não conseguia ver sua expressão, mas a rigidez que

passou pelo rosto de Jeremy não prometia nada bom. Laila insistiu, e por fim Jeremy entregou o celular a ela. Laila assumiu a conversa com a mãe de Jeremy.

Jean olhou por cima do ombro para Cat e disse:

— Um Dermott é melhor que um Wilshire. Sim? — Diante da expressão vazia que ela lhe lançou, ele explicou: — Posição. Ela deu a entender isso quando Bryson apareceu. Disse que a polícia nunca ficaria do lado dele contra ela. Mas o avô dele é senador. E o dela, quem é?

— Não é o avô dela — disse Cat. — E, na teoria, não é nem o pai. Ele é um diplomata — explicou quando Jean balançou a cabeça. — Se você colocar os dois lado a lado sozinhos, então, sim, o querido vovô Wilshire ganha fácil, mas os amigos do pai da Laila são melhores. Em cada letra do alfabeto. — Ela contou nos dedos. — CIA, NSA, DHS…

Ela olhou de relance para ter certeza de que Jean estava acompanhando.

— Tenho quase certeza de que é só por causa dele que deixam o Jeremy passar as férias de verão com a gente. É melhor ser amigo de Hugh Dermott do que inimigo dele, e por aí vai. Lá vêm eles. — Ela se recostou no banco, e Jean seguiu seu olhar a tempo de ver Laila recolhendo Jeremy de volta ao carro. Laila só entrou depois que Jeremy se acomodou, e dirigiu na direção dos escombros da antiga casa sem dizer uma palavra.

Um representante da seguradora bastante objetivo apareceu na casa poucos minutos depois de eles chegarem para tirar fotos e colher depoimentos. Laila entregou a lista dos itens que haviam perdido no incêndio, e ele a acrescentou ao processo que só aumentava. Os quatro percorreram a casa inteira com ele, e foi por meio dele que Jean ouviu mais detalhes sobre o vídeo.

Todos os incendiários usavam moletons escuros, os capuzes bem fechados para esconder o rosto tanto quanto pudessem. Eles não diminuíram o ritmo para tocar a campainha; foram direto para a janela saliente: primeiro, para quebrá-la com uma pedra; depois, para jogar lá dentro galões extras de gasolina que tinham levado consigo. Ao que parecia, o terceiro tinha ateado fogo em uma camiseta ensopada da USC antes de jogá-la para o lado de dentro, fazendo o fogo pegar, e depois os três fugiram tão depressa quanto haviam chegado. O homem consultou as anotações, indo e voltando entre as páginas, antes de concluir:

— A empresa de segurança chamou os bombeiros assim que o alarme disparou. Vocês deram sorte de a Estação 15 ser tão perto; eles conseguiram chegar aqui em menos de seis minutos. Mas — acrescentou e lançou um olhar demorado ao redor da casa —, a essa altura, já não havia muito o que fazer. Parece que houve uma reforma grande quando a propriedade mudou de dono?

— Era o escritório do proprietário no terreno — confirmou Laila. — Meu tio reformou tudo para poder alugar.

— Isso acabou condenando vocês — comentou o agente enquanto fazia mais anotações. — Materiais mais novos queimam mais rápido. Não que eu esteja culpando seu tio por ter dado uma arrumada, lógico — acrescentou depressa. — De qualquer forma, provavelmente não teria feito tanta diferença assim. Certo. — Ele rabiscou uma última observação no fim da página antes de entregar cartões de visita a cada um deles. — Vou voltar ao escritório e registrar tudo no sistema. Vamos coordenar os reparos com o sr. Dermott, mas alguém da minha equipe vai entrar em contato com vocês sobre o reembolso dos bens pessoais.

— Obrigada — disse Laila.

— Parece que vocês têm companhia — anunciou ele, passando por cima dos restos desmoronados da parede da frente.

Jean seguiu seu olhar e viu que a imprensa tinha voltado. Os seguranças já tinham dito que eles haviam aparecido duas vezes antes de os Troianos chegarem. Os guardas estavam contendo a situação, mantendo as câmeras na rua e barrando o acesso à varanda. O agente da seguradora ignorou todos os pedidos de comentário enquanto entrava no carro e se afastava do meio-fio. Laila se virou para o outro lado, murmurando algo, e ficou encarando a sala com um olhar fixo.

— Algo deve ter sobrevivido — disse ela.

Jean duvidava, mas guardou sua opinião para si. Eles se separaram, cada um para um lado da casa: Laila foi para o quarto dela, Cat para a cozinha, Jeremy para a sala e Jean para o quarto dele. Durante uma hora, vasculharam os destroços em busca de qualquer lembrancinha que tivesse escapado relativamente intacta. Jean empurrou o que restava das camas, verificou as cômodas destruídas e remexeu no tecido chamuscado dentro do armário. Não havia nada ali que valesse a pena salvar, então por fim se virou e saiu do quarto.

Ao passar pelo quarto de Laila, viu-a de joelhos no chão, o rosto escondido nas mãos, os ombros tremendo em um luto silencioso.

Não havia som algum partindo da cozinha, onde Cat deveria estar trabalhando.

Jeremy estava sentado na sala, no lugar onde deveria estar a mesa de centro, e tentava desgrudar o plástico derretido de caixas de DVD. Porque desperdiçava tempo com uma coisa tão sem sentido, Jean não sabia, mas talvez fosse mais fácil se apoiar na esperança do que no bom senso.

Jean se sentou ao lado dele e começou a pegar os filmes, um por um. A maioria das caixas não passava de blocos deformados de plástico. As poucas que ainda mantinham mais ou menos o formato retangular tinham derretido fechadas. Jean fez uma bela tentativa de abrir uma delas antes de jogá-la de volta à pilha. Observou Jeremy se esforçar mais um pouco, até tomar a caixa da mão dele. Jeremy foi pegar outra, mas Jean o segurou pelo pulso para o impedir.

— Chega — disse. — Já era.

— Todos os filmes da Nan estavam aqui — disse Jeremy sem olhar para ele. Jean se lembrou do orgulho na voz dele, cheio de afeto, ao mostrar os objetos ligados à atriz e, devagar, soltou seu braço. Jeremy deixou as mãos caírem no colo e encarou os destroços à sua frente com um ar distante. Depois de um minuto, disse: — Eu sei que seria fácil substituir, mas eu… — Jeremy deixou a frase no ar, sacudiu-se de leve e forçou um sorriso sem graça. — Ao menos valia tentar.

Sem dizer nada, Jean estendeu a mão para outra caixa.

— Não, você tem razão — disse Jeremy, virando-se para ele. — Eu vou só… ah?

Jean seguiu o olhar de Jeremy até a porta. O homem parado logo à entrada da sala era quase familiar, mas não era um dos seguranças de Laila. Jean passou os olhos pelo terno escuro e pela expressão séria antes de notar o homem atrás dele. Aquele foi mais fácil de reconhecer. Dois meses e meio antes, ele tinha atirado uma embalagem de comida na cabeça de Neil e exigido a cooperação deles.

Jean ergueu de novo o olhar para o primeiro homem quando as peças se encaixaram. A última vez que tinha visto aquele rosto, ele estava na televisão. Jeremy dizia algo atrás dele, mas Jean mal conseguia ouvir por causa do sangue que pulsava nas têmporas.

— Agente Browning — disse Jean, e Jeremy se calou na mesma hora.

— Moreau. — Browning avançou entre os destroços, observando tudo com calma, e parou a um braço de distância. — Wilshire.

— Ele não é um Wilshire — protestou Jean.

— Aham. Owens, vá ver onde estão as outras duas — ordenou Browning, e o parceiro se afastou em busca de Cat e Laila. Browning não esperou que ele voltasse para dizer a Jean: — Tanto faz que nome ele está usando; ele não precisa estar aqui para esta conversa. Ou ele vaza daqui ou você vem se sentar no carro para conversar comigo. Decida qual opção te agrada mais nos próximos três segundos.

— Jean? — chamou Jeremy.

Jean fez um gesto de que estava tudo bem, e Jeremy se levantou devagar. Owens voltou e o tirou dali quando ele não se mexeu depressa o bastante para o gosto deles. Browning foi se agachar no espaço que Jeremy tinha deixado. Afastou a pilha de DVDs destruídos com um gesto entediado, ganhando tempo para o parceiro empurrar os Troianos mais para dentro da casa. Só quando o outro homem voltou à porta que Browning fixou um olhar firme em Jean.

Quando ficou nítido que ele não iria começar a falar, Jean disse:

— Não fui eu.

— Isso eu já imaginava — retrucou Browning sem se impressionar. — Já puxamos os registros de chamada e as imagens das câmeras de segurança. Eu sei exatamente onde você estava quando o incêndio começou e já sei quem deu início a ele. A boa notícia é que não foi serviço interno; esses babacas não têm ligação nenhuma com os negócios dos Moreau ou dos Wesninski. — Browning soltou um suspiro diante da expressão dele. — Não sei por que você está tão surpreso. Tente se lembrar de que você é testemunha no maior caso da minha carreira.

— Você está me confundindo com Neil — retrucou Jean.

— Desta vez foram torcedores fanáticos — comentou Owens. — Da próxima, pode não ser. Nosso escritório quer te oferecer uma vaga no Programa de Proteção à Testemunha. Você teria que sair de Los Angeles e recomeçar em outro lugar, mas, em troca, eu prometo que a gente te leva até o fim do julgamento inteiro, ou, no máximo, dois pedaços.

— Sair? — repetiu Jean. — Estamos no segundo jogo da temporada.

— Eu odeio esse esporte — disse Browning ao parceiro. — Me explique por que todos eles são assim.

Owens apenas deu de ombros.

— Não sei dizer, chefe. Eu torço para os Knicks.

— Eu não posso parar de jogar. Eu... — Jean se conteve no último instante, mas o quase-deslize fez seu sangue latejar nas têmporas. Aquelas pessoas conheciam Nathaniel Wesninski e Jean-Yves Moreau; aquela familiaridade quase o levou a admitir promessas que não eram da conta delas. Ele engoliu em seco e mudou à força o que ia dizer. — … prometi que levaria os Troianos até a final. Isso é importante.

— Também é importante não acabar assim. — Browning balançou diante dele um dos estojos de DVD amassados. Quando Jean se recusou a olhar, Browning o jogou de volta à pilha. — Não digam que a gente não tentou. Mas

talvez você seja mais útil como isca. — Ele fez um gesto para Owens se aproximar. Jean olhou com cautela para o arquivo que lhe ofereceram, até Browning dizer: — Agradeço se for ainda hoje. Minha equipe já traduziu tudo para o francês pra você.

Jean aceitou a pasta e a abriu. Havia dois calhamaços grampeados, um em cada bolso interno. Ele começou pelo da esquerda. Não sabia bem o que esperava encontrar, mas um relatório sobre um apartamento próximo passava longe do topo da lista. A primeira página apresentava uma imagem da planta, e cada uma das seguintes detalhava a área ao redor. O outro conjunto fazia o mesmo com um segundo imóvel. Jean olhou de um para o outro antes de erguer um olhar vazio para Browning.

— Não estou entendendo.

— Eu preciso de você vivo por mais alguns meses e, pelo visto, daqui em diante vamos ter que adotar uma abordagem mais direta — disse Browning. — Pra mim tanto faz qual endereço você escolher, desde que seja um desses dois. Meu escritório vai cobrir a diferença do aluguel pra igualar ao que vocês pagavam aqui, e nós vamos cuidar da segurança até o julgamento, sem custo. Fora isso, não vamos interferir em nada; sua rotina segue igual, exceto pelo caminho que você fará até a faculdade.

— Tem um porém — disse Jean. — Eu não tenho a informação que você quer. Já contei tudo o que sei sobre os meus pais e o pouco que sei sobre os dele. Não sobrou nada que justifique isso.

O olhar de Browning permaneceu calmo.

— Acho que vamos descobrir, não é?

Aquilo tinha toda a cara de uma armadilha, mas Jean não achava que qualquer um dos dois aceitaria uma recusa.

— Esta não era minha casa. A decisão não é só minha.

— Então vá lá. — Browning se levantou e apontou para a porta.

Owens acompanhou Jean para fora do quarto e pelo corredor. Os amigos estavam encostados na parede do fundo do quarto dele e de Jeremy, uma fileira de braços cruzados e expressões tensas. Owens ficou parado à porta, como se de fato achasse que eles tentariam fugir assim que ele virasse as costas, enquanto Jean ia deixar a pasta sobre o que restava da cama. Os amigos se aproximaram do outro lado para ver com que problema novo ele tinha aparecido, e Jean explicou tudo o mais resumidamente que conseguiu. Ninguém disse nada até ele terminar.

— Eu quero mais detalhes sobre esse suposto sistema de segurança — disse Laila, olhando por cima do ombro de Jean para o agente. — Eu me recuso a ter câmeras e escutas no meu apartamento. Prefiro procurar um lugar por conta própria e pagar o valor total do que deixar vocês espionarem minha vida privada.

— Da porta para dentro não terá nada — explicou ele. Quando Laila lançou aquele olhar estoico, ele tratou de afastar as preocupações dela dando de ombros. — Srta. Dermott, eu sei quem é seu pai e sei quem é o avô do Wilshire. Nós não estamos tentando comprar briga com nenhuma das famílias quando já temos tanto em jogo. Só queremos manter nosso ativo em segurança e o caso intacto.

— Até o julgamento acabar — concluiu Cat. — E depois?

— Vocês terão o contrato de aluguel e nossa equipe de segurança até o fim do ano letivo, mesmo que o julgamento termine antes disso. Depois, dois de vocês se formam, e os outros dois vão precisar procurar outro lugar de qualquer jeito. É um bom acordo.

— Em teoria — retrucou Laila. — Eu não consigo ler nada disso.

— Teríamos trazido uma cópia em inglês se soubéssemos que ele era incapaz de tomar as próprias decisões — provocou Owens.

— Que grosseria — murmurou Cat.

Jeremy apontou para uma palavra na página e traduziu:

— Quarto.

Jean fez um gesto confirmando e resumiu as características dos dois lugares. Quase nada daquilo significava muito para ele, pelo menos até virar a última página da segunda opção e dar de cara com um mapa impresso do bairro. Os nomes das ruas eram familiares; o psiquiatra dele ficava a poucos quarteirões daquele apartamento.

— Eu conheço este lugar — disse.

Jeremy se inclinou para ver melhor.

— Tem o Staples Center — disse, semicerrando os olhos para os nomes das ruas. Um segundo depois, ele reconheceu o lugar, junto de uma exclamação surpresa: — Ah. Verdade, você tem razão.

Ele sabia que não deveria entrar em detalhes na frente dos outros, mas arrastou o dedo pela via para o campus. Jean era péssimo em ler mapas e em interpretá-los — nunca tinha precisado usar um de verdade —, mas depois de duas idas ao médico, ele sabia que aquele apartamento ficava três vezes mais longe do campus do que a casa.

— Podemos conversar a respeito disso? — perguntou Laila.

— Ninguém está te impedindo — disse Owens, ignorando com total naturalidade o "em particular" implícito no pedido dela. O máximo que fez foi virar-se de lado e fingir grande interesse no relógio. Laila o encarou com um olhar irado antes de se virar para Cat e para Jean.

— O que você acha, Jean? — perguntou.

— Não sei dizer se tenho escolha — admitiu Jean. — A preferência deles seria me tirar de Los Angeles até eu depor.

Nada daquilo fazia sentido. Era o tipo de proteção que eles deveriam ter imposto a Neil, considerando que era o império do pai dele que estava sendo julgado. Talvez estivessem receosos de mexer com Stuart, que evidentemente ainda estava de olho no sobrinho, mas Jean tinha falado sério: não tinha mais nada de valor a oferecer a eles. Aquilo voltaria para assombrá-lo depois, mas por ora era um caminho.

— Eu não posso decidir isso pela gente, mas também não vou me opor.

Laila era inteligente o bastante para saber que a ajuda do FBI teria um preço, mas estava exausta, abatida, no meio dos destroços da casa em que vivera por tantos anos e funcionando à base de uma única hora de sono interrompido. Ela tinha tanta vontade quanto ele de continuar ali naquele lugar miserável. Passou a mão pelo rosto, cansada, antes de inclinar o maço de papéis para Cat.

— Amor?

— Sim — disse Cat, mal olhando para aquilo. — Sim, a gente dá um jeito.

— Lofts? — perguntou Owens, semicerrando os olhos para os papéis que Laila agitava do outro lado do quarto. Quando ela assentiu, ele também assentiu. — Ótimo. Vocês ainda vão ficar aqui muito tempo?

A resposta de Laila saiu baixa:

— Já acabei por aqui.

— Eu só preciso pegar umas coisas na cozinha — respondeu Cat.

— Então a gente encontra vocês lá — disse o agente, e ele e Browning foram embora.

Jean ficou escutando, à espera de uma porta, antes de se lembrar de que não havia mais nenhuma. Jeremy lançou mais um olhar para os papéis nas mãos de Laila, visivelmente desconfortável com aquele desdobramento mais recente.

— Você tem certeza disso?

— Tenho certeza de que vamos precisar resolver isso depois, se ainda der tempo de resolver depois — disse Laila. — Meu pai consegue arrancar algumas respostas, ou pelo menos algumas garantias confiáveis.

Jean seguiu Cat até a cozinha, enquanto Jeremy foi para a frente da casa com Laila. Cat tinha conseguido salvar meia dúzia de copos e quase todos os talheres. O vaso de terracota da janela, vazio fazia tempo, estava encaixado dentro de um dos copos na ponta. Jean procurou por reflexo a foto emoldurada de Au-Au de Lativeira, mas a moldura estava torta e escurecida sobre o parapeito. Sabia que era melhor não comentar nada, mas ajudou a recolher o que restava da louça. Jeremy e Laila estavam ambos no celular, ele digitando uma mensagem para alguém; ela, terminando uma ligação com o tio. Laila lançou um último olhar para a casa antes de seguir Jeremy até o carro.

Quando chegaram ao Lofts, os agentes já tinham providenciado as chaves e toda a papelada necessária. O fato de terem resolvido tudo tão depressa fazia parecer que aquilo já estava decidido de antemão. Ou aquele prédio já tinha sido usado antes, ou eles tinham negociado tudo antes mesmo de passarem na casa de Laila.

Cat e Laila fizeram os agentes esperar enquanto liam o contrato de ponta a ponta, mas Jean assinou todos os lugares marcados com marca-texto amarelo. Se tivesse que ler aqueles parágrafos intermináveis, ficariam ali o dia inteiro. Confiava nas meninas para avisar se houvesse algo errado.

Estava virando a última página quando Laila disse:

— Cachorro. — Jeremy olhou por cima do ombro na mesma hora, mas Laila continuava a encarar a papelada. Ela colocou o dedo sobre o trecho relevante e disse: — O prédio aceita animais. Um por contrato.

— Aceita? — perguntou Cat e virou a página para conferir. — Nossa.

— E se… — travou Laila.

Cat foi o mais delicada que conseguiu:

— Vamos retomar essa ideia quando tudo se acalmar.

Laila se aquietou, mas não parecia satisfeita. Owens levou os papéis de volta ao escritório quando as meninas enfim terminaram, e Browning só ficou o tempo suficiente para entregar seu cartão a Jean. Depois disse a Laila:

— Uma equipe de manutenção vai passar aqui esta tarde para instalar as câmeras no andar de vocês. Eles não vão precisar entrar no apartamento, então tanto faz se vocês estiverem em casa ou não, mas tentem não chamar atenção para o trabalho deles.

— Seattle — disse Jean antes que Laila respondesse. — E não Baltimore?

Browning olhou do cartão para ele.

— Fui transferido para Washington até o julgamento. Afinal, foi lá que Wesninski foi preso pela primeira vez — acrescentou. — E assim também fico a

menos de três horas de voo, caso eu precise de mais alguma coisa de você. Eu entro em contato.

Jean não soube dizer se aquilo era uma promessa ou uma ameaça, mas Browning não esperou pela resposta. Alcançou Owens na porta da frente, e os dois saíram sem olhar para trás.

— Eu não confio nele — disse Cat.

— Nem eu — concordou Jean.

A expressão de Laila mostrava que pensava o mesmo, mas tudo o que ela disse foi:

— Vamos subir.

No pacote de boas-vindas, o apartamento deles estava listado como sendo no segundo andar. Laila destrancou a porta, e eles entraram em fila por um corredor estreito. A primeira porta dava para um banheiro, e então o restante daquele apartamento estranho se abriu diante deles.

Sala, cozinha e sala de jantar formavam um único espaço grande e compartilhado, com dois quartos lado a lado na parede mais próxima. O terceiro quarto ficava depois da cozinha e tinha um banheiro privativo. Metade das paredes estava pintada; a outra metade era de tijolo aparente. As janelas permitiam a entrada de bastante luz, mas o lugar era tão vazio e aberto que parecia impessoal. Jean notou, no fundo do cômodo, uma porta estreita de vidro que dava para uma varanda quadrada, mas dali mesmo já dava para perceber que a vista não seria grande coisa.

Os quatro se dispersaram enquanto inspecionavam a nova casa. Cat abriu todos os armários da cozinha como se meio que esperasse encontrar algum deles abastecido. A maioria dos utensílios parecia mais nova do que os que ela tinha perdido, mas ela parecia mais angustiada do que impressionada com a melhora. Laila parou diante da janela da sala, silenciosa e sombria. Jeremy ficou ao lado de Jean e não disse nada, ciente de que a opinião dele sobre o lugar era a menos importante.

— Vamos precisar comprar algumas coisas básicas — disse Laila num tom que deixava evidente que estava cansada só de pensar naquilo. — Papel higiênico, itens de higiene, alguma roupa para trocar que não esteja com cheiro de ônibus… — Ela puxou a barra da camisa suja, mas não saiu de perto da janela.

— Acho que vi uma placa de mercado quando fizemos aquela última curva. Podemos começar por lá.

— Depois a gente se divide? — perguntou Cat, antes de se lembrar: — Um carro só.

Jean olhou de uma para a outra.

— Eu ainda não vendi o meu.

— Nem pensar — disse Laila. — Eu não vou andar por aí num carro dos Corvos depois que os torcedores deles tocaram fogo em tudo o que eu tenho.

O silêncio que se seguiu à recusa seca dela pesou no ar. Então Laila se afastou da janela e foi até ele. Pegou as mãos de Jean entre as dela e disse, com ênfase:

— Obrigada, Jean. Sei que você está tentando ajudar e sei que é a coisa mais sensata a se fazer. Mas eu não consigo, de verdade. Desculpe. Prefiro de longe que você siga o plano original e tire isso da sua vida o mais rápido possível.

Ela esperou que ele assentisse antes de soltá-lo.

— Talvez você e a Cat possam passar na concessionária amanhã? Sei que ela vai definhar até sumir se não substituir a moto o quanto antes.

— Eu gostava da *minha* moto — protestou Cat, baixinho, mas logo se recompôs com uma animação forçada: — A próxima vai ser ainda melhor. Talvez a gente compre um par combinando. — O sorriso que lançou a Jean foi quase verdadeiro, mas foi o comentário malicioso em seguida que a fez parecer mais ela: — E aí vocês dois vão dar uma volta comemorativa com a gente pra aliviar o clima, não vão? Eu sempre quis uma gatinha na minha garupa.

— Eu sempre quis viver até os setenta — retrucou Laila, seca. Então olhou para Jeremy e perguntou: — A gente vai se arrepender disso?

— Só se sobrevivermos — respondeu Jeremy.

— Vocês ainda têm um tempinho pra criar coragem — disse Cat, dispensando a falta de entusiasmo dos dois com um gesto. — Jean e eu ainda precisamos descobrir que tipo de moto ele quer, e depois vou querer que ele treine primeiro com o meu peso na garupa. Agora vamos logo, porque esse papo todo de falta de papel higiênico está me dando vontade de fazer xixi.

Eles seguiram para a porta, Cat ainda falando:

— Talvez a gente devesse convidar as periguetes pra jantar? Tenho certeza de que pelo menos uma delas tem uns cobertores sobrando para emprestar por uns dias, e este lugar está meio sinistro só com a gente aqui.

— Talvez seja bom ter companhia — concordou Laila. — Jeremy?

— Eu mando mensagem a elas — prometeu Jeremy e olhou para Jean. — Pronto?

— Sim — mentiu Jean. Ele lançou um último olhar ao espaço vazio antes de seguir Jeremy até a porta.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Jeremy

As periguetes tinham deixado o máximo de cobertores que puderam, mas nem aquilo fazia milagre contra aquele chão, que era tão duro que chegava a doer. No domingo de manhã, Jeremy acordou dolorido em meia dúzia de lugares e fez uma careta ao se levantar. Jean ergueu os olhos para o movimento antes de voltar a atenção ao celular. Só havia uma pessoa a quem ele mandaria mensagem tão cedo, mas Jean não parecia tenso como ficaria se fossem más notícias. Devia ser fofoca e atualizações gerais; Jeremy conseguia lidar com aquilo.

— Tudo certo? — perguntou, só por garantia.

— Andrew fez uma cirurgia ontem à noite. Não houve complicações, então ele vai ter alta esta manhã. — Jean deixou o celular de lado e chutou os cobertores para longe. O movimento bastou para fazê-lo se contrair de dor, e Jeremy não deixou de notar o amargor em seu tom ao dizer: — Esqueça a moto. Vou vender o carro pra comprar uma cama.

— Supondo que a Cat esteja certa quanto ao valor dele, dá pra comprar os dois.

Se ela estivesse certa, Jean seria o único descansando por ali. Talvez ainda levasse semanas para Laila e Cat receberem algo do seguro dos inquilinos, e mais tempo ainda para o processo de Gary contra os incendiários render algum dinheiro. Os pais de Cat mandariam o que pudessem no meio-tempo, e os de

Laila fariam uma transferência na segunda-feira, mas, por enquanto, todos estavam apertados de grana. No dia anterior, a prioridade tinha sido equipar os banheiros e a cozinha e depois comprar camisas e jeans suficientes para começarem. Os móveis teriam de esperar.

— Talvez a gente consiga umas camas de acampamento — sugeriu Jeremy quando Jean se levantou cambaleando.

Jean fez uma careta horrível ao pressionar as duas mãos na lombar, e o som irritado que soltou foi o bastante para Jeremy reconsiderar o quanto queria se levantar. A decisão foi tomada por ele quando Jean estendeu a mão, e Jeremy se preparou antes de segurá-la. Jean o puxou para cima e depois começou a dobrar os cobertores em quadrados impecáveis.

Se espreguiçar não resolveu nada, então Jeremy desistiu e perguntou:

— Café?

— Café — concordou Jean na hora.

A luz da manhã entrava pelas janelas da sala, intensa e brilhante, e deixava o ar desconfortavelmente quente. Cortinas eram prioridade ali, tanto por causa daquilo quanto para dar um pouco de privacidade na hora de se trocar. As janelas da sala davam para outros apartamentos, mas a do quarto de Laila e Cat ficava voltada a um prédio comercial vizinho. Na noite anterior, as duas tiveram de se trocar no banheiro para dormir.

Cat tinha tentado se ater ao básico no dia anterior, dando prioridade a panelas e frigideiras, em vez da maravilhosa coleção de eletrodomésticos a que antes tinha acesso, mas fez questão de comprar uma cafeteira. Havia exatamente quatro canecas no armário, então Jean as colocou sobre o balcão, enquanto Jeremy passava o café. Em qualquer outro fim de semana, não existia a menor chance de Cat sair da cama antes das dez, mas eles tinham uma lista interminável de coisas para fazer, e ela precisava acompanhá-los em parte delas.

Jean preparou um café da manhã simples. Cat apareceu poucos segundos depois de a cafeteira apitar, esfregando os olhos com os punhos, meio desengonçada. Jeremy lançou um olhar para além dela, em direção à porta do quarto, e Cat apenas balançou a cabeça em resposta à pergunta silenciosa no olhar dele. Mesmo que Laila estivesse acordada, não se juntaria a eles. Em silêncio, Jeremy guardou a caneca dela e o quarto prato.

Não havia onde se sentar, então ficaram encostados no balcão enquanto comiam para se abastecer para o dia. Jeremy cedeu o primeiro banho a Jean enquanto arrumava a bagunça, e Cat dividiu o resto do café entre as duas canecas

deles. Ela observou o filtro por um instante, como se estivesse tentada a passar mais uma leva, e então lançou um olhar sério para ele.

— Ela não vai deixar você voltar.

Não era uma pergunta, e, de toda forma, os dois sabiam a resposta. Jeremy virou o café de uma vez e começou a lavar a caneca. Cat se encostou nas costas dele, enlaçando-o num abraço lento e intenso. O protesto melancólico dela saiu abafado, o rosto enterrado nas costas dele:

— Não é justo. Diga a ela que a gente se sentiria mais seguro se você estivesse aqui com a gente. — Jeremy nem precisou responder; os dedos de Cat quase machucavam quando ela acrescentou: — Eu sei que ela não liga, mas…

— É só por algumas semanas — prometeu Jeremy, sem convicção nenhuma.

— A gente precisa mais de você do que ela. Ela não merece você.

— Ela é minha mãe, Cat.

Cat resmungou algo incompreensível e continuou agarrada a ele. Jeremy colocou a caneca no escorredor e apoiou os braços sobre os dela. Os dois ficaram em silêncio até Jeremy ouvir a porta do banheiro se abrir. Cat se afastou quando ele puxou de leve os pulsos dela. Ao se virar, ele disse:

— Eu te aviso quando a gente estiver voltando, tá?

— Tá — concordou ela sem muita animação. — Estarei pronta.

Jeremy se arrumou o mais depressa que conseguiu e saiu com Jean. O caminho até a consulta médica de Jean foi surpreendentemente curto a partir do novo endereço, e, embora Jeremy não fosse ficar, estacionou e o acompanhou até o quinto andar. Os dois ficaram sentados juntos na sala de espera até chamarem Jean. Então Jeremy se levantou e foi embora. Pegou o carro no estacionamento e seguiu para o noroeste.

O fato de ser cedo só amenizava o trânsito de fim de semana até certo ponto, mas Jeremy já tinha feito aquele trajeto vezes o bastante para saber que voltaria mais ou menos na mesma hora em que Jean terminaria. A vaga bem em frente à casa de Jenny Spader estava ocupada, mas ele conseguiu estacionar meia quadra abaixo. Sabia o código do portão, então mandou uma mensagem avisando antes de digitar.

A dra. Spader estava à espera na porta quando ele subiu pelo caminho, o quadril apoiado no batente e os braços cruzados. Pela expressão dela, Jeremy soube que não sairia daquela situação tão depressa quanto esperava, mas ainda assim valia a tentativa. Ofereceu seu sorriso mais desarmante, ciente de que ela nunca caía nele, e a seguiu até o hall. Havia espaço na sapateira para os sapatos dele, então os tirou com os pés e trancou a porta da frente depois de passar.

— Bom dia, Jeremy — disse ela, conduzindo-o pelo corredor até a cozinha. Dois copos de chá gelado estavam sobre o balcão, um de frente para o outro. Um deles tinha sido colocado ao lado do envelope que ele tinha ido buscar, mas Jeremy pegou primeiro a bebida. Spader tomou a sua antes de dizer: — Meus sentimentos aos seus amigos pela perda.

Quando ele a olhou de canto de olho, ela arqueou a sobrancelha e fez um gesto por cima do ombro. Uma TV pequena estava presa à ponta do balcão, ligada naquele momento, mas com o volume tão baixo que era só um zumbido indistinto.

— Eu assisto ao noticiário.

— Minha mãe também — disse ele, engolindo todas as palavras ácidas que queriam sair em seguida. O fato de ela e a mãe poderem assistir ao mesmo canal e saírem dali com ideias completamente diferentes sobre o que acontecia na vida dele era de uma crueldade absurda, mas não era hora nem lugar para entrar naquilo. O olhar avaliativo que Spader lhe lançou dizia que ela era capaz de imaginar para onde os pensamentos dele estavam correndo sem que ele precisasse dizer nada.

Jeremy desviou o olhar e perguntou:

— Cadê a Lily?

Se ela insistisse, ele provavelmente responderia com sinceridade, mas aquela não era a sessão mensal de Jeremy. Depois de uma breve pausa, Spader aceitou a mudança de assunto e respondeu apenas:

— Ela foi internada de novo. O pai está com ela hoje.

Era a resposta que Jeremy temia, então ele disse, em voz baixa:

— Sinto muito.

— Obrigada.

A pequena Lily Spader entrava e saía do hospital desde que nascera; a saúde dela era o principal motivo de Spader ter tentado encaminhar todos os pacientes para outros terapeutas dois anos antes. Jeremy era o único que restara, em parte por causa da interferência teimosa da mãe dele e sobretudo porque ele tinha encontrado um arranjo que funcionava para os dois. Spader continuava a cobrar da mãe dele pelas sessões semanais, mas devolvia uma delas em dinheiro vivo a Jeremy todo mês. Era uma renda extra fácil para ela enquanto cuidava da filha mais nova, e dava a Jeremy um dinheiro que os pais não conseguiam rastrear. Ele estava pegando aquele dinheiro mais cedo do que de costume, mas ela tinha concordado.

Jeremy terminou o chá antes de enfiar o envelope no bolso de trás, mas o agradecimento ficou preso na sua garganta quando ele olhou para Spader e se deparou com o que havia além dela: Kevin estava na TV, mas, pela primeira vez, era o rosto menos importante na tela. Jeremy bateu o cotovelo no balcão na pressa de agarrar o controle remoto.

— Desculpe — disse. — Desculpe, será que a gente pode…? — O restante foi esquecido assim que ele aumentou o volume o bastante para ouvir, e Spader se moveu para também assistir ao noticiário.

Kevin fazia uma declaração ensaiada sobre os ferimentos dos companheiros de equipe, mas Jeremy não ouviu uma palavra. Theodora Muldani estava ao lado dele do lado de fora da Toca das Raposas, a raquete apoiada nos ombros, enquanto o esperava terminar. A maquiagem em tons pastel era inconfundível, assim como o 14 estampado na camiseta folgada das Sereias de Houston. Jeremy contornou a ilha da cozinha para enxergar melhor a tela pequena.

— Alguém importante? — arriscou Spader. Ela só começara a acompanhar Exy depois que ele se tornara paciente dela, mas sua lealdade era, acima de tudo, aos Troianos. Não tinha tempo nem energia para investir em times profissionais, muito menos na seleção.

— Talvez — disse Jeremy. — Uma ex-Corvo, mas ela não deveria estar na Carolina do Sul.

Como se tivesse esperado a deixa, o repórter inclinou o microfone para Muldani e disse:

— Talvez o acontecimento mais inesperado do fim de semana seja a sua presença aqui na Universidade de Palmetto State. Poderia explicar o que está fazendo aqui?

— Não preciso da sua permissão para viajar.

Kevin lançou um olhar de reprovação para ela, mas Thea sustentou o olhar até Kevin bufar, irritado, e desviar o rosto.

— Só é curioso — disse o repórter, imperturbável diante da grosseria dela. — Tão pouco tempo depois de Corvos e Raposas terem se enfrentado, como interpretar sua visita de outro modo senão como uma demonstração de solidariedade?

— Com essa piada de time? — perguntou Muldani. — Preferiria cortar minha garganta.

Kevin fez um gesto de desdém para ela.

— Eles já passaram por… *Babaca*.

A câmera foi girada para registrar o que tinha chamado a atenção de Kevin. Um Maserati tinha parado perto do meio-fio. Jeremy entendeu a irritação de Kevin quando viu Andrew no banco do motorista, exceto pelo fato de que o homem que saiu do lado do passageiro também era Andrew. O segundo estava com um dos braços na tipoia, o que pelo menos indicava qual dos gêmeos Minyard era qual. Uma das portas de trás se abriu logo depois, revelando Neil. Ele testou o batente da porta enquanto calculava a melhor forma de sair, depois fez uma careta de dor quando decidiu ir em frente.

— Com licença — pediu Kevin, seco, antes de ir até eles.

A câmera o seguiu enquanto o repórter fazia um resumo rápido dos ferimentos das Raposas e do prazo estimado para a recuperação. Jeremy estava mais interessado no que Kevin dizia, mas a Rainha sabia manter a voz baixa. Aquilo não impedia que a impaciência aparecesse no rosto dele nem nos gestos exagerados enquanto tentava banir do estádio os companheiros machucados.

Kevin então se voltou para Andrew, que o ignorou e levou um maço de cigarros à boca. Foi fácil prender um cigarro entre os lábios, mas Andrew não o acendeu. Ficou mexendo o fumo de um lado para o outro por alguns instantes, depois o partiu em pedaços e o jogou fora. A irritação repuxava com força o canto de sua boca, e o olhar mortal que lançou a Kevin bastou para encerrar a discussão. Kevin ainda estava nitidamente irritado com eles, mas recuou para que Neil enfim pudesse fechar a porta do carro.

— Contexto? — perguntou Spader, aproveitando a pausa.

Jeremy só conseguiu dizer:

— Você viu…?

Antes que Neil passasse mancando por Kevin e dissesse, alto demais:

— Ah, Thea. Bem-vinda de volta.

A implicação de que ela já tinha estado ali antes fez a câmera ser voltada a ela numa velocidade vertiginosa, mas Muldani apenas encarou Neil com desprezo evidente. Quando o microfone se aproximou dela, Thea o afastou. Um grave erro, se tivesse parado para pensar, porque aquilo fez o repórter voltar toda a atenção a Neil, que não deu sinal de notar a câmera, mas parou obedientemente quando o repórter disse o nome dele.

— Então não foi a primeira visita dela à Toca das Raposas — arriscou o repórter.

— À quadra? Sei lá. — Neil deu de ombros com descaso, algo de que se arrependeu no mesmo instante, de forma visível. Levou a mão ao lado ferido do corpo e puxou o ar devagar entre os dentes cerrados. — Ela apareceu aqui na

primavera passada. Quando foi mesmo? — Neil perguntou a Andrew, mas não esperou resposta antes de acrescentar: — Abril? Jean chegou em março, então teve de ser depois disso. Eu sei que ela visitou os dois enquanto esteve aqui.

Neil não deu espaço para o repórter falar; apenas lançou um olhar para Kevin e apontou para a quadra.

— O treinador está aí? Tá, então a gente vai entrando.

Ele e Andrew seguiram em frente. Kevin esperou até os dois desaparecerem pela porta antes de voltar à câmera e tentar, com o máximo de esforço, salvar a entrevista.

— Thea está aqui porque eu a convidei. Eu queria conversar sobre os últimos acontecimentos envolvendo os Corvos com alguém que entendesse.

— Que Corvos? — retrucou Muldani, a expressão sombria. Aquilo bastou para arrancar um "ah" baixo de Jeremy, mas Muldani ainda não tinha terminado: — Um Corvo que não pode jogar não é Corvo. Essas criaturas vergonhosas não merecem os uniformes que usam. Vitória. — Ela enfatizou a palavra com raiva e indignação. — Supremacia em quadra acima de tudo. Essa é a nossa vocação e o nosso propósito, mas vocês destruíram isso de forma irreversível. Arruinaram tudo o que eles deram a vocês e mancharam tanto nosso legado que não tem mais conserto. Ele nunca vai perdoar vocês pela vergonha que o fizeram passar.

Nossa vocação, como se ela não tivesse se formado anos antes. Jeremy deu um passo para trás, afastando-se da TV.

Muldani cuspiu para o lado para reforçar a própria fala e então fez um gesto para Kevin.

— Não tenho mais nada a dizer sobre esses covardes. Vamos.

Kevin não disse nada por um momento, como se estivesse pensando no que ainda poderia acrescentar. Tudo o que conseguiu foi um cordial:

— Obrigado por terem vindo checar como estamos. Agradecemos o apoio e a preocupação.

— Isso não vai acabar bem — disse Spader, enquanto Kevin e Muldani se afastavam. A câmera os seguiu, e o repórter fazia um encerramento apressado, mas Spader tirou o som da TV e voltou um olhar sério a Jeremy. — Você me contou o que acontecia com os Corvos quando eles perdiam campeonatos. Serem envergonhados por uma das deles, logo após uma temporada cancelada, vai ter consequências desastrosas para eles. Espero que tenham acesso à ajuda de que precisam.

Jeremy pensou nas carreiras curtas dos Corvos, na aparência cadavérica de Reacher e em Jean se encolhendo toda vez que o nome de Tetsuji Moriyama era pronunciado.

— Acho que nunca tiveram. A Edgar Allan nunca priorizou a longevidade nem a sanidade deles, só a reputação. — Ele bateu a mão sobre o bolso para tentar abafar o celular; a enxurrada de alertas dizia que pelo menos dois companheiros de equipe e Rhemann tinham assistido ao noticiário. — Preciso falar com o Jean pra avisar.

— Me avise se eu puder ajudar em algo — disse Spader.

— Isso aqui já ajuda — garantiu Jeremy, batendo de leve no bolso onde tinha guardado o dinheiro dela. — Obrigado.

Ela o acompanhou até a porta, e Jeremy atravessou a cidade de volta o mais rápido possível. Ter ficado para assistir à entrevista lhe tinha custado um tempo precioso, e ele estacionou bem quando a sessão de Jean devia estar terminando. Mandou uma mensagem rápida ao rapaz, "Estou subindo", enquanto corria escada acima. Jean estava sentado, tenso, numa cadeira da sala de espera quando Jeremy chegou e sorriu um pedido de desculpas enquanto segurava a porta da escadaria.

— Desculpe, precisei sair por um tempo para encontrar alguém. A gente precisa conversar, mas pode esperar se você precisar de um minuto.

— Temos um problema — deduziu Jean, acompanhando Jeremy escada abaixo.

— Não temos — prometeu Jeremy, mas só falou mais quando chegaram ao carro: — Muldani se voltou contra os Corvos.

Jean parou, a mão na maçaneta.

— Não. Não — repetiu ele num tom cortante e incrédulo. — Ela lutou demais para entrar na escalação. Nunca se voltaria contra o time dele.

— Já não é mais o time dele — apontou Jeremy. — Foi esse o argumento dela. Ande.

Ele devia ter mandado mensagem a Cat avisando que estavam voltando, mas Jeremy queria ter certeza de que ele e Jean passariam por aquilo primeiro antes que ela se juntasse a eles. O caminho de volta era curto demais para discutirem tudo, mas, quando Jeremy estacionou no Lofts, Jean já tinha parado de argumentar e se limitado a encará-lo. Jeremy enfim mandou mensagem a Cat e então se virou o máximo que conseguiu no banco para observar o rosto vazio de Jean.

— Então ela foi mesmo ver você na Carolina do Sul, não foi? — perguntou Jeremy.

Jean dispensou aquilo com um gesto.

— Ela foi confrontar Kevin. Só descobriu que eu estava lá depois que chegou.

— Mas ela viu você — insistiu Jeremy. — Ela soube o que eles… o que *ele*… fez com você.

Jean desviou o olhar.

— Sim.

Jeremy achou que ele fosse parar por ali, mas Jean flexionou as mãos e passou os dedos pela linha dos nós dos dedos. Jeremy já o tinha visto apalpar as costelas vezes o bastante para saber que Jean estava perseguindo uma dor que já não estava mais lá. Jean enfim explicou, mas a resposta se derramou dele lenta como melaço:

— Mas ela achou que tinha sido outra pessoa. Da última vez que me viu naquele estado, era. Não me surpreende que ela tenha entendido errado.

Grayson, supôs Jeremy, exceto que Jean não estava levando a mão ao pescoço como fazia toda vez que o nome daquele homem surgia. Era para aquilo ser reconfortante, mas Jeremy só sentiu um mal-estar que chegava aos ossos. Jean tinha deixado a Edgar Allan naquela primavera com uma sequência de ferimentos horríveis. Descobrir que aquilo já tinha acontecido antes e que nem Riko, nem Grayson tinham sido os culpados era insuportável. Ele quis exigir um nome, mas sabia que Jean não lhe daria.

— Jean — começou mesmo assim.

Cat abriu a porta de trás com um alto:

— Puta merda, meninos. Me digam que vocês viram aquilo.

— Eu vi, na casa da dra. Spader — disse Jeremy. Ele se mexeu para poder tirar o envelope do bolso e o estendeu para ela por cima do ombro. — Ela deixou que eu fosse buscar isso antes.

Cat hesitou antes de guardar o envelope na bolsa.

— Obrigada. Sério mesmo.

Cat nitidamente queria fofocar sobre aquela nova reviravolta, mas Jeremy não sabia como chegar à concessionária de motos do tio dela. Ela tentou conciliar direções e conversa por algumas ruas antes de desistir da segunda parte; por fim, Jeremy conseguiu parar junto ao meio-fio diante da porta da frente. Rhemann tinha chegado antes deles e esperava na calçada.

Não fazia sentido Jeremy descer, então ele desejou boa sorte aos três, animado.

— Contem depois como foi!

Cat se inclinou entre os bancos da frente para dar um beijo na bochecha dele antes de seguir Jean para fora do carro. Rhemann colocou as chaves na mão já estendida de Jean, apontou onde tinha estacionado o carro dos Corvos e ficou mais um pouco para trocar algumas palavras sérias com ele. Só foi até o carro de Jeremy quando Cat conduziu Jean para dentro.

Jeremy saiu do meio-fio assim que Rhemann se acomodou no banco do passageiro.

— Obrigado, treinador — disse ele. — Eles estavam precisando de uma animaçãozinha.

— Imagino — respondeu Rhemann. — Presumo que ainda estejam no hotel?

— Não — respondeu Jeremy, alongando a palavra enquanto pensava. Decidir quanto contar era fácil; Rhemann sabia do FBI desde a primeira vez que a polícia encurralara Jean na Quadra Dourada naquele verão. O treinador ouviu em silêncio absoluto conforme Jeremy explicava a visita deles e a pressão para que se mudassem para um prédio específico, e concluiu com: — Eles devem estar mais seguros agora do que já estiveram em meses, mas não gosto disso. O agente Browning disse que não vão grampear o apartamento, mas…

Rhemann considerou aquilo e então perguntou:

— Alguma novidade dos Dermott?

— Pelo que ouvi da última vez, eles ainda estão investigando — disse Jeremy. — Nada ainda.

— E seus pais? — perguntou Rhemann.

Jeremy tamborilou um ritmo irritado no volante ao entrar no bairro de Rhemann.

— Não estou mais seguro com a Laila. — Decisão da mãe dele, e aquilo ficou entalado na garganta como uma pedra. — Pensei em contar à minha mãe que o FBI está envolvido, mas acho que isso só a deixaria ainda mais abalada. Vou ficar quieto até ela mudar de ideia. Talvez ela se sinta melhor depois da minha prova.

Sem o carro de Jean na garagem, foi fácil estacionar atrás da relíquia de Rhemann. Jeremy colocou o carro em ponto-morto e disse:

— Eu aviso se acontecer mais alguma coisa emocionante.

— Vamos dar um tempo nas emoções por algumas semanas — disse Rhemann num tom seco.

— Nenhuma objeção da minha parte, treinador.

Jeremy esperou Rhemann entrar em casa antes de enfim dirigir para casa. William já estava com a porta aberta antes mesmo de Jeremy alcançar a varanda.

Quando passou por ele, o mordomo disse:

— Sua mãe está no trabalho até as sete. O sr. Wilshire está em uma teleconferência no escritório, mas pediu para vê-lo quando você chegasse. — Ele trancou a porta depois que Jeremy passou e pegou suas chaves. — Eu aviso quando ele sair da ligação.

— Ótimo — disse Jeremy, sem entusiasmo nenhum.

William acabou com qualquer surpresa.

— Eles vão sair da cidade na terça-feira. Arnold convidou os filhos a acompanhá-lo a um jantar beneficente.

Jeremy sabia que não deveria criar esperanças, ainda mais com William parecendo tão sério. Não levariam Jeremy junto, mas também não dava para esperar liberdade na ausência deles. Tinham mandado que ele voltasse para casa cientes de que não estariam ali para vigiá-lo. Testando a obediência dele, imaginou; não seria a primeira vez nem a última. Jeremy engoliu o suspiro e disse:

— Vou esperar lá em cima.

— Vou passar um café — prometeu William.

— O que seria de mim sem você?

Jeremy esperava a resposta de sempre, mas William disse apenas:

— Melhor não descobrirmos.

Jeremy interpretou aquilo da única maneira possível: seus pais estavam num humor ainda pior que o normal. Engoliu toda e qualquer reclamação de que nada daquilo era culpa dele e subiu para o quarto de dois em dois degraus. Sentiu-se no paraíso ao se jogar na cama depois de passar a noite no chão da casa nova de Laila, mas o conforto chegava de mãos dadas com o luto. Ele não queria estar ali nem queria estar lá; queria a casa aconchegante que tinha construído com Cat, Laila e Jean.

Vamos fazer outra, prometeu a si, mas aquilo soou vazio naquele espaço glacial.

Jeremy não tinha a intenção de cochilar, mas William o despertou sabia-se lá quando tempo depois, pondo a mão em seu ombro. Jeremy esfregou os olhos para espantar a sonolência ao se sentar, e William lhe entregou uma caneca de café assim que ele ficou de pé. Jeremy murmurou o agradecimento contra a borda da caneca enquanto saía do quarto à frente dele. Era provável que conseguisse beber tudo antes de chegar ao escritório de Warren, mas aparecer diante do padrasto de mãos vazias quase nunca acabava bem. Ele bateu no

batente da porta, esperou dois minutos até Warren reconhecer sua presença e entrou.

Havia duas cadeiras daquele lado da mesa de mogno de Warren, mas Jeremy sabia que não deveria se sentar sem ser convidado. Então ficou entre as duas, agarrado à caneca como se a vida dependesse daquilo, à espera de Warren terminar o que fazia. O raspar agudo da caneta era quase tão irritante quanto o ponteiro dos segundos, alto demais, do relógio caro de Warren. Jeremy aguentou enquanto pôde, então sugou metade do café num gole barulhento. Funcionou como planejado — o padrasto largou o que fazia e o encarou com um olhar irritado.

— Você queria me ver — disse Jeremy.

— Sua mãe e eu vamos voar para Boston amanhã de manhã — respondeu Warren. — Confio que você vai se comportar da maneira adequada na nossa ausência.

Jeremy fingiu surpresa.

— Quer dizer que algum dia eu poderia corresponder aos seus padrões? Essa é nova.

— Só vou falar uma vez, então escute bem, seu bichinha de merda. — Warren se recostou na cadeira e cruzou as mãos sobre a barriga. Jeremy ficou imóvel como pedra, encarando-o, o café completamente esquecido. — Ou você muda essa atitude, ou vai cair fora. Você já está na corda bamba agora; da próxima vez que cair, vou ficar por perto pra ver você se arrebentar. Entendeu?

— Esta casa é da minha mãe — disse Jeremy. — Você não pode me mandar embora.

— Pague pra ver — incitou Warren. Jeremy abriu a boca, tornou a fechá-la e se agarrou à caneca com toda a força. Warren lhe deu mais um minuto para responder antes de dizer: — Se eu receber uma ligação ou uma mensagem sequer de alguém dizendo que você está fazendo gracinha, você vai se arrepender. Agora saia do meu escritório. Não quero ver você de novo até a hora do jantar.

Jeremy se virou e foi embora. Estava na metade do caminho até a escada quando William o chamou. Jeremy tentou dispensá-lo com um gesto, sem disposição nenhuma para conversa, mas William se colocou com precisão no caminho dele e disse:

— Você tem visitas lá fora. — Em vez de explicar, estendeu a mão e disse: — Caneca?

Jeremy bebeu o resto antes de entregá-la, e William abriu a porta para ele.

O alívio que apertou o coração de Jeremy quando viu Jean e Cat sentados junto à fonte quase o fez cair de joelhos. Cat se virou ao ouvir a porta, mas Jeremy não confiava na própria expressão. Olhou de volta para William, ganhando alguns segundos preciosos, e disse:

— Obrigado. Vou garantir que eles não fiquem tempo suficiente para que ele perceba.

William assentiu e fechou a porta devagar. Jeremy foi até os amigos. Cat saltou de pé para fazer uma pose dramática, e Jeremy seguiu os braços abertos dela até o par de motocicletas estacionadas a poucos metros dali. Pareciam um conjunto combinado, pretas metálicas com detalhes prateados.

— O que você acha? — perguntou Cat, sem nem cumprimentá-lo. — Chiques, né? Mas vou ter que pintar a minha pra gente conseguir diferenciar uma da outra. Jean, mostre aí!

— Ele consegue ver — disse Jean, mas já estava seguindo para a moto mais próxima.

Quando ele demorou demais para exaltar as virtudes daquele modelo, Cat disparou uma explicação em alta velocidade. O pouco que Jeremy ouviu entrou por um ouvido e saiu pelo outro; não entendia nada de motos, e Jean era muito mais interessante. O francês passava uma das mãos enluvadas numa linha lenta do guidão até o assento. A luz nos olhos dele era incomum, mas suficiente para fazer o coração de Jeremy acelerar. *Satisfação*, pensou Jeremy, ou talvez um orgulho silencioso. Algo um pouco faminto demais para ser apenas contentamento, como se Jean não conseguisse acreditar que aquilo era de fato dele.

Jeremy percebeu tarde demais que Cat tinha se calado.

— Fico feliz que vocês tenham encontrado algo de que gostaram. Elas são muito bonitas.

— São incríveis — concordou Cat. — Dá até vontade de sair pra dar uma volta com a gente agora, né?

Por mais desconcertante que a ideia fosse, Jeremy ficou tentado por um instante.

— Obrigado, mas não é uma boa noite pra isso.

Parte da alegria sumiu do rosto dela quando olhou por cima dele para a casa.

— Imaginei. — O tom contido dela bastou para distrair Jean da contemplação, e ele voltou um olhar pesado a Jeremy, que manteve os olhos em Cat até que ela suspirou e foi buscar o capacete. — Então a gente vai andando. Só

queria batizá-las com um bom primeiro passeio e pensei em passar aqui no caminho.

— Ainda bem que passaram — respondeu Jeremy, e Cat o envolveu num abraço forte.

Jeremy os observou saindo em disparada, reprimiu os arrependimentos e se virou de volta para a casa.



Na tarde de segunda-feira, Jasmine Lane tirou a própria vida.

Jeremy soube da notícia quando ele e Jean estavam saindo da aula de cerâmica. Por mais que odiasse ter que a dar a notícia quando Jean ainda tinha uma aula para enfrentar, não podia deixar que ele fosse pego de surpresa por outra pessoa. Jeremy mandou um aviso rápido a Shane antes de puxar Jean para o lado de fora de Hoffman, e Jean ouviu em silêncio pétreo conforme Jeremy lhe contava sobre a tragédia mais recente. Ele tentou minimizar a situação, desconversando e garantindo que ele e Lane se odiavam, mas Jeremy percebeu a tensão nele quando saiu para se juntar a Shane.

Quando Jeremy chegou em casa, Brayden Williams e Cameron Winter já tinham morrido.

— Achei que eles estivessem sob vigilância — disse Cody, quando Jeremy ligou. Havia uma aspereza em sua voz, não muito diferente do luto conflituoso de Jean: os primos se desprezavam, mas Cameron ainda era da família. Cody não sabia o que sentir nem o que fazer diante daquela tragédia inesperada. — Você não vai me convencer de que a Edgar Allan não esperava por isso. Eu não… — Cody parou e respirou fundo. — Minha mãe está me ligando sem parar. Preciso ir.

— Fique em segurança — reforçou Jeremy. — Me ligue se precisar de algo.

— Pode deixar, capita.

Cody não ligaria, não quando tinha Pat e Ananya para se apoiar, mas Jeremy precisava dizer aquilo. Passou o restante da noite olhando para o livro sem absorver uma palavra sequer.

Na terça-feira, ele precisou parar de acompanhar as notícias. Os jornais e as emissoras que cobriam o segundo colapso dos Corvos sabiam fingir preocupação muito bem, mas havia uma avidez tão condenatória na forma como tratavam o caso que Jeremy não suportou. Cat tinha mais estômago para aquilo e o manteve informado ao longo do dia com mensagens esporádicas.

A certa altura, quase todo mundo passou a ser culpado por aquelas mortes: Muldani e Kevin, pela falta de tato apesar das dificuldades públicas dos Corvos; o treinador Rossi, por ter colocado o time em quadra ciente de que eles não estavam prontos; Edgar Allan, por não ter vigiado melhor seus atletas tão queridos; o treinador Moriyama, por ter abandonado sua equipe de forma tão súbita depois da primeira derrota. E a lista seguia, cada vez mais carregada de especulação e revolta. Pela primeira vez, o único nome que não era lançado de um lado para o outro com tanta leviandade era o de Jean.

Laila mandou mensagem a Jeremy na noite de terça perguntando:

"Você acha que acabou?" Quando Jeremy demorou demais para responder, ela acrescentou: "Foram aqueles três que começaram a briga. Custaram a temporada dos Corvos ao machucar Andrew e Neil. Se eles absorveram a culpa, talvez o restante consiga seguir em frente."

"Não sei", respondeu Jeremy. "Espero que sim. Como o Jean está?"

"Um pouco perdido", admitiu ela. "Estamos de olho nele, mas queria que você estivesse aqui."

Jeremy digitou seis respostas diferentes antes de se decidir por:

"Desculpe."

Não era o que ela queria ler, ele sabia, mas era tudo o que tinha a oferecer. Com um suspiro, jogou o celular na cama e voltou a atenção aos estudos. Ele não se lembrava de ter apoiado a cabeça, mas William o acordou algum tempo depois com a mão no ombro.

Jeremy abafou um bocejo capaz de deslocar a mandíbula e ergueu o rosto do livro. Ainda meio grogue, procurou o relógio com o olhar antes de piscar para William.

— Minha mãe? — arriscou. Em vez de responder, William deu um passo para o lado. Jeremy olhou para a porta do quarto e para a pessoa parada ali. — … Laila?

— Vim até aqui de moto — respondeu ela, jogando um saco de dormir e uma mochila no canto mais próximo do quarto. Jeremy viu os dois caírem e então voltou um olhar perplexo à melhor amiga. William se afastou para que Jeremy pudesse se levantar, mas ele continuou onde estava. Ainda não tinha

certeza de que não estava sonhando. — Achei que fosse morrer pelo menos umas dez vezes. Você é a única pessoa por quem eu faria isso, espero que saiba.

— Vou preparar umas bebidas — anunciou William e seguiu para a porta.

— Obrigada — respondeu Laila, movendo-se para que o mordomo pudesse passar.

Jeremy enfim se levantou e a puxou para um abraço apertado quando ela foi encontrá-lo no meio do caminho.

— O que você está fazendo aqui?

— Se Maomé não vai à montanha… — Ela apoiou o queixo no ombro dele e soltou um suspiro pesado. — Você disse que seus pais só voltam no domingo, né? A gente vai embora no sábado de manhã sem que ninguém perceba. Só passa no apartamento amanhã pra gente pegar umas roupas.

— Você odeia ficar aqui — lembrou Jeremy quando ela se soltou dele.

— Se sua família não está aqui, eu odeio o lugar novo mais ainda. — Laila pegou a mão dele e o puxou atrás de si. — Agora ande logo. Cat está ameaçando levar Jean em um tour pelo segundo andar. Estava dizendo algo sobre afrouxar todos os parafusos da mesa e da cadeira do Bryson.

Apesar da ameaça, Jean e Cat esperavam com toda a paciência no hall de entrada. Cat cumprimentou Jeremy animada quando ele apareceu no patamar da escada e pegou as malas que estavam aos pés dela. Jean hesitou só por um instante antes de a seguir escada acima, e Cat agarrou a mão livre de Jeremy para beijar os nós dos dedos dele.

— Estamos invadindo — disse ela. — Resistir é inútil.

— Eu jamais resistiria — prometeu Jeremy conforme saía do caminho para que ela e Jean passassem. Ele observou a expressão de Jean, à procura de tensão e luto. Não encontrou nenhum dos dois. Talvez o passeio tivesse ajudado a desanuviar a cabeça dele, ou talvez estivesse distraído o suficiente com a mudança de cenário. De qualquer forma, Jeremy ficou grato, mas ainda assim queria ficar de olho no amigo naquela noite.

Ainda era cedo demais para resolver onde cada um iria dormir, então os dois colocaram as coisas deles na pilha que Laila já tinha feito. Cat levou as mãos à cintura e deu meia-volta para avaliar o quarto dele. O "vixe!" era esperado, e Jeremy conseguia ver a desaprovação estampada no rosto dela.

— Eu tinha esquecido como este lugar é sem graça. Você *ainda* está com esses lençóis horrorosos? Um dia desses a gente vai comprar um jogo com, sei lá… naves espaciais ou uns Pé-grandes estampadinhos, só pra ver o que sua mãe diz.

— Ah, eu consigo imaginar — disse Jeremy.

— Infelizmente eu também consigo.

Jean observava o quarto com um interesse lento e silencioso, demorando-se mais nas fotos penduradas nas paredes. Jeremy guardou as apostilas o mais depressa que pôde, enquanto Cat falava sem parar sobre a viagem até ali. O cansaço que o perseguira o dia inteiro sumira, levado pelo calor que os amigos tinham trazido.

Os três acabaram na cama dele, com Jeremy sentado diante deles, na cadeira da escrivaninha, e Laila estava no meio de uma história sobre uma das aulas quando William voltou.

Jeremy o ajudou a dispor as bebidas na borda da mesa e então riu ao aceitar uma tigela de pipoca.

— Você é meu salva-vidas.

— Vou acrescentar isso ao meu currículo na próxima vez que pedir um aumento a Mathilda — comentou William conforme acomodava a bandeja sob o braço.

O olhar avaliativo que Willian lançou a Jean não passou despercebido. Jeremy fez um gesto entre os dois.

— William, este é Jean Moreau. Jean, este é William Hunter, o mordomo residente da minha mãe. Ele está com a nossa família há quase vinte e seis anos. Mais tempo do que qualquer um de nós, filhos. Não estou exagerando quando digo que ele é o pilar desta casa.

— Imagine quantas histórias constrangedoras ele sabe — comentou Cat a Jean. — Infelizmente, ele é leal demais para ser subornado.

William sorriu.

— Peço desculpas por não ter me apresentado na sua visita anterior, sr. Moreau. Por favor, sinta-se em casa e me avise se precisar de qualquer coisa enquanto estiver aqui. — Para Jeremy, disse: — Estarei lá embaixo se precisar de mim.

— Já é tarde — respondeu Jeremy. — Você não deveria estar trabalhando. Prometo que a gente não vai incomodar.

William saiu com um boa-noite cortês, e Jeremy passou a tigela de pipoca para os amigos. Com certeza sujariam os lençóis de manteiga, mas Jeremy não estava nem aí. Eles estavam ali; aquilo era tudo o que importava. Foram dormir tarde demais, rindo e atirando punhados de pipoca uns nos outros, e só encerraram a noite quando Jeremy já não conseguia parar de bocejar.

Jeremy cedeu a cama a Laila e Cat e pegou um saco de dormir para se esticar ao lado de Jean no chão acarpetado. Jeremy receava que, sem conversa alguma para distraí-lo, Jean acabasse apanhado pelos próprios pensamentos, mas, ao se ajeitar para passar a noite, ele parecia mais reflexivo do que aflito. Jeremy esperou a respiração de Laila ficar uniforme e os roncos suaves de Cat começarem antes de cutucar Jean com delicadeza.

— Você está bem? — perguntou Jeremy.

Jean pensou um pouco antes de dizer:

— Parte da culpa disso é minha. Sim — acrescentou quando Jeremy fez sinal de protestar. — Eu perguntei ao treinador Wymack como podia proteger vocês, e a resposta dele foi Thea. Ele só a arrastou pra isso porque eu pedi, e ela soube exatamente como destruí-los. — Jean fez um gesto impotente antes de dizer devagar, com cuidado: — Não me arrependo. Talvez devesse. Mas sempre vou escolher você. Você, a Cat e a Laila, sempre. Vou perder todos os outros, se for preciso.

Cat se mexeu, sonolenta, com uma pergunta murmurada. Jean a tranquilizou com uma resposta despreocupada, então se virou para o outro lado. Jeremy encarou a nuca dele, o coração batendo tão alto que Jean devia estar ouvindo. Sua cabeça era uma câmara de ecos, repetindo sem parar as palavras de Jean, arrancadas do contexto. Deveria dizer algo, mas tinha medo de abrir a boca. Não sabia o que poderia sair.

Por fim, conseguiu apenas um fraco:

— Boa noite, Jean — enquanto puxava o saco de dormir por cima da cabeça.

Seria um milagre se conseguisse dormir naquela noite, e Jeremy rezou para não sonhar.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Jean

Na quarta de manhã, Cat e Jean atravessaram a cidade de moto de novo, porque Jeremy estava com medo de que algum vizinho percebesse quanto tempo elas tinham ficado paradas na frente da casa e contasse tudo aos pais dele. Laila se recusou, ferrenha, a subir na moto de Cat outra vez, então Jeremy deu carona a ela de carro e prometeu encontrar os dois no Lofts. O trânsito estava leve o bastante naquele horário desumano da manhã para Jeremy quase conseguir acompanhar os dois, mas Cat e Jean dispararam e o deixaram para trás nos últimos quilômetros.

Jean já tinha metade das roupas enfiadas numa sacola plástica quando Jeremy e Laila enfim apareceram, mas Laila foi ao quarto dele em vez do próprio. Ela se encostou no batente da porta e encarou Jean com uma expressão séria, enquanto Jeremy pairava logo atrás dela.

— Me fale sobre Lyle Holden — pediu Laila. — Você o conhece?

A pergunta foi tão inesperada que Jean só conseguiu encarar. O "conhece" era, pelo menos, um pouco reconfortante, porque significava que Lyle ainda estava vivo. Jean largou a sacola devagar e cruzou os braços.

— Número trinta e três, goleiro canhoto. — Um garoto jovem de cabelos escuros obcecado em usar os cabelos espetados, apesar de não combinar nem um pouco com o rosto dele. Usava tanto gel no cabelo que o capacete fazia até um

barulho seco quando preso pela tira. Jean olhou de Laila para Jeremy antes de continuar: — Está no segundo ano agora. Por quê?

— Ele foi hospitalizado — contou Jeremy. — Teve um colapso nervoso na primeira aula hoje de manhã.

Ainda está vivo por enquanto, Jean se corrigiu em silêncio. Se o surto dele tinha sido tão público que na Califórnia já estavam cientes, cabeças iriam rolar. Jean estendeu a mão devagar para a sacola e empurrou as roupas mais para o fundo. Ele percebeu vagamente Jeremy dizer seu nome, mas manteve os olhos no que estava fazendo enquanto dizia:

— Ninguém vai se surpreender por ele ter surtado e ninguém vai sentir a ausência dele na formação. Os Corvos odiavam a gagueira dele.

Era um eufemismo nojento, mas Jean se recusou a explicar melhor. Os Corvos zombaram de Lyle com tanta crueldade durante seu primeiro ano que ele tentou parar de falar de vez, mas os treinadores eram cruéis pelo simples prazer de serem. Chamavam por ele nas reuniões do time sempre que surgia uma chance e depois o castigavam com brutalidade pela dificuldade inevitável. Aquilo fazia Jean se lembrar dos primeiros dias dele no Ninho, quando o inglês era mais um ruído do que um idioma. Talvez Sergio também entendesse, já que, no outono passado, tinha brigado para ser parceiro de Lyle depois de manter distância no ano anterior.

Jean não tinha ouvido Cat se aproximar, mas ouviu o comentário contido dela:

— É assustador, né?

Laila olhou por cima do ombro. Jeremy aproveitou a distração para enfim passar, e Cat se enfiou ao lado de Laila com uma expressão preocupada no rosto.

— Cadê os pais dos Corvos no meio de toda essa insanidade?

— Corvos não têm família — disse Jean.

— Têm, sim — insistiu Cat. — Mas, que caralho, é como se não tivessem.

Jeremy encarou Cat.

— Cat, calma.

Cat fez um movimento brusco com a mão.

— Tipo, beleza, eles levaram os filhos pra terapia neste verão, quando eles estavam entrando em colapso, mas depois mandaram todo mundo de volta a Edgar Allan pra tentar outra vez. Agora mais três Corvos, quatro, se contar o calouro da semana passada, se foram, e os pais deles continuam num silêncio mortal. Desculpe — disse ela com uma careta pela escolha de palavras. — É

que… quantos Corvos ainda precisam morrer para as famílias enfim fazerem algo?

Laila passou o braço pela cintura de Cat e a apertou devagar.

— Imagino — disse ela devagar, lançando um olhar para Jean em busca de confirmação — que a culpa seja dos contratos dos Corvos com a Edgar Allan. Uma escola que consegue obrigar seus jogadores a cortar todo o contato com as famílias por cinco anos seguidos deve ter cláusulas rígidas e medidas de proteção muito bem definidas. Ou eles não podem falar, ou foram muito bem pagos para ficarem calados. Talvez as duas coisas. Jean?

— Talvez. Eu não li o contrato. — O silêncio que se seguiu àquela frase era denso o bastante para afogar qualquer um. Jean se recusava a acreditar que eles estivessem surpresos, e um traço de impaciência tingiu suas palavras: — O que estava escrito não importava. Eu não tinha escolha a não ser assinar. — Uma propriedade não tinha o direito de contestar os termos da própria posse, mas Jean não podia dizer aquilo. O máximo que conseguiu dizer foi: — Eu não podia voltar pra casa.

Havia uma tristeza sem fim na expressão de Cat, mas Jeremy foi o primeiro a encontrar a voz:

— Jean, me diga que você leu pelo menos o contrato da USC que te enviamos.

— Algumas partes — admitiu Jean. Ele deu de ombros com indiferença diante do desânimo evidente de Jeremy. — Era muito longo e muito chato. Tudo o que eu precisava saber era se vocês tinham incluído o que eu tinha pedido. Não importa. O que importa é que vamos nos atrasar para o treino se você não se apressar e terminar de arrumar suas coisas — acrescentou e sacudiu a sacola de roupas para Laila. — Não quero mais falar sobre os Corvos hoje.

Ela se calou, mas ele não confiou na expressão que viu nos olhos dela. Havia compreensão demais para ser só curiosidade e intromissão demais para ser qualquer certeza, mas Jean não queria saber o que tinha provocado aquilo. Bastava que Laila tivesse se virado sem dizer mais nada e que Cat tivesse ido atrás dela pelo apartamento. Jean lançou um olhar de expectativa para Jeremy, que fingiu fechar a boca com um zíper e se sentou sobre o cobertor para esperar as meninas.

Apesar de ter rejeitado a conversa, seus pensamentos continuaram em Evermore. Sergio saberia o que estava acontecendo com Lyle, mas Jean não sabia o número dele. Por um momento, pensou em ligar para Josiah Smalls para pedir, mas só de pensar naquilo já sentiu um embrulho no estômago. Mais cedo ou

mais tarde, a Edgar Allan inventaria alguma história para a imprensa, e Cat repassaria tudo para o grupo. Até lá, não havia nada que Jean pudesse fazer.

Só que, quando a Edgar Allan enfim se pronunciou naquela tarde, não houve nenhuma menção ao colapso de Lyle. O presidente do campus, Louis Andritch, estava mais interessado em apresentar o novo treinador principal dos Corvos: Joel Coer, integrante da formação original dos Corvos e o primeiro capitão do time. Ele tinha sumido do mapa depois de passar sete anos nos Trovões de Ohio. O fato da Edgar Allan o ter encontrado de novo não era surpreendente, mas Jean não conseguia nem imaginar o que tinham prometido para tirá-lo da aposentadoria.

A aula de estatística de Jean tinha acabado havia quase dez minutos, mas Cody tinha visto a manchete sobre Coer enquanto arrumava as coisas para sair. Os dois eram os últimos na sala, e o notebook de Cody estava inclinado de um jeito que permitia que lessem a tela. Cody terminou primeiro, é lógico, mas esperou Jean se recostar na cadeira antes de perguntar:

— E aí?

— Ainda não sei — admitiu Jean. — Ele está longe há muito tempo, mas é um Corvo. Vai saber como os guiar.

— Espero que sim. — Cody puxou o notebook para mais perto. — Deixe eu mandar isso rapidinho a Cat por e-mail, e aí a gente vai.

Jean já estava com a mochila pela metade quando se deu conta do que Cody dissera. Ele conferiu a própria mochila antes de se lembrar de que seu notebook não passava de um pedaço de metal carbonizado.

— Preciso passar na biblioteca antes do treino.

— Ah? Tudo bem — concordou Cody, terminando de guardar as coisas na bolsa. — Antes ou depois de a gente comer?

— Vai ser rapidinho — prometeu Jean, e os dois foram embora.

Jean encontrou um computador livre perto da janela e digitou suas credenciais de estudante. Havia mais ou menos uma dúzia de e-mails não lidos na caixa de entrada dos últimos dias, notificações de professores e do campus, mas Jean ignorou todos. Não importava que não soubesse o número de Sergio. A Edgar Allan, assim como a USC, usava um sistema bem direto para atribuir endereços de e-mail aos alunos. Jean lembrava o dele, o que significava que sabia o de Sergio. Ele abriu uma nova mensagem e preencheu o campo de destinatário antes de hesitar.

Cody estava mexendo no celular, porém, como Jean estava demorando demais, ergueu os olhos.

— Tudo certo?

— Talvez — disse Jean sem se comprometer.

Ele não falava com Sergio desde que saíra de Evermore, mas Sergio era um Corvo e tinha se voltado contra Jean, assim como os outros. Tinha enviado uma carta a Palmetto State com os cadernos de Jean, como todos os demais haviam feito. As chances de responder eram pequenas; a probabilidade de ser uma resposta agradável era menor ainda. Havia mais a perder do que a ganhar ao entrar em contato. Jean olhou para o mouse, dizendo a si para deixar aquilo para lá, antes de digitar um simples: "Lyle?"

Enviou a mensagem antes que pudesse mudar de ideia e saiu da conta.

— Terminou? — perguntou Cody. — Ótimo! Vamos comer.

— Sim — concordou Jean e se forçou a não pensar mais nos antigos companheiros de equipe.

O treino da tarde terminou alguns minutos mais cedo, e Jean seguiu Cat e Laila até o carro de Jeremy para a longa viagem rumo ao oeste. O chef da família Wilshire estava de folga naquela semana, já que Jeremy era o único em casa, mas Cat estava animada para pôr as mãos nos eletrodomésticos caros dele. Jeremy nitidamente não estava acostumado a receber gente em casa, e as melhores opções de entretenimento que tinha a oferecer eram um ioiô todo embolado e uma bolinha de futsac. No fim, passaram bastante tempo vendo TV, já que a casa tinha cinco espalhadas por três andares.

Na manhã seguinte, William acordou antes deles e os mandou embora com quatro canecas térmicas de café. Cat ficou o elogiando sem parar até Laila a calar com um beijo e um resmungo:

— Cedo demais, amor.

Jean e Tanner foram do Lyon à biblioteca, onde Jean teve de suportar uma conversa desconfortável e travada com Dobson. Assim que desligou na cara dela, levou Tanner até os computadores. Tanner não se importava com aonde iriam, contanto que encontrasse uma cadeira livre, já que tinha duas provas para estudar. Sentou-se e voltou de imediato ao trabalho, e Jean fez login no sistema.

Sob algumas mensagens automáticas novas da USC, havia uma resposta de Sergio, marcada com o horário das três da manhã no horário local. Jean abriu o e-mail e leu a mensagem curta em silêncio: "Foi embora. Andritch rescindiu o contrato dele e o mandou pra casa ontem à noite." Em seguida se seguiram algumas linhas em branco e depois: "Você fica ridículo pra caralho de vermelho, Moreau. Quase tive que arrancar os olhos fora quando te vi."

Jean fez uma cara feia e respondeu:

“É horrível, mas ainda é melhor do que usar preto.” Ele apertou no botão de enviar e fez menção de fechar a caixa de entrada, hesitando quando entendeu o que mais havia por trás daquela mensagem. Abriu outra mensagem e escreveu: “Ainda é cedo demais para os Corvos estarem assistindo aos jogos da USC.”

Ele se recostou na cadeira e ficou pensando no horário. Com o Ninho fechado, os Corvos deviam estar vivendo no horário normal naquele ano, mas Jean não tinha certeza de como a Edgar Allan estava lidando com as aulas deles. Será que tinham dispensado os professores exclusivos dos Corvos ou simplesmente mudado tudo para uma grade fixa, de dia? Não valia a pena perguntar, considerando que a relação entre ele e Sergio andava na corda bamba, então Jean começou a marcar os outros e-mails como lidos.

Quando estava na metade, a caixa de entrada atualizou. Um novo e-mail de Sergio aparecia no topo.

“Que se foda a USC”, chegou a resposta previsível. “Finn soube que Zane foi te visitar e quis saber como foi.” Logo em seguida, outro e-mail: “Primeira vez que eu te vi com medo dele, JOHNNY.”

Jean desligou o computador na mesma hora.



Na sexta à noite, teve jogo em casa contra Las Vegas. Shawn retomou seu lugar de direito no time titular, então Jean ficou no banco depois do intervalo. Tanner se sentou de um lado dele, e Derrick e Derek do outro. Os duplo D tinham o costume de gritar e vibrar a cada jogada bem-feita, enquanto Tanner guardava os gritos mais altos para os gols. Jean tinha certeza de que estaria surdo quando enfim o deixassem entrar em quadra, mas aquilo ajudava a distraí-lo da indignação de estar jogando como reserva.

Os Troianos venceram por nove a quatro, e Jeremy virou uma garrafa de energético antes de enfrentar o trânsito de sexta à noite no caminho de volta pela cidade. A animação dos amigos não ajudava a esquecer o quanto o trajeto era longo, e Jean se recusava a acreditar que Jeremy conseguisse aguentar aquele percurso interminável dia após dia por meses. Não era à toa que ele dormia

sempre que o deixavam sair da aula. Com certeza, até os campeonatos começarem, ele já terá virado um fantasma.

Ou William tinha um jeito de rastrear onde Jeremy estava, ou estivera prestando atenção, à espera do som do motor dele. Abriu a porta para os quatro antes mesmo que chegassem à varanda e os recebeu com a educação de sempre, já estendendo o telefone da casa.

— Perdi a ligação — adivinhou Jeremy.

William consultou o relógio.

— Por uns trinta e sete minutos.

Mathilda Wilshire ligava de uma a três vezes por noite sempre que os Troianos estavam ali; às vezes deixava apenas meia hora entre uma chamada e outra e, em certa ocasião, chegara a esperar três horas. Jeremy conseguiu se livrar daquela ligação relativamente rápido e devolveu o aparelho à mão já estendida de William.

— Tem sidra com gás na geladeira — avisou William —, e deixei uma bandeja de petiscos na bancada. Precisam de algo mais?

— Preciso que você aproveite sua noite — respondeu Jeremy. — Está tudo certo, eu prometo.

— Obrigada por deixar a gente ficar aqui esta semana — acrescentou Laila. — Amanhã nós vamos embora.

William sorriu.

— Obrigado pela visita. É raro ver Jeremy feliz.

Jean olhou para Jeremy quando William saiu, mas Jeremy já estava a caminho da cozinha. Com os quatro, foi fácil levar bebidas e petiscos ao andar de cima, e eles se sentaram no chão acarpetado do quarto dele para comer. O dia tinha sido longo, mas ninguém estava com pressa de dormir. O amanhecer significava voltar àquele apartamento vazio e deixar Jeremy sozinho ali, e Laila resistia àquela perspectiva com todas as forças.

O cansaço enfim os venceu por volta das duas da manhã, e Jean acordou quando William entrou de mansinho no quarto. O mordomo despertou Jeremy com a mão em seu ombro, que soltou um suspiro exausto antes de pegar o telefone.

— Bom dia, mãe — disse ele, a voz rouca de sono. — Sim, ainda estou na cama, são… — Jeremy apalpou o celular e semicerrou os olhos diante da luz da tela. — … não são nem seis aqui ainda. Nada de mais, só estudar e treinar. Xavier estava falando em correr na praia, então talvez eu vá com ele. É, tudo bem. — Jeremy desligou, com cara de que podia adormecer de novo com o telefone ainda

na mão, e soltou um gemido ao se lembrar de devolvê-lo a William. — Volte a dormir.

— Vou preparar o café — respondeu William.

Jean se conteve até William sair.

— Ela não confia em você.

Jeremy ficou em silêncio por tanto tempo que Jean achou que ele tivesse pegado no sono outra vez. Então disse:

— Não, ainda não.

— Já se passaram quatro anos. — Jean segurou o saco de dormir quando Jeremy pareceu prestes a se enfiar debaixo dele e não soltou. — Se ela ainda não te conhece o bastante para confiar em você agora, nunca vai conhecer.

O protesto de Jeremy saiu baixo:

— Você não sabe disso.

— Jeremy.

— Não vamos entrar nessa hoje — respondeu Jeremy —, tá bem? Hoje não.

Jean soltou o saco de dormir e recuou com uma careta. Achou que a irritação talvez o deixasse acordado por mais algum tempo, no entanto, assim que Jeremy pegou no sono, foi fácil acabar adormecendo de novo também. O fato de serem acordados duas horas depois por outra ligação não foi tão surpreendente quanto deveria ter sido, mas Mathilda só se antecipou aos despertadores por alguns minutos. Jeremy conseguiu parecer desperto naquela chamada, e o som da voz dele bastou para acordar Cat e Laila.

Os quatro se arrastaram escada abaixo em busca de café da manhã, e Jeremy praticamente se agarrou à cafeteira enquanto o café passava. Jean abafou um bocejo atrás da mão pesada e decidiu em silêncio remarcar seus compromissos para um horário mais tarde. Dez horas parecera razoável quando marcara, mas sempre aparecia algo no caminho. Tomou metade do café que Jeremy lhe servira de uma vez só e depois empurrou sua pilha de queijo ralado para Cat para ela acrescentar ao café da manhã.

Arrumar tudo foi fácil, e, às oito e quarenta e cinco, eles já estavam saindo. Jeremy deixou Laila e Cat primeiro e depois levou Jean ao médico. Jean suportou a sessão inteira antes de enfim tocar no assunto da mudança de horário, e foi encaminhado à recepção para resolver aquilo. Não havia nenhum horário à tarde ou à noite que não entrasse em conflito com treinos ou jogos, mas, depois de procurar um pouco, a recepcionista conseguiu encontrar um horário no fim da manhã de domingo. Jean não sabia bem como aquilo funcionaria uma vez que Jeremy não podia mais passar o fim de semana com ele, mas daria um jeito.

Jeremy estacionou em frente ao Lofts, mas não desligou o motor.

— Queria poder ficar e ajudar.

— Então fique — disse Jean, ciente de que ele não podia.

Jeremy só suspirou, então Jean saiu do carro e entrou. Por mais desconcertante que fosse a casa perfeita de Jeremy, aquele lugar era ofensivo do mesmo jeito. O apartamento estava tão vazio quanto no fim de semana anterior, e Jean só conseguia imaginar como o humor de Laila tinha despencado ao entrar ali naquela manhã. Jean tinha o dinheiro da venda do carro, e Laila e Cat tinham recebido algum dinheiro dos pais, mas tinham passado a semana escondidos na casa de Jeremy em vez de montar aquele lugar.

— Chegou? — chamou Cat ao abrir a porta do quarto.

— Cheguei — respondeu Jean. — Vou tomar banho.

Jean odiava tomar banho tão perto da terapia, mas eles tinham coisa demais para fazer naquele dia para que ele adiasse aquilo. Entrou e saiu o mais depressa que conseguiu e encontrou as meninas sentadas no centro da sala quando já estava vestido. Cat mandou mensagem a Cody quando enfim saíram do apartamento e mandou outra quando chegaram aos dormitórios. Iriam pegar o carro de Cody emprestado naquele fim de semana, já que Laila não tinha como substituir o dela tão cedo. Cody mostrou onde o carro estava estacionado antes de estender o molho de chaves para Laila.

— Obrigada — disse Laila.

— Fique com ele pelo tempo que precisar — comentou Cody. — Se a gente precisar ir a algum lugar, usa o da Pat.

— Amanhã a gente devolve — prometeu Laila.

Passaram o restante do dia na rua, a ponto de terem de comprar tanto o almoço quanto o jantar fora. Laila foi de loja de segunda mão a loja de departamento a shopping e então o caminho contrário de volta, ciente de que precisava equipar a casa nova, mas querendo desesperadamente coisas com as quais conseguisse criar alguma ligação. Os móveis de quarto eram onde menos opinava, então pelo menos conseguiram encomendar camas e cômodas com entrega para a semana seguinte.

Depois foram atrás de notebooks para a faculdade, e Cat procurou um computador de mesa que aguentasse rodar os jogos dela. Jean se horrorizou em silêncio com o preço daquelas coisas, mas ficou igualmente satisfeito por poder pagar pelas próprias coisas daquela vez. Desde que chegara à Califórnia, tinha dependido de Cat e Laila para tudo de que precisava. Era bom poder tirar aquele

peso delas, por menor que fosse, mesmo que circunstâncias terríveis os tivessem levado até aquele ponto.

Naquela tarde, Cat arrastou Laila para uma livraria, ciente de que ela precisava de uma distração prazerosa depois do pouco progresso do dia, e ficou com Jean na cafeteria da loja até ela terminar. Perderam mais uma hora tentando reconstruir um pouco mais o guarda-roupa, período em que Jean foi praticamente deixado por conta própria. Cat e Laila de vez em quando apareciam da seção feminina para ver como ele estava, mas não podiam demorar muito, já que também precisavam experimentar roupas novas. Jean procurou cores e estilos familiares e, por fim, levou suas escolhas até as meninas e o carrinho.

— Estou começando a achar que azul é sua cor favorita — disse Cat conforme examinava as peças com aprovação evidente.

— Não é — retrucou Jean.

— É a do Jeremy — acrescentou Laila e pendurou um punhado de cabides de um lado.

Jean já tinha percebido aquilo, mas se limitou a soltar:

— Hum.

— Eu gosto de rosa — comentou Cat. — A da Laila é roxo. E a sua?

Jean franziu a testa enquanto pensava, deixando o olhar correr pelo monte de roupas no carrinho. No fim, ficou com a única resposta que fazia sentido:

— Marrom.

Nitidamente não era a resposta que Cat esperava, a julgar pela reação dela, mas Jean não perdeu tempo explicando. Marrom como a terra do jardim de Rhemann, ou a areia aonde a maré chegava, ou as estradas de terra por onde Cat o tinha levado tantas vezes. Marrom como o olhar castanho que o encontrava em qualquer cômodo, mas aquele último pensamento não era um em que ele pudesse se demorar.

— Essa é nova — disse Cat por fim, antes de acrescentar o inevitável: — Gostei.

— Tudo certo? — perguntou Laila e olhou ao redor como se tivesse esquecido algo.

— Sim — respondeu Jean, e Cat empurrou o carrinho até a frente da loja.

Depois daquilo, não havia mais nada a fazer além de voltar para casa. Apesar de nove horas de compras, voltaram com pouca coisa essencial. Os únicos móveis que Laila aprovara foram três luminárias e duas mesinhas laterais. Ela tinha ficado rearranjando tudo sem parar, enquanto Cat pendurava as cortinas e depois equilibrava, de maneira precária, uma TV nova na mesa maior. Os quatro

filmes que ela tinha comprado foram para o chão ao lado, e ela empilhou os livros junto da parede.

— Amanhã a gente compra estantes — prometeu Laila. — E mesas também. Acho que a gente vai…

Ela parou de falar no meio da frase e encarou o outro lado do apartamento. Cat continuou ocupada por mais um minuto antes de perceber que tinha algo errado e desceu do banquinho para perguntar:

— O que foi?

Jean estava mais perto da porta de entrada do que ela, então também tinha ouvido.

— Tem um cachorro latindo.

— Amor — disse Laila.

Cat não precisou que ela explicasse. Atravessou a sala e puxou Laila para um abraço breve e apertado.

— Não é uma boa ideia, Laila. A gente tem aula, treino, jogo. Como é que a gente vai cuidar de um animal com a rotina que levamos? — Ela procurou algum sinal de compreensão no rosto dela e tentou de novo: — Quem vai passear com ele quando a gente estiver ausente por causa dos jogos fora de casa?

— Um daqueles passeadores de cães — respondeu Laila sem hesitar.

Cat nitidamente não esperava uma resposta tão pronta.

— Eu só… vamos pensar nisso, tá? Entender direitinho onde a gente estaria se metendo.

— Pense você — retrucou Laila. — Eu vou dormir.

Cat soltou Laila a contragosto, e Laila fechou a porta do quarto com força ao entrar. Cat esfregou as têmporas antes de virar sacolas de roupa no chão da sala. Jean chegou com as dele e largou junto, e os dois trabalharam em silêncio por alguns minutos. Arrancaram adesivos e etiquetas sem dó, amassando tudo, até que Cat enfim perguntou:

— O que você acha?

— É um erro — respondeu Jean.

— Provavelmente — concordou Cat. — Mas eles falam disso há anos, sabia? Um filhote para o Jeremy cuidar e a Laila encher de carinho. Só que o tio dela nunca cedeu, por mais vezes que ela pedisse.

Jean estudou a expressão dela e soube como aquilo acabaria. Cat queria ser a voz da razão, mas arrancaria as estrelas do céu se Laila pedisse. Jean puxou a última etiqueta com mais força do que precisava.

— É um erro, Cat — repetiu Jean.

Ela não respondeu, e Jean teve a sensação desagradável de que perderia aquela briga.



No domingo, devolveram o carro de Cody e pegaram a caminhonete de Shawn. Laila estava decidida a encontrar mais móveis naquele dia do que no anterior, mas as primeiras lojas a frustraram tanto que acabaram parando para almoçar cedo no shopping. Ela tomava o *bubble tea* em silêncio, emburrada, olhando para longe, enquanto Cat tentava preencher o silêncio do jeito que dava. Até que Laila apontou para uma loja do outro lado do corredor e disse:

— Vou olhar de novo.

— Tá bem. — Cat esperou ela sair e então passou a mão no rosto, exausta. Não tinha terminado o almoço, mas Jean achou que nem iria. Já fazia quase dez minutos que empurrava os últimos pedaços de curry pelo prato de papel sem vontade nenhuma. Pela expressão dela, dava para ver que queria dizer algo, e ainda levou mais um minuto para encontrar palavras. — Eu não sei como ajudar.

Jean olhou para o chá meio acabado que Laila tinha deixado na mesa.

— Se ela não gosta desse apartamento, talvez passem a gente para o outro.

— Não resolveria nada — disse Cat. Por fim, deixou o garfo de lado e começou a cutucar com o canudo o restinho da bebida. Com o tanto de gelo ocupando metade do copo, era quase certo que o canudo entortaria, mas Jean não disse nada. — Já te falei que minha família é da região da baía, né? Cinco gerações nascidas e criadas na mesma casa. Não importa aonde eu vá no mundo, é lá que é meu lar. É lá que está a minha família.

Ela encostou os dedos no peito por um instante.

— A Laila não tem raízes — acrescentou. — Ela nasceu fora, e o trabalho do pai faz com que eles se mudem de dois em dois anos. A única razão de ela ter vindo a Los Angeles foi porque queria levar o Exy mais a sério. Foi morar com o Gary aos quinze para poder estudar num colégio da região. E ele é um cara legal, não me entenda mal, mas acho que gosta muito mais da Laila agora que ela já cresceu e saiu da casa dele. Não faz muito o tipo família, sabe? É mais um senhorio do que tio, entende?

Jean assentiu para mostrar que estava acompanhando. Cat se virou para ver se Laila já voltava antes de continuar:

— Eu sei que ela teve um apartamento depois de se formar no ensino médio, mas ela quase não fala dele, a não ser para dizer que os vizinhos eram um problema. Deve ter sido um caos, porque, naquele outono, Gary reformou a casa toda e deixou que ela se mudasse para lá nas férias de Natal. Foi o primeiro lugar que ela pôde chamar de casa pra valer, e tiraram isso dela. — Ela terminou tão baixo que Jean quase achou que tinha imaginado: — Destruíram uma coisa que ela não sabe como perder.

Um silêncio pesado caiu sobre a mesa, mas Cat não aguentou muito tempo. Bateu palma bem alto, empilhou o lixo no prato e disse:

— Bora. Vamos ver se ela achou algo que consiga tolerar.

Jean pegou a bebida de Laila para Cat poder jogar o lixo fora, e os dois atravessaram o corredor até a loja de produtos para casa onde Laila estava. Jean foi o primeiro a vê-la, mas, quando se virou para ir atrás dela, seu olhar parou numa fileira de quadros ali perto. Cat parou junto, mas Jean lhe entregou o chá e fez sinal para que fosse na frente.

Assim que ela saiu, ele entrou no corredor e parou diante de uma pintura verde e amarela no centro da fileira. Pegou o quadro, colocou-o de volta, tornou a pegá-lo, tudo enquanto pensava em como Laila reagiria. Todas as obras de arte que ela tinha em casa eram originais, a maioria garimpada em vendas de espólio e brechós, e aquilo ali era nitidamente uma reprodução em massa. Ele não conseguia imaginar que ela fosse querer aquilo, mas também não estava disposto a deixar para trás. Ainda não tinha se decidido quando Cat e Laila apareceram atrás dele alguns minutos depois.

— Viu algo de que gostou? — perguntou Cat.

Jean virou o quadro para as duas, arrancando de Cat um suspiro baixinho:

— Ah.

Laila atravessou o corredor num instante, já com as mãos estendidas. Jean passou a moldura para ela e ficou olhando enquanto ela percorria o campo de narcisos com a ponta do dedo, devagar.

Jean ergueu a mão, caso ela quisesse que ele devolvesse ao lugar.

— Não é o mesmo.

— Não — concordou Laila, apertando o quadro contra o peito —, mas já é um começo.

Cat se aproximou para beijá-la, e Jean viu os ombros de Laila relaxarem aos poucos quando ela se inclinou para o beijo. As duas ficaram um minuto com as

testas encostadas, enquanto Laila organizava os pensamentos, até que enfim disse:

— Tá. Vamos voltar pra pegar aquelas estantes.

— Tem certeza? — perguntou Cat. — Achei que você não tinha gostado delas.

— A gente faz dar certo — respondeu Laila, então Jean foi procurar um carrinho.

Ainda ficaram fora por mais algumas horas, mas naquela tarde avançaram muito mais do que no dia anterior. Laila se dedicou a encher o apartamento com uma determinação sombria e acabou por ceder em alguns móveis básicos. Voltaram para casa com caixas e mais caixas de coisas para montar e passaram o começo da noite em meio a isopor e papelão rasgado. Cat se ofereceu para devolver a caminhonete e aproveitar para buscar o jantar, e Laila foi para a varanda tomar um pouco de ar.

Jean percorreu a sala com o olhar, devagar. Ainda era ofensiva, vazia demais, sem os toques pessoais que fariam aquilo parecer um lar, mas o quadro de narcisos na parede era uma promessa silenciosa de que um dia chegariam lá. Ele encheu dois copos de água e levou até a varanda, onde Laila estava apoiada na grade. Ela parecia cansada, mas não tão derrotada quanto nos últimos dias, e observava os desconhecidos circularem lá embaixo enquanto passava os dedos pelos cabelos. De vez em quando fazia uma careta quando os dedos prendiam em algum nó.

— Obrigada — disse ela, desistindo do cabelo para pegar o copo.

Jean pretendia deixá-la sozinha com seus pensamentos, mas colocou o próprio copo aos pés e estendeu a mão para ela. Ciente de que talvez estivesse ultrapassando algum limite, enfiou os dedos nos cachos escuros dela e assumiu a tarefa de onde ela tinha parado. Tinha visto tantas vezes Cat e Laila escovarem o cabelo uma da outra como gesto de carinho; tinha presenciado a facilidade com que ela tinha tentado estender o mesmo consolo a ele durante o julgamento de Andrew. Jean não sabia o que mais poderia oferecer que fosse ajudá-la naquele momento. Quatro meses e meio depois, ela ainda continuava um mistério para ele, a garota que era a metade de Jeremy e inteligente até demais.

— Você não nasceu aqui — disse ele quando ela não se afastou.

Laila respondeu com um som afirmativo antes de beber água.

— Cidade do Cabo. Minha mãe me chamava de acidente feliz. Eles falavam em ter filhos havia anos, mas não tinham certeza se era uma boa ideia, por causa da carreira do meu pai. Aí eu surgi mesmo assim.

Jean conseguia ouvir o sorriso na voz dela.

— Mas só você.

— Não tenho irmãos de sangue, mas Jeremy é meu irmão em tudo o que importa — disse ela, baixinho, com calor na voz. — Eu o amo mais do que amo minha vida. Faria qualquer coisa por ele.

As mãos de Jean perderam o ritmo enquanto ele remoía aquelas palavras. Pensou em Lucas e Grayson, em Jeremy e Bryson, em Kevin e Riko. Pensou no afeto escancarado de Derrick e Derek, e em Tanner andando atrás dele como um patinho. Ele se lembrou de Kevin o chamando de irmão no programa de Hannah, e a pontada amarga que aquilo despertara na época já era uma dor lancinante e persistente. Pensou em Noah e em Elodie, e precisou fechar os olhos para conter a tristeza do luto.

— Irmão é uma coisa complicada — disse.

Laila virou o rosto para dizer:

— Você foi um irmão.

Não era uma pergunta, mas Jean respondeu:

— Fui.

Devagar, ele separou o cabelo dela em mechas. Fazia anos desde a última vez que tinha feito aquilo em Elodie; mal lembrava mais como se fazia. Tentou, errou, tentou de novo, até pegar o jeito. Soltou o cabelo de Laila e recomeçou e, daquela vez, conseguiu fazer uma trança frouxa se sustentar. Não tinha nada para prender a ponta, então segurou o fim entre os dedos.

Laila levou a mão até a trança e tocou nela com cuidado.

— Você vai me contar sobre ela?

Não consigo, pensou ele. *É grande demais; é coisa demais*. Tinha enterrado Elodie tão fundo que cairia junto se olhasse por tempo demais. Contudo, a trança entre seus dedos era como uma corda o puxando de volta à luz e a um chão firme, então Jean disse:

— Ela gostava de amoras, castelos de areia e joaninhas, porém gostava mais ainda de contos de fadas. — Ele tinha lido aquelas histórias tantas vezes que já nem precisava dos livros, mas Elodie adorava acompanhar tudo com os olhos arregalados, presa às ilustrações enquanto ele lia. — Ela rezava pra que um dragão viesse salvá-la.

O tom de Laila saiu suave, como se ela achasse que ele podia se fechar de novo a qualquer momento.

— Não um príncipe?

— Um dragão podia destruir nossa casa para libertá-la e levá-la para bem longe. — Não disse *eu queria que tivesse acontecido*, mas sentia a verdade daquilo em cada batida dolorida do peito.

Laila ficou em silêncio, dando a ele tempo para voltar das lembranças. Só quando Jean soltou o cabelo dela foi que ela disse:

— A gente podia plantar aqui, se você quisesse. — Ela se virou um pouco para olhar para ele, percebeu que Jean não tinha entendido e apontou com a cabeça para os cantos vazios da varanda. — Amoras, quero dizer. Eu não entendo nada de jardinagem, mas podemos aprender.

— Amoras, não — disse ele, afinal como poderia comer aquilo sem pensar em casa?

Ela aceitou a recusa com facilidade.

— Então outra coisa.

Jean pensou a respeito. Tinha a impressão de que já sabia a resposta, mas ainda assim resolveu perguntar:

— Pêssegos dão em árvores? — Quando ela assentiu, ele resmungou frustrado para o próprio copo de água, mas ainda fez uma pausa para dizer: — Vou pensar.

— O que você quiser — prometeu Laila.

Os dois ficaram lado a lado, apoiados na grade, cada um preso aos próprios pensamentos, enquanto o mundo seguia correndo lá embaixo. Um homem passou levando dois dálmatas altos demais na guia, e Jean percebeu o jeito como Laila se inclinou para olhar para eles pelo maior tempo possível. Pensou na resistência de Cat, que ficava cada vez menor, no luto tão visível de Jeremy por Au-Au, e sentiu sua firmeza como último reduto do bom senso começar a ceder.

— Também não seria tão grande assim — disse ele. Laila o encarou com uma expressão de confusão polida, e Jean explicou: — O cachorro que você quer. Não seria tão grande assim.

Não era aprovação nem concordância, mas acendeu uma luz quase profana nos olhos de Laila.

— Não.

Jean sabia que iria se arrepender, mas desviou o olhar e disse:

— Então faça o que você quiser fazer.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Jean

Laila esperou até que Jeremy fosse buscá-los na manhã seguinte para contar a ele, e Jean entendeu o motivo assim que ela o encurralou na cozinha. Jean viu todos os outros pensamentos minimamente sensatos evaporarem da cabeça de Jeremy conforme Laila explicava as restrições de raça e as regras básicas. Jeremy concordava com tudo o que ela dizia, mas Jean não tinha tanta certeza de que estivesse mesmo ouvindo. Ele praticamente vibrava, passando o peso do corpo de um pé para o outro sem parar.

Laila tinha pesquisado os abrigos da região na noite anterior, então entregou a Jeremy o endereço do mais próximo e disse:

— Fica aberto até as onze da noite. Vá depois do treino.

— Sim — concordou Jeremy na mesma hora.

— E o que você vai dizer aos seus pais? — perguntou Cat.

Jeremy não hesitou nem por um segundo.

— Que a reunião do grupo se estendeu por causa do Exy.

O fato de ele conseguir mentir com tanta facilidade por causa de um cachorro, mas não pela própria felicidade no dia a dia, era irritante até demais, mas Jean não se meteria nesse assunto. Já tinha feito a parte dele ao concordar com aquela insanidade; todo o restante era problema deles. Ou pelo menos era o que ele esperava, mas era impossível se manter distante daquela decisão depois que Jeremy entrou no meio. No fim do treino da manhã, todos os Troianos já

sabiam que Laila e Jeremy iriam pegar um cachorro, e as periguetes estavam a todo vapor bolando uma lista de nomes.

Se Jeremy perdesse o foco durante o treino da tarde, Jean pelo menos poderia chamar a atenção dele, mas o capitão se jogou com tudo em cada exercício e em cada coletivo. Saiu do banho apenas dois minutos depois de Jean e ficou andando em círculos inquietos ao redor do banco dos atacantes até Cat e Laila aparecerem.

Jean presumiu que eles fossem direto ao abrigo, mas Jeremy estacionou no Lofts. Ao sair do carro, Laila disse:

— Leve o Jean com você.

Jean a encarou.

— Não. O bicho é seu, e não meu.

Laila se inclinou para encará-lo.

— Na teoria é do Jeremy.

— Seu parceiro, seu problema — emendou Cat. — Não dá pra confiar nesse menino. Se o deixar ir sozinho a um abrigo, é bem capaz de ele voltar pra casa com meia dúzia de filhotes. Obrigada pelo seu sacrifício, Jean. Eu disse obrigada e tchau — acrescentou, quando Jean começou a discutir de novo. Ela lançou um olhar eloquente para ele e gesticulou entre si e Laila. — Pega a visão.

— Vocês nem têm uma cama ainda — reclamou Jean.

— Eu tenho um rosto que ela pode…

Laila puxou Cat para fora do carro antes que ela terminasse e bateu a porta. Jean apertou a ponte do nariz até achar que iria quebrá-la e contou devagar até dez. No sete, Jeremy deu um empurrãozinho nele e disse:

— A gente vai a pé daqui. Vamos.

Ele falou com uma animação tão infantil que Jean precisou tirar as duas da cabeça. Saiu do carro como se estivesse marchando para a própria ruína e seguiu Jeremy mais para dentro da cidade.

O abrigo que procuravam ficava a apenas dez minutos de caminhada. A jovem da recepção fez uma série de perguntas a Jeremy, e Jean deixou de prestar atenção na metade. A maior parte parecia tão específica que era cansativo, embora ele presumisse que fosse necessária: que tipo de animal ele procurava, a que tipo de casa o levaria, quanto tempo poderia dedicar ao bem-estar dele, e por aí vai. Jean engoliu a opinião nada generosa que tinha sobre aquela decisão e deixou o olhar vagar.

Havia gaiolas de pássaros nos dois cantos da frente. Depois da recepção, havia um cercado com meia dúzia de gatinhos desengonçados. Jean

sinceramente não sabia dizer qual lado da sala fazia mais barulho naquele momento. O ambiente fedia a aromatizador de ar, provavelmente para encobrir a sujeira que aquelas criaturas faziam. Jean respirou o mais superficialmente que conseguiu e se perguntou se não seria melhor esperar do lado de fora até Jeremy terminar. Olhou para ele justamente quando os dois enfim encerraram a conversa, e Jeremy fez um gesto para que ele se aproximasse, com um nervosismo incomum.

As gaiolas da sala seguinte pareciam ser ocupadas sobretudo por roedores menores, e ali o cheiro de forração e de corpinhos molhados era ainda mais forte. Jean ouviu os cachorros muito antes de passarem pela segunda sala de gatos, e, por fim, atravessaram uma última porta. Uma das paredes era inteiramente tomada por canis, em duas fileiras, uma sobre a outra. Na outra havia armários de arquivo e três mesas de metal para exames e tosa. A atendente entregou suas anotações ao rapaz que enchia potes de ração.

— Apartamento com estudantes — disse ela. — Porte pequeno, de preferência que já tenha alguns anos de idade, assim não precisa de tantos cuidados diretos e já vai estar acostumado a ficar sozinho por algumas horas. Sexo não importa, além das restrições de sempre. — Quando ele assentiu, ela se voltou a Jeremy com um sorriso animado e disse: — O Christian vai indicar as melhores opções pra você com base nos animais que temos no momento e explicar o restante do processo. Vou ficar lá na frente, caso você decida seguir adiante.

— Obrigado — respondeu Jeremy, já distraído pelos canis. Ela mal tinha saído da sala, e ele já estava enfiando os dedos pela grade do canil mais próximo. — Oi — disse num tom suave que Jean não reconheceu. — Oi, tudo bem com você? É, eu também te amo, você é muito linda. Eu até te levaria pra casa, mas você é meio grandinha demais pra gente, bebezinha. Pois é.

Jean olhou dele para o funcionário, que não parecia nem um pouco incomodado com aquela tolice partida de um homem adulto. Christian comparava as anotações da colega aos seus próprios arquivos e escreveu uma sequência de números no alto da folha. Números dos canis, Jean percebeu um instante depois, porque Christian pegou a prancheta e estendeu a mão para Jeremy.

— Oi, eu sou o Christian — disse ele. — Vamos encontrar seu novo melhor amigo.

— Jeremy. — Jeremy apertou a mão dele.

Christian lançou um olhar para Jean, notou que ele se mantinha afastado e fez um gesto para Jeremy.

— Vamos começar por este lado — disse, e Jeremy se apressou atrás dele.

Jean seguiu na direção oposta, na esperança de que os latidos abafassem as conversas apaixonadas de Jeremy com cada um dos candidatos. Ainda que não quisesse, olhou para os canis, com aquela variedade de criaturas de todas as cores e todos os tamanhos. Um dos cachorros estava dilacerando um brinquedo de pelúcia, lotando o canto do canil com tufos de enchimento. Três filhotinhos do tamanho de um punho dividiam o mesmo espaço; dois latiam um para o outro sem motivo aparente, enquanto o terceiro tentava escalar a grade, falhando com sucesso. Cada jaula tinha uma ficha com informações sobre os cachorros presos ali dentro.

Jean enfim chegou ao canto mais distante e se encostou na parede para esperar. Checou o celular, viu uma sequência de mensagens perdidas de Renee e Cody e decidiu que não tinha energia para conversar naquele momento. Guardou o aparelho e ergueu o olhar para ver até onde Jeremy tinha chegado, e, ao fazer aquilo, por acaso seus olhos se cruzaram com o cachorro no canil à sua frente.

À primeira vista, achou que ele estivesse dormindo, de tão imóvel que estava, estendido de lado, mas seus olhos acompanhavam o rosto de Jean com uma calma inabalável. Jean esperou que ele desviasse o olhar, mas foi o primeiro a se cansar daquele duelo silencioso. Jeremy estava no meio de uma conversa animada com Christian, então Jean voltou a olhar para o cachorro. O bichinho continuava a observar, e daquela vez, bateu a cauda algumas vezes no chão, num gesto que podia ser tanto de aviso quanto de aprovação. Era uma bagunça desigual: o rabo e as orelhas eram ralos e desgrenhados, mas o restante do corpo tinha pelo curto; era preto e branco quase por inteiro, com manchas marrons no rosto e nas patas.

— Não vejo qual é a graça — disse a ele. A cauda bateu com mais força, e Jean atravessou o cômodo a contragosto para observá-lo melhor. Em francês, disse: — Ele já tem distrações demais e mal tem tempo suficiente para dormir. Você é uma complicação desnecessária. Ele deveria esperar até se formar.

Uma das orelhas ficou em pé no mesmo instante, como se o cachorro pudesse entendê-lo. Aquilo era ridículo e ofensivo, e Jean enfiou o dedo pela grade para abaixá-la de novo.

— Você não engana ninguém — disse, enquanto a cauda passava a bater com vontade contra o fundo do canil.

Por fim, o cachorro se virou pela metade, apoiando-se sobre o estômago, e Jean puxou a mão de volta a um lugar seguro. O cachorro o observou por alguns instantes, então se encolheu e começou a coçar com a pata a orelha que Jean tinha tocado.

— Seu pé está mais sujo do que a minha mão — disse Jean, mas aquilo não o deteve.

Ele não se importava nem tinha interesse nenhum, mas seu olhar foi para a ficha presa no canto inferior. A letra rabiscada era tão repugnante que ele quase desistiu, mas Jean encostou o dedo na primeira palavra e abriu caminho pela descrição. Um vira-lata de seis anos que tinha sido entregue quando o dono se mudara para outro estado, ao que tudo indicava.

Jean pressionou a unha com força contra o papel.

— Seus pais também jogaram você fora. — Era um pensamento amargo demais para alimentar, então ele lançou ao cachorro um olhar entediado. Será que aquela criatura piscava alguma vez? Talvez tivesse sincronizado as piscadas com as dele e fosse por aquele motivo que Jean nunca flagrava o movimento. Jean sustentou o olhar, recusando-se a perder para um bicho que caberia dentro da sua mochila com facilidade. Perdeu, mas só porque o cachorro esticou a pata pela grade e tocou sua mão, assustando-o o bastante para fazê-lo recuar.

— Ah, esse é o Rex — disse Christian, alguns canis adiante. — Ele não é muito amigável.

— Eu também não — respondeu Jean.

— Ele não morde. — Christian se apressou em dizer. — É só que acho que está meio deprimido. O último dono o entregou alguns meses atrás. Ele não estava acostumado a ficar confinado em um quadrado, então não está se adaptando bem à vida no canil, e a idade dele parece afastar as pessoas. Todo mundo quer um filhote bonitinho, né? Se ele se mostrasse um pouco mais animado, teria mais chances de sair daqui.

Christian deu de ombros, impotente, e voltou toda a atenção a Jeremy, que estava agachado diante de um dos canis, as duas mãos presas à grade. Jean nem sabia qual cachorro ele encarava, mas Jeremy parecia tão encantado que ele não conseguiu olhar por muito tempo.

Jeremy estava ficando sem canis; logo teria de decidir se algum daqueles animais se destacava mais do que os outros. Jean voltou a olhar para Rex, que estava com as unhas presas na grade. As almofadinhas das patas eram pretas e quentes ao toque, e ele deixou que Jean soltasse sua pata sem protestar. O máximo que fez foi fungar junto à frente do canil, e Jean, a contragosto, deixou a

mão onde o cachorro pudesse cheirá-la. Rex farejou com tanto entusiasmo que Jean começou a se sentir sujo, e então uma língua de cachorro, quente e molhada, o fez puxar a mão de volta de novo.

— Rex, você disse? — perguntou Jeremy bem ao lado da orelha dele, e Jean quase teve um treco. O olhar arregalado que Jeremy lançou para ele diante daquela reação fez Jean fechar a cara e desviar o rosto. Christian repetiu a história de Rex com a mesma paciência incansável, mas Jeremy não desviava os olhos. Jean se recusou a retribuir aquele olhar e fingiu um interesse profundo pela ficha do canil ao lado. Por fim, Jeremy teve pena dele e estendeu a mão para Rex cheirá-la.

— Oi, garoto. Como você tá? Ah, você tem mesmo uns olhinhos tão tristes. — Então disse a Christian: — Podemos vê-lo?

— Você já está vendo — respondeu Jean.

Christian soltou a trava e abriu a porta do canil. Jeremy ofereceu a mão a Rex, esperou enquanto o cachorro a cheirava e ergueu a outra quando Rex perdeu o interesse pela primeira.

— Oi — disse outra vez. — Posso tocar em você? Posso pegar você no colo? Tudo bem?

Ele esperou como se achasse que o bicho fosse responder, então o envolveu com cuidado nas mãos.

— Ah, ah, ah — disse ao tirá-lo do canil, embalando Rex contra o peito como se fosse um bebê. Na mesma hora, o cachorro apoiou a cabeça no ombro de Jeremy e soltou um suspiro exausto, como se carregasse todo o peso do mundo. Jeremy fechou os olhos ao ouvi-lo e deu um beijinho entre as escápulas do cachorro. Tum-tum, fez a cauda, antes de Rex a recolher direitinho junto às patas. Jeremy balançou de um lado para o outro por um minuto, parecendo mais relaxado e em paz do que Jean o via havia meses.

Talvez Jeremy tivesse sentido o olhar dele, porque perguntou:

— Quer segurar?

— Não — respondeu Jean na mesma hora. — Nunca.

— Ele não quis dizer isso — garantiu Jeremy a Rex, dando outro beijo em seus ombros. Ele abriu os olhos e se virou para Christian. — Ele é tão bonzinho, e parece ter o tamanho certo para o nosso apartamento. Ele atende ao restante dos critérios?

Christian bateu no alto da folha em que estava o número do canil de Rex, o último da lista. Era um dos dois que tinham um ponto de interrogação rabiscado em cima.

— Ele faz as necessidades no lugar certo, é castrado e está com todas as vacinas em dia — disse. — A única coisa que não podemos garantir é como ele vai reagir a ficar sozinho no apartamento. Talvez ainda tenha questões de abandono. Ele não faz escândalo quando saímos da sala, e não notamos nenhum sinal de sofrimento nas câmeras de segurança durante a noite, mas é um "é bem provável que fique tudo bem" bem convicto, e não uma garantia de que "sim, ele vai lidar bem com isso".

Jeremy pensou seriamente no assunto antes de se virar para Jean.

— O que você acha?

— Não cabe a mim decidir.

— O apartamento é seu — lembrou Jeremy. — Se você quiser continuar procurando, a gente continua.

— Eu não me importo — disse Jean. Aquilo arrancou outro suspiro exausto de Rex. Jean lançou um olhar de lado para ele, perguntando-se distraidamente se cachorros entendiam inglês, e acrescentou: — Esse nome é ridículo. Não é tão ruim quanto o cachorro anterior, mas continua imperdoável. Ele não é um dinossauro.

— A gente pode mudar o nome dele — comentou Jeremy, estudando o rosto de Jean como se o segredo do universo estivesse quase ao alcance. — Talvez leve um pouco de tempo e esforço para ele se acostumar, ainda mais com seis anos. Aqui, segure-o um pouquinho.

— Ponha-o no chão. Ele tem quatro patas pra se apoiar — retrucou Jean, mas Jeremy já tinha vencido a curta distância entre eles.

Passar Rex do próprio peito para o de Jean foi fácil, e, se Jean não o segurasse, a queda até o chão duro seria grande demais. Jeremy ignorou suas reclamações murmuradas e preferiu ajeitar a forma como ele o segurava, recuando só quando Rex pareceu bem acomodado. O cachorro ou não percebeu a desaprovação de Jean, ou não se importou, e, em vez disso, encostou o focinho molhado na parte de baixo do seu queixo. Jean ergueu a cabeça para se afastar, o que rendeu um resmungo antes de Rex aquietar de vez.

Jeremy observou o cachorro por mais um minuto e então disse:

— Ele dormiu.

— Está fingindo — retrucou Jean.

— Ele gosta de você — disse Jeremy, satisfeito. Então falou para Christian: — A gente vai ficar com ele.

— *A gente* não vai nada — corrigiu Jean, mas os dois homens o ignoraram.

Christian virou o monte de papéis até a última folha para passar a Jeremy um resumo da saúde de Rex, conforme o abrigo a entendia. Jean deixou de ouvir, muito consciente da respiração lenta que soprava contra a lateral de seu pescoço, ainda mais consciente do peitinho que subia e descia junto à sua clavícula. Era normal sentir as costelas de um cachorro daquele jeito? Christian tinha dito que ele estava deprimido; talvez estivesse fazendo apenas o mínimo para continuar vivo. Cachorros podiam mesmo ficar deprimidos? Jean não sabia quase nada sobre animais. Quase perguntou, mas decidiu que não precisava dar a impressão de que se importava. Talvez Renee soubesse mais a respeito daquilo, mas ele não achava que conseguiria pegar o celular sem acordar a criatura.

— Ótimo — disse Jeremy quando Christian terminou. — Parece ótimo.

— Então vamos levar vocês lá pra frente — disse Christian. — A Audrey assume daqui.

Jean decerto acordaria o cachorro se se mexesse, pois ao menos assim Rex poderia andar. Só que Rex não se mexeu. Aquela confiança desmedida, apesar de eles serem completos desconhecidos, era desconcertante, quase ofensiva. Será que aquela criatura não tinha instinto de sobrevivência nenhum? Uma coisa tão pequena e frágil deveria ter um pouco mais de bom senso. Jean tinha certeza de que já carregara sacos de açúcar mais pesados. Ele mudou a posição dos braços até os dedos se alinharem de novo à caixa torácica do cachorro. Assim, conseguia sentir o coração de Rex bater, suave como um zumbido.

— Ah, o Rex? — exclamou Audrey, deixando escapar a surpresa quando os viu. Ela se apressou em se recompor com um animado: — Isso é incrível. Christian mostrou o prontuário médico dele? Ótimo. Então só tenho alguns formulários rapidinhos aqui, e tem também a questão da taxa.

Jeremy entregou seu cartão bancário, e Jean não deixou de notar como o sorriso dele não se refletiu nos olhos.

— Pode me dar um comprovante, por favor? Obrigado.

Talvez Jean estivesse vendo coisas, porque Jeremy passou a preencher os formulários sem disfarçar a empolgação. Ele só se atrapalhou na hora de preencher o endereço. Chegou à metade do antigo antes de perceber o que estava fazendo e riscar tudo com a careta.

Audrey conferiu a frente e o verso do formulário para garantir que Jeremy não tivesse deixado nada passar, depois devolveu o cartão com o comprovante. Jeremy guardou os dois na carteira, e Audrey pegou uma sacola reutilizável de um gancho embaixo da mesa. Foi tirando o conteúdo, um item por vez, e colocando sobre a mesa diante deles: uma guia preta simples com uma coleira

combinando, um rolo apertado de plástico, fosse lá do que fosse, e alguns sachês de amostra de ração para cachorro.

— Um kit de boas-vindas para o seu novo melhor amigo — explicou Audrey e guardou de novo a comida e o plástico verde. — É lógico que vocês vão querer parar para comprar o restante, se ainda não compraram, mas assim pelo menos não precisam sair correndo. Podem levá-lo para casa e conhecê-lo melhor sem ter de se preocupar com o que ele vai comer mais tarde. Você também pode escolher um brinquedo pra ele. — Ela apontou para a prateleira que cobria a parede atrás dela.

— Tubarão — respondeu Jeremy na mesma hora, e ela foi buscar. Jeremy enfiou o brinquedo na sacola quando Audrey o entregou, e só então se dignou a pegar Rex de volta dos braços de Jean. Cobriu o cachorro de pedidos de desculpa enquanto o colocava no chão. Quando Jeremy afivelou a coleira, o cachorro se sacudiu inteiro, fazendo barulho, mas, pela primeira vez, havia um leve sinal de ânimo até na forma como erguia a cabeça.

— Ele sabe que está indo para casa — disse Audrey quando Rex começou a balançar a cauda com vontade. Ela parecia à beira das lágrimas e se abaixou para fazer um último carinho no cachorro. Então acrescentou para Jeremy: — Qualquer coisa que precisarem, nos avisem. Nossas informações estão impressas na sacola. — Ela apontou para o logo da sacola de brindes que tinha entregado e depois foi abrir a porta para eles. Rex saiu na frente de Jeremy, andando decidido uma vez que a liberdade estava tão perto.

— Eu disse que ele sabia andar — comentou Jean, saindo atrás de Jeremy.

Jeremy sorria de orelha a orelha, totalmente alheio à recusa de Jean em entrar na brincadeira.

— E sabe mesmo — concordou, animado. — Olhe só ele! Que menino bonito. Olha, ele sabe que estamos falando dele — disse, porque Rex tinha se virado para olhar para os dois. Jeremy se abaixou para fazer um carinho empolgado e soltou, todo contente: — Você é um menino bonito mesmo, é, sim! Quer ir pra casa? Quer? Espere até conhecer a Laila e a Cat. Elas vão te amar.

Ele estava tão absurdamente feliz que Jean engoliu o restante das reclamações para depois.

Tinham levado só dez minutos para chegar ali, mas a volta demorou o dobro. Jean tinha certeza de que Rex parava para farejar cada rachadura da calçada e cada mancha seca de chiclete. Como o cachorro conseguiu fazer xixi seis vezes era um mistério, mas Jeremy só riu quando Jean insistiu:

— Isso não pode ser normal.

Talvez fosse, mas, se aquela criatura tentasse fazer xixi no apartamento, Jean a devolveria ao abrigo.

Eles já estavam quase em casa quando o celular de Jeremy começou a tocar com aquele toque horrível que significava que a família dele estava ligando. Jeremy não pareceu surpreso ao atender, mas passou a guia para Jean para poder pegar o aparelho.

— Oi, mãe. Sim, fui eu. Uma colega de sala se atrasou num jantar, então saí um pouco do campus. Queria comprar um presente de casa nova para a Laila, para o apartamento novo dela. — Jeremy olhou para Rex, mas não explicou mais. — Sim, foi uma exceção. Ela vai comprar todo o restante de que precisa quando o seguro fizer o pagamento. Desculpe, sim, você tem razão, eu devia ter avisado a Leslie antes. Tá bem. Sim, eu aviso antes de pegar a estrada hoje à noite.

Jean pensou em devolver a guia, mas Jeremy estava ocupado apertando o celular entre as mãos. Então perguntou:

— Leslie?

— A contadora da minha mãe — respondeu Jeremy. — Ela supervisiona a conta conjunta em que Bryson e eu estamos, e recebe um aviso se eu passo de certo valor em qualquer compra. — Jeremy examinou o celular para ver se tinha sofrido algum dano antes de guardá-lo. — Ainda vou ter que mandar o comprovante para análise, e isso vai render toda uma outra conversa, mas é um problema para depois.

— Jeremy.

— O dinheiro não é meu — respondeu Jeremy. — Não sou eu quem cria as regras.

A expressão dele deixava evidente que tinha mais coisa ali, mas eles estavam sem tempo. Jean guardou aquilo para discutir depois, e eles entraram no prédio. Apesar do tamanho pequeno, Rex subiu a escada até o segundo andar sem dificuldade. Jeremy o soltou da guia enquanto Jean abria a porta e, ao se endireitar, fez um carinho de incentivo no cachorro.

— Pronto — disse, enquanto Jean segurava a porta para eles. — Bem-vindo ao seu lar. O que acha daqui?

Quando Jean trancou a porta depois que eles entraram, as duas já tinham saído do quarto. Laila se jogou de joelhos tão depressa que Jean achou que se machucaria.

— Ah — disse ela, estendendo as mãos num gesto quase suplicante. Rex ficou imóvel como uma pedra por um instante, olhando para ela, e então foi

cheirar seus dedos. — Ah, ele é perfeito. Oi, meu bem. Oi, você é perfeito. — Laila o puxou para um abraço. — Qual é o nome dele?

— Era Rex — respondeu Jeremy.

— Tipo T-Rex? — perguntou Cat.

Jean fez um gesto para ela, mas olhou para Jeremy.

— Eu disse.

Jeremy riu e foi se sentar ao lado de Laila. Pegou uma das patas de Rex entre dois dedos e a balançou para cima e para baixo. Rex não se afastou, mas encostou o focinho na mão de Jeremy em protesto silencioso.

— Então vamos ver o que as periguetes arrumaram pra gente.

Jean se sentou na frente deles, e Rex se contorceu logo para sair dos braços de Laila e ocupar seu colo. Jean franziu a testa para ele.

— Eu não convidei você.

Laila tinha motivos de sobra para ficar ofendida por ter sido trocada tão depressa, mas sorriu.

— Ele gosta de você.

— Foi amor à primeira vista — contou Jeremy conforme mexia no celular. — Ele não foi treinado para o canil, mas faz as necessidades no lugar certo e tem microchip. O abrigo conseguiu o histórico médico completo com o antigo dono, então está tudo certo nessa parte. E temos isto aqui.

Ele trocou o celular pelo tubarão de brinquedo, e Rex decidiu que aquilo era mais importante do que Jean. Jeremy balançou o brinquedo acima da cabeça antes de jogá-lo do outro lado da sala, e o cachorro saiu disparado atrás dele com uma velocidade inesperada. Jean ouviu o clique rápido das unhas no chão duro enquanto Rex corria, então recolheu a perna contra o peito para deixar de oferecer colo. Mais alto ainda era o concerto sem fim de notificações dos celulares dos amigos, enquanto o grupo respondia à mensagem de Jeremy.

As sugestões de nomes começaram a chegar aos montes, e os três foram lendo tudo em voz alta conforme aparecia. No começo, eram nomes básicos e inofensivos, como Manchinhas e Totó, antes de escalarem para opções cada vez mais absurdas, como Monsieur Au-Au. O olhar fulminante que Jean lançou para eles por causa daquilo fez Cat quase chorar de tanto rir, e Jean tentou, heroicamente, ignorar o restante daquela insanidade.

O bipe suave do celular o fez temer que também tivesse sido arrastado para aquela barulheira, mas era Renee perguntando como ele estava. O treino das Raposas tinha sido puxado, e eles ainda estavam discutindo horas depois. Neil estava irritado por ter sido deixado de fora, e a falta de respeito persistente dos

calouros só piorava tudo. Os veteranos estavam apostando quem partiria para cima primeiro, Neil ou alguém chamado Jack. Jean sabia que seria Kevin.

"Se controlem", respondeu Jean. "Os Troianos querem enfrentar vocês na final."

"Vamos fazer o possível!", disse ela e, em seguida, "E por aí, como estão as coisas?"

Jean bateu os dedos sem pensar no teclado antes de acabar mandando:

"Complicadas." Do outro lado da sala, Rex estava pendurado a um centímetro do chão, as mandíbulas travadas no tubarão, enquanto Jeremy ria até perder o fôlego. Jean tirou uma foto dos dois e mandou junto da mensagem: "O luto os deixou malucos, mas acho que não dá mais para devolver."

"Ele é bonito", respondeu Renee. Jean já tinha digitado metade de uma negativa direta quando ela completou, atrevida: "O cachorro também é fofo."

Jean encarou a tela, incrédulo, recusando-se a ler aquilo nas entrelinhas, mas sem conseguir entender de outro jeito. Apagou sete respostas ríspidas antes de se contentar com:

"Diga a Kevin para não se meter."

Jean quase conseguia ouvir o "Ah, Jean" dela. Depois de uma pausa, Renee mandou:

"Eu não pergunto de você a Kevin. Andrew sacou a do Jeremy na mesma hora, e três de cada cinco mensagens que você me mandou no último mês são falando dele." Era um exagero óbvio, mas Jean se recusou a abrir a conversa para provar aquilo. Renee ainda não tinha terminado. "Eu fiquei curiosa, mas nunca pareceu apropriado perguntar."

"Não tem nada pra perguntar", respondeu Jean. "É contra as regras."

"As regras de quem?", perguntou Renee.

A voz de Stuart beliscou sua memória: *"O garoto morto?"*

Jean quase atirou o celular do outro lado da sala. O peso de um corpo se acomodando sobre sua perna o arrancou daqueles pensamentos corrosivos, e ele franziu a testa para a criatura. Rex escorregava pela coxa dele e então se debatia para encontrar apoio de novo. Cat se inclinou e bateu na lateral do quadril de Jean até que ele enfim se sentasse de pernas cruzadas outra vez. Jean lançou um olhar nada impressionado para ela, enquanto o cachorro se acomodava em seu colo com um suspiro.

— Não incentive isso — disse Jean.

— Ele gosta de você — respondeu Cat sem o menor arrependimento. — Não é, Jaguadarte?

Jean a encarou sem conseguir acreditar e só conseguiu dizer:

— Jag.

Cat pronunciou com toda a nitidez daquela vez:

— Jaguadarte. De Alice no País das Maravilhas. Eu sabia o poema inteiro de cor, mas não adiantaria nada recitar pra você. Metade não faz sentido — explicou, antes que Jean pudesse se ofender. — São palavras inventadas e coisas do tipo. Mas é daqueles que grudam, igual jingle de comercial ruim. Talvez o estudante de letras se lembre.

Jeremy se curvou sobre o cachorro, fez garras com as mãos e disse:

— Foge do Jaguadarte, o que não morre! Garra que agarra, bocarra que urra! Não sei o que, não sei o que lá e para diante. Bravoo! Bravarte! — Ele riu e desistiu, dizendo: — Só sei isso, foi mal.

O cachorro o encarava com os olhos arregalados diante daquela apresentação gratuita, então Jeremy se inclinou para plantar um beijo em sua testa peluda. Jean se afastou com tanta brusquidão que acabou derrubando Jaguadarte, e Jeremy levou só um instante para perceber o que tinha feito. Pegou o cachorro assustado no colo, mas manteve os olhos no rosto inexpressivo de Jean.

— Desculpe — disse, tenso de preocupação. — Desculpe, isso foi…

Jean arrancou Jaguadarte das mãos dele, que não ofereceu nenhuma resistência, precisando de uma barreira entre os dois. Jeremy, obediente, sentou-se de volta sobre os calcanhares para dar mais espaço, e Jean se obrigou a olhar para Cat. Mal ouviu a própria voz por cima das batidas do coração:

— Repita esse nome ridículo. Talvez na segunda vez ele pareça menos estúpido.

Cat olhou de um para o outro, mas disse:

— Jaguadarte. — Ela esperou que ele repetisse, fez joinha com os dois polegares e depois estragou tudo ao dizer: — Ou, mais precisamente, Jaguadarte Moreau.

Ele achou que tivesse ouvido errado.

— Essa coisa não é um Moreau.

Jeremy conseguiu esboçar um sorriso fraco.

— Prefiro não colocar Knox ou Wilshire como sobrenome dele.

— Alvarez — disse Jean, mas Cat dispensou a sugestão com um gesto. — Dermott.

— Você perdeu na votação — disse Cat. — Aceite a paternidade.

Aquilo era uma estupidez, uma péssima ideia, e todos iriam se arrepender quando o semestre e a temporada consumissem todo o tempo deles, mas Jean suspirou, derrotado. Os ombros de Jeremy ainda estavam tensos quando Jean se virou para ele, e seus olhos estavam sombreados de arrependimento e desconforto. Jean não sabia como consertar aquilo, então estendeu o cachorro como uma oferta de paz e disse:

— Se ele vai ser um Moreau, então vai ter que aprender francês.

Jeremy assentiu com toda a seriedade.

— Eu aceito esses termos.

Jeremy colocou Jaguadarte ao lado do tubarão de pelúcia. Na mesma hora, o cachorro o pegou e o sacudiu com tanta força que acabou caindo, e Jeremy se desmanchou numa risada descontrolada. Jean tornou a encolher o joelho junto ao peito, satisfeito em apenas observar enquanto os pensamentos travavam uma guerra dentro dele.

"As regras de quem?", tinha perguntado Renee, e a voz de Neil respondeu, despreocupada: *"As regras mudaram."*

Não para mim, advertiu-se Jean, mas, por um instante, só por aquele instante, ele se permitiria fingir.



Todo o meu amor para Tashie, Hazel, Elise e Anna M, que de algum jeito me aguentaram por mais um livro. Eu não sei como vocês conseguiram, mas obrigada por não desistirem de mim. Eu e o Jean estaríamos de boa no fundo da lagoa, ou melhor, do Lago Superior, sem a amizade e a paciência de vocês neste último ano.

Um agradecimento especial à minha irmã, que descobriu, cerca de uma semana antes da data de lançamento do livro, como era para ser a arte da capa e, ainda assim, conseguiu fazer algo espetacular.



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O corvo dourado (Vol. 5 Tudo pelo jogo)

Perfil oficial da autora no Tumblr
https://korakos.tumblr.com/

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/korakos/

Perfil da autora no X
https://x.com/norasakavic

Página da autora no Skoob
https://www.skoob.com.br/pt/author/15762

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/213726350-the-golden-raven

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/6896843.Nora_Sakavic